1997

NEO-PI-R

Contextos teóricos e psicométricos

"OCEAN" ou "iceberg"?

Rej. 10640
Instituto Superior de Psicologia Aplicada
BIBLIOTECA



Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

Margarida Pedroso de Lima

Aos meus pais

Que me ensinaram que tudo na vida é uma construção

Ao Daniel e à Mariana

"Grande é a poesia, a bondade e as danças...
Mas o melhor do mundo são as crianças"

Fernando Pessoa

Agradecimentos

Agradeço ao Professor António Simões a orientação cuidada e a dedicação ao longo de todos estes anos

"Para ser grande sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua tôda
Brilha, porque alta vive."
Ricardo Reis

Agradeço aos Professores Paul Costa, Robert McCrae e Allan Clarke o exemplo e a colaboração

"Todas as coisas são mesa para os pensamentos
onde faço minha vida de paz"
Herberto Helder

Agradeço à Albertina Oliveira, Cristina Vieira e Filomena Gaspar a amizade e a disponibilidade

"todo este céu
lançado à terra
sobre restingas e ilhéus
mil sombras de asas
lembram a ausência
de um deus
num último adeus
pois só teu afago
me espera
lançado à terra"
Fausto Dias

Agradeço ao José Joaquim o grafismo e o empenhamento

"— Abecedários antigos e modernos,
Gregos, góticos
Eslavos, árabes, latinos —
Eia-hó! Eia-hó! Eia-hó!

Tudo isto, porém, tudo isto, de novo eu refiro ao Ar
Pois toda esta Beleza ondeia lá também:
Números e letras, firmas e cartazes —
Palavras em liberdade, sons sem-fio"
Mário de Sá Carneiro

Agradeço ao António José Gonzalez a cumplicidade inicial, à Paula Cardoso e à Graça Seco o companheirismo ao longo de todo um processo, ao Prof. Ponciano e à Eng. Rosa Reis o apoio na Estatística, à Alexandra Barros a troca de material e de ideias, ao Joaquim Armando Alves Ferreira, à Clara Keating e ao Luís Arnaut a colaboração na tradução do questionário, ao Prof. Mark Hayman o trabalho de retrotradução, à Dra. Clara Moura a revisão do português do NEO-PI-R, ao Óscar Correia o grafismo da folha de respostas, à Joaninha e à tia Luisa a solidariedade em diversas ocasiões, à Tonita e à Susana um outro olhar — o da antropologia e à população de Leiria a receptividade

"A ciência, a ciência, a ciência...
Ah, como tudo é nulo e vão!
A pobreza da inteligência
Ante a riqueza da emoção!"
Fernando Pessoa

Agradeço aos meus alunos a alegria com que participaram na recolha e no processamento dos dados

"Não é com ilhas do fim do mundo,
Nem com palmares de sonho ou não,
Que cura a alma seu mal profundo,
Que o bem nos entra no coração.
É em nós que é tudo. É ali, ali,
Que a vida é jovem e o amor sorri".
Fernando Pessoa

Agradeço ao Paulo Filipe a força e o afecto

"que guardo mais
senão a tua paz:

nem presente
nem ausente
nem voraz"
Fátima Toscano

Índice

Introdução 3

I - A Personalidade: Problemas teóricos e psicométricos

Capítulo 1. A complexidade do estudo da personalidade em psicologia 13

1.1. Que é a personalidade? 13
1.2. As teorias dos traços 20
1.3. A avaliação da personalidade 32
1.4. As tendências da Psicologia da personalidade nos anos 90 37
1.4.1. Tópicos que se mantêm 40
1.4.2. Novas unidades de análise e seus contextos históricos 44
1.4.3. Tendências inter e transdisciplinares 50
1.4.4. Ecletismo e pluralismo metodológico 54
1.5. A personalidade e o paradigma epistemológico emergente 56
1.6. Conclusão 65

Capítulo 2. O modelo dos cinco factores 71

2.1. Definição 74
2.2. Breve resenha histórica do aparecimento do modelo 79
2.2.1. A hipótese lexical 81
2.2.2. O FFM baseado nos questionários 89
2.3. Considerações teóricas sobre o modelo 93
2.4. Abrangência do Modelo 101
2.4.1. Independentemente de quem avalia e como se avalia 104
2.4.2. Independentemente dos grupos de sujeitos a avaliar: os cinco factores na infância 112
2.4.3. Comparação do modelo com outros sistemas e constructos 119
2.4.4. Extensão a outras culturas e línguas 128
2.5. Contributos do modelo 134
2.5.1. A questão das mudanças da personalidade na idade adulta 135
2.6. Críticas e limites do modelo 147
2.7. Conclusões: o OCEAN 162

II - A aferição do NEO-PI-R para a população portuguesa

Capítulo 3. O NEO-PI-R 169

3.1. História do NEO-PI-R 170
3.2. Material do teste e sua utilização 173
3.3. Administração e cotação 175
3.4. Conceptualização e interpretação 178
3.4.1. Domínios e suas facetas 179
3.4.1.1. Neuroticismo (N) 179
3.4.1.2. Extroversão (E) 182
3.4.1.3. Abertura à Experiência (O) 184
3.4.1.4. Amabilidade (A) 189
3.4.1.5. Conscienciosidade (C) 192
3.4.2. Possibilidades de Interpretação 195
3.5. Desenvolvimento e Validação 198
3.5.1. Amostras 199
3.5.2. Normas 202
3.5.3. Passos na Construção das Escalas 203
3.5.4. Indicadores da validade das respostas 205
3.5.5. Fidelidade e estabilidade 206
3.5.6. Estrutura factorial 207
3.5.7. Validade 210
3.5.7.1. Validade convergente e discriminante das escalas das facetas 211
3.5.7.2. Convergência com medidas pouco estruturadas 215
3.5.7.3. Validação Consensual 216
3.5.7.4. Relação com critérios externos 217
3.5.7.4.1. Bem-estar psicológico 218
3.5. 7.4.2. Coping e defesas 220
3.5.7.4.3. Necessidades e Motivações 222
3.5.7.4.4. Tipos Jungianos 223
3.5.7.4.5. Traços interpessoais 224
3.5.7.4.6. Criatividade e Pensamento Divergente 225
3.5.7.4.7. Outras Associações 227
3.5.8. O NEO-FFI 229
3.5.9. Tradução e Aferição do NEO-PI-R noutros países 229
3.6. Aplicações 232
3.6.1. Utilização da Forma S e R 232
3.6.2. Aconselhamento, Psicologia Clínica e Psiquiatria 233
3.6.2.1. Na compreensão do cliente 236
3.6.2.2. Diagnóstico 237
3.6.2.3. Empatia e *Rapport* 243
3.6.2.4. *Feedback* e *Insight* 243

3.6.2.5. Na antecipação do processo psicoterapêutico. 245
3.6.2.6. Na selecção do tratamento adequado 246
3.6.3. Psicologia da saúde 247
3.6.4. Orientação Escolar, Aconselhamento Vocacional e Industrial/ Psicologia Organizacional 251
3.6.5. Psicologia da Educação 255
3.6.6. Investigação 256
3.7. Avaliação crítica 257

Capítulo 4. O estudo-piloto 263
4.1. A tradução 264
4.2. Instrumentos utilizados 265
4.2.1. O Questionário de Personalidade de Eysenck 265
4.2.2. O Inventário de Interesses Vocacionais 266
4.2.3. A Escala da Satisfação com a Vida 267
4.2.4. O Questionário de Agressividade 268
4.2.5. A Escala de Afectividade Positiva e Negativa 268
4.3. Predições 269
4.4. Amostra-piloto 272
4.5. Procedimento 274
4.6. Análise dos dados do estudo-piloto 274
4.7. Discussão dos resultados e conclusões 284

Capítulo 5. Estudo definitivo 289
5.1. Passos na selecção da amostra 289
5.2. Descrição da amostra 294
5.3. Comparação entre a amostra e a população nacional 297
5.4. Procedimento 298
5.5. Análise dos dados 304
5.5.1. Estudos da Validade 305
5.5.2. Estudos da fidelidade 326
5.6. Discussão dos resultados e conclusões 334

Conclusão 341

Bibliografia 359

Anexos 389
Anexo 1 Breve descrição dos domínios e facetas do NEO-PI-R 389
Anexo 2 Informação sobre o NEO-PI-R remetida a alguns sujeitos 395
Anexo 3 Contrato para a tradução do NEO-PI-R 396
Anexo 4 Revisão da retrotradução pelos autores do inventário 397
Anexo 5 Classificação da avaliação do nível socio-económico 398
Anexo 6 Mapa de Portugal e do Distrito de Leiria 399

Anexo 7 Exemplo de uma carta enviada 400
Anexo 8 Certificado de responsabilização 401
Anexo 9 Informação sobre a investigação 402
Anexo 10 Certificado de participação 403
Anexo 11 Análise em componentes principais dos 240 itens, seguida de rotação varimax com 2000 sujeitos 404
Anexo 12 Análise em componentes principais das 30 facetas, seguida de rotação varimax e restrição a cinco factores, com 2000 sujeitos 409
Anexo 13 Solução varimax com 2000 sujeitos 410
Anexo 14 Rotação Procusta com 2000 sujeitos 411
Anexo 15 Rotação varimax com 288 Estudantes dos 16-20 anos 412
Anexo 16 Rotação Procusta com 288 estudantes dos 16-20 anos 413
Anexo 17 Rotação varimax com 1281 não-estudantes dos 21-84 anos 414
Anexo 18 Rotação Procusta com 1281 não estudantes dos 21-84 anos 415
Anexo 19 Análise em componentes principais das 30 facetas, seguida de rotação varimax sem restrição de factores, com 2000 sujeitos 416
Anexo 20 Médias e desvios padrões forma S para adultos 418
Anexo 21 Médias e desvios padrões forma S para jovens adultos 419
Anexo 22 Intercorrelações entre os domínios e facetas (N=2000) 420
Anexo 23 Rotação varimax com 2000 sujeitos 422
Anexo 24 Rotação Procusta com 2000 sujeitos. Itens problemáticos codificados como "neutros" 423
Anexo 25 Comparação entre os cinco grupos profissionais 424

Índice de quadros

Quadro 1.1 Unidades ou constructos básicos da personalidade 16
Quadro 1.2 Esquema do subcapítulo teorias dos traços 21
Quadro 1.3 Os quatro tipos de personalidade, de acordo com Galeno e Hipócrates (Zales, 1985) 22
Quadro 1.4 Unidades de nível médio 45
Quadro 1.5 Unidades Cognitivo-Motivacionais 48

Quadro 2.1 As cinco dimensões da personalidade, de Fiske até ao presente 78
Quadro 2.2 Representação hipotética do modelo AB5C (esquerda) e do modelo circumplexo (direita) 79
Quadro 2.3 História do aparecimento dos cinco factores –síntese 83
Quadro 2.4 História do Modelo de Cattell 86
Quadro 2.5 Aparecimento das 5 dimensões (questionários) 91
Quadro 2.6 Exemplos específicos das categorias de variáveis propostas por McCrae e Costa (1996) 97
Quadro 2.7 Esquema da teoria da personalidade dos cinco factores 98
Quadro 2.8 Principais avaliadores utilizados no estudo do FFM 106
Quadro 2.9 Formas de avaliação do FFM 110
Quadro 2.10 Procedimentos de avaliação do FFM 110
Quadro 2.11 Integração dos cinco factores com o circumplexo interpessoal 111
Quadro 2.12. A dimensão actividade motora, segundo Martin et al. (1994) e Eaton (1994) 114
Quadro 2.13 Os precursores dos cinco factores na infância 116
Quadro 2.14 Três esquemas possíveis da relação entre o temperamento na infância e os cinco factores na adultez. 117
Quadro 2.15 O modelo de Cattell (1956) 121
Quadro 2.16 A proposta de Eysenck e a de Costa e McCrae, na perspectiva de Goldberg e Rosalack (1994) 121
Quadro 2.17 Número de factores propostos pelos diferentes sistemas 122
Quadro 2.18 O Sistema de Guilford 124
Quadro 2.19 Comparação dos cinco factores com factores de outros modelos 125
Quadro 2.20 Comparação do FFM com outros sistemas da personalidade 126
Quadro 2.21 Domínios psicológicos e o FFM 127
Quadro 2.22 Esquema da secção 2.5.1 136
Quadro 2.23 Representação exagerada da constância 144

Quadro 3.1 As cinco dimensões e respectivas facetas 170
Quadro 3.2 História do NEO-PI-R 171
Quadro 3.3 Domínios e Facetas avaliadas pelo NEO-PI-R 172
Quadro 3.4 Componentes do Relatório Interpretativo 197
Quadro 3.5 Validade Convergente e Discriminante 213
Quadro 3.6 Correlação entre os adjectivos da Adjective Check List com as Escalas de Facetas do NEO-PI-R 214
Quadro 3.7 Escalas de facetas do NEO-PI-R conceptualmente relacionadas com as desordens 241

Quadro 4.1 Predições sobre a validade do NEO-PI-R, quando relacionado com as cinco escalas por nós seleccionadas. 271
Quadro 4.2 Distribuição dos sujeitos por sexo 272
Quadro 4.3 Distribuição dos sujeitos por zonas 273
Quadro 4.4 Distribuição dos sujeitos por nível socio-económico 273
Quadro 4.5 Distribuição dos sujeitos por idade 273
Quadro 4.6 Distribuição dos sujeitos por nível de escolaridade 274
Quadro 4.7 Correlações correspondentes às predições sobre a validade do NEO-PI-R e outras escalas do estudo-piloto 275
Quadro 4.8 Médias, desvios-padrões e valores de t dos cinco factores por sexo 276
Quadro 4.9 Correlações dos cinco factores com a variável idade, escolaridade e nível socio-económico (estudo-piloto) 278
Quadro 4.10 Comparação entre valores de alfa obtidos com a população portuguesa e americana 280
Quadro 4.11 Correlações entre os 5 factores e as 30 facetas (estudo-piloto) 282
Quadro 4.12 Comparação das correlações entre facetas/domínios do NEO-PI-R, 283
Quadro 4.13 Matriz de Correlações entre Dimensões do NEO-PI-R (estudo--piloto) 284

Quadro 5.1 Percentagens nacionais a partir dos Censos de 91 (Resultados pré-definitivos, Jan.1993) 290
Quadro 5.2 Comparação entre concelhos de diferentes distritos e o total nacional a partir dos Censos de 91 291
Quadro 5.3 Concelhos do Distrito de Leiria, zona geográfica de localização e sua integração ou não na amostra 292
Quadro 5.4 Concelhos seleccionados e freguesias escolhidas, em cada um 292
Quadro 5.5 Número de sujeitos seleccionados, por freguesia 293
Quadro 5.6 Distribuição dos sujeitos por freguesias 295
Quadro 5.7 Distribuição dos sujeitos por profissões 296
Quadro 5.8 Distribuição dos sujeitos, por nível de escolaridade 297
Quadro 5.9 Comparação entre o número de sujeitos seleccionados por freguesia e o número 298

Quadro 5.10 Comparação entre a % de sujeitos da população portuguesa, do Distrito de Leiria 298
Quadro 5.11 Mapa de investigação de campo 299
Quadro 5.12 Resultados da Análise em Componentes Principais dos 240 itens, seguida de rotação varimax 306
Quadro 5.13 Resultados da Análise em Componentes Principais das 30 facetas, 309
Quadro 5.14 Comparação das correlações entre as três facetas e os cinco factores na amostra portuguesa e americana 311
Quadro 5.15 Resultados da análise em componentes principais, seguida de rotação varimax 312
Quadro 5.16 Correlações entre o domínio N do NEO-PI-R e respectivas facetas 313
Quadro 5.17 Correlações entre o domínio E do NEO-PI-R e respectivas facetas 313
Quadro 5.18 Correlações entre o domínio O do NEO-PI-R e respectivas facetas 313
Quadro 5.19 Correlações entre o domínio A do NEO-PI-R e respectivas facetas 314
Quadro 5.20 Correlações entre o domínio C do NEO-PI-R e respectivas facetas 314
Quadro 5.21 Correlações entre as diferentes facetas de N e E do NEO-PI-R e o N e E do EPQ 315
Quadro 5.22 Saturações factoriais das facetas do NEO-PI-R nos respectivos factores 316
Quadro 5.23 Comparação entre predições e resultados obtidos com a amostra definitiva 317
Quadro 5.24 Correlações entre as PANAS e as cinco dimensões 318
Quadro 5.25 Matriz de correlações entre as dimensões do NEO-PI-R (amostra definitiva) 319
Quadro 5.26 Médias, desvios-padrões, e resultados no t dos cinco factores, por sexo 321
Quadro 5.27 Correlação entre os 5 factores e a variável idade, no estudo definitivo 322
Quadro 5.28 Comparação das médias dos cinco factores, segundo os diferentes grupos de idade. 323
Quadro 5.29 Comparação das médias dos cinco factores em diferentes grupos de idade 324
Quadro 5.30 Correlações entre os 5 factores e 3 níveis da variável profissão 325
Quadro 5.31 Médias dos 5 níveis da variável profissão nos 5 factores 326
Quadro 5.32 Alfa de Cronbach para as escalas das facetas 327
Quadro 5.33 Correlações item/ total da faceta para os 240 itens 329
Quadro 5.34 Itens a rever 330
Quadro 5.35 Predições analisadas com a amostra definitiva 335

Índice de figuras

Figura 5.1 Esquema geral do processo de selecção da amostra 293
Figura 5.2 Distribuição dos sujeitos por sexos 294
Figura 5.3 Distribuição dos sujeitos por categorias de idades (de dez em dez anos) 296
Figura 5.4 Distribuição dos sujeitos por idades 296
Figura 5.5 As duas principais formas de analisar a estrutura factorial do NEO-PI-R 305
Figura 5.6 Gráfico dos Eigenvalues 310
Figura 5.7 Comparação das cinco dimensões na amostra portuguesa e americana 320

Introdução

Introdução

"A ilusão mais perigosa de todas é a de que existe apenas uma realidade. Aquilo que de facto existe são várias perspectivas diferentes da realidade, algumas das quais contraditórias, mas todas resultantes da comunicação e não reflexos de verdades eternas e objectivas" (Watzlawick, 1991, p.7).

Tradicionalmente, a psicologia do desenvolvimento estudava as mudanças que ocorrem na criança e no adolescente. Posteriormente, o domínio começou a abranger os idosos e o processo de envelhecimento. Na actualidade, existe um reconhecimento crescente de que o desenvolvimento humano abarca mais do que o começo e o fim da vida (Alexander & Langer, 1990). Esse período que se estende da adolescência até à morte – a adultez – é uma etapa crucial do ciclo de vida humana. Fase importante, porque nela passamos grande parte da nossa vida e porque, segundo alguns estudos, nela se integram alguns dos momentos de maior realização e satisfação pessoal. O objectivo desta dissertação relaciona-se, por conseguinte, com o estudo da personalidade na idade adulta.

A reflexão sobre a personalidade adulta é uma tarefa muito complexa, porque conjuga um século de estudos, de elaboração de teorias e análises poliperspectivadas com as investigações de uma área recente, que é a psicologia do adulto. Efectivamente, o estudo do desenvolvimento ao longo de todo o ciclo de vida e, particularmente, da idade adulta, coloca novas questões teóricas e metodológicas à psicologia. Entre estas, encontram-se os problemas da mudança da personalidade na adultez e a utilidade das abordagens mais ecléticas para estudar o desenvolvimento. Estes novos problemas vêm juntar-se aos mais antigos, que versam, nomeadamente, a definição constitutiva e operacional do conceito de personalidade e os métodos mais adequados para a avaliar.

Para termos uma visão completa de todas estas questões e, consequentemente, da história e desenvolvimento da psicologia da personalidade, deveríamos começar com as concepções sobre o homem, encontradas nos grandes filósofos e pensadores da antiguidade clássica até à nossa época, cujas ideias podem ainda ser encontradas no pensamento contemporâneo. No entanto, a grande generalidade dos autores, por nós consul-

tados, que reflectiram sobre a psicologia da personalidade têm em conta, sobretudo, as influências mais recentes.

Assim, por exemplo, Hall e Lindsey (1984)[1] consideram como fontes influenciadoras das teorias da personalidade a análise desta, a partir das observações clínicas (tradição iniciada com Charcot, Janet e McDougall); a tradição gestáltica e William Stern; a psicologia experimental, em geral, e a psicologia da aprendizagem, em particular e a tradição psicométrica. Outras influências menores seriam a genética, o positivismo lógico e a antropologia social.

Porém, o estudo da personalidade, como uma nova área da psicologia, emerge, nos anos 30. Desde então, e até à última década deste século, a psicologia da personalidade passou por fases de grande desenvolvimento mas, também, de muita crise.

A publicação do livro de Allport, que introduziu o estudo científico da personalidade nos EUA, e o facto de Murray dar o nome de *'personology'* à nova ciência, a ciência da pessoa, tornaram visível o aparecimento da psicologia da personalidade. Segundo Buss e Cantor (1989, p.2), "o livro de Allport – *Personality: A Psychological Interpretation* (1937) – e o de Murray – *Explorations in Personality* (1938) – foram muito fecundos, visto lançarem os tópicos para as investigações no domínio da personalidade nas décadas vindouras". De acordo com Pervin (1990, p. 5), "estes dois autores realçaram a ideia de que o sujeito é uma totalidade", concepção que, embora tenha sido por vezes secundarizada, se mantém actual nos anos 90. Nomeadamente, Allport (1937) rejeitou o elementarismo e a preocupação dominante com as partes, em detrimento da organização do sistema. A sua concepção de traços sugere que estes iniciam e guiam o comportamento e que os motivos têm sentido, enquanto orientados para um objectivo e não como forças inatas e cegas. Murray (1938) realçou, igualmente, o todo, a sua dinâmica e a inter-relação do sujeito com o mundo. Efectivamente, os anos 40 e 50 foram marcados por investigadores talentosos, que tentaram levar a cabo uma 'agenda' muito sobrecarregada – a teorização e a investigação, em torno das duas unidades básicas propostas por Allport e Murray para o estudo da personalidade: os traços e os motivos.

É nesta altura que surge o manual de Hall e Lindzey (1957), que muito contribuiu para estabelecer o estudo da personalidade como uma área fundamental no domínio da psicologia. Segundo Palenzuela e Barros (1993, p.9), a "este período de esplendor seguiu-se uma crise profunda, no início dos anos 60, cujo principal responsável foi Walter Mischel, com a publicação do seu famoso livro 'Personalidade e Avaliação' (*'Personality and*

[1] Outros, como Morea (1990), de uma forma mais redutora, atribuem a Freud a paternidade das teorias científicas da personalidade.

Assessment), em 1968". Durante esta época, os pressupostos fundamentais do domínio foram questionados e apontadas as limitações da predictibilidade e consistência de uma das unidades fundamentais de análise da personalidade — os traços. As grandes críticas ao conceito de traço e à noção implícita nestes (a de consistência) foram levadas a cabo pelos situacionistas (dentre os quais se salienta Mischel, já referido) e pela psicologia humanista (anos 60; *e.g.*, Rogers, Maslow, May) — ao defenderem a crença filosófica na capacidade praticamente ilimitada de mudança e crescimento pessoal — e pelas teorias dos estádios do desenvolvimento da personalidade durante a vida adulta (*e.g.*, Neugarten; Erikson) que postulam estádios, qualitativamente diferentes, que os sujeitos atravessam ao longo do seu ciclo de vida (Wrightsman, 1988).

Os anos subsequentes à publicação do livro de Mischel (década de 70 e o início da de 80) foram marcados por este debate interno entre os que defendiam sobretudo o paradigma básico (as predisposições) e, aqueles, que sublinhavam os factores da situação como determinantes do comportamento (*e.g.*, Alker, 1972; Bem, 1972; Carlson, 1971; Harré & Secord, 1972; Watchel, 1973). Este debate entre os defensores dos traços e os situacionistas deu lugar a uma série de "conferências de paz" no campo da personalidade, orientadas numa perspectiva interaccionista. Assim, 1973 foi um ano significativo, dado os numerosos encontros e publicações defendendo o interaccionismo na psicologia da personalidade. Um destes trabalhos foi o do próprio Mischel (1973) que, para além de defender a posição interaccionista, fez emergir aquilo que pode ser considerada uma nova era na psicologia da personalidade, em que os traços e os motivos, enquanto unidades de análise predominantes, perderam relevância, a favor das cognições (propostas por Endler e Magnusson, em 1976, como as novas variáveis da personalidade), outro tanto se passando com a abordagem disposicional, relativamente à perspectiva da aprendizagem cognitivo-social e aos pressupostos interaccionistas.

Assim, da mesma forma que o trabalho de Allport e Murray, nos anos 30, influenciou fortemente a orientação tomada pela psicologia da personalidade, nas duas décadas seguintes, a obra de Mischel esteve na base dos novos desenvolvimentos ocorridos nos anos 80, no sentido da sua orientação cognitivo-motivacional. Estes novos desenvolvimentos traduziram-se pelo que Buss e Cantor (1989, p.1) designaram por "novas unidades de análise de nível médio ou intermédio" (*middle-level units of analysis*) e pelo que Pervin (1990, p.6) refere ser as "novas unidades de análise; novas formas de coerência da personalidade; e novos métodos de avaliação".

Mas, para além do aparecimento destas novas unidades, em 1983, alguns autores chamaram a atenção para a necessidade de integração dos conhecimentos no domínio da personalidade, ou seja, para a urgência em elaborar uma teoria compreensiva da personalidade (*e.g.*, Endler, 1983; Kenrick & Dantchik, 1983; Mischel & Peake, 1983b). Tal parece ser, para muitos investigadores (Magnusson, 1990; Pervin, 1990; Sarason, 1991), o

foco de atenção e preocupação, no princípio da presente década. Efectivamente, muito embora se tenha intensificado a procura de elementos ou unidades básicas para o estudo da personalidade (Allport, 1958; Wallace, 1967), os traços voltaram a ser, juntamente com os motivos e as cognições, os constructos mais estudados. Mas, como salientou Cervone (1991), tais elementos nunca formaram um campo de investigação unificado, mas duas áreas científicas independentes: uma, polarizada em torno das unidades traço/disposição e, outra, das unidades cognitivo-intencionais (*purposive-cognitive)* e sócio/cognitivas. Esta divisão corresponde também, segundo Palenzuela e Barros (1993, p.11), "às partes ter (*having*) e fazer (*doing*) da personalidade, referidas por Allport, e, recentemente, evidenciadas por outros personologistas (*e. g.*, Cantor, 1990; Mischel, 1990)".

Ora, estas duas abordagens, não só utilizam estratégias diferentes, como também evidenciaram diferentes aspectos do funcionamento da personalidade. As abordagens baseadas nos traços e motivos centraram a atenção nos aspectos estáveis e estruturais da personalidade. Embora tenham sido diferentes o número e o tipo de traços propostos, parece que nos últimos anos um certo consenso foi atingido, como veremos, através do modelo dos cinco factores (John, 1990). As abordagens baseadas nas cognições têm-se preocupado, essencialmente, com os processos de funcionamento da personalidade, com a forma como os sujeitos interpretam e dão significado aos acontecimentos e como planificam e regulam o seu comportamento – aquilo que Bandura (1982, 1986) designou por mecanismos de auto-gestão (*self* ou *human agency).*

Assim, para autores como Pervin (1990), depois da crise dos anos 60 e 70, o domínio da personalidade, no decorrer dos anos 80, parece ter retomado a sua vitalidade. Neste momento da sua trajectória, a psicologia da personalidade pode considerar-se um mundo de potencialidades derivadas das abordagens sócio-cognitivas, da dos traços/disposições e doutras, de natureza diferente destas duas (Cervone, 1991). Caracteriza-se, consequentemente, de acordo com Pervin (1990), por abordar uma grande diversidade de fenómenos e aspectos, reflectindo, a complexidade do funcionamento da personalidade. mas teria também chegado o momento de reactivar a antiga aspiração de Murray de constituir uma ciência da personalidade, a '*personology*'.

Tendo em consideração a actualidade e os novos e desafiadores desenvolvimentos na área da psicologia da personalidade, a presente dissertação tem dois **objectivos** principais: um teórico e outro empírico. O primeiro é fazer uma reflexão sobre o problemático domínio da psicologia da personalidade; o segundo consiste na aferição de um inventário de personalidade para adultos, que operacionaliza um modelo sobre a estrutura da personalidade. Todavia, estes dois objectivos constituem uma unidade funcional: o principal é o da medição da personalidade, através de um questionário específico, o que implica, como justificação do mesmo, um se-

gundo: a selecção de um modelo apropriado da personalidade adulta.

Deste modo, a presente dissertação é composta por duas partes: na primeira, abordam-se alguns dos problemas teóricos e psicométricos da personalidade na idade adulta e, na segunda, todos as questões empíricas e metodológicas relacionadas com a aferição a nível nacional do NEO-PI-R.

Mais especificamente, a primeira parte deste trabalho é composta por dois grandes capítulos. O capítulo 1 começa com uma breve análise das diferentes perspectivas, concepções e definições da personalidade, detendo-se, sobretudo, na abordagem dos traços e na avaliação da mesma, através dos questionários. Segue-se uma síntese sobre o estado actual (anos 90), e as tendências do estudo da personalidade na idade adulta, da qual se salienta a recontextualização e a nova afirmação das teorias dos traços na psicologia da personalidade actual. Terminamos o primeiro capítulo da primeira parte, relacionando os avanços da psicologia da personalidade actual com aquilo que alguns teóricos da ciência designam por paradigma epistemológico emergente. O segundo capítulo consiste no estudo aprofundado de um modelo na 'moda', o modelo dos cinco factores. Embora com raízes na já histórica abordagem dos traços é um modelo susceptível de nos remeter, constantemente, para as grandes questões polémicas que têm caracterizado a história da psicologia da personalidade. A sua escolha justifica-se, por várias razões: por ser actual e representar uma das tendências de estudo, neste domínio, no final deste século; por ser, também, e, simultaneamente, rico em perspectivas e susceptível de desencadear um arejamento e revitalização desta área (atestado pela quantidade e qualidade de investigações que tem provocado); por estar operacionalizado, através de um instrumento de reconhecido mérito teórico e psicométrico — o NEO-PI-R. O modelo em questão, sobretudo como é perspectivado por Costa e McCrae, funciona então como uma referência, a partir da qual se tecem comparações com outras abordagens e se fazem algumas considerações e explorações teóricas sem perder a referência.

A segunda parte desta dissertação inicia-se com o terceiro capítulo que consiste na descrição do NEO-PI-R. Este, baseado na tradição psicométrica e na preocupação de avaliar as diferenças individuais, representa um expoente de sofisticação e de abrangência na forma de medir as diferentes dimensões da personalidade. Segue-se a aferição do NEO-PI-R que é, o objecto da 2ª parte desta dissertação. Ela vem colmatar uma das carências no domínio da avaliação, ou seja, a inexistência de um instrumento de avaliação da personalidade para a idade adulta, actual e adaptado, especificamente, para a população portuguesa. Neste sentido, com base numa amostra representativa realizaram-se vários estudos sobre a validade e a fidelidade da versão portuguesa deste questionário. A partir deles, edificaram-se as normas para a população nacional adulta e reflectiu-se e discutiu-se sobre a problemática da avaliação e compreensão da personalidade na idade adulta.

I
A personalidade: Problemas Teóricos e Psicométricos

Capítulo 1
A complexidade do estudo da personalidade em psicologia

Capítulo 2
O modelo dos cinco factores

Capítulo 1
A complexidade do estudo da personalidade em Psicologia

Que é a personalidade?

As teorias dos traços

A avaliação da personalidade

As tendências da Psicologia da personalidade nos anos 90

A personalidade e o paradigma epistemológico emergente

Conclusão

Capítulo 1
A complexidade do estudo da personalidade em Psicologia

A primeira parte desta dissertação aborda, teoricamente, temáticas gerais (desde a definição da personalidade, aos seus pressupostos epistemológicos), que permitem uma melhor compreensão e enquadramento do modelo dos cinco factores e do NEO-PI-R.

1.1. Que é a personalidade?

> "É quase tão difícil definir o conceito de *personalidade* como deveria ser reter alguém nas malhas da descrição/explicação que em torno desse conceito ousamos construir. Que é a personalidade? Uma autonomia, um distintivo, uma integridade, uma impressão digital? Com a mesma palavra, para tornar tudo mais complicado e indecifrável, brincamos às solenidades, fazemos discursos, citamos Pessoa (o Fernando) e os imortais ('foi uma personalidade')... Adjectivamo-la, habituados que estamos às classificações, às hierarquias, aos submissos e aos dominantes: 'forte' ou 'fraca', a personalidade confere um lugar na relação" (Calado, 1989, p.1).

Num trabalho sobre a avaliação da personalidade na idade adulta, é de grande importância começar por esclarecer a que é que nos referimos, quando falamos do conceito de **personalidade**. A definição desta é, todavia, muito polémica, de tal modo que Heatherton e Nichols (1994, p.4) consideraram que a "personalidade pode ser definida de forma a englobar praticamente todos os aspectos da vida e experiência humana".

Muito embora a diversidade de definições sobre a personalidade indicie a riqueza do domínio e possibilite a exploração de novas alternativas, também desencadeia desacordos teóricos, com sérias implicações na investigação e na prática. Efectivamente, a qualidade e a quantidade de ajuda a dar aos adultos (nomeadamente, as intervenções terapêuticas), de todas as idades, assenta em determinadas opções teóricas. A definição vai, por outro lado, ter um papel capital na forma de avaliação escolhida e na resposta à

questão da estabilidade/mudança da personalidade, ao longo do ciclo de vida.

As definições sobre a personalidade são tantas[2] e tão diversas que levantam a questão de saber se se trata, efectivamente, do mesmo constructo ou de outros muito diferentes, designados com o mesmo nome. Este facto levou a que, ao longo da elaboração deste trabalho, nos sentíssemos, por vezes, tentada a propor a abolição do termo 'personalidade' do léxico da ciência psicológica. Todavia, consideramos que, depois de muito estudar e reflectir sobre este tópico, a dificuldade na definição do conceito advém da sua complexidade. Como tal, o desafio está, não na abolição do constructo, mas no seu desenvolvimento e enriquecimento. Por outro lado, como afirma Sanford (1992, p. 429), se alguma coisa a psicologia contemporânea aprendeu, "é que existe uma tal entidade designada de personalidade" (*"is that there is such an entity as personality"*).

Neste capítulo, referiremos algumas das dificuldades na definição do conceito de personalidade, o nosso posicionamento em relação a esta questão tão polémica e a definição de personalidade subjacente ao modelo dos cinco factores.

A palavra personalidade tem étimo latino, derivando de *"persona"*, que significa máscara de actor. O termo, no entanto, ao longo da sua evolução, foi adquirindo sentidos múltiplos. Nos escritos de Cicero, é usado com, pelo menos, quatro sentidos, todos eles relacionados com teatro: a personalidade como um conjunto de características pessoais do *actor*, que representam o que a pessoa realmente é; a personalidade, vista como a forma pela qual a pessoa aparece aos outros e não como realmente é e, neste sentido, equivale à *máscara*; o papel que a pessoa representa na vida, tal como o *personagem* num drama; a personalidade, encarada como um conjunto de qualidades indicativas da distinção e dignidade, que fazem do actor uma '*estrela*'. Por seu turno, Allport, em 1937, referia-se à existência de, pelo menos, cinquenta significados diferentes para o termo personalidade, optando por a considerar como uma organização dinâmica dos sistemas bio-sociais[3] que determinam a adaptação única do indivíduo ao mundo (Allport, 1937). Na perspectiva de Cattell (1965), a personalidade é um conjunto de traços, que predispõe o indivíduo a agir, de determinada maneira, num conjunto de situações.

Convencionalmente, as definições de personalidade excluem as diferenças físicas e, a maioria, as diferenças intelectuais, embora reconhecendo

---

[2] É, por conseguinte, compreensível que muitos autores, sobretudo recentes, perante a diversidade de propostas, optem por falar da personalidade sem nunca a definir.

[3] Os sistemas bio-sociais incluem traços, hábitos, motivos e valores, cujas diferenças individuais são parcialmente hereditárias e, parcialmente, resultado da aprendizagem e experiência (social). Estes sistemas estariam inter-relacionados (organizados), activa e dinamicamente, com o ambiente.

que ambas influenciam a personalidade e o comportamento dos sujeitos. Contudo, muitas teorias consideram o conjunto destes aspectos (físicos e intelectuais) como parte do constructo da personalidade.

A existência de muitas definições diferentes de personalidade levou Guilford (1959) a tentar, de alguma forma, ordená-las e sistematizá-las. Distingue, assim, as seguintes categorias:

a) As definições-estímulo, que concebem a personalidade como um estímulo, ou seja, que concentram a sua atenção sobre os efeitos de uma determinada personalidade sobre terceiros.

b) As definições abrangentes (*omnibus*), que começam, geralmente, por dizer que a "personalidade é a soma total..." e, de seguida, enumeram uma lista de impulsos, instintos, tendências, hábitos.

c) As definições integrativas, que sublinham a organização da personalidade[4], embora não esqueçam os diferentes elementos.

d) As definições "totais", dando um passo em frente em relação às anteriores, realçam a integração e, praticamente, esquecem as partes envolvidas[5].

e) As definições que encaram a personalidade como um "padrão característico de adaptação do sujeito ao seu meio" (*"individual's characteristic pattern of behavior"*; Guilford, 1959, p.5).

Stagner (1961, citado por Cook, 1984) defende uma divisão com algumas semelhanças em relação à anterior, ao distinguir entre definições de personalidade – "estímulo", "resposta" e "variável interveniente". As primeiras, concentrando-se na impressão que um indivíduo causa nos outros, supõem que as pessoas têm múltiplas personalidades, visto o mesmo sujeito causar impressões variadas em diferentes pessoas. Para as definições tipo resposta, a personalidade consiste nos padrões de consistência comportamental individual, através de uma variedade de situações, embora a tentativa de captar essa consistência, tenha sido só parcialmente atingida. As definições do género de "variável interveniente" tentam ir para além do

---

[4] A definição adoptada por Guilford, em 1959, é integrativa, e considera a personalidade individual como um todo integrado, um conjunto organizado e único de traços. Consequentemente, a chave para a compreensão e avaliação da personalidade encontra-se nas diferenças individuais nos traços de personalidade, onde o autor distingue vários tipos:

- Os traços somáticos (fisiológicos — relacionados com as funções orgânicas, como o batimento cardíaco ou o metabolismo basal — e morfológicos).
- Os traços motivacionais (relacionados com aquilo que lutamos por fazer ou obter — necessidades, interesses, atitudes).
- As aptidões.
- Os traços disposicionais (temperamento).

[5] Castellão (1988), por exemplo, defende que se deve ter sempre em consideração o 'indivíduo enquanto totalidade e individualidade' e conceber a personalidade como um sistema em aberto. A personalidade será, enquanto congregação do disperso, a unidade.

superficial e distanciar-se do que a pessoa faz ou de como os outros a vêem. A reflexão, neste caso, centra-se, sobretudo, no que compõe este sistema organizado, ou seja nos diferentes elementos ou unidades de análise que constituem a personalidade.

Para Cook (1984), a diversidade de definições, ao nível da personalidade, justifica-se pela variedade de perspectivas, funções (para que é que se está a definir o constructo personalidade) e níveis de explicação que têm em vista. Outro factor explicativo da referida diversidade é a ênfase colocada, quer no estudo do desenvolvimento, quer no estudo da estrutura da personalidade.

Mas, o modo como se define a personalidade depende, na opinião de Hall e Lindsey (1984), da preferência teórica[6] dos investigadores. Assim, os constructos específicos, que entram na sua definição, são o reflexo das suas posições teóricas.

A título ilustrativo, apresentamos no quadro 1.1 uma listagem de alguns dos constructos, ou unidades de análise, presentes nalgumas definições e teorias da personalidade.

Autores	Unidade/Constructo principal
Allport	Traço
Murphy	Canalização
Murray	Necessidade
Sheldon	Endo, Meso e Ectomorfismo. Viscero, Somato, e Cerebrotonia
Cattell	Traços de profundidade. Ergs, engrams
Miller e Dollard	Frustração-agressão
Bandura e Walters	Modelação. Auto-controlo
Rogers	Self. Auto-realização
Lewin	Vector. Valência. Espaço vital
Kelly	Constructos pessoais
Atkinson	Motivação para a realização. Motivo, expectativa e incentivo
Festinger	Dissonância cognitiva
Maslow	Auto-actualização
Freud	Ego, Superego e Id
Adler	Complexo de inferioridade
Horney	Ansiedade básica
Sullivan	Tensão
Erikson	Identidade
Klein	Estilo cognitivo

Quadro 1.1 Unidades ou constructos básicos da personalidade

Optando por uma perspectiva diferente da dos autores anteriores (estas realçam as diferenças nas definições), Kimmel (1984) salienta as co-

[6] Podemos relacionar estas observações com o conceito de 'constructo pessoal' de Kelly (Jankowicz, 1987) e as teorias implícitas de Leyens (1985).

munalidades entre as definições das diferentes teorias. Desta forma, observa que, muito embora existam dezenas de definições de personalidade, a maioria engloba três aspectos principais da mesma, a saber, que a ela se refere:

- à unicidade do indivíduo, aquilo que o distingue de todos os outros;

- a um conjunto de características estáveis[7] e duradouras, ao longo do tempo e das situações;

- ao estilo característico de ligação/interacção entre o sujeito e o ambiente físico e social.

Porém, a ênfase atribuída a cada uma destas características depende da teoria/modelo subjacente. Por exemplo, a definição da personalidade subjacente ao modelo dos cinco factores realça os primeiros dois aspectos, ou seja, as regularidades recorrentes (os traços) e a sua organização característica, em cada pessoa. A definição de Eysenck (1970), embora fazendo referência aos três aspectos supracitados, acentua, também, os dois primeiros – a personalidade é uma organização duradoura e mais ou menos estável do carácter[8], temperamento[9], intelecto[10], e físico[11] de uma pessoa, que fazem dela um ser único e irrepetível. Finalmente, a abordagem da Psicologia do Desenvolvimento Coextensivo à Duração da Vida, embora englobe estas diferentes vertentes, sublinha, sobretudo, a interacção entre o sujeito e o mundo (Baltes & Shaie, 1973).

Abrangente e pertinente é a proposta de McAdams (1990; 1994), inspirada em autores como McClelland, Hogan, e Cantor, e no seu trabalho sobre as narrativas das vidas humanas, que propõe que se deveria reflectir sobre a personalidade em termos de, pelo menos, três níveis paralelos. Os níveis teriam os rótulos genéricos de: a) traços disposicionais, b) preocupações pessoais (*personal concerns)* e c) narrativas de vida[12].

O primeiro nível referido é composto por dimensões (os traços) que são, segundo o autor um nível muito importante, no qual se pode encon-

---

[7] Classicamente, os actores de teatro apresentavam-se com máscaras que denunciavam, expressivamente, as características da figura que era recriada, e falavam através dela. A máscara, nesse sentido, é inalterável e fixa. É este aspecto de permanência com as circunstâncias, ou apesar delas, que adoptou a psicologia clássica, para definir determinadas características identificadoras das atitudes específicas do indivíduo face, a um conjunto muito diferente de situações — a personalidade.

[8] Carácter — o sistema duradouro e mais ou menos estável do comportamento conativo (vontade — *will).*

[9] Temperamento — o sistema duradouro e mais ou menos estável do comportamento afectivo (emoção).

[10] Intelecto — o sistema duradouro e mais ou menos estável do comportamento cognitivo (inteligência).

[11] Físico — o sistema duradouro e mais ou menos estável da configuração corporal e neuroendócrina.

[12] Segundo esta proposta, em função do nível da personalidade que tivéssemos em consideração, poderíamos ou não observar mudança na personalidade.

trar uma impressionante evidência a favor da estabilidade da personalidade. A leitura da personalidade, feita pelo modelo dos cinco factores encaixa-se neste nível. Para McAdams (1994, p.303), "os Cinco Grandes representam as atribuições mais gerais e compreensivas – simples, comparativas, e virtualmente não-condicionais – que poderíamos desejar fazer, quando não sabemos, virtualmente, mais nada sobre a pessoa; isto é, quando confrontados com um estranho". O segundo nível tem a ver com planos, objectivos, estratégias, defesas, projectos, tácticas, e investimentos pessoais. Tratar-se-ia de variáveis motivacionais, desenvolvimentistas ou estratégicas. A este nível incluir-se-iam as unidades de nível intermédio (Cantor, 1990). O nível três diz respeito à formação da identidade, enquanto 'procura de uma narrativa desenvolvimentista' (*"an evolving narrative quest"*), ou seja, uma tentativa de encontrar unidade e orientação na vida. McAdams (1994, p.306) defende que "se o nível I enfatiza o lado ter da personalidade e o nível II, o fazer, então, o nível III diz respeito à construção do eu" (*"If level I emphasizes the having aspect of personality and level II the doing, then level III concerns the making of the self"*)[13].

Este modelo – tal como a descrição, mais analítica, de Guilford – tem a vantagem de oferecer uma visão sinóptica do inteiro domínio da personalidade. Assim, uma definição desta, que se pretendesse abrangente, deveria contemplar os três níveis mencionados. Porém, na prática, seria proibitivo para qualquer investigador estender os seus esforços a uma área tão vasta. Compreende-se, pois, que os estudiosos da personalidade se tenham limitado a explorar aspectos particulares da mesma e que a sua definição do objecto, que analisam, reflicta o interesse específico das suas abordagens.

Quanto a nós, neste trabalho, adoptamos a perspectiva de Costa e McCrae que encaram a personalidade como "um sistema definido por traços[14] da personalidade e processos dinâmicos pelos quais afectam o processo psicológico individual"[15] (Costa e McCrae, 1994, p.70; McCrae & Costa, 1996, p.16). Precisando um pouco mais, Costa e McCrae diferenciam as tendências básicas, enquanto unidades fundamentais da personalidade (nas quais se incluem os cinco factores) e outras variáveis da personalidade como as adaptações características (*cf.* cap.2). Recentemente, Costa e McCrae (1994, p.23) propuseram um modelo geral metateórico da pessoa, alegando que, "como base para a comunicação, o que é necessário é um enquadramento no qual as diferentes abordagens à definição de personalidade possam ser integradas e comparadas, e que nos permita dizer que

---

[13] Segundo o autor referido (1994), a história (as narrativas) da vida não pode ser compreendida através de uma análise da personalidade aos outros níveis.

[14] "A personalidade pode ser vista como o produto da organização, a soma das regularidades recorrentes, que marcam o estilo de cada pessoa e a distinguem das outras" (McCrae & Costa, 1990, p.176).

[15] *"A system defined by personality traits and the dynamic processes by which they affect the individual's psychological processes"*.

a personalidade a este nível pode mudar, mas, àquele, possivelmente, não"[16]. Todavia, os autores consideram que esta proposta é uma das teorias possíveis de edificar a partir do modelo dos cinco factores e designaram-na por – teoria dos cinco factores (a desenvolver no ponto 2.3).

Segundo Weinberger (1994), as propostas metateóricas de Costa e McCrae (*cf.* cap. 2) e de McAdams são compatíveis, visto o nível I deste último corresponder às tendências básicas dos primeiros autores, o nível II às adaptações características e o nível III à personalidade existencial, que carece ainda de elaboração mas que "permitiria compreender como um curso de vida é construído" (McCrae & John, 1992, p.17). Na nossa perspectiva, a diferença mais notória, entre a proposta de Costa e McCrae e McAdams, reside no facto dos primeiros realçarem as inter-relações entre os diferentes elementos do seu modelo e McAdams considerar que, pelo menos, por enquanto, não existe nenhuma proposta que interligue, adequadamente, os diferentes níveis.

No que diz respeito ao objectivo desta dissertação, parece que as propostas de Costa e McCrae, e, sobretudo, a de McAdams dão conta da riqueza e da amplitude de conceitos, teorias e linguagens presentes no domínio da personalidade. Por outro lado, permitem a localização do modelo dos cinco factores no contexto das teorias e modelos actuais sobre a mesma.

◇

Em suma, nesta secção foi dada uma panorâmica sobre o vasto e complexo domínio do estudo da personalidade, de molde a enquadrar o modelo dos cinco factores, no território da psicologia da personalidade. Como vimos, as definições de personalidade reflectem as diferentes teorias e a perspectiva que se tem, em relação ao tópico num determinado momento histórico. Por conseguinte, é compreensível que as definições mais recentes deste constructo tenham vindo a valorizar os componentes interactivos e dinâmicos.

No subcapítulo seguinte, vamos, no entanto, fazer referência à teoria dos traços. Esta é a teoria subjacente ao modelo dos cinco factores e representa uma contribuição histórica, mas de uma actualidade promissora, para o domínio da psicologia da personalidade.

---

16 *"As a basis for comunication, what is needed is a framework in which different approaches to the definition of personality can be integrated and compared, and that can allow us to say that personality in this respect can change, but in that respect — perhaps — cannot".*

1.2. As teorias dos traços

> "Se existe uma personalidade específica, é única e, consequentemente, a sua característica definidora são os traços" (Buss, 1989, p.1378).

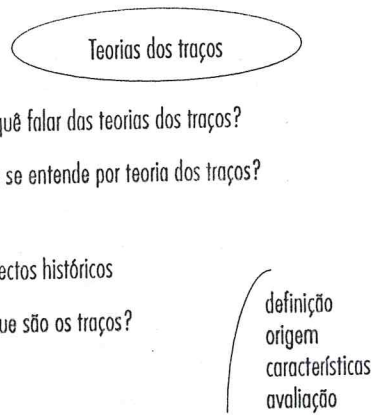
Depois de termos situado o modelo dos cinco factores, vamos fazer referência aos traços (Quadro 1.2). Estes estão na base da construção dos inventários e são um conceito-chave no modelo dos cinco factores. Os traços são, também, um constructo quase presente, em todo o discurso sobre a personalidade. Os aspectos atrás referidos justificam, por si, que dediquemos algumas páginas a um tópico, que Cook (1984) designou por "uma pessoa bastante desinteressante" (*"A rather dull person"*), título de um capítulo do seu livro – intitulado "Níveis da personalidade"[17] – dedicado aos traços e factores, querendo significar que é uma forma bastante aborrecida de estudar a pessoa. Efectivamente, o estudo dos traços tem sido considerado por muitos, como uma abordagem à personalidade 'cinzenta' e enfadonha, objecto de muitas críticas, dado não englobar toda a magia, profundidade e fascínio das perspectivas existenciais e terapêuticas da personalidade. Todavia, os defensores das teorias dos traços, não tinham (nem têm) pretensões a elaborar livros de 'biblioterapia', mas consideram que "eles (os traços) são compatíveis com uma grande variedade de abordagens teóricas, e têm formado a base para grande parte da investigação em psicologia" (McCrae & Costa, 1992, p.18). Para ilustrar a importância atribuída aos traços, na psicologia da personalidade, é elucidativa a posição de Eysenck (1985, pp. 42 e ss) que, ao fazer a história das teorias da personalidade, se refere apenas à história das teorias dos traços.

Todos nós usamos tais constructos no dia-a-dia, descritiva ou explicativamente. Assim, não admira que os traços tenham, também, desde há muito tempo, um papel importante em muitas áreas da psicologia, nomeadamente, na psicopatologia, na investigação organizacional, e na psicologia da saúde. Existem inúmeros estudos dedicados a traços como a auto-estima, auto-eficácia, *locus* de controlo, assertividade, perfeccionismo, dependência, auto-crítica, sociotropia, autonomia, impulsividade, procura de novidade, evitamento da dor, auto-consciência, culpabilidade, vergonha, e empatia. Contudo, a definição científica de personalidade e o estudo sistemático dos traços é muito mais complexo do que o seu uso generalizado pode sugerir e, tem sido, também, muito polémico. Neste contexto, entende-se por **teorias dos traços** as abordagens que concebem a personalidade

---

[17] *"Levels of personality"*.

do indivíduo como uma constelação de traços. Nelas se incluem teorias como a de Cattell, Allport, Guilford e, mais recentemente, a de Costa e McCrae.



Quadro 1.2 Esquema do subcapítulo teorias dos traços

Eysenck (1985) refere que os antecedentes e os marcos da história dos traços revelam o seu papel primordial, na explicação da personalidade e das diferenças individuais. As ideias que presidem às três principais noções, que caracterizam o trabalho moderno sobre a personalidade, já se encontram presentes, segundo Eysenck (1985), em Cícero (que já se referiu ao que é, hoje, equivalente à ansiedade-traço e ansiedade-estado), em Hipócrates (teoria dos quatro temperamento, ver quadro 1.3) e Galeno (que antecipou a Extroversão e o Neuroticismo). Nomeadamente, estes autores já defenderam que o comportamento pode ser descrito em termos de traços, que se encontram em diversos sujeitos, em graus diferentes e que estes traços se correlacionam, de molde a definir tipos mais abrangentes e fundamentais; e, por último, que estes tipos têm uma base essencialmente genética ou constitucional.

Segundo Costa e McCrae (no prelo), a psicologia dos traços tem uma longa história, embora nunca tenha suscitado o interesse dos adeptos de correntes como a psicanálise e o humanismo. Efectivamente, quando Mischel (1968) sugeriu que os traços não tinham relevância na explicação do comportamento e que poderiam ser considerados ficções cognitivas (Shweder, 1975), e Fiske (1974) pôs em causa a validade das medidas dos traços, muitos investigadores viraram-se para outras variáveis. Contudo, os investigadores da personalidade, que utilizavam metodologias longitudinais, tiveram maior relutância em fazê-lo, porque já tinham investido anos na aplicação de questionários, para saber o que acontecia aos traços ao longo do tempo, encontrando uma grande estabilidade a longo termo (correlações de .5 a .8, segundo McCrae e Costa, 1990). Se fossem epifenóme-

nos, ou ficções, não se compreenderia uma estabilidade tão grande, após 10/20 anos de intervalo. Consequentemente, para estes autores, os traços são reais e apresentam níveis de estabilidade e de continuidade, ao longo da idade adulta. Assim, eram postas em causa as teorias dos estádios, que realçavam a descontinuidade e a instabilidade de determinadas características. McCrae e Costa (1992, p. 177) sintetizam esta ideia, dizendo que "os diferentes estudos têm mostrado que, ao longo da parte adulta do curso de vida, pouca mudança existe no nível médio dos traços da personalidade comummente avaliados. De forma geral, não existe nem declínio nem crescimento na idade adulta".

Tipo de Personalidade	Fluido Corporal (humor)
Depressivo e Melancólico	Bílis negra
Optimista e Sanguíneo	Sangue
Irrascível e Colérico	Bílis amarela
Passivo e Fleumático	Fleuma

Quadro 1.3 Os quatro tipos de personalidade, de acordo com Galeno e Hipócrates[18] (Zales, 1985).

Segundo Krahé (1992) algumas linhas de investigação têm contribuído para firmar os alicerces teóricos do conceito actual de traço. Entre estes esforços podemos distinguir três orientações principais:

- A procura das dimensões básicas dos traços, que permitem uma descrição parcimoniosa, ainda que compreensiva, da personalidade e das diferenças individuais.
- A exploração dos determinantes genéticos dos traços de personalidade.
- A conceptualização dos traços como categorias socialmente definidas, a partir das quais as dimensões da personalidade são construídas.

A primeira tendência de investigação "realça o potencial dos traços, enquanto enquadramento organizador das diferenças individuais"(Krahé, 1992, p.66), apontando para a procura de uma **taxinomia** das categorias básicas dos traços e para a estreita relação entre estes e a linguagem comum sobre a personalidade. Perante a diversidade de traços, é natural que tenha surgido a questão do seu número específico[19] e de como organizá-los. Na tentativa de trazer ordem ao domínio, começaram a surgir sis-

[18] Estas disposições psicofisiológicas estavam relacionadas com a propensão para contrair determinadas doenças.

[19] Uma abordagem já antiga, que vai ao encontro desta questão, consiste em consultar o dicionário (há muito que se reconhece que a linguagem do dia-a-dia oferece o repertório para a descrição da personalidade, tanto aos leigos como aos especialistas) enquanto outra, parte da experiência de clínicos ou de teorias.

temas de traços[20], baseados ou não em teorias, a partir dos quais foram construídas inúmeras escalas. Historicamente, a competição entre estes sistemas tem sido uma preocupação para os psicólogos da personalidade. Efectivamente, a ausência de um modelo unificado e singular tem impedido o avanço desta área, dificultando a comunicação entre investigadores e a comparação dos resultados. Porém, a sobreposição entre os vários sistemas e o facto de emergir, recorrentemente, da avaliação com inúmeras medidas da personalidade, um conjunto limitado de traços — os cinco grandes factores — levou à edificação de uma taxinomia compreensiva (ver capítulo 2) — o modelo dos cinco factores. Embora este modelo (McCrae, 1989), como veremos, tenha sido originado em estudos sobre a linguagem natural, investigações recentes sugerem que pode incluir dimensões das diferenças individuais, derivadas das principais escolas de psicologia da personalidade. A convergência de linhas teóricas e empíricas no sentido do modelo dos cinco factores (*Five Factor Model* — FFM) constitui um argumento a favor da adopção do modelo, como um contexto para a descrição compreensiva da personalidade. Contudo, nem todos os investigadores concordam que ele oferece uma descrição adequada das dimensões da personalidade. Mas o facto é que tem havido replicações independentes suficientes, para que se lhe preste a devida atenção, como será explanado no capítulo 2.

Outros estudos (Plomin & Nesselroade, 1990; Bouchard & McGue, 1990[21]), que se incluem na segunda orientação teórica referida por Krahé (1992), têm vindo a defender a ideia de que as diferenças individuais nos traços têm uma base genética, ou seja, que é considerável a percentagem da variância nos traços associada à hereditabilidade (h^2). Buss (1991, p.461) sublinha, a propósito da influência genética, que "sem mecanismos internos não pode haver comportamento" (*"Without internal mechanisms there can be no behavior"*).

---

[20] Como exemplo, temos as tipologias de Jung (1923/71), constituída pelos tipos introvertido e extrovertido e, aos quais, mais tarde, o autor, juntou mais dois contrastes — a sensação/intuição e o pensar/sentir; a de Guilford e Zimmerman (1934), que ao analisarem medidas de Introversão e Extroversão, desenvolveram um inventário com 10 traços (o conhecido *Guilford-Zimmerman Temperament Survey*, 1976); a de Eysenck que às dimensões Extroversão, e Neuroticismo, adicionou, mais tarde o Psicoticismo (1975); a de Murray que considerou serem 20 as necessidades e motivos, suficientes para descrever de forma completa a personalidade; a de Sullivan que concebeu uma teoria interpessoal que veio a influenciar sistemas de traços importantes: o circumplexo interpessoal. Este autor defende que a maioria dos traços interpessoais podem ser dispostos, de uma forma circular, à volta de dois eixos — amor ou afiliação e poder (estatuto) ou dominância.

[21] Bouchard e McGue (1990) administraram o Inventário Psicológico da California (CPI) a 45 pares de gémeos monozigóticos adultos, criados separadamente, e a 26 pares de gémeos dizigóticos adultos, também criados separadamente. Encontraram uma solução de cinco factores mas, retrospectivamente, as medidas sobre o ambiente em que foram criados explicavam pouca variância na personalidade adulta.

Outra questão é a de saber se a origem genética dos traços implica a sua estabilidade. A resposta é que se trata de dois problemas distintos, isto é, que a hereditabilidade de um traço nada tem a ver com a sua mutabilidade, de modo que um traço com h^2 muito elevada pode ser perfeitamente mutável. Tal é a posição defendida, por exemplo, por McCrae e Costa (1992), ao afirmarem que, ao longo da adultez, os sujeitos podem ser caracterizados por uma grande variedade de traços, que independentemente da sua origem se mantêm estáveis. No entanto, Costa e McCrae têm vindo, progressivamente, ao longo da última década, a defender a base constitucional dos traços. A vitalidade da perspectiva biológica dos traços é, aliás, bem patente, particularmente, entre os psicólogos europeus (ver Strelau, 1987; Pervin, 1990; Strelau & Angleitner, 1991; Van Heck, 1991).

O estudo dos determinantes genéticos dos traços é, assim, uma das tendências de investigação actual, neste domínio, paralelamente à abordagem do **construtivismo social**. Esta, explorada na terceira linha de investigação referida por Krahé (1992), foca a importância dos traços para comunicar impressões sobre a personalidade, salienta o significado que os mesmos têm para os membros de uma comunidade cultural e explica como as características pessoais do sujeito são interpretadas e percebidas pelo observador.

A perspectiva do construtivismo social, considerando que se tem colocado demasiada ênfase no sujeito observado e avaliado, em detrimento da linguagem e do sujeito que observa, defende que "as inferências sobre a personalidade são produto de processos mediatizados social e culturalmente por um observador (picólogo ou homem comum), que aplica um sistema de significados partilhados (nomeadamente a linguagem) à categorização e interpretação de dados comportamentais" (Krahé, 1992, p.67). Buss, por exemplo, vê os cinco factores como sendo categorias de juízo social, que correspondem às questões adaptativas mais importantes que os humanos têm necessidade de resolver, acerca de com quem vão interagir (ver também Goldberg, 1981). Nesta perspectiva, os cinco factores são o sumário dos aspectos mais importantes da "paisagem adaptativa" (*adaptative landscape*) de uma pessoa, a serem, possivelmente, relacionados, com dimensões de significado evolutivo. Jones e Nisbett (1971), por exemplo, perante a questão de saber se os traços são reais ou apenas uma ficção estatística, defendem que se trata de uma forma de consistência lida pelos observadores. Outros (argumento que deriva da *"labeling theory"* de Scheff, 1966; Jones *et al.*, 1971) consideram os traços como conceitos construídos (por aquele que os está a perceber) e não algo que reside no actor, ou seja, os traços da personalidade são mais bem compreendidos enquanto juízos de valor, colocados no actor, em vez de propriedades dos sujeitos. Herringer e Haws (1990) vão um pouco mais longe, ao defenderem que os avaliadores distorcem a informação, quando fazem a sua avaliação e a dos outros. Por sua vez, Nisbett e colaboradores (1973) mostraram que as pes-

soas explicam o **seu** comportamento em termos de condicionalismos sociais e o dos **outros** em termos de traços. Efectivamente, a teoria da percepção social sugere que as descrições da personalidade são apenas percepções, atribuições, suposições acerca dos outros. Todavia, existe quem considere estes resultados como duvidosos. Nomeadamente, Hogan e colaboradores (1977) comentam que ainda existe pouca evidência empírica para o facto de os conceitos-traços serem interpretados, exclusivamente, de uma perspectiva atribuicional.

Depois de termos apontado as razões para estudar os traços, os seus antecedentes históricos, as linhas de investigação contemporâneas e referido o que se entende por teorias dos traços, vamos analisar, mais em pormenor, este constructo (definição, origem, características e formas de avaliação). O conceito de traço está estreitamente relacionado ao de **constância**. Efectivamente, a noção de disposição (Stern) e, posteriormente, de traço (Allport) refere-se a "propriedades inferidas" e duradouras dos sujeitos, propriedades que nos levam a esperar determinados tipos de comportamentos e não outros (Guilford, 1959, p.83). Por conseguinte, a constância, observada nas formas de conduta, seria "uma pista segura conducente à determinação das características ou disposições significativas da personalidade" (Abrunhosa & Leitão, 1980, p.238).

Para Eysenck (1985, p.12), "o conceito de traço está intimamente relacionado com o de **correlação**". Efectivamente, a estabilidade, a consistência, e as ocorrências repetidas "referem-se a correlações entre testes, pessoas, ou mesmo a correlações entre diferentes ocasiões de medição na mesma pessoa" (Eysenck, 1985, p.12). Os traços, segundo o autor, estão, também, habitualmente relacionados entre si, dando lugar aos tipos. Podemos assim definir 'tipo' como um grupo de traços correlacionados, da mesma forma que os 'traços' são um grupo de comportamentos ou tendências de actos relacionados entre si.

Mais recentemente, McCrae e Costa (1992, p.23) definem os traços como "**dimensões** das diferenças individuais, com tendência a mostrar padrões consistentes de pensamentos, sentimentos e acções". Querem os autores sublinhar que se trata de contínuos, ao longo das quais se podem posicionar os indivíduos, e não de características polarmente opostas, que as pessoas possuiriam ou não. Estes padrões de consistência, representados nos traços, são possíveis de observar, através do tempo e das diferentes situações. Se, por exemplo, um sujeito está hoje ansioso e amanhã calmo, atribuímos estas disposições à situação. Só quando a emoção, atitude, ou estilo de relação persistem, apesar das mudanças circunstanciais, é que inferimos que estamos em presença de um traço. Assim é que a fidelidade teste-reteste é elevada, quando uma medida de traço é aplicada em ocasiões diferentes. Nesta perspectiva a mudança na personalidade significa que a consistência de um determinado padrão é substituído por um outro.

Os traços diferem pela sua função na linguagem, pelo seu papel na descrição do comportamento de certos actores e pelo seu significado social e teórico. Recentemente, os investigadores têm valorizado, sobretudo, os de natureza nomotética, generalizáveis a múltiplos indivíduos, enquanto, a definição de Allport (1937) acentuava os de carácter idiográfico e intra-individual. As divergências entre as teorias dos traços encontram-se, no entanto, não na definição, mas, sobretudo, na organização dos mesmos.

Ultrapassadas as críticas feitas por Mischel (1968) à consistência do comportamento através das situações, à validade das medidas de traços (Fiske, 1974), e à realidade dos traços em si (Shweder, 1975), segundo McCrae e Costa (1992), "existe, nos últimos anos, evidência de um progresso real em direcção ao consenso", no que diz respeito a quantos e quais sejam os traços da personalidade. Os autores atrás referidos defendem, como veremos nos próximos capítulos, a existência de cinco grandes factores englobantes dos demais traços da personalidade.

Resumindo e explorando o que foi dito, podemos caracterizar os traços como sendo:

– **Tendências.** Os traços são tendências, já que não são determinantes absolutos do comportamento, mas apenas disposições que, a par de muitos outros factores (*e.g.*, o papel social, a situação, o humor), influenciam a reacção das pessoas a uma determinada situação (*e.g.*, até uma pessoa muito calma fica ansiosa à espera de um exame)[22].

– **Dimensões.** Visto as pessoas poderem ser ordenadas, segundo o grau em que apresentam os traços, estes são **dimensões das diferenças individuais**. Grande parte dos traços são, por conseguinte, passíveis de ser representados por uma escala, num ponto da qual podemos situar uma pessoa[23]. Consequentemente, os traços encontram-se em todas as pessoas, variando, segundo o grau em que se manifestam, e tendo uma distribuição que se aproxima da curva normal. Assim, quanto maior for a pontuação num traço, maior a tendência do sujeito a mostrar o comportamento em causa. As inferências sobre a posição do sujeito num determinado traço podem ser retiradas dos vários aspectos dos indicadores do mesmo, como o número destes que apresentam a mesma qualidade e a frequência e a in-

---

[22] Este facto é óbvio para autores como McCrae e Costa (1992), que comentam que muitos investigadores ficaram perturbados (*e.g.*, Mischel, 1968) pela pouca influência das disposições (traços da personalidade), no comportamento actual — estariam associados apenas a 5 a 10% das diferenças individuais, no comportamento. Contudo, este facto só é problema para quem espera que um teste diga, exactamente, como a pessoa vai reagir numa situação particular. Por outro lado, enquanto a personalidade, segundo os autores que temos vindo a referir, é constante ao longo de praticamente toda a vida — resultando em grandes efeitos cumulativos — os papéis, humores e situações são instáveis.

[23] Caracterizar, como exemplo, a indiferença, como uma dimensão das diferenças individuais, significa que as pessoas podem ser ordenadas, segundo o grau no qual revelam este traço.

tensidade da sua ocorrência. Por outro lado, a posição de uma pessoa num traço não é um valor fixo, mas apresenta certas flutuações. Por último, existe, possivelmente, maior instabilidade nalguns traços do que noutros e, numas pessoas mais do que noutras.

— **Gerais.** Os traços são disposições gerais e, como tais, encontram expressão numa variedade de actos específicos. Por conseguinte, diferenciam-se de comportamentos aprendidos, como os hábitos, que são condutas repetitivas e mecânicas, de que fumar, conduzir depressa, e dizer 'pá' em cada frase são exemplos.

— **Padrões consistentes.** Os traços podem ser observados, ao longo do tempo e através das situações. As investigações longitudinais indicam que os traços apresentam consistência e estabilidade, ao longo do tempo, e têm mostrado uma boa predictibilidade[24] do comportamento, a longo prazo[25]. Efectivamente, revelam-se válidos, quando se trata de prever comportamentos em diversos contextos, como na educação e no trabalho. Em contraste com o paradigma da resposta única e da situação-única (que defende que cada situação é específica e irrepetível, bem como as respostas a cada uma delas), defendido por Bandura e Mischel e outros proponentes da especificidade do comportamento, o modelo, preconizado pelos teóricos dos traços, tem em consideração que a *performance*, no decorrer de um longo período, é função complexa de muitos *inputs*. Efectivamente, o facto de alguém falar à vontade com uma pessoa tem pouco valor preditivo do seu êxito nas situações sociais. Mas se ele fala à vontade com muitos estranhos e com muitos grupos, se tem sucesso em muitas tarefas relacionais, tal probabilidade aumentará rapidamente. Assim, as medidas de traços são um dispositivo estatístico conveniente para predizer as probabilidades de ocorrência de um comportamento, ao longo de uma variedade de situações. Compreende-se, deste modo, que a noção de *consistência*[26] tenha sido crucial na definição do conceito de personalidade (e da psicologia da personalidade em relação aos outros domínios).

— **Inferidos.** Podemos dizer que os traços são inferidos, na medida em que o comportamento (o que a pessoa faz, como o faz, e com que qualidade) é observado, enquanto os traços são identificados, a partir de referentes comportamentais[27].

---

[24] Recentemente, Tice (1989), para aumentar a predictibilidade do comportamento, propõe o conceito de metatraço. Este refere-se à noção de Allport de se saber se um traço se aplica ou não a um sujeito. Consequentemente, pode prever-se que os sujeitos que têm determinado traço terão tendência a utilizar determinado leque de comportamentos, por oposição a quem não o tem.

[25] Por exemplo, Harrell (1972) seguiu várias centenas de homens, ao longo de 10 anos, concluindo que o seu estatuto socio-económico era predizível, a partir da escala de ascendência, do Inventário de Guilford-Zimmerman.

[26] Uma revisão recente da literatura indica que, hoje em dia, nenhum investigador defende uma consistência absoluta dos traços.

[27] Segundo Guilford (1987), chega-se à noção de traço e à sua designação, através de uma sequência de passos. No primeiro, observa-se que as pessoas dife-

— **Estilos** emocionais, interpessoais, experienciais, atitudinais e motivacionais. Embora existam muitos tipos de traços (*e.g.*, físicos[28], sociais), e diversos autores os tenham classificado em diferentes agrupamentos (*e.g.*, Cattell considera que os traços podem ser únicos ou comuns, dinâmicos ou temperamentais) os traços de personalidade referem-se, segundo Costa e McCrae (1992), aos referidos estilos.

— **Hierarquizados**. Os traços também são, para muitos teóricos (Costa & McCrae, 1995), hierarquizados, o que possibilita que o comportamento das pessoas seja descrito a níveis diferentes de abstracção. A este propósito, John e colaboradores (1991) mostraram que existe preferência da parte dos investigadores por um determinado nível de descrição da personalidade, e essa preferência depende do sujeito a ser avaliado (*e.g.*, familiaridade), do contexto e da tarefa em causa.

— **Disposições cognitivo-dinâmicas**. Para Stagner (1977), o mais importante pressuposto da teoria dos traços é que as unidades funcionais da personalidade — os traços — são disposições cognitivo-dinâmicas gerais. Os traços guiam/dirigem o comportamento de muitas formas: informam sobre as situações consideradas atraentes e, consequentemente, determinam em quais delas nos envolvemos voluntariamente; sobre o estilo de comportamento mais provável que o sujeito exibirá numa dada situação (o seu modo preferido de acção nessa situação); determinam o que será compreendido como reforçador numa circunstância particular, ou seja, como ela vai ser percebida. Neste último sentido, os traços funcionarão como mecanismos auto-reguladores que se auto-sustêm, revelando-se preditores dos comportamentos mesmo sob forte pressão situacional.

Estreitamente relacionada com a sua definição, relevância e constância, encontra-se a questão de como **medir** e **avaliar** os traços, à qual os autores têm dedicado bastante atenção. Esta avaliação tem-se feito, sobretudo, recorrendo aos questionários, mas outras alternativas têm sido experimentadas pelos investigadores, nomeadamente, a análise do comportamento, as escalas de adjectivos, as classificações Q (*cf.* cap. 2), a co-ocor-

---

rem num determinado comportamento e que exibem qualidades, nas suas *performances*, que podem ser manifestas em graus diferentes. Estas qualidades do comportamento são descritas, através do uso de advérbios (descrição adverbial). Assim, dizemos que uma pessoa agiu cautelosamente, rapidamente... Num segundo momento, aplica-se a qualidade ao indivíduo, que executou a acção (descrição adjectiva). Dizemos então que uma pessoa é cautelosa, rápida... A qualidade foi transferida da acção para o actor, e da transitoriedade da acção, passamos a uma descrição com um cariz de permanência. Sendo assim, tendemos a aceitar uma descrição que se aplica à maioria dos actos do sujeito. Consequentemente, depois de concluir que determinada qualidade descreve o comportamento de uma pessoa, referimo-nos a ela como sendo uma coisa, e damos-lhe a forma de um pronome (descrição substantiva) e dizemos que ela tem o traço da prudência (cautela) e da rapidez...

[28] O estudo de Borkenau e Lieber (1991) indica que existem relações entre os atributos físicos e os traços da personalidade (e particularmente no caso da Extroversão), e que os sujeitos têm uma certa percepção deste facto.

rência de avaliação de traços, a similitude semântica, e a tipicidade dos traços (estas abordagens serão explicadas no capítulo dedicado ao modelo dos cinco factores).

Na avaliação dos traços, têm-se também utilizado as modalidades de auto e hetero-avaliação. Ora, estas nem sempre são coincidentes (Guilford, 1959). Porém, os estudos mais recentes encontram correlações da ordem de .25 a .62 entre as auto e a hetero-avaliações[29] (McCrae & Costa, 1987).

Em suma, no que concerne à avaliação dos traços, os autores têm reafirmado a validade da utilização dos questionários e insistido, paralelamente, na conveniência em recorrer à multiplicidade de abordagens, no estudo da personalidade (Pervin, 1990).

Os traços têm sido contestados ao longo dos anos, tendo o auge das críticas sido atingido, nos anos 60 e 70, como já foi referido. Todavia, já em 1977, Hogan e colaboradores, consideravam que os críticos dos traços utilizam, tipicamente, o termo de forma inadequada, o que torna as suas alegações difíceis de avaliar. Por exemplo, muitos deles (*e.g.*, Mischel, 1968) assumem, segundo Hogan e colaboradores (1977), que os traços são estruturas psíquicas e neurológicas duradouras, localizadas algures na mente ou no sistema nervoso. Embora este seja o pressuposto de Allport (1937) e de Cattell (1946), tal não se aplicava a muitos dos investigadores de então e, igualmente, de hoje.

As principais críticas[30] ao conceito podem resumir-se, deste modo:

— a ligação remota dos traços a uma definição operacional[31];

— a fidelidade duvidosa das medidas de avaliação dos traços;

— a falta de validade preditiva dessas mesmas medidas;

— a complexidade da personalidade, o que desaconselharia a sua restrição ao estudo dos traços;

— a superficialidade respeitante ao nível de análise proposto pela abordagem dos traços;

— o facto da investigação sobre a personalidade ser demasiado confusa e caótica;

— o facto de a principal técnica analítica da estrutura dos traços da personalidade (análise factorial) ser demasiado restritiva matematicamente de molde a captar a riqueza da personalidade ou, então, envolver demasiados juízos subjectivos, de forma a dar resultados significativos;

---

[29] As correlações entre a auto e a hetero-avaliação tendem a aumentar tanto mais, quanto melhor o avaliador conhecer o sujeito. É necessária apenas uma informação mínima para que os juízes forneçam uma avaliação dos sujeitos-alvos mais válida do que os meros juízos aleatórios.

[30] Grande parte destas críticas, segundo Stagner (1977) carecem de sentido.

[31] Esta critica é formulada também por Bandura (1965, p.5) que afirma que "no processo de avaliação dos dados comportamentais estes acabam por ser convertidos em constructos dinâmicos ou de traço que estão bem distantes dos sentimentos actuais e das acções dos sujeitos avaliados".

— o facto de não serem conceitos explicativos (são explicações circulares, como pode ser observado na tentativa de explicar o comportamento agressivo apelando ao traço da agressividade);

— o facto de se enquadrarem numa epistemologia antiquada.

McCrae e Costa (1995, pp.231-232) agruparam as contestações repetidas à psicologia dos traços em dois tipos de críticas: as "críticas empíricas (Hartshorn & May, 1928; Mischel, 1968) que têm denunciado que os dados não apoiaram a utilidade dos traços; as críticas filosóficas (*e.g.*, Hampshire, 1953), que sugeriram que os traço são logicamente incapazes de proporcionar explicações verdadeiramente científicas e podem apenas servir como descrições sumárias do comportamento". Estas objecções desmotivaram muitos investigadores. Todavia, grandes progressos foram feitos, segundo os autores supracitados, na refutação das críticas empíricas, sobretudo com o advento das matrizes multimétodo multitraço. Porém, as questões conceptuais têm reaparecido na literatura (Pervin, 1994), incluindo a de que os traços são meras descrições. Em face desta situação, McCrae e Costa (1995) propõem aquilo que designaram por um 'modelo geral da pessoa', em que os traços da personalidade são constructos hipotéticos, concebidos como disposições básicas. Interagindo com as influências externas (como os sistemas de significado partilhado), os traços contribuem **causalmente** para o desenvolvimento de hábitos, atitudes, aptidões, e outras 'adaptações características' (*cf.* cap. 2). Neste modelo, a acção e a experiência podem ser explicadas directamente, em termos da interacção da situação imediata com as 'adaptações características' do indivíduo, ou indirectamente em termos dos traços de personalidade subjacentes. As ideias principais sobre os traços, presentes no modelo, podem ser sumariadas nas proposições seguintes, inspiradas em Loevinger (1957), Tellegen (1991) e Costa e McCrae (1995, onde estes conceitos são desenvolvidos em pormenor):

• Os traços de personalidade não são formas sumárias de descrever o comportamento, mas disposições inferidas a partir (e que predizem, dão conta) de padrões de pensamentos, sentimentos e acções.

• A evidência científica da existência de traços é fornecida (em parte), a partir de estudos que mostram que estas dimensões apresentam padrões de covariância, ao longo do tempo e com populações diferentes. Estes resultados não podem, por outro lado, ser explicados, através da aprendizagem e das influências culturais.

• Os padrões de covariação fornecem explicações não-circulares, porque a observação de alguns comportamentos permite a predição de outros não-observados.

• Os constructos psicológicos (os traços) dão coerência aos padrões covariantes de pensamentos, sentimentos e acções.

• As explicações dos traços não são, em si, mecanicistas.

• A partir da avaliação de um sujeito, num determinado traço, pode invocar-se este, para explicar o comportamento desse indivíduo.

• Embora os traços sejam constructos psicológicos hipotéticos têm, presumivelmente, uma base biológica.

• Ao longo do tempo, os traços interagem com o ambiente, de forma a produzir adaptações características, culturalmente condicionadas, e significativas (tais como as atitudes, os motivos e as relações).

• Os comportamentos específicos ocorrem, quando estas adaptações características interagem com a situação imediata. Os traços são, por conseguinte, causas indirectas ou distantes do comportamento.

Watson e colaboradores (1994, p.19) opinam que a literatura existente sobre este assunto já estabeleceu que os traços da personalidade podem ser medidos de forma fiel; são estáveis ao longo do tempo; podem ser consensualmente validados; não são artefactos linguísticos ou estereótipos; nem fruto da discussão entre observadores, ou da consistência entre situações; dão conta de uma parte considerável da variância atitudinal e comportamental; surgem da influência conjunta de causas genéticas e ambientais; e, finalmente, estão relacionados com variáveis importantes para a vida dos indivíduos. Estes pontos de vista são sumariados por Krahé (1992), ao defender que não existe psicologia da personalidade sem um conceito de traço, e é sustentada por um crescente volume de investigações que apontam no sentido da sua utilidade como **constructos analíticos no estudo da personalidade.**

◇

Em conclusão, os traços, apesar da sua vida longa e conturbada, continuam a ser um constructo importante para a psicologia da personalidade dos anos 90.

1.3. A avaliação da personalidade

> "Somos seres en tránsito y los aeropuertos constituyen, sin duda, una metáfora apropriada de los tiempos post-modernos que vivimos — un punto transitoriamente de llegada y un espacio privilegiado de partida en varias direcciones" (Gonçalves, 1990, p.45).

Vimos, numa das secções precedentes, que existem muitas definições do conceito de personalidade e que estas se enquadram em diferentes níveis de análise. Não é, pois, de espantar que sejam, também, diversas e polémicas as formas de a avaliar. Rorer (1990, p.693), ao analisar este domínio, começa por afirmar: "o problema com a avaliação da personalidade é que há pouco acordo em relação àquilo que está a ser avaliado e muito menos em relação à forma de o fazer" (*"The problem with personality assessment is that there is little agreement as to what one is assessing, much less how to assess it"*). São, efectivamente, inúmeras as dificuldades encontradas na avaliação da personalidade, na adultez. Segundo Simões (1989), destacam-se, entre elas: os problemas relacionados com a definição de personalidade; com o que se entende por mudança e como medi-la; com os traços e constructos de personalidade, considerados pelos autores; com a diversidade de medidas utilizadas; com a restrição das amostras analisadas; com o recurso a instrumentos de medida de validade e de fidelidade duvidosa, para avaliar a personalidade, na idade adulta; e com o uso de planos de investigação impróprios para estudar efeitos como a idade, a coorte e o tempo de medição.

Contudo, pesem embora as dificuldades na **avaliação** da personalidade (Anastasi, 1961), ela tem relação com as teorias da personalidade e tem sido levada a cabo, de múltiplas maneiras. Através, por exemplo, da abordagem idiográfica[32] e da abordagem nomotética, recorrendo aos questionários ou à observação[33].

---

[32] Foi Windelband (1894) que desenvolveu as noções de nomotético e idiográfico. O nomotético está associado à formulação de leis gerais (explicação), ao passo que o idiográfico se relaciona com factos individuais (compreensão). O método idiográfico, pressupondo a unicidade e especificidade do sujeito, em caso limite, significa que nenhuma generalização ou predição tem sentido.

[33] Como uma possível alternativa aos testes de personalidade, surge-nos a observação. Esta, embora possa ser menos 'importuna' *(intrusive)* é, na prática, muito morosa, dispendiosa e levanta dúvidas sobre se o comportamento manifesto corresponde ao comportamento latente.

Se bem que haja quem advogue que nalgumas áreas, como a da felicidade, parece ser melhor perguntar ao sujeito a sua opinião, as posições dos teóricos, a este respeito, não são coincidentes. Efectivamente, os comportamentalistas consi-

Segundo Rorer (1990), os psicólogos de alguns anos atrás estavam, no entanto, bastante mais de acordo, em relação à avaliação da personalidade. Ainda hoje, muitos deles, continuam a utilizar aquilo que este autor designa por 'modelo tradicional de avaliação da personalidade'. Esta avaliação inclui, geralmente, uma anamnese, um teste projectivo, um teste objectivo de psicopatologia, um inventário de personalidade, uma medida de funcionamento intelectual, e uma entrevista focalizada na problemática do cliente. As informações recolhidas eram então base para a elaboração do diagnóstico.

O modelo tradicional de avaliação[34] foi, no entanto, muito criticado, sobretudo pelos comportamentalistas e pelos cognitivistas. Rorer (1990, p.717) adverte que "já que todas as formas de avaliação da personalidade pressupõem, e estão enquadradas numa filosofia da ciência, as mudanças no *Zeitgeist* filosófico influenciaram fortemente a avaliação da personalidade". Em particular, as transformações epistemológicas (a referir, no último capítulo desta primeira parte) levaram a grandes modificações na área da avaliação. O positivismo marcou a psicologia durante praticamente todo este século. Ora, foi o postulado da realidade externa como referência fundamental, que o cognitivismo desafiou. O marco da primeira revolução cognitiva, segundo Gonçalves (1990, p.45), é o de que "independentemente das constrições externas, os seres vivos criam realidades internas particulares e idiossincráticas". A segunda revolução cognitivista – o construtivismo – centra-se na procura, e construção, de sentido(s) para a realidade. Gonçalves (1990, p.46) considera que os postulados subjacentes à versão narrativa do construtivismo são: "a existência como conhecimento; o conhecimento como hermenêutica; a hermenêutica como discurso narrativo e o discurso narrativo como cultura". Rorer (1990, p.717), nesta linha de ideias, aponta que: "um número crescente de investigadores acredita que o significado que o indivíduo atribui aos objectos e às situações pode ser compreendido e explicado apenas no contexto da vida dessa pessoa, e que a metodologia apropriada para o estudo das vidas é a análise das narrativas ou hermenêutica". Embora, para esta perspectiva e contrariamente ao objectivismo e à rigidez, explicações alternativas sejam possíveis, isso não significa que tudo, na prática, seja possível ou viável.

Rorer (1990) defende também que é preciso distinguir entre a investigação acerca das diferenças individuais e a investigação sobre a teoria da

---

deram a observação um meio aceitável, enquanto os psicanalistas objectam, em relação à sua utilização, em função das defesas inconscientes do sujeito ou da tendência a apresentar uma imagem socialmente desejável. Finalmente, os psicólogos sociais consideram que o que conta, fundamentalmente, é a percepção do comportamento pelos outros significativos.

[34] Rorer (1990) opina que, recentemente, três áreas de investigação levaram à mudança e ao desenvolvimento do modelo tradicional. São elas: o aperfeiçoamento teórico da construção dos inventários; o esforço para definir uma taxinomia de adjectivos descritivos (traços); e uma nova forma de construção de indicadores de diagnóstico.

personalidade, já que a estrutura das diferenças individuais não é a mesma que estrutura da personalidade individual (porque, a primeira, inclui componentes da variância de toda a população). Grande parte daquilo que está incluído na avaliação tradicional da personalidade seria, então, avaliação das diferenças individuais. Assim, muitos dos métodos de análise para identificar diferenças individuais não são os mesmos que deveriam utilizar-se para desenvolver uma teoria da personalidade. Ainda, segundo Rorer (1990, p.718), "até agora, os esforços que têm sido feitos visavam reconciliar duas abordagens – adaptar os métodos que estudam as diferenças individuais a métodos idiográficos, através de procedimentos idiotéticos[35]". No entanto, a perspectiva inovadora de considerar que os procedimentos tradicionais de avaliação da personalidade são adequados para o estudo das diferenças individuais, enquanto que os métodos comportamentais, cognitivos, hermenêuticos e fenomenológicos são apropriados para abordar aspectos teóricos da personalidade pode ajudar, no entender de Rorer (1990), a reduzir muita da tensão a este nível.

Na avaliação das diferenças individuais, os questionários e testes de personalidade, enquanto conjunto de estímulos, ao qual o sujeito deve responder, escolhendo dentre um número limitado de opções estruturadas de resposta, são, a técnica mais utilizada. Os questionários são, também, possível e paradoxalmente, uma das técnicas mais criticadas na avaliação da personalidade tradicional.

A primeira utilização dos questionários, como forma de avaliar a personalidade, remonta a muitos anos atrás. Cook (1984), ao falar do estudo das diferenças individuais, conta a interessante história, que apresentamos de seguida, do primeiro relato da utilização de testes de personalidade.

> Nos tempos do Velho Testamento, os Israelitas estavam a planear uma guerra com os Medianitas. Gedeão era o comandante do exército israelita e tinha um problema pouco comum — demasiados voluntários. Ele queria diminuir este número, mas não aleatoriamente, visto desejar reter os homens experientes e corajosos. Então, usou dois testes para distinguir os bons dos maus soldados. Primeiro, disse aos voluntários como a guerra era perigosa e como era grande o risco de morte. Daí resultou que cerca de dois terços dos voluntários mudaram de ideia e foram-se embora. Mas Deus disse a Gedeão que os voluntários eram ainda demasiados. Assim, Gedeão disse aos voluntários para beberem água do regato mais próximo. Aqueles que beberam, levando a mão cheia à boca, passaram no teste e aqueles que se ajoelharam para beber directamente falharam, porque soldados experientes devem estar todo o tempo atentos ao inimigo, mesmo quando estiverem a saciar a sua sede.

---

[35] Uma medida idiotética é aquela que se referencia a um padrão e não a uma população.

Gedeão utilizou primeiro um questionário de personalidade e, depois, um teste situacional. Nenhum era muito bom, segundo os padrões modernos. Porque ambos são testes de um só item – uma pergunta ("Tem medo de combater na guerra?") e uma observação da aptidão em meio natural (estar alerta, enquanto bebe). Os métodos modernos são muito mais sofisticados, mas mantêm esta distinção entre questionário de personalidade e teste situacional. O teste de personalidade de Gedeão é a primeira medida de que se tem conhecimento daquilo que, hoje, os psicólogos designam por neuroticismo ou ansiedade-traço.

Embora, para muitos autores, os questionários sejam a melhor maneira de medir a personalidade, para outros, apresentam muitas limitações, como a possibilidade de falsificação dos resultados[36]. Hogan e colaboradores (1977) identificaram cinco factores explicativos do cepticismo, no que diz respeito à utilização dos testes da personalidade, por parte da psicologia clínica, social e da personalidade:

O primeiro relaciona-se com o facto do 'conceito de traço', ao ser amplamente criticado, colocar também em causa os questionários e testes elaborados para os avaliar[37].

Em segundo lugar, muitos críticos atacam os testes, porque defendem que o comportamento é amplamente função dos constrangimentos sociais[38].

Em terceiro lugar, porque o entusiasmo pela investigação experimental tende a minimizar a importância das diferenças individuais e os testes utilizados para as avaliar.

Em quarto lugar, porque algumas terapias (*e.g.*, de tipo comportamental) têm encorajado a perspectiva de que os testes são irrelevantes como auxiliares terapêuticos.

Finalmente, porque a facilidade de recolher dados, através dos testes, leva, por vezes, a investigações apressadas e sem reflexão.

Apesar das limitações, a avaliação da personalidade, através dos questionários, continua a ser um empreendimento científico e intelectual defensável, sobretudo no estudo das diferenças individuais. Muito embora

---

[36] Existem ao dispor, vários métodos de detectar a falsificação: os testes projectivos (que tentam ver para além da 'fachada'), as escalas validadas para avaliar e detectar a mentira e a falsificação e a avaliação por informantes (um ou mais) com um conhecimento profundo do sujeito.

[37] Alguns autores dizem, taxativamente, que nem todos os testes medem os traços (*e.g.*, Gough, 1969, em relação ao Inventário de Personalidade de California), posição que é contrariada por McCrae e Costa (1992, p.18), quando afirmam que "todas as medidas de personalidade, seja qual for a sua origem teórica, são medidas de traços".

[38] Esta perspectiva radical, nascida da valorização das variáveis situacionais e de aprendizagem, já era considerada como sendo pouco defensável, nos anos 70, por autores como Bowers (1973) e Watchel (1973) (citado em Dollinger, *sd.*), quanto mais nos meados dos anos 90, em que um diálogo construtivo se estabeleceu, ao nível da dicotomia pessoa/situação.

os questionários nos dêem uma avaliação da personalidade a um nível relativamente superficial, o que os investigadores pretendem é identificar os factores centrais indicados pelos resultados, a partir dos quais vão conceptualizar as diferenças individuais. Para tal, o método mais utilizado tem sido a análise factorial, que determina o que um conjunto de variáveis têm em comum. O objectivo é explicar a maior porção possível da variância, com um número mínimo de factores e, depois, verificar uma convergência entre a classificação empírica e a conceptual.

O Inventário da Personalidade NEO-PI-R, objecto desta dissertação, que operacionaliza o modelo dos cinco factores, exemplifica, como veremos no capítulo a ele dedicado, o carácter hermenêutico, criativo e de auxiliar de investigação dos questionários, visto possibilitar, entre outras virtualidades, a comparação de grupos culturais e etários, de outros inventários, de conceitos e de teorias diferentes.

◇

A tendência teórica no estudo da personalidade nos anos 90, ao realçar a complexidade da mesma, vai no sentido de defender o pluralismo conceptual e metodológico (Pervin, 1990). Deste modo, nomeadamente, os testes, e dentro dos limites que lhes são próprios, podem dar uma contribuição importante para o efeito, em paralelo com outras abordagens complementares, e até, por vezes, mais fundamentais. A posição de McCrae e Costa (1992) vai nesta linha, ao defenderem, embora num sentido mais restritivo, que, como qualquer método acarreta erros, a melhor decisão é empregar vários[39], que podem, mais facilmente, dar uma aproximação razoável à realidade.

---

[39] Estes autores defendem que os resultados de um corpo crescente de estudos, utilizando vários métodos, confluem nas mesmas conclusões — ou seja, que existem cinco factores da personalidade.

1.4. As tendências da Psicologia da personalidade nos anos 90

> "Uma personalidade estável é necessária para desenvolver o sentido da identidade, mas o potencial para o crescimento é o distintivo da humanidade" (*"A stable personality is necessary to develop a sense of identity, but the potential for growth is the hallmark of humanity"*; Wrightsman, 1988, p. 150)".

Para muitos dos autores, por nós revistos, os anos 90 representam um ponto de viragem no estudo da personalidade, um momento revitalizador, um 'resperspectivar' de antigos conceitos e uma abertura a novas propostas e relações entre diferentes áreas. Buss e Cantor (1989), por exemplo, pensam que as "disciplinas científicas atingem, a certa altura, fases críticas no seu desenvolvimento – pontos de partida que podem alterar radicalmente o seu curso subsequente. Acreditamos que o campo da psicologia da personalidade atingiu uma tal fase"[40]. Efectivamente, na nossa opinião, muito perto da viragem do século, as dicotomias e crenças surdas que têm, a nível teórico, 'povoado' o território da psicologia da personalidade, não têm qualquer sentido, não apenas porque estejam fora de moda (como é bem patente na análise que Cabrita, em 1996, faz sobre a revolução Pop), mas porque, como afirma muito bem Werner Heisenberg (citado em Capra, 1989), "na história do pensamento humano, os desenvolvimentos mais fecundos ocorrem, de um modo geral, quando duas correntes completamente distintas se encontram". Na mesma direcção aponta Pervin (1990), na conclusão da sua excelente compilação *"Handbook of Personality"*, quando opina que esta área se caracteriza pela **complexidade do funcionamento da personalidade, pela diversidade, pluralismo, e alargamento de horizontes.**

Consequentemente, embora árdua, a tarefa de fazer uma sistematização e uma síntese sobre o estado actual e as tendências de estudo da psicologia da personalidade, nos anos 90, é, também, necessária, para podermos enquadrar o modelo dos cinco factores no panorama actual da investigação sobre a personalidade. Só assim faremos jus a um dos tópicos mais relevantes do conhecimento científico contemporâneo – a contextualização. Por outro lado, pensamos que a importância do modelo dos cinco factores só tem sentido, em grande parte, quando interpretado e integrado entre as demais tendências e teorias em desenvolvimento neste domínio.

---

[40] *"Scientific disciplines sometimes reach critical junctures in their development — points of departure that can radically alter their subsequent course. We believe that the field of personality psychology has reached such a juncture"*.

Por fim, uma panorâmica do desenvolvimento actual da personalidade servirá para nos recordar que não devemos restringir os nossos horizontes teóricos, neste caso apenas ao modelo dos cinco factores, por mais interessante e rico que ele se apresente.

Neste período de tempo (fins dos anos 80 e 90), caracterizado, como já foi referido, pelo encontro e integração de perspectivas, pela exploração de novos caminhos e reinterpretação de antigos, as diferentes abordagens e leituras da personalidade parecem, com uma força acrescida, confluir no mesmo objectivo, assumindo, embora, direcções diferentes — a tentativa construtiva de compreensão e explicação do domínio e a aceitação da pluralidade e da relatividade conceptual. Inclusive, as ideias opostas são integradas, não se transformando numa luta estéril de quem apenas quer ganhar e não avançar. Quer isto dizer que, no nosso ver, o domínio está preparado para dialogar e comunicar construtivamente, para reflectir sobre si próprio (páre e pense, para fazer investigação, *"stop and think to research"*, dizia um autor desconhecido) e para se auto-reciclar.

Todavia, não nos basta, com base naquilo que já foi referido, até ao momento, concluir que a **psicologia da personalidade** é um domínio complexo — conclusão, aliás, irrelevante e banal, porque conhecida e reconhecida consensualmente por todos. É necessário dar um passo para lá desta constatação e levantar a questão de saber "o que vamos, então, fazer de seguida?". Este avanço de perspectiva foi possível, apenas porque grande parte das críticas[41] formuladas contra a avaliação e a psicologia da personalidade, ao longo deste século, já não se aplicam às investigações mais recentes deste domínio.

A pluralidade expressa, por exemplo, na multiplicidade de unidades de análise propostas para este domínio, leva a crer que o campo da personalidade parece ter recuperado inteiramente a pessoa, na sua complexidade e totalidade. Nesta perspectiva, a questão de Carlson — "onde está a pessoa na investigação sobre a personalidade" (*"Where is the person in persona-*

---

[41] A importância das disposições pessoais e dos factores situacionais levou a psicologia da personalidade a um conflito com as disciplinas psicológicas que consideram o comportamento como resposta ao contexto. Assim, há cerca de 20 anos atrás, a psicologia da personalidade sofreu uma grande crise de confiança, fruto das críticas ao conceito de traço e ao conceito de consistência do comportamento individual através do tempo e das situações (revisão histórica: Epstein & O' Brien, 1985; Phares & Lamiell, 1977; Sechrest, 1976; Fiske, 1978).

As nossas expectativas, em relação ao comportamento dos outros, são fundamentais e indispensáveis, para nos guiar nas relações interpessoais com os outros, e são expressas em etiquetas disposicionais. Se designamos, por exemplo, alguém de amigável, esperamos que ela se comporte dessa maneira, com um certo grau de consistência. Mas a previsibilidade do comportamento com base nas disposições pessoais tem os seus limites, materializados nos diferentes aspectos das situações em que a personalidade se expressa. Assim, o estudo da personalidade tem lugar num mundo social, que coloca os seus limites às manifestações únicas e duradouras.

lity research?"; 1971) — já não teria sentido, e poderíamos mesmo falar de 'personologia', na perspectiva da existência de uma enorme quantidade de actividade científica, destinada a investigar as diferentes facetas dessa pessoa complexa e total. No entanto, como referiu Pervin (1990), é claro que não existe um paradigma único e não é muito evidente que estejamos a construir a base para um conhecimento cumulativo. Em conclusão, embora o número de unidades de análise associadas com novas abordagens tenha progressivamente aumentado, ainda falta uma longa estrada a percorrer no que concerne ao desenvolvimento de uma teoria compreensiva da personalidade (*cf.*, Palenzuela & Barros, 1993).

Vamos começar por referir as novas perspectivas em relação a problemas antigos, aquilo que Pervin (1990) designa por "tópicos que se mantêm", ao longo da história do estudo da personalidade, nomeadamente, as teorias dos traços e dos motivos e o interaccionismo, incluindo-se nas primeiras o modelo dos cinco factores.

Mas, se, por um lado, o domínio da psicologia evoluiu na direcção da aceitação de traços mais ou menos descontextualizados e gerais (mas que foram recontextualizados no panorama da psicologia actual, como os cinco factores) tem-se, também, orientado, vigorosamente, na direcção de unidades de análise, explicitamente contextualizadas (McAdams, 1994). Consequentemente, num segundo momento, faremos alusão às novas teorias e conceitos emergentes e, em particular, às unidades de nível médio e ao legado cognitivista. Terminaremos fazendo uma curta referência aos esforços e tendências inter e transdisciplinares observadas no domínio, assim como ao ecletismo metodológico.

A confluência de perspectivas é, aliás, segundo Krahé (1992), a tarefa principal da psicologia da personalidade. A título de exemplo, podemos referir a tentativa de compreender a relação intrincada entre estabilidade e mudança, no comportamento individual[42]. Já Lord Chestfield (1952, referido por Krahé, 1992), antecipando, o desafio actual da psicologia da personalidade, escrevia metaforicamente que "poucos são os homens de uma cor bem distinta e determinada, pelo contrário, a maioria são mestiços, de cores carregadas ou variegadas e diferem tanto em função das situações, como seda colocada sob diferentes luzes".

---

[42] É bem sabido que ninguém sente, pensa ou actua, da mesma forma, através da multiplicidade das situações encontradas, no decurso da vida. As pessoas respondem com flexibilidade aos diferentes aspectos do mundo físico e social e seria desesperante tentar prever o que cada sujeito faria numa situação particular. Mas, por outro lado, o comportamento de um sujeito não é de todo imprevisível ou orientado exclusivamente pelas forças presentes numa dada situação. A nossa experiência da relação com nós próprios e com os outros é testemunha de que há uma certa regularidade, consistência e unicidade nos nossos comportamentos, pensamentos e sentimentos.

1.4.1. Tópicos que se mantêm

Segundo Palenzuela e Barros (1993, pp.9 e ss) os três problemas ou preocupações associadas à psicologia da personalidade, ao longo da sua história, foram (os seguintes: quais os elementos ou unidades de análise a empregar no estudo da personalidade[43]? como desenvolver uma teoria compreensiva da pessoa total? como utilizar a perspectiva interaccionista no estudo da personalidade?

Apesar de uma grande variedade de unidades de análise[44] terem sido propostas no período de cinco décadas, os psicólogos da personalidade têm-se debruçado principalmente sobre duas: os traços (ou disposições[45]; Allport, 1937) e os motivos (Murray, 1938). Estas duas unidades têm continuado a ser objecto de interesse dos estudiosos da personalidade, embora, recentemente, tenham começado a ser reperspectivadas. Segundo Pervin (1990), outras unidades, para além das referidas, têm, também, dado a sua contribuição constante para a compreensão da personalidade, ao longo da sua história, nomeadamente, as resultantes da psicanálise[46] e de teorias de autores como Cattell[47].

Em relação aos **traços**, é, agora, geralmente reconhecido, que eles são unidades importantes e, segundo Krahé (1992), que são os constructos centrais a ter em consideração na análise da personalidade. As linhas de in-

---

[43] Esta questão já tinha sido referida por Allport, em 1937, como aquela que todos os investigadores da personalidade se deveriam colocar, no seu trabalho empírico e teórico. Segundo Emmons (1989), a psicologia da personalidade nunca sofreu da falta de constructos. Termos como traços, valores, motivos, objectivos (*goal*), desejos, atitudes, crenças, esquemas e necessidades são apenas uma amostra das unidades conceptuais, que têm sido empregues, na tentativa de compreender a personalidade humana.

[44] A escolha das unidades de análise a empregar tem consequências profundas para a teoria e a investigação, visto implicar uma decisão conceptual sobre 'o que' e o 'como' abordar o fenómeno da personalidade. As unidades de análise também acarretam consequências para as explicações causais. Por exemplo, os motivos implicam, pela sua própria natureza, forças causais dentro das pessoas que dinamizam, dirigem, e seleccionam o comportamento (McClelland, 1980). As unidades, definidas em termos de traços, podem ser, por seu lado, causalmente neutras, e desempenharem uma função descritiva, sem dar uma explicação sobre as consistências comportamentais observadas. A medição (diária, ou ao longo de semanas ou meses, e feita pelo próprio sujeito ou por outros) é, também, afectada pelas unidades escolhidas.

[45] Wallace (1966) distinguiu entre a abordagem "predisposição para a resposta" (*response predisposition* — traços e necessidades) e a abordagem "capacidade de resposta" (*response capability*), baseada no conceito de aptidão (*abilities*) — uma das cognições propostas por Mischel (1973, 1990).

[46] Western (Pervin, 1990, p.55) sumaria o estado actual da **psicanálise**, enquanto teoria da personalidade, concluindo que o que esta tem a oferecer ao estudo da personalidade é o *insight* de que não precisamos de estar às escuras sobre processos que não são manifestamente observáveis, e "de que, por vezes, nas sombras está o conteúdo" ("*and that in the shadows sometimes lies the substance*").

[47] Esta continua em desenvolvimento, como é ilustrado nos artigos de Cattell, da década de 90, que apresentam os novos 'avanços' da sua teoria.

vestigação actuais neste domínio, convictas da imprescindibilidade dos traços e, tentando responder às questões – quantos traços? qual a sua origem e natureza? – ambicionam refinar e consolidar a compreensão conceptual dos mesmos, de diferentes perspectivas.

De acordo com a generalidade de autores neste domínio, podemos, pois, dizer que, apesar da sua história problemática, o conceito de traço apresenta-se em muita boa forma nos anos 90. Refutadas algumas das suas principais críticas, novas avenidas têm sido rasgadas, levando a um corpo de investigação volumoso e plural (Kreitler & Kreitler[48], 1993). Estes esforços baseiam-se na convicção de que se devem reter os traços como categorias disposicionais[49], particularmente adequadas para conceptualizar as diferenças individuais no comportamento, assim como os perfis de personalidade, ao longo do tempo. Ao mesmo tempo, existe um consenso de que os traços não devem ser estudados isoladamente das situações e ambiente em que a pessoa vive e actua. Acrescentemos que as novas abordagens aos traços também proporcionam importantes conceptualizações para a sua integração teórica conjuntamente com conceitos, como os de objectivos. Tal é ilustrado por autores como Little e Emmons (ver, mais adiante, explicação mais pormenorizada sobre este assunto).

Mischel (1990, p.131), três décadas após as críticas formuladas contra os traços, corroborando a nova concepção dos mesmos, revê e discute as disposições da personalidade, comentando que o problema não é, nem nunca foi, o da existência das disposições, mas o dos pressupostos sobre a sua natureza. Consequentemente, "inferir disposições, contextualmente independentes, a partir de sinais comportamentais, como base para tentar explicar a personalidade e para predizer um comportamento individual específico, numa situação específica, tem um interesse limitado". Os dados de então, e de agora, não indicam, segundo este autor, que tais predições não são possíveis ou não são úteis, mas que, para **serem mais precisas, devem encarar com maior atenção as situações**. As variáveis psicológicas da pessoa, tais como as competências, os constructos, as expectativas, os valores subjectivos, as regras e os sistemas auto-reguladores, que mediatizam o efeito das situações sobre o comportamento, devem, também, ser tidas em consideração. Da perspectiva da pessoa que está a experienciar, segundo ainda Mischel (1990), pode ser útil utilizar variáveis como os projectos pessoais, os pensamento, os sentimentos, as intenções, os objectivos, as orientações, e outros estados internos. Cada um destes

---

[48] Estes autores (p.58) apresentam a abordagem psico-semântica (*psychosemantic*) dos traços, em que estes, são descritos como "padrões preferenciais e não preferenciais de tendências de atribuição de significado".

[49] Também é de salientar a constante referência que alguns psicólogos da personalidade (*e.g.*, Funder, 1991; Zuroff, 1986) fazem, em relação à abordagem de Allport, chegando ao ponto de Funder (1991) desenvolver uma abordagem neo-allportiana da personalidade.

constructos pode ser útil na revisão da personalidade e, na nossa perspectiva, na nova leitura sobre os traços.

No decurso da controvérsia sobre a consistência da personalidade, os situacionistas, ao sublinharem as situações objectivas que afectam todos os sujeitos mais ou menos da mesma maneira, não conseguiram reconhecer e explorar o significado psicológico subjectivo das situações como uma das principais forças do comportamento individual, impedindo a formação de uma taxinomia de situações relevantes.

Este estado de coisas começou a ser alterado, há cerca de 15 anos, com a procura da coerência do comportamento individual, através das situações. A percepção subjectiva do significado situacional tem vindo a ser sistematicamente relacionada com as regularidades comportamentais. Tem-se, também, consciência de que os sujeitos não são passivamente expostos a influências situacionais. Estão, sim, construtivamente envolvidos num processo contínuo de selecção dos contextos mais adequados para a expressão e satisfação das suas disposições pessoais e motivos. Ou seja, "reconhece-se, deste modo, que todo o comportamento humano é personalizado, *i.é.*, integrado num *Eu*, expressão de um *sujeito*, resultante da interacção contínua da *Pessoa* e do mundo" (Abreu, 1982, p. 331). Assim, a psicologia da personalidade já não estuda o que as pessoas são *per se*, mas o que são em relação a contextos particulares e situações em que se encontram ou escolheram.

Para os interaccionistas, a chave está, por conseguinte, na combinação das características individuais e desafios ambientais – "a personalidade é insuficientemente compreendida se a considerarmos um aglomerado cumulativo ou como uma síntese de 'traços' psicológicos ou de modalidades habituais ou constantes de agir, quer a síntese seja exclusivamente intra-psíquica, agregando apenas características psicológicas, quer seja somato-psíquica, juntando 'traços' psicológicos com características somáticas (como é o caso, entre outras, das tipologias de Kretschmer e de Sheldon). Esta via elementarista-associacionista, de aproximação da realidade psicológica, não é errada, mas insuficiente. Para uma compreensão mais adequada da personalidade importa partir da unidade de interacção funcional ou comportamental sujeito-mundo e não da dicotomia tradicional em que cada um dos pólos dessa unidade é tratado separadamente e, além disso, considerados ambos como radicais e opostos. Colocando-nos numa posição de análise objectiva do comportamento, organismo e mundo são indissociáveis; e, por isso, a personalidade não pode ser vista senão como constituída pela textura de relações do sujeito com as situações de vida, com o seu "mundo próprio" (*umwelt*), mundo de objectos e de pessoas, com o qual mantém um conjunto de trocas indispensáveis à actualização e desenvolvimento do repertório de respostas do organismo" (Abreu, 1982, pp. 334 – 335).

O interaccionismo foi proposto como uma das saídas da crise em

que o domínio da personalidade mergulhou depois do ataque de Mischel, à abordagem traço/disposição, sendo, posteriormente, as cognições sugeridas como unidades de análise.

Mas esta sofisticada teorização dos interaccionistas modernos está longe, segundo Krahé (1992), dos métodos utilizados para captar as interacções pessoa-situação e, mais recentemente, a aparente unanimidade (em torno do modelo dos cinco factores) dos investigadores da personalidade adiou, segundo a mesma autora (1992), a realização de determinadas tarefas, tais como:

— o desenvolvimento de métodos para estudar a interacção recíproca (da pessoa e da situação);

— o refinamento conceptual da interpretação subjectiva dos significados da situação.

Ficamos com a impressão, segundo Krahé (1992), que o entusiasmo pelo interaccionismo moderno (Magnusson, *in* Pervin, 1990), como um paradigma para o estudo da personalidade, está a empalidecer de fronte à quantidade de problemas por resolver.

E, muito embora a controvérsia traço/situação esteja ultrapassada[50] e haja um número crescente de publicações, especialmente sobre o conceito de traço, se olharmos atentamente para os diferentes significados, relacionados com estes dois conceitos, vemos que pouco progresso tem havido[51].

No que diz respeito à tarefa de análise da situação psicológica, parece que esta, segundo a autora, foi assumida pelos psicólogos sociais. Estes, de uma perspectiva cognitivo-social, exploraram a relação entre o sujeito e a situação, como um processo bidireccional: interpretação subjectiva por parte do sujeito das situações de todos os dias e o seu papel activo na escolha e modelação das situações, de acordo com objectivos e preferências pessoais.

Em conclusão, a interacção pessoa/situação permanece como temática central no estudo da personalidade, mas tem-se deslocado para a área da cognição social. A perspectiva interaccionista está a ter um grande impacto e a acumular um corpo coerente de conhecimentos no estudo do desenvolvimento da personalidade, ao longo do ciclo de vida. Que os métodos ou conclusões destas investigações venham ou não a ser canalizados para a análise transversal das interacções pessoa/situação é, na perspectiva de Krahé, decisivo para o papel da abordagem interaccionista moderna.

Os motivos, a segunda unidade de análise que se tem mantido ao longo da história da psicologia da personalidade, embora tenham sido considerados como pertencendo ao lado "*having*" da personalidade, estão pro-

---

[50] Digman (1990) cita alguns autores, que consideram que a controvérsia já terminou e que dela devemos reter algumas lições.

[51] Efectivamente, o exame das hipóteses avançadas pelos situacionistas, para explicar a consistência (atribuição, ilusão semântica, estereótipos) ainda está em debate.

fundamente relacionados com as orientações cognitivistas recentes, que realçam os objectivos, a intencionalidade e a orientação para um fim (*purposive* e *goal-directed*) do comportamento humano. Assim, muitas destas unidades de nível médio, derivadas da abordagem cognitiva e centrando-se em torno do conceito de "objectivo", são revitalizações da abordagem dos motivos. Efectivamente, a ênfase no comportamento orientado para objectivos pode ser encontrada nas abordagens tradicionais às necessidades e aos motivos, como a de Murray, e noutros contemporâneos, como Nuttin (1984). Este autor defende uma perspectiva interaccionista da motivação e presta uma atenção muito especial aos "processos pelos quais a dinâmica comportamental ou necessidades são transformadas em objectivos, projectos comportamentais e acção" (Nuttin, 1984, p.134).

Nesta secção, vimos que os traços foram um dos tópicos de estudo, com maior capacidade de sobrevivência, da história da psicologia da personalidade. Embora sujeitos a inúmeras críticas, permanecem actuais e integrados, nas novas concepções da psicologia da personalidade dos anos 90, justificando, por conseguinte, em parte, a nossa opção pelo modelo dos cinco factores. No subcapítulo seguinte faremos referência às novas teorias e conceitos emergentes, realçando a sua possível relação com os *Big Five*.

1.4.2. Novas unidades de análise e seus contextos históricos

Paralelamente aos avanços observáveis no estudo dos traços, dos motivos e das interacções, têm-se tornado proeminentes outros conceitos, de áreas relacionadas. A ênfase recente nos **objectivos**[52], **como categorias motivacionais** (Pervin, 1989b), e nas variáveis **socio-cognitivas** (Higgins, 1990; Mischel, 1990) é indicadora da tendência para suplantar as análises baseadas nos traços, por conceptualizações distintivamente **dinâmicas e orientadas para os processos.**

Nesta secção, faremos uma referência, necessariamente sumária, à panóplia de unidades emergentes no domínio da psicologia da personalidade, no final deste século. Nestes novos constructos incluem-se as unidades de nível médio e conceitos volitivos (*volitive*), motivacionais e relacionados com o *self*. Ao longo desta exposição, sublinharemos as tentativas de estabelecimento de relações entre estes conceitos e o de traço e, mais especificamente, o modelo dos cinco factores.

---

[52] A personalidade, para estas abordagens baseadas nos objectivos (*goal-based*), é vista como um conjunto de problemas, projectos, ou tarefas para as quais a acção humana é dirigida, assim como de estratégias, tácticas e actos empregues para os atingir.

Se nos centrarmos no lado *doing*[53] da psicologia da personalidade moderna, vemos que as novas tendências e perspectivas têm sublinhado os aspectos motivacionais da personalidade e as **cognições**, como determinantes do comportamento e como unidade de análise. Ora, já nos anos 70, embora não especificamente no domínio da personalidade, modelos comportamentais, tais como a *reasoned action theory* de Fishbein e Ajzen (1975), a teoria da orientação cognitiva de Kreitler e Kreitler (1975) e a teoria cognitivo-social de Bandura (1977, 1986), começaram a dar importância aos referidos aspectos. Durante os anos 80 (já no contexto do estudo da personalidade), uma série de perspectivas, preconizando as chamadas **unidades de nível médio** (*middle-level units*), surgiram unidas em torno do conceito de **meta** e de **fim** (*goal*) (Buss & Cantor, 1989; Cantor & Zirkel, 1990). Por exemplo, Cantor e Zirkel (1990), salientando a importância dos objectivos (*purposes*) e da cultura, no estudo da personalidade, fazem referência às referidas unidades de nível médio. Incluem-se nestas, os Eus Possíveis *(Possible Selves)* e as Histórias Pessoais (*Self-Stories*)[54]; os Guiões Interpessoais (*Interpersonal Scripts*) e as Audiências Privadas (*Private Audiences*)[55]; as Tarefas[56], empenhamentos e Projectos[57] (Quadro 1.4)

unidades de nível médio

- Eus Possíveis
- Histórias Pessoais
- Guiões Interpessoais
- Audiências Privadas
- Tarefas, Empenhamentos e Projectos

Quadro 1.4 Unidades de nível médio

[53] As unidades cognitivo-motivacionais (*e.g.*, as crenças, as expectativas, os valores, as intenções, os planos, os objectivos, a auto-regulação, a volição e o controlo pessoal) estão todas relacionadas com o fazer (*doing*), com a acção.

[54] Nas quais se incluem as Narrativas Pessoais de McAdams (1985, 1989), as Identificações Pessoais de Schlenker (1989), os Guias Pessoais (*Self-Guides*) de Higgins (1987).

[55] Nas quais se incluem os Padrões Condicionais de Thorne (1989), as Cenas Nucleares de Carlson (1981), as Audiências Privadas de Baldwin e Holmes (1987).

[56] As tarefas e estratégias de vida (*life tasks and strategies*) reportam-se às tarefas importantes, e às suas alternativas, para a vida dos sujeitos e às estratégias cognitivas que as pessoas constroem para lidar com essas tarefas. As tarefas e tácticas evolutivas (*evolutionary tasks and tactics)* referem-se aos problemas que o sujeito deveria ter resolvido no passado.

[57] Como, por exemplo, os Empenhamentos Pessoais (*personal strivings*) de Emmons (1989), os Projectos Pessoais de Little (1983, 1989), as Tarefas de Vida de Cantor (1985, 1987) e as Preocupações Actuais (*Current Concerns*) de Klinger (1975, 1977, 1987).

Incluídas no último agrupamento (tarefas, empenhamentos e projectos), duas das novas unidades de análise de nível médio são os projectos pessoais (Little[58], 1983) e os empenhamentos/pretensões pessoais (*personal strivings*; Emmons[59], 1986). Estes conceitos têm uma certa afinidade con-

---

[58] Segundo Little (1989), os projectos pessoais são conjuntos de acções relevantes, que podem ir, desde os objectivos triviais para uma terça-feira (*e.g.*, limpar o meu quarto), até às obsessões grandiosas de uma vida (*e.g.*, libertar o meu povo). Podem ser iniciados pelo próprio sujeito ou a ele confiados; ser preocupações solitárias ou compartilhadas; ser aspectos isolados e periféricos da existência ou aspectos centrais. Os projectos pessoais são, por conseguinte, unidades de análise naturais, para uma psicologia da personalidade que escolhe lidar com o 'como' as pessoas enfrentam a complexidade da sua vida.

Little, em 1983, propôs um enquadramento teórico e metodológico para o estudo destes projectos. A evidência empírica foi recolhida a partir da *Personal Projects Analysis Methodology* (IPPA), que prevê, com sucesso, o bem-estar emocional.

Aliás, um dos principais objectivos da investigação deste autor tem sido o desenvolvimento de um modelo de ecologia social, em que a análise e a implementação do bem-estar humano é essencial. Segundo este modelo, os indivíduos estão na intersecção de conjuntos de influências convergentes, emanando de sistemas biológicos, ambientais, sociais e culturais. Uma tarefa central e contínua é a de integrar, ou formar um equilíbrio, entre estas fontes de influência díspares e, por vezes, conflituosas. Uma das formas de o fazer é através da planificação e activação dos projectos pessoais. Eles também reflectem os recursos especializados e as limitações dos 'eco-contextos' (*ecosettings*), em que o sujeito está envolvido. A análise dos projectos pessoais representa uma perspectiva da personalidade intrinsecamente interaccionista.

A *Personal Projects Analysis* oferece-nos uma perspectiva dos planos, intenções (*pursuits*) e paixões das pessoas, contextualmente situadas. Dá-nos, também, uma visão interior da estrutura hierárquica dos projectos e do seu impacto ecológico.

[59] Emmons (1989) considera que tanto os traços, como os motivos, têm sido objecto de uma reanálise criativa. Os traços são unidades descritivas e dão conta dos comportamentos habituais, enquanto os motivos são invocados para explicar comportamentos direccionais. Muitos teóricos (especialmente os dos motivos) têm argumentado a favor da separação destes dois contructos. McClelland (1951, 1981, 1985) tem mantido a posição de que os personologistas deviam prestar atenção a três tipos de variáveis: motivos ou necessidades, esquemas ou crenças e traços ou aptidões. Já que um dos objectivos da ciência da personalidade é distinguir as partes ou subsistemas e compreendê-los no contexto do sistema inteiro, é importante compreender a relação entre os motivos e os traços. A abordagem escolhida pelo autor consistiu em analisar um traço específico — o narcisismo. Como os motivos são avaliados através do TAT, e, muitas vezes, como esta abordagem não dá conta da complexidade e discriminação do impacto das motivações, na vida dos sujeitos, Emmons (1986, 1989) desenvolveu o conceito de Empenhamento Pessoal "*personal striving*", que define como sendo o tipo de objectivos que uma pessoa, tipicamente ou caracteristicamente, procura no seu comportamento do dia-a-dia. Podemos encará-los como uma representação idiográfica dos principais motivos e são um exemplo do "*new look*" nas unidades de análise de nível médio.

A partir da investigação levada a cabo, ficou claro que existem relações evidentes entre o traço do narcisismo e os seus temas motivacionais, ou seja, que os objectivos são centrais à maioria dos traços. A contribuição mais notável desta abordagem é a de transformar as estruturas-traço em acções, dando um largo passo para ultrapassar a descrição da personalidade em direcção àquilo que a pessoa faz,

ceptual com a tendência teleonómica *(teleonomic trend)* de Floyd Allport visto tratarem-se de temas que dominam a vida inteira de uma pessoa e que dão ênfase às articulações conscientes entre aquilo que uma pessoa está a tentar fazer, empenhada em fazer ou, simplesmente, com o que está preocupada. Estas unidades, como veremos no próximo capítulo, têm sido amplamente estudadas na sua relação com o modelo dos cinco factores, encontrando-se interacções significativas entre os cinco factores e, por exemplo, diferentes tipos de projectos. Efectivamente, a análise da personalidade e das diferenças individuais, em termos de estratégias, distancia-se do estudo das disposições gerais (traços, motivos), *per se*, no sentido de estabelecer ligações cognitivas entre estas e as acções. Um traço/motivo pode ser expresso, de muitas formas, e uma determinada acção pode ter muitos significados diferentes. As diferenças individuais são expressas, por conseguinte, nas interpretações das situações e na prossecução pelo sujeito de objectivos específicos. A personalidade revela-se, então, nos objectivos específicos que os sujeitos constroem para si próprios, na forma de "tarefas de vida" (*"life tasks"*; Cantor & Kihlstrom, 1987), "projectos pessoais" (Palys & Little, 1983), "empenhamentos pessoais" (*"personal strivings"*; Emmons, 1986), ou mesmo nas expectativas situacionais específicas. Revela-se, igualmente, nas estratégias que os sujeitos desenvolvem na prossecução destes objectivos. Nesta perspectiva, a personalidade é o "conjunto de objectivos e estratégias que organizam os pensamentos, sentimentos e acções dos sujeitos, e abarca as ferramentas que as pessoas utilizam para se adaptarem ao seu mundo. Como instrumento de adaptação, o potencial da personalidade para a mudança, ao longo do tempo, é tão importante como a sua consistência" (Norem, 1989, p. 58). Ainda segundo Norem (1989, p.45), as estratégias cognitivas, enquanto unidades de análise da personalidade, "descrevem como os sujeitos utilizam o auto-conhecimento e o conhecimento sobre o mundo, para traduzirem os seus objectivos em comportamento". Assim, o conceito de estratégia, acentuando o processo, compreende "padrões coerentes de avaliação, planificação, retrospecção e esforço" (*"coherente patterns of appraisal, planning, retrospection, and effort"*; Norem, 1989, p.45).

As *middle-level units* estão associadas à revitalização (iniciada nos anos 80) de outro conceito crítico para personalidade, ou seja, o de *self* (ver Bandura, 1978, 1981, 1982; Markus, 1983; Wegner & Vallacher, 1980). Nesta linha, Markus (1983) opina que ele não reflecte, apenas, a personalidade, mas é o aspecto principal da mesma, e, mais recentemente, Pervin (1990) refere que o *self* é um tópico central no estudo da personalidade. Em consonância com esta posição, este autor sublinha a importância

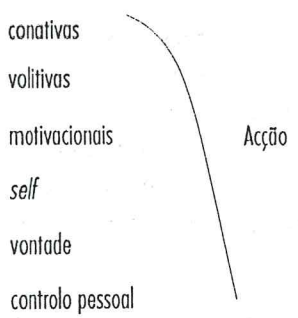
---

porque os conceitos de objectivos são coerentes e discriminativos, estáveis e flexíveis. Mas, interroga-se o autor, serão as pessoas narcísicas, pelos objectivos que prosseguem, ou prosseguem estes objectivos por serem narcísicas?

do papel da perspectiva cognitivo-social e, muito em particular, da teoria cognitivo-social da personalidade de Bandura (1986). Igualmente, nesta direcção vai a teoria cognitivo-experiencial do eu (*Cognitive-Experiencial Self-Theory*) de Epstein (1990), que realça as teorias pessoais e o pensamento construtivo e propõe que, para além da instrução racional, o sistema formal de educação deveria ter procedimentos para educar para a 'mente experiencial'[60]. Segundo este modelo, "todos nós desenvolvemos uma teoria implícita da realidade, que contém subdivisões de uma teoria do *self* (*self-theory*), de uma teoria do mundo (*world theory*) e proposições que as relacionam" (Epstein, 1990, p.165). Alguns pressupostos, em que se baseia uma teoria da realidade, seriam os seguintes: "até que ponto o mundo é visto como benigno *versus* maligno; até que ponto é percebido como tendo sentido; até que ponto os outros são considerados como favoráveis e não como uma fonte de ameaça; até que ponto o *self* é encarado como tendo valor" (Epstein, 1990, p.165).

A renovação do interesse pelo conceito de *self* vem de encontro à antiga posição de Allport (1961), segundo a qual uma teoria da personalidade, que aspire a ser completa, não pode iludir o problema do *self*.

O conceito de **vontade** (*will* ou *volition*; proposto por autores, como James e Ach no princípio do século), é outra variável que, embora tenha tido um papel secundário, para grande parte dos personologistas, se impôs, de forma surpreendente, a partir dos anos 80, como se pode constatar, através das inúmeras publicações (*e.g.*, Palenzuela & Barros, 1993). O seu reaparecimento foi dinamizado pela perspectiva da *theoretical-action*, que salienta a sua importância, para dar conta de aspectos fundamentais, como o de controlo pessoal (*agency* ou *personal control*). O conceito de **controlo pessoal** é, aliás, considerado como outra unidade de análise importante, no contexto da psicologia da personalidade moderna (Quadro 1.5).



Quadro 1.5 Unidades Cognitivo-Motivacionais

Complementarmente a este lado intencional (*e.g.*, tarefas, projectos,

[60] Esta, segundo Epstein (1990, p.167), é "mediatizada pelos sentimentos".

guiões, vontade, controlo) da personalidade, outros investigadores têm vindo a explorar a natureza condicional, contextualizada, das respostas características dos sujeitos. Contrariamente à concepção das disposições, como um precipitado de tendências gerais, Wright e Mischel (1987, citados por Palenzuela e Barros, 1993) desenvolveram a noção de **disposições condicionais** (*conditional dispositions*). Por meio delas, tentam valorizar as condições ambientais (*e.g.*, contextos interpessoais), como desencadeantes críticos de certos tipos de actos e disposições (*dispositional display*).

Embora a consistência e a coerência tenham sido temas centrais na psicologia da personalidade, desde o seu início, a **coerência, enquanto constructo condicional e temporal,** é um tópico emergente. Na década de 70 e início dos anos 80 analisou-se, essencialmente, a estabilidade temporal das características da personalidade, assim como a sua consistência, através das situações (*e.g.*, Hartshorne & May, 1928). Mas o estudo da coerência da personalidade ao longo do tempo tem sido limitado, segundo Thorne (1989, p.149), essencialmente, "a atributos não condicionais[61], como, por exemplo, os traços". Todavia, a investigação recente tem-se vindo a orientar para o estudo da coerência do comportamento, ao longo do tempo, e através das circunstâncias. Caspi[62], Schwartzman e Healy (1989), por exemplo, apresentam estudos sobre a coerência temporal e Larsen (1989, p.176) propõe que as flutuações do comportamento, ao longo do tempo podem ser consideradas aspectos da personalidade. Este autor defende que os sujeito estão "implantados/imersos no tempo" ("*embedded within time*"), que este é fundamental para a vida, tal como ela é vivida e que "os processos da personalidade acontecem no tempo" ("*personality processes take place over time*"). Tais processos da personalidade são concebidos como fenómenos estáveis, mas não-estáticos, ou seja, como padrões consistentes de mudança. Designados pelo autor como consistências de segunda ordem, estes padrões poderiam ser úteis para descrever as diferenças entre os sujeitos.

Baumeister, Thorne, e McAdams (1990) oferecem enquadramentos conceptuais alternativos, para identificar a coerência da personalidade, prestando atenção à forma como as pessoas dão sentido à própria vida. Assim, McAdams (1990) desenvolve o conceito de "história de vida" (*life history*). A identidade, segundo ele, é formada através da história de vida, que serve para configurar o *self*, providenciar um sentido de 'mesmidade'

---

[61] Os atributos condicionais são contextualizados (*e.g.*, falo, quando estou nervoso).

[62] Na opinião de Caspi (1989, p. 89), a personalidade é uma força organizadora do comportamento humano. As suas funções incluem a selecção e a prossecução de objectivos ao longo de largos períodos de tempo, assim como a redução de conflitos entre desejos e sanções pessoais. A reemergência desta temática, já referida por Murray, tem orientado a investigação da psicologia da personalidade contemporânea em direcção ao estudo do efeito das disposições pessoais nas escolhas e nos objectivos, nas relações familiares e sociais.

(sense of sameness) e continuidade, e dar um sentido à vida do sujeito.

Por conseguinte, para estes autores, a coerência não é um aspecto estático da personalidade, mas algo dinâmico. Concentrar a atenção na consistência, seja ela situacional ou temporal, não basta para captar a essência da mesma.

As abordagens, que temos vindo a referir, chamam a atenção para o facto da personalidade ser **complexa** e **multifacetada**, e tentam dar conta de como o sujeito constrói e funciona na pluralidade. Não é, então, de estranhar que outro objectivo da presente década se centre nas **relações conceptuais e empíricas entre estas unidades de nível médio e os traços e os motivos.**

Algumas destas tentativas concentram-se na conciliação do modelo dos cinco factores com as unidades atrás referidas, ou seja, unidades que realçam a contextualização e a orientação para os objectivos. Little (1989) considera que, no final deste século, se está a elaborar uma nova geração de unidades de análise, que oferecem uma alternativa e um complemento aos cinco factores[63].

Estas unidades são de "nível médio, e não constructos molares ou moleculares, e incluem constructos como as preocupações actuais (Klinger, 1977), as tarefas de vida (Cantor e Kihlstrom, 1987), os *personal strivings* (Emmons, 1989) e os projectos pessoais" (p.28). Embora diferentes, estes constructos partilham a preocupação em analisar a acção humana em termos da sua estrutura hierárquica, natureza intencional e contextualidade.

1.4.3. Tendências inter e transdisciplinares[64]

> "A personalidade está-se a tornar, rapidamente, um objecto de estudo interdisciplinar" (Sanford, 1992).

Para além da exploração de antigos temas e do ressurgimento de no-

---

[63] A partir da relação entre os *Big Five* e estas unidades, emergiram os PAC10 (Little, 1989). PAC são as iniciais de Constructos de Acção Pessoal (*Personal Action Constructs*), sendo o nº 10 a quantidade hipotética de dimensões resultantes desta interacção.

[64] Por 'interdisciplinar' entende-se, segundo a OCDE a "interacção existente entre duas ou mais disciplinas que pode ir da simples comunicação de ideias até à integração de conceitos directrizes de epistemologia, de terminologia, de metodologia, de procedimentos, de dados, de orientação e de ensino" (Landsheere, 1992, p. 115). Segundo Cardinet as investigações transdisciplinares "inventam uma maneira original de abordar o seu objecto comum. Os investigadores, provenientes de horizontes teóricos diferentes colocam, em conjunto, uma metodologia comum. O seu empreendimento anuncia o nascimento de uma nova disciplina que engloba e ultrapassa as anteriores" (Landsheere, 1992, p. 115).

vos constructos, a psicologia da personalidade contemporânea caracteriza-se por se colocar na interface com outros domínios. Esta interacção e enriquecimento mútuo foi sublinhado por vários autores, ao destacarem as relações entre a psicologia da personalidade, a genética comportamental, a psicologia social, a psicopatologia, a psicoterapia e a semiótica. Segundo Pervin (1990, p.725), "para o domínio, é importante e saudável que ao menos alguns indivíduos estejam preparados para encarar seriamente a contribuição de abordagens alternativas, tanto ao nível dos fenómenos a observar como dos conceitos a utilizar".

Neste subcapítulo, faremos uma breve referência a algumas destas áreas que, em virtude do seu intercâmbio com a psicologia da personalidade, beneficiaram o estudo da mesma. Esta análise, embora breve, é importante para entender, posteriormente, o esforço que os promotores do modelo dos cinco factores têm feito, no sentido de compreender e integrar conhecimentos de disciplinas, como a genética, a psicologia social, e a psicologia do adulto. A transdisciplinaridade parece ser assim um atributo de relevo do modelo dos cinco factores que, embora tenha as suas raízes na psicologia da personalidade tradicional, reveste-se de enormes implicações em domínios contíguos.

No que diz respeito às relações entre a psicologia da personalidade e a psicologia social, a última década de investigação tem sido profícua e inovadora, no sentido da convergência entre estas duas áreas. O desafio consiste, na perspectiva de Krahé (1992), em encontrar novos modelos teóricos e estratégias empíricas, que permitam este diálogo, já que ambos os domínios têm tentado compreender o mesmo fenómeno, ou seja, a relação entre as disposições e o comportamento. As avaliações críticas por parte de Mischel (1963) do conceito de traço (da psicologia da personalidade) e de Wicker (1969), no que concerne ao conceito de atitude (da psicologia social) referem-se ao mesmo problema – a falta de evidência empírica para o postulado da consistência entre as disposições latentes (traços e atitudes) e o comportamento observável. Na sequência destas críticas, a procura de uma nova e mais convincente identidade e a definição de relações e de fronteiras com os diferentes domínios científicos (especialmente com a psicologia social) têm mobilizado uma parte considerável dos esforços dos investigadores. O trabalho de Higgins (1990, p.331) vai neste sentido, preconizando que as duas áreas, de perspectivas diferentes, mas de forma convergente, trabalhem sobre o mesmo fenómeno, para o que seria necessária uma linguagem comum. Segundo o autor, "sem uma linguagem comum, a psicologia social e da personalidade continuarão a caracteri zar o mundo social da experiência, com etiquetas distintas, como se existissem subjacentes fenómenos sociais diferentes". Por sua vez, Lewis (1990, p.297) tenta a aproximação das duas áreas, procurando "reintroduzir a importância das cognições, no estudo da vida social".

Para além das relações com a psicologia social, a psicologia da personalidade tem testemunhado o renascimento do interesse pela genética do comportamento (Bertenthal, 1991). Todavia, segundo este autor, já não é suficiente a consciência de que os genes e o ambiente contribuem para o desenvolvimento, sendo necessários modelos mais compreensivos e específicos, para guiar a investigação. Algumas tentativas têm sido feitas nesta direcção, e novas técnicas têm sido propostas. Plomin *et al.* (1990), por exemplo, propõem a utilização de técnicas como o *model fitting*, a análise multivariada e abordagens genético-comportamentais à mudança (*behavioral genetic approaches to change*).

A **psicologia evolucionista** representa, também, um contributo crescente, tentando proporcionar uma explicação para as diferenças genéticas e comportamentais. Para esta abordagem, um processo-chave é a selecção natural, que explica a emergência das características da personalidade: a permanência de algumas destas, tais como a extroversão ou a dominância, seria explicada em função do seu valor adaptativo, ou seja, da sua instrumentalidade para a sobrevivência do sujeito ou reprodução da espécie. Referindo-se ao princípio da selecção natural, como o mecanismo básico, subjacente à emergência dos atributos da personalidade, a psicologia evolucionista é considerada pelos seus defensores, como uma poderosa metateoria que dá à psicologia da personalidade o grande enquadramento procurado e que lhe tem faltado desde o seu início.

Segundo Krahé (1992), se existe hoje em dia um *Zeitgeist* na psicologia da personalidade é, sem dúvida, a aceitação dos modelos biológicos sobre o funcionamento da mesma. Paralelamente à esperança no estudo genético da personalidade, alguns autores, como Brim (*in* Lerner & Busch-Rossnagel, 1981) advertem que não nos devemos esquecer que os "organismos estão abertos à mudança, são muito mais maleáveis do que até agora se pensava e que as consequências das experiências precoces e da dotação genética são transformadas pela experiência". O livro – "Indivíduos enquanto produtores do seu desenvolvimento" (*"Individuals as producers of their development"*) – editado por Lerner e Busch-Rossnagel (1981), realça a utilidade de encarar o indivíduo como agente activo do seu próprio desenvolvimento, e Riegel, com o seu modelo dialéctico, cuja ideia-chave são as **mudanças interrelacio-nadas**[65], defende que "actuando na mudança das fontes do seu próprio desenvolvimento, sendo produtores e produtos dos seus contextos, os indivíduos afectam esse mesmo desenvolvimento" (Lerner & Busch-Rossnagel, 1981, p. 3).

Concomitantemente, e relacionada com a perspectiva construtivista,

---

[65]As diferenças individuais interagem com as exigências situacionais de numerosas formas. A influência de factores disposicionais sob o comportamento é muito pronunciada em contextos não estruturados — quando os sujeitos são forçados a confiar, essencialmente, nos seus traços internos, para guiar o seu comportamento — e em contextos em que é necessário o controlo e a negociação de novas exigências e tarefas.

acabada de referir, a posição da **psicologia do adulto**, no que toca à necessidade de estudar o desenvolvimento da personalidade, em fases do transcurso existencial para além da adolescência, iniciou o entrecruzamento desta disciplina com o domínio da personalidade. Efectivamente, a reformulação dos conceitos, metodologias e estratégias, que temos presenciado, no estudo da personalidade, nestes últimos anos, tem sido possível pelo diálogo interdisciplinar, para o qual muito tem contribuído a perspectiva do ciclo de vida e a da psicologia do adulto, que pugna por impor o paradigma contextual-dialéctico[66]. As linguagens têm, aliás, vindo a aproximar-se, pelo que a afirmação de Pervin (1990, p. 726), sobre a especificidade da personalidade, enquadra-se perfeitamente nas tendências de estudo da psicologia do adulto: "o que é distintivo da personalidade é a focalização no sistema pessoal, envolvendo a inter-relação entre a consistência e a diversidade, a estabilidade e a mudança, a integração e o conflito, assim como o estudo das pessoas numa variedade de contextos e ao longo de um período de tempo suficientemente longo, de forma a emergirem padrões, no seu mundo de pensamentos e sentimentos privados e nos seus comportamentos públicos"[67].

Estas diferentes abordagens ilustram que o domínio está a expandir a sua pesquisa, "tornando-se rapidamente objecto de estudo interdisciplinar" (Sanford, 1992, p.490). A psicologia cognitiva, a genética comportamental, a teoria evolutiva, o desenvolvimento coextensivo à duração da vida e a análise socio-estrutural parecem ter trazido novas direcções ao domínio da personalidade. A psicologia da personalidade deveria, a nosso ver (e existem fortes indícios a este respeito), integrar todos estes contributos, na tentativa de proporcionar uma visão unitária e holística da realidade que estuda. Como veremos, o modelo dos cinco factores também ambiciona manter o diálogo com diversas disciplinas.

---

[66] No decurso da sua história, o conhecimento sobre o desenvolvimento psicológico tem avançado, com base em investigações derivadas dos paradigmas organísmico ou mecanicista. Alternativamente, o paradigma contextual-dialéctico assume uma mudança constante a todos os níveis, assim como uma inter-relação entre eles. Consequentemente, "os aspectos-chave da conceptualização do desenvolvimento, derivados de um paradigma contextual, são a plasticidade, a natureza social do desenvolvimento humano e o papel dos indivíduos, enquanto produtores do seu desenvolvimento" (Lerner & Busch-Rossnagel, 1981, p. 25).

[67] "*What is distinctive about personality is the focus on the person system, thereby involving the interplay between consistency and diversity, stability and change, and integration and conflict, as well as the study of people in a variety of contexts and over a long enough time period for patterns to emerge, in their private world of thought and feeling as well as in their public behaviors*".

1.4.4. Ecletismo e pluralismo metodológico

A psicologia da personalidade actual, para além da sua interface interdisciplinar, envolve um crescente pluralismo conceptual e metodológico. Efectivamente, se se aceita que a explicação e predição do comportamento dos indivíduos põe em jogo múltiplos determinantes, é claro que nenhuma metodologia singular ou constructo específico será bem sucedido na consecução deste objectivo. Assim é que os limites da psicologia da personalidade tradicional estão a ser expandidos, de modo a incluir uma amplitude maior de conceitos e métodos, o que acarreta, como vimos, a abertura a contactos com outras áreas. O modelo dos cinco factores espelha também esta tendência da psicologia da personalidade contemporânea – o pluralismo metodológico.

Na perspectiva de Palenzuela e Barros (1993), os avanços na avaliação da personalidade apresentam duas formas: a procura de novas técnicas de avaliação, como consequência de avanços conceptuais, e o aprofundamento das técnicas já existentes.

Em relação a este último aspecto, a definição da personalidade de Allport (1937) sublinhava, já no início do século, a organização dos traços intra-individuais e a abordagem idiográfica. Os defensores dos traços recorreram à análise normativa da personalidade, que valoriza os princípios metodológicos objectivos, avançando estratégias para melhorar a fidelidade e validade das medições, enquanto os situacionistas lançaram mão da análise idiográfica. Muito embora, durante muitos anos, a abordagem nomotética tenha sido dominante, recentemente, um número crescente de investigadores encara a compreensão da individualidade, como um aspecto central da psicologia da personalidade. Esta mudança de foco, de uma perspectiva centrada nas variáveis, para outra centrada no sujeito, requer uma abordagem metodológica fundamentalmente diferente, porque se baseia no reconhecimento das necessidades de uma análise das formas únicas de expressão das pessoas, desde as respostas triviais aos planos de vida a longo prazo[68]. Por outro lado, têm-se, também, tentado incorporar as situações[69] e as representações cognitivas no estudo da personalidade.

O desafio consiste, então, em elaborar novos métodos de investiga-

---

[68] Os estudos longitudinais fazem parte destas 'direcções re-emergentes' (*re-emerging*) que tentam estudar/explorar a personalidade, através do caminho mais longo (*"exploring personality the long way"*; White, 1981; referido por Caspi 1989). Ora, existem dados empíricos, a favor da persistência de traços específicos (McCrae & Costa, 1984). Muito especialmente nas características temperamentais, cuja base biológica tem sido assumida e crescentemente confirmada. A extroversão é um exemplo. Todavia, segundo Caspi (1989), para levar a cabo a análise da personalidade, ao longo do curso da vida, é necessário ter em conta uma perspectiva sociológica, que enfatiza o significado social da idade (a ordenação das transições de vida, os papéis relacionados com a idade, as expectativas, as sanções e as opções).

[69] Pensamos, muitas vezes, se a população de sujeitos é adequada para uma determinada investigação, mas não na adequação da amostra de situações.

ção, que tratem do sujeito individual, como a unidade primária de investigação, sem sacrificar o rigor metodológico e o acumular de conhecimentos gerais sobre os princípios de funcionamento da personalidade. Das muitas implicações deste crescente interesse pela individualidade, salientam-se as modificações das relações entre o investigador e os sujeitos, no processo de investigação. Tradicionalmente, havia uma divisão clara sobre os diferentes papéis, no processo de investigação empírica. O investigador formulava hipóteses, traduzi-as em definições operacionais e seleccionava os instrumentos apropriados. O papel do sujeito era o de fornecer os dados. Numa perspectiva idiográfica, esta divisão não é apropriada, nem frutuosa, porque faz pouco uso da competência do sujeito, como 'especialista' da sua própria personalidade. Alguns investigadores têm mesmo apelado, explicitamente, para os sujeitos terem um papel mais activo, no processo de investigação da personalidade[70] (Hermans, 1991; Hermann & Bonarius, 1991; Krahé, 1990; Mischel, 1984B; Zevon & Tellegen, 1982). Neste sentido, Sanford (1992, p.510) relembra-nos que aquele que hoje designamos por 'sujeito' era chamado, no laboratório de Wundt, de 'observador' *(observer)*.

Sem dúvida que a metodologia do estudo da personalidade se enriqueceu pela aceitação dos métodos idiográficos de pesquisa. Hoje, o pluralismo metodológico é um aspecto-chave do estado da investigação da personalidade, mas não é, só por si, uma garantia de progresso. Para que esta diversidade seja avanço, é necessário que os diferentes métodos sejam integrados num contexto coerente, de forma a completarem-se, em vez de competirem ou, simplesmente, co-existirem. É preciso que o domínio, deixe de consistir em diversas sub-disciplinas, para se tornar uma disciplina científica unificada.

O modelo dos cinco factores enquadra-se neste panorama, caracterizado pelo desafio e o ecletismo e pela diversidade, recontextualização e comunicação. O cenário científico actual também se caracteriza por um questionamento epistemológico, que não quisemos deixar de aflorar e, ao qual, dedicamos a última secção deste primeiro capítulo, sobre a 'complexidade do estudo da personalidade em psicologia'.

---

70 A perspectiva socio-construtivista defende que tratar o sujeito, enquanto co-investigador, institucionaliza a construção social da personalidade, como um processo comunicacional entre psicólogo e sujeito.

1.5. A personalidade e o paradigma epistemológico emergente

> "Ora, um mínimo de conhecimento do que é o conhecimento ensina-nos que o mais importante é a contextualização" (Morin & Kern, 1984, p. 131).

A expressão 'ansiedade epistemológica', utilizada por Lévi Strauss, é, sem dúvida, aquela que melhor se aplica, para caracterizar a nossa reacção, face ao complexo domínio da psicologia da personalidade: epistemológica, porque é uma área que nos remete e nos faz reflectir sobre os próprios fundamentos e limites do conhecimento científico, assim como sobre os paradigmas subjacentes à ciência psicológica e à investigação em torno da personalidade; ansiedade, porque, aparentemente, parece ser um domínio onde o caos, aliado à complexidade e multiplicidade, assentou arraiais, durante estas últimas décadas.

Sem dúvida que o próprio objecto da psicologia, e muito particularmente da psicologia da personalidade, pela sua própria essência, é um ambiente propício para o questionamento e as reflexões epistemológicas. Não aprofundando muito esta temática fascinante, que ultrapassa largamente o escopo da nossa investigação, gostaríamos, de forma breve e introdutória, de reflectir sobre o conhecimento científico, tal como o concebemos na actualidade, e sobre as suas implicações para a compreensão e estudo da personalidade.

A finalidade deste subcapítulo é, portanto, analisar os fundamentos epistemológicos das transformações ocorridas nesta década, ao nível do estudo da personalidade. Na nossa perspectiva, as transformações e tendências de estudo, na área da psicologia da personalidade, são reflexo, e estão profundamente interligadas, ao paradigma epistemológico emergente. Consequentemente, para melhor situar o modelo dos cinco factores e reflectir sobre a sua utilidade e pertinência, em termos metateóricos, julgamos oportuno aflorar algumas questões epistemológicas.

Foi Baars (1986) que se referiu à evolução da psicologia científica, que passou da primeira metateoria, o introspeccionismo (assente no modelo mentalista) ao *behaviorismo* (baseado no modelo mecanicista) à terceira metateoria — a psicologia cognitiva — desencadeada pela revolução cognitivista, nos anos 60. Estas metateorias estariam subjacentes às diferentes teorias e concepções sobre a personalidade.

Embora a evolução da psicologia científica, na análise de Baars (1986), tenha na revolução cognitivista a sua etapa mais recente, parece que outras influências epistemológicas têm vindo, desde então, a enrique-

cer a Psicologia (salvaguarde-se que a análise de Baars se restringiu à Psicologia, enquanto a generalidade dos outros autores consultados a estenderam às Ciências Humanas ou à Ciência em geral). Refiro-me, mais especificamente, ao advento da epistemologia experiencial e às abordagens qualitativas, referidas por autores como Reason (1994).

Estas, têm vindo a ganhar terreno no estudo das Ciências Humanas, não no sentido de se substituírem às quantitativas, mas de as complementarem. Monteiro (1995) afirma, a propósito do diálogo entre a ciência e a arte, que "a arte teve um contributo fundamental para essa revisão" (p.106) da ciência, na medida em que, no domínio da arte, o facto do não racional ser predominante contribuiu para o actual questionamento da actividade científica. Esta confluência de aceitação de saberes (das abordagens quantitativas e qualitativas) está bem patente nas investigações mais actuais sobre a personalidade e faz parte das previsões sobre como será a metodologia da investigação da personalidade no dobrar do século. Efectivamente, a presunção de que estaríamos a aproximar-nos de uma integração metodológica e teórica, no domínio da Psicologia, está bem patente na investigação sobre a personalidade (aquilo que designámos, no subcapítulo precedente, por tendências interdisciplinares e pluralismo metodológico). A este nível, por exemplo, é visível a confluência, e mesmo o entrecruzamento de áreas como a psicologia social, com a psicologia da personalidade, e de teorias, como a psicanálise, com o condicionamento operante. Parece, contudo, importante salvaguardar que, embora seja notória a confluência e organização de saberes, ao nível da psicologia da personalidade, não nos devemos esquecer, como refere Monteiro (1995, p.116), que "não há nem uma teoria nem um mito nem um poema nem um quadro que tornem dispensáveis todas as outras teorias, mitos, poemas ou quadros. Não existe um campo englobante, uma síntese mais total, que possa dizer a verdade sobre os outros, porque existe sempre o outro campo, o do mito, o da tragédia, o do quadro, o da canção, o da sociologia, onde pode ser construído outro discurso que tentará a sua verdade, a sua totalidade parcial".

A referência a este novo paradigma científico, que se desenha no horizonte, tem sido acentuado por muitos autores, através de sínteses múltiplas. Santos (1987), por exemplo, apresenta o novo paradigma emergente, através de um conjunto de teses. Estas são especulações fundadas nos sinais da crise do paradigma actual, e traduzem-se nas proposições de que todo o conhecimento científico-natural é **científico-social**, é **local e total**, é **auto-conhecimento** e visa constituir-se em **senso comum**. Veremos, seguidamente, que, pelo menos as três primeiras asserções já se encontram patentes (nem que seja no domínio das intenções e das hipóteses[71]) nas mais modernas tendências de estudo da personalidade, e a úl-

[71] Não devemos esquecer que a reflexão epistemológica é mais avançada do

tima, pensamos que sempre esteve presente no estudo da mesma.

A primeira tese, ao defender que todo o conhecimento é, também, social introduz "conceitos de historicidade e de processo, de liberdade, de auto-determinação" (Santos, 1987, p. 37). Conceitos esses, que antes estavam reservados ao humano e que remetem para o reconhecimento, na perspectiva de Bateson, de que se começa a admitir 'uma dimensão psíquica na natureza' – que toda a natureza é humana. Santos (1987, pp.44-45), a este propósito, propõe que se descubram "conceitos quentes que derretam as fronteiras em que a ciência moderna dividiu e encerrou a realidade". O mundo, continua o mesmo autor, "que hoje é natural ou social, amanhã será ambos". Estas são, na nossa perspectiva, também características das unidades da personalidade emergentes, que realçam a acção, a volição, o processo e dão muita importância à temporalidade, às histórias de vida e aos relatos biográficos. Por outro lado, as teorias cognitivo-sociais, já referidas, defendem que todo o conhecimento só pode ser compreendido, tendo em conta variáveis contextuais (*e.g.*, situacionais, sociais, relacionais) e cognitivas (*e.g.*, atribucionais). Em relação a estas variáveis, Abreu (1982, pp. 340-341) refere que "as situações não actuam independentemente do sujeito: a *história pessoal* ou *subjectiva*, que é sempre *história intersubjectiva*, é também constituída pela *significação* ou *sentido* que o sujeito atribuiu através dos processos de elaboração simbólica às contingências ou condições da sua existência relacional intersubjectiva".

A segunda tese estabelece que, muito embora o conhecimento tenda a ser total, no sentido de ser, por um lado, global e abrangente, e, por outro, transdisciplinar (porque ultrapassa as fronteiras das diferentes disciplinas), é, também, local, porque diz respeito "a temas que em dado momento são adoptados por grupos sociais concretos" (Santos, 1987, p.47). Esta tese encontra-se espelhada na psicologia da personalidade, que, como vimos no subcapítulo precedente, tende a sublinhar a transdisciplinaridade e a contextualização.

A afirmação – todo o conhecimento científico é auto-conhecimento – presente na terceira tese, implica o reconhecimento das limitações da dicotomia sujeito/objecto ('o sujeito regressa nas vestes do objecto') e pressupõe que "a ciência não descobre, cria, e o acto criativo protagonizado por cada cientista e pela comunidade científica no seu conjunto tem de se conhecer intimamente antes que conheça o que com ele se conhece do real", ou seja, "os pressupostos metafísicos, os sistemas de crenças, os juízos de valor ... são parte integrante dessa mesma explicação" (Santos, 1987, p.52). No início deste capítulo, realçámos este aspecto, ao defendermos que a 'lente', utilizada na análise da personalidade, ampliava ou diminuía a importância e, *quiçá*, ditava a existência de determinadas variáveis. As análises mais recentes (anos 90), que tentam explicar as diferentes teorias da personalidade, de forma mais compreensiva (McAdams, Costa e

---

que a nossa prática científica.

McCrae), têm esta 'consciência': nas palavras de Santos (1987, p.53), "no paradigma emergente, o carácter autobiográfico e autoreferenciável da ciência é plenamente assumido" e, neste sentido, aproxima-se da criação literária e artística. Por outro lado, com o advento das metodologias qualitativas, tem-se vindo a aceitar a implicação no processo de investigação do cientista, com o seu conjunto de valores, crenças, e pré-concepções.

A quarta tese diz que "a ciência pós-moderna, ao sensocomunizar-se, não despreza o conhecimento que produz tecnologia, mas entende que, tal como o conhecimento se deve traduzir em auto-conhecimento, o desenvolvimento tecnológico deve traduzir-se em sabedoria de vida" (Santos, 1987, p.57) – "assim ressubjectivado, o conhecimento científico ensina a viver e traduz-se num saber prático" (Santos, 1987, p.55). Esta tese contrapõe-se à concepção de Bachelard (1972, p.14) que afirma que "a ciência se opõe absolutamente à opinião", que se contrói contra o senso comum. Porém, esta ruptura epistemiológica é mais professada do que realizada, sobretudo nas ciências humanas em que o cientista sucumbe facilmente ao 'espontâneo'. Nesta concepção, o senso comum (Santos, 1993) é então concebido como uma forma de conhecimento, dotada de uma racionalidade mais ampla, mais prudente e democrática, assente na superação da dicotomia sujeito /objecto e na aplicação construtiva do conhecimento científico. Ora, a psicologia da personalidade anda de mãos dadas com a intervenção clínica. Basta lembrar que algumas das principais teorias da personalidade nasceram da prática clínica e que mesmo teorias, como a dos traços, sempre tiveram grandes repercussões nas intervenções terapêuticas, se mais não fosse, porque estavam na base dos diagnósticos efectuados. Por outro lado, muitos autores (*e.g.*, Hayslip & Panek,1989) têm chamado a atenção para a importância das teorias da personalidade para a optimização das potencialidades existenciais, encarando, assim a personalidade como mais um veículo de bem-estar, realização e crescimento.

Noutra perspectiva, podemos defender que a personalidade e mesmo a Psicologia, sempre estiveram entrelaçadas, para o bem ou para o mal, com o senso comum, como testemunha Piaget (1967, p.24), ao afirmar que a psicologia terá sempre o "triste privilégio de tratar de matérias de que todos se julgam competentes". Aliás, algumas das críticas ao estudo da personalidade, através dos traços, traduzem-se no facto da linguagem, por estes utilizada, não apresentar o distanciamento e a tecnicidade do discurso científico positivista, já que a ciência implicaria a necessidade, segundo Nunes (1972, p.30; referido em Santos, 1993, p. 34), "de inventar um novo 'código'". Ressalta, por conseguinte, a necessidade de atribuirmos valor e sentido à proximidade da psicologia com o senso comum, em vez de descartarmos este azimute.

Uma das temáticas mais polémicas sobre o conhecimento é a questão da nossa capacidade de compreensão da realidade. Sagan (1987, p.32) comenta esta questão, afirmando que "os seres humanos estão, com-

preensivelmente, muito motivados para a descoberta de regularidades, de leis naturais ...". Contudo, sabemos hoje que "a ciência é mais um modo de pensar do que um conjunto de conhecimentos" (Sagan, 1987, p.29). Como quer que seja, o conhecimento, e o método científico, em particular, assentam na redução da complexidade, ou seja, para compreender a complexidade do mundo a mente humana, tem de o simplificar. Conhecer significa, neste sentido, dividir e classificar, para depois poder determinar relações sistemáticas entre o que se separou.

A abstracção é a característica crucial deste conhecimento, já que, com vista a comparar e classificar a imensa variedade de formas, estruturas e fenómenos que nos rodeiam, não podemos tomar todas as suas características em conta, limitando-nos a seleccionar as mais significativas. Assim, construímos um mapa intelectual da realidade, onde as coisas são reduzidas aos seus aspectos mais salientes. O conhecimento racional é, portanto, um sistema de conceitos abstractos e simbólicos, caracterizado pela estrutura sequencial, linear, típica, da nossa maneira de pensar e dizer.

Ora, o mundo é infinitamente complexo e variado, onde não existem linhas rectas ou formas completamente regulares, moldadas pelas nossas categorias mentais, onde as coisas não acontecem sequencialmente, como temos tendência a concebê-las. É óbvio que com este pensamento conceptual não podemos descrever completamente a realidade. Esta, e muito em particular a personalidade, seria, nas palavras de Correia (1989), uma "coisa indefinível e impossível de agarrar e nomear". Pretendê-lo significaria, ainda segundo a mesma autora, "a completa paranóia classificativa das pessoas, resultante da tão falada falta de contornos. As pessoas têm uma **histeria taxinómica**. Nada existe dentro de qualquer espécie de classificação, nem mesmo nas disciplinas científicas onde se pensa que a classificação é um dado adquirido". Na perspectiva de Abreu (1982, p.333) "os 'factos' científicos não constituem uma imposição do real; eles resultam, antes, de um trabalho de organização ou de estruturação cognitiva de diversos 'índices' a que a actividade da razão procura dar sentido ou inteligibilidade. É nesta medida que se afirma que o *facto é feito* ou construído, um 'constructo' que a razão elabora, na tentativa de dar inteligibilidade ao que nos aparece na experiência. É neste horizonte construtivista que se deve entender a conhecida afirmação de Goethe segundo a qual 'todo o facto é já teoria'". De igual modo as teorias[72] são um conjunto de abstracções, que não são dadas ou predeterminadas pela natureza. Elas não são

---

[72] Para Hall e Lindsey (1984) uma teoria da personalidade deve conter um conjunto de hipóteses e postulados, assim como definições empíricas, relevantes para o comportamento humano e relativamente abrangentes. Deve, também, ser capaz de fazer predições e lidar com todo e qualquer fenómeno, que tenha significado para o indivíduo. Todavia, este ideal formal, do que deveria ser uma teoria da personalidade, está muito longe da realidade, visto que a maioria das teorias, até ao presente, são muito pouco claras, confundindo o proposto com o já estabelecido empiricamente.

verdadeiras nem falsas, mas apenas úteis ou não. Para Hall e Lindsey (1984), e de acordo com a perspectiva de Kuhn (1962), não podemos falar de um paradigma dominante na área da psicologia da personalidade: estamos numa fase pré-paradigmática, cabendo à investigação futura o desenvolvimento de uma posição sistemática, que possa ordenar todo, ou quase todo, o campo.

Efectivamente, ao pensar o mundo, somos confrontados com o mesmo tipo de problema, com o qual o cartógrafo se depara, ao tentar cobrir a face curva da terra com uma sequência de mapas planos. Só podemos esperar deste procedimento uma representação aproximada da realidade, pois todo o conhecimento racional é necessariamente limitado. Como diz Werner Heisenberg (citado em Capra, 1989, p.30), "todas as palavras e conceitos, por mais claros que possam parecer, têm apenas um campo de aplicação limitado". É, contudo, difícil estarmos sempre conscientes das limitações e da relatividade do conhecimento conceptual, visto não alcançarmos senão uma representação da realidade, o que é outra coisa bem diferente da própria realidade, apesar da nossa tendência a confundir as duas. Nas palavras lapidares de Alfred Korzybski "o mapa não é o território". No mesmo sentido, embora numa perspectiva mais explicitamente psicológica, Merleau-Ponty (1945, p. 409) afirmou que "o comportamento de outrem não é o outro" (*"le comportement d'autrui n'est pas autrui"*) – frase esta que nos remete, por um lado, para a não sobreposição das leituras da realidade, por outro, para a complexidade fenomenológica do objecto/sujeito em jogo.

Muitas posições teóricas e epistemológicas têm-nos prevenido contra a ilusão de estudar as partes, descontextualizadas do todo tentando ultrapassar a ideia de que o *di*verso é oposto ao *uni*verso. Efectivamente, posso ter um objecto, pesá-lo e medi-lo, sem deixar de o perceber como um todo e sem o reduzir a essas subdivisões. Na presença de um sujeito humano, qualquer avaliação mais específica (*e.g.*, das capacidades mnésicas) deve ser sempre relacionada com, e contextualizada em função da totalidade relacional desse mesmo sujeito. Um dos grandes avanços da psicologia da personalidade da actualidade parece ser a possibilidade de integrar as taxinomias nos processos, por outras palavras, de aquelas não terem que ser necessariamente redutoras, limitativas e incompatíveis com uma perspectiva mais dinâmica e abrangente da personalidade.

Capra (1989, p.26) é da opinião que a "filosofia de Descartes teve uma enorme influência na maneira ocidental de pensar, tendo a famosa afirmação cartesiana – 'Penso, logo existo' – levado à separação da mente e do corpo. Consequência da divisão cartesiana, o indivíduo tem sido, cada vez mais, cindido num grande número de compartimentos separados, de acordo com as suas actividades, talentos, sentimentos, e crenças". Mas, esta fragmentação, espelhada a vários níveis, na nossa sociedade, nomeadamente, no paradigma mecanicista, aplicado à ciência psicológica foi, simultaneamente, benéfica e maléfica. Foi extremamente bem sucedida

no desenvolvimento da física clássica e da tecnologia, mas teve consequências adversas para a nossa civilização. Só, recentemente, a ciência ultrapassou esta fragmentação e regressou à ideia de unidade, expressa nas primeiras filosofias grega e oriental.

Ainda, segundo Capra (1989), quanto mais fundo penetrarmos no mundo submicroscópico, mais compreenderemos como o físico moderno, à semelhança do místico oriental, chegou à visão do mundo como um **sistema de componentes inseparáveis, interactuantes e continuamente moventes, com o observador como parte integrante do mesmo**. Na Física moderna, o universo é visto como um todo dinâmico e inseparável que inclui sempre o observador como sua componente essencial. Foi preciso um Einstein para que os filósofos e cientistas se apercebessem de que a geometria, e todos os conceitos, não são inerentes à natureza, mas lhe são impostos pela nossa mente, para compreendermos os fenómenos. Nas palavras de Einstein e Infeld (1982, pp. 34-35), "os conceitos da física são criações livres do espírito humano e não são unicamente determinados pelo mundo exterior". Guidano (1995, p.94) refere que "a nossa ordenação do mundo é inseparável da nossa experienciação desse mundo. Nós, experienciamo-lo, ou mais correctamente, 'experienciamos'". Nas Ciências Humanas, ao analisarem-se comparativamente os paradigmas qualitativos e quantitativos da investigação científica encontramos pontos de contacto com o atrás referido. A este propósito Vieira (1994, p. 24) escreve: "Porém, Marcel Mauss, ao propor, na década de 20, o conceito de 'fenómeno social total', dava realce à multidimensionalidade do comportamento humano e dos fenómenos sociais, não podendo a sua compreensão ser desligada das situações em que ocorrem, encaradas como uma totalidade. (..) Todas as disciplinas sociais devem estar conscientes de que não há princípios ou propriedades substantivas (referidas directa ou indirectamente ao real) universais, de que não há 'natureza humana' independente da variedade de contextos reais. (..) Os fenómenos humanos, de forma oposta aos naturais, têm um carácter relativo, não absoluto, pelo que não podem ser totalmente explicados por leis universais – há que ter em conta os contextos históricos e sociais em que decorrem". De acordo com Putnam (1981) não existe "o ponto de vista de Deus" ("*God's eye point of view*").

Neste contexto, convém relembrar o que foi dito na última secção sobre as novas tendências da psicologia da personalidade, que realçam as premissas atrás referidas, a saber, a interacção e o entrecruzamento dos diferentes conceitos, a acção e o dinamismo dos sistemas personológicos e os métodos que englobam o observador[73], como parte integrante. Extrapolan-

---

[73] Guidano (1995, p.93) considera que a tarefa da abordagem construtivista é a de compreender como as pessoas, enquanto observadoras, estão envolvidas no processo de observação, "da mesma forma que as pessoas participam na 'co-criação' das realidades pessoais e dinâmicas às quais respondem" ("*as well as how people otherwise participate in cocreating the dynamic personal realities to which they individually respond*").

do para o domínio da personalidade, parece importante reter algumas implicações desta perspectiva. Em primeiro lugar, e em contraponto com uma mentalidade restritivamente contabilizadora e categorizante, temos de optar por uma abordagem intrinsecamente dinâmica, em que o tempo e a mudança[74] são características essenciais e todos os fenómenos estão conectados, interligados, inter-relacionados, interdependentes, não podendo ser entendidos como entidades isoladas, mas apenas como partes integrantes de um todo. Efectivamente, a divisão da realidade, embora requisito necessário para com ela lidar, não é característica dessa mesma realidade.

Por outro lado, devemos tentar encontrar a realidade, não em termos de substâncias isoladas, mas de relação. Neste sentido, afirma Capra (1989, p.234) que " ...as teorias da física atómica e subatómica tornaram cada vez menos provável a existência de partículas elementares. Elas vieram revelar uma interconexão básica da matéria, mostrando que a energia do movimento se pode transformar em massa, e sugerindo que partículas são processos, em vez de objectos. Todos estes desenvolvimentos indicam, claramente, que a imagem mecanicista de blocos de construção básica da matéria tem de ser abandonada... A tradição milenar de explicar estruturas complexas, através do seu parcelamento em constituintes mais simples, está profundamente enraizada no pensamento ocidental que ainda prossegue a indagação de tais elementos."

Para alguns, como Santos (1987), o correspondente a esta parcialização do conhecimento, ao nível da ciência psicológica, é a utilização privilegiada de instrumentos facilmente manuseáveis, como sejam os testes que, nas palavras daquele autor, "reduziram a riqueza da personalidade às exigências funcionais de instituições unidimensionais" (p.47). E, em sintonia com ele, Magnusson (1990) diz que a fragmentação é um impedimento ao progresso neste domínio, enquanto Stern, preocupado com a unidade do comportamento, defendia que a sua parcelização não tem sentido.

Muito embora a compreensão das inter-relações entre todos os fenómenos psicológicos, sociais, culturais, biológicos seja obviamente difícil, os esforços da ciência psicológica deverão orientar-se, neste sentido. A visão fragmentária é, também, por vezes útil para a descrição daquele tipo de fenómenos, que encontramos no nosso quotidiano, com a salvaguarda de não nos esquecermos de, recorrentemente, os recontextualizarmos. A questão é, por conseguinte, complicada, porque queremos ser holistas e contextuais, ou seja, ter uma perspectiva global[75] [76] e pluridisciplinar, por um

---

[74] A física moderna, assim como o misticismo oriental, não vê a matéria como passiva e inerte. O mundo deve ser observado, de um ponto de vista dinâmico, porque a mudança e a transformação são aspectos fundamentais da natureza.

[75] Mas, com a consciência de que mesmo as leis gerais têm uma generalidade sempre relativa (porque, os fenómenos, embora totais, são sempre locais e contextuais).

[76] Tenta-se, também, evitar os reducionismos (porque os fenómenos são complexos).

lado, e, por outro, valorizar o específico, o individual. Contudo, nesta aparente contradição, estão duas vias diferentes que ao fecharem o círculo, se completam. O facto é que, compreender e explicar os fenómenos na sua totalidade, o objectivo maior da ciência, é difícil de concretizar. Na generalidade, tal como um maestro, que primeiro ensaia as diferentes partes de uma sinfonia, antes de os músicos a executarem, os investigadores analisam primeiro os fenómenos parciais e, só depois, os tentam integrar num conjunto mais vasto de conhecimentos. Seria, por conseguinte, uma leviandade os psicólogos pensarem que podem compreender o comportamento, no sentido geral, ou toda a dinâmica interactiva complexa da personalidade, em situação. Contudo, o nosso pressuposto, sempre que estudamos um fenómeno específico, deve ser de o compreender nas suas múltiplas interconexões.

◇

Desta breve reflexão, podemos concluir que as novas abordagens (tendências) ao estudo da personalidade se inserem nos novos paradigmas de pensar a ciência. Muito em especial, salientamos a tentativa dos defensores das taxinomias e dos traços para as integrar numa concepção mais dinâmica, sem dúvida mais complexa, mas a única com sentido para compreender a personalidade. Efectivamente, para articular e organizar o conhecimento, é necessário uma reforma do pensamento (Morin, 1982), que comporta a contextualização do mesmo e, consequentemente, a sua complexificação. O próprio estudo da personalidade, multiplicado por diversos 'olhares', espelha a importância de contextualizarmos e culturizarmos, não apenas os conhecimentos de uma análise, mas a forma de análise, as teorias e a investigação sobre a personalidade.

O estudo da personalidade pode, também, dar um valioso contributo para a tarefa que Santos (1987, p.30) refere, ao afirmar que "...chegámos a finais do séc. XX possuídos pelo desejo quase desesperado de completarmos o conhecimento das coisas com o conhecimento do conhecimento das coisas, isto é, com o conhecimento de nós próprios[77]." A psicologia da personalidade tenta responder a esta questão com o ressurgimento do conceito de *self* (Pervin, 1990) e do estudo da pessoa total.

---

[77] A ideia seria a seguinte mensagem de um autor desconhecido: "Quem procura encontra. Quem encontra, encontra-se". Guidano (1995, p.95) diz que "é através dos sentimentos que experienciamos a nossa forma de estar no mundo. Por outras palavras, somos sempre aquilo que sentimos" (*"It is through feelings that we experience our way of being in the world. In other words, we always are as we feel"*).

1.6. Conclusão

"There are only two things
you "have" to do in life.
You "have to" die,
and you "have to" live
until you die.
What happens in between
is up to you."
(Hamacheck, 1992, p. 354).

Para falar sobre a avaliação da personalidade, na idade adulta, é necessário começar por definir o que entendemos por personalidade. A multiplicidade de definições existentes, salienta a complexidade do conceito de personalidade, e justifica-se pela enorme quantidade de abordagens, disciplinas e autores que contribuíram para o desenvolvimento deste domínio. Teóricos, como Cook (1984), dão conta da diversidade de definições, pelo facto de existir uma variedade de perspectivas, funções e níveis de explicação e pela ênfase dada à estrutura ou ao desenvolvimento da personalidade.

Para McAdams, a personalidade pode ser definida a três níveis paralelos de funcionamento, a saber, o nível disposicional (*e.g.*, os cinco grandes factores); o nível das preocupações pessoais (*e.g.*, objectivos e tarefas); e o nível da pessoa na sua totalidade. A definição de personalidade defendida por Costa e McCrae, e seguida por nós neste trabalho, situa-se a um nível de análise e funcionamento da mesma, que salienta as regularidades recorrentes (traços) que marcam o estilo pessoal de uma pessoa, a distinguem de todas as outras e é susceptível de ser avaliada, através de um questionário. A versão do modelo proposto — o FFM — embora defendendo a constância da personalidade dos adultos e dos idosos saudáveis refere que as alterações qualitativas na personalidade seriam, no entanto, possíveis através de psicoterapias longas e profundas. Mais recentemente os autores desta versão do modelo vêm também a salientar a importância dos processos dinâmicos no estudo da personalidade.

A avaliação actual da personalidade, diversa e polémica, como reflexo do pluralismo conceptual vigente, continua a apostar nos questionários, como instrumentos seguros no estudo das diferenças individuais. O Inventário da Personalidade NEO-PI-R, objecto desta dissertação, que operacionaliza o modelo dos cinco factores, exemplifica, o carácter hermenêutico, criativo e de auxiliar de investigação dos questionários, visto possibilitar, entre outras virtualidades, a comparação de grupos culturais e etários, de inventários, de conceitos e de teorias diferentes.

As diferentes definições de personalidade estão, também, relacionadas e implicadas em perspectivas e teorias variadas. Estas são, como disse um autor desconhecido "olhares com vistas para os teus olhos" (o sujeito) e têm sido submetidas a análises metateóricas. Também estas são leituras – 'olhares' sobre a personalidade, representações de uma mesma realidade, onde encontramos muito material interessante e relevante para a reflexão sobre o presente e o futuro do estudo da personalidade, assim como para a recontextualização da teoria dos traços, na qual se inclui o modelo dos cinco factores.

Ao analisarem as diferentes teorias e constructos personológicos, alguns autores fazem-no de um ponto de vista mais descritivo e outros duma perspectiva mais histórica e prospectiva. Estas duas abordagens complementam-se, e clarificam a localização das teorias dos traços e do modelo dos cinco factores, no panorama da psicologia da personalidade. Saliente-se que a totalidade destas análises dá um papel de relevo às teorias que assentam nos traços.

As teorias dos traços têm uma longa e polémica história. Eles são, no entanto, conceitos-chave na psicologia da personalidade e estão na base da construção dos inventários. Os traços podem ser definidos como tendências gerais, dimensões das diferenças individuais, padrões consistentes, disposições cognitivo-dinâmicas, estilos emocionais, interpessoais, experienciais, atitudinais e motivacionais que são inferidos, a partir das regularidades do comportamento e hierarquizáveis. Eles têm, presumivelmente, uma base biológica[78], mas interagem com o ambiente, de forma a produzir adaptações características culturalmente condicionadas e significativas. Os defensores contemporâneos dos traços têm-se distribuído por três linhas de investigação, a saber, a que se dirige para a edificação de uma taxinomia das características da personalidade (para muitos, os cinco grandes factores), explicativas da miríade de traços isolados; a que se dirige para a exploração das bases genéticas das diferenças individuais ao nível da personalidade, e que encontrou um corpo impressionante de dados, que apontam para as origens genéticas e ambientais dessas diferenças; a que se orienta para a perspectiva do construtivismo social, que tenta compreender os traços, enquanto categorias socialmente definidas.

Os traços fazem parte dos tópicos, que se têm mantido ao longo da história da psicologia da personalidade. Reenquadrados, eles tornaram-se constructos analíticos importantes no estudo da personalidade actual, ao lado das novas teorias e conceitos emergentes.

Os conceitos e teorias referidos não são um corte radical com o passado e, por isso, a procura das suas raízes nas contribuições de há 50 anos atrás (Allport, Murray, ou Lewin) parece ter sido lugar comum. Porém, en-

---

[78] Alguns autores do domínio da psicologia social consideram que os traços são constructos sociais não tendo, por conseguinte, uma base biológica (*e.g.*, Scheff, 1966; Jones *et al.*, 1971).

tre o passado distante e a última década, a psicologia da personalidade passou por "*dark years*" e controvérsias. Mas, segundo Buss e Cantor (1989), lidando, adequadamente, com esta história problemática, uma geração de jovens e talentosos psicólogos da personalidade estão a tirar o melhor do passado e a avançar confiantemente para o futuro. A ajuizar pelo folgo e diversidade de investigações em curso, a psicologia da personalidade, nos anos 90, está viva e de boa saúde (Krahé, 1992) e a atravessar uma época de descoberta de novos rumos. Há mesmo quem vislumbre um "futuro estimulante para o domínio" (*"an exciting future for the field of personality*"; Buss & Cantor, 1989).

Efectivamente, as novas unidades de análise de nível médio, as novas formas de coerência, as relações com outras disciplinas (nomeadamente, com a psicologia social) e com a tecnologia, o interesse pelos aspectos intra-pessoais e interpessoais, privados e públicos da personalidade, os avanços na avaliação e na identificação da estrutura da personalidade, a recontextualização dos traços, a exploração da volição e a expansão das ferramentas explicativas, proporcionam uma agenda bem recheada para os anos 90. De acordo com Pervin (1990, p.725), "observamos o começo de esforços para compreender as ligações entre os traços e os motivos, assim como entre as perspectivas cognitivas e motivacionais; estas últimas reflectem, de forma mais geral, o esforço para compreender as interacções entre a estrutura e o processo ou entre a estabilidade e a mudança, na personalidade". O crescente pluralismo de métodos e perspectivas levou investigadores a investirem nas estratégias idiográficas, consideradas anteriormente inferiores, e na análise das influências situacionais e suas representações cognitivas.

Na metáfora de Buss e Cantor (1989), há motivos para esperar que "mil flores desabrochem" (*"a thousand flowers bloom*") na tentativa de explicação deste fenómeno fascinante, mas complexo, que é a personalidade.

As tendências de mudança da psicologia da personalidade nos anos 90 enquadram-se no paradigma epistemológico emergente como está bem patente nos temas da preferência dos defensores destas tendências, nomeadamente, a complexidade, a recontextualização, os novos conceitos, as tendências inter e transdisciplinares e o ecletismo e pluralismo metodológico. A psicologia da personalidade é, aliás, no nosso entender uma disciplina de eleição para o advento dos novos pressupostos epistemológicos, visto o seu centro ser a pessoa, passível apenas de ser compreendida na multiplicidade, no dinamismo e na totalidade.

Embora a teoria dos traços possa enquadrar-se numa perspectiva elementarista e, por conseguinte, numa epistemologia '*dated*' (por realçar essencialmente a objectividade dos traços, a fragmentação e os aspectos estáticos da personalidade), o modelo dos cinco factores, já se situa, no nosso entender, ao nível das novas correntes epistemológicas, visto ambicionar de uma forma mais explícita uma perspectiva holística, relacionada com os processos.

Podemos, para terminar, aplicar ao estado da investigação sobre a personalidade as palavras de Santos (1987, p.35), a respeito do estado da ciência moderna: "é um retrato de uma família numerosa e instável, mas também criativa e fascinante, no momento de se despedir, com alguma dor, dos lugares conceituais, teóricos e epistemológicos, ancestrais e íntimos, mas não mais convincentes e securizantes...".

◇

Situado o modelo dos cinco factores no passado, no presente e nas tendências de estudo da personalidade, enquadrado teórica e epistemologicamente, é o momento de aprofundarmos o seu estudo. Neste sentido, o próximo capítulo é-lhe inteiramente dedicado.

Capítulo 2. O modelo dos cinco factores

Definição

Breve resenha histórica do aparecimento do modelo

Considerações teóricas sobre o modelo

Abrangência do Modelo

Contributos do modelo

Críticas e limites do modelo

Conclusões: o OCEAN

Capítulo 2. O modelo dos cinco factores

> "Apesar de sermos todos únicos ... em termos de formas de adaptação, não somos assim tão excentricamente diferentes, de molde a desafiar uma boa categorização" (Block, 1971, p.110).

No capítulo precedente, apresentámos o domínio da personalidade, caracterizado pela diversidade e complexidade. Foi então sublinhado que a existência de muitas linguagens, na análise deste constructo, tem dificultado a comunicação entre investigadores de várias disciplinas e quadrantes teóricos. Porém, a recente tentativa de organizar o domínio, quer metateoricamente, quer através de taxionomias, tem-se revelado proveitosa na arrumação deste edifício enorme e labiríntico. De entre os inúmeros avanços na psicologia da personalidade dos anos 90 salientámos, no capítulo anterior, o ressurgimento dos traços. Efectivamente, em contraste, com os poucos avanços, que têm sido feitos, em relação ao estudo de conceitos como as "situações", têm emergido várias linhas de investigação, contribuindo para alicerçar, teoricamente, o conceito de "traço". Segundo Krahé (1992), este desenvolvimento tem-se feito ao longo de três eixos principais (ver capítulo precedente). Um destes, que consiste na procura de uma taxinomia dos traços fundamentais, levou ao reestabelecimento destes como constructos centrais na análise da personalidade.

A procura dessa taxinomia conduziu os teóricos a proporem, como centenas de hipotéticos candidatos a dimensões básicas da personalidade, as formas mais importantes em que diferem os sujeitos nos seus duradouros **estilos emocionais, interpessoais, experienciais, atitudinais e motivacionais**. Durante décadas, os factorialistas tentaram trazer ordem à confusão daí resultante, submetendo as escalas da personalidade à análise factorial. Contudo, segundo McCrae e John (1992), estes estudos, em vez de resolverem a questão, na generalidade, apenas contribuíram para fomentar a controvérsia.

Porém, como sublinha Rolland (1994), o importante é que os modelos da personalidade fundados nos traços estão vivos e forneceram um conjunto convergente de respostas às críticas radicais, que lhes foram sendo feitas. Estas respostas dizem, essencialmente, respeito ao número de facto-

res que permitem a descrição mais correcta, mais económica e mais *nuancée* da personalidade e à interpretação dos mesmos.

Um dos modelos que mais contribuiu para o renascimento deste domínio, há muito debilitado pelas críticas de Mischel (1968) e de Shweder (1975), foi o modelo dos cinco factores que é hoje objecto de uma larga aceitação (Digman, 1990; Wiggins & Pincus, 1992), embora, como sublinha Levy-Leboyer (1994), o consenso, em torno do mesmo, não seja total.

Com origem na abordagem lexical, iniciada nos anos 30 por Allport e Odbert e continuada por Cattell e depois por Fiske, Norman e Tupes e Christal, o referido modelo desenvolveu-se, sobretudo, nos EUA, sob o impulso de Costa e McCrae, que preconizam uma abordagem à estrutura da personalidade por questionário, enquanto Goldberg advoga a abordagem lexical.

A sua actualidade e importância está bem patente na vasta referência do mesmo em manuais sobre as teorias da personalidade de autores reputados (Maddi, 1980; Hayslip & Panek, 1989; MacAdams, 1990; Pervin, 1990), livros inteiros que lhe foram consagrados (Costa & Widiger, 1994; Wiggins, 1996) e inúmeros artigos de revistas, duas das quais lhe dedicaram mesmo um número especial[1]. Na primeira revista, de origem norte-americana, os autores sumariam a história do modelo e fundamentam-no. Seguem-se artigos, que o posicionam, no contexto da psicologia da personalidade e o avaliam criticamente. Por último, são referidas as suas aplicações na área da psicopatologia e da saúde. No número especial da revista europeia, os autores tentam dar uma avaliação da vitalidade e versatilidade do modelo:

- evidenciando a sua existência, em contextos semânticos e culturais diferentes (Caprara, Barbaranelli, Livi, De Raad & Szirmàk) e confirmando, portanto, a transculturalidade do mesmo;
- fazendo referência à organização e ao número de factores, que permitem a descrição mais correcta e gradual do universo dos traços de personalidade (Klinne & Barrett; Ostendorf & Angleitner);
- respondendo a certas críticas clássicas sobre a interpretação dos traços (Borkenau & Liebler);
- examinando a validade de diferentes instrumentos (lista de adjectivos ou questionários), que permitem a medição dessas dimensões (De Raad & Szirmàk; Ostendorf & Angleitner);
- relacionando-o com outros campos, outras problemáticas e, finalmente, analisando o seu papel integrador dos sistemas existentes (Caprara, Barbaranelli & Livi).

Como sublinham Caprara e colaboradores (1994), representando ele uma solução, largamente consensual para o problema da estrutura dos tra-

---

[1] O *Journal of Personality* (*The Five-Factor Model: Issues and Applications*, vol. 60 (2), 1992) e a *Revue Européenne de Psychologie Appliquée* (*Le modèle de Personnalité des Big Five en Europe*, 1º trimestre, vol. 44 (1), 1994).

ços e factores da personalidade, permite um diálogo entre diferentes parceiros (investigadores e práticos) e diferentes campos da psicologia (psicologia diferencial, psicologia clínica e patológica, psicologia social, psicolinguística, psicologia intercultural, teorias cognitivas, etc). Oferece, desta forma, uma linguagem comum para psicólogos de diferentes tradições, um enquadramento para organizar a investigação e um guia para uma avaliação abrangente dos sujeitos, a nível clínico, educacional e do trabalho e das organizações.

As interrogações acerca do número de factores parecem ter tido, assim, pelo menos provisoriamente, uma resposta razoavelmente satisfatória. É um progresso notável, embora persistam ainda vários problemas[2].

Muitos teóricos da personalidade podem objectar que a avaliação dos traços, seja de que maneira for, pode não ser a melhor forma de compreender as diferenças individuais. Porém, segundo McCrae e Costa (1987), explicações alternativas, sejam elas, psicofisiológicas, comportamentais, psicodinâmicas ou genéticas estão, eventualmente, relacionadas com os cinco factores, podendo o modelo fornecer o enquadramento, no qual estas relações podem ser sistematicamente examinadas.

Os defensores do modelo consideram que estes factores, individualmente ou em combinação, podem ser encontrados em quase todos os instrumentos da personalidade. Efectivamente, numerosos estudos, com várias escalas, chegaram à identificação dos *'big five'*. Deste modo, McCrae e John (1992) consideram que é mais frutuoso adoptar como hipótese de trabalho que o modelo dos cinco factores está essencialmente correcto na sua representação da estrutura dos traços, tentando, depois, verificar as suas implicações para a teoria da personalidade e para a Psicologia. Se for correcta a hipótese de que, realmente, descobrimos as dimensões básicas da personalidade, isso representará um momento de viragem para a psicologia da personalidade. Em vez das intermináveis disputas entre sistemas em competição que, durante tanto tempo, paralisaram o domínio, poderíamos assistir ao desenvolvimento de esforços de investigação cooperativa e à consecução de resultados cumulativos. Em vez da redundância de medir o mesmo constructo com uma dezena de designações diferentes, poderíamos chegar a uma uniformização dos conceitos e dos instrumentos utilizados para os avaliar. E, em vez de uma selecção ao acaso das variáveis, teríamos uma procura sistemática dos correlatos da personalidade. Mas, segundo os seus defensores, uma versão do modelo dos cinco factores é,

---

[2] Por exemplo, no que concerne ao potencial de preditividade — a validade de critério — está ainda pouco explorado. No entanto, as sínteses de Barrick e Mount (1991) e Tett e Jackson (1991) mostram que, nesta perspectiva, o modelo é, pelo menos, interessante. As relações entre as dimensões e os critérios não são simples, como nos mostram alguns autores (Barrick & Mount, 1993; Barrick, Mount & Strauss, 1993; Matthews, Jones & Chamberlain, 1992). No entanto, tais investigações são necessárias para afinar, por um lado, a validade de constructo dos factores e, por outro, afirmar eficazmente as aplicações do modelo (Rolland, 1994).

pelo menos, necessária para a descrição das diferenças individuais e para constituir um quadro de referência, a partir do qual, possam ser comparados os diferentes sistemas, evidenciando mais facilmente, as semelhanças, disparidades e, *quiçá*, deficiências.

Em suma, os psicólogos da personalidade começam a chegar a acordo sobre a existência de cinco grandes factores que, segundo alguns autores (Digman, 1990; McCrae, 1992; McCrae *et al.*, 1994), têm trazido ordem a um domínio caótico e sistematizado a investigação sobre o desenvolvimento, avaliação e estabilidade da personalidade. Mais recentemente (1995-96), tentativas de teorização do modelo vêm dar um contributo inestimável para as concepções emergentes sobre a personalidade (nomeadamente sobre a relação dos traços com a acção e a experiência: Costa & McCrae, 1996).

Não querendo ignorar as excelentes revisões e análises, que foram realizadas por diferentes autores sobre o modelo em questão, vamos, neste capítulo, analisar o seu aparecimento e fundamentação, bem como as suas implicações teóricas e práticas para a reflexão actual em torno da psicologia da personalidade e da psicologia do adulto. Julgamos fundamental analisar, aprofundadamente, o papel do modelo dos cinco factores da personalidade na compreensão e avaliação da personalidade na idade adulta, sendo que se trata de uma dissertação dedicada ao questionário que o operacionaliza, a nível adulto – o NEO-PI-R – que será objecto do capítulo 3.

2.1. Definição

O modelo[3] dos cinco factores da personalidade (*Five Factor Model,* conhecido pelas siglas FFM) é uma representação da estrutura[4] da personali-

---

[3] De um modo geral, o cientista quando pretende interpretar os fenómenos ou comunicar a sua compreensão dos mesmos, usa modelos ou teorias. O modelo é um esquema físico ou conceptual representativo de determinada realidade. Ele pode representar, mais ou menos exaustivamente, o sistema, isto é, ser a sua réplica, ou traduzir o seu comportamento, de forma simplificada ou parcial. Pode ser uma representação física, matemática ou gráfica, como um simples diagrama de barras.

Uma alternativa ao modelo é o análogo. Este é, em geral, um modelo não identificável com o sistema em estudo, descrito por variáveis que não são dimensionalmente equivalentes, mas com propriedades que, de algum modo, simulam o sistema em estudo. As leis que governam as variáveis, nos dois casos são, contudo, formal e matematicamente semelhantes (Lima, 1992).

[4] Para a generalidade dos teóricos, trata-se de um modelo hierárquico, composto por dimensões gerais de ordem superior e dimensões mais específicas. As primeiras são os conhecidos cinco grandes factores que abrangem e congregam muitos outros mais específicos (McCrae & John, 1992; Costa & Widiger, 1994). A este respeito, Goldberg (1993, referido em Costa & McCrae, 1995, p. 308) afirma: "É amplamente reconhecido que os traços da personalidade estão dispostos hierarquicamente, com traços específicos e limitados nos níveis inferiores da hierarquia, e

dade, em termos de cinco dimensões básicas (os "cinco grandes factores", no original, "*Big Five*").

Cada um dos cinco factores é, usualmente, designado, a partir de um traço geral que abarca e capta o tema semântico compartilhado pelos traços que contribuem para esse factor.

Todavia, contrariamente ao consenso relativo, mas crescente e maioritário, em relação ao número de factores (ver, nas críticas ao modelo, a discussão a este respeito), segundo muitos autores, não existe acordo em relação à sua denominação e significado (Digman, 1990; John, 1990b). Tal não é, no entanto, de estranhar já que o nome dos factores reflecte acidentes históricos, posições conceptuais e ligações a instrumentos já publicados[5].

Existem dois sistemas, que estão na origem do nome dos factores: um, derivado da tradição lexical e outro, da tradição do estudo com questionários (McCrae & John, 1992)[6]. Pelo que à primeira se refere, muitas revisões históricas (segundo McCrae & John, 1992), sobre o aparecimento do modelo, consideram, como seu começo formal, a declaração de Norman

---

dimensões-traços ou domínios globais e abrangentes no topo". Briggs (1992), apesar de adepto dos cinco factores, advoga o estudo dos '*primaries*' — esses elementos incluídos em cada grande factor. John (1990), por seu turno, encara o modelo dos cinco factores como um modelo heurístico e integrativo, em que os cinco factores são categorias superiores que incluem muitos subtraços.

[5] Mesmo entre os defensores dos cinco factores, não existe ainda um acordo perfeito em relação à interpretação das cinco dimensões ou factores. Efectivamente, a impressão que se retira do processamento de dados nesta área, escrevem Hofstee e colaboradores (1992), é a de que os resultados são confusos. Tal deve-se ao facto de as pessoas, em geral, ao utilizarem o mesmo traço, raramente quererem dizer precisamente a mesma coisa, e esta incerteza estende-se, tanto às auto (descrições ou avaliações pessoais), como às hetero-avaliações. Consequentemente, devido às diferentes perspectivas nas análises estruturais dos traços, não se sabe a origem de grande parte da variância na avaliação de um traço. Assim, continuam estes autores, qualquer correlação entre dois traços é o resultado, em rede, de comportamentos verbais de subconjuntos de sujeitos que conceberam os traços como relacionados, inversamente relacionados, ou não relacionados. Por outro lado, comentam os autores supracitados, os cinco factores não estão na cabeça de todos as pessoas: esta estrutura seria, por conseguinte, o múltiplo denominador comum de muitas teorias implícitas de personalidade — a daquela que obteve, por assim dizer, mais votos. Os investigadores, não sendo menos idiossincráticos do que as outras pessoas, e com as mesmas dificuldades em serem verdadeiramente ecléticos, em relação aos diferentes modelos da personalidade, teriam também as suas teorias implícitas. Consequentemente, a solução para os investigadores da personalidade seria o confronto com o seu mapa cognitivo (a sua forma de organizarem o pensamento) ou, em virtude das confusões da linguagem, a de optarem pela medição objectiva. Mas como a linguagem tem relações evidentes com o comportamento e a personalidade, o importante, por agora, concluem Hofstee e colaboradores (1992), é explicar o máximo possível da variância interpessoal a partir dos dados disponíveis. E, sem dúvida, os cinco factores, aparentemente, representam os principais domínios de conteúdo que os adultos usam para se descreverem a si próprios e aos outros (John, 1990; McCrae & Costa, 1990; Donahue, 1994).

[6] Os autores da tradição lexical designam sobretudo o modelo como o *'Big Five model'* e os segundos como o *'five-factor model'*.

(1963), segundo a qual os cinco factores seriam uma "taxinomia adequada dos atributos da personalidade" (*"adequate taxonomy of personality attributes"*). A categorização proposta por Norman era a seguinte:

I Extroversão ou *Surgency*[7]
II Amabilidade
III Conscienciosidade
IV Estabilidade Emocional
V Cultura

Observe-se que não é casual a ordenação destes factores, uma vez que os primeiros são aqueles que são representados, em maior número (por mais adjectivos) no dicionário.

A segunda tradição, que levou ao FFM, derivou, como já vimos, da análise dos questionários e, muito particularmente, do trabalho de Eysenck, que identificou a Extroversão (E) e o Neuroticismo (N) como sendo duas componentes essenciais da estrutura da personalidade. Foi Wiggins (1968) que os baptizou de "dois grandes", no original *"Big Two"*, abrindo caminho para a designação por Goldberg (1981) de "cinco grandes" (*"Big Five"*), relativa aos cinco factores. Costa e McCrae incluíram a dimensão Abertura à Experiência e, mais tarde (1985, 1989), criaram escalas para medir a Conscienciosidade e a Amabilidade[8].

Posteriormente, muitas publicações adoptaram esta nomenclatura (*e.g.*, Funder & Colvin, 1988; Wiggins & Pincus, 1989; Zuckerman, Bernieri, Koestner, & Rosenthal, 1989; Borkenau & Ostendorf, 1990; Tellegen & Waller, no prelo). No entanto, o quadro 2.1 ilustra algumas das diferenças na terminologia empregue pelos diferentes autores.

A vantagem dos números atribuídos aos factores por Norman é a sua neutralidade teórica; a desvantagem é o seu reduzido valor mnemónico. As iniciais (E e N), originalmente popularizadas por Eysenck, são mais fáceis de interpretar e memorizar. Para aqueles que conotam o Neuroticismo com uma desordem psiquiátrica, Afectividade Negativa (Watson & Clark, 1984) ou, simplesmente, Nervosismo, pode parecer uma designação mais apta, mas todos estes conceitos podem ser, convenientemente, indicados pela inicial N. E (Extroversão) pode também significar Energia ou Entusiasmo (Watson & Clark, no prelo). O, para além de *Openness*, ou Abertura, pode ainda significar Originalidade. A (Amabilidade) é susceptível também de sugerir Afiliação (Leary, 1957) ou Afecto (Brand, 1984). Por último, C (Conscienciosidade), pode indicar o Constrangimento (Tellegen, 1982) ou Controlo (Krug & Johns, 1986).

---

[7] Embora não haja, em Português, um termo equivalente a *surgency* (este termo também não aparece, aliás, nos dicionários ingleses consultados: Longman e Collier's) parece-nos que deriva da palavra latina *surgere* (erguer-se) que está também na etimologia do verbo surgir. Os ingleses empregam como sinónimo o termo *enthusiastic* e os franceses têm como equivalente os vocábulos *dynamisme* e *expansivitê*.

[8] Notar que N corresponde a baixa Estabilidade Emocional (-IV) e O é uma variante do Factor V de Norman.

Existe acordo em que a dimensão I é a Extroversão/Introversão de Eysenck (1947) e que IV traduz a presença e efeitos da afectividade negativa ou emotividade de Tellegen (1985). Por conseguinte, estas duas dimensões equivalem aos *Big Two* (Neuroticismo *vs* Estabilidade Emocional e Extroversão vs Introversão), delineados por Eysenck, há mais de quarenta anos.

O domínio II tem sido interpretado como Amabilidade (Tupes & Christal, 1961; Norman, 1963; Goldberg, 1981; Costa & McCrae, 1985). Digman (1990) considera esta designação pouco adequada para se referir à dimensão que parece envolver os aspectos mais humanos da humanidade – características como o altruísmo, carinho e apoio emocional (*nurturance*[9]), num dos pólos, e hostilidade, indiferença pelos outros, autocentração, desdém e ciúmes, no outro. Em 1949, Guilford e Zimmerman, propuseram a amizade (*friendliness*) como um traço primário da personalidade, e Fiske, também em 1949, a conformidade às normas sociais. Por sua vez, tendo em atenção as características de amabilidade e docilidade inerente a esta dimensão, Digman e Takemoto-Chock (1981) consideraram mais adequado utilizar a designação de Cumplicidade Amigável, que se oporia à Cumplicidade Hostil.

A essência da dimensão III, igualmente, tem sido difícil de captar, visto que, segundo Digman e Innouye (1986), apresenta também saturações na dimensão II. Porém, para muitos estudiosos, poderia traduzir-se pelo termo Conscienciosidade. Ao notarem que esta dimensão está relacionada com a aquisição escolar, Digman e Takemoto-Chock (1981) sugeriram o termo Vontade (*Will*), ou Vontade de Realização/ Força de Vontade (*Will to Achieve*). Isto, na sequência de Webb, em 1915 (citado em Digman, 1990), ter já notado que, para além do factor geral de inteligência, haveria um factor de vontade (*volition* ou *will*).

A dimensão V tem sido interpretada como Intelecto (*e.g.*, Digman & Takemoto-Chock, 1981; Goldberg, 1981; Hogan, 1983; Digman & Inouye, 1986; Peabody & Goldberg, 1989), Inteligência (Borgatta, 1964) e Abertura à Experiência (Costa & McCrae, 1985; McCrae e Costa, 1987). Estes últimos têm sublinhado as diferentes áreas da dimensão Abertura. Hogan (1986), por sua vez, põe em relevo os interesses culturais, criativos e educacionais da mesma. Apesar desta dimensão mostrar correlações com medidas de aptidão intelectual, sobretudo com o pensamento divergente (McCrae, 1987), os autores consideram que a inteligência, psicometricamente avaliada, representa um factor diferente. Daí, a opção por O e não por "Intellectance" (Hogan, 1983) ou "Culture" (Goldberg, 1983), como rótulo para esta dimensão.

No quadro 2.1. podem ler-se as diferentes designações dadas aos cinco factores por diferentes autores.

---

[9]A palavra *nurturance* deriva do latim *nutrire* e, aplicada a um contexto psicológico, significa educar, criar, nutrir e facultar o crescimento interior dos outros.

Autor	I	II	III	IV	V
Fiske (1949)	adaptação social	conformidade	vontade de realização *(will to achieve)*	controlo emocional	intelecto inquiridor *(inquiring intellect)*
Cattell (1957)	*exvia*	*cortetia*	força do superego	ansiedade	inteligência
Tupes & Christal (1961)	extroversão *(surgency)*	amabilidade	digno de confiança *(dependability)*	emotividade *(emotionality)*	cultura
Norman (1963)	extroversão *(surgency)*	amabilidade	conscienciosidade	emotividade *(emotionality)*	cultura
Borgatta (1964)	assertividade	simpatia *(likeability)*	interesse pela tarefa *(task interest)*	emotividade *(emotionality)*	inteligência
Eysenck (1970)	extroversão	psicoticismo		neuroticismo	
Guilford (1975)	actividade social	disposição paranóide	introversão do pensamento *(thinking introversion)*	estabilidade emocional	
Buss & Plomin (1984)	actividade	sociabilidade	impulsividade	emotividade *(emotionality)*	
Costa & McCrae (1985)	extroversão	amabilidade	conscienciosidade	neuroticismo	abertura à experiência
Tellegen (1985)	afectividade positiva		constrangimento *(constraint)*	afectividade negativa	intelectualidade
Lorr (1986)	envolvimento interpessoal	nível de socialização	auto-controlo	estabilidade emocional	independência
Hogan (1986)	sociabilidade & ambição	simpatia *(likeability)*	prudência	adaptação	
Digman (1988)	extroversão	cumplicidade amigável	força de vontade *(will to achieve)*	neuroticismo	intelecto
Peabody & Goldberg (1989)	poder	amor	trabalho	afecto	intelecto

Nota: Tabela adaptada a partir de Digman (1990; p. 423)

Exvia opõe-se a Invia e é, segundo Cattell (1974), um factor de segunda ordem (*secondaries*) conhecido na linguagem popular por Extroversão. Esta palavra inclui-se nos termos artificialmente criados por Cattell.

Cortetia (insensível - *Tough Poise* - na linguagem popular) opõe-se a *Pathemia* (sensibilidade, emotividade) e é, segundo Cattell (1974), um factor de segunda ordem (*secondaries*). Esta palavra, também, se inclui nos termos artificialmente criados por Cattell.

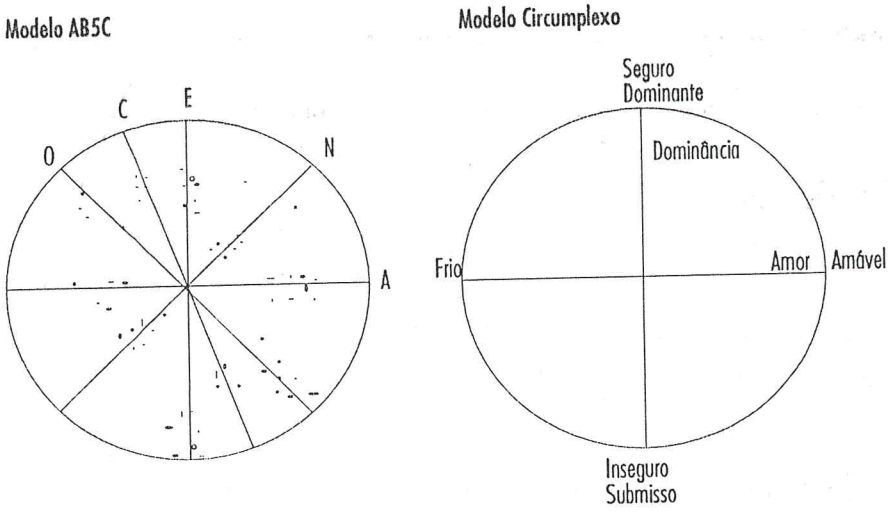
Quadro 2.1 As cinco dimensões da personalidade, de Fiske até ao presente

◇

Vimos, neste subcapítulo, que embora exista um consenso relativo em torno do modelo e da sua definição, subsistem, ainda, algumas questões sobre qual o significado e que terminologia empregar, para designar os factores. Estas divergências são, em parte, fruto de condicionalismos históricos. A história do modelo é, por conseguinte, objecto do subcapítulo seguinte.

2.2. Breve resenha histórica do aparecimento do modelo

Podemos explicar o aparecimento do modelo dos cinco factores, com base em duas perspectivas diferentes, embora estreitamente relacionadas: pela história dos traços e pela ambição de compreender, de forma abrangente, os mesmos.



Legenda: As letras da figura da esquerda representam os cinco grandes factores.
Nota: A figura da esquerda representa o modelo AB5C (*Abridged Big Five Dimensional Circumplex*) e é baseada na descrição de Hofstee *et al.* (1992) e de Goldberg (1992). O primeiro refere que a esfera contém 5 eixos, e o segundo, na sua descrição estelar, defende que, vista do centro, a esfera assemelhar-se-ia a uma noite estrelada, com os agrupamentos de traços a representar as galáxias, e os traços isolados estrelas no espaço.

Quadro 2.2 Representação hipotética do modelo AB5C (esquerda) e do modelo circumplexo (direita)

Em relação a esta última, surgiram, nos anos mais recentes, duas tentativas notáveis de organizar a investigação sobre a personalidade, em termos de um modelo estrutural geral. Wiggins (1979; Wiggins & Broughton, 1985) e outros (Paddock & Nowicki, 1986) fizeram reviver o interesse pela teorização, em torno do circumplexo interpessoal, originalmente proposto por Freedman, Leary, Ossorio e Coffrey (1951). Por outro lado, um grupo diferente de investigadores (*e.g.*, Digman & Takemoto-Chock, 1981; Noller, Law & Comrey, 1987) retomaram o modelo da personalidade dos cinco factores, elaborado, inicialmente, por Tupes e Christal (1961) e Norman (1963). Ora, ambas as linhas de investigação mostraram o valor da sua abordagem para a compreensão de uma vasta gama de aspectos da personalidade.

O modelo circumplexo[10] (quadro 2.2) e o FFM diferem entre si, quanto à origem, estrutura e conteúdo. O circumplexo interpessoal está,

[10] Podemos definir um circumplexo como um arranjo circular de variáveis-traços, representado por vectores ou pontos definidos pela sua projecção em duas dimensões, e em que as variáveis espacialmente mais próximas estão mais relacionadas.

teoricamente ligado à psiquiatria social (Sullivan, 1953)[11], à psicologia social (Bales, 1950; Foa & Foa, 1974) bem assim à psicologia da personalidade. O modelo dos cinco factores emergiu, empiricamente, de tentativas para sumariar medidas de traços de personalidade e enquadra-se na teoria dos traços. O primeiro propõe uma estrutura circular em torno de dois eixos; o segundo, uma estrutura dimensional de cinco factores. O circumplexo inclui apenas disposições relacionadas com interacções (Wiggins, 1979) enquanto o modelo dos cinco factores ambiciona maior abrangência, incluindo traços emocionais e motivacionais. Já que, em primeiro lugar, quanto ao conteúdo, o circumplexo interpessoal deve corresponder a uma fracção do modelo dos cinco factores e, em segundo lugar, a interpretação destes está longe de ser unívoca[12] e, finalmente, que os descritores dos traços não encaixam em modelos de estrutura simples[13], alguns investigadores propõem a integração destes dois modelos. Por exemplo, Hofstee e colaboradores (1992) apresentaram o Circumplexo Dimensional Abreviado dos Cinco Grandes (*Abridged Big Five Dimensional Circumplex*; AB5C, ver QUADRO 2.2), que consiste num circumplexo composto por 5 dimensões, e Trapnell e Wiggins (1990), o Circumplexo dos Adjectivos Interpessoais Revisto - Cinco Grandes (*Circumplex Revised Interpersonal Adjective Scales Big Five*; IASR-B5[14]).

A ambição de compreender, de forma abrangente, os traços está, naturalmente, muito relacionada com a história destes constructos. McCrae e John, no seu excelente artigo introdutório ao número especial de *Journal of Personality* (1992), dedicado aos cinco grandes factores, referem — na história dos traços — o movimento da abordagem lexical e dos estudos com questionários. Como a análise do aparecimento do modelo tem sido feita,

---

[11] Baseado na perspectiva teórica de Horney (1937) e Sullivan (1953), Leary (1957) propôs que os comportamentos interpessoais poderiam ser organizados, em termos de um padrão circular, em torno de dois eixos (Amor-Ódio e Dominância-Submissão). Ao longo das últimas décadas, dois grupos de investigadores (Lorr & colaboradores e Wiggins & colaboradores) têm investigado, intensivamente, este domínio. O mais conhecido é o circumplexo interpessoal (Wiggins, 1982), baseado nos factores I (Extroversão) e II (Amabilidade) de Norman. Peabody e Goldberg (1989) também propuseram um modelo circumplexo baseado nos factores I, II e III de Norman.

[12] John (1990) chega a colocar as seguintes interrogações: "Quais Cinco Grandes?" ("*Which Big Five*?"); "De Quem?/ De que autores?" ("*Whose Big Five*?").

[13] Efectivamente, os termos-traços tendem a representar combinações de factores, cuja localização é instável e raramente unívoca a sua interpretação. Ora, os modelos circumplexos, pela sua natureza, oferecem a oportunidade de identificar agrupamentos de traços que são semanticamente coesos (Hofstee *et al.*, 1992). Os modelos de estrutura simples estão na base de procedimentos como a rotação varimax.

[14] O instrumento resultante, já referido, composto por cinco escalas (IASR-B5), tem uma boa consistência interna e apresenta validade convergente e discriminante, quando comparado com o NEO-PI-R e o Inventário de Personalidade de Hogan. O IASR-B5 tem, por conseguinte, a vantagem de combinar, de forma eficiente, a avaliação através de circumplexo e através do FFM.

essencialmente, segundo a generalidade dos autores, através destas duas abordagens, dedicamos-lhes as duas próximas secções. No entanto, salvaguardemos que outros autores têm referido outros antecedentes (nada incompatíveis com os primeiros, mas apenas complementares), bem como outras alternativas de leitura da história do modelo. Nomeadamente, McCrae (1989) sugere a existência de um terceiro antecedente, a saber, as principais escolas de psicologia da personalidade, das quais derivaram as dimensões das diferenças individuais incluídas no modelo. Digman (1994), por seu turno, apela para a confluência no FFM, no princípio dos anos 80, de três linhas de investigação independentes: o interesse pela avaliação da personalidade; estudos sobre os descritores da linguagem; e a análise dos inventários da personalidade. Block (1995, p.195), numa perspectiva diferente, ao fazer a história do modelo, sugere uma divisão composta pelas seguintes fases: antes de Goldberg, com Goldberg, com Costa e McCrae.

Vamos, então, de seguida, fazer referência aos dois principais percursos históricos do FFM, apontados por autores como McCrae e John (1992): o movimento da abordagem lexical e o dos estudos com questionários.

2.2.1. A hipótese lexical

> "Por ter descoberto o mundo através da linguagem, pensei, durante muito tempo, que a linguagem era o mundo" (Jean-Paul Sartre, citado em Yaguello, 1991, p. 83).

A hipótese lexical estabelece que todas as diferenças individuais importantes terão sido registadas e codificadas em termos-traços, num qualquer ponto da evolução da linguagem: descodificando estes termos, podemos descobrir as dimensões básicas da personalidade[15]. Por conseguinte, se a hipótese lexical estiver correcta, a análise da linguagem proporcionará uma taxinomia compreensiva dos traços da personalidade. Assim, a característica, que distingue a abordagem lexical, é a identificação do universo dos traços da personalidade no léxico, ou seja, na linguagem vulgar (do dicionário) (Raad & Szirmak; 1994). De acordo com os pressupostos desta abordagem, podem organizar-se os conceitos/traços em factores, susceptíveis de reflectir a estrutura da linguagem sobre a personalidade, a um nível

---

[15] "*Those individual differences that are the most significant in the daily transactions of persons with each other will eventually become encoded into their language. The more important such a difference is, the more people will notice it and wish to talk of it, with the result that eventually they will invent a word for it.*" (Goldberg, 1982, p.204 *in* Block, 1995, p. 196).

muito geral. Por conseguinte, os factores descrevem, provavelmente, os conceitos-traços mais importantes, que emergiram das interacções sociais, sendo natural que apareçam em estudos, que utilizem descrições baseadas na linguagem.

Foi o que aconteceu com o modelo dos cinco factores que, segundo John, Angleitner e Ostendorf (1988), teve a sua origem em estudos sobre os termos-traços da linguagem natural.

Se assumirmos que a estrutura da personalidade é universal, poderemos retirar os mesmos factores básicos de qualquer linguagem natural. Ora, existe evidência neste sentido. Efectivamente, quando as escalas de medição foram traduzidas para Alemão (Borkenau & Ostendorf, 1990), Japonês (Bond *et al.*, 1975), ou Chinês (Yang & Bond, 1990), foram encontradas estruturas factoriais semelhantes. Existem, aliás, segundo os defensores desta abordagem, diversas razões para começar a procura das dimensões psicológicas da personalidade na linguagem natural. Em primeiro lugar, porque, para o leigo, a personalidade é definida por termos, como amigável e pontual. Tais termos são as formas pelas quais os sujeitos se compreendem a si e aos outros. Ora, quanto mais importante for a diferença, a que o termo se refere, mais as pessoas reparam nela e querem falar sobre ela e, como consequência, inventarão uma palavra para a designar (Goldberg, 1982). Deste modo, uma teoria completa da personalidade deve, em última instância, explicar o fenómeno a que estes termos se referem e como são utilizados na linguagem de todos os dias.

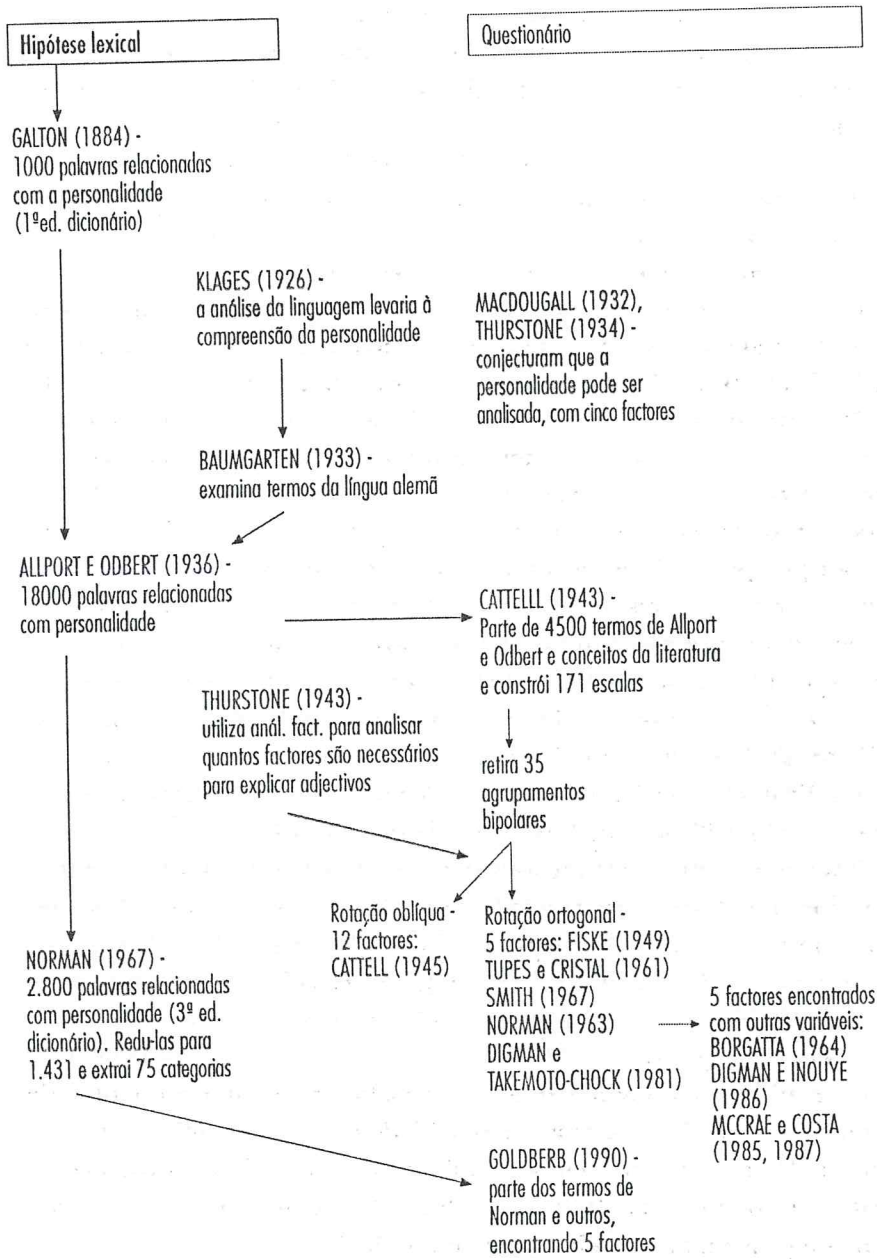
Em segundo lugar, justificar-se-ia a hipótese lexical, porque os investigadores têm de falar a linguagem dos seus informantes, para elaborar os questionários, que são uma das principais formas de recolher dados e comunicar com os sujeitos. Assim, mesmo que os psicólogos utilizem termos técnicos, terão depois de os converter em linguagem vulgar, para os poderem explicar aos sujeitos.

A terceira razão fundamenta-se na constatação de que a quantidade de termos do dicionário sobre a personalidade ascende aos milhares. Ora, tal riqueza de vocabulário é, em princípio, testemunho da importância social dos traços da personalidade. Portanto, os traços devem estar representados na linguagem, na medida da sua importância.

A história dos traços remonta ao século passado, quando se começou a reconhecer que a variedade das diferenças individuais, ao nível da personalidade, é quase ilimitada[16].

---

[16] Goldberg (1990) observa que, ao mesmo tempo, a maioria destas diferenças não são significativas nas interacções do dia-dia e, por conseguinte, têm passado despercebidas. Contudo foram estas dissemelhanças entre as pessoas, estudadas através da análise dos adjectivos-traços e da interpretação dos resultados de questionários, que confluíram, mais tarde, na edificação do modelo dos cinco factores.



Quadro 2.3 História do aparecimento dos cinco factores — síntese

Sir Francis Galton foi dos primeiros cientistas a reconhecer a importância da hipótese lexical (Goldberg, 1990), defendendo, nomeadamente, que as diferenças individuais mais importantes acabariam por ser codificadas como termos singulares em algumas, ou todas, as línguas humanas e que as palavras, que evoluíram, através dos séculos, para descrever as diferenças individuais da personalidade, socialmente significativas, poderiam ser utilizadas como a base de sistemas mais formais de personalidade. Assim, Galton, em 1884, encontrou, no dicionário, cerca de mil palavras relacionadas com o constructo personalidade. Este trabalho foi, posterior-

mente, aperfeiçoado por Allport e Odbert (1936), com termos da 2ª edição de um conhecido dicionário de língua inglesa (o *Webster's Unabridged Dictionary of the English Language)* e, mais tarde, por Norman (1967) que completou a lista com elementos da 3ª edição deste mesmo dicionário. O quadro 2.3 resume as duas correntes históricas do FFM.

Este vislumbre de Galton inspirou a obra de vários outros investigadores. Um deles foi Thurstone (1934), pioneiro do desenvolvimento da análise factorial, que refere que uma lista de 60 adjectivos, utilizados para descrever as pessoas, pode ser adequadamente resumida, considerando apenas 5 factores comuns e independentes (Digman, 1994). Pediu a 1300 avaliadores que qualificassem uma pessoa que eles escolhessem, a partir da já referida lista inicial de 60 adjectivos. O seu espanto, por encontrar apenas cinco factores, levou-o a comentar que a descrição científica da personalidade pode não ser tão desesperadamente complexa, como poderíamos, à partida, pensar.

Digman (1990) refere, por seu turno, o trabalho pioneiro de William McDougall (1932, p.5), onde este conjectura e antecipa que a "personalidade pode com vantagem ser globalmente analisada em cinco factores distintos e independentes, nomeadamente, o intelecto, o carácter, o temperamento, a disposição o humor... cada um dos quais é altamente complexo e comporta muitas variáveis" [17].

É interessante observar, como descreve Digman (1994), que, embora o modelo tenha sido proposto por um famoso teórico da personalidade (McDougall) e corroborado por um psicometrista eminente (Thurstone), tiveram que passar mais de cinquenta anos, antes daquele ser aceite, de uma forma generalizada e séria. As razões inventariadas por Digman (1994) são várias, a começar pela complexidade de elaborar análises factoriais sem computadores e Thurstone, na altura, se ter dedicado ao estudo da inteligência e não ao desenvolvimento das suas ideias sobre a personalidade. Por outro lado, nessa época, os investigadores estavam também mais interessados no estudo de questões teóricas, ou na confirmação de aspectos parciais de teorias. Acresce que a existência de duas correntes diferentes no estudo da personalidade também não favoreceu o desenvolvimento do modelo[18]. Finalmente, a abordagem factorial, dominada essencialmente pelos trabalhos de Cattell, Eysenck e Guilford não tem sido persuasiva. Efectivamente, como defende o autor supracitado, mesmo uma pessoa de boa vontade tem de duvidar, perante tantas propostas diferentes de factores e, ainda por cima, todos baseados na mesma técnica.

---

17 "*Personality may to advantage be broadly analysed into five distinguishable but separable factors, namely intellect, character, temperament, disposition, and temper... each of these is highly complex and comprises many variables*".

18 A primeira abordagem sublinha os fenómenos interpessoais e interactivos (tradição da Europa continental e com origens na literatura, arte e filosofia) e a segunda, as diferenças individuais e a psicometria (tradição inglesa e americana, com origens na ciência e na tecnologia).

Contudo, os impulsionadores dos esforços sistemáticos, no sentido de organizar a linguagem da personalidade, foram Klages (1926) e Baumgarten (1933), dois psicólogos alemães. O primeiro, sugere que uma análise cuidadosa da linguagem ajudaria a compreensão da personalidade, o que estimulou Baumgarten a examinar os termos para designar a personalidade utilizados na língua alemã. John (1990) considerou que este último teve influência no trabalho de análise da linguagem levado a cabo por Allport e Odbert (1936) que, por sua vez, influenciou o trabalho sistemático de Cattell (1943, 1946, 1947, 1948), como pode ver-se no quadro 2.3.

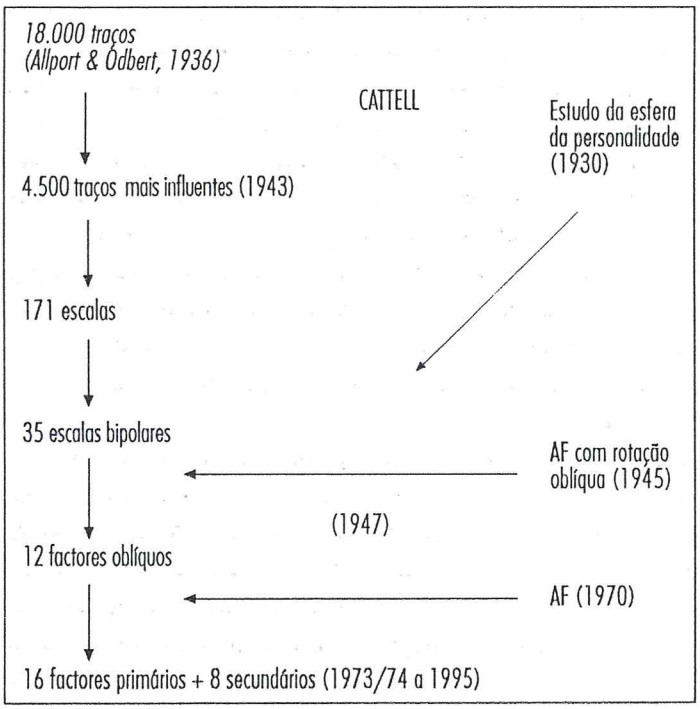
Efectivamente, Cattell foi um dos cientistas mais influentes a aplicar procedimentos empíricos à tarefa de construção de uma taxinomia da personalidade. Ele partiu de uma lista inicial de 4.500 termos (considerados traços estáveis), baseados nos 18.000 encontrados por Allport e Odbert (1936). Utilizou também conceitos da literatura psicológica, incluindo alguns termos da psicopatologia, para construir 171 escalas, a maioria das quais bipolares. Considerando as correlações entre as 171 escalas, Cattell (1943) desenvolveu um conjunto de 35 agrupamentos bipolares de termos relacionados (por outras palavras, colocou os termos em agrupamentos sinónimos e criou escalas de medição, contrastando grupos de adjectivos). Escalas, baseadas nestes agrupamentos, foram então utilizadas, em vários estudos, nos quais as correlações entre as variáveis foram submetidas a análise factorial, usando a rotação oblíqua (Cattell, 1945). Cattell considerou ter identificado, pelo menos, doze factores[19] oblíquos. No entanto, quando as suas variáveis foram analisadas, recorrendo à rotação ortogonal, apenas foram replicados cinco factores (*e.g.*, Fiske, 1949; Tupes & Christal, 1961; Norman, 1963; Digman & Takemoto-Chock, 1981). Estruturas de cinco factores semelhantes, baseadas noutros conjuntos de variáveis, têm sido assinaladas por Borgatta (1964), Digman e Inouye (1986) e McCrae e Costa (1985, 1987)[20]. A abordagem de Cattell foi, con-

---

[19] Efectivamente, o sistema de Cattell é de uma enorme complexidade. Este autor, em 1970, defendia a existência de 16 factores de primeira ordem (designados por letras) e 8 de segunda ordem. Os 12 factores referidos no texto são um primeiro momento do desenvolvimento do 16 PF, já que, àquela dúzia de factores, acrescentou, depois, mais quatro, identificados, através de questionários.

[20] Esta linha de investigação (Goldberg, 1983; Norman, 1963; Tupes & Christal, 1961) tem identificado, consistentemente, cinco factores que parecem definir as dimensões básicas da personalidade, analisada, a partir da linguagem natural. Já referimos que podemos reportar a existência dos cinco factores, indirectamente, à lista de termos-traços de Allport e Odbert (1936). Cattell, agrupou estes termos em sinónimos, obteve pontuações nos grupos resultantes e submeteu-os, no primeiro momento do desenvolvimento do 16 PF, a análise factorial. Costa e McCrae (1980), ao analisarem, factorialmente, as escalas do 16 PF, identificaram 3 dimensões ou domínios da personalidade (N, E e O). Para operacionalizar o modelo, desenvolveram escalas de facetas, destinadas a medir diferentes aspectos de cada domínio e confirmaram a hipotética estrutura tridimensional em questionários de auto-avaliação e avaliação por parte dos cônjugues (McCrae & Costa,

tudo, bem vinda como uma abordagem mais objectiva ao estudo desta temática (quadro 2.4).



Quadro 2.4 História do Modelo de Cattell

As primeiras antevisões, em relação à capacidade explicativa dos cinco factores, encontram-se, como vimos, em MacDougall (1932; citado por Digman, 1990) e Thurstone (1934; citado por Goldberg, 1989). Porém, Digman e Inouye (1986) atribuíram a Fiske (1949) a descoberta do modelo, enquanto Christal faz o mesmo, em relação a Tupes e Christal (1958). Borgatta, Cottrell e Mann (1958) também encontraram cinco factores na sua análise das características relacionais dos indivíduos. Todos estes autores tiveram um papel relevante na elaboração do modelo. Mas o artigo de Tupes e Christal (1961) "Factores de personalidade persistentes, baseados em avaliação de traços" (*Recurrent Personality Factores Based on Trait Ratings*) é, sem dúvida, o trabalho-chave que sumaria e cristaliza a investigação prévia e lança os fundamentos para o desenvolvimento futuro do modelo dos cinco factores.

Este estudo é o resultado de uma tentativa da Força Aérea Americana, levada a cabo por Tupes (1957), para predizer a eficácia pro-

---

1983). Anos mais tarde, ficaram presuadidos, pelo trabalho de Digman (Digman & Takemoto-Chock, 1981) e Goldberg (1983) de que o modelo estava incompleto e adicionaram escalas para medir A e C, na versão publicada do NEO-PI.

fissional dos seus oficiais, a partir de testes. Subsequentemente, Tupes e Christal (1961) apresentam os resultados da análise factorial efectuada com as escalas bipolares de Cattell (Tupes & Christal, 1961; Digman, 1990; McCrae, 1992; Christal, 1992). À semelhança de Fiske, não encontraram nada de parecido à proposta de Cattell, mas concordaram em que cinco factores pareciam dar conta da totalidade das observações. Este resultado, reencontrado, na análise das cotações da personalidade, em oito amostras diferentes, levou os autores, compreensivelmente surpresos, a comentar: "É, de muitas formas, notável que tamanha estabilidade seja encontrada numa área que, até à data, não tem produzido nada, a não ser resultados inconsistentes. Sem dúvida que a consistência sempre ali existiu, mas esteve escondida atrás da inconsistência das técnicas factoriais e das filosofias, da falta de replicação utilizando variáveis idênticas, e do desacordo entre os analistas em relação à designação dos factores"[21] (Tupes & Christal, 1961, p.12).

O estudo de Tupes e Christal, publicado numa revista da Força Aérea, manteve-se desconhecido, enquanto as publicações de Cattell e Eysenck dominaram a literatura sobre a estrutura da personalidade.

Norman (1963), que conhecia a referida investigação, utilizando as 20 melhores escalas (a que se recorreu, subsequentemente, em muitos outros estudos), replicou as análises efectuadas, e encontrou também cinco grandes factores[22] – o que ele considerou como um avanço na direcção da construção de uma adequada taxinomia dos traços. Como já foi referido, Borgatta (1964) e Smith (1967) também replicaram estas conclusões.

Por conseguinte, há muitos anos que vários investigadores independentes concluíram que o domínio poderia ser, adequadamente, explicado por cinco constructos gerais. Contudo, hipotéticos consensos emergentes em torno dos cinco factores, nos anos 60, foram abafados pelos conflitos no domínio da psicologia da personalidade, contribuindo esta controvérsia, relativa à sua estrutura, para a debilitação desta área, nos anos 70. Assim, a importância destes cinco factores permaneceu oculta para a maioria dos investigadores da personalidade, ao longo dos anos 60 e 70. No entanto, nos anos 80, investigadores de muitas orientações diferentes foram levados a concluir que se tratava de dimensões fundamentais da personalidade, encontradas em auto e hetero-avaliações[23], em questionários, na lin-

---

[21] "*In many ways it seems remarkable that such stability should be found in an area which to date has granted anything but consistent results. Undoubtedly the consistency has always been there, but it has been hidden by inconsistency of factorial techniques and philosophies, the lack of replication using identical variables, and disagreement among analysts as to factor titles.*"

[22] Norman (1967) continuou com as suas investigações, tentando encontrar vários níveis de abstracção dos factores. Assim, começou com os cinco traços mais gerais, que subdividiu em escalas de facetas, estas em itens mais específicos e estes, finalmente, em respostas (Digman, 1990).

[23] No início, os cinco factores, foram encontrados em hetero-avaliações (*e.g.*, Norman, 1963), e só posteriormente é que os dados foram replicados em auto-ava-

guagem natural, em crianças, alunos do secundário, em adultos de todas as idades, em homens e mulheres em amostras inglesas, holandesas, alemãs e japonesas (John, 1990). Eles revelaram ainda ter validade discriminante e convergente, independentemente dos instrumentos e observadores e permanecerem estáveis, durante décadas, nos adultos (McCrae & Costa, 1990).

Assim, desde o seu desenvolvimento inicial, pouco mais foi feito com o modelo dos cinco factores, até à década de 80, quando Goldberg[24] (1981) renovou o seu interesse pela investigação lexical, redescobrindo os cinco factores, impressionantemente similares aos referidos por Norman. Entretanto, Digman e Takemoto-Chock (1981), Amelang e Borkenau (1982) e outros começaram também a dar conta de estruturas de cinco factores. Por sua vez, as investigações, que procuraram relacionar os factores/adjectivos de Goldberg com o Inventário NEO de três factores (McCrae & Costa, 1983) levaram ao desenvolvimento do NEO-PI, com base em cinco factores (Costa & McCrae, 1985, 1989), e do NEO-PI-R com cinco factores e trinta facetas.

Estudos recentes, como as replicações de Bond (Bond, Nakazatoo, & Shiraishi, 1975; Bond, 1979), as reanálises de conjuntos de dados por Digman e Takemoto-Chock (1981) e as análises meticulosas de Goldberg (1981, 1982) fizeram reviver o interesse pela abordagem lexical e dar ao FFM um lugar de destaque, no contexto da psicologia da personalidade.

Mais recentemente, Caprara e Perugini (1991) e Sanchez-Bernardos (1992) fazem uma revisão das investigações sobre a abordagem lexical e, sob esta perspectiva, analisam as vantagens e desvantagens do modelo, concluindo pela sua adequação, ou seja, pelo apoio à hipótese lexical como sustentável.

Porém, as fraquezas desta abordagem têm sido bem exploradas em numerosos artigos (Briggs, 1989, 1992; McAdams, 1992; Costa & McCrae, 1992; Eysenck, 1992, entre outros). Assim, alguns críticos consideram que a principais limitações estão na ligeira instabilidade[25] dos cinco factores, através de diferentes culturas, e no facto de que não é a mesma coisa identificar os cinco factores, a partir da tradução de um questionário e encontrá-los no léxico dos indivíduos dessa cultura, que poderia revelar outros factores, que não estes. Finalmente, outros críticos (Waller & Ben-Porath, 1987) opinam que, devido à estrutura dos cinco factores ter sido inicialmente encontrada em estudos com as 35 variáveis de Cattell,

---

liações.

[24] Para Peabody e Goldberg (1989, citado em Goldberg, 1990, p.1223) "os adjectivos-traços podem ser vistos como misturas das cinco dimensões principais que se relacionam, grosso modo, com as variáveis poder, amor, trabalho, afecto e intelecto".

[25] Por 'instabilidade dos factores', os autores referem-se às ligeiras alterações na estrutura factorial dos *Big Five*.

estes factores carecem de generalização, visto não terem sido reencontrados para além desse conjunto inicial de variáveis. Goldberg (1990) rebate este último argumento, mostrando que os cinco factores podem generalizar-se a um conjunto de termos muito mais representativos do total do léxico de traços ingleses do que os utilizados nos estudos anteriores[26]. Estruturas de cinco factores semelhantes, baseadas em conjunto de variáveis diferentes das de Cattell, têm sido referidas por Digman (1972), Goldberg (1980), John, Goldberg Angleitner (1984), Conley (1985), Digman e Inouye (1986), McCrae e Costa (1985, 1987) e Peabody e Goldberg (1988). Em relação à primeira crítica – a da instabilidade – os autores têm defendido que esta é consequência, em parte, das diferenças culturais na interpretação dos itens dos testes, de se utilizarem amostras não equivalentes e de a aplicação do teste nem sempre ser uniforme. No que diz respeito à segunda crítica, as investigações lexicais, em línguas não-ocidentais, têm encontrado os cinco factores para além das traduções.

A hipótese lexical contribuiu, por conseguinte, para a fundamentação do modelo. No entanto, este teve outro e mais forte antecedente, os questionários, dos quais falaremos no próximo subcapítulo.

2.2.2. O FFM baseado nos questionários

> "O FFM não surgiu de estudos baseados em manchas de tinta, experiências sobre os reflexos condicionados ou análises de narrativas de vida. É o produto da análise factorial de descrições da personalidade baseadas em auto e hetero-avaliações" (McCrae & Costa, 1996, p.6).

Na história da personalidade, a tradição lexical teve um papel relativamente reduzido. Porém, o mesmo não sucedeu com os questionários, que foram a base da maioria das avaliações da personalidade, aplicados com objectivos, preferentemente práticos, ou prevalentemente teóricos.

McCrae e colaboradores (1994) consideram que, embora a linguagem não técnica nos faculte uma perspectiva importante sobre a personalidade, clínicos e psicólogos experimentais da personalidade têm identificado importantes diferenças individuais, que não estão bem representadas na linguagem natural[27], e que, inversamente, estudos factoriais têm encon-

---

[26] Ver, no esquema do quadro 2.3, sobre a história do modelo, que até à investigação paradigmática de Goldberg, as investigações partiram dos agrupamentos de traços feitos por Cattell.

[27] Briggs (1992), por exemplo, que avaliou diferentes abordagens ao estudo das dimensões do modelo dos cinco factores, concluiu que os itens utilizados podem ser adjectivos ou frases e o instrumento ter sido construído para avaliar os cinco factores ou apenas ser reinterpretado em função do modelo. Ao comparar

trado nos questionários todos os factores baseados nos estudos lexicais[28].

Porque existem muitas teorias da personalidade, poderíamos ser levados a pensar que os questionários para as operacionalizar mostrassem poucas semelhanças entre si. Mas, segundo McCrae e John (1992), há uma redundância considerável naquilo que eles medem. Por exemplo, muitas escalas medem as emoções negativas crónicas – constructo que tanto interessa aos psicólogos clínicos como aos psiquiatras – e muitas outras lidam com a actividade interpessoal – muito importante para os psicólogos sociais. Eysenck divulgou estas duas dimensões, em termos de N e E (Neuroticismo e Extroversão) e elaborou instrumentos para as avaliar (Eysenck & Eysenck, 1964, 1975). E o facto é que anos de investigação convenceram muitos psicólogos de que estes dois factores eram, realmente, duas dimensões centrais da personalidade, susceptíveis de serem encontrados com uma grande variedade de instrumentos.

Mas, com o andar do tempo, também se tornou claro que elas não abrangiam a amplitude total das características da personalidade. Em 1974, Tellegen e Atkinson propuseram um terceiro conjunto de traços, todos relacionados entre si e independentes de E e N. Chamaram-lhe Abertura a Experiências Absorventes e de Mudança Pessoal (*Openness to Absorbing and Self-Altering Experience)* ou, simplesmente, Absorção *(Absorption)*. Paralelamente, Costa e McCrae (1976) sugeriram uma dimensão similar: a Abertura à Experiência (*Openness to Experience*).

Todos estes investigadores admiravam a estratégia eysenckiana de procurar constructos gerais, a partir dos quais se organizavam grupos de traços e, estenderam-na a novas dimensões. Tentaram, assim, explicar o máximo de variância, a partir dos factores estabelecidos, procurando, depois, comunalidades naquilo que se manteve inexplicado e conseguindo, desta maneira, começar a fazer um mapa sistemático dos traços da personalidade.

Foi neste momento das investigações (McCrae & John, 1992) que as duas tradições, lexical e dos questionários, confluíram, levando ao contemporâneo FFM (Digman, 1979; Hogan, 1983; McCrae & Costa, 1985c). Em 1980, Costa e McCrae sugeriram que era também necessária uma dimensão de auto-controlo, propondo Tellegen (1982) uma dimensão similar. São agora reconhecidas como formas de Conscienciosidade. O outro factor – a Amabilidade – parece ter sido descoberto na análise do Circum-

---

uma medida do modelo baseada em adjectivos (Goldberg, 1990) e duas baseadas em frases (Costa & McCrae, 1985; Hogan, 1986), reconfirmou as distinções defendidas por Allport (1937) entre a estrutura lexical dos traços e a estrutura da personalidade.

28 *"The argument that personality is exhaustively captured by the evolution of natural language is appealing, but by no means compelling. One might argue that the research of psychologists in the past century has uncovered important aspects of personality that were not encoded in the language. No one would imagine that an analysis of common English terms for parts of the body would provide an adequate basis for the science of anatomy; why should personality be different?"* (Goldberg, 1982, p.204 *in* Block, 1995, p. 196).

plexo Interpessoal (Leary, 1957), que combina as dimensões E e A, e na análise do MBTI (Myers-Briggs *Type Indicator*; Myers & McCaulley, 1985), que mede E, A, C e O. Há, por conseguinte, várias linhas de investigação, para além da abordagem lexical, que conduziram ao FFM (McCrae & John, 1992) (ver quadro 2.5).

Mas, até há pouco tempo, só uma minoria de investigadores estavam interessados em procurar uma solução consensual para o problema da estrutura da personalidade – interessava-lhes mais elaborar novas escalas do que organizar as já disponíveis. Uma das razões para este facto podem ter sido as diferenças teóricas, que dividiam os investigadores da personalidade; outra, a inutilidade de qualquer tentativa empírica de identificar dimensões básicas, já que existiam centenas de inventários e escalas. Por outro lado, a realização de uma grande análise factorial, com todo este material, requeria muitos sujeitos e tempo e, mesmo assim, os resultados poderiam apenas dizer quais o tipo de traços que os psicólogos estavam mais interessados em medir. Pelo contrário, as investigações lexicais poderiam identificar algumas centenas de adjectivos, com alguma confiança de que eles representariam a amplitude total dos termos-traços necessários na interacção social e de que os sujeitos poderiam classificar-se rapidamente a si próprios ou a outros nestes adjectivos (Goldberg, 1989). Os estudos lexicais eram, por conseguinte, idealmente adequados para a exploração da estrutura da personalidade, com a vantagem de poderem ser, depois, confirmados por estudos, utilizando questionários.

N	Eysenck	1964
E	Eysenck	1964
O	Tellegan e Atkinson	1974
	Costa e McCrae	1976
A	Circumplexo Interpessoal (Leary)	1957
C	Costa e McCrae	1980

Quadro 2.5 Aparecimento das 5 dimensões: (questionários)

Para McCrae e John (1992), a contribuição, porventura, mais importante, dos estudos com questionários para o desenvolvimento do modelo foi de natureza teórica, no sentido de que, se os investigadores se tivessem limitado à abordagem lexical poderiam desprezar características de interesse teórico para os psicólogos da personalidade. Combinando as duas abordagens, conduziu, certamente, a resultados mais seguros.

Até recentemente, havia poucos estudos empíricos sobre a correspondência entre os factores lexicais e os traços medidos pelos questionários da personalidade. O instrumento de Cattell – o Questionário de Personalidade dos 16 Factores (*Sixteen Personality Factor Questionnaire*;

16PF; Cattell, Eber, & Tatsuoka, 1970) – foi concebido, tendo em conta os factores encontrados em estudos lexicais – 12 factores (que nunca foram adequadamente replicados) – aos quais Cattell adicionou outros quatro, que ele tinha apenas encontrado em questionários (John *et al.*, 1988; John, 1990a). Porém, Norman (1969), embora dispondo de alguma evidência de que os questionários poderiam medir os cinco factores, não desenvolveu investigações neste sentido. No entanto, em 1980, começaram a aparecer estudos, utilizando questionários e adjectivos-traços, assim como questionários de auto-avaliação e de classificação por outros observadores, especificamente destinados a avaliar o modelo dos cinco factores. Também nesta época, Goldberg (1981) adianta que muitos questionários conhecidos poderiam reflectir diversos aspectos do modelo dos cinco factores e Amelang e Borkenau (1982; citado por Digman, 1990) sustentam a compreensividade do modelo para abarcar outros sistemas, oferecendo uma replicação independente dos estudos americanos.

Mais recentemente, Birenbaum e Montag (1986) obtiveram uma solução de cinco factores, a partir das correlações do 16PF e das Escalas de Procura de Sensações de Zuckerman (*Zuckerman Sensation Seeking Scales).* Por sua vez, Costa e McCrae (1979; 1985; 1989; 1990) foram ainda mais longe, desenvolvendo um inventário para avaliar os cinco factores (o NEO-PI) e utilizaram-no numa série de estudos sobre a compreensividade do modelo, tendo mostrado o ajustamento do FFM a dezenas de questionários (ver capítulo sobre o NEO-PI-R).

Por outro lado, Peabody (1987) sugere, a partir de investigações com os adjectivos-traços, que existem muitas semelhanças entre os cinco factores encontrados pela abordagem lexical e o modelo dos cinco factores, defendido por Tupes e Christal (1961), embora haja, entre eles, algumas diferenças essenciais.

Por último, Borkenau e Ostendorf (1990), contrariamente aos outros investigadores, que utilizaram a análise factorial exploratória, empregaram a análise confirmatória com os dados obtidos com o NEO-PI. Encontraram cinco factores oblíquos e concluíram que o modelo não tem estrutura simples. Digman (1990), comentando estes estudos, afirma que eles indicam um dos aspectos confusos (e controversos) da técnica da análise factorial – a sua bem conhecida arbitrariedade de soluções.

◇

Em síntese, o modelo surge (ou melhor reaparece), num momento histórico de convergência entre a abordagem lexical e a dos questionários e em que a área da psicologia da personalidade já tinha exaustivamente debatido as suas críticas e explorado algumas das alternativas propostas. Alguns anos atrás, teria havido, possivelmente, muito mais controvérsia. Em primeiro lugar, porque a atenção dos psicólogos, nos anos 60 e 70, estava virada para temas com uma relevância social aparentemente maior.

Em segundo lugar, devido aos ataques à teoria dos traços por Peterson (1960), Mischel (1968), Ullmann e Krasner (1975) e outros, que a exorcisaram como algo semelhante a um pecado científico, enquanto outros (D'Andrade 1965; Shweder 1975; Wegner & Vallacher, 1977) consideraram o estudo dos traços da personalidade como pouco mais do que ilusões, geradas nas cabeças dos investigadores e dos seus sujeitos. Em terceiro lugar, devido à influência do comportamentalismo radical na psicologia social que levou a uma série de estudos (Darley & Latane, 1968; Milgram, 1963), que pareciam mostrar a influência da situação no comportamento[29].

Pôde, assim, estabelecer-se um razoável consenso, em torno do nosso modelo, embora subsistam ainda divergências entre os que defendem e salientam as diferenças entre os BF lexicais e os obtidos através de questionário e, aqueles, que sublinham a integração.

A história do modelo, acabada de referir, baseia-se, sobretudo, em dados empíricos. Torna-se, por conseguinte, importante referir a sua fundamentação teórica.

2.3. Considerações teóricas sobre o modelo

> "As teorias antigas não podem ser simplesmente abandonadas, mas sim substituídas por uma nova geração de teorias que nasçam das intuições conceptuais do passado e dos dados empíricos da investigação contemporânea" (McCrae & Costa, 1996, p.2).

O modelo dos cinco factores fundamenta-se, sobretudo, em dados recolhidos através de investigações quantitativas, no domínio da psicologia da personalidade.

Grande parte dos artigos dedicados ao FFM são, por conseguinte, trabalhos empíricos[30] que tentam, essencialmente, estender o modelo a ou-

---

[29] Porém, como Funder e Ozer (1983) mostraram, os entusiastas do situacionismo não se apercebem de que as variáveis situacionais dão conta, no máximo, de 15% da variância no comportamento.

[30] Como exemplo, resumimos o artigo protótipo de McCrae e Costa (1989). Ele é uma tentativa de justificar a generalização dos cinco factores a conjuntos de termos muito mais representativos do total do léxico de traços ingleses do que os dos estudos anteriores. O artigo inicia-se com uma análise bastante extensa de uma amostra de adjectivos descritivos de traços. Especificamente, foram usados 1.431 termos, agrupados em 75 categorias para: descobrir se a estrutura dos cinco grandes poderia ser confirmada com estes dados; determinar a robustez da estrutura, através de diferentes procedimentos de extracção e de rotação de factores; examinar a natureza de quaisquer factores adicionais, para além dos primeiro cinco.

Num segundo estudo, utilizando 479 adjectivos-traços, comummente empregues, comparam quatro factores, dois baseados em amostras de indivíduos que se auto-descreveram e dois em indivíduos, descrevendo outros, que eles conheciam bem.

tras populações, ou integrar nele outros conceitos personológicos. Efectivamente, diversos investigadores, como Fiske (1949), Tupes e Christal (1961), Norman (1963), Borgatta (1964), Digman e Takemoto-Chock (1981) mostraram que os métodos mais comuns de análise factorial[31] sugerem apenas cinco factores replicáveis, conhecidos como os *Big Five*. Estruturas de cinco factores semelhantes, baseadas em conjunto de variáveis diferentes das de Cattell, têm sido referidas por Digman (1972), Goldberg (1980), John, Goldberg e Angleitner (1984), Conley (1985), Digman e Inouye (1986), McCrae e Costa (1985, 1987) e Peabody e Goldberg (1988).

É à constatação, repetidamente averiguada, desta sua replicabilidade que o modelo deve a sua força e não a um conjunto de axiomas teóricos sobre a estrutura da personalidade humana, o que lhe valeu algumas críticas, sobretudo da parte de Eysenck, que serão referidas, aquando da discussão dos limites do mesmo.

Segundo Halverson (1994), só recentemente, começaram a emergir tentativas de explicação teóricas[32] para as impressionantes regularidades empíricas e estatísticas encontradas (Buss, 1991; Costa, McCrae & Dembroski, 1988; Hogan, 1983; John, 1990; Wiggins & Trapnell, no prelo), ou seja, datam, de há muito pouco, os esforços no sentido de compreender porquê cinco factores, porquê estes cinco factores e qual a sua relevância para o estudo da personalidade.

Efectivamente, as questões teóricas, que se colocam aos defensores do modelo, são numerosas e necessitam de resposta e de reflexão. Vamos, de seguida, apresentar as principais:

• Porquê cinco dimensões (Digman, 1990)? A hipótese justificativa (John, 1989), de que tal se devia à utilização das escalas de que se partiu, da autoria de Cattell, já foi posta de parte. Alguns autores (citados por Digman, 1990) propõem que a opção pelo número restrito de cinco seja devida às limitações da capacidade humana de processamento da informação, ou seja, à dificuldade dos sujeitos lidarem com muitas variáveis ao mesmo tempo. Tal como a formula o autor, a hipótese está condensada na

---

Um terceiro estudo foca o refinamento de 100 agrupamentos sinónimos baseados numa selecção *(pool)* de 339 traços-termos comuns, com o objectivo de disponibilizar para estudos futuros variáveis índices dos Big-Five. Ao encontrarem cinco factores, através de uma grande variedade de procedimentos analíticos, os autores concluíram que uma análise de amostras de adjectivos ingleses, quer seja mediante auto ou hetero-descrições, resultará numa estrutura de cinco grandes factores e, assim, virtualmente, todos esses termos podem ser incluídos nesse modelo.

[31] Efectivamente, diversos autores têm ilustrado a confluência dos resultados derivados da aplicação de diferentes técnicas de análise factorial, nomeadamente os modelos exploratórios e confirmatórios (Panter, Tanakaa e Hoyle, 1994). Estes autores também nos indicam algumas directrizes importantes para testar modelos pela sua congruência e invariância.

[32] Exemplos de análises teóricas que oferecem explicações para as regularidades empíricas encontram-se em Buss (1991), Goldberg (1981), Hogan (1983), John (1990), Wiggins e Trapnell (no prelo).

sua pergunta (p.432): "Será que o número habitual de cinco factores, subjacentes à variação e covariação manifesta num amplo leque de descritores da personalidade, está relacionado com as limitações do processamento da informação nos sujeitos humanos?". A esta questão, Costa e McCrae respondem adiantando que, possivelmente, existem cinco factores, da mesma maneira que existem cinco continentes ou cinco dedos no pé.

• A segunda questão, também ainda em aberto e sem justificação teórica, é a seguinte: porquê estas dimensões e não outras? Como será descrito nos subcapítulos seguintes, muitos autores têm proposto outras dimensões. Porém, os cinco grandes factores são, sem dúvida, aqueles que mais têm reunido o consenso. Assim, a resposta parece ser a de que foram estes, e não outros que, com mais persistência emergiram, da investigação científica.

• Uma terceira interrogação diz respeito à origem/base do modelo. Muitas investigações tentam estudar, e determinar, a bases biológicas da personalidade e a sua hereditabilidade[33]. Segundo Digman (1990), existe evidência a favor da forte hereditabilidade de E, N e C. A contribuição genética para a variância nestes factores seria da ordem dos 50%, com percentagens triviais para o ambiente partilhado (*e.g.*, familiar). Estudos, como os de McCrae e Costa (1988) e Digman (1980), estão de acordo com o autor supracitado, indicando que os efeitos das práticas educativas, embora significativos, são menores do que poderíamos pensar. Nesta linha de ideias, Bergeman e colaboradores (1993) realizaram um estudo com gémeos, a quem aplicaram o NEO-PI. As estimativas dos efeitos ambientais e genéticos encontrados para O e C foram similares aos de outros estudos, que utilizaram outras dimensões, ou seja, a influência genética foi substancial ao passo que havia pouca evidência da influência do ambiente partilhado. Os resultados para a dimensão A (Amabilidade) foram, no entanto, diferentes: a influência genética dava menos conta da variância que o ambiente. Consequentemente, no que concerne aos cinco factores, parece haver dados, que apoiam a origem genética e ambiental destas diferenças individuais.

• Outro assunto, ainda em debate, tem a ver com o que são realmente os cinco factores encontrados: Constructos abstractos, que representam determinadas realidades personológicas e que têm uma base genética e estatística? Representações mentais dos investigadores? Simples descritores de uma realidade inatingível? A resposta a esta questão é função das opções teóricas dos autores. Contudo, eles concordam em que, independentemente, da natureza do modelo, os sujeitos podem ser descritos com base em cinco grandes factores.

Como observa Guion (1994), parece, por conseguinte, haver um contraste entre a definição da estrutura dos cinco factores e a indefinição

---

[33] A percentagem da variância fenotípica total, que é devida à variância genética.

da natureza dos traços, ou seja, entre a qualidade heurística do modelo e o seu estatuto científico. Isto leva, como observam John e Robins (1993), a colocar a questão de como interpretar a massa de resultados empíricos acumulados sobre os cinco factores. Tratar-se-á de uma simples taxinomia[34] de traços ou, mais ambiciosamente, de uma nova teoria da personalidade? Por outras palavras, devemos limitar-nos a dizer que os *Big Five* permitem descrever a personalidade, ou também explicá-la? Allport (1946) definiu as três exigências, que deve respeitar toda a investigação sobre a personalidade: que esta seja descritiva e explicativa, nomotética e idiográfica, molar e molecular. Até recentemente, ela tem sido, predominantemente descritiva, nomotética e molar.

Em 1995-96, alguns defensores do FFM (*e.g.*, McCrae & Costa), incomodados com a constante inferiorização do modelo por este ser considerado um "empirismo irreflectido" (*"mindless empiricism"*, McCrae & Costa, 1996, p.3) e não "especulações que constituem, em grande parte, a história da teoria da personalidade" (*"speculations that constitute so much of the history of personality theory"*, McCrae & Costa, 1996, p.2; quadro 2.6), propõem, como foi referido no capítulo precedente, a teoria dos cinco factores da personalidade, que pode dar resposta a muitas das questões centrais levantadas pelas teorias clássicas da personalidade. A proposta de McCrae e Costa (1996, p.5) "identifica as categorias de variáveis que uma teoria da personalidade completa deve abarcar. As teorias existentes podem ser comparadas com este modelo/enquadramento, enquanto as novas podem ser construídas, utilizando-o como guia". Os elementos ou categorias considerados são a 'matéria bruta' de grande parte das teorias da personalidade. As cinco categorias de variáveis são as tendências básicas, as adaptações características, o auto-conceito, a biografia objectiva e as influências externas (quadro 2.6). Nas tendências básicas, encontraríamos, por exemplo, as características genéticas, as características físicas os traços da personalidade; nas adaptações características, variáveis como as competências adquiridas, e as atitudes e crenças; no auto-conceito, a identidade e a auto-estima; na biografia objectiva, o curso de vida e o comportamento; nas influências externas, variáveis desenvolvimentistas e macro-ambientais. Estas categorias estão inter-relacionadas, mediante processos dinâmicos (como a volição e o *coping*).

---

[34] Se compararmos, por exemplo, como são incluídos os traços da personalidade num determinado domínio com o processo de categorização dos elementos, na tabela periódica dos elementos, verificamos grandes diferenças. A tabela periódica dos elementos consiste, essencialmente, numa categorização dos elementos da natureza pelo seu número atómico (número de electrões que gravitam à volta do núcleo de um átomo). No FFM a inclusão de um determinado traço, comportamento, resposta, atitude, em suma, expressão, baseia-se em técnicas estatísticas de constituição de agrupamentos, como sejam a análise factorial.

Tendências Básicas
Características genéticas
Características físicas (capacidades sensório-motoras, saúde, aptidões físicas, idade, raça, sexo, aparência física)
Aptidões cognitivas (estilo perceptivo, aptidão de aprendizagem operante e respondente*, inteligência geral, verbal, espacial, talentos específicos)
Impulsos fisiológicos (necessidades de oxigénio, comida, impulso e tendências sexuais)
Vulnerabilidades (tendências alcoólicas, tendências maníaco-depressivas)
Traços de personalidade (N, E, O, A, C subtraços)

Adaptações Características
Competências adquiridas (linguagem, conhecimento geral, esquemas e estratégias, aptidões sociais — etiqueta, tácticas de manipulação —, aptidões técnicas)
Atitudes, crenças objectivos (valores morais e religiosos, atitudes sociais e políticas, gostos, preferências, estilos, interesses vocacionais, projectos pessoais, tarefas)
Comportamentos aprendidos (hábitos, rotinas diárias, passatempos)
Adaptações interpessoais (papéis sociais, relações, percepções por parte de terceiros)

Auto-Conceito
Perspectivas implícitas e explícitas do *self*
Auto-estima
Identidade
História de vida, mito pessoal (*personal myth*)

Biografia Objectiva
Comportamento
Corrente da consciência (*stream of consciousness*)
Curso da vida (percursos de carreira, acidentes históricos)

Influências Externas
Influências desenvolvimentistas (relações entre pais/filhos, socialização pelos colegas '*peer socialization*', educação, acontecimentos traumáticos)
Macro-ambiente (cultura, subcultura, era histórica, família, vizinhança, grupos vocacionais)
Micro-ambiente (constrangimentos situacionais, pistas sociais, pressão motivacional, oportunidades, reforços, punições)

Exemplos de Processos Dinâmicos na Personalidade
Processamento de informação (percepção, condicionamento operante, aprendizagem implícita)
Volição (adiar gratificação, escolha racional, planificação e calendarização)
Coping e defesa (repressão, deslocamento, pensamento positivo)
Regulação de emoções (reacções emocionais — lutar ou fugir — expressão/supressão do afecto, adaptação hedonista)
Processos interpessoais (vinculação e criação de laços, manipulação social, jogo de papéis)
Formação da identidade (auto-descoberta, procura de sentido, auto-consistência)

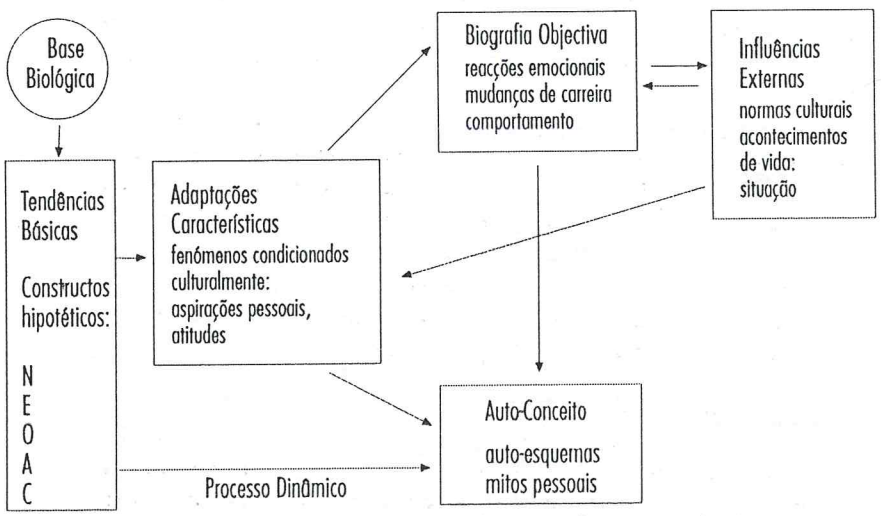
*Enquanto no condicionamento respondente a modificação do comportamento é devida ao que acontece antes da sua ocorrência, no condicionamento operante a modificação do comportamento deve-se ao que acontece depois da sua ocorrência e em consequência do mesmo (daí a designação operante: o organismo opera ou age no meio, modificando-o) (Silva, 1995).
Nota: Adaptado de McCrae e Costa (1996).

Quadro 2.6 Exemplos específicos das categorias de variáveis propostas por McCrae e Costa (1996).

As diferentes teorias da personalidade diferem nos aspectos específicos (categorias) considerados relevantes pelos seus autores. Assim, por exemplo, na teoria constitucional de Sheldon (1944), as características físicas eram centrais, sendo, no entanto, irrelevantes em grande parte das outras teorias da personalidade. Segundo os autores, trata-se "apenas uma de entre um grande número de teorias da personalidade compatíveis com o FFM, que ilustra o processo [da relação dos cinco factores com outras variáveis da personalidade] e leva a predições testáveis" (McCrae & Costa, 1996, p.14). A verdade é que o FFM, segundo McCrae e Costa (1996,

p.10), "não oferece, nem o poderá fazer, um modelo completo da personalidade" (*"does not and cannot provide a complet model of personality"*). Em si, o modelo não explica como é que os papéis sociais forjam a identidade social, ou como é que a corrente do comportamento é organizada... Ainda de acordo com os autores referidos, a teoria proposta assentaria nos pressupostos da variabilidade e proactividade dos indivíduos e na fé no conhecimento científico e na racionalidade.

No quadro 2.7, pode observar-se a interacção entre as categorias de variáveis (as tendências básicas, as adaptações características, o auto-conceito, a biografia objectiva e as influências externas) que, segundo McCrae e Costa (1996), uma teoria da personalidade completa deve abarcar.



Nota. Esquema adaptado de Costa e McCrae (1996). Todas as setas implicam um processo dinâmico.

Quadro 2.7 Esquema da teoria da personalidade dos cinco factores

De acordo com os seus autores, esta teoria que "carece, enormemente, de elaboração"(p.17), representa apenas um ponto de partida para a fundamentação teórica dos dados empíricos que sustentam os cinco factores, e uma tentativa de dar sentido às peças do *puzzle* ('personalidade') que começaram a encaixar-se.

Os **postulados** da teoria da personalidade dos cinco factores (*Five-Factor Theory of Personality*) são os seguintes (McCrae & Costa, 1996, p.14 e ss):

> 1. Tendências Básicas (*Basic Tendencies*).
> 1a. Individualidade. Todos os adultos podem ser caracterizados pela sua localização diferencial numa série de traços da personalidade, que influenciam o seu padrão de pensamento, sentimento e comportamento.
> 1b. Origem. Os traços da personalidade são tendências endógenas básicas. Existe evidência considerável de que os traços têm origem genética e não são afectados pelas influências ambientais partilhadas;

qualquer influência de ambientes não partilhados é, presentemente, hipotética e, por motivos de parcimónia, omitida.
1c. Desenvolvimento. Os traços desenvolvem-se, ao longo da infância, e atingem a sua forma madura na adultez (por volta dos 30 anos): a partir de então, tornam-se estáveis, em indivíduos cognitivamente sãos.
1d. Estrutura. Os traços são organizados, hierarquicamente, partindo das disposições mais limitadas e específicas para as abrangentes e gerais (N, E, O, A, C).

2. Adaptações características ("*Characteristic Adaptations*")
2a. Adaptação. Ao longo do tempo, os indivíduos reagem em relação ao seu ambiente, desenvolvendo padrões de pensamentos, sentimentos e comportamentos, que são consistentes com os seus traços de personalidade. Os extrovertidos, por exemplo, entram para clubes sociais e aprendem a dançar, e as pessoas desagradáveis cultivam atitudes cínicas.
2b. Má adaptação. Em qualquer momento, as adaptações podem não ser as adequadas, no que respeita aos valores culturais e objectivos pessoais. As desordens relacionadas com a personalidade podem então surgir, fruto da relação tensa entre os traços e os acontecimentos de vida. E são mantidas pelas interpretações distorcidas da realidade.
2c. Plasticidade. As adaptações características mudam, ao longo do tempo, em resposta à maturação biológica, mudanças no ambiente, ou intervenções deliberadas (*e.g.*, psicoterapia).

3. Biografia objectiva *(objective Biography)*.
3a. Multideterminação (*Multiple determination*). A acção e a experiência, num dado momento, são sempre funções complexas de todas as adaptações características evocadas pela situação; raramente, existe uma correspondência linear entre um comportamento e um traço singular.
3b. Curso de vida. Os indivíduos têm planos, prazos e objectivos que permitem que a acção seja organizada, em intervalos de tempo longos, de forma consistente com os seus traços de personalidade.

4. Auto-Conceito (*Self-Concept*).
4a. Auto-Esquema (*Self-Schema*). Os indivíduos mantêm uma perspectiva cognitivo-afectiva sobre si próprios, que é acessível à consciência.
4b. Percepção selectiva. A informação é selectivamente representada no auto-conceito, de forma: (a) consistente com os traços de personalidade; e (b) a dar um sentido de coerência ao indivíduo.

5. Influências Externas (*External Influences*).
5a. Interacção. O ambiente social e físico interage com as disposições da personalidade, de forma a moldar as adaptações características, o mesmo fazendo com as adaptações características, de maneira a regular o desenvolvimento do comportamento.
5b. Percepção. Os indivíduos respondem e constroem o seu ambiente, de forma consistente com os seus traços de personalidade.
5c. Reciprocidade (*Reciprocity*). Os indivíduos influenciam, selectivamente, o ambiente ao qual respondem e, colectivamente, criam

sociedades e culturas, que fornecem uma amplitude de opções para expressar os traços de personalidade.

6. Processos dinâmicos (*Dynamic Processes*).
6a. Dinâmica universal. O indivíduo continuamente cria e recria 'adaptações', que expressa através de pensamentos, sentimentos, e comportamentos regulados, em parte, por mecanismos cognitivos, afectivos e volitivos universais. Como exemplos temos a percepção, a aprendizagem, a planificação e a opção.
6b. Dinâmica diferencial. Alguns processos dinâmicos são afectados, diferencialmente, pelas tendências básicas do indivíduo, incluindo os traços da personalidade. Por exemplo, uma pessoa aberta à experiência tenderá a procurar novas formas de estar (adaptações), mesmo que as existentes sejam adequadas.

Esta teoria é, a nosso ver, um exemplo dos esforços feitos pelos defensores dos traços para recontextualizá-los, de acordo com os princípios dinâmicos e interactivos defendidos pelas tendências emergentes no estudo da psicologia da personalidade. Tal é, sobretudo, susceptível de ser observado no ponto 6 dos pressupostos. É também um 'protótipo esquemático' (*rough prototype*, Wiggins, 1996, p. ix) de futuras teorias sobre o modelo, que combina as perspectivas das teorias clássicas da personalidade com a investigação contemporânea.

No entanto, a proposta de McCrae e Costa não é a única, como atesta Wiggins (1996), ao publicar um livro sobre as perspectivas teóricas sobre o FFM. Este autor realça que a obra (p. viii) "ilustra a diversidade de perspectivas teóricas conciliáveis, actualmente, com o FFM" e, por outro lado, permite " a comunicação e a partilha de ideias entre algumas das figuras mais proeminentes no domínio da investigação sobre a personalidade contemporânea, bem como entre investigadores, cujas 'fronteiras' subdisciplinares poderiam, de outro modo, não ser tão permeáveis a essas transacções". Consequentemente, de acordo com Wiggins (1996, p. viii), neste momento, é injusto, considerar o modelo dos cinco factores ateórico e caracterizado por uma perspectiva monolítica da realidade. Segundo este autor, "as perspectivas diversas sobre o modelo fornecidas pela teoria lexical (Saucier & Goldberg, *in* Wiggins, 1996), a teoria dos traços (McCrae & Costa, *in* Wiggins, 1996), a teoria interpessoal (Wiggins & Trapnell, *in* Wiggins, 1996), a teoria socioanalítica (Hogan, *in* Wiggins, 1996) e a teoria evolutiva (Buss, *in* Wiggins, 1996), oferecem um amplo leque de possibilidades de escolha".

◇

Em conclusão, a fundamentação empírica e estatística do modelo parece ser suficiente para o adoptar, nem que seja, como uma ferramenta, um contexto, para a descrição compreensiva da personalidade. Todavia, apesar da proliferação recente de perspectivas teóricas sobre o modelo, mais trabalhos e reflexões sérias sobre as bases teóricas do mesmo, são,

ainda, uma exigência para a sua implantação definitiva neste domínio. Seja como for, declaram McCrae e Costa (1992), as teorias futuras sobre a personalidade têm que, necessariamente, incluir os cinco factores.

2.4. Abrangência do Modelo

O modelo dos cinco factores, enquanto representação razoável da personalidade humana, deve ser detectável, através de questionários, listas de adjectivos e diferentes avaliadores — defendiam McCrae e Costa, em 1987. Efectivamente, ao revermos a investigação e a literatura, a este respeito, torna-se evidente que ele se encontra, com elevada fidelidade e validade, representado, ao nível de diferentes variáveis e sistemas (Digman, 1990). Segundo Costa e McCrae (1992), ele emerge também em estudos longitudinais e transversais, na observação do comportamento, numa grande variedade de sistemas de personalidade, na linguagem natural descritiva dos traços, em grupos com idade, sexo, raça e língua diferentes, embora possa ser diferencialmente expresso nas diferentes culturas — em suma, o modelo é de extrema abrangência.

Para Briggs (1989), o estudo da personalidade inclui dois objectivos complementares, embora distintos: a compreensão das características típicas da espécie e a análise das diferenças individuais. Entre os investigadores, que estão essencialmente preocupados com a descrição e sistematização da variabilidade humana, parece haver um consenso crescente de que a linguagem natural, para descrever as diferenças individuais na personalidade, pode ser adequadamente sumariada com cinco (mais ou menos dois) factores.

Estes resultados robustos sobre como as pessoas se pensam e se descrevem são considerados avanços significativos, por uma variedade de razões. Primeiro, são susceptíveis de fornecer um enquadramento adequado para construir escalas de avaliação e inventários, que representem o domínio da personalidade, de forma geral e sistemática, ou seja, para aumentar a validade de conteúdo das medidas. Permitem, também, localizar a enorme quantidade de novos constructos e instrumentos, dentro de uma configuração conhecida: uma estrutura bem definida clarifica as relações entre aquilo que é novo e aquilo que está estabelecido e revela áreas de redundância desnecessária. Em terceiro lugar, possibilitam a elaboração de hipóteses mais específicas, quando tentamos relacionar variáveis da personalidade com outros contructos e critérios (como a saúde mental, estratégias de *coping*, produtividade no trabalho, etc). Finalmente, sugerem que estas dimensões básicas devem merecer uma atenção especial por parte daqueles, cuja investigação se situa na área da compreensão dos mecanismos subjacentes às diferenças individuais na personalidade.

Segundo Halverson (1994), o modelo dos cinco factores tem-se reve-

lado robusto com diferentes métodos de análise (ver no subcapítulo 2.4.1), vários grupos de sujeitos (2.4.2), diferentes selecções de itens (2.4.3), diferentes instrumentos (2.4.3), assim como através de diferentes línguas e culturas (2.4.4). Vamos analisar, neste subcapítulo a evidência a favor da abrangência do modelo, ao longo destas diferentes rubricas. Antes, porém, começaremos por referir as diferentes formas pelas quais o modelo foi operacionalizado e os indicadores empregues nos estudos comparativos.

Ao nível da **operacionalização**, apesar de haver inúmeras listas de adjectivos, elaboradas (Goldberg, 1990) para avaliar o modelo, só dois instrumentos, construídos para este efeito, ganharam reputação: o NEO-PI/NEO-PI-R (Costa & McCrae, 1985; Costa, McCrae & Dye, 1992) e o Inventário de Personalidade de Hogan (*Hogan Personality Inventory:* HPI, Hogan, 1986)[35].

Mas, para além destes dois inventários, várias operacionalizações do modelo dos cinco factores foram propostas: uma versão representada pelo California Q-Set (Block, 1961), que pretende ser uma abordagem alternativa a uma avaliação compreensiva da personalidade baseada na experiência clínica; o ZKPQ-III (*Zuckerman Kuhlman Personality Questionnaire*) de Zuckerman e colaboradores (1992), que mede cinco factores de temperamento, que supostamente têm correlações significativas com variáveis biológicas; o Questionário Profissional de Personalidade (PPQ: *Professional Personality Questionnaire*), de Kline e Lapham (1990), que avalia os factores propostos por Costa e McCrae, em contexto profissional; o Sistema D5D[36] (*Inventaire de Description de Soi*; Rolland & Mogenet, 1993), resultado da primeira aferição francesa do modelo dos cinco factores, que é destinado a apoiar a gestão de recursos humanos, a análise de equipas de trabalho e a avaliação pessoal; e, finalmente, o *Big Five Questionnaire* (BFQ) e a lista de adjectivos bipolares, *Big Five Observer* (BFO), elaborados pelos italianos Caprara e Barbaranelli (1993, 1994).

Ostendorf (1994) comparou três destes questionários: o NEO-PI-R, o ZKPQ-III o PPQ. Os resultados com eles obtidos foram comparados com os derivados de um conjunto de 179 escalas de classificação de adjectivos, representando os cinco factores de acordo com a tradição da abordagem lexical. Através de uma análise em componentes principais, encontraram-se cinco factores que eram mais claramente definidos pelas escalas do NEO-PI-R e as escalas de adjectivos. Consequentemente, o NEO-PI-R parece ser o mais apropriado e compreensivo inventário de personalidade. Os outros, a título de exemplo, negligenciam a dimensão O e, no caso do PPQ,

---

[35] Este inventário é uma variante, com seis factores, do FFM, que foi concebido para reflectir a teoria socioanalítica do seu autor. As seis escalas correspondem aos cinco factores já familiares, sendo a Extroversão dividida em Sociabilidade e Ambição.

[36] Este inventário consiste em 55 adjectivos, que permitem uma auto-descrição não ipsativa, numa escala de 1 a 6.

está ausente o N, apesar de conter uma escala de Insegurança (*Insecurity*), concebida para o avaliar.

Quanto ao conceito de **indicador** (*marker*) ele tem merecido uma atenção crescente na literatura e é essencial na investigação sobre a estrutura da personalidade. Podemos defini-lo como um referencial distintivo (que, embora possa adoptar diversos formatos, neste domínio, é, geralmente, um questionário), com o qual se compara, um constructo, um inventário, um sistema de personalidade. A sua relevância reside na capacidade de situar outros constructos no universo de traços abrangidos pelo modelo que ele representa (neste caso, o modelo dos cinco factores) e a adequação de outros instrumentos para o avaliar.

O NEO PI[37] tem servido, desde há muito tempo, de indicador do FFM (nomeadamente, foi utilizado, nesta perspectiva, por Borkenau e Ostendorf, 1989), no sentido em que tem sido concebido como um padrão, com o qual, outros inventários são comparados.

Análises factoriais comparativas entre os indicadores e outros instrumentos de diferentes tradições dão uma ideia da abrangência e poder do FFM. Mas uma análise factorial conjunta (*Joint Factor Analysis*) não é, necessariamente, a única nem a melhor forma, de examinar a relação entre instrumentos. Tal depende da natureza dos instrumentos e da teoria em que se apoiam, sendo muitas vezes, requeridas análises adicionais para uma compreensão mais completa dos mesmos.

Também Goldberg (1990, 1992) desenvolve indicadores factoriais ou *factor markers* para os *Big Five*, mas baseados nos termos /traços da língua inglesa, de forma a satisfazer a necessidade de medidas factorialmente unívocas das diferentes dimensões. Para este autor, as escalas bipolares[38], como revela o seu estudo com 100 termos unipolares, são menos robustas, como indicadores de factores, do que conjuntos paralelos de adjectivos administrados num formato unipolar. Outro autor, que também desenvolveu indicadores dos cinco factores, foi Mervielde (1992) que seleccionou um conjunto de 25 adjectivos bipolares da língua flamenga (os B5BBS-25) para os *Big-Five*. A análise factorial destas escalas confirmou a sua utilidade como indicadores do modelo dos cinco factores.

Este breve apontamento, relativo às diferentes formas pelas quais o modelo foi operacionalizado e aos indicadores empregues como sua referência, é importante para a análise da compreensividade do FFM, através das

---

[37] Grande parte da investigação inicial com o inventário NEO (desde 1959) baseou-se em estudos longitudinais com voluntários (como será referido no capítulo 3), apesar das mulheres só terem sido incluídas a partir de 1978 (*Baltimore Longitudinal Study of Aging*; Shock *et al.*, 1984). Em 1986, o NEO-PI foi administrado a 983 adultos e as suas escalas sujeitas a análise factorial (McCrae, 1989). Nas análises subsequentes, os factores do NEO-PI começaram a ser utilizados como referência dos *Big Five*.

[38] Nos estudos tradicionais, as escalas administradas eram constituídas por adjectivos com classificação bipolar (*adjective-anchored bipolar rating scales*).

rubricas exploradas nos próximos subcapítulos. Efectivamente, só nos é possível estudar a sua abrangência recorrendo, constantemente, a investigações que utilizaram questionários que o operacionalizam e indicadores que norteiam os estudos comparativos. Comecemos, pois, por estudar a presença dos cinco factores em avaliadores e formas de avaliação diversificadas. Mostraremos que o modelo dos *Big Five* emerge, independentemente de quem avalia e como se avalia, dos grupos de sujeitos a avaliar, dos sistemas e constructos com o qual se compara, e em culturas e línguas diferentes.

2.4.1. Independentemente de quem avalia e como se avalia

Não é de estranhar, a nosso ver, que os defensores dos cinco factores tenham tentado apreciar o modelo, através de diferentes formas/procedimentos de avaliação e de múltiplos avaliadores, por duas razões essenciais. A primeira prende-se com o facto dos personologistas prestarem cada vez mais atenção a questões metodológicas, possivelmente, em resposta às críticas e refutações dirigidas contra os traços e às incongruências da investigação sobre a personalidade (McCrae & Costa, 1987). Tem-se, consequentemente, discutido os méritos e limitações da abordagem idiográfica *versus* nomotética, a fidelidade, os métodos de construção de escalas, a realidade dos traços e o acordo entre avaliadores. A segunda razão tem a ver com a conveniência em comprovar a generalização do modelo, a sua abrangência, para além dos casos particulares e visões parcelares, o que representaria um passo capital para a fundamentação teórica do mesmo.

Efectivamente, como diz Digman e Takemoto-Chock (1981), os cinco grandes factores têm sido reencontrados, independentemente de serem os professores a avaliarem as crianças, os candidatos a oficiais a avaliarem-se uns aos outros, os estudantes a classificarem-se mutuamente, ou os clínicos profissionais a avaliar clientes... Isto, embora as conclusões iniciais, sobre estes factores, terem surgido da análise factorial de observações de colegas (*e.g.*, Cattell, 1946; Fiske, 1949; Norman, 1963; Passini & Norman, 1966; Tupes & Christal, 1961).

Os dados obtidos, no famoso estudo de Tupes e Christal (1958; reeditado, em 1992), foram, aliás, baseados em diferentes tipos de avaliadores. Estes investigadores intercorrelacionaram avaliações em 35 traços de personalidade (seleccionados como representativos do domínio da personalidade), em oito amostras de graduados da Escola de Candidatos à Força Aérea (*Air Force Officer Candidate School*; N = 790). As amostras diferiam, quanto ao grau de relacionamento pessoal dos sujeitos (de 3 dias, a mais de uma ano); ao tipo de relação estabelecida entre eles (desde a frequência de um programa de avaliação de treino militar, a residirem na mesma casa); ao grau de escolaridade; ao tipo de avaliador (desde avaliadores leigos, a psicólogos clínicos e psiquiatras com muita experiência). Em cada uma das análises, foram reencontrados os cinco factores.

As replicações subsequentes utilizaram, sobretudo, avaliações pelos colegas ou pelo próprio, em escalas de adjectivos (Conley, 1985; Digman & Takemoto-Chock, 1981; Goldberg, 1981). No entanto, investigações recentes sugerem que os mesmos factores podem ser extraídos de inventários de personalidade de auto ou hetero-avaliação[39] (Noller, Law & Comrey, 1987; McCrae & Costa, 1988).

Posteriormente, numerosos estudos baseados em avaliações (*ratings*), levadas a efeito por uma enorme multiplicidade de observadores, vieram a confirmar e a apoiar a estrutura do FFM, nomeadamente, os de Digman e Takemoto-Chock (1981), Hogan (1983), McCrae e Costa (1985) e Goldberg (1990). Em síntese, encontraram-se os cinco factores, através de auto e hetero-avaliações, incluindo, no que às últimas se refere, por pares, cônjuges ou clínicos e até mesmo por crianças[40] (quadro 2.8). As cinco dimensões são, por conseguinte, constructos psicológicos consensualmente validados [41](McCrae, 1989) e com um substancial[42] acordo inter-observador (McCrae & Costa, 1987).

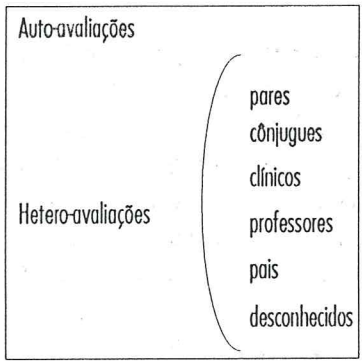
---

[39] Hogan, em 1985 (*in* Digman, 1990, p.66), expressou o seu grande entusiasmo pelo modelo escrevendo: "Esta é uma área, em que os psicólogos da personalidade têm uma descoberta fundamental a relatar. Podemos agora especificar, com alguma confiança, a estrutura do vocabulário, que os observadores utilizam para descrever as pessoas, por outras palavras, temos um modelo replicável da estrutura da personalidade, da perspectiva do observador... Existe agora um acordo considerável acerca de que as impressões dos observadores podem ser expressas em termos de cerca de cinco dimensões".

[40] Donahue (1994) levou a efeito um estudo deste género. Esta autora norte-americana analisou o conteúdo de descrições livres da personalidade, efectuadas por crianças de 11 anos, no Teste do Reportório de Construção de Papéis (*Role Construct Repertory Test;* Kelly, 1955). Os constructos da personalidade das crianças foram codificados, de acordo com a sua forma estrutural (*e.g.*, hábitos, preferências, traços) e domínio de contéudo relacionado com os *Big Five* (*e.g.*, Amabilidade, Conscienciosidade). Os resultados indicaram que conceitos de todos os cinco domínios são utilizados nas descrições das crianças, e muitos destes conceitos são expressos, de forma diferente da dos traços. Os constructos da Amabilidade são os mais frequentemente utilizados, replicando a sua prevalência também encontrada na adultez (Peabody & Goldberg, 1989).

[41] Nos anos 50 e 60, algumas investigações encontraram uma relação positiva entre as impressões dos observadores e o comportamento actual dos observados. Wright (1989) mostrou, precisamente o contrário, ao afirmar que as impressões sobre a personalidade tinham, por vezes, pouca utilidade preditiva e que os profissionais mostravam muitos dos enviesamentos dos leigos.

[42] Paulhus, ao estudar a auto-avaliação (citado em Tice, 1989), defende que a desiderabilidade social é composta por duas facetas distintas: a 'gestão da impressão' (*impression management*) e o auto-engano (*self-deception*). Esta última está relacionada com características da personalidade e é uma informação a reter na avaliação da personalidade. Funder propõe dois critérios para a precisão por parte do observador (ou seja, na hetero-avaliação): acordo inter-observadores e a previsão comportamental. Conclui que algumas características da personalidade têm, consistentemente, bom acordo entre observadores, enquanto outras, não. Nesta linha, Wright (citado em Tice, 1989), desenvolveu o paradigma das "personalidades simuladas" (*"simulated personalities"*) para explorar a sensibilidade e as limitações da percepção social.



Quadro 2.8. Principais avaliadores utilizados no estudo do FFM

Estudos mais recentes, sobre esta temática, alargam o leque de avaliadores utilizados. Assim, no livro "*The developing structure of temperament and personality from infancy to adulthood*", Halverson e colaboradores (1994) dedicam um capítulo à inferência do FFM, a partir das avaliações feitas por professores de crianças e de adolescentes. Concluem que o modelo é um quadro de referência útil para as avaliações por parte dos professores. Contudo, é importante salvaguardar que as correlações entre as avaliações dos pais, professores e crianças e adolescentes são muito baixas (McConaughy & Howell, 1987). Em segundo lugar, há que ter presente que alguns investigadores (Martin *et al.*, 1994) encontraram diferentes estruturas factoriais, em avaliações feitas por pais e por professores, quando se utilizam escalas para avaliar os mesmos contructos. Por fim, existe evidência de que as avaliações por parte dos pais e dos professores têm de ser contextualizadas, visto que estas duas classes de avaliadores analisam o comportamento em ambientes que apelam para características diferentes dos sujeitos[43]. Acresce que, Mervielde (1992) e Digman, Graziano e Mervielde (1994) apresentam resultados que apoiam a noção de que os cinco grandes factores podem ser extraídos da avaliação por parte dos professores, e que tais avaliações são úteis para proporcionar um quadro de referência para compreender o desenvolvimento da personalidade das crianças. Digman (1994) foi, aliás, um dos primeiros investigadores a defender que os cinco grandes podiam ser encontrados nas avaliações de crianças e adolescentes. Os factores por ele descobertos são semelhantes aos encontrados por investigadores que estudaram o temperamento e que defendem ser este um precursor da personalidade. Assim, com a maturidade e a experiência, os quatro factores temperamentais – sociabilidade, medo, ira (*anger*), impulsividade – e um quinto, posteriormente surgido(factor intelectual)resultam, segundo Digman (1990), nos cinco grandes.

---

[43] No entanto, Graziano e Ward (1992) mostraram que as avaliações de adolescentes, sobre a sua adaptação à escola, feitas por professores, assim como por conselheiros, estão sistematicamente relacionadas com as diferenças de personalidade, nos cinco grandes factores.

Começou-se também a estudar a personalidade das crianças, a partir da análise da linguagem utilizada para as descrever. Mas, contrariamente à abordagem usada com os adultos – em que se parte do léxico encontrado no dicionário – os investigadores empregaram a chamada 'descrição livre', por parte de adultos, de crianças de idades diferentes. Este método permite determinar se existe algum consenso sobre as dimensões que os adultos julgam importantes para descreverem as crianças (Treffers *et al.*, 1994, com pais holandeses; Mervielde, 1994, com professores belgas; Havill *et al.*, 1994, com pais e professores americanos). Van-Lieshout e Haselager (1992) testaram a aplicabilidade do modelo às descrições de crianças e adolescentes realizadas por adultos holandeses (mães, pais, professores), utilizando uma versão holandesa do Conjunto-Q de Califórnia para Crianças (*California Child Q-Set*; Block & Block, 1980). É interessante notar que os investigadores não chegaram a um acordo sobre as categorias das diferenças individuais na infância.

Em suma, a utilização de diferentes pessoas na avaliação dos cinco factores em crianças e adolescentes, embora promissora, é uma área onde ainda não existem conclusões definitivas.

Até agora, temos vindo a referir investigações que tentam reencontrar o modelo, a partir, de diferentes avaliadores. E, embora tudo aponte para a conclusão de que os cinco factores reaparecem na avaliação feita por diferentes juízes, o certo é que subsistem aspectos a clarificar. Desde o início da utilização da análise factorial no estudo da personalidade, duas controvérsias fundamentais têm dominado o sector. Uma, que tem a ver com qual seja o modelo factorial mais apropriado, em termos de número e significado dos factores, foi atenuada, em grande parte, pelo favoritismo progressivo de que vem sendo objecto o modelo dos cinco factores da personalidade (Borkenau & Lieber; 1995). A segunda controvérsia – aquela que nos interessa, neste momento – relaciona-se com o estatuto científico das dimensões factoriais da personalidade, em geral. Enquanto alguns autores defendem que estas dimensões representam traços, disposições da personalidade (Cattell, 1965), outros argumentam que tais factores reflectem categorizações das pessoas utilizadas pelos avaliadores, isto é uma teoria implícita da personalidade[44]. A este respeito, Leyens (1985, p.147), no seu interessante livro – "Teorias da personalidade na dinâmica social" – afirma que "as teorias científicas da personalidade, laboriosamente elaboradas pelos psicólogos, assemelham-se, ao ponto de com elas se confundirem, às teorias implícitas partilhadas pelo comum dos mortais da nossa cultura. Científicas ou implícitas, estas teorias explicam-se, na maior parte das vezes, por factores de similitude semântica". Em suma, comenta Leyens (1985, p.126), "a estrutura da personalidade talvez não estivesse

[44] Ver também Borkenau (1992).

na pessoa dos indivíduos que eram ajuizados, mas na cabeça dos seus juízes". Algumas investigações empíricas corroboram esta perspectiva, nomeadamente, Passini e Norman (1966) com base em dois estudos a partir de auto-avaliações, avaliações por pessoas conhecidas (*e.g.*, pares, família) e avaliações por desconhecidos[45], os quais concluíram que a estrutura da avaliação por estranhos se parecia com a dos pares. Explicaram estes resultados pelo facto da estrutura interna[46] e externa serem muito semelhantes e porque, quando se pede a avaliação de pessoas que nos são estranhas, ou seja, de pessoas de quem se tem pouca informação, os juízes se basearem nas suas teorias implícitas para avaliar os traços. Os autores supracitados também discutem se as correlações entre as avaliações dos traços reflectem relações semânticas entre os termos ou co-ocorrências entre comportamentos. Do mesmo modo, Smith e Kihlstrom (1987), que investigaram a estrutura dos traços da personalidade, enquanto esquemas cognitivos, formularam a hipótese de que as dimensões de Norman (1963) funcionariam como esquemas organizadores do léxico dos traços subordinados. Concluíram que os sujeitos empregam uma teoria implícita da personalidade[47] com uma estrutura semelhante à dos *Big Five*.

Este debate tem sido estimulado pelo facto dos *Big Five* terem sido encontrados não só na avaliação feita por peritos, mas também na realizada por estranhos, nas investigações com personagens estereotipadas e em avaliações da similitude semântica[48] de pares de traços (*semantic-simila-*

---

[45] Os sujeitos foram filmados e a informação disponível aos juízes foi a de: filme sonoro, filme silencioso, imagem fixa, gravação. Os juízes avaliaram os sujeitos em 20 escalas de adjectivos, referindo-se quatro delas a cada um dos cinco grandes factores.

[46] De acordo com a sugestão de Wiggins (1973), devemos utilizar a expressão estrutura externa, para nos referirmos às representações da personalidade baseadas na avaliação das características das pessoas; por sua vez, a estrutura interna indicaria aquela que é baseada na avaliação das intercorrelações entre as características personológicas de uma determinada pessoa, por outras palavras, a classificação de características semelhantes por juízes. Estudos iniciais apontavam no sentido de que as estruturas seriam idênticas ou, pelo menos, semelhantes e, mais recentemente, sugeriam que a estrutura externa seria mais complexa do que a interna. Peabody e Goldberg (1989) explicam estes dados pela economia cognitiva associada às avaliações das relações semânticas ou conceptuais, ou seja, postulam que as pessoas derivam a estrutura interna da externa e, ao fazê-lo, simplificam. Eles encontraram, no entanto, para além dos cinco factores, um sexto pequeno factor que designaram por "valores".

[47] Mesmo quando situacionistas, como Cantor e Mischel (1979), examinaram a maneira como os sujeitos distribuíam as pessoas por categorias deram-se conta de agrupamentos muito semelhantes ao FFM, a saber, "a pessoa extrovertida", "a pessoa implicada com uma crença", "a pessoa cultural" e a "pessoa instável emocionalmente". Faltaria, segundo Digman (1990), a "pessoa amigável".

[48] A título de exemplo, apresentamos a investigação levada a cabo por Semin e Rosch (1981, referida por Leyens, 1985, p.133): "Estes investigadores pediram a alguns estudantes que respondessem ao seu questionário de Extroversão-Introversão como julgassem que o teria feito uma pessoa fictícia de quem apenas conheciam a resposta ao primeiro item. A tarefa revelou-se extremamente simples para todos os estudantes. Admitindo que o primeiro item se referisse à extroversão e a

rity ratings of trait pairs), sugerindo que os estudos factoriais da personalidade revelam como as pessoas a classificam e não a sua estrutura subjacente. Apesar destes dados, as opiniões continuam divididas. E, efectivamente, nada nos garante que as duas explicações (existência real ou forma de classificar), para a recorrência dos cinco factores, sejam incompatíveis. Para obviar à similitude semântica, alguns autores (Ruch, 1995) propuseram a utilização de material não verbal.

Depois de referirmos a recorrência dos cinco factores, em diferentes tipos de avaliadores, abordámos a questão polémica de se estes factores são categorizações implícitas aos mesmos, ou traços da personalidade dos sujeitos. Vamos, agora fazer referência às **diferentes formas utilizadas pelos investigadores para estudar as avaliações dos juízes.** Como sintetiza Borkenau (1992), os *Big Five* foram identificados nas avaliações realizadas por informantes que conheciam os sujeitos, assim como por juízes que os não conheciam, na situação de probabilidade de co-ocorrência (frequência) na avaliação de traços[49] (*co-occurrence likelihood ratings of traits*), na avaliação de pares de traços com similitude semântica[50] (*semantic similarity ratings of trait pairs*) e nas avaliações de actos prototípicos de traços[51] (*prototypicality ratings of acts for traits*) (quadro 2.9). Em suma, no que toca às conclusões, as diferentes formas de avaliação apresentam resultados convergentes, a favor do modelo dos cinco factores.

Embora a questão de saber que é que os cinco factores realmente avaliam não esteja totalmente solucionada (voltaremos mais adiante a esta problemática), o facto é que existem, para além das diferentes formas de avaliação atrás referidas, diversos procedimentos para avaliar o modelo[52]. Nestes **diferentes procedimentos** de avaliação, incluem-se os instrumen-

---

zes de encontrar todos os itens extrovertidos, de lhes responder positivamente, de encontrar todos os itens introvertidos e de lhes responder negativamente. Por outras palavras, é muito possível descobrir a similitude semântica dos itens de um questionário de personalidade e reagir a ele em função dessa similitude".

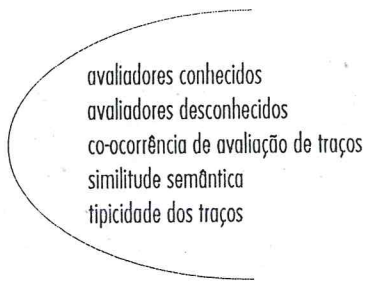
[49] Como exemplo, temos a investigação de Newcomb (1929, referida em Leyens, 1985), em que vários observadores classificaram os comportamentos de rapazes num campo de férias. No final, foram efectuadas as correlações entre os dados, de forma a estimar a ocorrência dos comportamentos observados.

[50] Como exemplo, temos a investigação de Shweder (1975, referido em Leyens, 1985), em que se apresentaram a alunos todos os pares possíveis de comportamentos observados numa investigação precedente, pedindo-lhes que avaliassem a similitude conceptual de cada par numa escala de sete pontos. Obteve-se, desta forma, uma matriz de juízos de similitude semântica.

[51] Isto é documentado pela investigação de Rosch e Chassein (1981, referida em Leyens, 1985), os quais pediram a alunos, que não possuíam praticamente conhecimentos de psicologia, para enumerarem, por escrito, comportamentos típicos de um extrovertido. A análise de conteúdo revelou que aquelas noções "são tão típicas na nossa civilização que bastam alguns comportamentos para as descrever, e estes são conhecidos na íntegra por quase toda a gente" (p. 130).

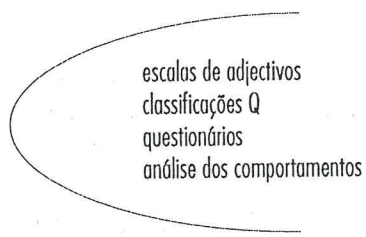
[52] Aliás, para McCrae (1989), a validação multimétodo reveste-se de grande importância.

Nestes **diferentes procedimentos** de avaliação, incluem-se os instrumentos baseados nos traços, como as escalas de adjectivos, as classificações Q (*Q-sort*), os questionários, os procedimentos baseados na análise dos comportamentos e as soluções mistas (que empregam simultaneamente várias formas de avaliação) (quadro 2.10). Vamos, de seguida, fazer referência a investigações que, utilizando estes diferentes procedimentos, encontraram os cinco factores.



Quadro 2.9 Formas de avaliação do FFM

Como exemplo de investigações que utilizaram as **escalas de adjectivos**, convergindo na identificação dos cinco factores, temos os trabalhos de Goldberg (1982, 1992) e Brand e Egan (1989). O primeiro autor que opina, aliás, ser mais fácil recolher dados com base em listas de adjectivos do que a partir de um questionário como o NEO-PI (Goldberg, 1990), construiu escalas de adjectivos para avaliar os *Big Five*, incluindo 50 conjuntos de adjectivos bipolares e 100 indicadores de adjectivos unipolares (Costa & Widiger, 1994). Os segundos, por seu turno, utilizaram escalas ipsativas de adjectivos.



Quadro 2.10 Procedimentos de avaliação do FFM

Outros autores, que optaram por utilizar as escalas de adjectivos, foram (quadro 2.11) Trapnell e Wiggins (1990), os quais fizeram a simbiose da tradição léxica com o circumplexo interpessoal, elaborando as Escalas de Adjectivos Interpessoais Revistas - Cinco Grandes. De Raad, Hendricks e Hofstee (1994) fizeram uma opção semelhante, ao combinarem a abordagem dos cinco factores com o modelo circumplexo, dando origem ao Circumplexo Dimensional Abreviado dos Cinco Grandes.

cinco factores + circumplexo interpessoal	= IASR-B5, Circumplexo dos Adjectivos Interpessoais Revisto - Cinco Grandes	Trapnell & Wiggins
cinco + circumplexo interpessoal	= AB5C, Circumplexo Dimensional Abreviado dos Cinco Grandes	Hofstee *et al.* (1992)

Quadro 2.11 Integração dos cinco factores com o circumplexo interpessoal

Os procedimentos do tipo das **Classificações-Q** (*Q-sort*)[53] foram utilizados por McCrae, Costa e Busch (1986) e Robbins, John Caspi (no prelo). O primeiro grupo de investigadores utilizaram o *California Q-Set*[54] (Block, 1961) com um grupo de 403 adultos, encontrando, depois de realizar uma análise factorial dos dados, cinco factores idênticos aos que emergiram de escalas de adjectivos e com questionários.

No que concerne à utilização de **questionários**, elaborados para avaliar o FFM, já a eles nos referimos, quando abordámos o tópico da operacionalização do modelo dos cinco factores (2.4). De um deles, o NEO-PI (NEO-PI-R, na sua versão revista) falaremos, mais pormenorizadamente, no próximo capítulo. Todavia, quando se passa de itens constituídos por uma única palavra (os adjectivos) para uma frase (como os utilizados nos questionários), complicam-se e multiplicam-se as interpretações dos resultados, de tal forma que alguns investigadores têm interpretado as conclusões, obtidas a partir dos questionários, em termos da estrutura de cinco factores, e outros não. Para obviar a este problema, Costa e McCrae (1985) construíram as frases do NEO-PI, a partir de escalas de uma grande diversidade de questionários e Goldberg (1990) sugeriu a utilização de indicadores do FFM.

Por fim, as investigações baseadas na análise do comportamento também têm reencontrado os cinco factores. Efectivamente, a relação entre os traços e o **comportamento**[55] tem merecido a atenção de diversos

---

[53] As classificações-Q, ou metodologia-Q (*Q-sort* ou *Q Methodology*) são procedimentos de ordenação e classificação de itens ou de partes do objecto em estudo. No procedimento mais usual, os sujeitos ordenam cartões em pilhas que representam pontos num contínuo.

[54] Designam-se, geralmente, por *Q-set* (*set*=colocar) os instrumentos que se baseiam na metodologia Q, ou seja, na ordenação (*sort*) de itens.

[55] Em favor da validade do FFM, na infância, estão, igualmente, as predições relativas a eventos reais. Efectivamente, variáveis como a delinquência, a realização escolar e o QI têm relações importantes e significativas com os cinco grandes (Robins, John e Caspi, 1994). Vandenplas-Holper e colaboradores (1995) verificaram ainda que as dimensões Abertura à Experiência e Conscienciosidade eram fortes preditoras da performance escolar dos alunos. Finalmente, Victor (1994) encontrou correlações entre os cinco factores e as medidas de problemas comportamentais (na infância), indicando que o modelo pode servir como um quadro de referência para uma compreensão unificadora do comportamento social e emocional

investigadores (Mischel & Peake, 1982; Small, Zeldin, & Savin-Williams, 1983; citados em McCrae & Costa, 1987). Nomeadamente, Buss e colaboradores (1980, 1985, 1989[56]) empregaram formas mais próximas do comportamento real, recorrendo à abordagem da frequência de actos (*act-frequency approach*)[57], que implica a averiguação da frequência com que actos específicos são realizados, durante um determinado período de tempo. Embora a frequência seja recordada, mais do que observada, a análise de 20 actos e sua frequência, levada a cabo pelos autores supracitados, apoia o FFM. Borkenau (1988, 1992), por sua vez, utilizando a classificação por juízes da prototipicidade (ou tipicidade) de 120 actos verbalmente descritos, também reencontrou os cinco factores[58].

Em conclusão, as investigações, apesar de utilizarem diferentes tipos de avaliadores (*e.g.*, clínicos, colegas, desconhecidos) e formas e métodos de avaliação diversificados (*e.g.*, observação, questionários, Classificações-Q), reencontram os cinco grandes factores, acrescentando, por conseguinte, mais dados empíricos, a favor da abrangência do FFM.

2.4.2. Independentemente dos grupos de sujeitos a avaliar: os cinco factores na infância

O modelo dos cinco factores, para além de descoberto com diferentes tipos de avaliadores e formas de avaliação, tem também sido reencontrado num amplo leque de grupos de sujeitos, nomeadamente de sexo, estrato social, educação, profissão, cultura e idade diferentes.

Assim, o modelo ajusta-se aos resultados obtidos por ambos os sexos (Costa & McCrae, 1992), embora, estudos com o NEO-PI-R tenham concluído pela existência de leves diferenças nalgumas dimensões (*e.g.*, as mulheres apresentam uma Amabilidade mais elevada do que os homens). Em função desta conclusão, foram elaboradas normas diferentes para estes dois grupos de sujeitos, como analisaremos, posteriormente mais em pormenor, no capítulo dedicado a este instrumento.

---

das crianças em idade escolar.

[56] Por exemplo, Botwin e Buss (1989) confirmaram a correspondência entre a estrutura obtida, a partir de observação de actos e os cinco factores, que emergem da avaliação de traços.

[57] A AFA (Buss & Craik, 1980) tem sido apresentada como uma forma nova, necessária, amplamente aplicável e heurística de estudar a personalidade. Embora tenha suscitado bastante interesse, Block (1989) avalia-a criticamente, apontando, como um dos seus principais limites, a concepção restritiva de personalidade (a personalidade enquanto constelação de actos).

[58] Nesta investigação, oito juízes classificaram a prototipicidade (a relação a um padrão, neste caso a relação de actos com 40 indicadores de traços de Norman) de 120 actos verbalmente descritos. A prototipicidade de cada acto foi ajuizada em relação a cada traço. Quando as correlações entre as classificações das avaliações prototípicas foram sujeitas a análise factorial, encontraram-se os factores de Norman.

O mesmo acontece em relação a outras variáveis, como a escolaridade, a cultura (que será discutida, no ponto 2.4.4) e a classe social: a estrutura dos traços da personalidade parece ser a mesma embora com algumas pequenas variações. A maior destas consiste na leve relação entre a dimensão Abertura à Experiência e a educação (anos de escolaridade).

No que respeita à idade, investigações, a nível adulto, forneceram dados em favor do FFM. Estudos houve, que abarcaram o leque total da adultez (dos 17 até aos 95 anos, no caso de Costa e McCrae, 1992), enquanto outros abrangeram faixas etárias mais limitadas (como o da análise da personalidade de mulheres de meia idade, por York e John, 1992), mas encontrando, na generalidade, os cinco factores.

Muitos autores começaram a debruçar-se sobre o problema de saber se o modelo dos cinco factores se ajusta também a períodos de desenvolvimento mais precoces[59] e qual seja a relação entre o temperamento[60] infantil[61] e a emergência posterior de características personológicas, como a Conscienciosidade e a Abertura à Experiência. Como veremos, embora nenhum autor, por nós revisto, defenda, de forma explícita, a existência de cinco factores, equivalentes na infância e na adultez, a grande maioria faz referência a vários precursores daqueles. Vamos, então, dedicar o resto deste subcapítulo a esta problemática, visto que as outras categorias atributivas (*e.g.*, sexo, escolaridade) serão, por um lado, abordadas posteriormente e, por outro, não se apresentam tão polémicas. Acrescente-se ainda que a questão dos cinco factores na infância se relaciona com outra, não menos importante, que é a da origem e natureza dos *'Big Five'*.

Segundo Halverson (1994), o temperamento na infância tem sido, prevalentemente, concebido, segundo a estrutura de nove dimensões, proposta por Thomas, Chess e Birch (1977). Embora não seja o objectivo deste trabalho reflectir e discutir a personalidade na infância e, mais especificamente, a sua estrutura, parece, contudo, importante fazer referência aos estudos que se têm debruçado sobre a existência[62] dos cinco factores no primeiro transcurso da vida.

Martin e colaboradores (1994) fizeram uma revisão dos estudos, que

---

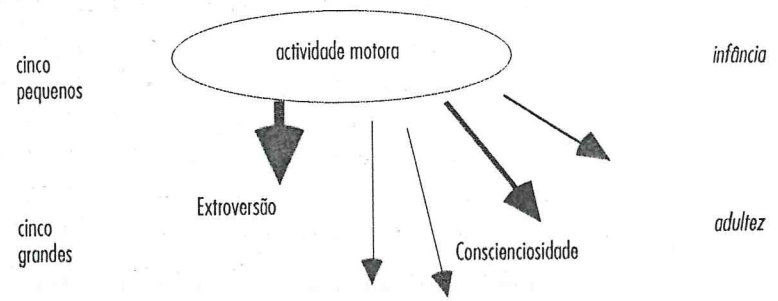
[59] Só recentemente é que se começou a estender o estudo do modelo dos cinco factores à infância, sendo ainda escassa a investigação, neste domínio. Efectivamente, como observa Halverson (1994), os livros actuais sobre o desenvolvimento da criança quase não abordam as questões da "personalidade", "diferenças individuais", ou "estrutura da personalidade", o que é interessante, dado o seu relevo nos livros sobre a personalidade e o desenvolvimento do adulto.

[60] Normalmente, os autores preferem reservar a palavra temperamento para as diferenças individuais mais estáveis da infância, onde a influência biológica é mais forte. Por exemplo, Hagekull (1994) conceptualizou o temperamento como referindo-se a "traços de personalidade que emergem precocemente" (*"early appearing personality traits"*).

[61] Rothbart (1989) foi dos primeiros autores a explorar as relações entre as diferenças temperamentais na infância e os cinco factores.

[62] Alguns autores, como Santos (1972, 1977, 1982), defendem que só se poderia falar de personalidade a partir da adolescência.

utilizaram os mesmos instrumentos dos autores supracitados (Thomas, Chess e Birch, 1977). A sua conclusão é clara: apenas cinco factores emergem, consistentemente, de estudo para estudo, aparecendo ainda, ocasionalmente, dois mais pequenos[63]. Porém, estes cinco factores, não têm, necessariamente, que ser idênticos aos obtidos na idade adulta. Em primeiro lugar, porque os itens seleccionados não foram retirados, sistematicamente, de um conjunto compreensivo de características temperamentais, como aquele encontrado nos dicionários, mas foram derivados, sobretudo, de entrevistas com professores e com pais. Em segundo lugar, porque as dimensões que constituem a estrutura característica da personalidade dos adultos não têm que ser as mesmas, que se manifestam, quando os adultos descrevem as diferenças individuais entre crianças. No entanto, para estes autores, alguns dos precursores dos *Big Five* parecem ser identificáveis nos diferentes estudos.



Nota: Quanto mais grossas as setas, maior a intensidade da relação entre a dimensão actividade motora da infância e os cinco factores da idade adulta. As setas mais finas significam que a referida dimensão terá outras implicações na personalidade adulta mas que são desconhecidas.

Quadro 2.12. A dimensão actividade motora, segundo Martin *et al.* (1994) e Eaton (1994)

Para outros autores, um dos factores mais proeminentes e replicáveis, na infância, é a actividade motora, factor esse que parece perder importância, ou identidade própria, na adolescência tardia e na adultez. Contudo, durante os dois primeiros anos de existência, esta dimensão torna-se mais importante e diferenciadora[64].

Eaton (1994) refere como a actividade motora perde, progressivamente, o seu lugar central, porque níveis elevados de actividade começam a ficar conotados (ganham outro significado) com a falta de controlo,

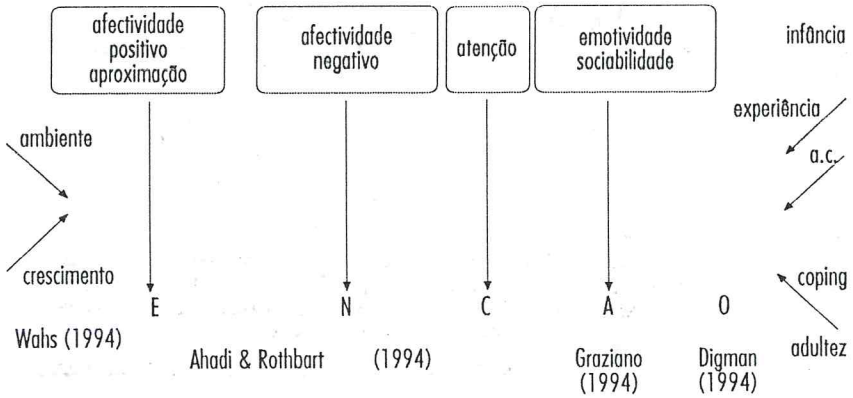
63 Van Lieshout e Haselager (1994) encontraram os cinco factores mais a Actividade Motora e a Dependência, em avaliações feitas pelos professores e pelos pais, separadamente, por grupos de idade (entre os 3 e os 16 anos) e por sexo.

64 Por ter sido considerada como uma característica verdadeiramente temperamental, foi seleccionada por Buss e Plomin como uma das suas três dimensões do temperamento, a saber, a emotividade, a actividade e a sociabilidade (EAS; Buss e Plomin, 1975, 1984). Outros, como Fries, também já tinham identificado o nível de actividade como uma dimensão do temperamento.

pouca atenção e agressividade. No estudo de Digman e Inouye (1986), referido por Eaton (1994), os adjectivos 'enérgico' e 'letárgico' têm saturações elevadas no factor Extroversão, querendo isto significar que haveria relações entre a actividade motora e o factor Extroversão que, enquanto tal, só surgiria mais tarde. Mas, o nível de actividade também se encontra associado a outros dos cinco factores, nomeadamente, a Conscienciosidade. Segundo ainda o mesmo autor, os adultos são menos activos, do ponto de vista motor, porque a sua energia se deslocou dos esquemas motores para os esquemas simbólicos, reduzindo a importância daquele traço. Quer dizer que, em consequência da diminuição da actividade motora, tenderia a aumentar a actividade linguística, mas os estudos sobre esta metamorfose são ainda inexistentes. Robins, John e Caspi (1994) argumentam que, no princípio da adolescência, a Actividade e a Irritabilidade dos rapazes não são apenas facetas da Extroversão e da Estabilidade Emocional, mas podem ser dimensões da personalidade relativamente independentes, estáveis, de um período inicial da vida. Para Halverson (1994), a perspectiva desenvolvimentista de Eaton (1994) e a de Martin e colaboradores (1994) levam a admitir a possibilidade de que a actividade motora pertença aos "Cinco Pequenos" ("*Little Five*", no original) da infância. Diminuiria, posteriormente, enquanto dimensão primária, no decurso da adolescência, "permanecendo, contudo, como um importante 'multiplicador' de vários dos cinco grandes factores da personalidade na adultez" ("*yet remaining as an important 'multiplier' of several of the Big Five personality factors in adulthood*", Halverson, 1994, p.153) (quadro 2.12).

Ahadi e Rothbart (1994), ao discutirem os possíveis precursores desenvolvimentais dos factores da personalidade, consideram que o inventário das dimensões temperamentais traduzido nos cinco grandes, não é, linear. Tal justificar-se-ia, porque a avaliação da personalidade na adultez é um fenómeno complexo, que envolve a avaliação do auto-conceito cognitivo (siglas a.c., no quadro 2.13). Este, em conjunção com mecanismos de auto-regulação, pode desencadear estratégias de *coping*, susceptíveis de inibir ou facilitar as tendências temperamentais. Por outro lado, ainda subsiste uma enorme confusão sobre como definir os cinco factores. Assim, para estes autores, são considerados precursores da Extroversão (ver, no quadro 2.12, o esquema da relação entre os precursores e os cinco factores), a afectividade positiva e a tendência à aproximação (*approach tendency*); da Instabilidade Emocional, a afectividade negativa; da Conscienciosidade, os sistemas auto-reguladores da atenção (*attentional self-regulatory systems*). Por sua vez, Graziano (1994) refere-se ao desenvolvimento e à relevância da Amabilidade, completando a lista dos primeiros quatro dos cinco factores. Este autor coloca a questão: "Será a Amabilidade a fusão, na idade adulta, das diferenças genéticas, expressas na infância como Emotividade e Sociabilidade?" ("*Is Agreeableness the adult fusion of genetic differences, expressed in childhood as Emotionality and Sociality*?"; Graziano, 1994, p.350). Finalmente, Digman (1994) corrobora os autores referidos, afir-

mando que os quatro factores temperamentais, com a maturação, a experiência e a emergência posterior de um quinto factor, resultam nos cinco grandes factores.



Nota: Os rectângulos representam os precursores dos cinco factores na infância. As setas verticais, a relação entre estes e os cinco factores na idade adulta. A setas oblíquas representam a influência de diferentes variáveis na relação entre os precursores temperamentais e os cinco factores. O nome dos investigadores são os dos autores, cujas ideias são referidas acima.

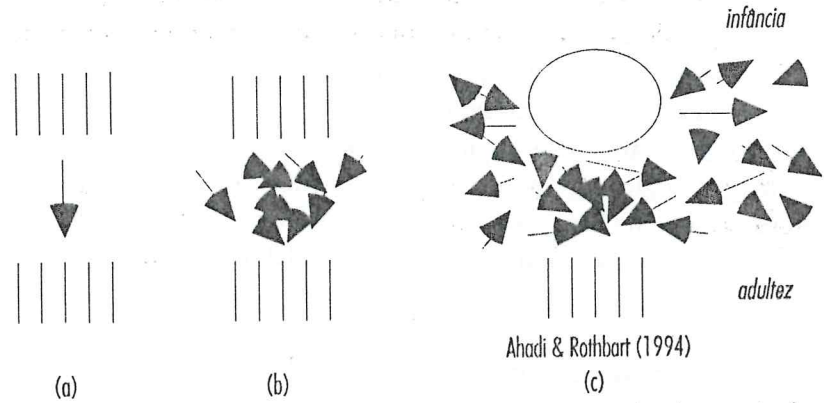
Quadro 2.13 Os precursores dos cinco factores na infância

Ahadi, Rothbart e Ye (1993) e Ahadi e Rothbart (1994) também estudaram os precursores da Conscienciosidade na infância, com amostras chinesas e americanas. Estes autores consideram que o modelo dos cinco factores colocou ao nosso dispor um quadro de referência para averiguar como as dimensões da infância podem interagir entre si e com o meio, de molde a criar variação na personalidade adulta. Pensam que a análise dos dados longitudinais, à luz desta perspectiva, pode trazer alguma compreensão para a questão de saber se as diferenças individuais na adultez, organizadas de acordo com o FFM, podem ou não ser previstas, a partir de diferenças temperamentais na infância. Rejeitam, também, de início, uma concepção em que as dimensões temperamentais da infância são concebidas como sistemas separados (ver quadro 2.14) e que, posteriormente, se desenvolveriam nas dimensões da personalidade adulta. Em função da sua orientação neurobiológica, Ahadi e Rothbart (1994) consideram, portanto, que existem dependências[65] entre os cinco grandes factores — visíveis, sobretudo, nos seus precursores, salientando, assim, que "na nossa tentativa de descrever os processos psicológicos, que podem estar subjacentes aos cinco factores, estamos certos de ter transmitido o sentido da dinâmica do desenvolvimento e funcionamento da personalidade que pode perder-se nos modelos taxinómicos estáticos" (Ahadi & Rothbart, 1994, p.203)[66].

---

[65] A este respeito, recordam que a ortogonalidade dos factores é estatística, não reflectindo, necessariamente, os processos subjacentes, pelo que a sua concepção se aproxima da promovida pelos aderentes do circumplexo.

[66] Esta perspectiva dinâmica, como vimos, está presente na teoria da perso-



Nota: Os traços na vertical dizem respeito aos factores. Vemos, no primeiro caso (a), uma correspondência linear entre cinco factores na infância e os factores na adultez. Em b) essa relação é complexa e implica a interacção de muitas variáveis. Finalmente, em c) temos o esquema mais elaborado correspondente à concepção de Ahadi e Rothbart (1994). Nesta, não há diferenciação entre os factores na infância, sendo a sua relação com os cinco factores na adultez função de interacções complexas.

Quadro 2.14 Três esquemas possíveis da relação entre o temperamento na infância e os cinco factores na adultez.

Embora as inúmeras investigações que temos vindo a referir salientem a relação entre o temperamento infantil e o aparecimento posterior dos cinco factores, Wachs (1994) recorda que são relativamente baixos os coeficientes de estabilidade encontrados na investigação longitudinal na infância. Se assim é, as relações entre esta e a adultez apresentam-se algo problemáticas. O processo complica-se, pelas alterações dos sistemas biológicos, durante o crescimento, e pelas reacções diferenciais ao ambiente em mudança. Consequentemente, este autor considera muito importante o desenvolvimento de hipóteses específicas sobre como os factores contextuais fortalecerão ou enfraquecerão as relações entre domínios específicos do temperamento inicial e a personalidade subsequente. Porém, Hagekull (1994), a partir da sua investigação longitudinal com crianças suecas até aos quatro anos, debruçou-se sobre as relações entre o temperamento emergente e a sua relação com os cinco factores encontrados, mais tarde, na adultez. Ela considera, com base na análise de muitos dados, que, quando a continuidade é avaliada ao longo do tempo, se encontram, geralmente, correlações modestas. Por exemplo, a timidez na infância ("*withdrawal*") não se correlaciona, acima de .25, com a timidez mais tardia[67].

Ainda não existem dados suficientes para explicar o facto das correlações serem baixas: será que tal se deve à limitação dos instrumentos utilizados ou à instabilidade das características temperamentais, ao longo dos primeiros anos de vida? Embora Hagekull (1994) seja optimista, Wachs (1994) adverte que a simples correlação entre os dados obtidos, ao longo

---

nalidade dos cinco factores e nas tendências de estudo da personalidade dos anos 90.

[67] Se as correlações são baixas, quando utilizamos traços específicos, mais baixas poderiam ser com factores gerais, como a Extroversão (Halverson, 1994).

de períodos consideráveis de tempo (as nossas predições sobre a personalidade adulta, na infância), não tendo em consideração factores ambientais e interacções diferenciais entre temperamentos específicos e características contextuais precisas, terá que ser, sem dúvida, de alcance limitado.

Investigações mais recentes, utilizando uma certa diversidade na abordagem metodológica, apontam, contudo, para resultados mais optimistas, embora ainda iniciais e por vezes contraditórios, em relação à aplicação do modelo à infância. Assim, Mervielde e colaboradores (1995) encontraram correspondência entre os factores detectados, na avaliação feita por pais e professores[68], de crianças de 3 aos 12 anos, e a estrutura dos cinco factores encontrada na adultez. Depararam, porém, com mais um factor, que eles designaram por actividade (recordemos que para alguns autores, atrás referidos, a actividade motora faz parte dos "cinco pequenos"). Vandenplas-Holper e colaboradores (1995) também encontraram os cinco factores em avaliações de pais e professores de crianças de 9 anos, outro tanto acontecendo com as investigações de Victor (1994).

O estudo da personalidade das crianças, a partir da análise da linguagem utilizada para as descrever, também veio de encontro às conclusões anteriores. Elphick e colaboradores (1995) e Marszal e colaboradores (1995), ao analisarem os antecedentes dos *Big Five*, através das descrições livres, feitas por pais e professores, das características das crianças, encontraram cinco factores. A descrição livre, assim como a abordagem lexical, aplicadas ao desenvolvimento da estrutura do temperamento e da personalidade, são, por conseguinte, uma área promissora que pode clarificar as dimensões, o seu desenvolvimento, ao longo do tempo, assim como as suas relações com a estrutura da personalidade do adulto.

Estudos, que utilizaram outro tipo de metodologias, também chegaram a resultados semelhantes. É o caso de Robins, John e Caspi (1994), que tentaram replicar os cinco grandes, a partir do *California Child Q-Set* (CCQ; Block & Block, 1980)[69], concluindo que apenas metade dos itens do CCQ[70] podiam ser, com clareza, localizados no conjunto dos cinco factores. A outra metade, caia fora do domínio dos mesmos ou estava relacionada com dois ou mais factores (na linha da abordagem de tipo circumplexo). Tais resultados aproximaram-se dos obtidos por McCrae e colaboradores (1986), com a versão para adultos do mesmo teste *(California Adult Q-Set* ; CAQ; Block & Block, 1980).

---

[68] No 3º capítulo do livro *"The developing structure of temperament and personality from infancy to adulthood"*, editado por Halverson, Kohnstamm e Martin (1994), são apresentados estudos empíricos baseados, na generalidade, em avaliações com questionários e classificações-Q, feitas por pais, do temperamento e personalidade dos seus filhos na infância, meninice e adolescência.

[69] Para mais dados sobre a classificação-Q, ver a secção precedente e no livro de McKeown e Thomas (1988).

[70] Halverson (1994) comenta que é irónico que o CCQ de Block tenha sido analisado, de acordo com os Cinco Factores, quando este autor era extremamente céptico em relação ao modelo.

Robins, John e Caspi (1994) também apresentam evidência da validade de constructo do CCQ para adolescentes[71], mostrando que constructos desenvolvimentistas, como a capacidade de recuperação do eu (*Ego Resiliency*), o controlo, e o comportamento anti-social podem ser abrangidos pelas dimensões dos cinco factores.

Pelo exposto se verifica que a grande generalidade das investigações, *grosso modo*, corroboram a existência de cinco grandes factores, independentemente dos grupos de sujeitos a avaliar (*e.g.*, de género e estatuto social diferente). Efectivamente, as pequenas variações possíveis de encontrar na avaliação de diferentes grupos (*e.g.*, da dimensão O com sujeitos com níveis de escolaridade diferente) não são suficientes para refutar a sua abrangência. Mais problemática é ainda a aplicabilidade do FFM à infância (e à adolescência), as quais, aliás, só recentemente, se tornaram objecto deste género de estudo.

Do que foi dito podemos concluir que as questões da formação da personalidade na infância, da existência de precursores dos cinco factores nesta fase e da relação entre a personalidade na adultez e o temperamento na infância são muito complexas.

Parece, no entanto, que a abordagem contextual (já utilizada por alguns investigadores nesta área) aliada a investigações sistemáticas e profundas, como as iniciadas nesta década, trará, no futuro, resultados muito frutíferos.

2.4.3. Comparação do modelo com outros sistemas e constructos

O estudo da compreensividade do modelo não se restringiu, no entanto, à análise de avaliadores, métodos de avaliação e pessoas avaliadas, mas também, e sobretudo, à sua comparação com outros sistemas e constructos da personalidade. Em 1991, Costa afirmava que as investigações sobre o FFM mostram que praticamente todos os constructos avaliados por escalas e por inventários de personalidade podem ser interpretados como aspectos de um ou mais dos cinco factores. Como veremos, ao longo deste capítulo, a literatura apresenta um vasto reportório de investigações comparativas entre o modelo e outros sistemas (ver quadro 2.17), questionários e constructos. A finalidade destes estudos varia, desde a verificação da validade convergente e discriminante do modelo e dos instrumentos

---

[71] Em relação ao estudo do modelo na adolescência, alguns autores, como Ward (1992), têm-lhe dedicado a sua atenção e, mais recentemente, Perugini e colaboradores (1995) verificaram a sua aplicabilidade a adolescentes dos 10 aos 18 anos. Os resultados destes investigadores mostram a validade deste modelo nesta fase da vida, embora algumas reservas tenham de ser colocadas em relação à dimensão Abertura à Experiência. Segundo Halverson (1994), os estudos com o CCQ indicam que parece existir, pelo menos, de forma latente, nos adultos avaliadores, uma versão da estrutura dos *Big Five* .

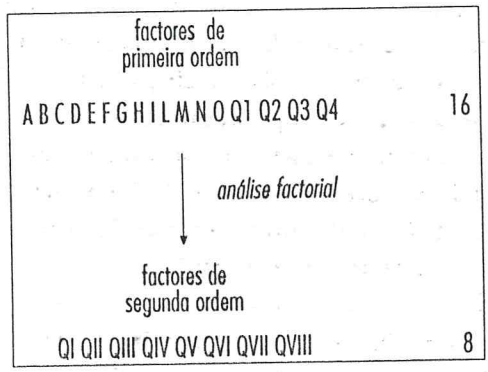
que o operacionalizam, até ao estabelecimento de comparações explícitas de sistemas de personalidade. Em cada análise, as perguntas são sempre, implicitamente ou não, as seguintes: São os cinco factores claramente definidos pelos instrumentos, que operacionalizam o FFM (como o NEO-PI-R)? Existem escalas que avaliam outras dimensões, requerendo-se, consequentemente, mais factores, do que os "Cinco Grandes"? Que dimensões faltam nos outros instrumentos (McCrae, 1989)?

Se a constância nos resultados dos estudos é grande, as variações encontradas seriam também de esperar, visto serem utilizadas dimensões tão gerais e inclusivas como os *Big Five*. Podem surgir diferenças nas soluções factoriais, porque os investigadores diferem nas variáveis, que incluem nos questionários, representando, consequentemente, diferentes partes do significado total do factor, ou porque utilizam, simplesmente, diferentes rótulos para padrões semelhantes.

Como veremos, seguidamente, o modelo dos cinco factores tem vindo a mostrar a sua abrangência e conseguido sobreviver à prova da replicação independente. O mesmo não aconteceu, segundo Goldberg (1981) e Digman (1990), com o complexo sistema de Cattell que, apesar da sua valiosa contribuição e do seu carácter pioneiro para o estudo quantitativo da personalidade, não pôde ser replicado, em diversas investigações. Nomeadamente, Noller (1987) administrou o 16PF de Cattell, as Escalas de Personalidade de Comrey (*Comrey Personality Scales*; CPS) e o Inventário de Personalidade de Eysenck (*Eysenck Personality Inventory*; EPI) a 669 australianos. A análise factorial revelou cinco factores idênticos aos cinco grandes. Dois deles correspondiam a duas escalas do EPI e cinco, a cinco das oito escalas do CPS. Mas, possivelmente devido à complexidade factorial da estrutura de primeira ordem do 16PF, apenas um dos cinco factores correspondia a uma das suas escalas. Contudo, havia relações claras entre os cinco factores e a estrutura de segunda ordem do 16PF, como, aliás, Karson e O'Dell (1976) já tinham revelado. De tal maneira que, a certo ponto, o próprio Cattell (1956; referido por Digman, 1990), sentiu-se inclinado a ver aquelas relações como indicadoras da existência de apenas quatro factores da personalidade, que apresentam semelhanças com os *Big Five*. No entanto, apesar deste episódio pontual, este autor tem-se mantido fiel[72] ao seu sistema (quadro 2.15), ao longo destes últimos quarenta anos, como revela todo o seu trabalho, e muito especialmente, o seu último artigo, datado de Maio de 1995. Considera ele que os defensores de um número muito menor estão a operar a um nível diferente, de ordem superior e, consequentemente, a perder informação útil. Tais factores, como já foi referido, são para Cattell o patamar/estrato seguinte da análise factorial dos mais ou menos 16 factores de primeira ordem da personalidade.

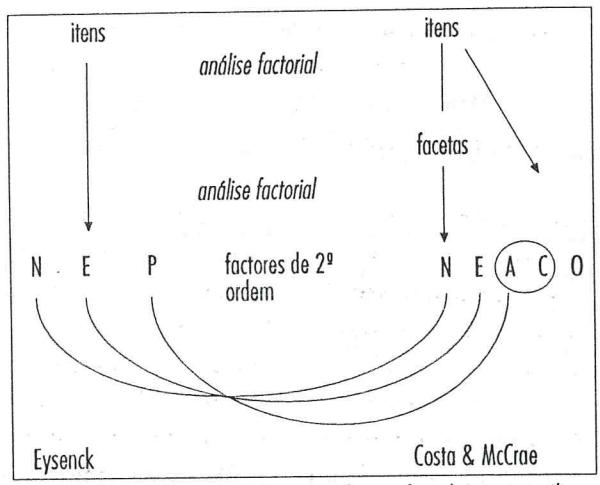
---

[72] A fidelidade ao próprio modelo parece, aliás, ser uma das características mais arreigadas na generalidade dos defensores dos sistemas de personalidade.



Quadro 2.15. O modelo de Cattell (1956)

Outros sistemas clássicos têm vindo a revelar muitas confluências e sobreposições relativamente ao FFM e, desta forma, têm sido, como documentaremos, colocados em causa. É o que veremos seguidamente.



Nota: Os factores de primeira ordem são as facetas, fruto da primeira análise factorial dos itens, os de segunda ordem são hierarquicamente superiores e resultado de uma segunda análise factorial.

Quadro 2.16 A proposta de Eysenck e a de Costa e McCrae, na perspectiva de Goldberg e Rosalack (1994)

Goldberg e Rosalack (1994; quadro 2.16) ilustram, de forma convincente, o poder do modelo dos cinco factores, para servir de enquadramento comparativo para outras taxinomias. Inclusive, duvidam da proposta feita por Eysenck sobre a localização dos cinco factores no modelo P-E-N[73]. A sua análise levou-os à conclusão de que, contrariamente à opi-

[73] Eysenck (1947) identificou inicialmente duas dimensões ortogonais da personalidade (Fonseca *et al.*, 1991). Estas duas dimensões (N e E) baseiam-se nas revisões da literatura, análises factoriais de diferentes questionários de personalidade, e estudos experimentais com grupos clínicos e normais. Supõe-se que a base

nião de Eysenck, o modelo P-E-N não é de nível superior, em relação ao FFM: a Extroversão e o Neuroticismo (Eysenck & Eysenck, 1964, 1975) equivalem a E e N dos *Big Five* e o Psicoticismo parece ser uma mistura de A e C baixas, e não uma dimensão de ordem superior. Efectivamente, a análise factorial conjunta (McCrae & Costa, 1985) do modelo de Eysenck e dos *Big Five* mostra que a Sociabilidade e a Impulsividade são dimensões de E e o Psicoticismo, em resultado das saturações negativas em C e em A, está relacionado com a socialização deficiente[74].

Sistema	Número
Sistema de Cattell (1995)	16
Modelo P-E-N (Eysenck, 1952)	3
Sistema de Guilford (1975)	13
Modelo dos cinco factores (e.g., Costa & McCrae, 1992)	5
Modelo alternativo dos cinco factores (Zuckerman et al., 1991)	5
Modelo estrutural da p. seis grandes (e.g., Matthews & Oddy, 1993)	6
Oito factores (Caprara et al., 1995)	8

Quadro 2.17 Número de factores propostos pelos diferentes sistemas

Se considerarmos, por um lado, a fraca validade de P (Fonseca *et al*) e, por outro, como Zuckerman e colaboradores (1988)[75], John (1989) e Cortina e colaboradores (1992), que o P está relacionado com A e C e não constitui um factor separado e, finalmente, se tivermos em conta que, para Eysenck, o temperamento é algo à parte dos aspectos intelectuais, pode-

---

ascendente. Posteriormente, Eysenck (1952) concluiu pela existência de uma terceira dimensão que ele designou por Psicoticismo, já que está associada à propensão para a psicose, as desordens maníaco-depressivas e a psicopatia. No entanto, para evitar confusão com o estado psiquiátrico, esta dimensão, é agora designada em Inglês por *Toughmindedness*, ou rigidez mental.

[74] No entanto, Eysenck (1992) tenta fundamentar o Psicoticismo, com base em extensa literatura (a pertinência desta dimensão é notória, se tivermos em conta as suas consequências sociais, assim como a sua origem biológica), considerando tratar-se de algo mais do que A e C. Defende, também, que todo o modelo de personalidade proposto deve ter uma base biológica consistente, e refere Eaves e colaboradores (1989) que mostraram que os índices de hereditabilidade de N, E e P rondam os .50, o mesmo não acontecendo com os cinco factores de McCrae. A discussão centra-se, por conseguinte, sobretudo, em torno das dimensões, para além de E e N (porque os dois paradigmas estão de acordo, quanto a estas duas dimensões).

[75] Este estudo foi concebido para investigar as dimensões subjacentes aos traços da personalidade avaliados por questionários que têm sido utilizados na investigação sobre as bases biológicas da personalidade. Foram seleccionadas 46 escalas de oito testes para servirem de indicadores aos factores hipotéticos.

mos concluir, com Digman (1990), pela semelhança entre o sistema PEN e o FFM[76].

Acresce à discussão, em torno das taxinomias (quadro 2.16), a proposta de Zuckerman e colaboradores (1991, 1992, 1993, 1994) de um modelo alternativo de cinco factores, uma vez que o FFM não seria o melhor paradigma para a estrutura da personalidade. O modelo alternativo de cinco factores (ver quadro 2.19) consiste em substituir as cinco dimensões pelos componentes Procura Impulsiva e não Socializada de Sensações (*Impulsive Unsocialized Sensation Seeking*; ImpUSS), Agressão-Hostilidade (*Aggression-Hostility*; Agg-Host), Actividade (*Activity*; Act), Sociabilidade (*Sociability*; Sy) e Neuroticismo-Ansiedade (*Neuroticism-Anxiety*; N-Anx). Como Eysenck, estes autores acreditam que a determinação de "cinco factores básicos" não se faz, a partir do léxico, mas das redes nomológicas de constructos teoricamente previstas e com uma base biológica demonstrável, ou de teorias psicofisiológicas. Eles desconfiam, aliás, dos constructos personológicos, baseados em itens de palavras singulares ou frases curtas (por oposição a itens que descrevem um determinado comportamento ou conjunto de comportamentos). Zuckerman e colaboradores iniciam o seu trabalho com a análise factorial de escalas de temperamento e de personalidade, de validade empírica estabelecida e evidência de correlatos biológicos. Após várias replicações, descrevem 3 a 6 factores. Por último, depois de terem a versão final do seu instrumento (ZKPQ)[77], comparam-no com os modelos de Eysenck e o FFM e verificam que existem, efectivamente, muitas semelhanças entre os três. Por exemplo, a E (E do NEO-PI; E do EPQ e a Sociabilidade e a Actividade do ZKPQ) e o N (N do NEO-PI; N do EPQ e N-Anx do ZKPQ) são muito semelhantes nos três modelos, apesar de algumas diferenças nos seus componentes. Existem também muitas semelhanças entre a variável ImpUSS do ZKPQ e o P de Eysenck e o C de Costa e McCrae e entre a Agg-Ho do ZKPQ e a generalidade das facetas de A. Assim, embora os modelos partam de pressupostos diferentes e as designações sejam também diferentes, há, entre eles, uma sobreposição considerável. A única excepção é O, que está ausente, tanto dos *Big Three,*

---

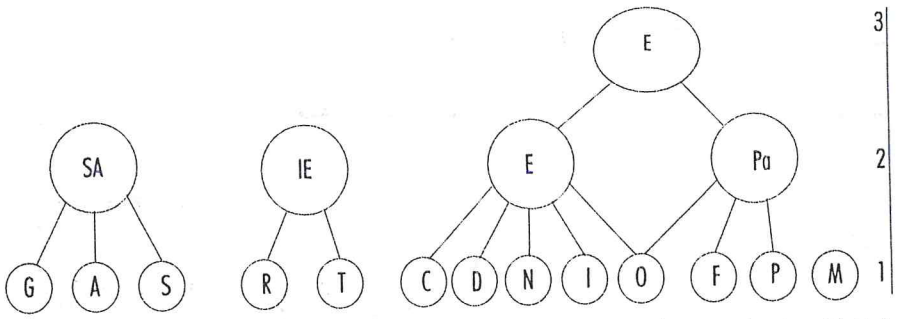
[76] Todavia, Eysenck (1991, 1992) opina que o postulado de que os cinco factores determinam a variância nos questionários de personalidade está errado, afirmando que 3 factores (P, E e N) dão melhor conta desta variância. O argumento que apresenta é o de que os cinco factores estão correlacionados entre si e que a contra-argumentação de Costa e McCrae (1992) de que a ortogonalidade entre os factores é um pressuposto teórico não é convincente. Eysenck (1994) continua a afirmar que o sistema P-E-N é mais viável, dado os 3 factores serem independentes, estarem ligados a factores fisiológicos do sistema nervoso e relacionados com uma vasta rede de relações que foram teoricamente previstas.

No entanto, Costa e McCrae (1995, p.315) consideram que a "adição das escalas de facetas no sistema P-E-N é um avanço bemvindo, dado permitir uma maior especificação dos constructos de ordem superior, em termos dos seus componentes, e deve ser útil na previsão de uma variedade de critérios específicos".

[77] ZKPQ = *Zuckerman-Kuhlman Personality Questionnaire.*

como dos cinco alternativos[78].

Outro sistema clássico, com o qual se comparou o FFM, foi o de Guilford (1975). É composto por 13[79] factores de primeira e quatro[80] factores de segunda ordem. Estes últimos são a SA (actividade social), IE (introversão/extroversão), E (estabilidade emocional) e Pa (disposição paranóide), como é possível observar na representação hierárquica do sistema do quadro 2.18.



Nota: No esquema podemos observar 13 factores de primeira ordem, 4 de segunda ordem e 1 de terceira ordem do modelo hierárquico de Guilford (1975). As letras representam os iniciais dos factores de Guilford e os números o nível da hierarquia.

Quadro 2.18 O Sistema de Guilford

Os factores de segunda ordem de Guilford parecem também adequar-se ao modelo dos cinco grandes factores (John, 1990)[81]. O factor que não tem equivalência no sistema da personalidade proposto por Guilford é, compreensivelmente, a dimensão O (ver quadro 2.19).

O FFM também é facilmente conciliável com o modelo do Círculo ou Circumplexo Interpessoal (quadro 2.2). Efectivamente, para Wiggins[82]

---

78 Halverston (1994) considera que seria interessante que Zuckerman também realizasse uma análise factorial, ao nível dos itens e não apenas ao nível das facetas, para ver se os seus factores se manteriam.

79 Os 13 factores do temperamento são, segundo Guilford: Actividade Geral (G), Ascendência (A), Sociabilidade (S), Controlo versus Relaxamento (R), Reflexão (T), Emotividade (C), Depressão (D), Calma versus Nervosismo (N), Confiança versus Inferioridade (I), Objectividade (O), Simpatia (F), Boas Relações Interpessoais (P), Masculinidade versus Feminilidade (M).

80 Para além do sistema de Guilford, existem outras configurações geométricas dos traços da personalidade em quatro divisões. É o caso do sistema de Kline e Barrett (1994), do Cubo de Heymans (1929) e o do Círculo Interpessoal de Kiesler (*Kiesler's Interpersonal Circle*, 1982). Este, a título de exemplo, é composto por dois círculos concêntricos, com os traços moderados, no círculo interno, e os traços extremos, na parte exterior. O modelo do duplo cone (*Double Cone Model*, 1967) de Peabody e Goldberg tem também uma configuração semelhante. Estes autores consideram que os traços opostos são qualitativamente diferentes.

81 Esta correspondência existe, apesar de autores como Amelang e Borkenau (1982, citado por Digman, 1990), sugerirem alguma reinterpretação das escalas iniciais propostas por Guilford.

82 Operacionalizou a sua concepção, através das Escalas Interpessoais de Adjectivos (no original, *Wiggin's Interpersonal Adjective Scales)*.

(1979) e para Trapnell e Wiggins (1990)[83], o reconhecimento de que o circumplexo pode ser visto como um plano definido por duas dimensões – E e A (McCrae & Costa, 1989) – levou-os a estenderem, como foi referido, a sua medida de adjectivos, de modo a incluir no seu instrumento de medição as dimensões C, N e O dos *Big Five*.

Cinco factores (e.g., Costa & McCrae)	N	E	A	C	O	
P-E-N (Eysenck)	N	E	P	P		
Cinco factores alternativos (Zuckerman *et al.*)	N-Ant	Sy	Agg-Host	ImpUSS	Act	
Seis factores (e.g., Angleitner *et al.*)	N	E	A	C	O	Ritmicidade
Oito factores (Caprara *et al.*)	N	E	Empatia e Confiança	Ordem e Actividade	O	Actividade
Quatro Factores (Guilford)	Disposição Paranóide	Actividade Social	Pensamento	Estabilidade Emocional		

Quadro 2.19 Comparação dos cinco factores com factores de outros modelos

Hofstee e de-Raad (1991) e Hofstee e colaboradores (1992), para integrar a estrutura simples de cinco dimensões e os modelos circumplexos da personalidade, desenvolveram, por seu turno, uma taxinomia dos traços da personalidade, designada Circumplexo Dimensional Abreviado dos Cinco Grandes (*Abridged Big Five Dimensional Circumplex*, conhecido por AB5C; Hofstee, De Raad & Goldberg, 1992). Esta solução holandesa para os adjectivos-traços consiste em 10 circumplexos, obtidos, combinando os cinco factores, dois a dois. Quer dizer, este modelo representa espaço onde se podem projectar os traços, através de 10 fatias, formadas pela combinação de dois factores. O modelo é, então, dividido em 12 segmentos de 30 graus, de modo que cada variável é representada pela sua projecção num plano, em vez de num eixo, como no modelo de estrutura simples dos cinco factores. Hofstee (1994) comenta que, assim como, para ultrapassar o simplismo de obtermos 10 tipos de pessoas, a partir dos cinco factores, Costa e McCrae (1985, 1993) especificaram 6 facetas para cada uma das cinco dimensões, assim também este refinamento aponta para um modelo de 30 dimensões, sendo os *Big Five*, factores de segunda ordem. A questão que estes autores colocam é a de saber se é possível atingir um tal refinamento, sem sacrificar a parcimónia da descrição. A resposta mais consis-

[83] Estes autores utilizaram a revisão circumplexa da escala acima referida: a Escala de Adjectivos Interpessoais do Circumplexo Revista (*Circumplex Revised Interpersonal Adjective Scales* — IAS-R).

tente a esta pergunta é oferecida pelo modelo acima referido — o Modelo Circumplexo Abreviado dos Cinco Grandes. Um aspecto comum a todos os modelos circumplexos é que os traços são concebidos como combinações de outros traços, permitindo, desta forma, uma grande liberdade de rotação factorial e não se acentuando muito as dimensões e os eixos. Assim, realizando estas combinações, o modelo AB5C atinge a possibilidade de refinamento, sem ir para além do espaço ideado pelo modelo dos cinco factores. Ele tem, consequentemente, para os seus autores, um grande potencial heurístico.

Comparou-se também o FFM com dados enquadrados na perspectiva psicodinâmica[84] de Block e colaboradores. O California *Q-Set*, que operacionaliza esta perspectiva, representa uma das poucas tentativas de fornecer uma avaliação completa da personalidade não derivada da análise dos traços/adjectivos. Ora, as investigações com este instrumento também redescobriram, os cinco factores (McCrae, Costa, & Busch, 1986).

Constructo	origem	operacionalização	convergência
Sistema Necessidades	Murray (1938)	PRF (Jackson, 1984)	todas as escalas estão contidas nos cinco factores
Circumplexo Interpessoal	Horney (1937) Sullivan (1953) Leary (1957)	IAS-R (Trapnell & Wiggins,1990)	os cinco factores definem os espaços, onde podem ser projectados todos os traços
Perspectiva psicodinâmica		California	são reencontrados os cinco factores
Tipos Psicológicos	Jung	GZTS (Guilford, 1976) MBTI (Myer *et al.*, 1985)	são reencontrados os cinco factores

Nota: Dados obtidos, a partir de Costa e McCrae (1992).

Quadro 2.20 Comparação do FFM com outros sistemas da personalidade

Na análise da estrutura da personalidade adulta, os tipos (ver 1º capítulo desta dissertação) são definidos como protótipos (padrões extremos de comportamento), em vez de categorias contínuas (York & John; 1992). De acordo com estes autores, utilizando descrições tipo Q (metodologia Q), relacionadas com a análise teórica dos diferentes modos de adaptação de Rank (1945), verificou-se que estes protótipos se relacionavam com os *Big Five* (quadro 2.20).

---

84 Psicodinâmico é um termo geral, para descrever uma perspectiva teórica que engloba os elementos comuns, no que diz respeito ao desenvolvimento psicológico, de diferentes escolas de pensamento psicanalítico, entre as quais a teoria psicanalítica de Freud, e a teoria epigenética ou do desenvolvimento psicossocial de Erikson.

Domínio Psicológico	Instrumento	Convergência com FFM
Motivacional	PRF (Jackson, 1984)	Borkenau & ostendorf (1989)
	ACL (Gough & Heilbrun, 1983)	Piedmont, McCrae & Costa (1991)
	EPPS (Edwards, 1959)	Piedmont, McCrae & Costa (1992)
Interpessoal	IAS-R (Wiggins, Trapnell & Phillips, 1988)	McCrae & Costa (1989b)
	ISI (Lorr, 1986)	Lorr, Youniss & Kluth (1992)
Tipológico	MBTI (Myers & McCaulley, 1985)	McCrae & Costa (1989a)
Conceptualização popular	CPI (Gough, 1987)	McCrae, Costa & Piedmont (1993)
Análise factorial	16PF (Cattell, Eber & Tatsuoka, 1970	Gerbing & Tuley (1991)
	EPQ (Eysenck & Eysenck, 1975)	Goldberg & Rosolack (in press)
	CPS (Comrey, 1970)	Boyle (1989)
Psicopatológico	MMPI PD (Morey, Waugh & Blashfield, 1985)	Wiggins & Pincus (1989)
	PDQ-R (Hyler & Reider, 1987)	Trull (1992)
	PAI (Morey, 1991)	Costa & McCrae (1992a)
Temperamental	EASI-III (Buss & Plomin, 1975)	Angleitner & ostendorf (in press)
	GZTS (Guilford, Zimmerman & Guilford, 1976)	McCrae (1989)
Evolucionista	Manipulation tactics	Buss (1992)
Trans-cultural	Filipino scales	Church & Katigbak (1989)
	Indigenous Chinese scales	Fung Yi Liu (1991)

Nota. Quadro adaptado de Costa e McCrae (no prelo). PRF = *Personality Research Form.* ACL = *Adjective Check List.* EPPS = *Edwards Personal Preference Schedule.* IAS-R = *Revised Interpersonal Adjective Scales.* ISI = *Interpersonal Style Inventory.* MBTI = *Myers-Briggs Type Indicator.* CPI = *California Psychological Inventory.* 16PF = *Sixteen Personality Factor Questionnaire.* EPQ =*Eysenck Personality Questionnaire.* MMPI PD = *Minnesota Multiphasic Personality Inventory Personality Disorder Scales.* PDQ-R = *Revised Personality Disorder Questionnaire.* PAI = *Personal Adjustment Inventory.* EASI-III = *Emotionality-Activity-Sociability-Impulsivity* III. GZTS = *Guilford-Zimmerman Temperament Survey.* 'Conceptualização popular' no original '*Folk conceptual*'.

Quadro 2.21 Domínios psicológicos e o FFM

Comparou-se ainda o FFM com resultados obtidos com instrumentos baseados nos tipos psicológicos[85] de Jung. Assim, por exemplo, investigações com o GZTS (*Guilford-ZimmermanTemperament Survey*; Guilford, Zimmerman, & Guilford, 1976) reencontraram as cinco dimensões, como foi dito mais acima.

No contexto da orientação junguiana, pode ainda referir-se o Indicador de Tipos de Myers-Briggs (*Myers-Briggs Type Indicator*, MBTI; Myers & McCaully, 1985), que tenta medir, para além da extroversão-introversão, as funções de Jung, tais como a Percepção *versus* a Intuição o Pensar *versus* o Sentir. Ora, as quatro escalas do MBTI correspondem a E, O, A e C (Costa & McCrae, no prelo).

---

[85] Os tipos psicológicos de Jung representam marcos importantes na história do estudo da personalidade. Apesar de terem ficado, sobretudo, populares os conceitos de extroversão *versus* introversão Jung também contribuiu com outras importantes dicotomias, a saber, o pensar *versus* sentir e a sensação *versus* intuição.

Recentemente, Costa e McCrae (no prelo), fazendo uma síntese aglutinadora dos diferentes sistemas e constructos abarcados pelo FFM, identificaram a relação entre algumas perspectivas teóricas (domínios psicológicos) sobre as diferenças individuais e os cinco factores (quadro 2.21). Como é possível observar, a partir deste quadro (coluna da direita), diferentes autores confirmaram estas relações, utilizando instrumentos (coluna do centro) que operacionalizam os seus constructos e sistemas.

Em síntese, existem muitos sistemas de personalidade que defendem um número variado de factores – 3, 4, 5, 6, 7, 8, 16 – ou que não se baseiam em traços. Estes sistemas (modelos e teorias) foram operacionalizados através de múltiplos questionários, escalas ou outros instrumentos de medição. No sentido de corroborar empiricamente a generalidade e compreensividade do FFM, foram levadas a cabo dezenas de investigações. Estas tiveram como objectivos principais mostrar, por um lado, que os diferentes sistemas poderiam ser compreendidos através do modelo dos cinco factores e, por outro lado, que os diferentes questionários medem sempre o todo ou a parte do FFM (ou que o modelo é incorrecto, abrindo novas alternativas ou confirmando posições já bastante antigas).

Depois de termos explorado os paralelos e as divergências entre o modelo dos cinco factores e alguns destes sistemas de personalidade e escalas e questionários diferentes, podemos dizer que os resultados encontrados são, na sua maioria, a favor do FFM[86], mas não são consensuais. As divergências têm, no entanto, a virtude de fomentar a nossa reflexão e encorajar a prossecução da investigação nesta e noutras linhas. Assim, a confluência de resultados que apontam o FFM como aquele que melhor organiza e abrange o vasto leque de constructos sobre a personalidade, parece, por si, justificar a opção de utilizar o FFM na prática e na investigação.

Esta compreensividade encontrada nos sistemas e instrumentos de avaliação também se estende a diferentes variáveis (desde a agressão à escolha de profissão) e a diferentes culturas, como será discutido nas secções seguintes.

2.4.4. Extensão a outras culturas e línguas

A representação dos cinco factores em diferentes culturas é outro dos aspectos que os autores têm tido em consideração na investigação sobre a abrangência do mesmo.

Existem, efectivamente, muitos estudos interculturais sobre a personalidade realizados, desde há muitos anos, e que têm, frequentemente, revelado vários factores replicáveis (Eysenck, 1983). No entanto, para

---

[86] Por exemplo, Halverston (1994) considera impressionantes as semelhanças entre os cinco factores subjacentes às medidas de temperamento e de personalidade.

McCrae e Costa (1995), estes estudos foram, num certo sentido, prematuros, visto que, na altura, não existia consenso, em torno da estrutura básica da personalidade nas populações de língua inglesa. Quer isto dizer que, sem se saber quais os factores, que constituem a personalidade, se torna difícil procurar encontrá-los noutras culturas. Nomeadamente, McCrae e colaboradores (1994) levantam a questão de saber como é que os investigadores ocidentais podem interpretar os factores da personalidade chinesa, se não chegam a acordo quanto ao número de factores necessários para avaliar a personalidade das amostras inglesas e americanas. A resolução desta questão, segundo eles, veio com a hipótese lexical, que sustenta que as diferenças na personalidade importantes na interacção social levarão a que cada língua[87] invente termos para descrever estes traços[88]. Assim, a personalidade e a sua avaliação estariam indissociavelmente relacionadas com a linguagem, em todas as culturas (McCrae & Costa, 1995).

Por outro lado, se a língua tem um grande efeito sobre a percepção[89], o FFM poderia ser resultado da percepção social dos indivíduos de língua inglesa. Assim, se os traços da personalidade fossem inteiramente moldados pela cultura – pelas práticas educativas, pelos valores religiosos e morais, pelo sistema perceptivo codificado em cada linguagem – haveria pouca razão para esperar que a estrutura dos traços fosse similar nas diferentes culturas.

A partir do momento em que a covariação entre os traços de personalidade das populações de língua inglesa pôde ser, mais consensualmente, sumariada, através dos cinco factores (recordemos que o FFM foi inicialmente encontrado nos estudos sobre os termos-traços ingleses; Goldberg, 1990), é compreensível que outros investigadores tenham também tentado encontrar aqueles resultados, noutras línguas. Deste modo, foram levados a efeito estudos lexicais em Holandês (Hofstee & Van Heck, 1990; de-Raad, 1992[90]), Alemão (John, Goldberg & Angleitner, 1984; Ostendorf, 1990), Flamengo (Mervielde, 1992), Romeno (Caprara & Barbaranelli, 1995), Húngaro[91] (De Raad & Szirmák, 1994) e Chinês (Yang & Bond, 1990).

---

[87] Consequentemente, de acordo com esta posição, os dicionários conterão uma enumeração completa de traços da personalidade e, inversamente, a estrutura factorial dos termos-traços espelhará a estrutura fenotípica da personalidade.

[88] Não esquecer que, contrariamente às características físicas, os traços da personalidade são abstracções que não podem ser directamente avaliadas e têm de ser inferidas, a partir de padrões complexos de comportamento manifesto e não-manifesto. Nos estudos psicológicos, as inferências são geralmente feitas por avaliadores, com base em questionários e escalas.

[89] Percepção concebida no duplo sentido: da relação entre a linguagem e os traços da personalidade e na própria percepção de traços diferentes por culturas diferentes.

[90] Este autor, ao examinar as principais classes de palavras da língua holandesa, concluiu que a estrutura dos adjectivos holandeses pode, também, ser interpretada com base na nomenclatura dos cinco factores, assim como, em grande parte, a estrutura dos pronomes e dos verbos.

[91] A língua húngara pertence ao tronco Fino-Húngaro da família linguística

Embora a generalidade das investigações, atrás referidas, tenham encontrado os cinco factores, no entanto, apenas quatro dos cinco factores foram explicitamente detectados na análise dos adjectivos húngaros[92]. Yang e Bond (1990), por seu turno, encontraram cinco factores nos traços-termos chineses que, contudo, não mostravam uma correspondência, termo a termo, com as dimensões ocidentais do modelo. Por último, Church e Katigback (1989), a partir de dados recolhidos em Tagalog (Filipinas), concluem que a estrutura interna da personalidade, baseada nos traços-termos, é bastante semelhante na cultura Filipina e Americana, apoiando assim, a generalização do modelo a diferentes idiomas.

Os trabalhos acabados de mencionar podem ser interpretados como evidência de que a estrutura da personalidade varia (embora não totalmente), através de diferentes culturas. Alternativamente, podem significar, segundo McCrae e Costa (1995), que a hipótese lexical não é a forma óptima de estudar a estrutura da personalidade. O facto é, como já vimos, que nem todos os traços da personalidade estão codificados como adjectivos, ou seja, apesar das análises factoriais dos adjectivos e dos resultados de questionários indicarem, como já vimos, que se encontram factores similares nestes dois conjuntos de dados, existem traços descobertos por clínicos e investigadores que não estão contemplados na linguagem natural — por exemplo, não existe nenhum adjectivo-traço que contenha o conceito de necessidade de variar e de tolerância em relação à ambiguidade. Os autores supracitados (McCrae e Costa, 1995) consideram que as culturas incluem no seu léxico um leque limitado de adjectivos-traços, que seleccionam, diferencialmente. Assim, elas diferem, não apenas quanto aos traços que seleccionam mas, de forma mais geral, quanto aos aspectos da personalidade que o seu vocabulário realça. Consequentemente, para não confundir as diferenças da personalidade com as diferenças na linguagem sobre a personalidade, é necessário manter constante a avaliação da personalidade, através das diferentes culturas — o que é mais viável, utilizando frases, do que listas de adjectivos (McCrae & Costa, 1995). Ora, nos estudos americanos, o modelo dos cinco factores tem-se revelado muito robusto, como já vimos, no sentido de que tem sido evidenciado, em questionários diferentes, em homens, mulheres, crianças, jovens, adultos e idosos, com auto e hetero-avaliações (McCrae & Costa, 1990; McCrae, Costa & Yik, 1994). Assim, questionários, como o NEO-PI, poderiam tornar possível a comparação da estrutura da personalidade, de cultura para cultura.

Efectivamente, como veremos no capítulo seguinte, as investigações que utilizaram o NEO-PI, em Espanhol (Silva, Avia, Sanz, & Grana, 1993;

Urálica.

[92] Os resultados destes autores apontam para que, nesta língua, também se encontre uma estrutura de traços que se aproxima dos cinco factores. Não existem dúvidas, para eles, quanto à universalidade dos quatro primeiros factores. O quinto — a dimensão Abertura — é o menos representado na língua húngara.

Costa e McCrae, 1994[93]) e Italiano (Caprara, Barbaranelli, Borgogni, & Perugini, 1993; Caprara *et al.*, 1994[94]), apontam para uma estrutura correspondente à do modelo, nestas línguas românicas (latinas), o mesmo sucedendo com estudos com a versão chinesa do NEO-PI-R[95] (Bond *et al.*, 1990-93). Paunonen, Jackson, Trzebinski, e Forsterling (1992) encontraram uma estrutura de cinco factores similar nas escalas da *Personality Research Form* (Jackson, 1984) em amostras canadianas, finlandesas, polacas e alemãs. Engvik (1993), por sua vez, descreve os resultados de um programa de investigação, em que utilizou dois instrumentos noruegueses, construídos para medir os "*Big Five*". Uma análise em componentes principais de ambos os instrumentos confirmou o modelo dos cinco grandes factores. Por último, Briggs (1992) e Rolland (1993) referem que o modelo foi validado, em numerosos países, a saber, na Alemanha, China, Hungria e Rússia, com resultados convergentes.

Mas, sem dúvida, que o estudo mais amplo, para avaliar a generalização do modelo, através de diferentes culturas, foi realizado por McCrae e Costa, em 1997. Estes autores, compararam os dados de seis estudos, utilizando traduções do NEO-PI-R, com a estrutura factorial americana. As amostras alemãs, hebraica, chinesa, coreana, japonesa e a nossa (portuguesa[96]), num total de 7.090 sujeitos, apresentaram estruturas similares, depois de uma rotação varimax dos cinco factores. Quando rotações-alvo (*targeted rotations*) foram efectuadas, a estrutura factorial americana foi reproduzida de forma clara, mesmo ao nível das saturações secundárias (ou seja, as saturações entre um traço/faceta e um factor que não aquele a que ele pertence).

Assim, o modelo dos cinco factores, operacionalizado de várias formas – com adjectivos e questionários – mas, sobretudo, através do NEO-PI-R, reaparece numa grande diversidade de culturas, inclusive em

---

[93] A edição espanhola do NEO-PI-R foi efectuada por Costa e McCrae, para ser utilizada com sujeitos de língua espanhola a residir nos Estados Unidos.

[94] No contexto italiano, estes autores, fizeram um estudo lexicográfico, mostrando que uma versão ligeiramente modificada dos cinco factores foi reencontrada numa amostra de adjectivos.

[95] Existem, aliás, traduções publicadas do NEO-PI-R, em cerca de vinte línguas diferentes, como veremos no capítulo dedicado a este instrumento.

[96] Os autores citados aproveitaram o facto de o NEO-PI-R estar traduzido em diferentes línguas, pertencentes a uma grande diversidade de famílias, para constituir uma amostra, contendo os diferentes estratos (amostra por quotas, entenda-se, já que não é probabilística), representativos, de cada família. Assim, como referem no artigo intitulado "Estrutura dos Traços da Personalidade, enquanto Aspectos Universais da Humanidade" ("*Personality Trait Structure as a Human Universal*"), incluíram o Alemão (que, como o Inglês, pertence ao ramo germânico da família Indo-Europeia), o Português (do ramo itálico da família Indo-Europeia), o Hebraico (uma língua Hamito-Semítica), o Chinês (da família Sino-Tibetana), o Coreano e o Japonês (não estão incluídas em nenhuma família, embora o Coreano tenha aspectos das línguas Altaicas e o Japonês das línguas Austrais e Austro-Asiática).

civilizações tão díspares[97] da ocidental, cultural e linguisticamente, apontando, consequentemente, para a sua generalização e aplicação intercultural (McCrae & John, 1992).

A circunstância de existirem, segundo McCrae e Costa (1995), 4.000 línguas faladas, torna impossível estabelecer directamente a universalidade da estrutura da personalidade. No entanto, encontrar uma estrutura semelhante em seis famílias de línguas distintas (embora faltem grupos importantes como as línguas africanas sub-saarianas e as ameríndias), indica, que o modelo transcende as particularidades das línguas e culturas e aparenta ser universal.

As contingências desta abordagem residem, ainda, segundo os referidos autores, em primeiro lugar, no facto de todas as línguas utilizadas pertencerem a culturas alfabetizadas. Por outro lado, o facto de os cinco factores serem encontrados em culturas diferentes não significa, necessariamente, que aí têm de desempenhar o mesmo papel. Assim, por exemplo, na opinião de McCrae e Costa (1995), a Amabilidade terá menos importância numa sociedade com papéis sociais muito bem definidos e a Conscienciosidade não será muito relevante numa sociedade que desvalorize a ambição pessoal. Uma terceira limitação consiste no facto de nenhuma medida da personalidade autóctone ter sido utilizada nestes diferentes estudos, mantendo, por conseguinte, a hipótese da existência de factores de personalidade específicos de uma determinada cultura.

Já que há uma certa dificuldade no estabelecimento das diferenças culturais, ao nível da personalidade, Triandis (1980; citado em McCrae & Costa, 1995) recomenda que se deve começar pelo estabelecimento de leis gerais. E, segundo McCrae e Costa (1995), da mesma forma que os antropologistas têm estudado como as culturas solucionam, à sua maneira, problemas como os da nutrição, poderiam começar a estudar as manifestações culturais únicas das diferentes dimensões da personalidade, ou seja, como é expresso, por exemplo, o medo e controlada a agressividade (McCrae, Costa & Yik, no prelo).

Assim, as replicações interculturais do modelo dos cinco factores são tão importantes para a compreensão das diferenças entre culturas, como da própria personalidade. A utilização do modelo, em diferentes sociedades torna possível a sua comparação quantitativa (através dos escores dos questionários), e fornece uma base para nos interrogarmos sobre as diferenças culturais, a respeito da personalidade. A invariância na estrutura da personalidade sugeriria, segundo alguns autores (McCrae & Costa, 1990; McCrae, Costa & Yik, 1994; McCrae & Costa, 1995), a existência de dimensões universais das diferenças individuais e reforçaria a conclusão de que os traços da personalidade seriam atributos inerentes à natureza hu-

---

[97] Recentemente, Pulver, Allik, Pulkkinen e Hamalainen (1995) traduziram o NEO-PI-R para Finlandês e Estónio e encontraram evidência do FFM nestas duas línguas Urálicas (dos povos que habitam perto dos montes Urais).

mana. No entanto, tal não significa que o modelo seja a melhor forma de descrever a personalidade de todos os povos, podendo existir, por exemplo, nalgumas culturas, especificidades culturais[98], traduzidas em outros factores, para além daqueles referidos no FFM (McCrae, Costa & Yik, 1994).

Para além disso, a sugestão da universalidade da estrutura da personalidade levanta questões sobre as bases genéticas da mesma, sobre o significado evolutivo das diferenças individuais nos traços e sobre se é a mesma, nas diferentes culturas, a relação entre os factores da personalidade e a psicopatologia, as aquisições escolares, os interesses vocacionais, as atitudes políticas e outras.

Em suma, os dados obtidos, até ao momento, sugerem que os traços de personalidade, identificados nas amostras americanas, se encontram também, em numerosas línguas e culturas europeias, assim como em populações não ocidentais. Isto levou Costa e McCrae (1992) a sugerir que o FFM sumaria aspectos universais da estrutura de personalidade e Digman (1990), em consonância com eles, a afirmar que algo muito fundamental deveria estar em jogo – a forma pela qual as pessoas, independentemente da linguagem e da cultura, constroem a sua personalidade. Por conseguinte, o modelo oferece, pelo menos, um começo sólido para a compreensão da personalidade noutras culturas.

◇

Como conclusão deste subcapítulo, dedicado à compreensividade do modelo dos cinco factores, podemos sublinhar que a sua longa história, a sua replicação intercultural e validação empírica, através de muitos métodos, avaliadores, instrumentos e grupos de sujeitos fazem dele uma desco-

---

[98] Na investigação de Ho (1993), a consistência interna obtida com uma amostra chinesa é comparável à encontrada nas investigações americanas, excepção feita para O6 (Valores), com um alfa = .32. Esta pontuação sugere que as atitudes morais e sociais, que reflectem a Abertura à Experiência, podem diferir nas culturas americana e chinesa. A análise factorial, que nos dá uma evidência directa da generalização da estrutura factorial do NEO-PI-R, encontrou as 30 facetas, 29 das quais têm a sua saturação máxima no factor pretendido e 28 delas são superiores a .40. O padrão das saturações secundárias é também semelhante ao encontrado nas amostras americanas (Costa & McCrae, 1992) e os coeficientes de congruência são bastante elevados para os cinco factores. A faceta O4 (Acções) não tem uma saturação clara em nenhum factor, o que pode revelar problemas com esta escala, resultantes da existência de uma diferença real, na natureza das duas culturas, ou, apenas, um erro de amostragem. A5 (Modéstia) tem a sua saturação superior em E. E1 (Calor) tem também uma saturação elevada no factor A, o que sugere que a rotação varimax destes dois factores é um pouco diferente nestas duas culturas. Este facto justifica-se, segundo McCrae e Costa (1989), por E e A formarem o circumplexo interpessoal e não uma estrutura simples. Em conclusão, os dados obtidos, até ao momento, sugerem que os traços de personalidade, identificados nas populações ocidentais, podem ser avaliados em amostras chinesas. Neste sentido, os autores defendem que o FFM sumaria aspectos universais da estrutura de personalidade, o que não significa que é a melhor forma de descrever a personalidade dos chineses, visto poderem existir mais factores na personalidade dos mesmos (McCrae, Costa & Yik, 1994).

berta básica no domínio da psicologia da personalidade (McCrae e John, 1992). As cinco dimensões, ao atravessarem as fronteiras dos métodos[99] e dos observadores, ao persistirem ao longo do tempo, ao aparecem na totalidade ou em grande parte dos instrumentos derivados de fontes teoricamente diferentes, e ao discriminarem entre medidas de personalidade de outras aptidões, como a cognitiva, proporcionam, uma linguagem comum, através da qual, diferentes resultados podem ser integrados, uma base para uma análise mais sistemática de novas escalas propostas[100] e para a avaliação compreensiva dos sujeitos.

2.5. Contributos do modelo

Como consequência, em parte, da sua abrangência (subcapítulo 2.4), as implicações teóricas e práticas do modelo são inúmeras. De entre estas destacam-se as contribuições, directas ou não, do FFM para alguns dos temas centrais da psicologia da personalidade da idade adulta. Nomeadamente, para a discussão em torno da estrutura da personalidade na adultez, para a compreensão do amplo leque de constructos personológicos existentes, e para a questão das mudanças e influências da personalidade ao longo da vida. Em relação a esta última temática, podemos abordá-la, de várias perspectivas – a influência da personalidade da criança no desenvolvimento posterior da mesma e a questão das mudanças/estabilidade da personalidade na adultez (questão esta que nos interessa, predominantemente, e a que dedicaremos o próximo subcapítulo).

2.5.1 A questão das mudanças da personalidade na idade adulta

> "Os indivíduos idosos têm direito a todo o respeito, mas o respeito genuíno significa vê-los como eles realmente são. No que concerne à personalidade, não são em nada diferentes de qualquer outro adulto" (McCrae & Costa, 1990, p.72).

Os estudos existentes permitem propor que a estrutura da personali-

---

99 Os métodos de análise utilizados, no estudo dos cinco factores, têm também sido numerosos e variados (Goldberg, 1990). Esta diversidade verifica-se, sobretudo, nas abordagens factoriais empregues, acarretando, como consequência, a introdução de ligeiras alterações nos resultados. Brand e Egan (1989) concluem, por exemplo, que o número e a natureza das principais dimensões da personalidade depende da quantidade da variância específica (aquela variância que não é possível explicar, através dos factores comuns ou através do erro), presente na rotação factorial.

100 O FFM não substituirá os novos instrumentos, mas pode oferecer um enquadramento universal descritivo, que complementa a sua perspectiva mais específica e única da personalidade.

dade seja compreendida através dos cinco factores, dando estes conta da multiplicidade de constructos personológicos existentes. No entanto, é também importante constatar se a referida estrutura de factores se modifica com o decorrer do tempo. E esta interrogação remete-nos para um outro tópico mais básico da psicologia da idade adulta, que é a questão de saber se existem mudanças, na personalidade, nesta fase do ciclo de vida.

O conceito de mudança (*versus* o de constância) é, aliás, central para a compreensão da personalidade, na idade adulta, por várias razões. Primeiro, porque está implícito em muitas das definições de personalidade que sublinham, ora um aspecto, ou outro. Em segundo lugar, porque se relaciona com muitos preconceitos sociais sobre o que é a adultez[101]. Depois, porque tem ligação e pertinência para a prática e a intervenção psicológica na idade adulta e na velhice. Finalmente, porque este tema tem sido o fulcro da controvérsia[102] que dominou a história da personalidade, como foi referido, no primeiro capítulo desta dissertação.

Nesta secção, iremos sobretudo analisar a contribuição do FFM para a questão das mudanças intra e interindividuais, ao longo da idade adulta, socorrendo-nos do esquema geral presente no quadro 2.22 (neste, podemos observar os diferentes tópicos e questões abordados nesta secção, bem como, a sua sequência).

Como sublinham Huyeck e Hoyer (1982), a **adultez** é a porção maior e mais significativa do ciclo de vida, derivando a sua importância e riqueza do facto de as pessoas serem mais diferenciadas entre si do que em qualquer outra fase da vida. No entanto, até há muito pouco tempo, o conhecimento sobre a adultez era parecido aos contos de fadas que, invariavelmente, terminavam com a frase "casaram e tiveram muitos filhos"[103] (Houde, 1989, p.1). Tradicionalmente entendida, a psicologia do desenvolvimento referia-se à infância e à adolescência, não contemplando a idade adulta. Esta, era considerada como um período de estabilidade e de declínio. Contudo, o estudo da adultez não é um fenómeno recente, pelo contrário, desde a antiguidade Clássica até Rousseau foi a adultez e não a infância que atraiu a pesquisa da psicologia pré-científica[104] (Lima, 1991; Simões & Lima, 1992). Na realidade, a infância, por si, não interessava

---

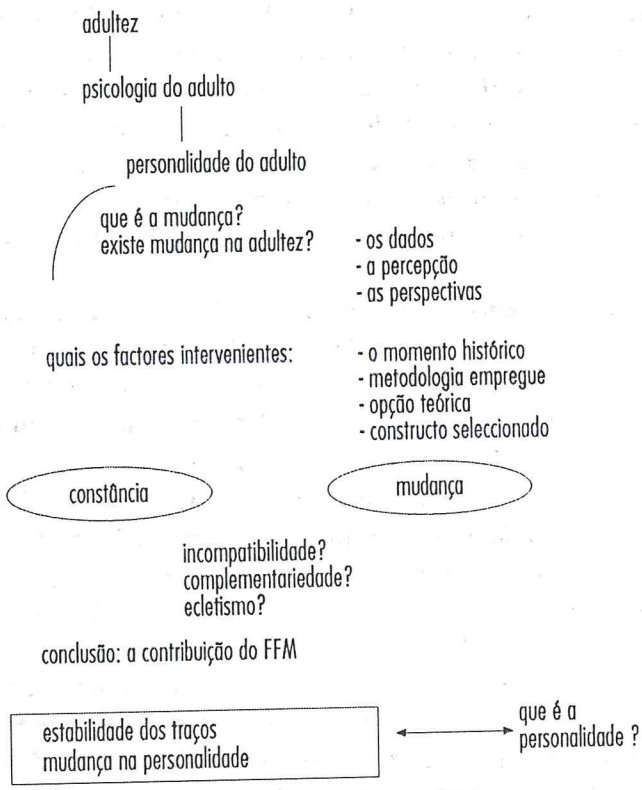
[101] Nobre (1994, p.2) refere que o "mundo dos adultos está, tradicionalmente, associado a uma certa ideia de estabilidade, de conservadorismo, de fecho à inovação, de desvalorização da diferença".

[102] Lembremos que "Mischel (1968) realçou a ausência de consistência comportamental através das situações e que outros têm duvidado também da existência de estabilidade temporal no comportamento (*e.g.*, Allen & Potkay, 1973)", o que desplotou crises profundas no domínio da psicologia da personalidade.

[103] Mas, para Bettelheim (1985), a frase/conclusão — "casaram e foram muito felizes" — tem como intenção dar esperança ao leitor dos contos de fadas, ou seja, ajudá-lo na longa labuta de encontrar um sentido para a vida.

[104] Uma nota para salvaguardar que, embora a preocupação pela adultez e pelo estudo do adulto seja um fenómeno já antigo, a abordagem científica ao desenvolvimento adulto é uma área de investigação recente.

aos antigos: só na medida em que era uma etapa a ser ultrapassada e que conduzia ao estado adulto.



Quadro 2.22 Esquema da secção 2.5.1

Com Rousseau, ficou clara a distinção entre a criança e o adulto (Simões, 1979b) e, a partir de então, foram-se conjugando as circunstâncias – factores de ordem socio-demográfica e cultural – que levaram à eclosão da Psicologia do Adulto. A este respeito, escreve Simões (1979, p.7): "... o interesse pela Psicologia do Adulto viria, finalmente, a ser despertado, graças ao concurso de factores de natureza diversa: a curiosidade científica relativa ao ciclo completo da existência, o envelhecimento[105] da população com os problemas correlativos de adaptação, os progressos científicos e tecnológicos, com as exigências de mobilidade profissional, de aumento das qualificações, de formação profissional, etc". A tudo isto poderíamos juntar os estudos longitudinais, iniciados antes da II Grande Guerra, a emergência da Gerontologia e as exigências da Educação Permanente.

No presente, a **Psicologia do Adulto** é uma área prolífera e criativa,

---

105 Ver nº especial da Revista de Psicologia (1988) dedicada ao envelhecimento de uma perspectiva pluridisciplinar.

no que se refere às metodologias, aos conteúdos e às abordagens utilizadas[106]. Um dos temas que tem suscitado grande interesse é o da **personalidade do adulto.**

Ora, ao reflectirmos sobre este tema, deparamos, de imediato, com o conceito, aparentemente paradoxal de desenvolvimento do adulto. Segundo Hultsch e Deutsch (1981), apesar do desacordo sobre como a medir, descrever e explicar, a personalidade refere-se, geralmente, a um conjunto duradouro de características dos sujeitos. Por outro lado, na linguagem corrente, o desenvolvimento implica progressão, passagem de um estado a outro, crescimento (Dicionário da Língua Portuguesa, Porto Editora, 6º ed).

Colocam-se, portanto, as seguintes questões: Existem mudanças na personalidade, durante esta fase do ciclo de vida? De que estamos a falar, quando nos referimos à **mudança** (descontinuidade e/ou instabilidade) e à constância (continuidade e/ou estabilidade)[107]? Qual a percepção do fenómeno que as pessoas têm? Que nos sugerem as teorias? Que nos dizem os dados? E quais os factores responsáveis pela mudança e/ou constância?

O tema da continuidade/descontinuidade e da estabilidade/mudança tem sido, aliás, central e recorrente no domínio da investigação na idade adulta (Kimmel, 1974; Birren *et al.*, 1981; Lerner & Hultsch, 1983; Schaie, 1983; Shimonaka, & Yoshiko, 1984; Bee, 1987). São muitas as teorias sobre a personalidade, em geral e, em particular, sobre o seu desenvolvimento na adultez. Cada uma destas teorias sublinha diferencial, ou predominantemente, a mudança[108] (por exemplo, a teoria do desenvolvimento psicossocial de Erickson, 1959, 1963; ou a teoria da estrutura de vida de Levinson), ou a estabilidade (por exemplo, a versão dos cinco factores de Costa e McCrae) ou, mais recentemente, as duas (por exemplo, o modelo do ciclo de vida).

Costa e McCrae (1992) consideram que o estudo do desenvolvi-

---

[106] Labouvie-Vief (1978) considera que a leitura do desenvolvimento adulto, através das teorias da infância e da adolescência, limita a nossa capacidade de observação da realidade. Em particular, a variabilidade na adultez, comparada com a da infância, pode parecer caótica, sendo difícil falar, a respeito da primeira em crescimento, no sentido de uma nova ou sucessivas mudanças estruturais.

[107] A palavra constância tem dois significados: pode referir-se à posição ordinal do sujeito, relativamente inalterável (ao longo do tempo) em relação ao grupo (usamos então o termo estabilidade), ou à ausência de alteração no nível de uma característica, de um período de tempo para outro (usamos, então, o termo continuidade). O primeiro caso diz respeito à consistência relativa e às mudanças inter-individuais, o segundo à consistência absoluta e às mudanças intra-individuais (Hayslip & Panek, 1989).

No que diz respeito à avaliação, podemos analisar, de duas maneiras, a mudança: através da análise da média dos testes e através das correlações teste-reteste.

[108] A característica comum a estas teorias, segundo Lerner (1982), é a ênfase na interacção indivíduo/contexto. O desenvolvimento é perspectivado como uma série de estádios ou transformações, que fazem emergir características qualitativamente diferentes no ciclo de vida.

mento da personalidade do adulto teve uma história curiosa[109]. Inicialmente, Freud (entre outros) acreditava que a personalidade estava formada no final da infância e William James[110] opinava que, à idade dos 30, o carácter estava cimentado. Defendia-se, por conseguinte, no início do século, um certo paralelismo entre aquilo que acontecia com as características físicas – a sua estabilização – e as características da personalidade. Jung (1933) foi um dos primeiros a conceber o desenvolvimento psicológico como estendendo-se ao longo da vida. Subsequentemente, outros teóricos começaram a colocar em causa as teorias, que defendiam a estabilidade, e a propor teorias de estádios que implicam que os sujeitos apresen-

---

[109] Uma leitura da mesma história, mas de uma perspectiva radicalmente diferente é apresentada por Clarke e Clarke (1984). Estes, ao analisarem a constância e a mudança nas características humanas, rejeitam a sugestão da constância e do predeterminismo, que se apoia, quer em razões biológicas, quer nas privações maternas precoces. Segundo estes autores, os modelos sobre a constância do desenvolvimento humano, preconizados por Spearman (1904), Watson (1928) e Freud (1949), foram gerados numa época em que as teorias do desenvolvimento tinham poucos dados empíricos ao seu dispor e os modelos multifactoriais modernos ainda não tinham sido elaborados. Consequentemente, era natural que fossem defendidas posições para explicar o desenvolvimento, com base num ou dois factores (hereditariedade, ambiente, ou experiências críticas na infância). Destes três, "apenas o segundo factor hipotético, se observado com cuidado, poderia ser encarado, como provocando descontinuidade" (p.193). Consequentemente, a ideia de constância persistiu, ao longo de décadas, porque os modelos são difíceis de alterar. Mas é errado pensar que o potencial genético humano é estável e que os adjectivos "genético" e "estável" se equivalem (Plomin, 1983; citado em Clarke & Clarke, 1984). Por conseguinte, as características geneticamente controladas podem mudar e bem assim como as que são fruto de influências ambientais extremas.

Existem, pelo menos, quatro trajectórias, de acordo com os autores que vimos citando, no desenvolvimento humano, que interagem umas com as outras: a trajectória biológica, a social, o efeito do indivíduo sobre o ambiente que, por mecanismos de *feed-back*, age, por sua vez, sobre ele e, finalmente, o efeito do acaso (ou seja, o de acontecimentos que são totalmente imprevisíveis). Todas estas interacções militam contra a ideia de constância, sugerindo um potencial de "*open-endedness*" no desenvolvimento humano.

As mudanças podem ser progressivas, crescentes ou decrescentes, ou meramente flutuantes, com períodos de mutação, alternando com os de estabilidade; podem ocorrer em ambientes constantes, em resposta a alterações ambientais ou biológicas; podem ser rápidas ou desaparecerem.

Para Clarke e Clarke (1984), aqueles que continuam a defender a constância fazem-no por negação da mudança, por exemplo, quando se trata de crianças diagnosticadas como atrasadas na escola e que, mais tarde, provaram ser normais ou praticamente normais. Como era difícil acreditar que tivessem sido diagnosticadas, de forma errada, preferem considerá-las como tendo sido atrasadas: elas tinham aparentemente mudado, mas, como se acredita que as pessoas não mudam concluem que não tinham, efectivamente mudado! Uma segunda maneira de resolver o dilema da mudança pessoal é dizer que, apesar da característica ser nova, deriva da primeira e não representa nenhuma mudança real efectiva. A terceira é acreditar que estamos a avaliar os constructos errados e que, se avaliássemos os certas, depararíamos com a constância.

[110] "É bom para o mundo que, na maioria de nós, pela idade dos trinta anos, o carácter se tenha fixado como estuque e nunca mais amoleça" (James, 1890, citado em Simões, 1989, p.43).

tam mudanças qualitativas com a idade (Jung, 1933; Erikson, 1950; Neugarten, 1964; Gould, 1978; Levinson *et al.*, 1978)[111].

No entanto, segundo McCrae e Costa (1990, 1992), os dados objectivos[112], parecem confirmar a perspectiva de que haveria pouca mudança nos traços da personalidade[113]. Segundo os autores (1992, p.4), "começa a constatar-se que James e Freud tinham razão" (*"It is beginning to appear as if James and Freud were right"*). O facto é que os estudos que utilizaram planos longitudinais – mais rigorosos[114], embora mais raros que os transversais – conduziram, geralmente, a resultados a favor da continuidade[115] e da esta-

---

[111] As teorias dos estádios e do desenvolvimento na idade adulta tornaram-se muito populares, por irem de encontro à noção de crescimento e de desenvolvimento pessoal preconizada pela psicologia humanista e porque tentam explicar os problemas pessoais comuns, através de mudanças desenvolvimentistas universais.

[112] A título de exemplo, apresentamos duas investigações. Na primeira, McCrae e Costa (1980), utilizaram o Inventário de Temperamento de Guilford-Zimmerman, para comparar, longitudinalmente (3 administrações, com intervalo de 6 anos), três coortes, não encontraram evidência de variação na estrutura da personalidade de qualquer um dos grupos.

Na segunda investigação, Siegler e colaboradores (1990), utilizando o MMPI, o NEO-PI e a escala de hostilidade de Cook e Medley (Cook & Medley, 1954), encontraram uma estabilidade razoável, nas dimensões da personalidade avaliadas, em jovens-adultos, até sujeitos na meia-idade.

[113] A perspectiva de Schaie e Willis (1991) é mais conciliadora, tentando perspectivar a continuidade impressionante dos padrões da personalidade com as mudanças individuais ao longo da vida. Isto é, por um lado, as experiências prévias definem fortemente o curso dos desenvolvimentos futuros e, por outro, as características da personalidade, depois de estabelecidas, são fortemente reforçadas, se nos mantivermos num ambiente relativamente constante. Se é verdade que a necessidade de responder a acontecimentos significativos, que ocorrem posteriormente na vida, pode levar a mudanças substanciais dentro dos sujeitos, estas mudanças, raramente, conduzem a alterações totais dos padrões da personalidade, envolvendo apenas uma adaptação relativamente pequena ao acontecimento que causou a mudança.

[114] Nos estudos transversais, ao confundir-se a idade com a coorte, as mudanças podem reflectir o efeito do passar dos anos e/ou o impacto das experiências diferenciais vividas em diferentes gerações.

Nos estudos longitudinais, ao confundir-se a idade com o tempo de medição, as mudanças podem reflectir o efeito do passar dos anos e/ou o impacto de acontecimentos que ocorreram num dado momento histórico e afectam os sujeitos avaliados.

[115] Alguns estudos longitudinais, como os levados a cabo por Costa e McCrae, sugerem que as dimensões da personalidade como a Extroversão, Neuroticismo, Abertura à Experiência, Conscienciosidade e Amabilidade, revelam pouca mudança na adultez. Baseiam as suas conclusões na revisão de investigações sobre a mudança da personalidade e nos seus próprios estudos. Como exemplos deste tipo de estudos refiramos o *Normative Aging Study* realizado em Boston com cerca de 2000 sujeitos (Costa & McCrae, 1976, 1977, 1978), que sugere que a personalidade adulta é caracterizada pela continuidade mais do que pela mudança. O *Baltimore Longitudinal Study of Aging* (BLSA), que teve início, em 1958, com uma equipa de investigadores de Baltimore (ver Shaie, 1983; Costa e McCrae, 1992), abrange uma amostra de largas centenas de homens e algumas mulheres (estas, apenas a partir de 1978), com idades compreendidas entre os 17 e os 101 anos.

bilidade das características personológicas ao longo da idade adulta.

Com o interesse por este domínio, surgiram os estudos sequenciais (Schaie, 1965, 1970), que consistem em sequências transversais, longitudinais ou de desfasamento temporal (*time lag*), o que permite a separação do efeito da idade, de coorte e de tempo de medição. Estudos sequenciais (como, por exemplo, os estudos de Douglas & Arenberg, 1978; Siegler, George & Okun, 1979; Schaie & Porham, 1974; Woodruff & Birren, 1972) mostram, de forma geral, que a personalidade do adulto é caracterizada mais pela estabilidade do que pela mudança e que a coorte parece, em parte, responsável pelas diferenças encontradas. Assim é que Hayslip e Panek (1989, p.395) concluem: "enquanto que os dados transversais com frequência apresentam um panorama de mudanças etárias aparentes, os estudos sequenciais sobre a personalidade na idade adulta revelam diferenças de coorte para muitos dos traços psicológicos. Os estudos longitudinais, baseando-se em escalas psicométricas para medir os traços da personalidade, apresentam um quadro claro de estabilidade da personalidade ao longo do tempo. A mudança e a estabilidade na idade adulta é, portanto, um tema complexo, sujeito ao efeito de muitas influências[116]".

Em face da complexidade dos resultados derivados de abordagens teóricas e metodológicas diferentes, muitos autores e investigadores da adultez têm optado pelo modelo do desenvolvimento coextensivo à duração da vida[117] (*life-span developmental psychology*), ou do ciclo de vida (*life course*). Esta é, sobretudo, uma perspectiva ou abordagem ao estudo do desenvolvimento e não uma teoria, pois, mais se trata de um conjunto de princípios, relativos à maneira de encarar o desenvolvimento (*e.g.*, Baltes, 1987; Baltes, Reese e Lipsitt, 1990). Este fenómeno, que consiste em mu-

---

Estes sujeitos foram examinados, de vários pontos de vista (intelectual, atitudinal), utilizando os questionários de personalidade de Cattell e Guilford, verificando-se que as correlações, a dez anos de intervalo, foram de .58 a .69 para o N; .7 a .84 para a E; e .44 a .63 para O. Costa e McCrae (1988) apresentam ainda os resultados de um estudo longitudinal com duração de seis anos, utilizando o NEO-PI para auto e hetero-avaliações. Análises transversais e longitudinais indicam pequenas descidas nas facetas da Actividade, Emoções Positivas e Abertura a Acções, que podem ser atribuídas à maturação, mas nenhum destes efeitos foi reencontrado em análises sequenciais. Em todas as outras escalas, se encontrou evidência de estabilidade. Por último, Costa e McCrae (1994) examinaram a estabilidade da estrutura dos cinco grandes factores, com sujeitos dos 12 aos 63 anos, de forma a determinar com maior precisão, desde quando e até onde se verificam mudanças na personalidade. Concluíram que existe estabilidade e mudança, durante o fim da adolescência e da jovem adultez e que se dão mudanças desenvolvimentistas importantes, até cerca dos 30 anos.

116 "*While cross-sectional data often present a picture of apparent age change, sequential studies of adult personality reveal cohort differences to exist for many psychological traits. Longitudinal studies paint a clear picture of stability with age in personality, relying upon psychometric scales to measure personality traits. Personality change and stability in adult years is thus a complex issue, subject to the effects of many influences.*"

117 Esta abordagem surgiu no início da década de 70, embora as suas raízes remontem à Antiguidade Clássica e, em particular, a Aristóteles (Simões, 1984).

danças sistemáticas intra e interindividuais, é concebido como o resultado da interacção dinâmica entre o sujeito e o contexto[118]. Tanto um como o outro são considerados como mutáveis: o sujeito é encarado como um ser mutável, num mundo mutável, o que significa possibilidade permanente de mudança na personalidade, desencadeada por factores internos e/ou externos ao indivíduo. No entanto, a mudança não significa criação e mutação total. É também acompanhada de estabilidade e, assim, a personalidade é caracterizada, simultaneamente, pela estabilidade/continuidade e pela instabilidade/descontinuidade. Pormenorizando, um pouco mais pode dizer-se que, para esta abordagem, o desenvolvimento é um processo:

◊ Coextensivo à duração da vida: começa com a concepção e termina com a morte.

◊ Resultante da interacção dinâmica entre o indivíduo e o contexto. Consequentemente, a personalidade transforma-se devido às mudanças exteriores (físicas ou sociais) e interiores (biológicas e psicológicas).

◊ Plural, no sentido de que nem todo o comportamento se modifica – progride, estabiliza ou declina – ao mesmo ritmo, no mesmo momento e pelas mesmas causas. O desenvolvimento pode ter, assim, múltiplos padrões de mudança, diferindo na direcção, duração e términus. As mudanças desenvolvimentistas são, segundo esta perspectiva, consideradas multidimensionais (o comportamento é encarado como uma multiplicidade de elementos) e multidireccionais (esses elementos podem seguir trajectórias de desenvolvimento diferentes).

◊ Contínuo e descontínuo, ou seja, consistindo em modificações meramente quantitativas e também qualitativas.

◊ Com progressos e retrocessos, por conseguinte, em que há crescimento e declínio em todas as idades, sem que este último seja o acompanhante necessário do envelhecimento (Baltes & Shaie, s/d; Hultsch & Deutsch, 1981; Kimmel, 1980; Lerner & Hultsch, 1983).

◊ Em que a idade cronológica (Hayslip & Panek, 1989) deve ser encarada apenas como um dos factores descritivos do desenvolvimento. Sendo assim, podemos apreciar o processo de envelhecimento no contexto da acção de muitas outras variáveis, por exemplo, culturais, biológicas e psicológicas, que influenciando o indivíduo o tornam único em qualquer idade[119]. Como dizem os autores, atrás referidos, "de acordo com a nossa nova perspectiva, a idade cronológica de um indivíduo torna-se um critério (preditor) necessário, mas não suficiente, das mudanças desenvolvimentis-

---

[118] É, por conseguinte, uma perspectiva interaccionista e holística do desenvolvimento individual, processo caracterizado por transacções recíprocas e contínuas entre o sujeito e o seu ambiente (Magnusson, 1991).

[119] Apesar das teorias apontarem actualmente para perspectivas inovadoras em relação à adultez, os preconceitos em relação aos idosos são ainda poderosos, interferindo, sobretudo, na visão que os próprios têm sobre o envelhecimento, tornando a sua adaptação às mudanças mais difícil (Kausler, 1982, citado em Hayslip & Panek, 1989).

tas experienciadas durante a idade adulta " (p.3).

◊ Consequência de mudanças normativas, relacionadas com a história e com a idade, e não-normativas. Assim sendo, esta perspectiva propõe que as intervenções com adultos se centrem, sobretudo, na prevenção e no enriquecimento pessoal, em vez da remediação e da reabilitação.

Confrontemos, agora, com a da perspectiva *'life span'* a posição dos defensores do modelo, no que concerne às mudanças, ao nível da personalidade adulta.

De entre os adeptos do modelo dos cinco factores, Costa e McCrae têm sido daqueles que mais interesse têm mostrado por esta problemática. Inúmeros artigos que escreveram são disso testemunho, de entre os quais salientamos: "Estável, depois de tantos anos: a personalidade como chave para alguns problemas na idade adulta e velhice", "Continuidade na personalidade e mudanças na vida adulta" e "Continuidade e mudança, ao longo do ciclo da vida adulta: personalidade e desordens da personalidade"[120]. É neste sentido, que nos restringimos, ao falarmos da contribuição do FFM para o tema da 'mudança', praticamente a estes dois autores.

Para eles, grande parte da confusão sobre a mudança na personalidade do adulto resulta de se avaliarem outras variáveis que não a personalidade. Ora, "o desenvolvimento adulto deve ser visto não como o desenvolvimento de papéis sociais, ou de estruturas de vida, mas da personalidade. Contudo, esta refocalização[121] não resolve o problema, dado o vasto leque de definições de personalidade existentes" (Costa & McCrae, 1989, p.49). Se, porém, se conceber a personalidade como as dimensões básicas das diferenças individuais, encontrar-se-á a estabilidade como um aspecto universal da mesma, a nível adulto (Costa & McCrae, 1992). Para Costa e McCrae (1989), "a comparação dos dados disponíveis, a partir de muitos planos de investigação, apoia a perspectiva de que, para a grande maioria das variáveis personológicas, não existe nem grandes aumentos nem declínios, ao longo da adultez. Estes resultados são de grande importância para a compreensão do curso do envelhecimento normal. A idade está apenas ligeiramente relacionada com os traços da personalidade e, consequentemente, as tentativas para descrever períodos da vida, em termos de disposições características, dificilmente terão sucesso. Estereótipos que representam os idosos como deprimidos, recolhidos, rígidos e excêntricos não têm, consequentemente, fundamento empírico. Adultos de todas as idades revelam uma vasta amplitude de diferenças individuais, e estas diferenças são provavelmente mais importantes na previsão do bem-estar, do *coping* e das

---

120 *"Still stabel after all this years: Personality as a key to some issues in adulthood and old age"* (1980), *"Personality continuity and the changes of adult life"*(1989) e *"Continuity and change over the adult life cycle: personality and personality disorders"* (no prelo).

121 Pelo menos, só por si.

relações interpessoais do que a idade"[122]. As conclusões de Costa e McCrae (no prelo, p.5), utilizando estudos longitudinais (*e.g.*, BLSA — *Baltimore Longitudinal Study of Aging*[123]), "contradizem, por conseguinte, as teorias populares (*popular theories*) que apelavam para estádios do desenvolvimento adulto e uma crise da meia-idade, e prediziam um aumento da rigidez ou da sabedoria com a idade, e bem assim da depressão...". A estabilidade parece, aliás, segundo os autores acabados de referir, confirmar-se, tanto ao nível inter como intra-individual, assim como nas características desejáveis e nas indesejáveis, como a ansiedade e a desorganização. Assim, os traços não mudarão espontaneamente, ao longo da vida, proporcionando, deste modo, o sentido da identidade individual. É o que explica o que geralmente sentimos, quando revemos um amigo: parece-nos que quase nada mudou[124]. Efectivamente, em 1986, Costa e McCrae, ao passarem em revista os estudos longitudinais que sublinham a estabilidade da personalidade, sugerem que não existem alterações relacionadas com a idade e que os sujeitos mantêm perfis muito semelhantes, passados que são muitos anos (coeficiente de teste-reteste a longo-prazo — cerca de 30 anos — entre .30 e .80). Consequentemente, a estabilidade das diferenças individuais nas dimensões da personalidade são, na perspectiva dos autores, aspectos universais da personalidade humana. Inclusive, alguns autores[125], ao tentarem estudar aquilo que designaram por variáveis moderadoras da estabilidade da personalidade, concluíram que as mudanças nas medições da personalidade em diferentes ocasiões são apenas erros de medição.

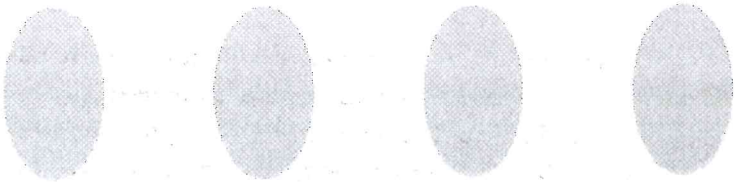
---

122 "*A comparison of available data from many designs supports the view that most personality variables neither increase nor decrease much for most people across the adult life span. These findings are of great importance in understanding the course of normal aging. Age is only weakly related to personality traits; attempts to describe periods of life in terms of characteristic dispositions are therefore unlikely to succeed. Stereotypes that depict older men and woman as depressed, withdrawn, rigid, and cranky are without empirical foundation. Adults of all ages show a wide range of individual differences, and these differences are likely to be more important in predicting well-being, coping, and interpersonal relations than is age*" (Costa & McCrae, 1989, p. 57).

123 É um programa de investigação, levado a cabo pelo Instituto Nacional sobre o Envelhecimento (*National Institute of Aging*; Shock *et al.*, 1984)

124 Inversamente, Clarke e Clarke (1984, p.193) consideram que "as mudanças na posição ordinal são muito frequentes" ("*changes in ordinal position over time were very common*"), sendo, na grande maioria das situações, consequência de factores genéticos e maturacionais, ou de mudanças ambientais, ou motivacionais. O envelhecimento está associado à estabilização (diminuição, mas não paragem no desenvolvimento) de algumas características, atenuando, possivelmente, o potencial de mudança, sobretudo, em circunstâncias normais. As razões para este facto podem ser diversas, tais como os factores intrínsecos ao processo de envelhecimento, a pressão social, vias existenciais escolhidas ou forçadas, atribuições internas ou externas, ou todos eles, em combinação.

125 Nomeadamente, McCrae (1993) examinou a auto-consciência privada (*private self-consciousness*), a actividade pessoal (*personal agency*), a auto-monitorização e a Abertura à Experiência. Para tal, serviu-se de auto e hetero-avaliações do NEO-PI, a partir de dois estudos longitudinais, não encontrando nenhum efeito moderador consistente.



constância

Quadro 2.23 Representação exagerada da constância

No entanto, mesmo Costa e McCrae (1989; 1992) reconhecem algumas limitações, no que respeita ao significado e extensão da estabilidade da personalidade adulta (a sua concepção não é, por conseguinte, semelhante à do quadro 2.23). Eles sintetizam-nas da seguinte forma:

◊ "Há continuidade e mudança, entre a adolescência e a adultez.

◊ Mesmo nos adultos, após os 30 anos, se verificam pequenas mudanças em alguns traços, nomeadamente, no nível de actividade. Existe, também, um declínio na predictibilidade das diferenças individuais com o decorrer do tempo.

◊ Podem ocorrer mudanças na personalidade, em consequência de desordens psiquiátricas. Contudo, ainda está por averiguar se estas mudanças são alterações verdadeiras, mas temporárias, na personalidade, ou se reflectem apenas distorções derivadas do processo de avaliação da mesma.

◊ A personalidade pode mudar, em consequência de uma psicoterapia ou outras experiências, como a conversão religiosa.

◊ A personalidade pode alterar-se em consequência de catástrofes. Embora as tensões comuns da vida (reforma, luto, doença crónica) não provoquem grandes alterações na personalidade, algumas investigações sobre a síndrome do *stress* pós-traumático mostram que alguns tipos e graus de *stress* podem ter efeitos permanentes nas disposições básicas.

◊ A personalidade muda em resposta às demências, tais como a doença de Alzheimer" (Costa & McCrae, 1992, p.37-38).

◊ Existe declínio no N, E e O e aumento em A e C dos indivíduos de idade universitária para a meia-idade, o que apontaria (McCrae *et al.*, no prelo) "para a hipótese de que estas são mudanças maturacionais e universais na personalidade".

Embora a perspectiva da estabilidade tenha, talvez, menos atractivos do que algumas teorias que defendem a mudança (*e.g.*, a teoria da estrutura de vida de Levinson) ela é, segundo os autores que temos vindo a referir, mais sólida nas suas bases empíricas e acarreta importantes implicações práticas. Porém, Costa e McCrae (1990) não consideram que o desenvolvimento do adulto seja um mito e que as abordagens alternativas nada têm a oferecer. Opinam, no entanto, que as teorias do desenvolvimento do adulto têm de ser coerentes com as conclusões sobre a estabilidade mitigada dos traços. É um facto sociológico, afirmam os autores su-

pracitados, que as estruturas de vida, os comportamentos e os hábitos, as atitudes e as opiniões, os papéis sociais, as relações interpessoais, a identidade e o *self* mudam na idade adulta, mesmo que as disposições se mantenham basicamente idênticas. Por outro lado, se é certo que os traços da nossa personalidade afectam estas variáveis, eles não são a única influência na nossa vida – a inteligência, a beleza física, a saúde e a riqueza, a raça, o sexo e a religião, aliados a todo o contexto (família, comunidade, país), são também factores determinantes da mesma.

Os autores, salientam que "a estabilidade dos traços não implica que a vida se torne repetitiva e estagnada. A vida muda, a história avança, e todos nós temos de nos esforçar por nos adaptarmos à mudança, ou activamente reformatar a nossa vida. Internamente, o nosso eu e a nossa identidade fundamental podem mudar, assim como se modificam os nossos papéis e relações sociais, valores, atributos físicos e relações pessoais que lhe são centrais" (McCrae & Costa, 1990, p.117). Segundo ainda McCrae e Costa (1990, p.9), o facto da "maioria das pessoas não mudarem – não significa que não possam mudar. Quer dizer, sim que a mudança não virá por si mesma, nem virá facilmente. Psicoterapias eficientes e experiências cruciais de vida (como a guerra e as conversões religiosas) podem alterar-nos profundamente, mas tal só ocorre se estivermos preparados para a mudança e com vontade de trabalhar, de forma a torná-la realidade". Consequentemente, teria mais sentido questionarmo-nos sobre como a personalidade molda a vida e lhe imprime ordem, continuidade e previsibilidade do que como as experiências de vida mudam a personalidade.

Concluímos a apresentação da perspectiva continuista de McCrae e Costa (1990, p.107), com uma frase, que é reveladora de que eles estão abertos à existência de mudança, se definirmos e conceptualizarmos a personalidade, doutra forma: "Está-nos, talvez, a escapar o âmago da questão? Estilos recebidos, emocionais, interpessoais e experimentais podem ser relativamente fixos, mas são estes os aspectos básicos da personalidade? Ou serão características periféricas, cuja estabilidade não tem maior relevância ou importância do que a estabilidade na cor dos olhos e no tamanho dos pés? Talvez que o que necessitemos não seja de um novo tipo de teste ou avaliador da personalidade diferente, mas de uma concepção, completamente diferente da mesma, em que esta é vista, não como um traço mas um processo. Talvez os processos mudem com a idade[126]".

No entanto, apesar de alguns autores, nomeadamente Costa e McCrae, considerarem que os traços da personalidade como o N e a E, as-

---

126 *"But are we perhaps missing the whole point? Granted, emotional, interpersonal, and experimental styles may be relatively fixed, but are these the real cores of personality? Or are they instead peripheral characteristics whose stability is no more remarkable or noteworthy than stability in color of eyes or size of feet? Perhaps what is needed is not a different form of personality test or a different personality rater, but a wholly different conception of personality, in which it is seen not as trait but as process. Perhaps processes change with age".*

sim como atributos mais específicos como a ansiedade, possuem elevados níveis de estabilidade durante a idade adulta, outros opinam que os diferentes atributos da personalidade têm uma estabilidade diferencial consoante as diferentes fases do ciclo de vida (Usula & Hertzog, 1991), o que faz que, no total, a estabilidade longitudinal aparente ser menor.

Estabelecida a existência da estabilidade, ainda que mitigada, a nível da personalidade adulta, viria a propósito perguntar-se que é que a determina: será que os sujeitos são estáveis, porque geneticamente determinados? ou será que eles criam e escolhem os ambientes, que mantêm o comportamento que os caracterizam? serão as expectativas sociais ou as primeiras experiências que continuam realmente a operar para além das experiências posteriores? Mas, independentemente, da resposta dada a estas questões, quais são os mecanismos que nos permitem assimilar novas experiências à nossa *natureza* (por outras palavras, como conseguimos ficar constantes com tanta mudança a processar-se dentro e fora de nós)?

Na perspectiva de Schaie e colaboradores (1991), as experiências prévias traçam uma rota poderosa aos desenvolvimentos futuros, sendo as características da personalidade, depois de estabelecidas, fortemente reforçadas, sobretudo, se nos mantivermos num ambiente, relativamente, constante. No entanto, há muitas experiências precoces, que podem não ter um efeito duradouro, porque estão, essencialmente, relacionadas com as necessidades de um determinado período de desenvolvimento. Por outro lado, o ter que interagir com acontecimentos significativos, que ocorrem, posteriormente, na vida, pode levar a mudanças substanciais nos sujeitos, embora estas mudanças individuais raramente levem a alterações totais dos padrões da personalidade.

À medida que os sujeitos envelhecem, referem McFarland e colaboradores (1992), formulam continuamente concepções gerais ou representações sumárias do desenrolar da sua vida. Estas "histórias de vida" (Whitbourne, 1985), "narrativas de vida" (McAdams, 1988), "narrativas pessoais" (Cohler, 1982), "narrativas do *self*" (Gergen & Gergen, 1983), ou autobiografias (Birren & Hedlund, 1987) representam, segundo os autores, tentativas das pessoas organizarem as suas experiências de vida numa sequência coerente e internamente consistente, de modo que a estabilidade/instabilidade dos traços de personalidade depende da percepção que elas têm de que são instáveis/estáveis[127]. Consequentemente, os traços po-

[127] O estudo de McFarland e colaboradores (1992) analisa a forma como os idosos recordam os traços que possuíam, quando eram mais novos. A hipótese de que as suas recordações estariam relacionadas com as suas teorias sobre o envelhecimento foi corroborada. Efectivamente, nos traços supostos aumentarem com a idade, os sujeitos possuíam valores mais elevados do que quando eram mais novos. Pelo contrário, naqueles que eram considerados diminuirem com a idade, os sujeitos possuíam valores mais baixos do que quando eram mais novos. Assim, mesmo que um traço se mantenha estável, se um sujeito acreditar que este traço diminui com a idade tenderá a subestimar o seu valor, à medida que avança em idade.

dem ter graus de estabilidade ou mudança diferentes, sendo que a nossa definição de constância também afecta a interpretação dos nossos dados empíricos.

Em suma, existe continuidade e mudança na personalidade do adulto: o estudo dos traços (no contexto do qual se situa o FFM) sublinha a primeira, de forma modal; outras orientações (*e.g.*, teoria dos estádios, narrativas de vida) dão relevo à segunda. No nosso entender, apenas a conciliação destas abordagens, num modelo mais abrangente, permitirá dar conta da flexibilidade da personalidade, que compreende o aparente paradoxo da mudança e da estabilidade. Efectivamente, a evolução parece ser formatada, de tal maneira que possuímos uma razoável dose de constância, no desenvolvimento, mas também um potencial considerável para a mudança, nas circunstâncias mutáveis. E esta plasticidade representa uma margem apreciável de possível variação[128]. Todavia, a referida estabilidade relativa dos cinco factores ao longo do ciclo de vida permitiu, aos autores, estudos minuciosos sobre as implicações do modelo para a prática psicológica.

2.6. Críticas e limites do modelo

> "Visto estarmos aqui, quão adequados são os cinco factores para as tarefas científicas que temos à nossa frente? A adopção do FFA[129] ajudará ou impedirá a compreensão da personalidade?" (Block, 1995, p.207).

Toda a abordagem científica começa por uma classificação e uma definição rigorosa dos conceitos utilizados. É que não podemos estudar as diferenças interindividuais, como sublinha Lévi-Leboyer (1994), sem que exista um consenso sobre a natureza, significado e definição das características que diferenciam os sujeitos entre si. O atraso neste domínio justifica, portanto, em nosso entender, o entusiasmo com que são acolhidos os resultados das investigações americanas dos últimos dez anos, que confirmam a existência de cinco grandes factores. O número especial da *European*

---

[128] Muitas pessoas são relutantes em aceitar as influências genéticas, mas não devia ser assim porque um determinado genótipo pode ter muitas expressões fenotípicas. Jensen (1981, referido em Clarke e Clarke, 1984, p.207) ilustra que se "assumirmos uma hereditabilidade de .7 a .8 para a inteligência, a variação ambiental permitirá uma diferença de 45 pontos no QI" (*"with an assumed hereditability of .7 — .8 for intelligence, environmental variation would permit IQ differences of 45 points"*).

[129] FFA significa a abordagem dos cinco factores. Este autor não concorda com a utilização da palavra modelo para se referir aos cincos factores.

Review of Applied Psychology (1994), dedicado ao FFM, mostra que os investigadores europeus reconheceram a importância desses resultados e resolveram considerar merecedora de atenção, por parte da comunidade científica, a perspectiva dos seus colegas do outro lado do Atlântico.

Há ainda, no entanto, um grande caminho a percorrer e diversos problemas a resolver, como é atestado pela recente polémica desencadeada pelo artigo de Block – "Uma visão contrária à abordagem descritiva dos cinco factores da personalidade" (*"A contrarian view of the five-factor approach to personality description"*, 1995) – onde tenta refrear o entusiasmo excessivo pelo modelo. Segundo ele, alguns autores têm revelado algum desconforto, em relação ao modelo, nomeadamente, sobre "as pretensões da abordagem, a sua base empírica, e as suas implicações científicas " (Block, 1995, p.187).

A este 'ataque' responderam, prontamente, Costa e McCrae (1995) e Goldberg e Saucier (1995), considerando-o parcial e enviesado, embora um contributo valioso para o melhoramento da investigação, no domínio da personalidade. Mais especificamente, Costa e McCrae (1995) encaram grande parte das críticas como 'tiros ao lado', porque parecem "ter perdido a perspectiva das razões que levaram aos estudos" (Costa & McCrae, 1995, p. 216) sobre os cinco factores, a saber, encontrar uma forma parcimoniosa de descrever a personalidade. Efectivamente, um dos grandes méritos do modelo tem sido o de pôr ordem à desorganização conceptual que reinava nesta área e fornecer evidência empírica relevante, para fundamentar as suas posições, evidência que, no entender de Costa e McCrae (1995) e de Goldberg e Saucier (1995), Block (1995) simplesmente ignorou. Sugerem, pois, que, em vez de fazer apenas de 'advogado do diabo', Block deveria fazer uma análise menos enviesada do modelo.

Nas secções precedentes, debruçámo-nos sobre as vantagens do modelo dos cinco factores da personalidade (*e.g.*, a sua compreensividade, interculturalidade). Mas, mesmo os seus mais ardentes defensores não advogam que ele seja a última palavra na descrição da personalidade, ou que ele esteja isento de críticas. Deste modo, iremos reflectir, seguidamente, sobre os caminhos que é necessário ainda percorrer e os problemas a resolver, com vista ao seu aperfeiçoamento, ou seja, faremos uma revisão das críticas dirigidas contra o modelo.

• Uma das mais graves é, segundo Digman (1990), o **desacordo em relação ao número apropriado** de factores para descrever a personalidade. Já Cattell (1946; citado por Mershon & Gorsuch, 1988) se referia à importância de uma taxinomia dos factores, que delinearia as relações entre as dimensões da personalidade, como a tabela periódica dos elementos especifica a interacção entre os elementos químicos. Ela traria clareza e um vocabulário comum para o domínioJá nos referimos a propostas de estruturas da personalidade, que divergem do FFM; quanto ao número de factores (secção 2.3.4). Para além dos investigadores ali mencionados, muitos

outros se pronunciaram sobre a adequação do FFM, do ponto de vista da composição factorial (*e.g.*, Hough & *et al.*, 1990 e Hough, 1992[130]; Saucier, 1992[131]; Kline & Barrett, 1994[132]; Briggs, 1989[133]).

Ora, apesar de haver sistemas, que à primeira vista, destoam do modelo (*e.g.*, os 3 de Eysenck, os 13 de Guilford[134], o 16 de Cattell[135] e os 20 de Howarth), diversos estudos têm mostrado que uma estrutura de cinco factores reflecte, mais ou menos, a variação independente avaliada pelos

---

[130] Considerando que os *Big Five* são constructos demasiado heterogéneos e incompletos, Hough e colaboradores (1990) e Hough (1992) opinam que o modelo dos cinco factores de Tupes e Christal (1961) não é adequado para predizer critérios importantes. Propõem, assim, uma taxinomia de 9 factores, que inclui a afiliação, a força interior, o sucesso, a dependência, a adaptação, a amabilidade, a intelectualidade, o individualismo, e o locus de controlo. Ou seja, o primeiro factor (*Surgency* ou Extroversão) é dividido em 3 (afiliação, força interior e sucesso), aos quais são adicionadas mais duas dimensões (o *locus* de controlo e o individualismo).

[131] Propõe que se tenha em consideração as variáveis/traços 'intersticiais', ou seja, aquelas que se situam entre os factores, de molde a reconciliar as diferentes versões dos cinco factores.

[132] Questionam a adequação do modelo, para dar conta da variância na personalidade. Utilizando estudos com o PPQ (*Professional Personality Questionnaire*, instrumento que avalia o FFM e é indicado para a área da Psicologia Organizacional; Kline & Lapham, 1991), o EPQ e os factores de Cattell, consideraram que parece ser de 4 o número mais indicado de factores. Fundamentando-se nestes, e noutros estudos factoriais e no exame sobre a personalidade autoritária, concluem que O e C são mais bem conceptualizados como um único factor — a dimensão obsessiva ou autoritária. Kline e Barrett (1994) opinam que o factor proposto — o obsessivo — poderá clarificar a estrutura dos cinco factores que apresentam, segundo eles, muita sobreposição entre si. Conceitos, como os de personalidade obsessiva, carácter anal, dogmatismo, rigidez, sugerem que O e C não são realmente distintos, mas constituem o referido factor obsessivo-autoritário.

[133] Para este autor, a própria estrutura dos cinco factores, apesar de reconhecida por diferentes investigadores e confirmada com amostras diversificadas, não tem, no entanto, tido um grau de correspondência ideal entre as diferentes propostas. O desacordo tem emergido, sobretudo, no que diz respeito ao factor cinco (Abertura à Experiência), mas os outros também variam, de um estudo para outro. Embora Norman, Goldberg, e Wiggins tenham começado com o mesmo conjunto de traços-termos, as suas taxinomias são notoriamente diferentes, tanto na sua estrutura geral, como nos traços específicos adoptados. A falta de correspondência também acontece, quando os elementos classificados são itens de questionários (ou grupos de itens), em vez de adjectivos.

[134] Guilford (1959, 1975) identificou ao todo 13 factores, no entanto, presentemente, o GZTS só avalia 10, porque algumas das escalas apresentavam correlações elevadas entre si.

[135] Minton e Schneider (1985) consideram que existe uma sobreposição considerável entre os sistemas de Cattell e de Guilford, ao nível dos factores de primeira ordem. Na identificação dos factores de segunda ordem, os autores afirmam que existe uma sobreposição considerável entre os sistemas de Cattell, de Guilford e de Eysenck. As discrepâncias existentes justificam-se pelo tipo de variáveis utilizadas, as amostras de sujeitos envolvidos e os procedimentos factoriais levados a cabo. Outra fonte de divergência encontra-se no facto de Eysenck optar por identificar, primeiro, os factores gerais que correspondem aos factores de segunda ordem de Guilford e Cattell.

vários inventários de auto-avaliação – posição, que corroboraram as nossas análises precedentes.

Como conclusão relativa ao número de factores, Goldberg e Saucier (1995, p. 222) observam que, se "é fácil detectar diferenças, quanto ao número rigoroso de factores referidos, nas investigações, mais difícil é despistar os que provaram ser replicáveis, através de diferentes estudos. Muitos investigadores referiram mais de cinco factores, mas tanto quanto sabemos, nenhum deles foi replicado com outros conjuntos de atributos da personalidade". Por sua vez, Costa e McCrae (1995, p.217) rematam, afirmando que "muitas das investigações subsequentes [à generalização do FFM] continuaram a testar esta hipótese [da existência de mais do que cinco factores], pesquisando factores principais adicionais... mas, quando factores foram, ocasionalmente, encontrados, eram pequenos e específicos".

Em suma, apesar das inúmeras propostas para alterar o número de factores explicativos da personalidade – Digman (1990) interroga-se sobre se o desejo de ser parcimonioso não terá congelado a vontade de ser exaustivo – os cinco grandes são aqueles que, até ao presente, parecem colher a preferência de um número, cada vez maior, de investigadores, e dispor a seu favor de um maior conjunto de dados.

• Outra crítica prende-se com a contínua discussão, entre os defensores dos cinco factores, sobre qual a melhor **designação** para os mesmos. É evidente que algumas variações são esperadas, de estudo para estudo, tratando-se de dimensões tão gerais e inclusivas, como as que integram o modelo. Diferenças nas soluções factoriais podem também surgir, porque os investigadores diferem nas variáveis consideradas, as quais podem representar diferentes aspectos do significado total do factor, ou, então, porque utilizam diferentes rótulos para padrões semelhantes[136].

Já nos referimos, precedentemente, a estes tópicos. Lembremos também que o problema da designação dos factores não é apenas uma questão de convenção, visto que as etiquetas reflectem opções conceptuais. A um nível, tais diferenças são descritivas, explicitando quais as características abrangidas por cada factor e quais delas são centrais ou periféricas. A outro nível, as diferenças são teóricas e explicativas: porque haverá dimensões universais da personalidade e porquê estas e não outras?

Em suma, as divergências encontradas na designação dos factores

---

136 Os nomes dados são diferentes, mas tal não é grave, porque, na opinião de Digman (1990), nenhum rótulo pode abranger a diversidade da complexa realidade referenciada. Fraisse e Piaget (1963, p.186) tinham já advertido que "um factor só pode ser definido pelas variáveis nas quais tem uma saturação predominante e jamais pela única designação utilizada" (*"un facteur ne peut être défini que par les variables dans lesquelles il a une saturation prédominante et jamais par la seule dénomination utilisée"*). A dificuldade em definir os factores, como já foi, aliás, explanado, no subcapítulo sobre a elaboração do modelo, prende-se com o carácter abstracto dos constructos em causa.

parecem ser fruto de rótulos diferentes para a mesma realidade diversa e abstracta. Mas, apesar das diferentes designações acarretarem por vezes diferenças conceptuais, há um acordo substancial quanto ao seu significado. Na opinião de Goldberg e Saucier (1995, p.224), muitas das diferenças nas designações estão a desaparecer, enquanto a maior parte dos investigadores adopta a numeração romana dos factores, proposta por Norman (1963), ou das letras iniciais dos nomes dos factores, proposta por McCrae e Costa (1985).

• O FFM pode ser encarado como uma aquisição notável, na medida em que oferece um contexto geral para discutir e **localizar os diferentes subfactores**, encontrados na literatura. Porém, não existe consenso sobre os diferentes subfactores a reter. As poucas tentativas de derivar outros factores do modelo dos *Big Five* têm conduzido a resultados muito divergentes. Compare-se, por exemplo, dois dos instrumentos mais utilizados para avaliar o FFM — o NEO-PI e o HPI. Estes contêm um número de subdimensões ou facetas diferentes, e, por outro lado, a atribuição das subdimensões a um factor, em vez de a outro, estão, por vezes em desacordo[137].

Existem porém várias razões que têm levado os investigadores a estudar as subdivisões dos factores. Em primeiro lugar porque numa representação hierárquica, perdemos sempre informação: perdemo-la, quando subimos os níveis da hierarquia, e sempre que avaliamos conjuntos de itens combinados em escalas. A este propósito, Briggs (1989) defendia que devemos ter em conta os elementos, que compõem os factores, tanto como os factores propriamente ditos. Estes são, aliás, operacionalizados, a partir dos seus componentes. Como McCrae e colaboradores (1986) referem, a avaliação com os cinco factores dá uma caracterização da pessoa, apenas a um nível global, denotando grupos de traços, que covariam, mas que são combináveis. Assim, uma pontuação moderada em Extroversão pode, por exemplo, ser obtida por um sujeito que é enérgico mas reservado, ou preguiçoso e amigável, ou médio nos níveis de sociabilidade e energia[138]. Aliás, para se chegar a uma descrição pormenorizada da personalidade, torna-se necessário fazer refinamentos, ao nível das facetas dos diferentes factores. Neste sentido, existem duas estratégias, através das quais podemos evidenciar estes diferentes componentes: a abordagem de cima para baixo e a de

---

[137] Por exemplo, no que toca ao NEO-PI (e contariamente ao HPI) a faceta Calor — *warmth* — está relacionada com a Extroversão e não com a Amabilidade, e a Hostilidade, com o Neuroticismo e não com a Desamabilidade.

[138] Costa e McCrae (1995, p. 218) referem, a este propósito, que "a reivindicação de que o FFM é compreensivo não significa que mede exaustivamente as diferenças individuais na personalidade... A hipótese que o modelo coloca é a de que, praticamente, todos os traços da personalidade estão relacionados a um, ou mais, dos cinco factores, e quaisquer traços que restem formam uma categoria diversificada que não covaria, de molde a definir um sexto factor".

baixo e a de baixo para cima[139]. Em segundo lugar, o facto dos factores serem constituídos por agrupamentos de traços, retira força à objecção de que os cinco factores são poucos para explicar a diversidade das diferenças humanas[140].

Concordemos ou não com a posição de que o número de seis facetas por cada dimensão – no caso do NEO-PI-R – ser artificial (Petot, 1994), mas uma opção mais prática, o certo é que os defensores dos Cinco Grandes Factores não esqueceram a análise mais molecular da personalidade.

• Outra crítica, formulada por Block (1995, p. 200), é a de que, embora admirando o extenso e diversificado trabalho de Costa e McCrae, ao longo destes últimos 20 anos, coloca sérias reservas, no que respeita à pretensão de que eles tenham demonstrado que, "em número e em espécie, os seus cinco factores estão posicionados de forma única e adequada, a ponto de proporcionarem **descrições compreensivas** e penetrantes acerca da personalidade". E esta objecção estende-se (e agudiza-se) à abordagem lexical, porque "não existe garantia de que a essência da hipótese lexical permita a expressão de aspectos da personalidade cientificamente cruciais!"

Contra-argumentando, porém, Goldberg e Saucier (1995, p. 221), consideram que as críticas de Block parecem querer convencer-nos a ignorar "o vasto corpo de evidência científica, a favor do modelo, que se tem avolumado, ao longo dos anos, sobre a estrutura fenotípica dos atributos da personalidade", evidência essa mais convincente do que em relação a qualquer outro modelo. Por outro lado Block, analisando apenas uma pequena parcela da literatura, a favor do modelo, não propõe outro, em alternativa.

• Se a crítica anterior colocou em causa a fundamentação empírica do modelo, uma outra põe reticências à utilização das **hetero-avaliações**. Hogan (no prelo), ao fazer uma distinção precisa entre as classificações feitas por observadores – que representariam o *self* público, ou a reputação social – e as auto-avaliações – que reflectiriam impulsos interiores e disposições – concluiu que o FFM é apenas adequado, no primeiro caso.

---

139 Como exemplo, temos, num extremo, as tipologias (*e.g.*, de Hipócrates e Galeno, que defendiam a existência de 4 tipos de temperamento - sanguíneo, colérico, fleumático, e melancólico; a de Kretschmer, com os tipos pícnico, leptossómico e o atlético; a de Freud, com os tipos oral, anal e fálico; e a de Jung, com os tipos introvertido e extrovertido), e, noutro extremo, o procedimento dos investigadores que, contrariamente, aos primeiros começaram com um grande número de conceitos e termos, para chegar aos factores (18.000, no caso de Allport e Odbert, 1936).

140 Por exemplo, Mershon e Gorsuch (1988) advertem que podemos fazer predições mais fortes, a partir das escalas individuais do 16PF do que a partir dos factores de ordem geral, que eles formam.

Ora esta objecção – da aplicabilidade do modelo apenas às hetero-avaliações e não às auto-avaliações – parece um pouco estranha, dada a emergência repetida dos cinco factores, ao nível dos resultados de auto-avaliação. Recorde-se que Fiske (1949), na primeira apresentação do modelo, encontrou factores similares em avaliações por colegas, por especialistas e em auto-avaliações. Embora o acordo entre as auto e hetero-avaliações, em relação à posição dos sujeitos nas cinco dimensões, seja substancial, mas não perfeito, a estrutura da personalidade, nos dois casos, parece virtualmente idêntica.

A crítica à utilidade das hetero-avaliações parece, por conseguinte, não ter grande pertinência.

• Mais pertinente é a crítica à **objectividade dos traços**. O modelo dos cinco factores tem estado no centro da controvérsia sobre a realidade dos traços, ou seja, no que toca à questão de saber se eles são artefactos cognitivos, ou uma descrição objectiva da personalidade. Como atrás foi referido, as teorias implícitas da personalidade, evidenciadas, através da classificação de pessoas desconhecidas e juízos de semelhança nos termos-traços, aparentam estar estruturadas, segundo dimensões que se parecem com o FFM[141]. Isto conduz, segundo McCrae e John (1992), à possibilidade de que o FFM não seja mais do que uma projecção das nossas distorções cognitivas dos alvos que estamos a avaliar. Nesta linha de ideias, com o título sugestivo de "O enigma dos cinco factores: realidade ou representação?" (*El enigma de los "Big five": realidad o representación?*), Avia (1992) discute o significado social e a utilidade dos *Big Five*, enquanto indicadores comportamentais (*behavioral indicators*). A questão subjacente é a de saber se os factores reflectem comportamentos reais ou se são apenas constructos semântico-cognitivos.

Parece razoável admitir que sujeitos duma mesma cultura têm ideias formadas sobre quais os tipos de atributos, que estão relacionados entre si – a solução dos cinco factores poderia ser reflexo destas semelhanças conceptuais, culturalmente definidas. Ou seja, apesar de não estar claro, até que ponto as teorias implícitas da personalidade assinalam as regularidades e covariações que caracterizam o fluxo da acção do dia-a-dia, um trabalho recente (Lewicki, 1986), sobre o processamento cognitivo da informação social, sugere que as pessoas detectam as covariações deste género.

Em suma, a conclusão de que os factores de personalidade representam ou não artefactos cognitivos está ainda por averiguar.

---

[141] Smith e Kihlstrom (1987) investigaram a estrutura dos traços da personalidade, enquanto esquemas cognitivos, em cinco estudos, utilizando um total de 184 estudantes universitários. Colocaram a hipótese de que os *Big Five* funcionariam como esquemas organizadores do léxico dos traços, incluídos no estudo. Concluíram que os sujeitos empregaram uma teoria implícita, semelhante à estrutura dos *Big Five*, ao avaliarem juízos sobre a co-ocorrência de traços e sua semelhança semântica (ver ponto 2.4.1).

• O artigo de Goldberg (1993a), em prol do FFM, desencadeou uma série de questões e críticas por parte de Kroger e Wood (1993), Guastello (1993), Comer (1993), Eysenck (1993), Shadel e Cervone (1993) e Cattell (1993), que, por sua vez, mereceram, da parte de Goldberg (1993b) a respectiva réplica. Uma das críticas apontadas, nomeadamente por Eysenck (1993)[142], é a de que a taxinomia dos *Big Five* carece de alguns elementos básicos, para ser considerada uma **teoria científica**. Já nos referimos a este problema, no subcapítulo 2.3. Limitamo-nos, aqui, a tecer algumas breves considerações. Em concordância com a crítica supracitada, Briggs (1989) refere que um dos limites do modelo, derivado do seu carácter ateórico, seria a falta de especificidade na definição dos cinco factores fruto, em parte, do seu empirismo. Efectivamente, a perspectiva, em que se baseia o FFM reitera que a descrição da personalidade deve preceder, e não seguir, as teorias da personalidade. Poder-se-ia argumentar – salienta ainda Briggs (1989) – que, de uma perspectiva evolucionista, estas dimensões têm um significado adaptativo[143] mas, para tal ser comprovado, seriam necessárias hipóteses, adequadamente testadas. Aliás, a resposta de McCrae e John (1992, p.194) à questão de saber porquê cinco e apenas cinco factores é, segundo Block (1995), no mínimo deficiente: " é um facto empírico, como o facto de existirem sete continentes na terra ..." (" *it is an empirical fact, like the fact that there are seven continents on earth...*"). Assim, teria mais sentido, segundo o autor (p.188), uma designação tipo "os cinco factores, abordagem da descrição da personalidade centrada nas variáveis" (*"the five-factor, variable-centered approach to personality descriptions"*) do que a atribuição prematura de 'modelo', porque este implica uma representação ou simulação fundamentada teoricamente.

Em suma, e de acordo com Shadel e Cervone (1993), devemos ler com cautela o comentário de Goldberg (1993) sobre o consenso emergente da estrutura dos *Big Five* como sendo uma perspectiva teórica alternativa sobre a personalidade. Efectivamente, o FFM não é uma teoria completa da personalidade – alguns argumentarão que nem sequer é, uma teoria da personalidade (e tão pouco um modelo).

---

142 O sistema PEN (Psicoticismo, Extroversão, Neuroticismo) de Eysenck, emergiu a partir das abordagens psico-biológicas da personalidade (Eysenck, 1967; Eysenck & Eysenck, 1985). O seu paradigma serviu como enquadramento para as investigações experimentais e correlacionais, no domínio da personalidade, durante meio século. Isto apesar de, só mais recentemente, o seu autor se ter debruçado sobre a dimensão do Psicoticismo, que foi adicionada ao questionário-padrão por volta dos anos 70 (Eysenck & Eysenck, 1975), na sequência da remodelação do modelo teórico (Eysenck & Eysenck, 1976). A existência e significado desta terceira dimensão, assim como as suas características psicométricas foram prontamente questionadas pela comunidade científica.

143 Por outras palavras, as cinco dimensões seriam aquelas que se revelaram mais eficazes na adaptação do sujeito ao meio e, consequentemente, as que subsistiram no decurso do processo de evolução.

Contudo, em 1995, Costa e McCrae, publicaram um artigo intitulado "Explicações baseadas nos traços da psicologia da personalidade" (*"Trait explanations in personality psychology"*) e, em 1996, dão a lume um capítulo intitulado "Em direcção a uma nova geração de teorias da personalidade: Contextos teóricos para o modelo dos cinco factores" (*"Toward a new generation of personality theories: theorethical contexts for the five-factor model"*), onde apresentam sugestões no sentido de responder à questão da teorização do modelo. O referido capítulo está incluído numa obra, editada por Wiggins (1996), toda ela dedicada às perspectivas teóricas do modelo dos cinco factores, como o atesta o seu título: *"FFM of personality: Theoretical Perspectives"*.

Já apresentámos esta teoria (1996; *cf.* capítulo 2.3) que vem, efectivamente, ajudar a preencher uma lacuna bem reconhecida, neste domínio, e espera, agora, pelas necessárias corroborações empíricas. Críticas e futuros trabalhos com base nesta teoria são, consequentemente, necessários para ajuizar da sua relevância.

• A crítica seguinte relaciona-se com os métodos de **análise factorial** utilizados. Nomeadamente, Eysenck tem argumentado que o acordo científico, em relação à representação estrutural dos factores, é impossível, porque os métodos de extracção e rotação geram dimensões diferentes. Mas Goldberg (1990, p.1219), ao analisar a influência de tais métodos nas estruturas factoriais, não encontrou as diferenças referidas por Eysenck. Concluiu que, embora os "algoritmos particulares, utilizados pelos diferentes métodos, possam influenciar os resultados, os seus efeitos são relativamente pequenos". No entanto, Cattell (1995) critica as análises factoriais realizadas, como fundamento dos cinco factores, em particular, a ausência de testes estatísticos para avaliar o número requerido de componentes, o que conduz à impossibilidade de encontrar a "posição única, ao fazer a rotação, em que os factores se tornam verdadeiros determinantes, em vez do número infinito das 'abstracções matemáticas' possíveis" (*"unique rotational position in which factors become real determiners rather than the infinite number of more 'mathematical abstractions' that are possible"*; Cattell, 1995, p.207). Considera que existem duas formas de avaliar o número de componentes necessários para explicar uma matriz de correlações: examinar a significância dos últimos resíduos e o *scree test* . Ora, os estudos de Goldberg não utilizaram nenhuma destas técnicas, porque se o tivessem feito, opina Cattell (1995), teriam encontrado 16 ou 17 factores do comportamento normal e mais 10 no comportamento patológico. Mas, para além disso, os defensores do FFM não conseguem encontrar uma estrutura simples significativa. O modelo é, por conseguinte, um 'pesadelo científico'[144].

---

[144] Este autor refere ainda que a história da análise factorial é uma aceitação gradual da complexidade da natureza humana, ou seja, da existência de muitos factores e não da sua redução ou simplificação a poucos factores: a cinco.

Porém, segundo Costa e McCrae (1995, p.218), a inexistência de estrutura simples justifica-se, porque as "dimensões do FFM não são pontuações de escalas, mas constructos hipotéticos e, no nosso modelo, elas estão construídas, de forma a serem ortogonais, porque os sistemas ortogonais são mais parcimoniosos do que os oblíquos". A escolha da ortogonalidade das dimensões é, também, teórica e não empírica, embora com consequências empíricas.

Estas questões levaram Block (1995) a defender que não podemos confiar apenas na análise factorial para a elaboração dos constructos teóricos, necessários para o estudo da personalidade, e a fazer uma análise extensa e minuciosa dos limites e enviesamentos possíveis desta técnica. Nas palavras do autor (p.191), a fé dos aderentes do FFM na análise factorial, como "base apropriada e suficiente para decidir, objectivamente, sobre os constructos teóricos a utilizar pelos personologistas é, na minha perspectiva, infundamentada, ingénua e limitativa". Propõe, enfim, que se tenham em consideração, para além da análise factorial, fontes como as investigações experimentais, as observações prolongadas, dados neurofisiológicos, *insights* psiquiátricos e a instrospecção.

Apesar das críticas a que tem sido sujeita, a análise factorial mantém-se como uma técnica útil no estudo das dimensões da personalidade. No entanto, o seu contributo deve ser completado com o auxílio de outras metodologias.

• A **aplicação clínica** do modelo tem também sido contestada, ou melhor, reenquadrada. Ben-Porath e Waller (1992) respondem à propostas de Costa e McCrae sobre as aplicações clínicas do FFM, clarificando alguns aspectos, nomeadamente, que os instrumentos de personalidade "normal", como o NEO-PI, não devem ser utilizados, em lugar dos clínicos, mas apenas para fornecer informação útil suplementar e que a avaliação da validade clínica dos protocolos dos testes é um componente essencial da avaliação clínica. Sublinham ainda que a utilização das pontuações dos testes para constituir perfis psicológicos, a concepção de que variáveis/traços como a ansiedade, a depressão e a impulsividade estão relacionadas com domínios de ordem superior; e que a avaliação dos correlatos clínicos, associados a C, através de instrumentos clínicos, são já uma prática comum na avaliação clínica.

As críticas dirigidas à aplicação clínica do modelo são, sobretudo, uma advertência no que concerne às suas limitações neste sector.

• Para Briggs (1989), o modelo tem uma utilidade **descritiva e preditiva limitada**, o mesmo podendo afirmar-se, quanto à elaboração de **hipóteses**, justamente porque se situa, a um nível muito geral. Efectivamente, a redução da variabilidade dos termos-traços a alguns factores principais e independentes não optimiza a nossa capacidade de prever cri-

térios importantes, dado o nível de generalidade, a que se situa[145]. Cremos que esta crítica já foi ultrapassada pelos inúmeros estudos sobre a relação entre os cinco factores e outras variáveis (*cf.* subcapítulo 2.4. sobre a abrangência do modelo). Salvaguardemos, por outro lado, que o modelo só parecerá geral, se considerarmos apenas os cinco factores e não a sua estrutura hierárquica, com os cinco factores no topo e as facetas mais específicas na base. A literatura atesta, aliás, que é ao nível mais específico que surgiram as distinções mais subtis e as hipóteses mais interessantes e testáveis. Por exemplo, a distinção entre conceitos, como a hostilidade neurótica e a antagonista[146] (Costa, McCrae, & Dembroski, 1989) e entre a timidez e a sociabilidade (Cheek & Buss, 1981; Briggs, 1988), só se torna clara na análise das facetas que compõem cada um dos cinco factores.

Podemos então concluir pela não muita pertinência da crítica atrás referida e sublinhar que as hipóteses desenvolvem-se e testam-se, sobretudo, ao nível dos constructos e escalas mais específicos e não ao nível dos factores.

• Relacionada com a predictibilidade, encontra-se outra limitação do modelo que é, segundo McAdams (1992), a sua incapacidade de proporcionar **explicações causais** para o comportamento e para a experiência humana. Na mesma linha, Costa e McCrae (1992) fazem referência à dificuldade de determinar os efeitos causais das diferentes dimensões. Por exemplo, a constatação de que existe uma correlação positiva entre a Abertura à Experiência elevada e o facto dos sujeitos mudarem, mais frequentemente, de profissão deve-se a que a primeira variável influencia a segunda, ou vice-versa?

Evidentemente que esta limitação – a dificuldade de inferências causais – advém da própria natureza dos estudos correlacionais e só é possível ser contornada com outro tipo de abordagem estatística e metodológica.

Mas estas suas críticas são, essencialmente, viradas para o FFM, enquanto estrutura de traços genotípicos da personalidade ou agentes causais básicos (objectivo que une Cattell, Eysenck, Costa e McCrae e o próprio Block). Ora, segundo Goldberg e Saucier (1995, p. 222), "a formulação do FFM dos atributos fenotípicos resultou do objectivo, mais modesto, de descobrir um enquadramento para organizar os milhares de termos do léxico das línguas do mundo, que se referem a diferenças individuais nos atributos da personalidade".

• McAdams (1992), nas seis limitações que encontra no FFM, inclui ainda a **incapacidade do modelo para lidar com os aspectos principais**

---

[145] McAdams (1992) inclui nas suas críticas ao modelo a incapacidade deste prever comportamentos específicos e para descrever, adequadamente a vida das pessoas.

[146] Esta distinção será discutida no capítulo dedicado ao NEO-PI-R.

do funcionamento da personalidade, para além do nível[147] dos **traços**. Aliás, este aspecto já havia sido referido por Allport (1937, p. 303), ao escrever: "A comparação interindividual é apenas um dos objectivos da psicologia da personalidade. Contudo, compreender o caso individual e determinar as leis do seu desenvolvimento são objectivos tão legítimos e até mesmo mais importantes[148]".

Nesta linha de ideias, Block (1995b, p. 229) propõe que se façam esforços no sentido "de proporcionar concepções definidoras de sistemas teóricos sérios e testáveis, acerca de como e porquê a personalidade do indivíduo se desenvolve ao longo do tempo e funciona no momento. Refiro-me a trabalhos sobre a dinâmica da adaptação afectiva, regulação dos sistemas perceptivo/ cognitivo/ e de acção e entrelaçamentos motivacionais dentro do indivíduo, por autores como Bischof (1975), Block (1982), Kuhl e Kraska (1989) e Rogers (1959). Estes esforços fragmentários ilustram diferentes maneiras de conceptualizar heuristicamente aquilo que designámos por sistemas dinâmicos, ou funções executivas, que modulam a activação afectiva, a resolução afectiva (de conflitos internos) e comportamentos respectivos".

McAdams (1992) sintetiza a sua opinião sobre o modelo dos cinco factores, dizendo que este se inclui dentro de uma perspectiva, que ele designou por "psicologia do estranho" (*"psychology of the stranger"*), visto proporcionar informações sobre as pessoas, que necessitamos de saber quando não sabemos nada sobre elas. O modelo é, por conseguinte, importante no estudo da personalidade, mas não é **o** modelo integrativo da personalidade. Assim, são as existências concretas e singulares que constituem, constantemente, o maior desafio às nossas construções teóricas.

Efectivamente, os defensores do modelo, como McCrae e Costa (1990), têm consciência desse limite, ao defenderem a importância do estudo de outras variáveis, tais como os processos. Pensamos, no entanto, que eles objectariam contra esta crítica, dizendo que o modelo não tem como objectivo ou aspiração, a compreensão de outros constructos personológicos a outros níveis de análise.

• Outra crítica, igualmente apontada por McAdams (1992), refere que o modelo não tem em conta a **natureza contextual e condicional** dos seres humanos. Esta opinião encontra eco em Kroger e Wood (1993), que sustentam que seria importante que os defensores do FFM dessem ouvidos às reivindicações dos constructivistas sobre a personalidade. Ora, o constructivismo afirma, segundo Labouvie-Vief (1981), que o desenvolvi-

---

147 Alguns autores (Angleitner, Ostendorf, John, 1990; Briggs, 1992) consideram mesmo que o FFM pertence a um nível de descrição médio (*middle range*) da personalidade.

148 A este propósito, Digman (1990) considera que o facto das impressões dos observadores poderem ser expressas, em termos de cinco factores, é uma coisa, mas responder à questão do porquê — porquê cinco, porquê estes cinco — é outra.

mento individual é, sobretudo, o resultado de uma resposta activa ao desafio colocado pelo ambiente. Gergen (1985) sintetiza os principais pressupostos do constructivismo social, afirmando que: em primeiro lugar, o conhecimento do mundo é, sobretudo, a forma como compreendemos o mundo; em segundo lugar, os termos com que ele é compreendido são artefactos sociais, fruto do intercâmbio entre pessoas, num determinado contexto histórico. Acrescenta que a prevalência de determinada forma de compreensão, ao longo do tempo, depende das vicissitudes do processo social e finalmente, que a compreensão do mundo tem uma importância crítica na vida social, visto estar relacionada com muitas outras actividades, em que as pessoas se envolvem.

Consequentemente, o FFM deveria, segundo os autores desta crítica, integrar ou, pelo menos, ter em consideração, as variáveis contextuais. A proposta teórica apresentada por McCrae e Costa (1996), ao realçar os processos, vai neste sentido (*cf.* subcapítulo 2.3 sobre a fundamentação do modelo).

• Ao manifestar a sua admiração contida e aceitação reservada do modelo, Briggs (1989) refere que, embora a investigação nesta área seja promissora e recolha já bastantes adeptos, o certo é que ainda não é muito clara nem directa a relação entre os traços e a estrutura profunda, ou melhor, **neurofisiológica** das tendências humanas. Aliás, uma das ironias em relação ao consenso crescente, no que toca à linguagem descritiva dos traços, é a correspondente falta de acordo, em torno da realidade dos traços, enquanto tendências duradouras ou, enquanto realidades neurofisiológicas. Se existem regularidades na cognição, na afectividade ou no comportamento, supõe o autor supracitado, elas deveriam estar representadas, ou codificadas, de qualquer forma, no cérebro humano, pois, de acordo com a famosa frase de Murray, "*no brain, no personality*" (1951). Daqui, a suspeita de Briggs (1989), segundo a qual, os termos/traços são ficções convenientes pelas quais comunicamos uns com os outros: resta observar como elas se relacionam com a realidade das tendências-traços ou o substracto neurofisiológico.

Em suma, esta problemática – das bases biológicas da personalidade – é um tema recorrente em Psicologia e que continua a necessitar de clarificação. Contudo, é encorajador observar que uma das linhas de desenvolvimento dos traços em geral, na sua versão moderna, descrita por Krahé (1992), prende-se com a exploração das bases genéticas dos mesmos.

• Uma última limitação tem a ver com o facto dos trabalhos desenvolvidos noutras línguas não fazerem distinção entre a **replicação** e a **redescoberta** dos cinco factores. Briggs (1989), advertindo que a identificação das cinco dimensões, noutras línguas, pode dever-se, simplesmente, à presença destas nos instrumentos traduzidos, recomenda que se deve começar pela análise dos traços do dicionário, como Yang e Bond fizeram, re-

centemente (1989).

Pensamos, no entanto, que esta crítica tende a perder a sua pertinência com a proliferação de investigações com outras línguas (*cf*, subcapítulo 2.4.4 sobre a extensão do modelo a outras culturas e línguas).

Neste subcapítulo, fizemos referência às principais críticas ao modelo. Recorde-se que elas colocam as seguintes questões: cinco factores é o número apropriado, ou são necessários mais ou menos? Qual a designação apropriada para os Cinco Grandes? Qual a divisão correcta dos cinco factores em subfactores? Será que os cinco factores são realmente compreensivos? Será pertinente a utilização das hetero-avaliações? Serão os traços artefactos cognitivos? O FFM pode ser considerado uma teoria científica? A análise factorial, na base da extracção dos factores, é um método credível? É um modelo útil na prática clínica? Tem uma utilidade descritiva e preditiva adequada? O modelo tem relevância para estudar a personalidade, para além do nível dos traços? Tem em conta os aspectos contextuais e condicionais do comportamento? Finalmente, os estudos interculturais redescobrem efectivamente os cinco factores?

Com base na contra-argumentação a estas limitações, podemos concluir que algumas das críticas expostas foram ultrapassadas, nomeadamente, que o número de cinco parece ser aquele que tem mais base empírica, que estes permitem uma análise compreensiva da personalidade, que têm uma utilidade preditiva e descritiva importante, que o modelo tem implicações de relevo na prática clínica, que as hetero-avaliações são um método útil na sua validação e que os estudos interculturais redescobrem, efectivamente, os cinco factores. No entanto, outras limitações, continuam em aberto, fazendo apelo a mais investigações e reflexões. É o caso de questões, tais como a subdivisão do modelo e o seu desenvolvimento teórico e a consideração das variáveis processuais, contextuais e constructivas.

São sem dúvida, plausíveis as sugestões de Block (1995) de não nos **restringirmos** ao modelo, mas de adoptarmos outras formas de estudar a personalidade. Em particular, são de apoiar as suas recomendações de que na compreensão do domínio se aliem à análise factorial outras fontes de conhecimento e análise; de que os psicólogos da personalidade não limitem a sua reflexão e investigação, considerando apenas aquilo que é, ou será conveniente, a partir de auto e hetero-avaliações, mas que "se virem, ou revirem, para formas mais complicadas e complexas de estudar as pessoas, por exemplo, observações comportamentais, medidas psicofisiológicas, diferenças individuais em contextos situacionais padronizados, acumulação de factos de vida sobre as pessoas a estudar, entrevistas verdadeiramente íntimas, e o estudo longitudinal do desenvolvimento da personalidade" (Block, 1995, p. 209). De recomendar é, finalmente, a utilização da linguagem, de uma forma mais criteriosa, razoável, responsável e adequada a 'especialistas'.

Tudo isto é de apoiar, sem dúvida, mas não se vê razão para negar

ao modelo a adesão a que lhe dá direito a evidência empírica a seu favor. Costa e McCrae (1995), embora concordando com estas sugestões sublinham que tem havido progressos na direcção apontada pelo autor supracitado.

2.7 Conclusões: o OCEAN

Como vimos, a popularidade actual do modelo deve-se, em grande parte, aos inúmeros trabalhos empíricos e publicações, em torno do mesmo, mas, também às suas críticas (directas – ao FFM – ou indirectas – à teoria dos traços). Sem conseguirem abalá-lo, nos seus próprios fundamentos, tais críticas apontam para um certo número de reais limitações.

Muitas destas críticas estão, como foi referido, pelo menos em parte ultrapassadas. No entanto, algumas delas, continuam a requerer e a suscitar mais investigação e reflexão. Nomeadamente, o modelo beneficiaria, para autores, como Block (1995), da utilização de formas de análise mais complexas de estudar as pessoas, para além da análise factorial e a utilização de uma linguagem conceptual mais elaborada e consensual. Por outro lado, a aceitação do modelo não implica que nos cinjamos a ele. Benéfico, muito pelo contrário, é que abundem formas alternativas e criativas de estudar a personalidade.

Acresce que muitas das divergências (*e.g.*, interpretação e designação dos factores) são, em parte, fruto de condicionalismos históricos, nomeadamente, dos cinco factores terem sido encontrados em estudos lexicais e em investigações com questionários. Resultou dos primeiros o *'Big Five model'*, que se assume, sobretudo, como um modelo descritivo. Das segundas derivou, o *'five-factor model'*, que se apresenta como um modelo explicativo, em que os traços são constructos hipotéticos com base biológica. Este último é, sobretudo, defendido por Costa e McCrae que opinam que estes traços interagem com o meio, produzindo as adaptações características. Apesar das diferenças entre estas duas versões as semelhanças são mais notórias que as diferenças. Na metáfora de Peabody e Goldberg (1989, p.565), o modelo seria uma peça de música clássica, com um tema e variações sobre o mesmo.

Muito embora Costa e McCrae (1995) e Goldberg e Saucier (1995) considerem que grande parte das apreciações críticas do FFM são leituras parciais e tendenciosas dos dados, eles próprios não defendem que o modelo seja a última palavra[149], mas um bocado de 'terra firme' no estudo da

[149] Jocosamente, Block (1995) comenta esta afirmação, interrogando-se sobre a direcção em que os autores esperam mudanças e progressos no FFM.

personalidade, a ponta do iceberg das diferenças individuais (*"a tip of the iceberg of individual differences"*; Halverson, 1994), "um modelo útil, uma taxinomia adequada às necessidades duma jovem ciência" (*"a serviceable model, a taxonomy adequate for the needs of a young science"*, Costa & McCrae, 1995, p. 217). Por conseguinte "o modelo dos *Big Five* não está ainda completamente elaborado, nem é perfeita a evidência a seu favor. É, no entanto, o mais compreensivo e parcimonioso..." (Goldberg & Saucier, 1995, p.221). Neste sentido é que John (1990, p.96) utilizou a bonita metáfora de *OCEAN*[150], querendo com ela significar que o FFM abarca o oceano das dimensões da personalidade.

O modelo dos cinco factores da personalidade que enquadra teoricamente o Inventário de Personalidade – NEO-PI-R (objecto do capítulo 3) é, por conseguinte, uma das mais debatidas propostas no domínio da psicologia da personalidade na idade adulta. Com raízes na hipótese lexical, nos *insights* de Sir Francis Galton, na antevisão de Thurstone sobre a estrutura da personalidade, no legado de Cattell e nas análises seminais de Tupes e Christal, surge (ou melhor reaparece), num momento histórico, em que a psicologia da personalidade já tinha exaustivamente debatido as suas críticas e explorado algumas das alternativas propostas. Apesar da sua longa e conturbada história o modelo é, no presente, um conjunto útil de dimensões das diferenças individuais, que podem ser medidas com grande precisão e validade, proporcionando uma boa resposta à questão da estrutura da personalidade (Digman, 1990; Hogan, 1985; John, 1989; McCrae & Costa, 1989) e às solicitações de várias áreas da psicologia.

O modelo dos cinco factores, cuja crescente aceitação tem marcado inegável e profundamente o estudo científico da personalidade, é uma versão da teoria dos traços que considera que as diversas expressões comportamentais podem ser sintetizadas em cinco dimensões básicas: Extroversão, Neuroticismo, Amabilidade, Conscienciosidade e Abertura à Experiência.

A robustez do modelo reside, sobretudo, na sua fundamentação empírica. Efectivamente, as cinco dimensões, ao atravessarem as fronteiras dos métodos e dos observadores, ao persistirem ao longo do tempo, ao aparecerem na generalidade dos instrumentos derivados de fontes teoricamente diferentes, e ao discriminarem entre medidas de personalidade e outras aptidões, como a cognitiva, proporcionam, uma linguagem comum, através da qual, diferentes resultados podem ser integrados, e a base para uma análise mais sistemática de novas escalas propostas e para a avaliação compreensiva dos sujeitos. O modelo pode ainda servir de ponte entre o psicólogo social e o da personalidade, assim como entre o cientista e o leigo, quando confrontado com a descrição da personalidade, ou seja, pode constituir um elo de comunicação, uma linguagem, que congrega os dife-

---

150 As cinco letras da palavra inglesa *OCEAN* correspondem às iniciais dos *Big Five*.

rentes investigadores. Baseando-se naquilo que foi sedimentado na linguagem de todos os dias e naquilo que foi sistematizado por diversas taxinomias da personalidade, pode reduzir a distância entre disciplinas e a variabilidade entre diferentes avaliadores.

Apesar da sua fundamentação empírica e estatística ser suficiente para o adoptar, nem que seja, como uma ferramenta, um contexto, ainda que inicial, para a descrição compreensiva da personalidade, a proliferação recente de perspectivas teóricas sobre o FFM veio enriquecer a proposta, lançando-o para o centro das discussões sobre a personalidade e situando-o contextualmente. Estas novas tendências, a precisar de refinamentos, vieram realçar que as teorias futuras sobre a personalidade, mesmo que não tenham como fulcro os cinco factores, têm que, certamente, os incluir.

O modelo acarretou diversas implicações para alguns dos tópicos principais da psicologia da personalidade e da psicologia da idade adulta. Nomeadamente, no que concerne à estrutura da personalidade, representa uma taxinomia consistente e compreensiva, face ao caos conceptual que aí reinava, oferecendo uma solução conciliadora, que organiza e categoriza a multiplicidade de conceitos existentes. Finalmente, no que respeita à polémica questão da mudança na personalidade do adulto apresenta muitos dados empíricos que sublinham, particularmente, a constância. Mas se a avalanche de dados, neste sentido, é impressionante, no nosso entender, a flexibilidade da personalidade só pode ser compreendida, tendo em conta também o seu potencial de mudança, aliás, documentada por outras linhas de investigação. Efectivamente, a evolução parece ser formatada, de tal forma que possuímos uma certa dose de constância, no desenvolvimento, mas também um considerável potencial para mudança. Os cinco factores devem então ser compreendidos a um determinado nível de análise da personalidade, no qual, no entanto, a estabilidade relativa dos cinco factores permitiu, estudos minuciosos sobre as implicações do modelo para a prática psicológica. Através da compreensão das diferenças individuais, avaliadas através dos cinco factores, podemos prever carreiras, consequências de determinados percursos existenciais, e a capacidade de adaptação a ameaças, perdas, e desafios da vida adulta, como veremos mais pormenorizadamente no capítulo seguinte.

◇

Claude Bernard (1865), há já algumas décadas, sublinhou que não há teorias falsas, nem teorias verdadeiras, há, sim, teorias fecundas e teorias estéreis. Pensamos que o modelo aqui debatido se inclui no grupo das ferramentas fecundas. Podemos então dizer, à maneira de epílogo, que, na actualidade, o modelo é um dos temas mais referenciados, discutidos e, sem dúvida, propulsores do desenvolvimento nesta área. Propulsor, visto ter levado à reflexão e ao questionamento de alguns aspectos centrais para

a compreensão da psicologia da personalidade.

Um destes domínios foi, sem duvida, o da avaliação. Neste sentido é que dois dos principais defensores do modelo (Costa & McCrae) propõem o NEO-PI-R – objecto de análise aprofundada do próximo capítulo.

II
Aferição do NEO-PI-R

Capítulo 3
O NEO-PI-R

Capítulo 4
O estudo-piloto

Capítulo 5
Estudo definitivo

Capítulo 3 O NEO-PI-R

História do NEO-PI-R

Material do teste e sua utilização

Administração e cotação

Conceptualização e interpretação

Desenvolvimento e Validação

Aplicações

Avaliação crítica

Capítulo 3. O NEO-PI-R

"Para propor constructos científicos, não devemos apenas apelar para a razão científica; devemos também libertar a imaginação científica" (McCrae, 1992, p.50).

Depois de nos termos referido à contextualização do modelo dos cinco factores, no âmbito do panorama actual da psicologia da personalidade e de termos procedido à descrição pormenorizada do referido modelo passaremos a apresentar, na segunda parte desta dissertação o instrumento que o operacionaliza – o NEO-PI-R – e os dados relativos à sua aferição para a população portuguesa.

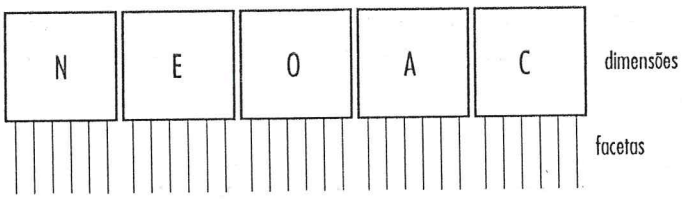
O Inventário da Personalidade NEO Revisto (NEO-PI-R) é um instrumento com profundas raízes no labor de gerações de psicólogos da personalidade. Assim é que, ao mesmo tempo que é inovador, incorpora um modelo conceptual baseado em décadas de investigação sobre a estrutura da personalidade. As escalas, propriamente ditas, foram desenvolvidas e aperfeiçoadas, através de uma combinatória de métodos teórico-racionais e de análise factorial, e têm sido objecto de intensa investigação, ao longo de mais de 15 anos de estudos com amostras clínicas e com adultos 'normais'.

O modelo subjacente a este inventário – o modelo dos cinco factores – é, como já vimos, uma representação dimensional da estrutura da personalidade, que tem vindo a despertar o interesse dos psicólogos da personalidade.

Neste capítulo, fazemos referência aos diferentes momentos da construção do inventário, assim como ao seu desenvolvimento e validação, ao material que o compõe e sua utilização, administração e cotação; descrevemos os seus diferentes domínios e facetas; e indicaremos as suas múltiplas aplicações. As investigações existentes a este respeito representam, segundo os seus autores, evidência a favor da validade, compreensividade, universalidade, hereditabilidade, e estabilidade longitudinal dos factores (ou dimensões) do modelo operacionalizado através do NEO-PI-R, bem como da qualidade psicométrica do referido inventário. Trata-se de apresentar neste capítulo o instrumento utilizado na investigação empírica, objecto da segunda parte deste trabalho.

O NEO-PI-R é uma medida das cinco principais dimensões, ou domínios, da personalidade, assim como de algumas das facetas ou traços que definem cada um dos domínios (quadro 3.1). Em conjunto, as cinco

escalas dos domínios (N: Neuroticismo, E: Extroversão, O: Abertura à Experiência, A: Amabilidade e C: Conscienciosidade)[1] e as trinta escalas das facetas permitem uma avaliação compreensiva da personalidade adulta (ver no Anexo 1 a descrição sumária das dimensões e facetas). Este instrumento elaborado por Costa e McCrae, em 1992, constitui a última versão da revisão do NEO-PI.



Quadro 3.1 As cinco dimensões e respectivas facetas

3.1. História do NEO-PI-R

O NEO-PI-R começou a ser construído, em 1978, sendo, então, concebido como o Inventário NEO – um conjunto de 3 domínios de 18 escalas de facetas, medindo cada uma traços relacionados com N, E, e O. Efectivamente, um exame exaustivo da literatura levou à identificação de 6 facetas para representar os 3 domínios principais (N, E, e O). Em 1983, foram adicionadas escalas breves com 18 itens, para medir A e C e, em 1985, o instrumento foi publicado com o título de Inventário de Personalidade NEO[2] *(NEO Personality Inventory*; abreviadamente, NEO-PI), contendo 181 itens. Em 1989, foram realizadas algumas melhorias nalguns itens do NEO-PI, mas o inventário, no geral, permaneceu o mesmo. Em 1990, foram completadas as escalas para as facetas A e C, tendo sido também efectuadas algumas alterações menores nos itens originais de N, E e O, de onde resultou a última versão da revisão do NEO-PI – o Inventário de Personalidade NEO-Revisto (*NEO Personality Inventory - Revised,* ou NEO-PI-R), publicado com o Manual respectivo (Costa & McCrae, 1992).

No início do seu trabalho de construção do instrumento, Costa e McCrae estavam interessados nas mudanças estruturais da personalidade com a idade. Mas, para responderem a esta questão tiveram necessidade

---

[1] Podemos sintetizar o significado dos domínios, através das seguintes dicotomias: Extroversão (retraído-sociável; cauteloso-aventureiro); Neuroticismo (calmo-ansioso; seguro-inseguro); Amabilidade (antagonista-generoso); Conscienciosidade (irresponsável-responsável; desorganizado-organizado); Abertura à Experiência (convencional-original).

[2] A expressão NEO tem, segundo os autores, dois sentidos: aglutina as iniciais das dimensões N, E, e O, e faz referência ao carácter inovador do questionário.

de averiguar qual o número correcto de factores e a sua rotação apropriada. Decidiram optar por uma solução parcimoniosa – um modelo trifactorial – que, no entanto, já representava um passo em frente, em relação ao modelo trifactorial proposto por Eysenck (Extroversão, Neuroticismo, Psicoticismo), na medida em que incluía uma nova dimensão. Esta – a Abertura à Experiência – já se encontrava presente nas escalas de Inteligência, Sentimento (*Tender-minded)*, Imaginação e Pensamento Liberal do 16PF (Costa & McCrae, citado por Briggs & Cheeks, no prelo), tendo sido retirados do *Experience Inventory*[3] (Costa & McCrae, 1978) a maioria dos itens para a medir.

Data	Designação	Dimensões das	nº de itens
1978	NEO	N E O	144
1983/85	NEO-PI	N E O A C	181
1990/92	NEO-PI-R	N E O A C	240

Quadro 3.2 História do NEO-PI-R

Na construção do inventário, foram administrados às amostras[4] do *Augmented Baltimore Longitudinal Study of Aging* (ABLSA, Costa & McCrae, 1988; num total de 586 sujeitos) e do *Stress* (com 64 sujeitos) um total de 265 itens (para avaliar os três domínios e suas 18 facetas = 6 facetas x 3 domínios). Quando as referidas 18 facetas foram intercorrelacionadas e sujeitas a análise factorial, emergiram os hipotéticos factores N, E e O, tendo cada uma delas a sua saturação máxima no factor adequado e comprovando, assim, o modelo básico operacionalizado no inventário. De seguida, os itens foram analisados, separadamente, ao nível de cada um dos três domínios. Para seleccionar os itens que mais se adequavam à estrutura factorial, foram rodados seis factores (correspondentes às seis facetas de cada domínio), usando o método ortogonal de Procusta (Schoneman, 1966). Dos itens, a *priori* representativos de cada faceta, foram seleccionados os oito que, empiricamente, melhor se agrupavam, ao mesmo tempo que mantinham o equilíbrio entre itens formulados na positiva e na negativa. O questionário resultante desta análise[5] foi o Inventário NEO (NEO *Inven-*

[3] Este inventário foi construído por Coan (1972); para mais informação, ver nota de rodapé 19, cap.3, II parte.

[4] As amostras utilizadas na construção do inventário serão descritas, com mais pormenor, no subcapítulo 3.5.1.

[5] Esta estratégia de selecção dos itens, composta por duas fases, teve um duplo objectivo: 1º) assegurar que todos os itens medissem um aspecto do domínio principal para o qual foram destinados; 2º) proporcionar, dentro destes domínios, uma discriminação máxima entre escalas de facetas, teoricamente, distintas. Dado as facetas do NEO-PI terem sido desenvolvidas, o mais possível, para diferenciar traços, no interior de cada domínio, a intercorrelação média entre elas tende a ser pequena. Daí resulta que a utilização de amostras pequenas pode obscurecer a estrutura factorial secundária (ou seja, a existência de 18 factores, correspondentes às

tory; Costa & McCrae, 1978; versão de 144 itens, ou seja, 3 factores x 6 facetas x 8 itens por faceta = 144).

As mudanças sucessivas levadas a cabo no inventário tiveram como finalidade melhorar a consistência interna e a validade de diversas escalas das facetas (Costa, McCrae & Dye, 1991). Tais mudanças foram, no entanto, bastante parcimoniosas, porque o teste já tinha sido largamente validado. Assim, novos itens[6] só substituíam os antigos, no caso das suas correlações com o domínio ou faceta respectiva serem mais elevadas do que as originais (Costa, McCrae & Dye, 1991). Ao aumentar-se de 18 itens, representativos dos domínios A e C do NEO-PI, para os 48 das escalas de facetas de A e C, do NEO-PI-R, os itens originais foram distribuídos entre as novas facetas. Todos os itens da escala antiga de C foram retidos, mas três de A foram substituídos.

DOMÍNIOS	Facetas do ABERTURA
N: Neuroticismo	O1: Fantasia
E: Extroversão	O2: Estética
O: Abertura à Experiência	O3: Sentimentos
A: Amabilidade	O4: Acções
C: Conscienciosidade	O5: Ideias
Facetas do NEUROTICISMO	O6: Valores
N1: Ansiedade	Facetas da AMABILIDADE
N2: Hostilidade	A1: Confiança
N3: Depressão	A2: Rectidão
N4: Auto-consciência	A3: Altruísmo
N5: Impulsividade	A4: Complacência
N6: Vulnerabilidade	A5: Modéstia
Facetas da EXTROVERSÃO	A6: Sensibilidade
E1: Acolhimento caloroso	Facetas da CONSCIENCIOSIDADE
E2: Gregariedade	C1: Competência
E3: Assertividade	C2: Ordem
E4: Actividade	C3: Dever
E5: Procura de Excitação	C4: Esforço de realização
E6: Emoções Positivas	C5: Auto-Disciplina
	C6: Deliberação

Quadro 3.3 Domínios e Facetas avaliadas pelo NEO-PI-R

18 facetas). Em amostras com um número de sujeitos maior do que 300, a estrutura referida é, segundo os autores, mais facilmente reencontrada.

[6] Adoptando este procedimento, 10 itens foram substituídos: dois nas escalas de Hostilidade, Gregariedade e Assertividade, e um nas de Actividade, Procura de Excitação, e Abertura aos Sentimentos e Acções. Estas mudanças resultaram numa estrutura factorial mais clara que, embora não alterasse a validade da escala original, necessitava de novos dados normativos. As correlações entre as escalas originais e as revistas vão de .93 a .95.

O NEO-PI-R supera, por conseguinte, o NEO-PI (e este o *NEO Inventory*) que, como já vimos, tinha escalas bem estudadas, para medir as facetas de Neuroticismo, Extroversão e Abertura à Experiência, mas só escalas globais, para medir a Amabilidade e Conscienciosidade. A estas foram adicionadas escalas, para medir as facetas respectivas, escalas essas, implicitamente, sugeridas pelo modelo hierárquico (domínios e facetas) no qual o NEO-PI foi baseado e, explicitamente prometidas, no Suplemento do Manual (Costa & McCrae, 1989). No quadro 3.2. podemos observar os diferentes momentos de construção do NEO-PI-R.

Até à data, o NEO-PI-R tem sido bastante utilizado, segundo Costa e McCrae (1992), no contexto da investigação e da clínica. Reconhecem os seus autores as vantagens de ele permanecer inalterado[7] durante alguns anos, permitindo, assim, constituir um arquivo razoável de dados. Neste sentido, esperam que as inovações relacionadas com o inventário se prendam, sobretudo, com as suas aplicações e não se verifiquem tanto, ao nível dos itens, folhas de resposta e normas. No quadro 3.3. apresentam-se os domínios e facetas do NEO-PI-R, que serão descritos, mais adiante (*cf.* Anexo 1).

3.2. Material do teste e sua utilização

O material do NEO-PI-R consiste no Manual Profissional (Costa & McCrae, 1992), em cadernos reutilizáveis com os itens para a forma S e a forma R, folhas de respostas de cotação manual e mecânica[8], folhas de perfil e folhas com *"O Seu Sumário NEO-PI-R"* (*"Your NEO Summary"*)[9](Anexo 2). Este fornece uma descrição abreviada da personalidade nos cinco factores (ou seja, fornece um *feedback* e um *insight* a sujeitos situados em contextos clínico e educativo e, estímulo para os indivíduos em contexto de investigação)[10].

---

[7] Os autores não querem com isto dizer que um instrumento deva estagnar. Eles são defensores de que ele se deva aperfeiçoar, de acordo com as investigações realizadas, a seu respeito.

[8] O NEO-PI-R pode também ser administrado, cotado, e até interpretado, por computador.

[9] O *"Seu Sumário NEO-PI-R"* foi avaliado, a partir de uma amostra de 44 estudantes universitários (Costa & McCrae, no prelo). Todos os estudantes consideraram que a folha era fácil de compreender e as descrições se apresentavam "muito" ou "bastante precisas", confirmando a auto-imagem da generalidade dos sujeitos. Todos os estudantes apreciaram receber *feedback* dos seus questionários, e ninguém o considerou perturbador. Estudos subsequentes confirmam estes resultados. Sublinhe-se, no entanto, que este sumário é, só por si, um fraco substituto do "Perfil Interpretativo", possível de elaborar, a partir das escalas do NEO-PI-R.

[10] No entanto, Dolliver (1991) avalia criticamente *"O Seu Sumário NEO-PI-R"*, não lhe parecendo suficiente que ele tenha sido validado apenas com base na opinião de 44 alunos, chamando a atenção para o bem conhecido facto de que,

Como acaba de sugerir-se, existem duas versões do NEO-PI-R: a forma S, para auto-avaliação e a forma R, para avaliação por observadores. Ambas as versões exigem um nível de leitura de, pelo menos, 6 anos de escolaridade.

A forma S consiste em 240 itens, aos quais se responde, numa escala de cinco pontos[11]. É auto-administrada e é indicada, a partir dos 17 anos de idade.

A forma R tem 240 itens paralelos aos da anterior, escritos na terceira pessoa e destinados à avaliação por colegas, esposos, ou especialistas. Pode ser utilizada, para obter estimativas independentes sobre os cinco domínios da personalidade e para validar ou complementar as auto-avaliações (Costa & McCrae, 1992).

Recentemente, McCrae (1993) propôs, a partir da utilização do NEO-PI-R, um índice de acordo (*Profile Agreement*) e o respectivo coeficiente, para avaliar o acordo inter-observadores sobre o perfil da personalidade do sujeito. No cálculo deste índice, têm-se em consideração as diferenças entre as cotações e o valor extremo da média.

A folha de respostas manual é composta por duas partes. A primeira (com papel químico no verso, de forma a que o item assinalado com um círculo fique com a pontuação impressa na folha seguinte) contém um espaço para colocar a informação demográfica, local para assinalar as 240 respostas e, no final, três itens (A, B e C), que servem para confirmar a validade das respostas dos sujeitos. A segunda parte da folha de respostas contém a chave dos 240 itens (de molde a facilitar a cotação) e local para colocar a pontuação total das facetas e dos domínios, sendo apenas acessível, depois de destacada da primeira folha por um picotado.

As folhas de perfil são úteis para a interpretação dos resultados e permitem a conversão dos dados brutos em pontuações T[12]. A partir des-

---

quando as pessoas são interpeladas acerca da informação, que lhes é dada sobre o seu teste, tendem a concordar, se aquela for feita por alguém que consideram especialista. Consequentemente, para validar a informação de retorno, fornecida através do *"O Seu Sumário NEO-PI-R"*, seria necessário, segundo o autor supracitado, dar, pelo menos, algum *feedback* falso aos sujeitos para ver se eles continuavam a concordar com a opinião dos testadores.

Este fenómeno tem sido estudado na psicologia social, sob a designação de *Barnum effect*. A este respeito, Leyens (1985, p.129) refere "a partida inteligente que Ulrich e colaboradores (1963) pregaram aos seus alunos. Pediram a 57 deles para responderem a um teste de personalidade; seguidamente, deram, por escrito, a cada um as conclusões da sua investigação. Cinquenta e três estudantes declararam que as conclusões eram excelentes, três atribuíram-lhes um valor médio, um considerou-as medíocres, mas ninguém as considerou más... Contudo, eram idênticas para os 57 alunos...".

[11] As respostas são dadas numa escala de Lickert, com opções, desde o *discordo fortemente* ao *concordo fortemente*, de maneira a permitir um leque mais diferenciado do que o formato *verdadeiro/falso*.

[12] Como indica o texto, a pontuação T (*T score* ou *uppercase T*) é uma forma de expressar um desvio da média. À média corresponde o valor 50 e, ao desvio-pa-

tas, é possível desenhar um gráfico do perfil do sujeito, de maneira a ter um esquema visual das suas pontuações. Existem três folhas de perfil, com cores diferentes: uma, com as normas para adultos da forma S; outra, com as normas para adultos da forma R e outra, para jovens adultos, com idade universitária. Um dos lados dessas folhas é utilizado para os sujeitos de sexo feminino e o outro para os de sexo masculino. As folhas de perfil para adultos são destinadas a sujeitos com idades iguais ou superiores a 21 anos. As folhas para sujeitos com idade universitária são destinadas a jovens entre os 17 e os 20 anos, frequentem ou não a universidade (Costa & McCrae, no prelo).

3.3. Administração e cotação

O NEO-PI-R destina-se a ser utilizado com sujeitos de 17 ou mais anos de idade, desde que não sofram de perturbações como, por exemplo, psicose e demência, e que estejam aptos a completar medidas de auto-avaliação, de forma fiel e válida (Costa & McCrae, 1992).

Pode ser administrado, individualmente, ou em grupo. O local de aplicação deve ser confortável, livre de distracções e com luz adequada, de forma que circunstâncias exteriores, relativas ao local e ao contexto da sua realização, não interfiram no desempenho do sujeito examinado. São também requeridos uma superfície plana, como uma mesa, e um lápis, para o examinando poder escrever.

Depois do sujeito ler as instruções, o examinador deve certificar-se de que não existem dúvidas e iniciar o sujeito na tarefa, de forma a reduzir a possibilidade de incorrecta colocação das respostas, por não compreensão das instruções.

Não existe limite de tempo, para completar o questionário. A maioria das pessoas demora 30 a 40 minutos. No entanto, os idosos e os sujeitos com nível escolar pouco elevado podem precisar de mais tempo.

Há, contudo, procedimentos de administração alternativos aos padronizados, a utilizar quando as circunstâncias o exigem. Assim, o teste pode ser preenchido em casa ou, então, os examinadores podem ajudar a ler e a preencher o mesmo, quando existirem dificuldades visuais ou de leitura, sem que haja perca de validade (Costa & McCrae, 1986).

No final do preenchimento do inventário, convém confirmar se o sujeito respondeu a todas as questões. Se este tiver dúvidas na resposta a um item ou não o compreender, deve optar pela resposta neutra.

Se o examinando não tiver respondido a todas as questões e já não puder ser contactado pelo examinador, este deve determinar se os dados são susceptíveis de ser cotados e interpretados com validade. O NEO-PI-R

---

drão, o valor 10. Assim, um T *score* de 80 é igual a três desvios-padrões acima da média e uma pontuação T de 40 é igual a um desvio-padrão abaixo (Vogt, 1993).

não deve ser cotado, se faltarem 41 respostas ou mais. Se não for este o caso, os dados omissos devem, então, ser assinalados como respostas neutras. Uma alternativa, a utilizar em investigações com amostras grandes, consiste em colocar a média do grupo para aquele item, no lugar da resposta omissa (Costa & McCrae, 1992).

As pontuações por facetas devem ser interpretadas com cautela, se mais de três itens de qualquer delas não tiverem obtido resposta.

Os itens A, B e C (*validity checks*), presentes na folha de resposta, proporcionam uma confirmação da validade das respostas e ajudam a verificar se os sujeitos responderam com precisão, e na totalidade, a todas as questões. O item A pergunta se o sujeito respondeu a todas as questões, de forma honesta e rigorosa. Cerca de 99% dos sujeitos voluntários, examinados por Costa e McCrae (1992), responderam *concordo* ou *concordo fortemente* a este item. Aqueles que discordam, não foram totalmente honestos ou responderam, de forma desleixada, ou não compreenderam bem a forma adequada de responder aos itens. Geralmente, uma resposta de *discordo* ou *discordo fortemente* invalida o teste. Porém, os clínicos ou outros utilizadores podem discutir com o sujeito a razão de tal procedimento e determinar que as respostas são válidas, independentemente da resposta negativa do sujeito a este item.

Os itens B e C perguntam, respectivamente, se os sujeitos responderam a todas as questões e se colocaram as respostas no local certo, e servem para levar os examinandos a confirmar se responderam a todos os itens de forma adequada. A resposta negativa ao item B deve levar o examinador a averiguar a razão pela qual o sujeito não respondeu a alguns itens. A resposta negativa ao item C pode significar desleixo nas respostas e, geralmente, invalida a cotação do NEO-PI-R. O examinador pode falar com o sujeito e determinar ou não se a informação dada a estes itens é válida.

Todas as escalas do NEO-PI-R estão construídas, de forma a ter em conta os efeitos da aquiescência. Significa isto que um sujeito, que utilizou um número excessivo de *concordo* ou *concordo fortemente*, tenderá a receber uma pontuação enviesada. Para ver se houve efeito da aquiescência, devemos contar o número das respostas afirmativas. Costa, McCrae e Dye (1991) observaram, com uma grande amostra de voluntários, que 99% dos sujeitos concordaram com menos de 150 itens. Consequentemente, se o sujeito tiver assinalado 150 ou mais respostas com *concordo* ou *concordo fortemente,* o teste deve ser interpretado com cuidado, porque, pode verificar-se o fenómeno da aquiescência.

A tendência para discordar pode ser avaliada pela quantidade de respostas negativas, ou seja, assinaladas com *discordo* ou *discordo fortemente*. Aproximadamente 99% dos sujeitos da amostra, atrás referida (Costa, McCrae & Dye, 1991), concordaram com mais de 50 itens. Consequentemente, se o sujeito tiver assinalado 50 ou menos respostas com *concordo* ou *concordo fortemente,* o teste deve ser interpretado com cuidado.

As respostas aleatórias por parte do sujeito ocorrem, geralmente, quando este não coopera ou não lhe foi dada informação suficiente sobre os objectivos do teste, o que é mais provável de acontecer, quando é administrado em grupo. Assim, sujeitos pouco interessados podem responder, ao acaso, para despacharem mais rapidamente a tarefa. Uma maneira de avaliar, se é este o caso, consiste em examinar visualmente a folha de resposta, para ver se existe a mesma opção de resposta, ao longo dos diferentes itens. Assim, segundo os resultados obtidos com uma amostra de voluntários (Costa & McCrae, no prelo), respostas de *discordo fortemente* a mais de 6 itens seguidos, *discordo* a mais de 9 itens seguidos, *neutro* a mais de 10 itens consecutivos, *concordo* a mais de 14 itens e *concordo fortemente* a mais de 9 itens consecutivos invalidam a cotação e interpretação formal do NEO-PI-R. Torna-se, assim, importante que o examinador motive os sujeitos a responderem ao teste, de forma adequada (Costa & McCrae, 1992).

Para calcular as pontuações totais das facetas, temos de somar os oito itens, que compõem cada uma delas. Para obter as pontuações dos factores, somamos as pontuações das seis facetas que constituem o factor. Este procedimento, na versão americana, está totalmente mecanizado.

Os cinco domínios do NEO-PI-R correspondem aos cinco factores, que têm sido encontrados, na análise de muitos instrumentos diferentes, incluindo a análise factorial das 30 facetas do NEO-PI-R. McCrae e Costa (1991) referem que preferiram reter designações tradicionais destes domínios a criar neologismos, de forma a que as escalas pudessem ser facilmente relacionadas com a literatura existente.

A análise em componentes principais, com rotação varimax, dos dados do inventário da forma S, obtidos com a amostra normativa (*normative sample),* indica que existe uma correlação significativa entre as escalas dos domínios e os factores correspondentes. No entanto, os autores consideram preferível utilizar os escores dos factores (*factor scores),* que são ligeiramente melhores, do ponto de vista psicométrico (Costa & McCrae, 1992), visto que combinam informação de cada uma das 30 facetas, até obter os cinco factores que, assim, também, beneficiam das saturações secundárias. Os *factor scores* são mais ortogonais e tendem a ter uma validade superior no que concerne à sua comparação com critérios exteriores (McCrae & Costa, 1989).

As versões computorizadas do NEO-PI-R utilizam os *factor scores,* nos perfis interpretativos. No entanto, estes são também susceptíveis de ser calculados através da utilização de uma fórmula (que se encontra no Manual do NEO-PI-R), que deve apenas ser aplicada às pontuações T e não aos dados brutos. No final, os *factor scores* são também expressos em pontuações T.

Na generalidade dos casos, os dados obtidos, através do somatório das escalas dos domínios, são boas aproximações aos *factor scores* e não compensa o seu cálculo manual para um só caso.

3. 4. Conceptualização e interpretação

A fim de poder interpretar os resultados do inventário, o profissional deve estar familiarizado com os rudimentos da avaliação psicológica, saber o que é que as escalas avaliam, as implicações das diferentes dimensões para o funcionamento psicológico dos indivíduos e ser capaz de integrar a informação das pontuações da escala num perfil com sentido (Costa & McCrae, 1992).

As escalas do NEO-PI-R medem traços, cujas pontuações se aproximam do modelo da distribuição normal: a generalidade dos sujeitos terá pontuações ao redor da média, com uma pequena percentagem de indivíduos nos extremos. Os escores obtidos pelos sujeitos nas diferentes características são comparativos, o que significa, por exemplo, que alguém que pontua no percentil 75 da faceta Depressão e no 25 das Emoções Positivas tenderá a sentir-se mais deprimido e com menos emoções positivas do que a generalidade das pessoas.

Os utilizadores do inventário devem procurar evitar pensar, em termos de tipos polarmente opostos e de categorias mutuamente exclusivas, quando estão a interpretar os resultados, porque as escalas representam dimensões contínuas e a maioria dos sujeitos mais facilmente seriam definidos como *ambiverts*, ou seja, como apresentando uma combinatória de tendências (por exemplo, para a introversão e para a extroversão). Consequentemente, na elaboração das folhas de perfil, e nos relatórios interpretativos, os autores (Costa & McCrae, 1992) consideraram que seria útil sumariar os resultados, distribuindo-os por cinco níveis: muito baixo, baixo, médio, alto e muito alto. Aproximadamente 38% dos sujeitos têm pontuações susceptíveis de ser enquadradas, na amplitude (*range*) média (T = 45 a 55); 24%, na alta (T = 56 a 65) e na baixa (T = 35 a 40); 7 %, na amplitude muito alta (T = 66 e superior) e na muito baixa (T = 34 e inferior). Tal sistema permite uma distinção mais fina dos resultados do que a que forneceriam as respostas dicotómicas.

Na conceptualização do NEO-PI-R, não existem limiares discriminativos ou pontos discriminantes (*cutoff points*), que separem as pontuações consideradas normais daquelas que podem indicar psicopatologia: uma pontuação elevada pode ser tão informativa como uma baixa.

Em si mesmas, as pontuações brutas dos inventários de personalidade não têm significado – só ganham sentido, quando comparadas com as respostas de outros sujeitos. As normas publicadas têm, por conseguinte, o objectivo de servirem como grupo-padrão de referência.

Por diversas razões, os autores não elaboraram perfis para grupos clínicos. Primeiro, porque os pacientes em psicoterapia mostram, geralmente, a mesma amplitude de variação nos traços de personalidade que os adultos normais, diferindo apenas nas pontuações médias de alguns traços (como, por exemplo, elevado Neuroticismo). Segundo, porque diagnósticos específicos podem estar associados a perfis específicos e estes observam-se melhor, por comparação com o grupo normativo. Por fim, porque os autores

opinam que a "utilização de normas é um auxiliar valioso, que permite recordar que sujeitos submetidos à psicoterapia são, em muitos aspectos, semelhantes a voluntários normais" (Costa & McCrae, 1992, p.14).

Como já foi explanado, no cap. 2, o NEO-PI-R foi concebido para operacionalizar o modelo da personalidade dos cinco factores. Estes são definidos como agrupamentos de traços inter-relacionados.

Através da descrição do posicionamento do sujeito nos cinco factores, obtém-se um esquema compreensivo, que sintetiza o seu estilo emocional, interpessoal, experiencial, atitudinal e motivacional. As pontuações obtidas, a nível das escalas das facetas, proporcionam uma análise mais fina, porque possibilitam a medição dos traços específicos, de cada domínio. A interpretação, apenas ao nível das dimensões, seria, aliás, demasiado rudimentar, como defendem Briggs e Cheek (1986). Assim, Costa e McCrae (1991) referem duas razões pelas quais consideram importante que se faça a exploração dos traços de nível inferior: a primeira, porque fornecem uma base conceptual mais clara para os cinco factores e a segunda, porque, eles próprios, representam diferenças individuais importantes.

Por conseguinte, o primeiro passo na interpretação dos perfis é examinar as escalas dos cinco domínios, para compreender a personalidade a um nível mais geral, passando-se, depois, a analisar as facetas.

De seguida, apresentamos uma descrição de cada um dos domínios ou factores e das suas respectivas facetas, baseada no Manual do NEO-PI (1989) e no do NEO-PI-R (1992), e bem assim como na literatura especializada desta área (Costa & McCrae, 1985, 1991; McCrae, 1994):

3.4.1. Domínios e suas facetas

O NEO-PI-R é composto por cinco domínios gerais e trinta facetas específicas. Nas secções seguintes, apresentamos cada domínio e respectivas seis facetas (*cf.* Anexo 1).

3.4.1.1. Neuroticismo (N)

A escala global do Neuroticismo avalia a adaptação *vs.* a instabilidade emocional. Identifica, por conseguinte, indivíduos preocupados, nervosos, emocionalmente inseguros, com sentimentos de incompetência, hipocondríacos, com tendência para a descompensação emocional, ideias irrealistas, desejos e necessidades excessivos e respostas de *coping* desadequadas.

O aspecto central deste domínio é a tendência a experienciar afectos negativos, como a tristeza, medo, embaraço, raiva, culpabilidade e repulsa.

Embora os clínicos distingam entre muitos tipos de instabilidade

emocional, diversos estudos (Costa & McCrae, 1992) têm mostrado que os sujeitos com tendência a experienciar um destes estados tendem a fazer o mesmo com os outros. Por outro lado, possivelmente porque este tipo de emoções interfere com a adaptação, homens e mulheres com N elevado são inclinados a ter ideias irrealistas, dificuldade em controlar os seus impulsos e a lidar menos bem com o *stress*.

Todos os pacientes, tradicionalmente, diagnosticados como sofrendo de neurose, têm pontuações elevadas em N (Eysenck & Eysenck, 1964). No entanto, a escala N do NEO-PI-R, aliás, como todas as outras, mede uma dimensão normal da personalidade: aqueles que obtêm pontuações muito elevadas em N podem estar em risco de se confrontarem com problemas psiquiátricos, mas a escala N não deve ser interpretada como uma medida de psicopatologia, ou seja, é possível ter uma pontuação elevada em Neuroticismo, sem ter uma perturbação psiquiátrica. Inversamente, nem todas as categorias psiquiátricas implicam níveis elevados de N. Por exemplo, um sujeito pode ter uma desordem anti-social de personalidade (*Antisocial Personality Disorder*), sem apresentar níveis elevados em N.

As medidas de Neuroticismo estão correlacionadas com o *stress*. No entanto, elas não se confundem com ele, como alguns autores (Schroeder & Costa, 1984) têm defendido, ao distinguirem entre o efeito do *stress* e a tensão crónica dos neuróticos. O N está também relacionado com a baixa satisfação sexual: são sobretudo os sujeitos, com valores elevados nas facetas Auto-Consciência e Depressão, que mais evitam o contacto sexual, têm menos experiências neste âmbito e uma visão mais conservadora e restritiva da sexualidade (Costa *et al.*, 1992).

Os sujeitos com pontuações baixas em N são emocionalmente estáveis. São geralmente, calmos, com humor constante, relaxados, seguros, satisfeitos consigo mesmos e capazes de fazer face a situações de tensão, sem ficarem transtornados.

Apresentamos, de seguida, as seis Facetas do Neuroticismo.

N1 (ANSIEDADE) (*Anxiety*)

Os sujeitos ansiosos são apreensivos, tensos, medrosos e preocupados. Apesar desta escala não medir fobias específicas, os sujeitos com pontuação elevada neste traço têm tendência a ser fóbicos.

Os indivíduos com uma pontuação mais baixa são mais calmos, relaxados, estáveis, não têm tantos medos e não magicam, constantemente, em coisas, que podem correr mal.

N2: HOSTILIDADE (*Angry Hostility*)

Os sujeitos hostis têm tendência a experienciar raiva e estados afins, como a frustração e a amargura, revelam um temperamento "quente", e facilmente ficam frustados e zangados. Esta escala está, geralmente, relacionada com uma Amabilidade baixa.

Os sujeitos com N2 baixo são amigáveis, têm um temperamento mais moderado e, dificilmente, se ofendem e se zangam.

N3: DEPRESSÃO (*Depression*)

Esta faceta mede as diferenças normais no experienciar do afecto depressivo.

Os sujeitos com N3 elevado têm pouca esperança, sentem-se culpabilizados, abatidos, tristes, melancólicos, sozinhos e desesperados.

Os indivíduos com pontuação baixa, raramente, experienciam estas emoções, ou seja, raramente estão tristes. Em geral, são confiantes, sentem que a vida tem sentido e vale a pena, o que não significa, forçosamente, que sejam alegres e despreocupados (estas últimas são características da Extroversão).

N4: AUTO-CONSCIÊNCIA (*Self-Consciousness*)

As emoções de vergonha e embaraço formam o núcleo desta faceta. Estes sujeitos acham-se pouco à vontade ao pé dos outros, são sensíveis ao ridículo e têm tendência a sentirem-se inferiores, envergonhados, tímidos e com ansiedade social[13].

Os indivíduos com pontuação baixa não têm necessariamente boas aptidões sociais mas ficam menos perturbados nas situações sociais, ou seja, sentem-se seguros, socialmente adequados, e à vontade.

N5: IMPULSIVIDADE (*Impulsiveness*)

A impulsividade, avaliada no NEO-PI-R, refere-se à incapacidade de controlar e de resistir às tentações. Os desejos de comida, de cigarros e de propriedade são percebidos como sendo tão fortes que o sujeito não pode resistir-lhes, apesar, de mais tarde, se poder arrepender desse comportamento.

As pessoas com uma pontuação baixa neste traço resistem, mais facilmente, às tentações e têm uma elevada tolerância à frustração. A impulsividade, avaliada através desta faceta, não deve ser confundida com a espontaneidade, a decisão rápida e o arriscar (*risk-taking*).

N6: VULNERABILIDADE (*Vulnerability*)

Os sujeitos com uma pontuação elevada nesta faceta facilmente se enervam e entram em pânico, em situações de emergência. Por outro lado, são incapazes de lidar com a tensão, tornando-se dependentes.

Os sujeitos com pontuações baixas conseguem lidar com as situações difíceis, mantêm a cabeça fria, são competentes e resistentes.

---

[13] Aquilo que Fenigstein, Scheier e Buss (1975) designaram por auto-consciência pública (*public self-consciousness*).

3.4.1.2 Extroversão (E)

Os extrovertidos são pessoas sociáveis, que para além de apreciarem o convívio com os outros, com os grupos e as multidões, são também afirmativos, optimistas, amantes da diversão, afectuosos, activos e conversadores. Gostam, por conseguinte, da excitação e da estimulação e tendem a ser alegres, animados, enérgicos e optimistas. A extroversão traduz, consequentemente, a quantidade e intensidade das interacções interpessoais, o nível de actividade, a necessidade de estimulação e a capacidade de exprimir alegria.

A concepção da extroversão do NEO-PI-R (Costa & McCrae, 1992) difere, em muitos aspectos, da E presente na teoria de Jung (1923). Muito particularmente, a introspecção ou *reflection* de Jung não está relacionada com nenhum pólo de E, mas com a elevada Abertura à Experiência (McCrae & Costa, 1989).

Vários estudos[14] têm indicado que os indivíduos extrovertidos, especialmente aqueles com uma pontuação elevada na faceta Procura de Excitação, apreciam formas de música com um grande potencial de activação físico e psicológico — os primeiros *Jazz* e os segundo *Hard Rock* (Dollinger, 1993) — e obtêm pontuações mais elevadas nas escalas de redução de intensidade do estímulo (Zuckerman, 1979; Dragutinovich, 1987).

Os bons vendedores representam, na nossa cultura, o protótipo do extrovertido: existe, aliás, uma forte correlação entre E e o interesse por profissões deste género (Costa, McCrae, & Holland, 1984).

Os extrovertidos encaram as situações competitivas mais favoravelmente do que os introvertidos, enquanto estes preferem as situações cooperativas. Graziano e colaboradores (1985, citado por Wolfe & Kasmer, 1988) conjecturaram que tal se deve à frequência dos encontros negativos, anteriormente vividos.

Zuckerman e colaboradores (1990) estudaram as hetero-avaliações obtidas com o NEO-PI, em função da atracção física do sujeito e concluíram que esta variável está relacionada com a Extroversão.

Watson e colaboradores (1992) mostraram que existem correlações fortes entre a Extroversão e a Afectividade Positiva, enquanto Argyle e Lu (1990) encontraram relação entre a Extroversão e a felicidade. Uma das possíveis explicações para o fenómeno encontra-se, segundo os primeiros investigadores, no facto de os extrovertidos encetarem mais relações sociais, estando a actividade social, como aponta a evidência disponível, fortemente associada à afectividade positiva. Mas, por outro lado, os extrovertidos são mais sociáveis, porque, possivelmente, têm níveis superiores de afectividade positiva.

---

[14] Fazemos apenas referência às investigações sobre a Extroversão, que utilizaram o NEO-PI-R. Relembramos, no entanto, que existem inúmeros outros estudos sobre a relação entre esta dimensão e outras variáveis. Esta observação também se aplica, naturalmente, às outras dimensões.

Os extrovertidos teriam também mais experiências sexuais e mais desejo sexual (Costa *et al.*, 1992). Por outro lado, estes autores verificaram ainda que tanto a masculinidade como a feminilidade estariam relacionadas com esta dimensão. Associar-se-iam, porém, com facetas diferentes: a primeira com as facetas mais activas e dominantes e a segunda com as facetas afiliativas, emocionais e vinculativas[15].

A introversão é o pólo oposto da E. Os indivíduos introvertidos são essencialmente reservados, sóbrios, pouco exuberantes, distantes, com um ritmo de vida mais calmo, tímidos, silenciosos, apreciam estar sozinhos, são mais orientados para a tarefa e independentes nas suas tomadas de decisão, o que não significa que tenham ansiedade social ou sejam pouco amigáveis, infelizes e pessimistas.

Apresentamos, de seguida, as seis Facetas da Extroversão:

E1: ACOLHIMENTO CALOROSO (*Warmth*)

Acolhimento é a faceta de E, com maior relevância, para as questões da intimidade interpessoal, e a que mais próxima está da dimensão Amabilidade.

As pessoas calorosas são amigáveis, conversadoras e afectuosas. Gostam, verdadeiramente, dos outros e estabelecem laços estreitos com eles.

Os sujeitos com pontuações mais baixas não são hostis, mas apenas mais frios, distantes e formais.

E2: GREGARIEDADE (*Gregariousness*)

O indivíduo com pontuação elevada em E2 gosta de conviver, tem muitos amigos, e procura o contacto social.

O sujeito com uma pontuação baixa evita as multidões, é solitário e prefere estar sozinho.

E3: ASSERTIVIDADE (*Assertiveness*)

O sujeito com pontuação elevada é dominante, com ascendente social, força de vontade, confiante, e decidido. Fala sem hesitações e torna-se, frequentemente, líder de opinião.

O sujeito com pontuação baixa é mais reservado, evita afirmar-se, e prefere não dar nas vistas e deixar os outros falar.

E4: ACTIVIDADE (*Activity*)

O sujeito com uma pontuação elevada nesta faceta é enérgico, tem um ritmo rápido e vigoroso e necessidade de estar ocupado.

O indivíduo com pontuação baixa não tem pressa, é mais vagaroso, o que não significa necessariamente que seja preguiçoso.

---

[15] A vinculação diz respeito ao tipo, qualidade e padrão das relações estabelecidas (Bretherton, 1992).

E5: PROCURA DE EXCITAÇÃO (*Excitement-Seeking*)

O sujeito com pontuação elevada nesta faceta procura estimulações fortes, aceita riscos e gosta de ambientes ruidosos e de cores vivas.

O que obtém uma pontuação baixa evita a sobre-estimulação, é cauteloso, sério e prefere uma vida que o primeiro pode considerar aborrecida.

E6: EMOÇÕES POSITIVAS (*Positive Emotions*)

O sujeito com uma pontuação elevada nesta área é alegre, espirituoso, divertido e tem tendência a experienciar emoções positivas, como a alegria, a felicidade e o amor.

Os indivíduos com pontuação baixa não são necessariamente infelizes: são, simplesmente, menos exuberantes, pouco entusiastas, plácidos[16], e sérios.

Esta é a faceta de E mais relacionada com a satisfação com a vida.

3.4.1.3. Abertura à Experiência (O)

A Abertura à Experiência, oriunda de múltiplos contextos teóricos[17] e com raízes fora da tradição lexical, na qual o modelo dos cinco factores foi inicialmente identificado, é a menos conhecida e a mais controversa das cinco dimensões, mas também a mais relevante para o estudo da imaginação, da cognição e da personalidade (Costa & McCrae, 1992). Costa e McCrae (1976, 1987, 1993) são, possivelmente, os investigadores que mais se têm debruçado sobre ela, começando por a identificar no 16PF de Cattell[18]. Mas, quando começaram a descobrir muitas limitações psicométricas no 16PF, passaram a medir a Abertura, através do Inventário das Experiências de Coan (*Coan's Experience Inventory)*[19]. Posteriormente, foram fazendo modificações no original, até construírem seis escalas para avaliarem os seis aspectos da Abertura à Experiência presentes no NEO-PI e no NEO-PI-R. Quando, depois, descobriram a correspondência entre o factor V dos estudos lexicais da personalidade (Norman, 1963; Goldberg, 1990) e O, passaram a ser dos principais defensores do modelo dos cinco factores. Estudos subsequentes vieram a mostrar que variações do constructo da

---

[16] I.e., sossegados, brandos.

[17] Esta dimensão tem antecedentes nas abordagens psicanalíticas e humanistas à personalidade.

[18] O agrupamento de traços que os autores designaram por "abertura às experiências afectivas e cognitivas" (*"openness to both affective and cognitive experiences"*, Costa & McCrae, 1976, p. 568) incluía escalas como Esperto (*Bright)*, Sentimental (*Tenderminded* = compassivo, carinhoso, mente terna), Imaginativo (*Imaginative)* e Pensamento Liberal (*Liberal Thinking).*

[19] Este instrumento é baseado nos trabalhos iniciais de Fitzgerald (1966) que, por sua vez, se inspirou nos estudos escandinavos sobre susceptibilidade hipnótica, no conceito de "abertura ao mundo" de Schachtel e na perspectiva psicanalítica da criatividade de Kris.

Abertura à Experiência têm, sucessivamente, aparecido na história da avaliação psicológica. Por exemplo a Introversão Pensada *(Thinking Introversion)* de Guilford[20] e a Intuição *(Intuition)* de Myers e Briggs (ambas baseadas nos estudos de Jung) estão fortemente correlacionadas com O. Esta dimensão, foi ainda interpretada como Intelecto Inquiridor *(Inquiring Intellect*; Fiske, 1949), Cultura *(Culture*; Norman, 1963), Intelecto *(Intellect;* Goldberg, 1990), e Intelectualidade *(Intellectance* ; Hogan, 1986).

Mas o facto de formulações alternativas do modelo dos cinco factores designarem este domínio por Intelecto *(Intellect)* não significa que a Abertura seja equivalente a inteligência. Efectivamente, as escalas de O estão moderadamente correlacionadas com medidas de rendimento escolar e da inteligência. Muito em particular, O relaciona-se fortemente com alguns aspectos da inteligência, como o pensamento divergente que, como é sabido, é um dos componentes da criatividade (McCrae, 1987), ao passo que, com outros aspectos, como as aptidões aritméticas, a sua correlação é nula. Por conseguinte, algumas pessoas muito inteligentes são fechadas à experiência, e outras, muito abertas, podem ser um pouco limitadas, intelectualmente. De uma perspectiva factorial, as medidas de aptidão cognitiva formam um 6º factor independente, que se considera como estando fora da área específica da personalidade.

Se considerássemos a Abertura à Experiência como equivalente a intelecto, onde incluiríamos traços como a necessidade de variedade, a procura de sensações e a apreciação estética? Estes traços, segundo McCrae (1994), sublinham o interesse pela experiência sensorial, para além da experiência intelectual, e adequam-se a uma concepção mais alargada de Abertura[21]. Um dos correlatos mais fortes de O é a sensibilidade *(sentience)*, definida por Murray como a característica que leva a "procurar e encontrar deleite, ao experimentar qualquer...impressão sensorial; ter percepções delicadas, sensíveis; perceber e comentar a qualidade sensível dos objectos; notar a atmosfera, a temperatura, cores do quarto, imagens e vários odores e sons..."[22] (Murray, 1938, p.169, citado por McCrae, 1994). Recentemente, McCrae (1992, 1994), estudou esta dimensão, através de um estu-

---

[20] A Abertura à Experiência está relacionada com a reflexibilidade *(reflectiveness)* e com o Pensamento Introvertido *(Thinking Introversion)* de Guilford, mas não com a introversão social, ou extroversão. Sendo assim, as pessoas abertas podem ser caladas ou faladoras, afectuosas ou reservadas.

[21] Uma demonstração experimental engenhosa das relações entre a abertura cognitiva e sensorial foi apresentada por Kaplan e Singer (1963), que para além do dogmatismo mediram as modalidades olfactivas, gustativas, tácteis, auditivas e visuais dos sujeitos. Aqueles que pontuaram baixo nas medidas de dogmatismo mostraram ter níveis mais elevados de acuidade sensorial. Concluíram que a abertura às impressões sensoriais decorre paralelamente à abertura às ideias (McCrae, 1994).

[22] *"To seek and find delight in the enjoyment of any... sense impressions. To have delicate, sensitive perceptions. To perceive and comment upon sensuous quality of objects. To remark upon atmosphere, the temperature, colours of the room, pictures, various sounds and odours..."*.

do de caso de uma escritora[23] que, pela sua vida e obra, aparentava ser uma pessoa muito aberta à experiência. Os resultados obtidos, através da passagem do NEO-PI-R, a esta escritora, confirmaram esta suposição.

Os componentes da Abertura à Experiência são: a fantasia ou imaginação activa, a sensibilidade estética, a amplitude dos sentimentos, a abertura a ideias ou a curiosidade intelectual e o juízo independente ou liberal. Globalmente, esta dimensão traduz a procura produtiva, a apreciação da experiência, por si própria, a tolerância e a exploração do não-familiar. McCrae e Costa (*s/d*, citado por McCrae, 1992, p. 64) descrevem-na da seguinte maneira: "a abertura encontra-se na amplitude, profundidade e permeabilidade da consciência e na necessidade contínua de alargar e examinar a experiência" (*"Openness is seen in the breadth, depth, and permeability of consciousness, and in the recurrent need to enlarge and examine experience"*). Os indivíduos abertos à experiência são, por conseguinte, curiosos em relação ao seu mundo interior e exterior, sendo as suas vivências muito ricas. Estão dispostos a tomar em consideração novas ideias e valores não convencionais[24], e experienciam um leque mais variado de emoções (positivas e negativas). As pessoas com O elevado são curiosas, criativas[25], originais, imaginativas, têm uma grande diversidade de interesses, são pouco convencionais e tradicionais, facilmente colocam em causa a autoridade e optam por novas ideias sociais, políticas e/ou éticas. Estas tendências não significam que tais pessoas não têm princípios, da mesma forma que, embora preferindo a variedade à rotina, não são, necessariamente, desorganizadas ou pouco controladas (McCrae, 1994).

As pessoas, que pontuam baixo em O, tendem a ser mais convencionais, terra-a-terra, conservadoras, preferem o familiar à novidade, têm uma gama de interesses mais limitada, e tendem a ser pouco artísticas e analíticas. Embora o grau de abertura possa influenciar os mecanismos de defesa psicológicos (McCrae & Costa, no prelo), não existe evidência de que ser mais fechado às experiências seja uma reacção defensiva (estas pessoas têm apenas um leque e intensidade mais limitado de interesses)[26]. Por outro

---

23 Trata-se de Diane Ackerman que escreveu "A história natural dos sentidos" (*"A Natural History of the Senses"*, 1990) onde, de forma fascinante e flexível, aborda uma multiplicidade de temas.

24 Estudos longitudinais parecem mostrar que não há grande declínio com a idade (a partir dos 30 anos), ao nível da Abertura à Experiência (Costa & McCrae, 1986), embora os indivíduos nascidos no princípio do século pareçam ser mais convencionais e conservadores.

25 Vários estudos têm indicado que os indivíduos abertos à experiência apreciam mais os produtos/processos estéticos e culturais do que os fechados. Daí a sua prevalência entre os artistas. Parece provável, consequentemente, que a quinestesia seja uma característica das pessoas abertas, estando elas interessadas em diferentes formas de música, em particular aquelas que não são convencionalmente populares, como a música *new age*, clássica, *reaggae*, étnica, *soul* e, *Jazz* (Dollinger, 1993).

26 Segundo os autores do questionário, as pessoas mais abertas podem pare-

lado, o facto das pessoas mais fechadas tenderem a ser mais conservadoras, social e politicamente, não significa que sejam também mais autoritárias. Ser fechado não implica intolerância hostil e autoritarismo agressivo. Estes traços estão mais relacionados com pontuações baixas na dimensão Amabilidade.

Glisky e colaboradores (1991) sublinham que é importante distinguir três áreas, cujos determinantes genéticos podem ser diversos, dentro do domínio global da Abertura à Experiência, avaliada pelo NEO-PI-R, a saber, por um lado, a absorção – que envolve a fantasia, o imaginário, os sonhos...[27] – por outro, a curiosidade e, finalmente, o liberalismo político/social. Consideram, assim, que um sujeito pode ser, por exemplo, muito liberal e pouco curioso.

A Abertura à Experiência é um dos factores com potencial para predizer a tendência dos sujeitos a procurarem mudanças (McCrae & Costa, 1982; Whitbourne, 1986). Efectivamente, Costa e McCrae (1980) observaram uma correlação entre a ocorrência de acontecimentos cruciais de vida e a Abertura à Experiência: num período de dez anos, os sujeitos com maior abertura à experiência, entre outras coisas, mudaram mais de residência, separaram-se ou divorciaram-se mais, abandonaram mais a profissão ou optaram por outra nova. Nesta linha de ideias, a dimensão Abertura à Experiência parece também estar, positivamente, relacionada com a exploração da identidade[28] e, negativamente, com a intensidade do compromisso de identidade (Tesch & Cameron, 1987). Finalmente, a Abertura está relacionada com uma vida sexual mais variada, mais desejo e fantasias

---

cer mais maduras e saudáveis psicologicamente, para muitos técnicos. Mas o valor e as vantagens de se ser de uma forma, ou de outra, dependem das exigências da situação. Todavia, algumas terapias apontam como objectivos o desenvolvimento de características muito próximas da dimensão O. Gonçalves (no prelo) defende que o que traz a generalidade dos clientes à psicoterapia é a falta de criatividade e a centração nas mesmas polaridades e temas, ou seja, a incapacidade de ter uma visão múltipla da realidade. Só o *self* múltiplo seria um *self* adaptativo, visto vivermos num mundo em aceleração e mudança. Guidano (1995, p.104) refere, a este respeito, que, a partir da sua própria experiência clínica, "a prática de uma psicoterapia eficaz é levada a cabo com sucesso por indivíduos que estão, eles próprios, envolvidos na exploração das suas capacidades e com vontade de trabalhar dentro de contextos de bastante ambiguidade, complexidade, e emocionalidade". (*"the practice of 'life-changing' psychotherapy is most successfully conducted by individuals who are themselves engaged in explorations of their capacities and the willingness to work within the contexts of substancial ambiguity, complexity, and emotionality"*).

[27] É sabido que a Abertura à Experiência está relacionada com um determinado número de fenómenos mentais, incluindo a susceptibilidade à hipnose (Glisky *et al.*, 1991), a recordação dos sonhos (*remembered dreaming*) e o tirar vantagem de algumas técnicas de recordação (Gratzinger *et al.*, 1990).

[28] As variáveis, que tradicionalmente se têm considerado como influenciando a formação da identidade (Erikson, 1959) têm sido as familiares e as cognitivas e, só, indirectamente, as personológicas, como, por exemplo, o escrever poesia, que está associado à resolução positiva da crise de identidade, em estudantes do secundário e universitários (Tesch & Cameron, 1987).

eróticas e atitudes mais liberais e menos conservadoras em relação à sexualidade (Costa *et al.*, 1992).

A Abertura à Experiência, enquanto dimensão geral das diferenças individuais, contém aspectos estruturais[29] e motivacionais[30] (McCrae, 1994)· Todavia a dimensão O do NEO-PI-R não está organizada, tendo em consideração os factores motivacionais e estruturais, mas, de acordo com as áreas específicas, em que os sujeitos são ou não abertos.

Apresentamos, de seguida, as seis Facetas da Abertura à Experiência[31]:

O1: FANTASIA (*Fantasy*)

O sujeito com pontuação elevada em O1 tem imaginação viva e uma fantasia activa, aprecia sonhar acordado e elaborar fantasias, não apenas como fuga da realidade, mas para criar para si um mundo interior interessante, mais rico e criativo.

O que regista escores baixos prefere o pensamento realista, é prático e evita sonhar acordado.

O2: ESTÉTICA (*Aesthetics*)

O sujeito com pontuação elevada nesta faceta valoriza a experiência estética e aprecia a arte e a beleza. E, embora, não tenha, necessariamente, talentos, nem sequer bom gosto, o seu interesse leva-o, geralmente, a aprofundar seus conhecimentos, neste domínio.

Se, porém, a pontuação é baixa, trata-se de pessoas pouco sensíveis à beleza, e que não apreciam a arte.

O3: SENTIMENTOS (*Feelings*)

O sujeito com pontuação elevada nesta faceta responde, emocionalmente, às situações, é sensível, empático e valoriza os próprios sentimentos. Trata-se de uma disposição de receptividade aos sentimentos e emoções interiores e de avaliação da emoção, como parte importante da vida.

A pontuação baixa, pelo contrário, é indicativa de um leque mais limitado de emoções e da pouca importância atribuída aos diferentes estados emocionais.

O4: ACÇÕES (*Actions*)

Pontuações elevadas, nesta faceta, denotam a procura da novidade e

---

29 Que se relacionam com a concepção do dogmatismo por Rokeach, enquanto crenças estanques e a espessura das fronteiras da mente —"*thick and thin bounderies of the mind*" — de Hartmann.

30 Com ligações com as necessidades de compreensão e de mudança e com a sensibilidade (*sentience)* de Murray, e bem assim com Procura de Experiências (*Experience Seeking)* de Zuckerman.

31 Por convenção, as facetas da Abertura à Experiência são designadas pela área de experiência, a que se referem.

da variedade, traduzidas, por exemplo, na busca de novas actividades, no experimentar passatempos diferentes, no ir a novos lugares ou comer comidas pouco usuais.

O sujeito com pontuação baixa prefere o familiar à novidade, segue a sua rotina habitual, instala-se na sua maneira de ser (*set in ways*).

O5: IDEIAS (*Ideas*)

Esta faceta tem a ver, não apenas, com a procura activa do conhecimento, mas com a vontade/capacidade de considerar novas ideias. O sujeito que nela obtém um escore elevado é intelectualmente curioso, orientado teoricamente, aprecia os argumentos filosóficos e a resolução de quebra-cabeças.

Esta faceta não implica, necessariamente, inteligência elevada, mas favorece o desenvolvimento do potencial intelectual.

O sujeito com pontuação baixa é mais pragmático, factualmente orientado, não aprecia desafios intelectuais e tem uma curiosidade mais limitada.

O6: VALORES (*Values*)

A Abertura aos Valores significa a disposição para reexaminar os valores sociais, políticos, e religiosos. O sujeito com uma pontuação elevada tem horizontes largos, é tolerante, não conformista, e tem um "espírito" aberto. Pelo contrário, o sujeito com pontuação baixa é mais dogmático e conservador.

3.4.1.4. Amabilidade (A)

A Amabilidade, como a Extroversão, é uma dimensão, que diz respeito às tendências interpessoais, e refere-se à qualidade da orientação interpessoal, num "contínuo que vai desde a compaixão ao antagonismo" nos pensamentos, sentimentos e acções (Costa & McCrae, 1985; Costa, McCrae & Dye, 1991). A pessoa amável é, fundamentalmente, altruísta, de bons sentimentos, benevolente, digna de confiança, prestável, disposta a acreditar nos outros, recta, inclinada a perdoar. É também simpática para com os outros e acredita, por sua vez, que os outros serão igualmente simpáticos.

Em contraste, a pessoa hostil é egocêntrica, cínica, rude, desconfiada, pouco cooperativa, vingativa, irritável, manipuladora, céptica em relação às tendências dos outros e mais competitiva do que cooperativa.

Apesar de ser tentador encarar o pólo agradável como preferível e mais saudável psicologicamente, tal nem sempre acontece. A disposição a lutar pelos direitos humanos e o pensamento céptico e crítico, na análise objectiva das ciências, são dois exemplos das vantagens do antagonismo. O certo é que a dimensão Amabilidade influencia a auto-imagem e ajuda a formar as atitudes sociais e a filosofia de vida.

Da mesma forma que nenhum destes pólos é intrinsecamente melhor para a sociedade, nenhum é também melhor para o indivíduo. Horney, descreveu, em 1945, duas tendências neuróticas – ir de encontro às pessoas e ir contra as pessoas – que se parecem com formas patológicas de Amabilidade. Uma pontuação baixa em A está associada a distúrbios narcísicos, anti-sociais e paranóides da personalidade, enquanto um A elevado se relaciona com os distúrbios dependentes da personalidade[32] (Costa & McCrae, 1990).

De seguida, apresentamos as seis Facetas da Amabilidade.

A1: CONFIANÇA (*Trust*)

A confiança é uma variável clássica da psicologia, encarada por Erikson (1950) como o alicerce do desenvolvimento psico-social e por Wrightsman (1974) um dos principais elementos definidores da filosofia individual acerca da natureza humana (Costa, McCrae & Dye, 1991; Costa & McCrae, 1992). É também um elemento importante nas definições de personalidade dadas pelos 'leigos'. Assim, quando Norman classificou os 1431 adjectivos-traços da língua inglesa (Goldberg, 1989), em 75 categorias, a primeira, a ser incluída na Amabilidade foi a confiança (Costa, McCrae & Dye, 1991).

O sujeito com pontuação elevada nesta faceta tende a atribuir intenções benévolas aos outros e a considerá-los honestos e bem intencionados.

O sujeito com pontuação baixa tende a ser cínico e céptico e a suspeitar que os outros são desonestos e perigosos.

A2: RECTIDÃO (*Straighforwardness*)

Esta variável tem sido considerada mais relevante para a filosofia moral do que para psicologia da personalidade, pese embora o facto de que, uma das versões do seu pólo oposto – o maquiavelismo (Geis, 1978) – tenha sido um conceito popular, nos anos 70. O conceito de auto-monitorização (Snyder, 1974) também envolve uma rectidão baixa e Wiggins (1979) identificou uma dimensão similar, no Circumplexo Interpessoal, que contrasta Ingénuo com Calculista (Costa, McCrae & Dye, 1991).

O sujeito com pontuação elevada é franco, frontal, sincero e ingénuo ao lidar com os outros.

Por sua vez, o sujeito com pontuação baixa é calculista e tem tendência a manipular os outros através do elogio ou da chantagem. Considera que estas são tácticas sociais necessárias e que as pessoas muito amáveis são ingénuas. Embora não sejam necessariamente desonestos, estes indivíduos têm mais tendência a esconder a verdade ou a não mostrar os seus verdadeiros sentimentos (Costa & McCrae, 1992).

---

32 Os distúrbios dependentes da personalidade (*Dependent Personality Disorder)* fazem parte da categorização da DSM-III-R das desordens da personalidade, eixo II (Costa & Widiger, 1994).

A3: ALTRUÍSMO (*Altruism*)

Este conceito encontra-se presente na psicologia social actual, mas também na teoria da personalidade de Adler (1964), que o designou por 'interesse social'. As categorias de Norman contrastam a Generosidade e o Altruísmo com a Ganância. A necessidade de Nutrir (*Nurturance* – alimentar, educar, cuidar, estimular) de Murray (1938) está também, possivelmente, relacionada com esta faceta (Costa, McCrae & Dye, 1991).

O sujeito com pontuação elevada revela uma preocupação activa pelos outros, traduzida pela generosidade, filantropia, cortesia mundana, consideração, interesse social, auto-sacrifício e vontade de ajudar.

Por sua vez, o indivíduo com pontuação baixa é mais centrado em si próprio e relutante em envolver-se nos problemas dos outros (Costa & McCrae, 1992).

A4: COMPLACÊNCIA (*Compliance*)

Este traço reflecte-se na vontade de ajudar e na tolerância, que Norman designou por Amabilidade e Digman e Inouye (1986) por Complacência Amigável. Contudo, o pólo oposto é mais conhecido: a Expressão de Raiva (*Anger Expression*) faz parte do Inventário de Hostilidade de Buss e Durkee (1957); a Conflituosidade (*Quarrelsomeness*) era uma das variáveis do IAS de Wiggins (1979); a agressividade é um conceito da psicologia social, da psiquiatria, e da etologia; e a Vingança, o Antagonismo e a Agressividade são as categorias correspondentes de Norman (Costa, McCrae & Dye, 1991).

O sujeito com pontuação elevada, em vez de repelir, aceita a opinião dos outros, é brando, inibe a agressividade, esquece e perdoa.

Contrariamente, o sujeito com pontuação baixa é agressivo, antagónico, contestatário, prefere competir e não se coibe de se manifestar irritado.

A5: HUMILDADE ou MODÉSTIA (*Modesty*)

O sujeito com pontuação elevada é humilde e pouco preocupado consigo próprio, o que não significa, necessariamente, que tem fraca auto-estima e pouca confiança em si mesmo.

Um escore baixo, porém, é típico de uma pessoa arrogante, com uma visão exaltada de si própria, com tendências narcisistas e com a mania de que é superior. Uma ausência patológica de modéstia faz parte da concepção clínica do narcisismo.

A modéstia refere-se, por conseguinte, a um aspecto do auto-conceito. Na lista das suas necessidades Murray incluiu a necessidade de Humilhar/Rebaixar (*Abasement*) e Wiggins (1979) contrastou os traços Arrogante com o Despretensioso (*Unassuming*) (Costa, McCrae & Dye, 1991).

A6: SENSIBILIDADE (*Tender-Mindedness*)

Este termo, que remonta a William James, está presente nos escritos de Erikson (1954) sobre as atitudes sociais e políticas e no índice Pensa-

mento-Sentimento do Myers-Briggs *Type Indicator* (MBTI; Myers & McCaulley, 1985). Encontra-se, igualmente, nos escritos de Eysenck e Eysenck (1975) que sugeriram a utilização do termo *Tough-minded* (rígido, frio, duro), para referenciar a dimensão do Psicoticismo. Por sua vez, a escala I do 16PF (Cattell, Eber & Tatsuoka, 1970) é também designada por *Tender-mindedness* (coração mole, lamechas, carinhoso, sentimental, compassivo). Porém, todos estes conceitos são muito mais amplos que a concepção de *Tender-Mindedness* proposta por Costa, McCrae e Dye (1991).

Esta escala avalia atitudes de simpatia e de preocupação pelos outros. Uma pontuação elevada revela a tendência a ser guiado pelos sentimentos, particularmente, os de simpatia, ao ajuizar e tomar atitudes. Estes sujeitos têm, por conseguinte, a tendência a realçar o lado humano da política social.

O sujeito com pontuação baixa considera-se mais realista e racional e não se deixa comover facilmente.

3.4.1.5. Conscienciosidade (C)

Costa e McCrae (1992) conceptualizaram a Conscienciosidade como contendo aspectos proactivos e inibidores: o primeiro aspecto revela-se na necessidade de realização e apego ao trabalho, enquanto o lado inibidor se manifesta nos escrúpulos morais e na prudência.

A Conscienciosidade avalia o grau de organização, persistência e motivação pelo comportamento orientado para um objectivo. Contrasta pessoas, que são de confiança e escrupulosas, com as que são preguiçosas e descuidadas.

Muitas das teorias sobre a personalidade, sobretudo as psicodinâmicas, referem-se ao controlo dos impulsos. No decurso do desenvolvimento, os sujeitos aprendem a lidar com os seus desejos, sendo, geralmente, um sinal de Neuroticismo elevado a incapacidade de resistir a tentações na idade adulta. Mas o auto-controlo tem também a ver com um processo mais activo de planificação, organização e prossecução de tarefas: as diferenças individuais nestes aspectos são a base da Conscienciosidade. Deste modo, como um aspecto que é da força do ego (*ego strenght*), este constructo foi descrito por Murray e Kluckhohn (1953) com termos tais como força de vontade, iniciativa, e responsabilidade. Digman e Takemoto-Chock (1981) referem-se a este domínio, designando-o por vontade de realização/força de vontade (*Will to Achieve*).

A Conscienciosidade é também um aspecto daquilo que se designava por carácter (Hartshorn, May & Maller, 1929): o sujeito conscienciosо é dotado de força de vontade[33], é determinado, de confiança, escrupuloso, pontual, organizado, trabalhador, auto-disciplinado, arranjado e ambicioso.

---

[33] O "carácter avalia-se pela resistência à tentação", afirma Dusty Hoffman no filme Pappillon.

Um C elevado, na sua orientação positiva, está relacionado com o êxito, a nível académico e ocupacional (sujeitos, assim, mais facilmente se tornam bons atletas ou bons músicos). Na sua vertente negativa, tem relação com a limpeza compulsiva e com a mania do trabalho (*Workaholic).*

Não é que os sujeitos com pontuação baixa nesta faceta tenham falta de princípios morais: são apenas menos escrupulosos na sua aplicação e, menos obstinados na prossecução dos seus objectivos. São também mais preguiçosos, despreocupados, negligentes, com fraca força de vontade. Existe, todavia, alguma evidência de que terão mais interesse pelo sexo e serão mais hedonistas (McCrae *et al.,* 1986; Costa *et al,,* 1992). Efectivamente, a Conscienciosidade está negativamente correlacionada com a procura impulsiva e não-socializada de sensações (*Impulsive unsocialized sensation seeking* — ImpUSS, Zuckerman, 1993), que está, por sua vez, associada a comportamentos desinibidos, criminalidade, sexualidade e uso e abuso de drogas.

Apresentamos, de seguida, as seis Facetas da Conscienciosidade.

C1: COMPETÊNCIA (*Competence*)

White (1959) tornou conhecido o conceito de competência, sendo este sentimento um componente fundamental de algumas versões do conceito de auto-estima (O'Brian & Epstein, 1974). Certos estudos lexicais mostram que algumas formas de inteligência estão também saturadas em Conscienciosidade. Segundo McCrae (1990), este facto, deve-se à faceta competência. O sujeito, com uma pontuação elevada nesta faceta, sente-se capaz e bem preparado para lidar com a vida. Costa e McCrae (1992, p.18) definem a Competência como "o sentimento de que se é capaz, sensível, prudente e eficaz".

O sujeito com pontuação baixa nesta faceta tem uma fraca opinião em relação às suas aptidões e considera-se, muitas vezes, mal preparado e incapaz. Compreende-se, assim, que esta faceta seja aquela que está mais relacionada com a auto-estima e o *locus* de controlo interno (Costa & McCrae, 1991).

C2: ORDEM (*Order*)

O sujeito com pontuação elevada nesta área tem tendência a conservar o ambiente limpo e bem organizado, mantendo as coisas no seu lugar. O sujeito com pontuação baixa, por sua vez, é incapaz de se organizar e descreve-se como pouco metódico. Levado ao extremo, um C2 elevado, pode contribuir para uma desordem compulsiva da personalidade.

Este constructo é um conceito familiar, em muitos inventários de personalidade: Ordenado (*Orderly)* é uma das escalas do Inventário do Estilo Interpessoal (*Interpersonal Style Inventory* — ISI) de Lorr (1986); é também uma das necessidades de Murray e uma das categorias de Norman (Costa, McCrae e Dye, 1991).

C3: OBEDIÊNCIA AO DEVER (*Dutifulness*)

Costa, McCrae e Dye (1991) consideram que C3 está presente na categoria Confiança (*Reliability*) de Norman. Está também relacionado com a energia do superego e é, provavelmente, a faceta de C mais relacionada com o factor G de Cattell. No entanto, não deve ser associada ao desenvolvimento moral ou raciocínio (Rest, 1979), mas apenas ao cumprimento das obrigações e à obediência aos princípios.

O sujeito com pontuação elevada nesta faceta adere estritamente aos seus padrões de conduta, princípios éticos e obrigações morais. O indivíduo que obtém escores baixos, sendo menos rigoroso em relação a estes assuntos torna-se, por vezes, irresponsável (Costa & McCrae, 1992).

C4: ESFORÇO DE REALIZAÇÃO (*Achievement Striving*)

A Luta pela (ou esforço de) Realização é, possivelmente, uma das necessidades de Murray mais estudadas, estando relacionada com algumas das versões do comportamento de tipo A.

Uma pontuação elevada caracteriza indivíduos com níveis de realização elevados e forte motivação para os atingir. São pessoas diligentes, com objectivos e sentido para a vida. Todavia, por vezes, podem investir demasiado na sua carreira e tornarem-se viciados no trabalho.

Os sujeitos com pontuação baixa, pelo contrário, mostram-se menos preocupados com estes assuntos, não se deixam mover pelo sucesso e têm falta de ambição. Na generalidade, estão perfeitamente contentes com esse nível de aspiração e rendimento e chegam mesmo a ser preguiçosos (Costa & McCrae, 1992).

C5: AUTO-DISCIPLINA (*Self-Discipline*)

Por auto-disciplina, entende-se a aptidão para iniciar uma tarefa e levá-la a cabo, apesar do enfado e das distracções. Uma pontuação elevada, por conseguinte, significa a capacidade de se motivar para a prossecução de um objectivo.

Os sujeitos com pontuação baixa mais facilmente ficam prostados e desistem, em face da frustração. A auto-disciplina baixa é, muitas vezes, confundida com a impulsividade: ambas são evidência de pouco auto-controlo mas, empiricamente, são distintas. No caso da impulsividade, as pessoas não conseguem resistir a fazer aquilo que não querem fazer; tratando-se de pessoas com pouca auto-disciplina, não conseguem determinar-se a fazer aquilo que acham que devem fazer. A primeira requer estabilidade emocional e a segunda motivação (Costa, McCrae & Dye, 1991; Costa & McCrae, 1992).

C6: DELIBERAÇÃO (*Deliberation*)

Deliberação é a tendência a pensar com cautela, a planificar e a ponderar, antes de agir. Os sujeitos com pontuação baixa nesta faceta actuam, muitas vezes, ou falam, sem pensar nas consequências: quando muito, no

seu melhor são espontâneos e capazes de tomar decisões perspicazes, no momento (Costa & McCrae, 1992).

Esta faceta, segundo Costa, McCrae e Dye (1991), pode ser contrastada, com a Rapidez no Tempo de Decisão (*Quick Decision Time*) de Buss e Plomin (1975) e com as concepções mais cognitivistas de reflexão-impulsividade (*reflection-impulsivity*, Kagan, 1966).

3.4. 2. Possibilidades de Interpretação

Cada um dos cinco domínios referidos é representado, como vimos, por seis escalas mais específicas, que avaliam as facetas desses domínios. Uma primeira vantagem de estudar uma variedade de facetas é a de garantir que os itens utilizados para cobrir um determinado domínio contenham uma amplitude considerável de pensamentos, sentimentos e acções.

Outra vantagem é a de que a existência de facetas independentes permite a replicação interna dos resultados. Por exemplo, cada uma das seis facetas do Neuroticismo está, significativamente, relacionada com a afectividade negativa e a baixa satisfação com a vida (Costa & McCrae, 1984), o que, com mais confiança, nos permite afirmar que N está relacionado com o bem-estar subjectivo.

Uma terceira vantagem desta abordagem multifacetada advém de diferenças individuais significativas poderem ser observadas, no interior do domínio. Assim, por exemplo, a Abertura à Estética, Sentimentos, Acções, Ideias e Valores covariam, de molde a formar o domínio de O, tendendo os sujeitos com pontuações elevadas numa faceta a registar altos escores, nas outras. Mas trata-se, apenas, de uma afirmação probabilística, pois, alguns indivíduos podem ser abertos aos Sentimentos e não à Estética. Estas diferenças individuais são estáveis, ao longo do tempo, e foram confirmadas, mediante avaliações, por parte dos colegas (McCrae & Costa, 1990). O exame das facetas pode, por conseguinte, proporcionar uma análise mais fina das características das pessoas e dos grupos, visto que dois sujeitos podem ter pontuações semelhantes, num domínio, mas comportamentos muito diversos, devido a outra combinatória das pontuações das facetas.

Por fim, as pontuações por facetas, podem ser úteis na interpretação de constructos e na formulação de teorias. Por exemplo, apesar da Extroversão estar relacionada com o bem-estar subjectivo (Costa & McCrae, 1984), apenas duas das suas facetas são essencialmente responsáveis por esta associação (Acolhimento e Emoções Positivas), acontecendo até que a faceta Procura de Excitação nem sequer está relacionada com este constructo. Tais conclusões podem ser contributos muito úteis para uma teoria sobre o bem-estar subjectivo.

A interpretação clínica dos domínios e facetas do NEO-PI-R, atrás

referidas, deve ser considerada, no contexto da história do cliente. Nalguns casos, pode ser apropriado discutir o perfil obtido, processo esse que pode ajudar o sujeito e o terapeuta a compreender a forma segundo a qual o sujeito expressa os seus diferentes traços de personalidade. De qualquer maneira, as interpretações devem ser sempre consideradas aproximações provisórias e, por conseguinte, falíveis.

Por vezes, tentar dar um sentido às trinta facetas pode ser extremamente complicado. Sendo assim, os autores (Costa & McCrae, 1992) recomendam um exame, domínio por domínio. Mas outras formas de interpretação são também possíveis, como seja a de ter em consideração as relações entre algumas das facetas[34].

Uma outra estratégia consiste em considerar pares de domínios, em termos de planos de duas dimensões, que correspondem, em muitos casos, a áreas particulares da vida. Duas destas combinações têm sido, exaustivamente, estudadas: o plano afectivo, definido por N e E, que representa os estilos emocionais básicos do indivíduo (Costa & McCrae, 1980; Watson & Tellegen, 1985) e o plano interpessoal[35], definido por E e A (McCrae & Costa, 1989). E e O, em conjunto, são importantes para os interesses vocacionais (Costa, McCrae, & Holland, 1984) e para a selecção de formas óptimas de psicoterapia (Miller, 1991). As restantes quatro possíveis combinações têm também um potencial interessante de interpretação: E e C parecem, em conjunto, determinar padrões de actividade; O e A afiguram-se relevantes para o estudo das atitudes; O e C revelam-se particularmente importantes para o rendimento escolar; e A e C poderão representar as dimensões básicas do carácter.

Quando obtemos os dados, com a forma S (auto-avaliação) e com a forma R (hetero-avaliação), multiplicam-se a complexidade e as possibilidades da interpretação. Nestes casos, os perfis podem ser analisados, separadamente, para compreender a personalidade, como é vista pelo próprio e/ou pelos outros. E se projectarmos os dois perfis num mesmo gráfico, podemos analisar os pontos de acordo e de desacordo. A observação clínica destes perfis, em conjunto, foi discutida por Mutén (1991), tendo McCrae (1991) proposto análises específicas para a sua interpretação.

O "Relatório Interpretativo" (ver quadro 3.4) sobre o NEO-PI-R (Costa & McCrae, 1992) é facultado, em todas as formas de administração deste inventário. Este relatório começa por apresentar informações sobre o cliente e o seu perfil no NEO-PI-R. Seguem-se uma lista dos dados brutos, pontuações T e as amplitudes máximas e mínimas das pontuações para as escalas de factores e de facetas. As normas para estas pontuações

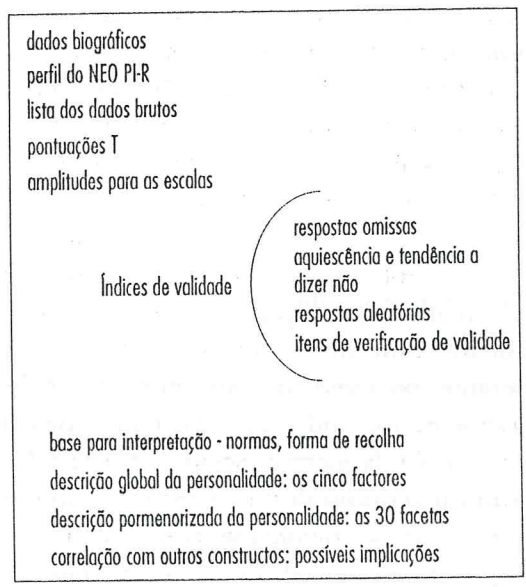
---

[34] Por exemplo, o sentido de O1 (Abertura à Fantasia) pode depender de outras pontuações. Assim, um sujeito com um escore elevado em O1 e baixo nas outras facetas de O, pode estar a utilizar a fantasia como forma de fuga aos problemas, ou para evitar tarefas não agradáveis. O que seria confirmado, se tivesse uma pontuação elevada em N.

[35] Conhecido por circumplexo interpessoal.

são baseadas na idade e no sexo do sujeito e na forma de administração do teste.

Finalmente, avalia-se a validade das respostas, tomando em consideração as que foram omitidas, a aquiescência, a tendência a dar respostas negativas e/ou aleatórias e os resultados dos itens de verificação da validade (*validity check items*). Se houver omissão de respostas a 41 ou mais itens, o computador não elabora o relatório. Contrariamente, este será produzido, com múltiplas informações derivadas dos resultados. Depois de ler a secção dos "Índices de Validade" do relatório, o profissional tem de decidir se vai ou não obter mais informações sobre o sujeito, anular o teste, ou reter as informações com as devidas precauções.



Quadro 3.4 Componentes do Relatório Interpretativo

A secção "Base para a Interpretação" (Costa & McCrae, 1992) identifica a fonte dos dados do NEO-PI-R e o grupo normativo seleccionado para comparação. Dá também informação sobre as pontuações obtidas nos cinco factores, que são utilizadas como pilares para a interpretação global da personalidade.

O material interpretativo está dividido em três secções principais (Costa & McCrae, 1992). A primeira – "Descrição Global da Personalidade: Os cinco factores" – começa pela pontuação do factor mais discriminativo, ou seja, mais longe da média, e descreve o sujeito, em cada factor, a cinco níveis (da média, acima da média, muito acima da média, abaixo da média, muito abaixo da média). A segunda secção – "Interpretação Pormenorizada: Facetas de N, E, O, A e C" – contém uma descrição baseada nas pontuações das facetas. A última secção principal – "Correlação com outros Constructos: Algumas Possíveis Implicações" – alarga a inter-

pretação da secção precedente, apoiando-se na investigação empírica sobre as relações do inventário com outros constructos. São incluídas informações sobre *coping* e mecanismos de defesa, queixas somáticas, bem-estar psicológico, processos cognitivos, características interpessoais, necessidades e motivos.

Os relatórios interpretativos são construídos, através da aplicação de um conjunto de regras ao perfil de pontuações do sujeito: se as pontuações excedem determinados pontos-limite são incluídas informações no relatório, que sumariam o significado e possíveis implicações dessas pontuações. As informações são baseadas no conteúdo das escalas e em estudos empíricos; os pontos-limite foram escolhidos com base na experiência dos autores do inventário. Estes relatórios interpretativos devem ser vistos como um conjunto de inferências estatísticas, que alguém versado na literatura sobre o NEO-PI-R pode fazer, a partir dos resultados obtidos. As incongruências aparentes, que possam surgir no relatório interpretativo, devem ser encaradas como aspectos a necessitar de clarificação e de uma interpretação mais individualizada.

3.5. Desenvolvimento e Validação

A tarefa de construir um inventário único para avaliar a personalidade parece desesperante, uma vez que existem milhares de palavras, nas nossas línguas, para descrever os indivíduos e centenas de constructos têm sido propostos pelos teóricos da mesma. Segundo Costa e McCrae (1992), é possível construir um inventário desta natureza, dado existir muita redundância nas descrições da personalidade. Assim, designações como dominante, ascendente, assertivo, descrevem um comportamento idêntico ou muito semelhante. Da mesma forma, escalas que avaliam o Neuroticismo, a má adaptação e a força do ego, cobrem, essencialmente, o mesmo domínio (Watson & Clark, 1984).

O NEO-PI-R é um inventário de personalidade, com muitas aplicações, até porque, contrariamente à maioria, não foi construído com nenhuma finalidade de utilização, em vista, seja ela vocacional, clínica, ou outra. A ideia, que lhe está subjacente (Costa & McCrae, 1992), é a de que os traços de personalidade poderiam ser agrupados, de molde a serem englobados num instrumento único e útil para a compreensão e predição de uma ampla variedade de critérios, desde os interesses vocacionais, à doença, à saúde, ao bem-estar psicológico, aos estilos característicos de *coping*. Efectivamente, o NEO-PI-R tem vindo a revelar-se frutuoso nesta multiplicidade de contextos.

Recorde-se que, quando o NEO-PI-R começou a ser elaborado, não havia consenso sobre os cinco factores, competindo pela melhor repre-

sentação da estrutura da personalidade uma multiplicidade de sistemas. Ao comparar os sistemas de Eysenck, Guilford, Cattell, Buss e Plomin e outros, nos anos de 70, Costa e McCrae concluíram que existia muito mais acordo nos factores de ordem superior – especialmente, na E e no N – do que nos traços específicos que os definiam. Parecia que N e E seriam agrupamentos gerais, ou domínios de traços, que podiam ser divididos, de muitas maneiras diferentes. Assim, a estratégia, que seguiram, traduziu-se por uma orientação descendente: começar pelo topo e dirigir-se, depois, para baixo, ou seja, partir de domínios gerais, para os traços mais específicos.

Isto levou-os a reconhecer um terceiro domínio, que designaram por Abertura à Experiência (O; Costa & McCrae, 1976, 1978); depois, a desenvolver escalas para medir as facetas de N, E e O (Costa & McCrae, 1980); em seguida, a reconhecer a Amabilidade (A) e a Conscienciosidade (C) como domínios principais (McCrae & Costa, 1985); e, mais recentemente, a desenvolver escalas para medir as facetas de A e C (Costa, McCrae & Dye, 1991).

Actualmente, continua a existir maior acordo, em relação às cinco dimensões, do que no que concerne aos traços específicos, que as compõem (Briggs, 1989). Há, contudo, o reconhecimento crescente de que é insuficiente a avaliação geral, ao nível dos cinco factores, porque sumária, tendo em vista a compreensão da personalidade do indivíduo (Briggs, 1989; Mershon & Gorsuch, 1988). As trinta facetas (Costa & McCrae, 1992) foram escolhidas, para representar constructos, frequentemente identificados na literatura, e que incorporam distinções importantes, no interior de cada um dos domínios. Em conclusão, a possibilidade de obter pontuações dos domínios e das facetas facilita a compreensão da personalidade do sujeito, considerado individualmente, ou em comparação com os outros.

3.5.1. Amostras

De acordo com Costa e McCrae (1992, p.39), grande parte da investigação inicial, com o NEO-PI, foi feita com base em duas amostras – ambas compostas por participantes voluntários – que integravam estudos longitudinais sobre o envelhecimento. Esta circunstância levou a que os dados fossem, repetidamente, obtidos com os mesmos sujeitos, tornando-se possível examinar a relação entre um grande número de testes e medidas de personalidade, inteligência, bem-estar e saúde. Consequentemente, a informação acumulada facilitou a formulação de um modelo básico, necessário para organizar os dados empíricos. Por outro lado, permitiu que os dados se restringissem, desde o início, a uma população adulta. Os sujeitos apresentavam, em ambos os estudos, um leque de idades entre os 25 e os 95 anos.

Vamos, de seguida, referir-nos às duas amostras longitudinais supracitadas, assim como outras amostras utilizadas por Costa e McCrae, no

processo de validação do NEO-PI-R:

Estudo Normativo sobre o Envelhecimento (*The Normative Aging Study - NAS).*
Segundo Costa e McCrae (1992, p.40), "o modelo original dos três factores - NEO - foi desenvolvido, a partir da investigação com os participantes no Estudo Normativo sobre o Envelhecimento dos Veteranos da Administração (*Veterans Administration's Normative Aging Study*, Bell, Rose & Damon, 1972). Esta amostra de voluntários consistia em mais de 2000 veteranos do sexo masculino, que se submeteram a uma variedade de medidas psicológicas. Todas as classes sociais, menos a mais baixa, estavam bem representadas. Os voluntários foram escolhidos, tendo em atenção a sua saúde mental e física e a estabilidade de residência, requisito necessário para assegurar que eles voltariam para os exames periódicos". De forma geral, Costa e McCrae (1992) consideram que eles eram representativos dos adultos americanos normais.

Estudo Longitudinal Ampliado sobre o Envelhecimento (*The Augmented Baltimore Longitudinal Study of Aging — ABLSA).*
O Inventário NEO foi trazido para Baltimore, em 1978, e introduzido, em 1980, na bateria de testes do BLSA *(The Baltimore Longitudinal Study of Aging).* Foi aqui que a sua utilidade foi confirmada e se obtiveram as normas para a população. Os sujeitos foram recrutados pela técnica da "bola de neve", sendo, na sua maioria, indivíduos no activo, ou reformados de ocupações científicas, profissionais ou de gestão, e consideravelmente com mais instrução do que a população em geral. "Há, no entanto, evidência, de que estes voluntários, não diferem, grandemente, no que toca às características da personalidade de outras amostras nacionais" (Costa & McCrae, 1992, p.40). Aos cerca de 400 homens e 300 mulheres, que compõem o ABLSA, foi adicionado, em 1986 mais um grupo de indivíduos (Costa & McCrae, 1988b).

Amostra dos Colegas (*The Peer Sample)*
Em 1983, Costa e McCrae pediram aos membros do ABLSA que indicassem amigos ou vizinhos, que os pudessem avaliar. "Esta avaliação foi utilizada, nas normas da forma R (1989). Em 1990, recontactaram alguns destes avaliadores, com intenção de levar a cabo um estudo longitudinal da personalidade dos sujeitos avaliados" (Costa & McCrae, 1992, p.40). Ao mesmo tempo, pediram aos participantes mais recentes (no BLASA) que indicassem novos avaliadores. "Estes dois grupos de avaliadores eram semelhantes entre si e às pessoas, que avaliavam, ou seja, eram de raça branca, com bastante instrução e tendiam a ser da mesma idade e sexo que os sujeitos, cuja personalidade estavam a medir. Foram recolhidos dados de cerca de 300 sujeitos, que se incluíram nas normas da forma R do NEO-PI-R" (Costa & McCrae, 1992, p.40).

Amostra de Empregados (*The Employment Sample).*
Com a finalidade de elaborar as escalas das facetas de A e C, foram

administrados a mais de 1800 homens e mulheres, empregados numa organização nacional americana (Costa, McCrae & Dye, 1991), o NEO-PI e um conjunto de itens suplementares. Este grupo diferia, de acordo com Costa e McCrae (1992, p.40), "em muitos aspectos das amostras do BLSA, com as quais o NEO-PI-R foi originalmente elaborado: os participantes eram mais novos, estando várias centenas de indivíduos na casa dos vinte; embora quase todos tivessem completado o ensino secundário, uma percentagem muito menor tinha diploma superior; havia também um número maior de sujeitos não-brancos: 21% eram negros e 10% de raça hispânica, asiática ou de outra raça minoritária. Embora estes sujeitos tenham completado o NEO-PI-R, no contexto de uma investigação sobre realização (*performance*) no trabalho, eram voluntários e foi-lhes expressamente dito que os dados não seriam utilizados para avaliação da sua realização profissional".

Outras Amostras

As formas S e R do NEO-PI foram também utilizadas com amostras mais pequenas, recrutadas, tendo em vista objectivos específicos (Costa & McCrae, 1992, p.41). Entre elas, se incluem:

- A amostra de sujeitos, em situação de *stress* (*Stress Sample*, McCrae, 1982; McCrae & Costa, 1983a) composta por pacientes e esposas, que participaram num estudo sobre o *stress* e psoríase.
- A amostra de hipertensos (*The hipertension sample*; Costa & McCrae, 1985).
- A amostra de fumadores (*The smoking sample*, Baile *et al.*, 1984).
- A amostra de *NHANES*[36] (*The NHANES sample*, Costa *et al.*, 1985).
- Amostras clínicas diversas.
- Amostras com estudantes, a partir das quais foram estabelecidas as normas para universitários (*college*) e a pertinência e validade do 'Sumário NEO' a fornecer como *feedback* aos sujeitos.

Assim, o NEO-PI-R foi validado com uma grande variedade de sujeitos:

- adultos de todas as idades, desde a primeira adultez (*e. g.*, Wiggins & Pincus, 1989);
- brancos e não-brancos;
- dos dois sexos;
- de nível de instrução variado (embora o ABLSA seja constituída por sujeitos com elevado nível de escolaridade, o instrumento tem-se mostrado útil com sujeitos com apenas o ensino secundário);
- diferentes contextos clínicos, desde a reabilitação de toxicodependentes (Brooner *et al.*, 1991), à prática clínica privada (Miller, 1991).

Porém, apesar do NEO-PI-R se ter mostrado adequado com diferentes amostras, correlações do inventário com variáveis, como a idade, sexo e anos de escolaridade, devem ser examinadas para analisar a influência que

---

[36] *National Health and Nutrition Examination Survey I Follow-up Study* (Cornoni-Huntley *et al.*, 1983).

estas possam ter nas pontuações do teste. Quando estas correlações são elevadas, pode-se colocar a hipótese de que as influências demográficas estão a confundir as relações entre as pontuações dos traços e outros critérios (Costa & McCrae, 1992, p.55, *cf.* tabela 11).

3.5.2. Normas

De acordo com Costa e McCrae (1992, p.42), "as normas para a forma S, para adultos, da versão americana do NEO-PI-R (1992), baseiam-se na amostra normativa, que foi constituída, a partir de três amostras: um grupo de 405 homens e mulheres do *Augmented Baltimore Longitudinal Study of Aging* (ABLSA), incluídos na amostra normativa de 1989 e que responderam aos novos itens do inventário em 1990; 329 participantes do ABLSA, que completaram o NEO-PI-R entre 1989 e 1991, através de administração computadorizada; e 1539 homens e mulheres que participaram num estudo sobre realização no trabalho". Ainda segundo os autores, apesar das diferenças nos momentos e condições de administração, as três subamostras eram comparáveis nas pontuações obtidas. Subsequentemente, para a obtenção da amostra normativa, seleccionaram-se, destes grupos, 500 homens e 500 mulheres, que preencheram, de forma válida, o inventário, cujas características demográficas correspondiam às predições do Censo para 1995 (U. S. *Department of Commerce*, 1984). Todavia, "embora os sujeitos das amostras utilizadas tivessem um nível de escolaridade superior à média, o grupo seleccionado ficou com uma média não muito superior à da população geral – 15.7 e 13.6 (média dos anos de escolaridade formal para os homens e para as mulheres, respectivamente). Os sujeitos tinham uma amplitude de idades compreendida entre os 21 e os 96 anos" (Costa & McCrae, 1992, p.43). O Manual do NEO-PI-R (1992) fornece as médias e os desvios-padrões das escalas do NEO-PI-R para os sujeitos desta amostra, assim como os percentis[37].

Costa e McCrae (1992, p.43) referem que "na edição de 1985 do NEO-PI, as normas para a forma R foram baseadas nas avaliações feitas pelos esposos, para as escalas N, E e O, e na avaliação pelos colegas, para as escalas A e C. Nas normas de 1989, a avaliação pelos colegas foi utilizada para todas as escalas. Embora os dois tipos de avaliação não difiram muito (com excepção do facto de que os colegas vêem os sujeitos como sendo mais extrovertidos do que os esposos e os próprios sujeitos; McCrae, 1991), a forma R do NEO-PI-R tenta minimizar quaisquer diferenças, através da combinação dos dois. Os dados da forma R foram obtidos, a partir de 143 avaliações de 73 homens e de 134 avaliações de 69 mulhe-

[37] Frequências acumuladas que indicam a percentagem da amostra normativa que pontuou ao mesmo nível, ou abaixo, de um determinado dado bruto.

res. A idade dos sujeitos avaliados situava-se entre os 29 e os 93 anos. Num estudo sobre a avaliação feita pelos esposos, a informação foi obtida, a partir de 50 homens (entre os 39 e os 86 anos) e 41 mulheres (entre os 33 e os 76 anos), pertencentes ao ABLSA (McCrae, 1991). E, como só cerca de um terço das avaliações eram feitas pelos esposos, foram ponderadas com um factor 3 (*e.g.*, entraram como três casos separados), para o cálculo final das médias, desvios-padrões e percentis".

Apesar de os autores (Costa & McCrae, 1992) considerarem que os traços da personalidade são bastante estáveis, ao longo da vida adulta, aceitam a existência de mudanças significativas entre a adolescência e a primeira adultez. O reconhecimento deste facto levou-os a publicar normas para este transcurso da vida, assim como as respectivas folhas de perfil (*College Student Norms* e *Profile Forms*, 1989). As normas para esta faixa etária foram estabelecidas com duas amostras de universitários (*College*), uma do Canadá (40 homens e 90 mulheres) e outra do sudoeste dos Estados Unidos (108 homens e 151 mulheres). Segundo Costa e McCrae (1992, p.43), podem-se generalizar estes resultados a outros contextos, visto a distribuição das pontuações, nas duas amostras, ser bastante semelhante. No que concerne às pontuações obtidas nos cinco factores, os resultados confirmaram os dados recolhidos com outras investigações, a saber, que os sujeitos mais novos tendem a obter resultados mais elevados em N, E e O e mais baixas em A e C. Os estudantes pontuam um desvio-padrão acima dos adultos, em E5 (Procura de Excitação) — resultado, aliás, condizente com os de Zukerman (1979), em estudos sobre a procura de sensações (*sensation seeking*). Estes dados normativos, de acordo com Costa e McCrae (1992, p.43), "foram recolhidos em estudantes universitários, mas uma análise comparativa, com uma amostra de recrutas militares da mesma idade, revelou um grande paralelismo e sugere que as normas para estudantes universitários são apropriadas para sujeitos entre os 17 e os 20 anos, quer eles frequentem ou não a universidade".

3.5. 3. Passos na Construção das Escalas

Em todas as fases de construção do NEO-PI-R se tem lançado mão de (ver capítulo sobre a história do questionário) estratégias racionais e factoriais. Costa e McCrae (1992, p.40) referem que "começaram pelos constructos que desejavam avaliar, criavam conjuntos de itens com o objectivo de cobrir esses mesmos constructos, administravam-nos a grandes amostras e faziam uma análise factorial das respostas. Os itens eram seleccionados em função das saturações obtidas e do requisito de manter o mesmo número na positiva e na negativa, em cada escala. A validade convergente e discriminante eram, então, analisadas, em relação a critérios externos, tais como outras escalas, já estabelecidas, ou outros métodos de avaliação. Em alguns casos, foi necessário rever as escalas iniciais, o que le-

vou a uma nova elaboração de itens, administração dos testes e selecção dos itens".

As estratégias levadas a cabo na construção das escalas foram guiadas por seis princípios gerais que apresentamos, de seguida (Costa & McCrae, 1992, p.40 e ss):

• O NEO-PI-R baseia-se na ideia de que os traços estão hierarquizados, indo do geral (domínio) para o específico (facetas) e que tanto uns como as outras, devem ser avaliados. Consequentemente, a análise dos itens realizou-se, numa primeira fase, ao nível dos domínios e, só depois, ao nível das facetas.

• "Os constructos avaliados pelo NEO-PI-R não pretendem ser descobertas originais. Pelo contrário, os autores procuraram identificar, na literatura, os traços e disposições, que têm sido importantes para os teóricos da personalidade, representados na linguagem natural, e que têm aparecido nas investigações. Conceitos como ansiedade, assertividade e confiança são fáceis de entender pela maioria dos utilizadores. Na medida em que eles têm reaparecido, no meio das centenas de constructos propostos para avaliar as diferenças individuais testemunham a sua importância" (Costa & McCrae, 1992, p.40).

• Na construção das escalas, os autores consideraram o constructo, que queriam avaliar e, depois, escreveram itens que sugeriam a presença do traço. Segundo Costa e McCrae (1992, p. 41), "esta abordagem é baseada na teoria da auto-exposição (*self-disclosure*, Johnson, 1981), a qual postula que os sujeitos respondem de forma espontânea e que as escalas racionais parecem funcionar tão bem, ou melhor, do que as escalas que empregam itens subtis ou utilizam métodos de selecção de grupos contrastantes". Costa e McCrae (citado por Briggs & Cheek, no prelo) defendem que, se há suspeitas de falsificação das respostas, mais vale utilizar a forma R do que escalas de desiderabilidade social. Justificam a sua opção com base na sua experiência com a análise factorial: esta, geralmente, resulta em factores interpretáveis racionalmente, o que "sugere que os sujeitos responderam ao conteúdo manifesto dos itens" (Costa e McCrae, 1992, p. 41).

• A selecção final dos itens do NEO-PI-R foi baseada na aplicação dos princípios psicométricos. As escalas têm, assim, o mesmo número de itens formulados na positiva e na negativa, para controlar a aquiescência e cada item pertence apenas a uma escala. Os autores optaram pela análise factorial, porque permite identificar agrupamentos de itens que covariam entre si, mas que são, relativamente, independentes de outros agrupamentos, ou seja, itens que mostram validade convergente, em relação aos do seu agrupamento, e divergente, em relação a outros de agrupamentos distintos.

• A consciência de que a auto-avaliação não é o único método de medição das diferenças individuais levou Costa e McCrae (1992) a criar a forma R, para validar a forma S. Tornou-se, porém claro que

esta última, de *per si*, tinha grande utilidade, como método de avaliação psicológica. Numerosos estudos sobre a fidelidade, a estabilidade e a validade da forma R do NEO-PI-R, têm confirmado a hipótese de que a mesma abordagem, utilizada na construção das escalas da forma S, era também aplicável à forma R (McCrae, 1982; Costa & McCrae, 1992; McCrae & Costa, 1987, 1989).

• O último princípio geral que guiou o desenvolvimento das escalas, de acordo com Costa e McCrae (1992, p. 41), reside na capacidade das mesmas para mostrarem "relações significativas com critérios externos - relações essas, que nos permitem fazer inferências válidas, a partir das pontuações das escalas, quando interpretamos casos individuais".

3.5.4. Indicadores da validade das respostas

Ao longo das últimas décadas, os psicometristas têm proposto formas variadas e eficazes para detectar a validade das respostas aos questionários. De acordo com Costa e McCrae (1992, p. 42), "os dados sobre a validade de constructo do NEO-PI-R mostram que as escalas são, na generalidade, bem sucedidas na mensuração dos constructos pretendidos. Isto não significa que todos os perfis do NEO-PI-R sejam válidos: alguns sujeitos podem não compreender a sua personalidade, podem, deliberadamente, representar-se de uma forma inadequada, ou responder sem cuidado. Idealmente, estes protocolos deviam ser identificados e excluídos da análise".

O NEO-PI-R contém alguns indicadores da validade das respostas, nomeadamente, os *validity checks*, o controlo das não respostas, da aquiescência, da tendência a dizer não, e das respostas aleatórios (*c.f.* subcapítulo 3.3., dedicado à administração e cotação do inventário), mas, como já referimos, nenhuma escala elaborada especificamente para detecção da fraude ou mentira (*validity scales*). A filosofia dos autores é a de que a validade dos testes é assegurada com maior facilidade, através da correcta administração do instrumento e da sua interpretação cuidada. Em contexto de investigação, é suficiente, para motivar o sujeito para o correcto preenchimento do inventário, uma explicação sobre a importância e a finalidade da investigação. Nas aplicações clínicas, dever-se-á, primeiro, determinar se o sujeito consegue responder, de maneira adequada e, depois, motivá-lo a cooperar. Se, mesmo assim, existirem dúvidas, a utilização da forma R é, possivelmente, mais apropriada (Costa & McCrae, citado por Briggs & Cheek, no prelo; Costa & McCrae, 1992).

A inexistência de uma escala para medir as respostas socialmente desejáveis é, talvez, um dos aspectos mais controversos do NEO-PI-R. A opção de a não incluir foi baseada na conclusão de que a desiderabilidade social, na maioria dos casos, não é uma ameaça à validade das escalas do

NEO-PI-R, porque não são susceptíveis a este tipo de influência (Costa & McCrae, 1983, 1988; Rolland, 1994), sendo, por vezes, contraproducente a sua utilização (McCrae *et al.*, 1989). Efectivamente, embora os sujeitos possam revelar uma alta ou baixa desiderabilidade social, existem poucos indícios de que respondam, diferencialmente, em consequência da mesma, quando estão a completar um teste de auto-avaliação, em condições normais. Por fim, como as escalas de desiderabilidade social estão correlacionadas com as do Neuroticismo e Abertura à Experiência do NEO-PI-R, proporcionariam uma informação redundante (aquilo que os autores designam por *substantive overlap*, ou sobreposição entre as escalas). Consequentemente, eles não recomendam a utilização de escalas de desiderabilidade social, na aplicação do NEO-PI-R .

3.5.5. Fidelidade e estabilidade

Segundo Costa e McCrae (1992, p.44), "a teoria subjacente à construção das escalas do NEO-PI-R é a de que os itens individuais cobrem um pequeno aspecto do traço que a escala pretende avaliar – através da soma dos diferentes itens, obtém-se uma medida mais ampla e fidedigna. Se, efectivamente, todos os itens medem a mesma coisa devem, então, estar correlacionados entre si. A intercorrelação média ente os itens – em conjunto com o número dos mesmos – determina o coeficiente alfa". Os valores deste, obtidos nos domínios e nas facetas, para a forma S, na Amostra de Empregados, e para a forma R, na Amostra de avaliação pelos Colegas, são todos superiores a .56 (*c.f.* Tabela 5, Manual NEO-PI-R, 1992, p. 44). Os valores obtidos com as facetas são perfeitamente aceitáveis, dado tratar-se de escalas com apenas 8 itens. "As escalas dos domínios, como seria de esperar, têm uma consistência interna superior, oscilando os coeficientes alfas entre .86 e .95" (Costa & McCrae, 1992, p.44). Ora, "outros estudos, utilizando o NEO-PI, têm revelado valores muito semelhantes para homens e mulheres (McCrae & Costa, 1983), para amostras clínicas (Fagan *et al.*, 1991) e para estudantes universitários" (Piedmont, McCrae, & Costa, 1992, p. 44).

McCrae e Costa (1983) examinaram a fidelidade teste/reteste das escalas do NEO-PI, numa amostra de 31 homens e mulheres. As correlações, para as escalas de facetas, apresentavam uma amplitude entre .66 e .92 e, para as três escalas de domínios, entre .86 e .91. Porém, a fidelidade teste-reteste do NEO-PI-R tem sido mais bem estudada, em investigações longitudinais de longa duração. Por exemplo, um estudo que se estendeu por 6 anos, com as escalas N, E e O, revelou coeficientes de estabilidade que variavam entre .68 e .83, tanto nas auto como nas hetero-avaliações, e coeficientes teste-reteste, relativos a intervalos de três anos, para as versões breves das escalas dos domínios A e C, da ordem de .63 a .79 (Costa & McCrae, 1988). Um estudo longitudinal de 7 anos, utilizando avaliações pelos colegas, encontrou coeficientes entre os .51 e .82, para as escalas das

facetas, e .63 a .81, para os cinco domínios (Costa & McCrae, no prelo).

O NEO-PI-R, segundo os autores, é um dos poucos instrumentos que tem demonstrado que mede, de facto, disposições duradouras, sejam elas avaliadas pelo próprio ou por outros.

3.5.6. Estrutura factorial

A análise factorial tem sido uma técnica central na avaliação da personalidade, porque permite ao investigador descobrir agrupamentos de itens, simultaneamente, consistentes e independentes, facilitando, por conseguinte, uma análise da validade convergente e discriminante das escalas (Costa & McCrae, referido em Briggs & Cheek, no prelo). Existem muitas maneiras de empregar esta técnica, mas a abordagem de Costa e McCrae tem sido a de sublinhar os aspectos conceptuais e teóricos, em detrimento dos critérios estatísticos ou matemáticos. Assim, tem sido o modelo dos *Big Five,* e não tanto os *eigenvalues* ou os *scree tests,* a determinar o número de factores. Os autores têm também preferido a rotação ortogonal destes a soluções factoriais oblíquas mais difíceis de compreender.

Um teste importante da validade do NEO-PI-R consiste em verificar, até que ponto a sua estrutura interna corresponde às predições do modelo. Esta verificação pode fazer-se, segundo Costa e McCrae (1992), a dois níveis: através de uma análise em componentes principais, com rotação varimax dos 240 itens, e através da análise em componentes principais, com rotação varimax, das pontuações obtidas nas 30 facetas.

Assim, ao primeiro nível, temos as investigações levadas a cabo por McCrae e Costa (1989) e Costa e McCrae e Dye (1991), que utilizando a análise factorial exploratória, com rotação varimax dos componentes principais, encontraram cinco factores perfeitamente distintos. As correlações entre os *factor scores* (escores dos factores) e as escalas dos domínios N, E, O, A e C, oscilavam em torno de .9. Ao nível da análise factorial das pontuações das facetas, Costa e McCrae (1992, manual do NEO-PI-R, p. 44) apresentam uma tabela com a estrutura factorial das 30 escalas. As saturações encontradas são baseadas na amostra normativa (*normative sample)* composta, como já foi referido, por 500 homens e 500 mulheres. Cada faceta, segundo Costa e McCrae (1992, p. 44) "tem a saturação mais elevada no factor pretendido, e quando surgem saturações altas, noutros factores, elas são teoricamente compreensíveis. Por exemplo, N2 (Hostilidade) tem uma saturação negativa muito significativa em A, porque as pessoas hostis são geralmente antagonistas. Da mesma forma, A3 (Altruísmo) tem uma forte saturação secundária em E, porque é difícil ajudar os outros, quando se evita o contacto social".

Segundo ainda os autores referidos (p.45), "resultados muito semelhantes foram encontrados numa amostra maior, mas menos representa-

tiva, a Amostra de Empregados (*Employment Sample*). A sua composição diversificada permitiu um exame da estrutura factorial do NEO-PI-R em diversas subamostras: homens e mulheres, brancos e não-brancos, jovens adultos (dos 21 aos 29) e adultos (30 a 64 anos). Os mesmos factores foram reencontrados nos diferentes grupos, com um coeficiente de congruência[38], variando de .91 a .99". Os cinco factores foram também reencontrados nos dados utilizados para elaborar as normas para sujeitos com idade universitária (*College-Age Norms*) e na Amostra de Avaliação pelos Colegas (*Peer Ratings sample),* que utilizou a forma R. Parece, pois, que o NEO-PI-R apresenta validade factorial em grupos de sexo, raça e idade diferentes[39] (Costa, McCrae, & Dye, 1991).

No entanto, algumas críticas têm sido dirigidas contra a referida solução, na medida em que não consegue adequar os dados obtidos com o inventário NEO-PI-R ao modelo hipotético pretendido. É o caso de Borkenau e Ostendorf (1990), que não encontraram os cinco factores, nem com a análise factorial confirmatória. Por sua vez, Church e Burke (1994), numa análise pormenorizada do NEO-PI, com uma amostra de estudantes, observaram que uma estrutura simples se não adequava, convenientemente aos dados e que um modelo mais complexo, baseado nos resultados de uma amostra de adultos (McCrae & Costa, 1989) se lhe ajustava melhor. Por sua vez, Parker, Baagby e Summerfeldt (1993) analisaram as intercorrelações entre as facetas do NEO-PI-R, com base nos dados normativos (Costa e McCrae, 1992c), e concluíram que existem muitas correlações entre os factores, enquanto Panter, Tanaka, e Hoyle (no prelo) verificavam que os factores não são ortogonais.

McCrae e colaboradores (1995, p.3), ao reflectirem sobre o desacordo entre os dados obtidos, através de análise confirmatória (CFA), e a evidência empírica da forte replicabilidade da estrutura do NEO-PI-R, adiantam duas possíveis explicações: "a técnica CFA pode ser mal utilizada ou podem existir problemas fundamentais, no método em si"[40]. Os autores, inclinando-se para esta última alternativa, concluem que a CFA apresenta problemas, nomeadamente, de natureza técnica, sem falar nos que decorrem do tempo e esforço requerido na aplicação do método.

Acresce que, apesar de o modelo dos cinco factores ser, geralmente, considerado como um sistema de coordenadas ortogonais (Goldberg, 1993; Costa & McCrae, 1992b), não tem de apresentar uma estrutura

---

38 Introduzido por Tucker (1949), o coeficiente de congruência é uma medida da semelhança de dois factores de análises factoriais diferentes (*e.g.*, factor E da amostra americana com E da amostra portuguesa).

39 Esta estrutura foi também replicada, entre outras, em amostras independentes de adultos (Costa & McCrae, 1992a; Piedmont & Weinstein, 1993), em estudantes universitários (Costa & McCrae, 1994b), com avaliações pelos pares (Costa & McCrae, 1992d) e pelos esposos (McCrae, 1994) e nas versões do instrumento traduzidas para Chinês (Ho, 1994) e Hebraico (Montag & Levin, 1994).

40 *"The CFA technique may be inappropriately applied, or there may be fundamental problems with the CFA method itself".*

simples, ou seja, não assume que todos os traços da personalidade pertencem a um, e apenas um, factor. O NEO-PI-R aparenta adoptar uma estrutura simples, pelo facto de, por conveniência conceptual e de cotação, cada uma das 30 facetas ser apontada como pertencendo a um único domínio. Mas, de facto, diversas facetas têm saturações secundárias elevadas, com significado teórico específico e mostrando ser replicáveis[41]. Consequentemente, McCrae e colaboradores (1995) formulam a hipótese de que, na CFA dos dados do NEO-PI-R, os factores oblíquos são claramente supe-riores aos factores ortogonais, apenas quando a estrutura simples for avaliada. Quando as saturações secundárias forem, *a priori*, especificadas, os factores ortogonais serão tão adequados como os oblíquos. Neste sentido é que, segundo McCrae e colaboradores (1995, p.11), a "rotação ortogonal de Procusta oferece uma técnica poderosa para realizar uma rotação orientada pelas hipóteses". A maneira, que os autores propõem, de avaliar, formalmente, a replicabilidade dos factores, a partir do NEO-PI-R, passa, então, pela rotação Procusta[42; 43].

Mas, apesar de não haver um consenso total, em torno dos cinco factores, ele é, como já foi referido, muito maior do que o existente, em relação às facetas específicas. A estratégia utilizada pelos autores, a este nível, foi a de rever a literatura, para identificar o maior número possível de traços relevantes para um determinado domínio; distingui-los, quando consideraram que tal poderia ser útil; e combiná-los, quando pareciam estar intimamente relacionados. Algumas "facetas foram excluídas, de modo a não contaminarem as escalas com os critérios que deveriam predizer[44]" e,

---

[41] Costa e McCrae (citado em Briggs & Cheek, no prelo), perante o dilema de preservar a estrutura simples ou abandonar algumas das escalas das facetas, optaram por perder a estrutura simples, visto existirem excelentes razões para optar pelo modelo dos cinco factores, assim como, para avaliar os traços que estão relacionados com mais de um factor. Seria, por exemplo, arbitrário e contraproducente, se omitíssemos as facetas Calor e Assertividade, só por terem saturações em mais do que um factor.

[42] Embora esta técnica tenha sido sujeita a muitas críticas, os autores (MacCrae *et al.*, 1995) legitimam a sua utilização, em conjunção com os testes estatísticos de adequação, e mostram dados, susceptíveis de conduzir a conclusões significativas, acerca da estrutura factorial do NEO-PI-R. A rotação Procusta consiste no facto de os dados a examinar serem rodados, de maneira a conseguir um máximo de ajustamento a uma hipotética matriz-alvo.

[43] O método proposto desenvolve-se, de acordo com os autores (p.3) em quatro etapas. A primeira etapa consiste na especificação da estrutura-alvo (*specify the target structure*), e parte da hipótese de que a estrutura representada na matriz factorial normativa será replicada. Na segunda fase, faz-se a análise factorial dos dados a testar, com o objectivo de extrair o número hipotético de factores, após a qual se rodam estes utilizando a técnica da rotação ortogonal de Schonemann (1966) em relação à matriz-alvo. A terceira etapa consiste no cálculo dos coeficientes de congruências entre a matriz normativa e a matriz rodada pelo método de Procusta. Finalmente, na quarta etapa, avalia-se a significância do ajustamento (*significance of fit*).

[44] Por exemplo, uma escala de hipocondria poderia fazer parte de N, mas limitava a sua possibilidade de ser um preditor independente de queixas somáticas.

inversamente, foram incluídas facetas que, embora redundantes, têm provado ser distinções importantes (como por exemplo, a distinção entre ansiedade e depressão) (Costa & McCrae, referido em Briggs & Cheek, no prelo, p.13).

3.5.7. Validade

No processo de validação de um instrumento, para além de uma estrutura factorial adequada, é importante a análise dos índices de validade. Em sentido muito geral, um instrumento é **válido**, segundo Nunnally (1978), se cumpre os objectivos para os quais foi construído, isto é, se mede aquilo que se destina a medir. Ainda segundo este autor, existem, em sentido lato, três tipos de validade que correspondem às três principais funções das medidas psicológicas, a saber, o estabelecimento de relações estatísticas com uma determinada variável (validade preditiva[45]), a representação de um universo específico de conteúdo (validade de conteúdo[46]) e a medição de traços psicológicos (validade de constructo[47]).

Costa e McCrae (citado por Briggs & Cheek, no prelo, p.21) defendem que a validade de uma medida se estabelece, através de uma rede de dados que a apoiem, sendo importante a "representatividade das facetas em cada domínio, a evidência a favor da validade convergente e discriminante e que as medidas dos traços estejam relacionadas com critérios sociais significativos".

Nesta linha de ideias, os autores têm levado a cabo uma variedade de estudos sobre a validade das escalas do NEO-PI e do NEO-PI-R. Nomeadamente, correlacionaram este inventário com outras escalas de

---

[45] A validade preditiva (também conhecida por validade estatística, empírica ou de critério) é utilizada para se referir às relações funcionais entre os resultados obtidos com um instrumento e variáveis situacionais ou acontecimentos que ocorrem antes (retrospectiva ou *post facto*), durante (concorrente) e depois (preditiva) do instrumento ser aplicado. A técnica estatística mais correntemente utilizada para este tipo de validade é o coeficiente de correlação.

[46] A validade de conteúdo refere-se à existência, num determinado teste, de uma amostra representativa das características do constructo que tenciona avaliar, ou seja, até que ponto a amostra de itens desse instrumento é representativa do domínio a medir. Consequentemente, pelo menos, um nível moderado de consistência interna dos itens é esperado, ou seja, os itens devem tender a medir algo em comum. Outro tipo de evidência a favor da validade de conteúdo obtém-se através da correlação das pontuações do teste com testes que avaliem o mesmo constructo.

[47] A validade de constructo diz respeito ao facto do questionário avaliar, efectivamente, determinado constructo. Existem três aspectos principais relacionados com a validade de constructo que, segundo Nunnally (1978), devemos ter em consideração, nomeadamente, especificar as variáveis relacionadas com o constructo; determinar o que as variáveis têm em comum; e realizar estudos sobre diferenças individuais e/ou realizar experiências controladas, para determinar a extensão, pela qual, as supostas medidas desse constructo produzem resultados previsíveis, a partir de hipóteses.

auto-avaliação, com testes de completamento de frases, com uma enorme variedade de critérios e constructos externos, com avaliações pelos colegas, cônjuges e profissionais. No entanto, as dimensões do NEO-PI-R, até à data, não foram ainda estudadas em investigação laboratorial, não foram examinados os correlatos psicofisiológicos das escalas, nem feitos estudos de observação controlada que, por vezes, são utilizados para validar as escalas de auto-avaliação.

Neste subcapítulo, apresentamos as principais conclusões sobre a validade do NEO-PI-R. As análises e investigações referidas cobrem *grosso modo* os três tipos de validade referidos por Nunnally (1978), as quais estão interligadas entre si. Todavia, por fidelidade à literatura, mantivemos as designações de Costa e McCrae no que concerne aos termos utilizados para os diferentes tipos específicos de validade. Relembremos que as divisões seguintes dizem respeito ao agrupamento dos diferentes tipos de investigações, levadas a cabo neste âmbito. Começamos pela validade convergente e discriminante das escalas das facetas, de seguida, fazemos referência à convergência com medidas pouco estruturadas, à validação consensual e à relação com critérios externos (validade de constructo e preditiva).

3.5.7.1. Validade convergente e discriminante das escalas das facetas

Ao longo dos anos, muitas publicações têm apresentado dados sobre correlações entre medições da personalidade e os domínios e as facetas individuais do NEO-PI-R, apoiando a validade do inventário e o seu modelo subjacente.

Os pressupostos teóricos do inventário sustentam que todas as facetas de um mesmo domínio se correlacionam, em bloco, com um constructo determinado. Assim, por exemplo, todas as seis facetas de N estão fortemente correlacionadas com o Neuroticismo do EPI (Eysenck & Eysenck, 1964). Mas, segundo Costa e McCrae (1992, p.46), "de modo a serem realmente valiosas, na compreensão de traços específicos, as escalas de facetas também devem mostrar relações diferenciais, ou seja, um padrão de correlações apropriadas e distintas, que evidencie a sua adequada validade convergente e discriminante".

Dois estudos recentes examinaram, de forma exaustiva, a validade convergente e discriminante das 30 escalas de facetas do NEO-PI-R. O primeiro destes estudos utilizou os dados longitudinais do arquivo do BLSA e correlacionou cada uma das facetas com 116 escalas diferentes de 12 inventários (Costa & McCrae, 1992). Para sumariar estes resultados, Costa e McCrae (1992) identificaram os correlatos mais elevados para cada faceta (cinco para cada uma) e elaboraram o quadro que apresentamos a seguir (quadro 3.5). Apesar das escalas-critério terem sido aplicadas, numa ocasião diferente das escalas do NEO-PI-R, das 150 correlações presentes na tabela, 66 são superiores a .5, em magnitude absoluta. A validade con-

vergente torna-se evidente, através das correlações das facetas do NEO-PI-R com medidas alternativas de constructos similares. Assim, por exemplo, N1 (Ansiedade) está relacionada com a ansiedade (medida pelo Inventário de Ansiedade Estado-Traço; Spielberger *et al.*, 1979) e com a tensão (avaliada pelo Perfil dos Estados de Humor; *Profile of Mood States;* McNair, Lorr, & Droppleman, 1971); A1 (Confiança) está, positivamente, correlacionada com a Escala de Confiança (do Inventário de Estilo Interpessoal; *Interpersonal Style Inventory;* Lorr, 1986) e, negativamente, com a Escala da Suspeita (*Suspicion Scale* do Inventário de Hostilidade; *Hostility Inventory;* Buss & Durkee, 1957).

A validade discriminante (no sentido em que discrimina as diferentes facetas) observa-se, segundo Costa e McCrae (1992, p.46), contrastando as correlações das diferentes facetas do mesmo domínio, com um critério externo[48]. Tomemos como ilustração as correlações do *Personality Research Form* (PRF; Jackson, 1984) com as facetas de E: a Afiliação está relacionado com E1 (Acolhimento Caloroso) e E2 (Gregariedade); a Dominância com E3 (Assertividade); o Evitamento da Dor (*Harmavoidance)* está, negativamente, relacionado com E5 (Procura de Excitação); e o Jogar (*Play*) com E6 (Emoções Positivas).

Em síntese, todas as 30 escalas apresentam correlações substanciais com os critérios apropriados (quadro 3.5).

Um segundo estudo examinou a relação entre os 300 itens da Lista de Verificação de Adjectivos (*Adjective Check List,* ACL; Gough & Heilbrun, 1983) e o NEO-PI-R. Foram identificados, como é possível observar no quadro 3.6. (Costa & McCrae, 1992), os sete correlatos principais de cada uma das facetas[49]. Mais uma vez, estes correlatos revelaram um padrão adequado que testemunha a validade discriminante das facetas. Este padrão é tão claro que, na generalidade dos casos, os juízes conseguem identificar de que faceta se trata, apenas através da análise dos correlatos da ACL de uma determinada faceta (McCrae & Costa, no prelo). Piedmont e Weinstein (1993) confirmam os resultados precedentes sobre a validade de constructo das novas escalas do NEO-PI-R, utilizando auto e hetero-avaliações na ACL (quadro 3.6).

Estudos com outras escalas de adjectivos conduziram a conclusões semelhantes às referenciadas anteriormente. Assim, McCrae e Costa (1985, 1987) administraram 80 escalas de adjectivos bipolares[50] aos sujeitos do BLSA e a avaliadores destes mesmos sujeitos. Depois de submetidas

---

[48] Note-se que as facetas de um determinado domínio estão correlacionadas entre si e que embora existam correlações secundárias com outros domínios e facetas, estas são inferiores às primeiras e compreensíveis teoricamente como, aliás, já foi referido.

[49] Excepto para O6 (Valores), para a qual só foram encontradas quatro.

[50] O modelo dos cinco factores foi, originalmente, descoberto na análise dos adjectivos-traços da língua natural. Consequentemente, foram propostas medidas dos cinco factores baseadas em adjectivos.

a análise factorial, emergiram os cinco factores, que quando comparados com as dimensões do NEO-PI apoiaram, mais uma vez, a validade convergente e discriminante deste inventário. De modo semelhante, Borkenau e Ostendorf (1990) administraram o NEO-PI-R a 128 homens e a 128 mulheres alemãs, que também se auto e hetero-avaliaram, nas vinte escalas de adjectivos sugeridas por Norman (1963), como indicadores dos 5 factores. Uma análise multitraço-multimétodo encontrou uma validade convergente e discriminante aceitáveis.

Facetas Neuroticismo		Facetas Extroversão		Facetas Abertura à Exper.		Facetas Amabilidade		Facetas Conscienciosidade	
Correlato	r	Correlato	r	Correlato	r	Correlato	r	Correlato	r
N1: Ansiedade		E1:Calor		O1: Fantasia		A1: Confiança		C1: Competência	
ISI Estável	-.77	IASR Reservado-Introv.	-.68	MBTI Intuição	.43	ISI Confiança	.68	CPI Sucesso via Confor.	.56
GZTSEstabilida.Emoci.	-.60	PRF Afiliação	.64	CPI Flexibilidade	.42	CPI Tolerância	.48	CPI Independência	.49
STPI Ansiedade	.55	MBTI Introversão	-.61	MBTI Percepção	.38	BDHI Desconfiança	-.46	ISI Ordeiro	.43
POMS Tensão	.54	ISI Sociável	.57	PRF Sensibilidade	.36	ISI Conscienciosо	.40	POMS Depressão	-.43
MMPI Compulsivo	.51	GZTS Sociabilidade	.54	MMPI Borderline	.34	GZTS Relações Pesso.	.39	IASR Seguro-Dominante	.42
N2: Hostilidade		E2: Gregariedade		O3: Estética		A2: Rectidão		C2: Ordem	
BDHI Irritabilidade	.65	ISI Sociável	.75	SDS Artístico	.56	IASR Arrogante-Calcul.	-.53	PRF Ordem	.71
ISI Tolerância	-.65	MMPI Esquizóide	-.66	MBTI Intuição	.56	CPI Auto-Controlo	.46	ISI Ordem	.68
PRF Agressão	.62	PRF Afiliação	.64	PRF Sentimento	.54	MMPI Antisocial	-.44	MBTI Percepção	-.44
STPI Hostilidade	.60	MBTI Introversão	-.59	PRF Compreensão	.45	PRF Agressão	-.41	ISI Persistência	.43
MMPI Borderline	.47	GZTS Sociabilidade	.57	CPI Empatia	.36	ISI Conscienciosо	.39	MMPI Passivo-Agressivo	-.40
N3: Depressão		E3: Assertividade		O3: Sentimentos		A3: Altruísmo		C3: Dever	
STPI Ansiedade	.68	ISI Directivo	.73	PRF Sentimento	.44	IASR Caloroso-Agrad.	.60	CPI Sucesso via Confor.	.43
ISI Estabilidade	-.61	IASR Seguro-Dominante	.69	CPI Empatia	.42	IASR Reservado-Introve.	-.48	MMPI Antisocial	-.41
POMS Depressão	.58	CPI Dominância	.69	CPI Auto-Aceitação	.39	ISI Nutrir	.42	ISI Procura Aprovação	.40
BDHI Irritabilidade	.55	PRF Dominância	.64	GZTS Ascendência	.37	POMS Amizade	.34	CPI Boa Impressão	.39
MMPI Dependência	.52	MBTI Introversão	-.59	MBTI Sentimento	.33	CPI Feminilidade	.34	PFR Persistência	.37
N4: Auto-Consc.		E4: Actividade		O4: Acções		A4: Complacência		C4: Luta Realização	
MMPI Evitamento	.58	GZTS Actividade Geral	.67	PRF Mudança	.56	BDHI Hostilidade verbal	-.63	PRF Realização	.59
STPI Ansiedade	.55	MBTI Introversão	-.42	MBTI Intuição	.53	ISI Tolerância	.63	IASR Seguro-Dominante	.52
CPI Independência	-.51	IASR Inseguro-Subm.	-.41	SSS Procura Experiênc	.43	PRF Agressão	-.60	CPI Sucesso via Confor.	.49
IASR Seguro-Domina.	-.50	IASR Gregário-Extrovert.	.41	CPI Flexibilidade	.37	GZTS Amizade	.51	GZTS Actividade Geral	.47
ISI Estabilidade	-.50	CPI Auto-Aceitação	.39	MMPI Histriónico	.37	CPI Auto-Controlo	.43	ISI Persistência	.47
N5: Impulsividade		E5: Procura Excitação		O5: Ideias		A5: Modéstia		C5: Auto-Disciplina	
CPI Auto-controlo	-.46	PRF Evitam. Dor	-.46	PRF Compreensão	.67	IASR Ingénuo	.36	ISI Ordem	.58
GZTS Controlo	-.43	ISI Deliberação	-.43	MBTI Intuição	.56	PRF Exibição	-.35	CPI Sucesso via Confor.	.57
MMPI Borderline	.43	CPI Auto-Controlo	-.42	GZTS Reflexivo	.46	ISI Directivo	-.33	ISI Persistência	.51
BDHI Hostilidade Indi.	.43	GZTS Activid Geral	.41	STPI Curiosidade	.45	PRF Humilhação	.32	PRF Ordem	.47
ISI Deliberativo	-.42	MMPI Antisocial	.40	SDA Investigativo	.43	CPI Pressão Social	-.31	MMPI Passivo-Agressi.	-.44
N6: Vulnerabilidade		E6: Emoções positivas		O6: Valores		A6: Sentimental		C6: Deliberação	
STPI Ansiedade	.62	IASR Gregar.-Extroversão	.58	SSS Procura Exper.	.46	ISI Nutre	.45	ISI Deliberativo	.64
ISI Estabilidade	-.58	MBTI Introversão	-.51	ISI Sem Regras	.46	IASR Coração frio	-.44	PRF Estrutura Cognitiva	.43
MMPI Dependente	.52	PRF Brincar	.50	CPI Sucesso via Indep.	.43	MBTI Sentimentos	.39	ISI Ordem	.41
POMS Tensão	.51	GZTS Actividade Geral	.49	CPI Flexibilidade	.41	SDA Social	.36	PRF Impulsividade	-.41
IASR Seguro-Dominante	-.50	CPI Sociabilidade	.48	MBTI Intuição	.39	PRF Nutrir	.35	MBTI Percepção	-.39

Nota: Quadro adaptado de Costa e McCrae (1992, p.47). Excepto as correlações para o PRF e o CPI, que são dadas a partir das facetas do NEO-PI (Costa & McCrae, 1989), as correlações são baseadas em cálculos com as escalas do NEO-PI-R. São consideradas significativas as correlações com p<.001. ISI= *Interpersonal Style Inventory*, N=115. MBTI= *Myers-Briggs Type Indicator continous scales*, N=208. BDHI= *Buss-Durkee Hostility Inventory*, N=388. GZTS= *Guilford-Zimmerman Survey*, N=131. IASR= *Revised Interpersonal Adjective Scales*, N=221; SDS= *Self-Directed Search*, N=208. STPI= *State-Trait Personality Inventory*, N=246. MMPI= *Minnesota Multiphasic Personality Inventory Personality Disorder Scales*, N=170. POMS= *Profile of mood states, "as you felt during the last week"*, N=130. PRF= *Personality Research Form*, N=203-296. CPI= *Revised California Personality Inventory*, N= 216-348. SSS= *Sensation Seeking Scale*, N= 217.

Quadro 3.5 Validade Convergente e Discriminante

Facetas do NEO-PI-R	Itens da Adjective Check List
Neuroticismo	
N1 (Ansiedade)	ansioso, medroso, preocupado, tenso, nervoso, -confiante, -optimista
N2 (Hostilidade)	ansioso, irritável, impaciente, excitável, caprichoso, -gentil, tenso
N3 (Depressão)	preocupado, -contente, -confiante, -auto-confiante, pessimista, caprichoso, ansioso
N4 (Auto-consciente)	envergonhado, -auto-confiante, tímido, -confiante, defensivo, inibido, ansioso
N5 (Impulsividade)	caprichoso, irritável, sarcástico, egoísta, barulhento, precipitado, excitável
N6 (Vulnerabilidade)	-esclarecido, -auto-confiante, -confiante, ansioso, -eficiente, -alerta, descuidado
Extroversão	
E1 (Caloroso)	amigável, caloroso, sociável, alegre, -reservado, afectuoso, relaxado
E2 (Gregariedade)	sociável, relaxado, hedonista, -reservado, falador, espontâneo, -indiferente
E3 (Assertividade)	agressivo, -tímido, assertivo, auto-confiante, forte, entusiasta, confiante
E4 (Actividade)	enérgico, apressado, rápido, determinado, entusiasta, agressivo, activo
E5 (Procura Excitação)	hedonista, ousado, aventureiro, charmoso, elegante, corajoso, esperto
E6 (Emoções Positivas)	entusiasta, jocoso, laudatório, espontâneo, hedonista, optimista, alegre
Abertura à Experiência	
O1 (Fantasia)	sonhador, imaginativo, jocoso, travesso , idealista, artístico, complicado
O2 (Estética)	maginativo, artístico, original, entusiasta, inventivo, idealista, versátil
O3 (Sentimentos)	excitável, espontâneo, intuitivo, imaginativo, afectuoso, falador, relaxado
O4 (Acções)	nteressado, imaginativo, aventureiro, optimista, -calmo, falador, versátil
O5 (Ideias)	dealista, interessado, inventivo, curioso, original, imaginativo, intuitivo
O6 (Valores)	conservador, -convencional, -cauteloso, reflexivo
Amabilidade	
A1 (Confiança)	benevolente, confiante, -desconfiado, -cuidadoso, -pessimista, pacífico, -frio
A2 (Rectidão)	complicado, -exigente, -esperto, -galanteador, -charmoso, -perspicaz, -autocrático
A3 (Altruísmo)	afectuoso, sentimental, gentil, generoso, simpático, tolerante, -egoísta
A4 (Complacência)	teimoso, -exigente, obstinado, -impaciente, -intolerante, franco, -frio
A5 (Modéstia)	exibicionista, -esperto, -assertivo, -argumentativo, -auto-confiante, -agressivo, -idealista
A6: Sensibilidade	amigável, afectuoso, simpático, sentimental, gentil, -instável, simpático
Conscienciosidade	
C1 (Competência)	eficiente, auto-confiante, eficaz, expedito, confiante, -confuso, inteligente
C2 (Ordem)	organizado, expedito, eficiente, preciso, metódico, -distraído, -descuidado
C3 (Dever)	defensivo, -distraível, -descuidado, -preguiçoso, expedito, -distraído, -crítico
C4 (Realização)	expedito, ambicioso, trabalhador, empreendedor, determinado, confiante, persistente
C5 (Auto-Disciplina)	organizado, preguiçoso, eficiente, -distraído, enérgico, expedito, -trabalhador
C6 (Deliberação)	precipitado, -impulsivo, -descuidado, -impaciente, -imaturo, expedito, -caprichoso

Nota: Os correlatos são dados por ordem descendente de magnitude absoluta; todos são significativos a p<.001, N=305. Os sinais de menos, antes dos adjectivos, indicam correlações negativas com a escala. Adaptado de Costa e McCrae, 1992, p.49.

Quadro 3.6 Correlação entre os adjectivos da *Adjective Check List* com as Escalas de Facetas do NEO-PI-R

John (1989), Goldberg (1989, 1990), Trapnell e Wiggins (1990), Ostendorf (1990) e Briggs (1992) também correlacionaram o NEO-PI, ou o NEO-PI-R, com medidas, baseadas em adjectivos, encontrando correlações fortes e significativas.

Muitos outros estudos, para além dos supracitados, têm feito comparações entre o NEO-PI-R e outras escalas e questionários. E, embora, na generalidade, menos abrangentes e com motivações diferentes da dos estudos anteriores, estas investigações não deixam de ser pertinentes, e reveladoras, da validade e interesse do inventário. Assim, como veremos,

em capítulos posteriores, questionários de interesses vocacionais e de utilidade clínica, entre outros, foram também utilizados para examinar a validade convergente, discriminante e divergente do NEO-PI-R. Investigações noutros domínios encontraram também relações entre as diferentes escalas do NEO-PI-R e as Escalas dos Adjectivos Interpessoais de Wiggins (*Wiggins's revised Interpersonal Adjective Scales*; McCrae & Costa, 1989), o *Circumplex Revised Interpersonal Adjective Scales* (IAS-R) e o IASR-B5 (Trapnell e Wiggins; 1990); a Escala de Preferências Pessoais de Edwards (*Edwards Personal Preference Schedule* , EPPS; Piedmont *et al.*, 1992) e o Formato de Investigação de Personalidade (*Personality Research Form*, PRF; Jackson, 1984).

Podemos, pois, dizer que a correlação de uma escala com uma medida dos cinco grandes factores da personalidade fornece uma maneira eficiente de compreender o seu significado psicológico e de localizá-la, como dizem Piedmont e colaboradores (1991), num sistema conceptual, em torno do qual se estabeleceu um razoável consenso. Assim, devido à compreensividade do modelo, os seus factores podem constituir critérios de validade convergente e divergente para a avaliação de grande parte dos constructos personológicos. Deste modo, o NEO-PI-R, para além de representar uma taxinomia de traços, pode ser utilizado no processo de validação de um constructo.

Localizar uma escala, no contexto do modelo dos cinco factores, não deve, no entanto, ser encarado como mero reducionismo, visto aquele, não se restringir apenas a uma combinação daqueles factores. A relação do modelo, por exemplo, com as necessidades de Murray revelou que os factores têm aspectos motivacionais não evidenciados, a partir, apenas, dos adjectivos-traços. E, empiricamente, as escalas individuais podem conter uma variância específica que não está relacionada com nenhum factor do NEO-PI-R, revelando, no entanto, uma utilidade preditiva (Piedmont *et al.*, 1991).

Em conclusão, dois estudos exaustivos sobre a validade convergente e discriminante do NEO-PI-R, assim como numerosas investigações que, directa ou indirectamente, avaliaram estes índices apontam no sentido de que o inventário, em questão, avalia, na generalidade, as variáveis propostas, ou seja, os cinco grandes factores e as 30 facetas. Porém, estas investigações utilizaram instrumentos objectivos e estruturados. Na secção seguinte, analisaremos a convergência do NEO-PI-R com medidas pouco estruturadas.

3.5.7.2. Convergência com medidas pouco estruturadas

Na opinião de Costa e McCrae (1992, p.46), "uma das discussões habituais, ao nível da avaliação da personalidade, tem-se centrado, em

torno dos méritos relativos dos instrumentos estruturados *versus* menos estruturados (como o TAT, ou os testes de completamento de frases)".

Um estudo sobre o auto-conceito espontâneo (McCrae & Costa, 1988) oferece algumas indicações, a este respeito. Nesta investigação, os autores utilizaram o Teste das Vinte Frases (*Twenty Statements Test*, TST; Kuhn & McPartland, 1954), no qual se pede ao sujeito para dar 20 respostas à questão "quem sou eu?". As respostas, subsequentemente, categorizadas pelo seu conteúdo, foram, segundo Costa e McCrae (1992, p.46), "analisadas por dois avaliadores diferentes, que desconheciam os resultados que os sujeitos tinham obtido no NEO-PI-R, tendo sido classificadas, de acordo com os cinco factores. As suas classificações estavam, significativamente, correlacionadas com os resultados obtidos no NEO-PI-R". Por conseguinte, estes resultados estão de acordo com a validade convergente do NEO-PI-R e fornecem um meio de avaliar a utilidade do TST como instrumento para a medição da personalidade.

Outras investigações, confirmando as precedentes, encontraram uma relação positiva entre os traços avaliados através do NEO-PI-R e medidas pouco estruturadas. Nomeadamente, em 1980, McCrae e Costa examinaram a expressão da dimensão Abertura no Teste de Completamento de Frases da Universidade de Washington[51]. Para tal, utilizaram dados de sujeitos masculinos voluntários do Estudo Normativo sobre o Envelhecimento (*Normative Aging Study*). Os resultados encontrados confirmam a correlação da dimensão Abertura do WUSCT com a dimensão Abertura à Experiência, do NEO-PI-R.

Em conclusão, os resultados das investigações indicam que os cinco factores podem ser também reencontrados em medidas pouco estruturadas, sublinhando, por conseguinte, a validade do NEO-PI-R. Estes estudos, segundo Costa e McCrae (1992), realçam que os constructos avaliados pelo NEO-PI-R não são meras respostas a um questionário que nos dá, apenas, uma imagem artificial do indivíduo. Eles correspondem, pelo contrário, às disposições básicas que são espontaneamente expressas pelos próprios sujeitos, quando lhes é dada oportunidade.

3.5.7.3. Validação Consensual

Os dados apresentados, na secção precedente, indicam, segundo Costa e McCrae (1992, p.48), "que as pontuações do NEO-PI-R se correlacionam, adequadamente, com questionários e medidas de completamento de frases de constructos relacionados. Embora esta forma de validação seja muito importante, é, no entanto, limitada, pelo facto de todas as medidas utilizadas serem de auto-avaliação" e, estas dependerem do auto-

---

[51] *Washington University Sentence Completion Test*, WUSCT; Loevinger & Wessle (1970). Este instrumento visa avaliar o desenvolvimento do eu, a partir do completamento de frases.

conceito. Se este for distorcido, ou impreciso, os resultados de qualquer questionário de auto-avaliação estarão comprometidos. Daí que um dos aspectos principais a ter em consideração, na validação do NEO-PI-R, seja a comparação das auto com as hetero-avaliações (aquilo que Costa e McCrae designam por validade consensual). Efectivamente, muitos estudos têm sido levados a cabo neste sentido (McCrae, 1982; McCrae & Costa, 1985b; McCrae & Costa, 1987; Múten, 1991; Costa e McCrae, 1992b), concluindo que existe uma forte evidência, a favor de um acordo inter-observador[52] nos cinco factores, uma relação entre auto-avaliações e avaliações por parte dos esposos e entre as auto-avaliações e a média das avaliações por parte dos colegas.

O Manual do NEO-PI-R (Costa e McCrae, 1992, p.50, quadro 8) apresenta as correlações entre diferentes tipos de observadores para os cinco domínios e para as 30 escalas de facetas do NEO-PI-R. Pode aí observar-se a convergência de resultados entre a avaliação por parte dos colegas e as auto-avaliações e entre as avaliações pelos esposos[53] e as auto-avaliações. A análise comparativa destas escalas, com base nos dados recolhidos a partir da avaliação de diversos observadores, dá-nos informação sobre a validade convergente e discriminante do inventário. Por exemplo, McCrae (1982) observou que a avaliação numa faceta específica do NEO-PI-R, por parte dos esposos, se correlacionava mais fortemente com a auto-avaliação da mesma faceta do que com as auto-avaliações da generalidade das outras facetas do mesmo factor.

Por fim, ao examinarem a validade inter-observador, das escalas do NEO-PI-R, obtiveram correlações parciais entre auto-avaliações de adultos e avaliações de 250 colegas e 68 esposos nas diferentes facetas. Todas as 60 correlações parciais foram positivas e 48 (80%) significativas, o que vai de encontro aos estudos precedentes.

Do que ficou dito, podemos concluir que as auto e hetero-avaliações obtidas com o NEO-PI-R corroboram a validade deste questionário, em particular a validade consensual.

3.5.7.4. Relação com critérios externos

Finalmente, no que concerne à validade, para além dos índices já referidos, diversos estudos têm confirmado a relação entre inúmeras variáveis e as facetas do NEO PI-R[54], assim como o poder preditivo das suas escalas

---

[52] Obtêm-se correlações mais elevadas, se agregarmos múltiplas avaliações — quatro avaliadores aparenta ser o número óptimo (McCrae & Costa, 1989).

[53] Apesar desta amostra não ser tão grande como a utilizada, noutros estudos, os resultados são bastante similares. Ou seja, os esposos tendem a concordar mais fortemente com as auto-avaliações do que os colegas. Tal deve-se, possivelmente, ao facto dos sujeitos se abrirem mais com os cônjuges do que com os colegas.

[54] A capacidade de confirmar hipóteses acerca da relação, teoricamente

(Costa & McCrae, 1992), no que diz respeito a uma variedade de critérios externos[55]. Vamos, neste subcapítulo, fazer referência, primeiro, àquelas variáveis que mais têm sido relacionadas com os cinco factores — o bem-estar psicológico, o *coping* e as defesas, as necessidades e a motivação, os tipos jungianos, os traços interpessoais, a criatividade e o pensamento divergente — para, finalmente, aludir a outros contructos, cada vez mais numerosos, na literatura deste domínio.

3.5.7.4.1. Bem-estar psicológico

O bem-estar subjectivo ou psicológico tem sido utilizado, entre outras variáveis (*e.g.*, moral, satisfação com a vida), na análise empírica da felicidade humana. As investigações têm, na opinião de Costa e McCrae (1992, p.50), repetidamente proposto "que a felicidade não é o resultado directo da qualidade de vida (Lawton, 1983). Pelo contrário, a felicidade parece reflectir a percepção e a avaliação que o sujeito faz da sua situação de vida; as emoções positivas (alegria, excitação, orgulho) são independentes — e não opostas — aos sentimentos negativos (tristeza, medo, ressentimento); e a felicidade global está relacionada com o equilíbrio relativo destas duas classes de sentimentos (Bradburn, 1969)".

Em face destas conclusões, Costa e MacCrae (1980) propuseram um modelo do bem-estar psicológico e formularam uma hipótese sobre a relação entre este critério e as dimensões do NEO-PI-R. A primeira estabelecia que "os **afectos positivos estavam relacionados com E e os negativos com N e a felicidade com os dois factores**[56]. Os sujeitos com pontuações elevadas em N e E emocionam-se facilmente, experienciando a alegria e o desespero, enquanto que aqueles com N e E baixo são pouco emotivos. Os sujeitos mais felizes têm um E elevado e um N baixo; os mais infelizes têm um N elevado e um E baixo — padrão que aliás caracteriza alguns grupos clínicos de sujeitos deprimidos" (Costa & McCrae, 1992, p.50). Estas predições, em parte ou na sua totalidade, foram confirmadas com o NEO-PI-R, forma R e forma S[57], por autores como Costa e McCrae (1984), Pavot e colaboradores (1990), McCrae e Costa (1991), Furnham e Brewin (1990) e por Carp (1985), reforçando a validade preditiva do questionário em questão.

Este último autor levou a cabo uma investigação, numa instituição para idosos, para analisar a relevância dos traços de personalidade na adaptação a situações de vida em grupo. A Extroversão e o Neuroticismo

---

previsível, entre o teste e um critério externo, designa-se por validade constructo.

[55] Validade preditiva.

[56] A negro encontram-se as hipóteses formuladas para avaliar a validade preditiva do NEO-PI-R.

[57] De acordo com McCrae (1986), as auto-avaliações do bem-estar podem ser consideradas como relatos fidedignos, não influenciados pela desiderabilidade social.

(do NEO-PI-R) mostraram ser, como tinha previsto, consistentemente, relevantes para a felicidade dos idosos e para a percepção desta por parte do pessoal. Estes traços parecem estar, aliás, relacionados com a adaptação a várias situações. A Cultura (ou O) estava, geralmente, associada à percepção do bem-estar por parte dos outros, mas não ao bem-estar subjectivo.

Pavot e colaboradores (1990) investigaram, também, a relação entre a E e a felicidade, ou bem-estar subjectivo (SWB). Os resultados obtidos com 136 estudantes avaliados com o NEO-PI, apoiam a referida relação e sugerem que factores situacionais e personológicos se combinam, de maneira a produzir a correlação entre a E e o SWB.

Outras investigações, ao mesmo tempo que confirmam as predições atrás referidas e, por conseguinte, a validade critério do inventário, enriquecem-na e reforçam-na. Nomeadamente, alguns estudos sobre a relação entre o bem-estar subjectivo e a personalidade encontraram relações entre estas duas variáveis e os acontecimentos de vida. A investigação de Headey e Wearing (1989) revela que pontuações moderadas nos traços de personalidade (N, E e O) predispõem as pessoas a experienciar níveis moderados de acontecimentos adversos e favoráveis, e um nível moderado de bem-estar subjectivo. Mas, contrariamente às conclusões de Costa e McCrae (1980, 1984), os acontecimentos de vida influenciam o bem-estar subjectivo, independentemente da personalidade. Um estudo longitudinal, levado a cabo por Magnus e colaboradores (1993), também examinou as relações entre a personalidade e os acontecimentos de vida. Concluíram que a E predispõe os sujeitos a experienciarem acontecimentos de vida mais positivos, o N acontecimentos de vida mais negativos. Os acontecimentos de vida, positivos e negativos, covariam, de forma que as pessoas que experienciam mais um tipo de acontecimentos também experienciam mais os da valência oposta. Consequentemente, os acontecimentos de vida não podem ser vistos independentemente da personalidade, embora, outras variáveis também estejam em jogo. Os autores opinam que "os resultados preliminares nesta área sugerem que os acontecimentos de vida não devem ser concebidos como influências totalmente exógenas aos sujeitos, mas como tendo também um componente endógeno que pode ser previsto por alguns traços de personalidade" (Magnus *et al.*, 1993, p.1047).

Outra variável intermediária, introduzida no estudo sobre as relações entre a Extroversão, o Neuroticismo e o bem-estar subjectivo, foi o relacionamento social. Hotard e colaboradores (1989), ao investigarem os efeitos interactivos destas variáveis, concluíram que os extrovertidos são apenas mais felizes do que os introvertidos que têm relações sociais pobres. Aqueles introvertidos, com relações interpessoais satisfatórias, obtiveram os mesmos valores no SWB[58] do que os extrovertidos. Um segundo estudo,

---

[58]Este constructo foi, neste caso avaliado através da Subescala de Bem Estar Subjectivo (*Well Being Subscale*) do Questionário Diferencial de Personalidade (Hotard *et al.*, 1978) e é conhecido pela mesma sigla — SWB.

levado a cabo pelos autores, confirmou que apenas as pessoas introvertidas neuróticas ou introvertidas com relações sociais deficientes tendiam a apresentar SWB inferior aos extrovertidos. Consequentemente, a E não seria, só por si, preditora do SWB.

Alguns autores tentam especificar as relações entre as variáveis em causa com as facetas e outros factores do NEO-PI-R. Nomeadamente, Argyle e Lu (1990) defendem que a felicidade está relacionada com E3 (Assertividade), E, N e N4 (Auto-Consciência). Mas são, sobretudo, as facetas que, em conjunto com a competência social, parecem determinar a felicidade e explicar grande parte do efeito da E e do N naquela variável. Os autores, noutro artigo, também de 1990, explicam a felicidade dos extrovertidos como sendo consequência da sua participação em actividades sociais. De acordo com esta posição estão também Watson e colaboradores (1992) que apesar de concordarem que a afectividade positiva dos extrovertidos está relacionado com o nível das suas actividades sociais, sublinham que, por eles terem uma afectividade positiva elevada é que, também, se envolvem em mais relações sociais. Finalmente, Costa e McCrae (1984) sugerem que os indivíduos com O elevado tendem a experienciar mais afectos negativos e positivos, ou seja, são abertos a um maior leque de sentimentos. Os sujeitos com um A elevado revelam níveis superiores de felicidade e de satisfação com a vida, possivelmente, porque a sua generosidade, amor, e altruísmo os leve a ter relações interpessoais mais satisfatórias. Os sujeitos com C elevado são, também, mais felizes, possivelmente, porque a sua diligência e organização os leve à realização dos seus objectivos (McCrae & Costa, 1991).

Em suma, as investigações referidas confirmam a hipótese de que existe uma relação entre a afectividade positiva e a Extroversão, a afectividade negativa e o Neuroticismo e a felicidade e os dois factores. Indicam ainda que outras variáveis (*e.g.*, acontecimentos de vida), bem como facetas específicas de E e N podem influenciar estas relações. Finalmente, outros factores, se bem que de forma mais ténue, podem também estar relacionados com o referido constructo. Estes dados abonam a favor da validade preditiva e de constructo do NEO-PI-R.

3.5. 7.4. 2. *Coping* e defesas

Os processos de "lidar com" (*coping)* têm sido objecto de intensa investigação na última década. Conceptualizações mais antigas frequentemente relacionavam a personalidade com estilos específicos de *coping,* deixando a impressão de que os sujeitos, ao lidarem com qualquer tensão, se baseavam apenas numa única estratégia característica (como a negação, o pensamento positivo, ou a acção). Estudos recentes (*e. g.*, Lazarus & Folkman, 1984) tornaram claro que todas as pessoas utilizam uma ampla variedade de estratégias de *coping* e que o mecanismo de defesa escolhido

depende de uma variedade de factores, nos quais se incluem as exigências e oportunidades dadas por uma determinada situação (McCrae, 1984).

Na perspectiva de Costa e McCrae (1992, p. 51), "muito embora, o *coping* não seja, necessariamente, uma expressão directa da personalidade é, **certamente, influenciado pelos traços da personalidade**". Esta hipótese foi investigada por estes autores, num estudo, em que 27 mecanismos de defesa foram correlacionados com as escalas N, E e O, em duas subamostras diferentes do ABLSA (McCrae & Costa, 1986). Concluíram que "os mecanismos de defesa imaturos e neuróticos (incluindo a fantasia, indecisão, sedação, auto-culpabilização e reacções hostis) estavam significativamente correlacionadas com o N do NEO-PI. Consequentemente, a incapacidade de lidar com as adversidades parece estar relacionado com este domínio. A Extroversão está relacionada com a utilização do pensamento positivo, acção racional, e controlo. Os sujeitos Abertos à Experiência utilizam, frequentemente, o humor, ao lidar com os seus problemas; os fechados, a fé. Ambas as defesas — humor e fé — são consideradas como sendo formas maduras e saudáveis de lidar com a tensão, ou seja, diferenças em O parecem conduzir a formas diferentes, mas igualmente eficazes, de *coping*." (Costa & McCrae, 1992, p. 51)

Outro estudo, com os participantes do ABLSA (Costa, Zonderman & McCrae, 1991), examinou as relações entre os cinco domínios e três conjuntos de medidas de mecanismos de defesa (Haan, 1965; Bond, Gardner, Christian, & Sigal, 1983; Ihilevivh & Gleser, 1986). Os resultados mostraram que N estava relacionado com medidas de regressão, deslocamento, dúvida e padrões de adaptação desadequados — confirmando a associação entre N e os estilos de *coping* pouco maduros. A Extroversão estava, positivamente, relacionada com a negação e, negativamente, com a dúvida, reflectindo a auto-confiança dos extrovertidos. A Abertura à Experiência estava, positivamente, relacionada com defesas adaptativas, e A, negativamente, associada aos mecanismos de defesa que distorcem a imagem (como a superioridade) e, positivamente, relacionada com as defesas de auto-sacrifício. Por fim, C estava, positivamente, relacionada com a principalização (*principalization* — conduta pautada por princípios éticos e morais) e, negativamente, com a regressão e com padrões de acção mal-adaptativos, sugerindo um estilo de *coping* maduro que tem também sido descrito por Vickers, Kolar, e Herving (1989)[59].

A investigação de Dorn e Matthews (1992), sobre a personalidade e o *stress* do condutor, sugere, a partir de uma amostra de 114 condutores, que o Neuroticismo está associado à utilização de estratégias de *coping* ineficazes e a Extroversão ao emprego de estratégias de resolução de problemas mais racionais.

Em conclusão, os resultados das investigações sugerem que existe

---

[59] Grande parte das correlações foram replicadas, quando a personalidade foi avaliada com a forma R do NEO-PI.

uma relação entre os cinco factores e as estratégias de *coping*, ou seja, a maneira característica dos indivíduos lidarem com o *stress* e o conflito é consistente com os seus traços de personalidade, avaliados através do NEO-PI-R. Estes resultados confirmam, mais vez, a validade preditiva das escalas do NEO-PI-R.

3.5.7.4.3. Necessidades e Motivações

Para além da relação entre os cinco factores, medidos através do NEO-PI-R, o bem-estar subjectivo e as estratégias de *coping*, tem sido também investigada, com a finalidade de avaliar a sua validade preditiva, a correspondência entre os referidos factores e as necessidades e motivações.

Costa e McCrae (1992, p. 52) dão conta de que, na "última década, a lista alfabética das necessidades (Murray, 1938) tem constituído a base para construir medidas projectivas e objectivas da personalidade, incluindo as seguintes escalas: *Personality Research Form* (PRF; Jackson, 1984), a *Edwards Personal Preference Schedule* (EPPS; Edwards, 1959), e a *Adjective Check List* (ACL; Gough & Heeilbrun's, 1983)".

Os supracitados inventários de necessidades e o NEO-PI foram administrados a amostras de jovens-adultos e adultos (Costa & McCrae, 1988; Piedmont, McCrae & Costa, 1991, 1992), **encontrando-se uma relação clara entre os cinco factores e as diferentes necessidades**. Nomeadamente, de acordo com Costa e McCrae (1992, p. 52), "cada uma das necessidades da PRF tinha, pelo menos, uma saturação substancial e cada um dos factores estava associado a, pelo menos, três escalas da PRF. Aparentemente, os traços do NEO-PI e as necessidades do PRF abrangem uma amplitude semelhante das diferenças individuais".

Em termos teóricos, as correlações encontradas também faziam sentido. Assim, "os sujeitos com N elevado preocupam-se com as opiniões dos outros (PRF: Escala de Recognição Social – *Social Recognition Scale*), são defensivos (PRF: Defesa – *Defendence*) e desejam atenções e simpatia (PRF: Socorro – *Succorance*). Os sujeitos com E elevado têm necessidade de contacto social (PRF: Afiliação – *Afiliation*), atenção (PRF: Exibição – *Exibition*) e diversão (PRF: Brincar – *Play*). Os sujeitos com O elevado apreciam a variedade (PRF: Mudança – *Change*), a estimulação intelectual (PRF: Compreensão – *Understanding*), as experiências estéticas (PRF: Sentimento – *Sentience*), são aventureiros (baixa PRF: Evitamento da dor – *Harmavoidance*) e pouco convencionais (PRF: Autonomia). Os sujeitos com A elevado não são dominadores (PRF: Dominância – *Dominance*), ou agressivos (PRF: Agressão – *Aggression*), preferem ajudar as pessoas (PRF: Nutrir – *Nurturance*) e tendem a ser apagados e a desculparem–se (PRF: Humilhação – *Abasement*). Finalmente, os sujeitos com C elevado valorizam a organização (PRF: Ordem – *Order*) e a realização (PRF: Aquisição – *Achievement*) e são persistentes, cuidadosos (baixa PRF: Impulsividade) e

deliberativos" (Costa e McCrae, 1992, p. 52)[60].

Apesar de autores como Edwards (1959) e Gough e Heilbrun (1983) conceptualizarem as necessidades de Murray, de uma forma diferente, o mesmo padrão de relações entre os traços do NEO-PI e as necessidades de Murray foram também observadas, quando se analisaram o EPPS, o ACL (Piedmont, McCrae & Costa, 1991, 1992), as Escalas por Tópicos[61], as escalas de Análise Transaccional e as escalas de Originalidade e Inteligência (*Origence-Intellectance Scales*).

Em suma, a hipótese de que existe uma correspondência entre as diferentes necessidades propostas por Murray e os cinco factores encontra fundamento nas diferentes investigações sobre este assunto. Este facto corrobora a validade preditiva e de constructo do NEO-PI-R.

3.5.7.4.4. Tipos Jungianos

Paralelamente às investigações referidas sobre a relação entre as necessidades de Murray e os cinco factores, outros estudos têm sugerido a relação entre estes e os tipos jungianos.

O Indicador de Tipos de Myers-Briggs (*Myers-Briggs Type Indicator*, MBTI, Myers & McCaulley, 1985) é o instrumento mais claramente associado aos tipos jungianos. Embora, nalguns aspectos, seja um teste controverso, avalia com êxito, segundo Costa e McCrae (1989), alguns aspectos da personalidade. Existem, aliás, semelhanças conceptuais entre as escalas do MBTI e quatro das cinco dimensões do NEO-PI (Dachowski, 1987). Assim, a Extroversão é semelhante nos dois sistemas; a Abertura à Experiência corresponde à Intuição (*vs.* Sensação) do MBTI; a Amabilidade relaciona-se com o Sentir (*vs.* Pensar); e a Conscienciosidade parece-se com Ajuizar (*vs.* Perceber). Análises dos dados do ABLSA confirmaram todas estas hipóteses, utilizando ambas as formas S e R do NEO-PI com homens e mulheres. Note-se, porém, que o MBTI "não dispõe de nenhuma medida de Neuroticismo" (Costa e McCrae, 1992, p.52). Estes dados vão de encontro à opinião de McCrae e Costa (1989[62]) de que o MBTI não avalia preferências dicotómicas, ou tipos qualitativamente diferentes, mas, pelo contrário, 4 dimensões relativamente independentes. Os resultados sugerem que a teoria de Jung está incorrecta ou é, inadequadamente, operacio-

---

[60] Grande parte destes resultados foram replicados com uma amostra alemã, utilizando traduções do NEO-PI e do PRF (Borkenau & Ostendorf, 1989).

[61] As *Topical Scales* incluem, entre outras, escalas, como a Prontidão para Aconselhamento (*Counseling Readiness*), Auto-Controlo (*Self-Control*), Auto-confiança (*Self-Confidence*), Adaptação Pessoal (*Personal Adjustment*), Eu Ideal (*Ideal Self*), Personalidade Criativa (*Creative Personality*).

[62] Investigação baseada na análise das relações entre o MBTI, a teoria dos tipos psicológicos de Jung e o modelo dos cinco factores, operacionalizado através do NEO-PI (1985), a partir de 468 sujeitos (com idades compreendidas entre os 19—93 anos).

nalizada pelo MBTI, não podendo aquela, por conseguinte, proporcionar uma base consistente para a sua interpretação.

Apesar de algumas reticências terem sido colocadas à teoria de Jung e às escalas que a operacionalizam parecem existir semelhanças conceptuais entre as escalas do MBTI e quatro das cinco dimensões do NEO-PI-R. Estes resultados representam, por conseguinte, dados a favor da validade preditiva e de constructo do NEO-PI-R.

3.5.7.4.5. Traços interpessoais

As predições referentes aos traços interpessoais e aos cinco factores, à semelhança dos constructos referidos nas alíneas anteriores, têm sido corroboradas, nomeadamente que o plano do círculo interpessoal é definido pelas dimensões Extroversão e Amabilidade.

Os traços interpessoais, estudados através do círculo interpessoal ou circumplexo, desde a sua popularização por Leary na década de 50, têm sido um tema recorrente em psiquiatria, psicologia social e avaliação psicológica. Na perspectiva de Costa e McCrae (1992, p.52), embora existam muitas variações do círculo interpessoal, "todas concordam basicamente em que os dois eixos do Amor (ou afiliação) e o do Estatuto (ou dominância) definem o plano interpessoal e que comportamentos sociais complementares, ou opostos, podem ser organizados segundo uma ordem circular consistente, nesse mesmo plano".

Provavelmente, a melhor medida do circumplexo interpessoal são as Escalas de Adjectivos Interpessoais de Wiggins Revistas (*Wiggins Revised Interpersonal Adjective Scales*, IAS-R; Wiggins, Trapnell & Phillips, 1988; ver capítulo 2). As investigações comparativas, efectuadas por Costa e McCrae (1992, p.52), com o "IAS-R e as pontuações do NEO-PI, obtidas com uma amostra de sujeitos do ABLSA (315 adultos), mostram um alinhamento claro entre o círculo interpessoal e o modelo dos cinco factores. Mais específicamente, que o **plano do círculo interpessoal é definido pelas dimensões Extroversão e Amabilidade**" (McCrae & Costa, 1989). Esta identificação não é imediatamente evidente, visto os eixos de E e A estarem localizados entre os eixos do Amor e do Estatuto. Isto é, os extrovertidos têm um Amor e um Estatuto elevado – são calorosos e assertivos – enquanto as pessoas amáveis têm um Amor elevado e um Estatuto baixo – têm compaixão mas são modestas. As ligações entre o NEO-PI e a IAS-R mostram que é possível estimar uma localização no circumplexo interpessoal, a partir de pontuações nas escalas E e A. Por outro lado, facetas de A e E, tais como Calor, Assertividade, Altruísmo e Complacência proporcionam medidas directas de traços interpessoais importantes e, assim, a ordenação circular das variáveis não é um artefacto circular derivado do enviesamento das respostas ou de esquemas cognitivos." Por conseguinte, os modelos circumplexos e dimensionais complementam-se, uns aos outros, na descrição da estrutura da personalidade e são, por conseguinte, úteis

para a compreensão do comportamento interpessoal (Trapnell e Wiggins; 1990)[63].

Os factores de segunda ordem do Inventário do Estilo Interpessoal (*Interpersonal Style Inventory,* ISI; Lorr's, 1986) têm sido também interpretados como medidas do modelo dos cinco factores, por Lorr e colaboradores (1990, 1992, 1993) e Strack e Lorr (1990), que sugerem que a concepção dimensional dos cinco factores e o circumplexo interpessoal são abordagens complementares, no domínio do comportamento interpessoal. Assim, estes autores (1992) examinaram a relação entre as pontuações das 15 escalas do ISI e o NEO-PI, em 236 estudantes universitários. Uma análise em componentes principais, seguida de rotação varimax, revelou os 5 factores esperados. Quatro deles – o Neuroticismo, a Extroversão, a Conscienciosidade e a Amabilidade – foram definidos pelo NEO-PI e pelo ISI. A Abertura à Experiência estava representada no ISI pela *Independence* e *Directivenes (*facetas da dimensão da Autonomia). Em 1993, Lorr e Strack identificaram agrupamentos de perfis, numa amostra universitária de 236 sujeitos, a quem administraram o NEO-PI. Os dados, depois de tratados estatisticamente, foram comparados com as pontuações obtidas no ISI, confirmando as características dos agrupamentos de perfis isolados.

Para testar a hipótese proposta por Lorr, McCrae e Costa (1994), passaram o ISI, o NEO-PI-R e um conjunto de escalas de adjectivos a uma amostra de 126 sujeitos, com idades entre os 30–89 anos. As correlações encontradas revelaram ir de encontro às predições e, numa análise factorial conjunta, os cinco factores foram redescobertos.

Em conclusão, o reconhecimento de que as dimensões da dominância e do amor do circumplexo correspondem às dimensões E e A do modelo da personalidade dos cinco factores oferece, por um lado, dados a favor da validade de constructo do NEO-PI-R, e, por outro, uma ocasião para a integração das duas tradições com benefícios para a compreensão do comportamento interpessoal.

3.5.7.4.6. Criatividade e Pensamento Divergente

A criatividade e o pensamento divergente são outras das inúmeras variáveis, que foram relacionadas com as cinco dimensões do NEO-PI-R, com a finalidade de estudar a validade de constructo e preditiva deste instrumento. A relevância destes dois constructos advém da sua relação com a dimensão Abertura à Experiência. Efectivamente, algumas das caracterísi-

---

[63] Em consonância com o que foi dito, estes autores, como já foi referido no capítulo dedicado ao FFM, ampliaram a sua medida de circumplexo (IAS-R), de forma a incluir as dimensões O, N e C do modelo dos cinco factores. O instrumento resultante (IASR-B5), de cinco escalas, revelou ter uma estrutura adequada ao nível dos itens, e uma validade convergente e discriminante, quando comparada com o NEO-PI e o *Hogan Personality Inventory.*

cas dos sujeitos com uma Abertura à Experiência elevada (imaginação, não convencionalismo e curiosidade) parecem estar associadas às aptidões cognitivas, que distinguem o pensamento criativo. McCrae (1987), para analisar o papel das referidas características na criatividade, levou a cabo um estudo, entre 1959 e 1972, com 268 homens do ABLSA, a quem foi dada uma série de medidas de aptidão e de pensamento divergente[64]. Apesar do lapso de tempo decorrido, entre as avaliações da personalidade e do pensamento divergente, encontraram-se correlações significativas entre este último e a dimensão O (e as suas seis facetas), em auto e hetero-avaliações. Pelo contrário, nenhum outro domínio do NEO-PI estava significativamente correlacionado com o pensamento divergente[65]. Deste modo, parece razoável concluir-se, na perspectiva de McCrae (1987), que a Abertura à Experiência é uma característica comum aos indivíduos criativos. Todavia, mais investigação é requerida, para avaliar se, e sob que condições, outros domínios da personalidade contribuem para as realizações criativas.

A Abertura está também correlacionada com a Escala da Personalidade Criativa (*Creative Personality Scale*; Gough, 1979). Esta consiste num conjunto de adjectivos que caracterizam os sujeitos que são julgados criativos numa determinada área. Mais uma vez, estes resultados apoiam a hipótese de que a criatividade está relacionada, especificamente, com a Abertura à Experiência do NEO-PI.

Em conclusão, as investigações indicam que a Abertura à Experiência é, efectivamente, uma característica comum aos indivíduos criativos, realçando a validade de constructo e preditiva do inventário. Todavia, investigação suplementar é requerida para avaliar se, e sob que condições, outros domínios da personalidade contribuem para as realizações criativas.

---

[64] Como refere Costa e McCrae (1992, p.53), "em contraste com a maioria dos testes de aptidão, que requerem do sujeito uma única resposta correcta, os testes de pensamento divergente pedem uma variedade de respostas possíveis, que são caracterizadas pela fluência, flexibilidade, e originalidade".

[65] No entanto, alguns resultados, parecem indicar que existe tendência para os sujeitos criativos serem mais adaptados, sociáveis, biologicamente férteis, extrovertidos, conscienciosos, produtivos e abertos. Todavia, Barron e Harrington (1981; citado em McCrae, 1987) salientaram que parece existir alguma variação nas características da personalidade com os diferentes domínios da actividade criativa, o que explicaria os resultados diferentes obtidos nas investigações. Os pintores, por exemplo, teriam um psicoticismo mais elevado, e os cientistas criativos seriam mais introvertidos do que os vendedores criativos. Por outro lado, possuir a aptidão para a criatividade não implica que sejamos reconhecidos como criativos: tal pressupõe a existência de outros traços de personalidade. Efectivamente, os sujeitos conscienciosos terminam mais prontamente os seus projectos, os extrovertidos exibem-nos mais facilmente e os neuróticos mais facilmente se distraem dos mesmos, devido aos seus problemas pessoais.

3.5.7.4.7. Outras Associações

Muitos outros estudos, para além dos já referidos nas alíneas precedentes, têm sido efectuados no sentido da confirmação de hipóteses que relacionam diversas variáveis com as dimensões do NEO-PI-R (validade de constructo e preditiva). Dado o número elevado de estudos levados a cabo para verificar hipóteses específicas, optámos por apenas fazer referência só a algumas das variáveis, que os autores utilizaram.

De entre estas, encontrámos, por exemplo, a dependência e a auto-crítica (Mongrain, 1993), a identidade[66] (Whitbourne, 1986; Clancy & Dollinger, 1993), a auto-monitorização[67] (Avia *et al.*, 1991; Howells, 1993), o auto-conceito[68] (McCrae & Costa, 1988), a sociotropia/autonomia[69] (Cappeliez, 1993), a androginia (Ramanaiah & Detwiller, 1992), os estilos de relação[70] (Shaver & Brennan, 1992), a *performance* [71](Dollinger & Orf, 1991), o pensamento analítico e sintético (Feist, 1991), a atracção física e vocal (Zuckerman *et al.*, 1990), as relações pais/filhos (McCrae & Costa, 1988), o funcionamento sexual (Costa *et al.*, 1992), o temperamento[72] (Angleitner & Ostendorf, 1991), os projectos pessoais (Little, Lecci & Watkinson, 1992), a susceptibilidade à hipnose[73] (Glisky, Tataryn, Tobias, Kihlstrom, & McConkey, 1991), os sucessos laborais[74] (Dye, 1991), as tácticas de manipulação[75] (Buss, 1992), a afectividade[76] (Watson &

---

[66] A identidade hipotecada (*foreclosure*) está associada a pontuações baixas em O.

[67] A auto-monitorização está relacionada com características interpessoais positivas.

[68] Os traços da personalidade parecem ter um papel muito importantes na explicação da auto-estima.

[69] A sociotropia está, positivamente, relacionada com o Neuroticismo e, negativamente, com a Abertura à Experiência. A autonomia também está, positivamente, associada à Conscienciosidade.

[70] Os estilos de relação estão associados, de forma previsível, às dimensões dos cinco factores e, muito especialmente, a algumas escalas de facetas sem, no entanto, serem redundantes. As escalas do NEO-PI não se revelaram tão poderosas como as medidas de estilo de relação, na predição do desenrolar de uma relação romântica, oito meses após a medição, provavelmente, devido à maior especificidade das medidas de estilo de relação.

[71] Os resultados indicam que a Conscienciosidade é um bom preditor das notas escolares e da realização objectiva num teste. A Abertura, especialmente, a intelectual, contribuiu, também, para explicar os dois parâmetros atrás referidos.

[72] Estes autores mostraram que as escalas do NEO-PI estão apropriadamente relacionadas com medidas de temperamento em adultos alemães.

[73] Alguns autores encontraram associações entre esta variável e O.

[74] Existe uma associação forte entre a C do NEO-PI e a história dos sucessos laborais.

[75] Este autor identificou 12 tácticas dessas (Charme, Razão, Coerção, Silêncio, Desvalorização, Regressão, Responsabilização, Reciprocidade, Recompensa monetária, Recompensa, Indução de prazer, Comparação social, e *Hardball* - uma amálgama de ameaças, mentiras e violência), através da análise factorial de dois instrumentos passados a 107 casais. Os factores da personalidade mostraram relações com estas tácticas: a E com a Coerção, Responsabilização e Invocação; a Introversão, com Desvalorização e Rebaixamento; a Amabilidade, com a Indução

Clark, 1992), a orientação do papel sexual[77] (Whitley & Gridley, 1993), o consentimento[78] (Dollinger & Leong, 1993), a assertividade[79] (Ramanaiah & Deniston, 1993), e o envolvimento intelectual típico[80] (Rocklin, 1994).

Os resultados apresentados neste subcapítulo contribuem para realçar a validade convergente, discriminante, consensual, de constructo e preditiva do NEO-PI-R. Sugerem ainda que este pode predizer critérios, desde o bem-estar subjectivo, à criatividade e à susceptibilidade à hipnose. Os estudos referidos, para além de realçarem as qualidades psicométricas do inventário, ilustram as suas múltiplas aplicações práticas e implicações teóricas.

Ao terminarmos o capítulo dedicado à validade do NEO-PI-R, convém referir que as formas de validação que os autores não experimentaram foram a experiência laboratorial e a observação controlada. Quanto ao exame dos correlatos psicofisiológicos das escalas, Costa e McCrae (1992) consideram que, apesar de poder ser interessante, os dados obtidos não falariam directamente a respeito da validade das escalas, visto o modelo não estar teoricamente relacionado com uma base neuroanatómica ou fisiológica.

---

de Prazer; o Antagonismo, com a Coerção e o tratamento silencioso; a Conscienciosidade, com a Razão; a Instabilidade Emocional com a Regressão, Coerção, e a Recompensa monetária; e a Abertura, com a Razão e Indução de Prazer.

[76] As relações entre medidas da afectividade auto-avaliada e indicadores de Neuroticismo, Extroversão, Abertura à Experiência, Amabilidade e Conscienciosidade, em 1.328 sujeitos, foram investigadas por estes autores. Replicando investigações anteriores, encontraram associações elevadas entre o Neuroticismo e a afectividade negativa e entre a Extroversão e a afectividade positiva. A Conscienciosidade avaliada, globalmente, tinha uma relação independente com a afectividade positiva mas, favorável, com a faceta C1 (Competência). A N2 (Hostilidade) estava associada com Amabilidade baixa. Os resultados obtidos com o Neuroticismo e a Extroversão clarificam a base temperamental destes traços de ordem superior enquanto os obtidos com a Amabilidade e a Conscienciosidade ilustram a importância de examinar as relações personalidade-afectividade a um nível inferior.

[77] A masculinidade, a auto-estima e a depressão eram componentes de um constructo de ordem superior, identificado como o Factor IV (Afectividade Negativa) da taxonomia dos "*Big Five*".

[78] Estes autores correlacionaram o consentimento para publicar resultados de testes, e ser seguido num estudo longitudinal, com medidas dos cinco factores, em 404 estudantes de psicologia. Como se esperava, a Amabilidade e a Abertura à Experiência previram o ser voluntário, em ambas as situações, e a Extroversão a vontade de ser seguido num estudo longitudinal.

[79] Estes autores, aplicando a Escala de Auto-Expressividade Universitária (*College Self-Expression Scale*) e o NEO-PI a 159 estudantes universitários, confirmaram a hipótese de que as pessoas, mais e menos afirmativas, têm perfis de personalidade diferentes.

[80] O *Typical Intellectual Engagement* (TIE) está relacionado com O (avaliado através do NEO-PI). No entanto, Ackerman e Goff (1994) defendem que, embora relacionados, os dois constructos são teórica, e empiricamente, distintos.

3.5.8. O NEO-FFI

O NEO-FFI foi contruído, com o objectivo de ser uma versão abreviada do NEO-PI: forma S. No presente, embora o instrumento se mantenha inalterado, têm sido desenvolvidas outras formas (*e.g.*, forma R, forma S para jovens).

Na selecção do respectivo conteúdo, utilizaram-se os 12 itens, por dimensão do NEO-PI, com as saturações mais elevadas nos factores, depois de rodados pelo método validimax[81] (McCrae & Costa, 1989). Seguidamente, realizaram-se várias substituições de itens, para eliminar os que apresentavam saturações muito semelhantes e balancear os itens na negativa e na positiva.

Esta forma abreviada apenas fornece dados sobre os domínios globais. No entanto, como acontece na generalidade dos casos, apresenta algumas contrapartidas negativas. Apesar disso, as investigações indicam que podemos considerar a forma abreviada como uma medida aceitável dos cinco factores.

3.5.9. Tradução e Aferição do NEO-PI-R noutros países

No processo de validação do NEO-PI-R, foi atribuída uma importância considerável aos estudos interculturais. Por outro lado, grande parte das investigações sobre as replicações interculturais do modelo dos cinco factores foram realizadas com este questionário.

São numerosas as investigações sobre o desenvolvimento e a validação do questionário, noutras culturas para além da americana, como, por exemplo, as aferições do NEO-PI (Borkenau & Ostendorf, 1989) e do NEO-FFI (Borkenau & Ostendorf, 1991)[82] para língua germânica e do NEO-PI (Lian & *et al.*, 1993) para a língua norueguesa. Mais recentemente, saiu a lume a edição espanhola do NEO-PI-R (1995), que foi criada para ser utilizada com sujeitos de língua espanhola[83], a residir nos

---

[81] A rotação varimax tradicional é inapropriada para a análise da estrutura das escalas do NEO-PI, porque três dos domínios N, E e O estão representados por seis escalas cada um, enquanto A e C, só está por uma. Como a rotação varimax tende a distribuir a variância equatitativamente pelos factores, é improvável que resulte na estrutura pretendida. Consequentemente, McCrae e Costa (1989c) propõem uma alternativa: a rotação validimax.

[82] Os resultados são baseados em 300 adultos da Alemanha Ocidental, a quem foram também aplicados o NEO-PI, a versão alemã do *Personality Research Form*, o *Freiburger-Personlichkeits-Inventar* de Fahrenberg e colaboradores (1984), a Forma A da versão alemã do Inventário de Personalidade de Eysenck. As propriedades psicométricas dos instrumentos reveleram-se adequadas.

[83] Estes sujeitos podem falar dialectos diferentes e ter várias proveniências (México, América Central e do Sul, Cuba e Porto Rico). As normas de administração, cotação, interpretação e utilização da edição espanhola são as mesmas referidas no manual do NEO-PI-R, edição americana (Costa & McCrae, 1992), e existem apenas sob a forma S.

Estados Unidos. No entanto, dada a vastidão de estudos existentes, vamos apenas nomear os países e as culturas por eles abrangidos, concentrando a atenção naqueles que, pelas dissemelhanças culturais e linguísticas, representaram, para McCrae *et al.* (1994), dados importantes para a validação intercultural do NEO-PI-R e para a verificação da hipótese da universalidade dos cinco factores.

Embora, desde o seu início, a generalidade dos estudos sobre a adaptação do NEO-PI-R a diferentes culturas encontrassem resultados positivos, geraram-se dúvidas sobre a generalização transcultural do questionário e do modelo subjacente. Estas são consequência dos resultados de investigações que não encontraram os cinco factores noutras culturas e de entre os estudos interculturais, realizados com o NEO-PI-R, só o efectuado na Finlândia não abarcar uma língua indo-europeia[84]. Assim, em relação à primeira questão, apesar do estudo de Guthrie e Bennett (1971) encontrar apenas três factores (E, A e C) com uma amostra filipina e de Bond, Nakazato e Shiraishi (1975)[85] replicarem apenas quatro dos cinco factores, investigações mais recentes, como o de Kashiwagi e colaboradores (1993), com a versão japonesa do ACL, apoiam o modelo dos cinco factores, sugerindo que a estrutura da personalidade, tanto a Ocidente como a Oriente, apresenta mais semelhanças do que diferenças.

A segunda questão (a aplicação do modelo a outras famílias linguísticas) levou ao argumento de que profundas parecenças linguísticas seriam responsáveis pela semelhança das estruturas factoriais encontradas nos diferentes países e, consequentemente, de que o FFM seria apenas um produto da civilização ocidental. Para verificar a existência do modelo, em culturas não ocidentais, Bond e colaboradores, desde 1990, têm vindo a recolher dados, com vista à aferição chinesa do NEO-PI-R. Uma versão inicial, revista após retrotradução, foi aplicada por Liu (1991) a 99 alunos de uma universidade de Hong Kong e por Kuck e Bond (1993) a mais 36 estudantes. A versão final[86] foi administrada por Ho (1993) a 217 estudantes. Os resultados apoiam a validade do NEO-PI-R.

Recentemente, os autores do questionário afirmaram que duas versões do teste só são realmente paralelas, se uma pessoa bilingue[87] e bi-

---

[84] Embora a Finlândia seja histórica e geograficamente parte da Europa.

[85] Com a aplicação da adaptação do instrumento de Tupes e Christal feita por Norman (1963) a jovens Japoneses.

[86] Todos os sujeitos frequentavam disciplinas de Psicologia e preencheram o questionário em grupo.

[87] Este procedimento foi utilizado no desenvolvimento da edição espanhola. Esta começou com uma tradução, a partir da versão inglesa, por um tradutor profissional, familiarizado com o Espanhol falado nos Estados Unidos. Uma retrotradução foi efectuada por outro profissional independente e um psicólogo bilingue acompanhou todo o processo. No final, os potenciais problemas foram identificados e resolvidos na tradução definitiva. Um estudo sobre a equivalência das duas

cultural obtiver uma pontuação semelhante em ambas. Este procedimento parece ser essencial nas traduções, dado que muitas outras variáveis poderão influenciar os resultados, para além das diferenças culturais. Por exemplo, os itens podem ser, mais ou menos extremos, na tradução, por comparação com o original. Poderão também existir estilos diferentes de auto-representação, em função da cultura. Assim, tomando em consideração a máxima de Confúcio – "aquele que fala sem modéstia encontrará dificuldades em transformar as suas palavras em bem" – os chineses terão mais dificuldade de responder muito positivamente ao item: "Sou eficiente e eficaz no trabalho" (McCrae, Costa & Yik, 1994). Contudo, a maioria das investigações, com o objectivo de adaptar o NEO-PI-R a um país ou cultura específica, não utilizaram este procedimento.

Actualmente, existem traduções[88] publicadas em Alemão (NEO-FFI; Borkenau & Ostendorf, 1989, 1991) e Espanhol (NEO-PI-R e NEO-FFI, 1992-94), traduções validadas em Chinês[89] (Bond & Li *et al.*, 1990) e Hebraico (Montag, no prelo), traduções para investigação em Croata (Marusic *et al.*, 1997), Checo (NEO-FFI; Hrebickova *et al.*, 1991), Holandês (Hoekstar, 1995), Francês (Rolland *et al.*, no prelo), Canadiano (NEO-PI; Cappeliez, no prelo; NEO-FFI; Robbins & Kirmayer, no prelo), Alemão (Angleitner & Ostendorf, 1990), Japonês (Nakamura *et al.*, no prelo), Coreano (Lee; Chae & Piedmont, no prelo), Norueguês (NEO-PI; Eriksen, no prelo; Lian *et al.*, 1993-95), Poláco (NEO-FFI; Strelau, no prelo), Português (Lima & Simões, 1994), Russo (NEO-FFI; Bodunov, no prelo), Castelhano[90] (Avia; NEO-FFI, Salgado, no prelo) estando ainda em curso outras em Islandês e em Sueco (NEO-PI) da respectiva responsabilidade de Jónsson e de Bergmann.

Como referem McCrae e Costa (1997), em artigo recente, quando comparados os resultados das amostras alemã, portuguesa, hebraica, chinesa, coreana e Japonesa, foi encontrada a mesma estrutura de cinco factores, o que sugere que a estrutura dos traços de personalidade é universal. Espera-se que ela seja confirmada, em numerosas aferições já efectuadas, ou em vias disso.

---

edições foi levado a cabo por Marc Gellman da universidade de Miami. Neste, a um grupo de estudantes bilingues foram aplicadas as duas versões do instrumento, indicando os resultados que a ordenação das pontuações dos sujeitos nas duas versões é praticamente equivalente. A consistência interna é idêntica à da versão americana e, apesar do reduzido tamanho da amostra, a estrutura do NEO-PI-R foi reencontrada na edição espanhola.

[88] Os direitos de autor do NEO-PI-R pertencem à PAR (*Psychological Assessment Resources, Inc.*).

[89] Quando não se refere, entre parêntesis o teste de que se trata, entende-se que são traduções do NEO-PI-R.

[90] A versão espanhola utiliza apenas sujeitos de língua espanhola, a residir nos Estados Unidos, enquanto a edição castelhana se destina a sujeitos de língua espanhola, a residir em Espanha.

3.6. Aplicações

O modelo dos cinco factores, operacionalizado através do NEO-PI-R, tem sido utilizado como enquadramento de tópicos tão díspares, como a genética comportamental, perturbações da personalidade e realização no trabalho. Vamos, nesta secção, sumariar as áreas, e formas possíveis, de aplicação do NEO-PI-R.

3.6.1. Utilização da Forma S e R

O NEO-PI-R pode ser utilizado, como já vimos, sob a forma S (*self-report*, ou auto-avaliação), ou a forma R (*observer rating*, ou avaliação por outros observadores, profissionais ou não). Ambas as modalidades têm os seus defensores, vantagens e desvantagens. A observação pelos outros pode ser preferível, quando o sujeito está fisica ou mentalmente incapaz de responder ao inventário, ou quando existem razões para acreditar que o sujeito está motivado para falsificar as respostas.

Nunca se deve assumir que a avaliação, por parte de um observador, pode substituir a auto-avaliação. Existem diferenças entre as auto e hetero-avaliações, cujas causas ainda não são inteiramente conhecidas. Muito provavelmente, são inúmeros os factores que contribuem para estas diferenças. Um deles podem ser os avaliadores que interpretarão os itens, de forma diversa, utilizarão padrões de comparação múltiplos na caracterização do sujeito, ou acentuarão aspectos opostos das pessoas. Funder (1989) observa que é tão fácil pensar em razões, pelas quais as observações pelos outros e pelo próprio podem diferir que o surpreendente é elas convergirem. Segundo McCrae e Costa (1989), um dos resultados mais interessantes, a este nível, reside no facto da discordância entre os observadores e entre a auto e a hetero-avaliação ser semelhante, o que sugere que as diferenças não são apenas consequência de uma visão pública e privada da personalidade.

O valor das avaliações da personalidade depende do grau de conhecimento que o examinador tem do sujeito a avaliar. Assim é que se encontram correlações elevadas, sobretudo, quando o avaliador é um outro significativo, que tem conhecimento íntimo do sujeito. Quando são utilizados amigos, vizinhos, ou colegas, é conveniente, para aumentar a precisão da cotação, calcular a média das avaliações.

Embora o emprego conjunto de auto e hetero-avaliações seja útil na investigação, a sua função mais importante, na opinião de Costa e McCrae (1992, p.31), "é a de possibilitar aos clínicos e conselheiros ajudar o cliente. As perspectivas do cliente e a dos outros significativos são valiosas, a ponto de possíveis discrepâncias entre elas poderem permitir tirar conclusões relevantes sobre as dificuldades interpessoais. Mutén (1991), por exemplo, descreve a utilização conjunta de auto-avaliações e avaliações pelos esposos na prática da medicina comportamental".

Para além de poder ser aplicado, de duas formas distintas, o NEO-PI-R tem tido um papel de relevo nalgumas áreas da Psicologia, como veremos de seguida.

3.6.2. Aconselhamento, Psicologia Clínica e Psiquiatria

Os inventários de personalidade têm tido um papel importante no aconselhamento e na psicoterapia. No entanto, os conselheiros e os psicoterapeutas diferem, enormemente, nas suas atitudes, em relação à avaliação psicológica, em função da sua formação teórica, concepções filosóficas e prática profissional. Segundo Petot (1994), tem-se vindo, progressivamente, a instaurar um certo descrédito, a respeito dos testes, entre os clínicos. A principal razão do abandono progressivo dos questionários consiste, segundo este autor, na pobreza relativa das informações que fornecem sobre os pacientes examinados, do ponto de vista psiquiátrico. Porém, devido à universalidade e compreensividade do modelo subjacente, o NEO-PI-R foi proposto por McCrae e Costa (1986) como uma alternativa, particularmente adequada, nestes contextos.

Waller e colaboradores (1987), num artigo com um título muito sugestivo – *"Is it time for clinical psychology to embrace the five-factor model of personality?"*– comentam a supracitada declaração de McCrae e Costa (1986), considerando-a prematura. Referem ainda que grande parte dos estudos, apresentados em apoio do modelo, são replicações, e não validações propriamente ditas.

Todavia, volvidos praticamente 10 anos sobre as afirmações de McCrae e Costa (1986), investigações e experiências clínicas têm vindo a apoiar esta perspectiva e numerosas publicações têm referido as múltiplas formas pelas quais o NEO-PI-R pode ser utilizado no aconselhamento (McCrae & Costa, 1991), na psicologia clínica (Costa, 1991; Petot, 1994) e no diagnóstico das desordens da personalidade (Costa & Widiger, 1994; Timothy *et al.*, 1995). Porém, Petot (1994) considera que o interesse principal do modelo, na prática clínica, reside nas facetas – os *"small thirty"* do NEO-PI-R.

Acresce que, para além do diagnóstico na avaliação psicológica dos clientes, Costa e McCrae (1992a) pensam que o NEO-PI e o NEO-PI-R podem fornecer muitas outras informações valiosas. Alguns clínicos experientes têm, aliás, encontrado muitas formas diferentes de o integrar na sua prática psicoterapêutica (Fagan *et al.*, 1991; Miller, 1991; Mutén, 1991, Widiger & Trull, 1992; Petot, 1994).

Costa e McCrae (1992a) defendem ainda que, em contextos de aconselhamento, o NEO-PI-R é mais apropriado do que as medidas de psicopatologia. É que a grande maioria dos clientes em aconselhamento são indivíduos psiquiatricamente normais, que necessitam de apoio, informação, ou uma oportunidade para crescimento e desenvolvimento pessoal e

que poderiam ficar ofendidos com algumas das questões mais bizarras presentes nos instrumentos contruídos para avaliar aspectos psicopatológicos (McCrae & Costa, 1991). A ênfase nas potencialidades dos sujeitos permite ao terapeuta ter uma visão mais ampla do cliente, incluindo, para além dos seus problemas, as suas preferências, aptidões, etc. Os resultados do NEO-PI-R permitem ao conselheiro – geralmente, mais centrado nas características susceptíveis de mudar – uma compreensão rápida das disposições duradouras do sujeito, facilitando o processo de aconselhamento[91]. O compartilhar os resultados dos testes com os clientes pode ser, por conseguinte, uma forma apropriada de desenvolver a auto-compreensão. Por outro lado, existem já muitos estudos que examinam, e confirmam, a relação entre o NEO-PI-R e escalas clínicas como, por exemplo, o MMPI (Hathaway & McKinley, 1983[92]), o MCMI (Millon, 1983), o Inventário Básico de Personalidade (*Basic Personality Inventory*; Jackson, 1989; Levin & Montag, 1991), o Inventário de Avaliação da Personalidade (*Personality Assessment Inventory;* Morey, 1991)[93], o Inventário Estado-Traço Revisto (*State-Trait Inventory* - STI--R; Ruch *et al*, 1991), os testes de integridade (Woolley & Hakstian, 1992)[94], o Inventário da Personalidade Narcísica (*Narcissistic Personality Inventory; NPI,* Bradlee & Emmons, 1992), o Inventário de Exame Psicológico (*Holden Psychological Screening Inventory,* Holden (1992), a Medida Objectiva Alargada do Estatuto de Identidade do Ego (*Extended Objective Measure of Ego Identity Status* – EOM-

---

[91] Embora as estratégias de *coping* possam ser aprendidas, através do processo psicoterapêutico, o saber, de antemão, que os indivíduos com elevada Abertura à Experiência utilizam mais espontaneamente o humor, ao lidarem com o *stress*, enquanto os que pontuam mais baixo naquela variável tendem a recorrer mais à fé, pode ser de grande utilidade para o conselheiro (McCrae & Costa, 1986).

[92] Costa (1986) e McCrae e colaboradores (1989) correlacionaram o Inventário Multifásico de Personalidade de Minnesota (*Minnesota Multiphasic Personality Inventory* - MMPI) com auto e hetero-avaliações do modelo dos cinco factores, encontrando relações, de acordo com as predições. Costa e McCrae (1990) utilizaram dados de três amostras de sujeitos normais para examinar as relações entre escalas de perturbações da personalidade e medidas do modelo dos cinco factores. No primeiro estudo, auto e hetero-avaliações do NEO-PI foram relacionadas com as escalas de perturbações da personalidade do MMPI, em 297 adultos (entre os 19-90 anos). No segundo estudo, auto-avaliações do NEO-PI foram correlacionadas com as escalas do Inventário Clínico Multiaxial de Millon (*Millon Clinical Multiaxial Inventory* - MCMI--I), em 207 adultos (com idades compreendidas entre os 27—90 anos). Os resultados obtidos replicam os obtidos por Wiggins e Pincus, sugerindo que os cinco factores do NEO-PI-R abrangem dimensões da personalidade normal e patológica. McCrae (1991) confirmou estes resultados.

[93] O primeiro questionário, referido em McCrae (1991), e os dois últimos estudados por Costa e McCrae num outro artigo, de 1992, a partir de dados recolhidos com 117 adultos 'normais'.

[94] A Folha de Reacção Pessoal (*Personnel Reaction Blank)*; o Índice de Fidelidade do Trabalhador (*Employee Reliability Index)*; o Inventário de Decisões Pessoais (*Personnel Decisions, Inv.);* Inventário do Emprego *(Employment Inventory)*; e o Relatório Reid (*Reid Report*).

EIS, Clancy & Dollinger, 1993), as escalas de Dependência e de Auto-Crítica do Questionário de Experiências Depressivas (*Depressive Experience Questionnaire* - DEQ, Mongrain, 1993)

Costa e McCrae chamam, no entanto, a atenção para a importância de considerar os problemas resultantes dos mecanismos de defesa, da desiderabilidade social, da deturpação dos resultados e dos efeitos da psicopatologia[95] nas pontuações das escalas e na invalidação do teste. Consideram ainda que as populações clínicas não são muito diferentes das amostras de voluntários normais, em relação à estrutura da personalidade, e que grande parte das dimensões psicopatológicas têm paralelo nos traços da personalidade, podendo, assim, colocar-se a questão de saber se são determinados traços que presdipõem para o aparecimento de patologias específicas ou se é o inverso. Concluem que os clínicos beneficiariam da utilização do NEO-PI, como rotina de avaliação, em contexto clínico.

Na psicologia clínica e na psiquiatria, o papel da avaliação psicológica tem sido o da identificação dos problemas psicológicos e a formulação do diagnóstico psiquiátrico. Embora o NEO-PI-R não tenha sido elaborado para formular este tipo de diagnósticos, pode dar sugestões a este respeito. Pode também ter outros papéis importantes, como ajudar a desenvolver a relação terapêutica, a selecção do tratamento e a escolha do objectivo preferencial de tratamento.

A experiência, até à data, sugere que o inventário pode ser utilizado com sucesso, em grupos tão diversos como os parafálicos/travestis e sujeitos com problemas sexuais (Fagan, Wise, Schmidt, Ponticas, & Costa, 1991; Wise *et al.*, 1991), toxicodependentes (Brooner *et al.*, 1991), pacientes de terapia comportamental (Mutén, 1991), delinquentes sexuais sob avaliação forense (Lehne, *sd*), alcoólicos (Martin & Sher, 1994), pacientes com alexitimia (Wise *et al.*, 1992; Bagby & Taylor, 1994), indivíduos em situação de *stress* profissional ou *burnout* (Piedmont, 1993), sujeitos com doença de Alzheimer (Strauss *et al.*, 1993), sujeitos com risco cardiovascular (Lemos-Giraldez & Fidalgo-Aliste, 1993), indivíduos com insónias (Friedman, 1993), sujeitos com *stress* pós-traumático (Talbert *et al.*, 1993), pessoas com bronquite crónica e efizema (Moody *et al.*, 1991), sujeitos com dores crónicas (Wade *et al.*, 1992), pacientes com activação hormonal (Dabbs & Hooper, 1990). No entanto, este inventário não se revela vantajoso com todos os pacientes psiquiátricos, sendo de excluir aqueles com distúrbios declaradamente psicóticos e com estados avançados de demência.

Quando os clínicos duvidam das informações obtidas, através dos

[95] Por exemplo, os quadros narcísicos e depressivos podem afectar a forma como os sujeitos se avaliam. A este respeito, Petot (1994) chama a atenção para o papel da auto-estima na auto-descrição, referindo que sujeitos depressivos e com sentimentos de auto-desvalorização, tenderão a ter valores mais baixos nas escalas de Amabilidade e Conscienciosidade, o contrário se verificando com os narcísicos.

instrumentos de auto-avaliação, podem utilizar a forma R, recorrendo a informantes, como pais ou esposos. Todavia, Costa e McCrae (1992, p.32) consideram que já existem "dados suficientes que apontam para que, em contextos clínicos, as auto-avaliações são fiéis e válidas". Efectivamente, Mutén (1991) replicou as correlações das auto-avaliações com as avaliações pelos esposos, mostrando uma validade inter-método *(cross-method)* para ambas as formas S e R, em contexto clínico. Por outro lado, ao correlacionar as escalas do NEO-PI com outras medidas de avaliação clínica encontrou associações significativas. Finalmente, a comparação de uma amostra de várias centenas de mulheres e de homens numa unidade de consulta de comportamento sexual com a amostra normativa, levada a cabo por Fagan e colaboradores (1991), chegou às mesmas conclusões, ao nível da consistência interna e da estrutura factorial do NEO-PI.

É necessário, no entanto, salvaguardar que este instrumento não fornece toda a informação necessária para completar a avaliação psicológica. Dependendo do paciente em causa, as entrevistas sobre a história de vida, testes médicos, exames do estado mental, medidas de aptidões cognitivas ou de aspectos muito específicos, podem ser necessários para estabelecer o diagnóstico e tratamento apropriado. Por outras palavras, o NEO-PI-R é um contributo para a avaliação psicológica e psiquiátrica, e não o seu substituto. Também é importante relembrar que qualquer instrumento de avaliação deve ser utilizado, sensata e conscientemente, pelo técnico, encarando a informação recolhida como uma primeira aproximação, ou melhor, como um conjunto de hipóteses acerca da personalidade do cliente, a ser confirmadas ou corrigidas (McCrae, 1991).

Em conclusão, apesar do NEO-PI-R ter sido elaborado, para servir de medida dos traços normais da personalidade, baseado em investigações com sujeitos voluntários, os seus autores acreditam que já existe evidência empírica suficiente sobre a sua utilidade no aconselhamento, psicologia clínica e psicopatologia, visto que é breve, não contém questões explicitamente psicopatológicas, é sensível aos pontos fortes e fracos do cliente (McCrae & Costa, 1991) e dele se pode lançar mão para o diagnóstico das desordens da personalidade (McCrae, 1991).

Podemos organizar as diferentes aplicações do NEO-PI-R ao nível clínico, psicopatológico e de aconselhamento, de acordo com a divisão proposta por Costa e McCrae (1992 a e b). Ou seja, o NEO-PI-R pode ser útil para os clínicos na compreensão do paciente, na formulação do diagnóstico, no estabelecimento da relação terapêutica, no desenvolvimento do *insight*, na antecipação dos resultados da terapia e na selecção do tratamento adequado para o paciente, como iremos ver, mais pormenorizadamente, nas páginas seguintes.

3.6.2.1. Na compreensão do cliente

O principal contributo da utilização do NEO-PI-R, em contexto clí-

nico, é o de ajudar a compreender o cliente, na medida em que proporciona um retrato abrangente da personalidade. Averiguar quais sejam os seus estilos emocionais, interpessoais, experienciais, atitudinais e motivacionais parece ser, aliás, um pré-requisito para a eficácia da psicoterapia. A este propósito, o perfil obtido com o inventário pode, previamente, dar uma avaliação sistemática das características, que apenas se tornam evidentes no decurso da psicoterapia. Nesta linha de ideias, Miller (1991) sumaria a sua experiência[96] de utilização do NEO-PI, como facilitador do processo psicoterapêutico, referindo que ele pode oferecer um retrato pormenorizado das necessidades, potencialidades, sentimentos, motivos e estilo interpessoal do cliente.

3.6.2.2. Diagnóstico

Começaremos por abordar a temática dos perfis psicológicos do NEO-PI-R, para, depois, passarmos à análise da utilidade do inventário no diagnóstico psicológico e psicopatológico e, finalmente, à apresentação de algumas investigações sobre a relação entre as cinco dimensões e outros constructos pertinentes para a saúde mental.

Costa (1991), ao referir-se à utilização dos perfis da personalidade no psicodiagnóstico, concluiu que só se todos os grupos clínicos apresentassem as mesmas médias e desvios-padrões e diferissem dos grupos normais (como os estudantes universitários diferem dos adultos mais velhos), teria sentido elaborar folhas de perfil clínico. Na realidade, as amostras clínicas não diferem, qualitativamente, das amostras normais, nas dimensões do modelo dos cinco factores. Consequentemente, faz mais sentido projectar os resultados nas mesmas folhas de perfil, utilizadas com voluntários normais. No entanto, através da comparação do conjunto de resultados do paciente individual com perfis característicos de grupos já estabelecidos pela investigação, os clínicos podem obter pistas valiosas para diagnósticos potenciais.

O trabalho de Lorr e Stack (1993) representa o início da identificação de perfis de personalidade do NEO-PI-R, com interesse potencial para psicólogos e conselheiros. Os autores levaram a cabo um estudo, com uma amostra de estudantes universitários, para identificar agrupamentos de perfis, obtidos, através da administração do NEO-PI. Encontraram 6 agrupamentos, que foram, depois, comparados com o *Style Inventory* (Lorr, 1986).

A aplicação do MMPI a amostras de sujeitos normais, alcoólicos, depressivos e em reclusão confirma o que acaba de ser dito. Assim, por exemplo, Wise e colaboradores (1991) concluíram que os parafálicos, em geral, e os transvestis, em particular, têm níveis elevados de Neuroticismo e bai-

---

[96] Baseada na análise de 119 pacientes e dos seus familiares, em clínica privada, durante um período de dois anos.

xos escores na Amabilidade. Costa e colaboradores (1992), ao nível da clínica de consulta sexual, encontraram resultados que indicam que o Neuroticismo está relacionado com sintomas disfóricos, imagem corporal negativa e satisfação sexual diminuída. Os sujeitos extrovertidos, por sua vez, teriam mais desejo, mais experiências sexuais, uma imagem corporal positiva e mais emoções positivas. Quanto à Amabilidade, ela não apresentou relações com o impulso e satisfação sexual, mas estava, negativamente, relacionada com qualquer sintomatologia. A Abertura à Experiência, porém, tinha um impacto global no funcionamento sexual e estava, positivamente, associada com a quantidade de informação, amplitude de experiências sexuais, atitudes liberais em relação ao sexo, impulso sexual e amplitude das fantasias. Por último, os sujeitos mais conscienciosos revelavam um impulso sexual inferior, mas menos sintomas disfóricos e uma melhor imagem corporal.

De uma forma geral, sabe-se que pontuações elevadas em N (Costa & McCrae, 1992b) são comuns em pacientes submetidos à psicoterapia (exceptuam-se os sujeitos narcísicos e anti-sociais), e que uma Auto-Consciência elevada pode alertar o clínico para um diagnóstico de Fobia Social, que se caracteriza pelo medo persistente de se comportar, de forma humilhante ou embaraçosa, em contextos sociais. No entanto, valores extremos em traços de personalidade normais não são, necessariamente, indicação de psicopatologia (um paciente pode ser extrovertido, sem ser histriónico), revelando-se, porém, frequentemente, contra-indicativos de determinados diagnósticos (por exemplo, um E elevado não se coaduna com o diagnóstico de desordem de personalidade esquizóide). Estas considerações levam-nos a colocar a questão de saber que é que faz que os traços de personalidade estejam na origem das perturbações, já que isso se não deve (apenas) à sua manifestação exagerada (Costa & McCrae, 1990).

Como já foi referido no capítulo dedicado ao FFM, apesar do NEO-PI-R "não ter sido concebido especificamente para fazer **diagnósticos psicopatológicos**, a DSM-III-R torna claro que os traços da personalidade são relevantes na compreensão de muitas desordens" (Costa & McCrae, 1992, p.32), já que estas implicam características inflexíveis e desadequadas. Widiger e Trull (1992) salientam que as desordens do Eixo-I[97] (como a distimia) são, de facto, disposições para experienciar humores, e que o Neuroticismo parece estar relacionado com muitas destas desordens.

---

[97] Estes autores referem quatro maneiras essenciais de interacção entre os traços da personalidade e as desordens mentais do Eixo-I: o traço pode contribuir para o aparecimento da desordem; o traço pode resultar de uma desordem; o traço e a desordem podem ser independentes, mas afectarem-se mutuamente ao nível das suas manifestações, decurso e tratamento; ou podem ser ambos fruto de uma etiologia comum. Discutem também a relação entre os cinco factores e as desordens de personalidade do Eixo-II, considerando-o pertinente para interpretar as desordens de personalidade, como sendo variantes inadequadas dos traços normais de personalidade.

As perturbações mentais, que estão mais claramente relacionadas com a personalidade, são, sem dúvida (*cf.* capítulo 2), os distúrbios da personalidade. Daí, os traços da personalidade terem uma relevância evidente no diagnóstico das chamadas desordens da personalidade (Eixo-II). As relações entre o modelo dos cinco factores e as 11 desordens do Eixo-II têm sido, aliás, documentadas, em diversos contextos de investigação, e foram por nós discutidas no capítulo dedicado ao FFM. Nesta discussão sobre as taxinomias, o NEO-PI-R tem tido um papel relevante, por ser o instrumento, preponderantemente, utilizado. A título de exemplo, Costa e McCrae (1990) encontraram correlações entre o FFM, avaliado através do NEO-PI, e a patologia das desordens de personalidade, em três amostras não clínicas. Outros autores, como Fagan e colaboradores (1991), Miller (1991) e Mutén (1991) utilizaram amostras clínicas. Por exemplo, Miller (1991) mostrou que o Neuroticismo estava associado à presença de desordens da personalidade da DSM-III-R. Aliás, todas estas amostras apresentam um padrão semelhante: os clientes, submetidos à psicoterapia, tendem a ter pontuações mais elevadas em N e, ligeiramente, inferiores à média em A e C, sendo, tipicamente, médios, em E e O. Embora este padrão não caracterize todos os grupos clínicos (por exemplo, um grupo de pacientes histriónicos obterá, provavelmente, uma pontuação muito elevada em E), revela que as amostras clínicas apresentam, com frequência, uma amplitude de variação dos cinco factores semelhante à encontrada com amostras normais. É "particularmente notável que os desvios-padrões para as pontuações T (ver subcapítulo 3.2), em amostras clínicas, estejam bastante próximos do valor normativo de 10" (Costa & McCrae, 1992). Como os desvios-padrões determinam a distribuição das pontuações T, isto significa, como aliás já foi referido, que as folhas de perfil podem ser utilizadas, justificadamente, para projectar resultados de testes normais ou clínicos.

Como é sabido, as apreciações negativas de si mesmo estão intimamente relacionadas com a intensidade da depressão e da auto-estima. De facto, a experiência clínica e os trabalhos empíricos mostram que existe uma relação entre a depressão e auto-avaliações muito negativas, razão pela qual Miller (1991) considera que A e C são escalas menos objectivas do que as outras, reflectindo não apenas a tendência para a desiderabilidade social, mas também o nível de auto-estima dos sujeitos. Se esta suposição for correcta, os narcísicos tenderão a descrever-se a uma luz favorável, apresentando-se, sistematicamente, como pessoas agradáveis, eficazes, conscienciosas, perseverantes, cortezes, etc.

A replicação das conclusões dos autores precedentes, sobre a relação entre os cinco factores e as desordens da personalidade, foram levadas a cabo por Trull (1992) em dois estudos com sujeitos da clínica. As relações encontradas entre o FFM (NEO-PI) e as patologias das desordens da personalidade (entrevista semi-estruturada) foram encorajadoras. Encontraram-se, no factor Neuroticismo, saturações positivas das desordens *borderline* (estados-limite), de evitamento, passivo-agressivas, dependentes e

compulsivas e saturações negativas da personalidade narcísica e anti-social; na Extroversão, as desordens histriónicas, narcísicas e anti-sociais registaram saturações positivas, e negativas as perturbações esquizóides e de evitamento; na Amabilidade a dependência obteve saturações positivas, e negativas as perturbações anti-sociais, paranóides e narcísicas; na Conscienciosidade, obtiveram uma saturação positiva a desordem compulsiva da personalidade, enquanto as desordens sociais e passivo-agressivas uma saturação negativa. Finalmente, na dimensão Abertura à Experiência revelou, uma saturação elevada a desordem da personalidade esquizotípica. Assim, todas as 11 (mais 2, em apêndice) perturbações presentes na DSM-III-R estão relacionadas com, pelo menos, uma das dimensões da personalidade do FFM (com as dimensões N, E e A, e a um nível menor C), avaliadas através do NEO-PI-R, sugerindo que tal categorização reflecte variantes extremas de traços normais da personalidade. Conclui Trull (1992) que as dimensões avaliadas pelo NEO-PI-R abarcam a personalidade normal e patológica e, por conseguinte, são relevantes para a explicação das desordens da personalidade, presentes na DSM-III-R, já que estas implicam, por definição, traços da personalidade rígidos e desadequados.

Segundo, Widiger e Costa (1994) e Costa e McCrae (1992, p.33), "seria possível administrar o NEO-PI-R a diversos grupos com diagnósticos diferentes e estabelecer equações, que poderiam ser utilizadas, para indicar a probabilidade de um diagnóstico a elas associado. Mas, até este género de informação estar disponível, o clínico pode utilizar o inventário, de duas maneiras. Em primeiro lugar, os resultados podem sugerir um diagnóstico possível, susceptível de ser, posteriormente, confirmado por outros instrumentos, ou através de entrevista. Por exemplo, um baixo C3 (Dever) pode coadunar-se com um diagnóstico de Desordem Anti-social de Personalidade". O quadro 3.6. apresenta os traços da personalidade presentes no NEO-PI-R que são, conceptualmente, relevantes para cada uma das desordens de personalidade, descritas na DMS-III-R. Estas correspondências são, segundo Costa e McCrae (1992, p.33), "hipóteses já testadas[98], ou a testar em futuras investigações e análises de casos. O conhecimento dos traços da personalidade pode, por outro lado, ajudar a compreender e a colocar em contexto, as queixas do cliente. Por exemplo, a ansiedade e a depressão podem ser crónicas num sujeito com N elevado, mas indicar uma fonte de *stress* específico em sujeitos com baixo N".

---

[98] Por exemplo, Tien e colaboradores (1992) investigaram as relações entre os correlatos neurocomportamentais da esquizofrenia, o espectro dos traços de personalidade da esquizofrenia clínica e as dimensões da personalidade normais do modelo dos cinco factores. Os sujeitos completaram o NEO-PI, o Teste de distribuição de cartas de Wisconsin (*Wisconsin Card Sorting Test)* e o Teste de Integridade Orgânica (*Organic Integrity Test*). Os resultados revelaram a covariância do espectro de características da esquizofrenia e das perturbações neurocognitivas e que as características da personalidade, avaliadas pelo NEO-PI, estavam correlacionadas com o espectro de características da esquizofrenia e com as perturbações neurocognitivas.

NEO-PI-R facetas	Desordens da Personalidade da DSM-III-R												
	PAR	SZD	SZT	ATS	BDL	HST	NAR	AVD	DEP	OBC	PAG	SAD	SDF
Neuroticismo:													
N1: Ansiedade	h		h	h(L)	H			H	H				
N2: Hostilidade	H	L		H	H	H	H			h	H	h	
N3: Depressão			h	h	H		h(L)	h	H	h		l	H
N4: Auto-Cons.		L	H	(L)	(H)	H	H	H	h	h			
N5: Impulsividade				H	H								
N6: Vulnerabilidade			h		H	h	(H)	H	H				H
Extroversão:													
E1: Calor	l	L	L	l		H		L(H)	(h)	L			
E2: Gregariedade	l	L	L		(h)	h		L					
E3: Assertividade					(h)		(H)	(L)	L	H		H	
E4: Actividade						h		L					
E5: Procura de Excitação		(L)		H		h		L		(l)			
E6: Emoções Positivas	l	L			(h)	H				(l)			L
Abertura à Experiência													
O1: Fantasia			H			h	H						
O2: Estética	l												
O3: Sentimentos	l	L	L			H				L			
O4: Acções	(L)					h		L					
O5: Ideias			H			l							
O6: Valores			h							L			
Amabilidade:													
A1: Confiança	L		L			h							
A2: Rectidão	L			L	(L)	l	l				L		L
A3: Altruísmo				L		L	L		H	L		(L)	H
A4: Complacência	L	h		L	L				H	L	L	L	L
A5: Modéstia	l			(L)			L		H				
A6: Sensibilidade	l			L			L		(h)			L	
Conscienciosidade:													
C1: Competência	h					l	(h)				L		
C2: Ordem										H			
C3: Dever				L						H	L		
C4: Luta pela Realização		l			L		(h)		L	H			L
C5: Auto-Disciplina				L		L					L		L
C6: Deliberação				L						H			

Nota: Os traços relacionados com as diferentes perturbações são indicados por H (*High*), quando a pontuação é elevada nessa faceta, e L (*Low*), quando a pontuação é baixa; traços relacionados com dimensões associadas aparecem em minúsculas. As letras entre parêntesis são baseadas na experiência clínica e na literatura sobre as desordens da personalidade, quando sugerem características adicionais ou contraditórias associadas a essa desordem; as restantes letras são baseadas numa análise conceptual das desordens de personalidade da DSM-III-R. PAR= desordem de personalidade paranóide (*Paranoid personality disorder*), SZD= desordem de personalidade esquizóide (*Schizoid personality disorder*), SZT= desordem de personalidade esquizotípica (*Schizotypical personality disorder*), ATS = desordem de personalidade anti-social (*Antisocial personality disorder*), BDL= desordem de personalidade *Borderline* (*Borderline personality disorder*), HST= desordem de personalidade histriónica (*Histrionic personality disorder*), NAR = desordem de personalidade narcísica (*Narcissistic personality disorder*), AVD= desordem de personalidade evitante (*Avoidant personality disorder*), DEP= desordem de personalidade dependente (*Dependent personality disorder*), OBC= desordem de personalidade obsessivo-compulsiva (*Obcessive compulsive personality disorder*), PAG= desordem de personalidade passivo-agressiva (*Passive aggressive personality disorder*), SAD = desordem de personalidade sádica (*Proposed Sadistic personality disorder*), SDF= desordem de personalidade auto-derrotista (*Proposed Self-defeating personality disorder*). Adaptado de Costa e McCrae, 1992., p.34.

Quadro 3.7 – Escalas de facetas do NEO-PI-R conceptualmente relacionadas com as desordens da personalidade da DSM-III-R

Mais recentemente, Trull e colaboradores (1995) compararam o NEO-PI e o NEO-PI-R com o PSY-5[99], concluindo que ambos os instru-

[99] PSY-5, ou Cinco (factores) de Psicopatologia da Personalidade (*Persona-*

mentos eram preditores adequados de grande parte das desordens da personalidade. De acordo com os autores, "estes resultados vêm apoiar a reinterpretação das desordens da personalidade, em termos das dimensões subjacentes da mesma" (*"The data support the reinterpretation of personality disorders in terms of underlying dimensions of personality"*, p. 508).

Como foi dito, o NEO-PI-R dá conta da variedade de distúrbios de personalidade, presentes na DSM-III-R. Mas, tem-se também revelado útil no diagnóstico de outras situações, tais como o sofrimento crónico[100], a disfunção sexual e parafilia[101], a androginia[102], o feiticismo[103] e o transvestismo[104], a toxicodependência[105], o alcoolismo[106], a demência[107], a alexiti-

---

lity Psychopathology Five) é o desenvolvimento recente das escalas do Inventário Multifásico da Personalidade de Minnesota (*Minnesota Multiphasic Personality Inventory -2* ; MMPI-2), por Harkness e colaboradores (1995), com o objectivo de medir cinco constructos da personalidade, considerados por eles relevantes para a psicopatologia (agressividade, psicoticismo, controlo, afectividade negativa e afectividade positiva).

[100] Wade e colaboradores (1992), através do NEO-PI, avaliaram 59 pacientes com dores crónicas. Os perfis encontrados sugerem que a estrutura de personalidade subjacente destes pacientes é relativamente normal.

[101] O termo parafilia abarca as práticas sexuais, para além do normal, numa determinada cultura, e aparece geralmente associada à perversão e a grupos sexuais minoritários (Gomes, 1994).

[102] Ramanaiah e Detwiler (1992) confirmaram a hipótese de que o perfil de personalidade dos sujeitos andróginos é diferente dos outros grupos, utilizando o Questionário de Atributos Pessoais (*Personal Attributes Questionnaire*) e o NEO-PI, com uma amostra de estudantes.

[103] O termo é vulgarmente conhecido por 'fetishismo', derivado do francês *fétiche*.

[104] Wise e colaboradores (1991), utilizando o NEO-PI e o Inventário de Funcionamento Sexual de Derogatis (*Derogatis Sexual Functioning Inventory*), compararam 24 homens adultos transvestis feiticistas com um grupo paralelo de 26 parafálicos. Os dois grupos não diferiram muito na maioria das dimensões do NEO-PI e nos índices do *Derogatis*. Ambos tinham um Neuroticismo elevado e níveis baixos de Amabilidade. Os transvestis tinham um perfil do NEO-PI, com uma Procura de Excitação elevada, e capacidade diminuída de estabelecer vínculos afectivos ou manifestar afecto. As disposições da personalidade dos transvestis são, possivelmente, a fonte da sua vulnerabilidade às perturbações emocionais, discordâncias conjugais e dificuldades interpessoais.

[105] Brooner e colaboradores (1993) compararam os traços de personalidade de 203 pacientes consumidores de ópio (com idades compreendidas entre os 21 e os 58 anos), através do NEO-PI. Encontraram índices elevados de Neuroticismo, vulnerabilidade ao *stress* e hostilidade e baixos escores em Amabilidade.

[106] Martin e Kenneth (1994), numa investigação com uma amostra de 468 jovens adultos, concluíram que o risco familiar de alcoolismo estava, positivamente, relacionado com a dimensão Abertura à Experiência e, negativamente, com a Amabilidade e a Conscienciosidade (dimensões avaliadas através do NEO-PI). O alcoolismo estava relacionado, positivamente, com o Neuroticismo e, negativamente, com a Amabilidade e a Conscienciosidade. A generalidade das perturbações alcoólicas estavam relacionadas com pelo menos uma das 5 dimensões. Os autores concluem que o modelo dos cinco factores é promissor no estudo dos traços da personalidade, em relação com as perturbações alcoólicas.

[107] Strauss e colaboradores (1993) examinaram as descrições da personalidade de pacientes com demência, feita por dois informantes, através da forma R do

mia[108] e o risco familiar[109].

Do exposto se infere que o NEO-PI-R, embora não faculte normas para grupos clínicos, parece ser um auxiliar promissor no diagnóstico psicológico e psicopatológico. Sublinhe-se ainda a relação entre diversas escalas de facetas e as desordens da personalidade do eixo-I da DSM-III-R.

3.6.2.3. Empatia e *Rapport*

O NEO-PI-R, segundo Costa e McCrae (1992, p.33), "ao fornecer ao clínico uma noção sobre muitos dos aspectos da personalidade do seu cliente, favorece o desenvolvimento mais rápido da empatia. Por outro lado, o cliente, ao sentir-se compreendido, estabelece, mais fácil e rapidamente, a relação terapêutica (*rapport*)". A utilização do NEO-PI-R, a este nível, é, consequentemente, sobretudo vantajosa nas terapias breves. Segundo Miller (1991), cada um dos factores pode também contribuir para pautar o tipo de aliança terapêutica (*alliance thérapeutique*) que é possível estabelecer.

3.6.2.4. Feedback e Insight

Em psicoterapia, a informação retroactiva ou *feedback* sobre a personalidade do sujeito reveste-se, segundo Costa (1991), de grande importância. Efectivamente, um dos objectivos do aconselhamento é o de ajudar os sujeitos a compreenderem-se. Como alguns tipos de 'compreensão interna' *(insight)* podem levar muito tempo a adquirir, segundo Costa e McCrae (1992, p.33), "o compartilhar os resultados do NEO-PI-R pode ser um primeiro passo útil para muitos clientes". Este processo é facilitado pela utilização do '*Seu Sumário..*' que foi, aliás, concebido "para providenciar um *feedback* não-técnico e não ameaçador dos resultados do NEO-PI-R, ou do NEO-FFI". Efectivamente, alguns clínicos consideram o perfil do NEO-PI-

---

NEO-PI. Cada observador preencheu o questionário, descrevendo o comportamento pré-morbido e o comportamento presente do paciente. Os autores encontraram diferenças significativas entre as descrições destes dois comportamentos.

[108] Wise e colaboradores (1992) investigaram a relação entre a alexitimia, avaliada pelo *Toronto Alexithymia Scale*, e o NEO-PI, em 114 pacientes psiquiátricos e 71 voluntários normais. Quando controlada a variável depressão, o Neuroticismo, a Introversão e a Abertura de nível baixo prediziam a alexitimia. Estes dados sugerem, no entanto, que este contructo não é totalmente explicado pelo modelo dos cinco factores.

[109] Yeung e colaboradores (1993) estudaram os traços da personalidade e a sua relação com as perturbações da personalidade da DSM-III-R de 430 familiares de primeiro grau de 194 sujeitos com desordens psiquiátricas, utilizando o NEO-FFI e o Questionário de Diagnóstico da Personalidade-Revisto (*Personality Diagnostic Questionnaire--Revised; PDQ--R).* Os resultados sugerem que não existem diferenças nos traços e prevalência de desordens de personalidade, incluindo a esquizofrenia, quando se comparam os familiares, excepção feita para os familiares de pacientes com psicoses atípicas.

R (e as interpretações geradas pelo computador, embora concebidas para os profissionais, e não para o sujeito) como auxiliares úteis na explicação e na discussão sobre um caso, uma vez que fornece uma informação mais pormenorizada sobre o sujeito. Por outro lado, Mutén (1991) sublinha que os pacientes, enquanto agentes de mudança, devem ser as pessoas mais bem informadas sobre a sua personalidade.

Na perspectiva de Costa e McCrae (1992, p.33), quando também se dispõe de avaliações de outros significativos, pode ser benéfica a projecção de ambas na mesma folha (depois de convertidas em pontuações T), de forma a que sujeitos compreendam como são percebidos pelos outros. De modo semelhante, no tratamento de casais pode ser útil explorar ambos os perfis (os aspectos em que estão de acordo e aqueles em que não estão), a fim de promover a compreensão mútua. Aliás, este processo interactivo pode ser reforçado, se a discussão dos resultados do teste for feita na presença do cônjuge. Em suma, estas podem ser consideradas algumas das aplicações daquilo que McReynolds (1989) designou "avaliação centrada no cliente".

As experiências clínicas com *feedback* obtido, a partir do NEO-PI-R, indicam que os sujeitos estão interessados nos seus resultados e não ficam muito perturbados, quando eles revelam um N elevado ou um A e um C baixos. No entanto, cabe ao clínico decidir se é apropriado compartilhar os resultados com o cliente, ou seja, proporcionar uma oportunidade para os discutir e explicá-los em termos compreensíveis: os autores acreditam que o *feedback* será mais eficaz, quando conceptualizado pelo clínico como parte integrante do processo terapêutico.

Mas o NEO-PI-R, segundo Petot (1994), não é apenas um instrumento de avaliação, como ainda de intervenção psicológica, visto que permite devolver ao sujeito aspectos dos quais ele não tem conhecimento consciente e dar informação de como ele se situa em relação aos outros. Por sua vez, Miller (1991) refere que a generalidade das pessoas ficam espantadas com os resultados, que lhes são apresentados — o que é interessante, porque foram elas que responderam às 240 questões e o terapeuta apenas as sintetizou — mas, ao mesmo tempo, e paradoxalmente, sentem que aqueles resultados lhes são familiares. A verdade é que, apesar dos questionários de personalidade não pretenderem explorar o inconsciente, permitem devolver aos sujeitos aspectos de "si próprio" que, muitas vezes, lhes escapam. Tal deve-se à capacidade que os questionários de personalidade têm de, baseados em princípios estritamente quantitativos, condensarem e categorizarem as respostas. Assim, um sujeito embora sabendo que é ansioso, pode nunca ter pensado na ligação entre dois tipos diferentes de comportamentos que, no teste, estão relacionados e incluídos no traço ansiedade. Deste modo, a avaliação através de questionários, torna-se comparável, na sua estrutura lógica, a algumas formas de interpretação psicanalítica.

Outro aspecto da importância do *feedback* é que os sujeitos não sa-

bem como se situam em relação aos outros e a comunicação destes resultados pode revelar-se muito importante para o sucesso do processo terapêutico.

3. 6.2.5. Na antecipação do processo psicoterapêutico.

O NEO-PI-R pode dar informações valiosas sobre o prognóstico do paciente e a sua resposta provável à psicoterapia. Miller (1991) mostrou o interesse clínico de cada uma das cinco dimensões, no que diz respeito às indicações psicoterapêuticas e à predição da atitude dos pacientes, relativamente à psicoterapia e ao psicoterapeuta. As pontuações associadas a melhores prognósticos terapêuticos são o baixo N e a elevada C.

É, há muito, sabido que pacientes com pontuações elevadas em instabilidade psicológica (N) não respondem tão bem à psicoterapia, embora sejam aqueles que, devido ao sofrimento psicológico, que os aflige, pedem ajuda, mais facilmente, e têm um envolvimento inicial mais intenso.

A baixa Conscienciosidade está também relacionada com os fracos resultados terapêuticos, porque sujeitos deste tipo dificilmente aceitam compromissos e revelam menor tolerância à frustração e empenhamento nas tarefas. Consequentemente, é importante, com este género de clientes, ter em atenção e trabalhar a sua motivação. Inversamente, os sujeitos com um C elevado envolvem-se, mais facilmente, de forma organizada, perseverante e responsável, numa tarefa — a psicoterapia — que não se desenrola, sem momentos de frustração e desencorajamento. Efectivamente, as facetas de C e de N permitem-nos fazer uma avaliação mais fina daquilo que a psicanálise clássica conceptualizava, sob a designação de aptidão para tolerar a frustração.

A dimensão Amabilidade parece também ter importantes implicações para o decorrer da psicoterapia. Ela possibilita prever a qualidade (mais ou menos agressiva, de maior ou menor confiança) da relação entre o paciente e o terapeuta. Os indivíduos com um A elevado são pessoas de confiança, mostrando-se disponíveis para aceitar as sugestões e interpretações dos psicoterapeutas. Os sujeitos com A baixo são cépticos e antagonistas, esperam que o clínico prove a sua competência, podem ser abertamente não cooperativos e ter tendência a terminar prematuramente o tratamento. No entanto, na perspectiva de Costa e McCrae (1992, p.33), "os dois pólos extremos de A podem levantar problemas ao terapeuta. Os sujeitos com A muito elevada têm tendência para uma dependência pouco saudável, enquanto os sujeitos com A muito baixa podem, prontamente, rejeitar o tratamento".

No que toca à Extroversão, ela permite avaliar a atitude do cliente, quanto ao seu envolvimento numa relação de intimidade psicológica, como acontece nas terapias de inspiração psicodinâmica ou humanista.

Por último, a Abertura à Experiência possibilita a apreciação da aptidão do paciente para explorar os seus sonhos, fantasmas, o universo pes-

soal, bem como ajuizar da capacidade de mudança do paciente.

Os resultados do NEO-PI-R, ao sugerirem estas tendências e possibilidades, podem ser um auxiliar precioso na reflexão, que o terapeuta deve encetar sobre o seu cliente e o desenrolar do processo terapêutico.

3. 6.2.6. Na selecção do tratamento adequado

A conveniência de utilizar as dimensões da personalidade, avaliadas através do NEO-PI-R, para seleccionar as melhores formas de tratamento, foi referida por Costa (1991), Stein e Hackerman (1991), Mutén (1991). Preconizam eles que o NEO-PI-R seja aplicado, em conjunto com outro(s) instrumento(s), como o MMPI-2, de forma a optimizar a escolha do tratamento e a predição dos resultados. O clínico pode, assim, examinar, sistematicamente, as relações entre a personalidade e as variáveis implicadas no tratamento.

Grande parte dos clínicos e conselheiros lançam mão de uma enorme variedade de formas de terapia: são (ou deviam ser), de certa maneira, ecléticos, já que a escolha da abordagem adequada passa, não só pelo problema, mas pela personalidade e características do paciente. O exame das interacções traço x tratamento pode revelar-se, por conseguinte, muito importante. Por exemplo, Shea (1988) refere que sujeitos muito extrovertidos, mas deprimidos, respondiam melhor a psicoterapias interpessoais do que a medicação antidepressiva, o inverso se verificando com os introvertidos deprimidos. Por sua vez, Qualls e Sheehen (citado por McCrae, 1994) sugerem que o grau de relação entre estas duas variáveis (traço e tratamento) é função da Abertura à Experiência: os sujeitos mais fechados à experiência tendem, por exemplo, a apresentar emoções e ideias mais compartimentadas. Ora, isto não precisa de ser interpretado como um sinal de patologia, podendo simplesmente, reflectir a estrutura da consciência dos sujeitos fechados. E, embora possa dificultar o *insight*, em psicoterapia, pode também contribuir para a objectividade na avaliação da realidade (McCrae, 1994). Por seu lado, os sujeitos abertos podem ter uma consciência permeável, em que as fronteiras entre as percepções, pensamentos e sentimentos se esbatem, tornando-os mais receptivos à eficácia de técnicas, como a 'imaginação', como é ilustrado pela sua utilização no tratamento da hipertensão. Os sujeitos abertos e fechados à experiência podem também diferir nas suas reacções às drogas psicoactivas, à privação sensorial ou à meditação.

Miller (1991) sugeriu que o Neuroticismo influencia a intensidade e a duração do problema do paciente; a Extroversão, o entusiasmo do paciente pelo tratamento; a Abertura, as suas reacções às intervenções do terapeuta; a Amabilidade, a reacção do cliente à pessoa do terapeuta; a Conscienciosidade, a vontade do paciente em levar a cabo um trabalho terapêutico. Contudo, os dois domínios, que têm uma importância particular na determinação da melhor forma de terapia, são a E e a O. As terapias

que requerem que o paciente se exprima oral e espontaneamente, ou que exigem participação social activa, não são do agrado dos introvertidos, que podem preferir formas mais directivas de terapia centradas na tarefa. No entanto, Mutén (1991) sugere que estes pacientes beneficiariam de módulos de treino interpessoal (particularmente os sujeitos com baixa Gregariedade) e de treino de assertividade (em especial, os sujeitos com baixa Assertividade). Os extrovertidos tiram vantagem de terapias de grupo e centradas na palavra. Os indivíduos com um O elevado aderem facilmente a psicoterapias não convencionais e gostam de experimentar uma multiplicidade de abordagens, enquanto aqueles que revelam um O baixo preferem o apoio emocional e o aconselhamento. Existe também alguma evidência, no sentido de sujeitos em terapia comportamental com elevada Abertura à Experiência responderem melhor a técnicas imagéticas, enquanto os sujeitos com resultados baixos naquela variável reagem melhor ao *biofeedback* (Qualls & Sheehan, 1979).

Embora o estudo da relação entre os tipos de terapias e os traços da personalidade ainda esteja, no seu início, parece ser um campo promissor de investigação. Mas, para além das aplicações à psicologia clínica, o NEO-PI-R tem sido também utilizado na psicologia da saúde, como veremos de seguida.

3.6.3. Psicologia da saúde

A relação entre a personalidade e a saúde é tema de reflexão, de há muito tempo a esta parte. Contudo, as investigações, neste domínio, ao longo deste século, têm-se centrado, sobretudo, no estudo do comportamento de tipo A (e das suas relações com a hostilidade e o antagonismo), nos efeitos do Neuroticismo sobre a saúde, na resistência ao *stress*, na importância do optimismo e na inibição da motivação pelo poder (*Inhibeted power motivation*). Só mais recentemente é que os investigadores se debruçaram sobre a relevância do modelo dos cinco factores para os estudos conduzidos, neste âmbito.

Esta ideia levou Mutén, em 1991, a integrar o modelo nos procedimentos de avaliação de 109 pacientes, que participavam num programa de medicina comportamental. A história do caso de um homem de 34 anos, com dor crónica de ombros e depressão, é utilizada pelo autor, para exemplificar a importância de uma taxinomia dos traços de personalidade, no contexto acima referido. Concluiu que é mais fácil e eficaz envolver o paciente na avaliação dos sintomas e na formulação do tratamento, quando os aspectos adaptativos e incongruentes da sua personalidade podem ser discutidos, integrados e compreendidos, à luz de uma taxinomia dos traços da personalidade. Em 1992, Smith e Williams corroboram estes resultados, publicando uma análise das implicações, vantagens e limitações do modelo dos cinco factores, nesta área.

Com este objectivo, tem sido utilizado o NEO-PI-R, em conjunto com outras escalas, que avaliam uma multiplicidade de constructos. Algumas dessas escalas, embora com designações bastante diversas, medem os mesmos constructos. Consequentemente, averiguar a sua correlação com as escalas do NEO-PI-R pode ser muito vantajoso, na medida em que estas representam uma referência fixa. Por exemplo, ao comparar diferentes medidas de padrões de comportamento de tipo A, é útil determinar, até que ponto estas são influenciadas por N, A, e C – variáveis, todas elas correlacionadas com escalas para medir o Tipo A (Costa & McCrae, 1978). Por outro lado, na interpretação das pontuações, obtidas com outras escalas, a informação adicional fornecida pelo NEO-PI-R pode ser esclarecedora.

A título ilustrativo, vamos referir algumas das principais conclusões das investigações levadas a cabo, neste domínio. Um dos resultados mais recentes, segundo Costa e McCrae (1992, p. 35), "é o da importância da **Hostilidade** na predição das **doenças coronárias** (Costa, Stone, McCrae, Dembroski & Williams, 1987)[110]. Através da utilização de questionários (Barefoot, Dahlstrom, & Williams, 1983) e entrevistas (Dembroski, McDougall, Costa, & Grandits, 1989), estes autores concluíram que a hostilidade estaria relacionada com o enfarte do miocárdio, a morte coronária e o grau da estenose arterial. Mas, paradoxalmente, medidas relacionadas com a ira não apresentam relação, ou estão mesmo, inversamente, relacionadas com a severidade das doenças coronárias (Siegman, Dembroski, & Ringel, 1987)". Ora, o NEO-PI-R apresenta uma solução para o paradoxo, na medida em que distingue dois tipos de hostilidade. Há, por um lado, a hostilidade neurótica – avaliada através da faceta N2 (Hostilidade) – que se caracteriza pela experiência frequente e intensa de raiva, frustração e zanga e, por outro, a hostilidade antagonista, correspondente a uma Amabilidade baixa - e presente, muito especialmente, em sujeitos com escores baixos, nas facetas A1 (Confiança) e A4 (Complacência) – que é marcada pelo cinismo, rudeza e condescendência. Consequentemente, quando as pessoas antagonistas estão zangadas, expressam a sua raiva directamente, em vez de a dirigirem para elas mesmas. Para Costa e McCrae (1992, p. 35), "apesar de parecer um contra-senso é este tipo de hostilidade a preditora de problemas coronários".

É, no entanto, necessário acautelar que uma pontuação muito baixa em A não é, só por si, preditora de doenças coronárias, mas apenas um factor de risco. Kravetz e colaboradores (1993), por exemplo, concluíram, a partir de 164 pacientes com doença coronária, que a tendência para a doença e a afectividade negativa representam dois conceitos distintos, embora relacionados. É possível que uma das formas de detectar comportamentos de risco para contrair estas doenças (*e.g.*, fumar, *stress*) seja através

---

[110] Esta é, como veremos a seguir uma explicação alternativa à de que estas doenças estariam relacionadas com o padrão de comportamento Tipo A, hipótese esta, que tem sido ultimamente contestada (Matthews & Haynes, 1986).

de avaliações feitas por outros significativos (NEO-PI-R, forma R), cuja informação dada se baseia em anos de interacção com o sujeito.

Eventuais estratégias para intervir são, a este nível, as terapias centradas no aumento da Amabilidade, à semelhança dos programas elaborados para a alteração do comportamento de tipo A. Porém, se esta dimensão se revelasse difícil de alterar, poderiam encarar-se intervenções, ao nível de outros factores de risco (como o fumar ou a pressão arterial elevada), que são mais fáceis de trabalhar. Em qualquer das hipóteses, uma avaliação objectiva da personalidade é sempre o primeiro passo.

Embora sejam muitas as influências que levam os sujeitos a formular **queixas somáticas**, os seus principais determinantes são o estado de saúde e o Neuroticismo (Costa & McCrae, 1985, 1987). As pessoas podem lamentar-se, por várias razões: porque têm problemas médicos, que causam os sintomas; porque reagem facilmente a pequenas sensações fisiológicas; ou porque se preocupam, excessivamente, com a saúde (o excesso desta característica é designado por hipocondria). Ora, como o mal-estar somático está intimamente relacionado com o mal-estar psíquico (Watson & Pennebaker, 1989), não é surpreendente que o N seja um forte preditor das queixas somáticas. Porém, as queixas médicas têm mais probabilidade de corresponder a problemas médicos reais, quando os sujeitos apresentam um N baixo, do que um N elevado. Daí decorre que as pontuações do N são úteis para a detecção de falsos sintomas – queixar-se de um sintoma, sem ter a doença correspondente – e, são, sempre, pertinentes nos estudos sobre a influência do *stress* na saúde (McCrae, 1990). Por exemplo, Schroeder e Costa (1984) estudaram a influência dos acontecimentos de vida causadores de *stress* na doença física e Talbert e colaboradores (1993) administraram o NEO-PI e a Escala de Exposição ao Combate (*Combat Exposure Scale)* a 100 veteranos do Vietnam, cujo diagnóstico era a perturbação designada por *stress* pós-traumático, relacionado com combate (PTSD). Estes sujeitos foram colocados, em três grupos, em função do nível de exposição ao trauma. Os resultados não indicam diferenças significativas entre os perfis de personalidade dos três grupos. No entanto, o perfil do NEO-PI das pessoas diagnosticadas com tendo o PTSD é caracterizado por um Neuroticismo elevado e uma Amabilidade muito baixa.

Colocando-se numa perspectiva diferente da do estudo da influência do *stress* na personalidade, Piedmont (1993) investigou, longitudinalmente, a contribuição da personalidade para o experienciar do *burnout.* Para tal, avaliou terapeutas ocupacionais, através do Inventário de *Burnout* de Maslach (*Maslach Burnout Inventory*; MBI) e do NEO-PI, encontrando correlações razoavelmente elevadas entre as pontuações de *burnout* e os cinco factores.

McCrae e Costa (1986) analisaram também as relações entre a personalidade e o *coping*, procurando averiguar, mais especificamente, se a primeira influenciava as respostas de *coping*, a percepção da sua eficácia e o

seu efeito sobre o bem-estar psicológico. As dimensões de N, E e O estavam, sistematicamente, relacionadas com os mecanismos de *coping*, apresentando índices superiores de bem-estar os sujeitos que utilizavam formas de *coping* mais eficazes.

Do que ficou dito podemos concluir que o N[111] influencia as percepções de *stress*, as formas de *coping*, a satisfação com o apoio social, o bem-estar psicológico e as queixas somáticas.

Outros investigadores analisaram a influência das **doenças** nas dimensões da personalidade. Assim, Siegler e colaboradores (1991) avaliaram, a partir das respostas de vigilantes ao NEO-PI, a personalidade actual e a pré-mórbida de 35 pacientes com problemas mnésicos (com idades compreendidas entre os 51-88 anos). Verificaram-se mudanças nos cinco domínios abrangidos pelo NEO-PI, com a diminuição da Conscienciosidade, Abertura à Experiência e Extroversão e aumento do Neuroticismo.

Os **hábitos e atitudes**, em relação à saúde, são outra área em que as variáveis personológicas podem ser muito úteis. A utilização dos traços da personalidade para prever comportamentos relacionados com a saúde e o seguimento por parte do paciente das prescrições médicas é, duplamente, importante, porque permite uma melhor compreensão desta problemática e a identificação de sujeitos que beneficiariam de um programa de intervenção por parte do médico ou do psicólogo. Nesta linha de ideias, Lemos-Giraldez e Fidalgo (1993) encontraram resultados positivos, ao estudarem a associação entre os traços da personalidade e as atitudes e comportamentos relacionados com a saúde, em 1.184 estudantes a quem administraram o Questionário de Personalidade de Eysenck, o NEO-PI, a Escala de Locus de Controlo da Saúde (*Health Locus of Control Scale*; Wallston *et al.*, 1976) e o Questionário de Estilos de Vida (*Lifestyles Questionnaire*).

Um dos hábitos prejudiciais à saúde mais estudados é o fumar. Já existe evidência suficiente, de acordo com McCrae, Costa e Bossé (1978), para se afirmar que os sujeitos com um N elevado têm mais tendência para fumar e, mais dificilmente, deixam de o fazer. A escala N5 (Impulsividade) conseguiu prever quais os pacientes que, após terem tido problemas coronários, voltaram a fumar, passados seis meses (Baile *et al.*, 1984)[112].

Contrariamente ao que foi dito em relação ao Neuroticismo, a

---

[111] McCrae (1990) refere a importância de controlar a variável Neuroticismo, ao estudar o *stress*. Efectivamente, os sujeitos neuróticos tendem a preocupar-se, independentemente da presença de ameaças, e a deprimirem-se mesmo não tendo sofrido uma perda.

[112] Costa e colaboradores (1980), para testar a replicabilidade factorial e estabilidade longitudinal dos motivos do fumador, aplicaram o Inventário do Fumador de *Horn-Waingrow (Horn-Waingrow Smoker Survey)*, em 1973 e, novamente, em 1976, em conjunto com 20 itens elaborados por Coan (1969, 1973). Os sujeitos eram 1.340 antigos e actuais fumadores. Os coeficientes de estabilidade obtidos coadunavam-se com a ideia de que a motivação para fumar é reflexo das necessidades e traços de personalidade.

Conscienciosidade está, positivamente, relacionada com bons hábitos de saúde (Booth-Kewley & Vickers, 1990).

A **alexitimia** ou aleximia é outro aspecto da personalidade que tem recebido uma atenção crescente, por parte de alguns investigadores. Nomeadamente, Wise e colaboradores (1992) investigaram a relação entre a alexitimia, avaliada através da Escala de *Alexithymia* de Toronto (*Toronto Alexithymia Scale; TAS-20),* e o NEO-PI, em 114 pacientes psiquiátricos e 71 voluntários normais. Quando se controla a depressão, consegue predizer-se aquele constructo, com base no Neuroticismo, Introversão, e baixa Abertura. No entanto, esta investigação sugere que a alexitimia é um traço de personalidade único, que não é inteiramente explicado pelo modelo dos cinco factores. De modo semelhante, Bagby e colaboradores (1994), ao analisarem a validade de constructo da *TAS-20*, examinaram a sua relação com traços de personalidade, encontrando correlações negativas entre a alexitimia e algumas dimensões do NEO-PI.

Porém, que as relações entre a personalidade e a saúde não são simples e lineares parece ainda comprová-lo a investigação de Moody e colaboradores (1991), que estudaram a bronquite crónica e diversas variáveis a ela supostamente associadas, tais como o efizema, e a gravidade da doença, o risco ambiental, a utilização do sistema de saúde, a severidade dos sintomas, os factores de personalidade, o estatuto funcional e a qualidade de vida. Para tal, aplicaram o Instrumento de Avaliação das Doenças Crónicas (*The Chronic Disease Assessment Tool;* Moody *et al.*, 1990) e o NEO-PI, não encontrando relações simples e directas entre as diferentes variáveis e a personalidade.

Em conclusão, embora com algumas limitações, o NEO-PI-R, pode auxiliar o estudo e a compreensão das influências e das relações entre a personalidade e a saúde.

3.6.4. Orientação Escolar, Aconselhamento Vocacional e Industrial/ Psicologia Organizacional[113]

A aplicação do modelo dos cinco factores à Psicologia Organizacional tem sido limitada, por causa da polémica questão da **credibilidade** dos dados fornecidos pelos sujeitos, em situação de selecção. Efectivamente, um dos tópicos mais críticos, no que concerne à utilização do NEO-PI-R, tem a ver com a falta de averiguação da estabilidade dos "*Big Five*", em po-

[113] Actualmente, a designação destes conceitos é problemática: alguns autores preferem para a primeira variante termos como Aconselhamento Vocacional/ de Carreiras, ou Consulta Psicológica de Carreiras ou Desenvolvimento de Carreiras e para a segunda termos como Gestão do Trabalho (que estaria incluída no âmbito da Psicologia Social).

pulações de jovens, à procura de emprego: o NEO-PI-R foi validado para populações de voluntários, que não estavam pressionados a agradar. Ora, apesar de alguns estudos indicarem que os sujeitos em situação de selecção não alteram a sua avaliação, alguma evidência empírica e conceptual parece sugerir que não se deve, *a priori*, presumir que a estrutura factorial de dados colhidos, numa dada situação, seja a mesma de outras situações. Assim, alguns autores consideram que é essencial controlar os efeitos dessa hipotética tendência a agradar, enquanto que outros acham-nos negligenciáveis, porque, em situação de selecção, quem tentar enganar, e for apanhado, é desclassificado, ou porque as dimensões a avaliar, não são valorativas (querendo isto significar que ter uma classificação elevada num traço não é melhor ou pior do que não ter: simplesmente, nos diz que estamos perante pessoas com personalidades diferentes).

Ora, Rolland (1994) apresenta os resultados de estudos sobre os efeitos da situação (competitiva/ não-competitiva) e do formato de resposta (normativa/ipsativa) nas auto-descrições: estas não são afectadas, na situação não competitiva, ainda quando se percebem os traços avaliados como desejáveis; o contrário se passa, na situação competitiva, apesar do formato ipsativo das respostas. E esta distorção afecta igual e moderadamente as cinco dimensões presentes no NEO-PI-R.

Posição semelhante é também a de Kroger e Wood (1993), que consideram que a estrutura dos cinco factores foi posta em evidência, com sujeitos voluntários, e não se revela, tão linearmente, em candidatos à selecção. Schmidt e Ryan (1993)[114] encontraram, aliás, para além dos cinco factores, um sexto, que designaram por 'empregado ideal'. No entanto, Piedmont (1993) sugere que a avaliação da personalidade, através do NEO-PI-R, pode ser útil no recrutamento e selecção vocacional.

Efectivamente, numerosos trabalhos indicam que existem relações entre os questionários de interesses vocacionais e os cinco factores, medidos através do NEO-PI e do NEO-PI-R. Nomeadamente, as operacionalizações da Teoria Vocacional da Personalidade de Holland (1985)[115] as escalas do Inventário de Crenças de Carreiras (*Career Beliefs Inventory* — CBI — de Krumboltz, 1991), a Pesquisa Auto-Dirigida (*Self Directed Search*), a escala da Identidade Vocacional (*Vocational Identity*, de Holland e colaboradores) e a escala da Actividade Pré-Consciente (*Preconscious Activity*, de

---

114 Estes investigadores levaram a cabo um estudo, para avaliar a adequação do modelo dos cinco factores ao NEO-PI, a partir de amostras de estudantes e de sujeitos a concorrerem a um emprego. Segundo os autores, a estrutura de cinco factores adequava-se aos resultados dos estudantes, mas não à dos candidatos ao emprego, sugerindo, consequentemente, a existência do factor 'empregado ideal' na amostra para selecção.

115 Avaliada, através do Inventário de Preferências Vocacionais (*Vocational Preference Inventory*, Gottfredson, *et al.*, 1993) e do Formulário de Investigação da Personalidade (*Personality Research Form*, Costa, McCrae & Holland, 1984).

Holland & Baird, 1968; referido em Holland, *et al.*, 1993) têm, com resultados positivos, sido relacionadas com as diferentes facetas do NEO-PI-R.

Por outro lado, investigações, com um cariz um pouco diferente, indicam que o modelo dos cinco factores tem implicações práticas e teóricas para a selecção de pessoal. Por exemplo, Barrick e Mount (1991) investigaram a relação entre as cinco dimensões da personalidade e três critérios de **eficácia/*performance*** no trabalho (proficiência profissional, proficiência na formação e dados pessoais) em cinco grupos profissionais (*e.g.*, polícias, gestores, vendedores). Foram passados em revista 117 estudos (publicados entre 1952-1988), tendo-se encontrado o equivalente a 162 amostras e um total de 23.994 sujeitos. Ora, a Conscienciosidade revelou relações consistentes com os critérios de eficácia profissional, em todos os grupos. A Extroversão foi um preditor válido para as duas ocupações, que envolvem interacção social (gestores e vendedores). A Abertura à Experiência e a Extroversão apareciam como preditores válidos da proficiência na formação, nas diferentes profissões.

Em 1993, estes mesmos autores investigaram o papel da autonomia nas relações entre as dimensões dos *Big Five* e as avaliações realizadas por um supervisor, sobre a eficácia laboral dos trabalhadores, concluindo que ela funciona como moderador de, pelo menos, alguns preditores da personalidade. Por exemplo, a Conscienciosidade e a Extroversão estavam significativamente relacionadas com a eficácia laboral, em particular, no caso dos gestores com autonomia elevada.

As escalas do NEO-PI-R também dão informação sobre aspectos da personalidade relevantes para a **realização**, **integração** e **adaptação** profissional. Apesar do N não influenciar, sistematicamente, as preferências vocacionais, os sujeitos com N elevado têm mais tendência a mostrar-se insatisfeitos com o trabalho (Perone, DeWaard, & Baron, 1979).

Estudos recentes (Dye, 1991) revelaram que a Conscienciosidade está fortemente relacionada com medidas baseadas em dados biológicos[116] de realização profissional (*biodata-base measures of occupational performance)* e com a Escala de Liderança Militar (*Military Leadership Scale;* Gough & Heilbrun, 1983), que foi empiricamente construída, para discriminar entre os bons e os maus lideres[117] militares (Piedmont, McCrae, & Costa, 1991). Parece, por outro lado, que os empregos que requerem uma dedicação e esforço intenso são, provavelmente, mais adequados para sujeitos com um C elevado. De facto, na meta-análise, efectuada por Barrick e

---

[116] Como, por exemplo, a tensão arterial.

[117] Simonton (1988) levou a cabo uma investigação interessante sobre as bases personológicas da liderança, no caso presente, as características dos presidentes americanos. Estes foram discriminados com base em 49 itens, que a análise factorial reduziu a cinco dimensões: o estilo interpessoal, carismático, deliberativo, criativo e neurótico. Ora, estes estilos parecem estar relacionados com traços de personalidade mais gerais.

Mount (1991), a Conscienciosidade era, sistematicamente, bom preditor da realização profissional. Mas é claro que diferentes combinatórias de traços de personalidade serão adequadas para diferentes profissões, pelo que o psicólogo organizacional deve determinar qual a configuração óptima para cada uma delas.

Outras investigações, ainda no domínio **profissional**, analisaram a correspondência entre dois dos modelos mais proeminentes e heurísticos da estrutura da personalidade: a tipologia Vocacional da Personalidade de Holland (1985) e o FFM. Holland assume que os interesses profissionais são um aspecto importante da expressão da personalidade. Consequentemente, deveriam esperar-se relações entre o seu modelo e o FFM. Na realidade, os dois modelos, apesar de terem sido elaborados independentemente e de terem origem em tradições diferentes, apresentam, segundo Holland e colaboradores (1990), algumas relações e, segundo Gottfredson e colaboradores (1993) e Tokar e Swanson (1995), relações substanciais. Em particular, constata-se isso entre a tipologia da Personalidade Vocacional e as dimensões da Abertura à Experiência, Extroversão e a Amabilidade, no caso das mulheres.

Pode, pois, concluir-se que, embora o NEO-PI-R não deva ser utilizado como substituto de escalas de interesses profissionais e vocacionais bem validadas, revela ser um bom complemento das mesmas (McCrae & Costa, 1991; Gottfredson *et al.*, 1993). Por exemplo, os sujeitos com elevada Abertura à Experiência, mais facilmente, escolhem profissões artísticas e de investigação, se mostram indecisos nas suas escolhas devido à multiplicidade de interesses e opções, que manifestam (Holland & Nichols, 1964) e têm mais tendência a mudar de profissão, durante a vida (McCrae & Costa, 1985).

Também Costa, McCrae e Holland (1984) mostraram que os interesses profissionais, na área da investigação, estão essencialmente correlacionados com O5 (Abertura a Ideias) e o interesse artístico com O2 (Estética). Por sua vez, Gottfredson e colaboradores (1993) encontraram correlações positivas entre as preferências profissionais na área Social e de Gestão (*Enterprising*) e a Extroversão; as preferências Científicas e Artísticas e a Abertura à Experiência; e entre as preferências Convencionais e a Conscienciosidade.

Outra possível utilização dos resultados do NEO-PI ao nível profissional e organizacional, é a de reforçar ou ajudar a modificar a interpretação das pontuações obtidas nas escalas de interesses vocacionais. Por exemplo, se um sujeito obtiver uma pontuação elevada no interesse por profissões de venda e não for extrovertido, o conselheiro deve alertá-lo para os requisitos deste tipo de emprego. Holland e colaboradores (1993), por seu turno, estudaram a reacção dos clientes, em aconselhamento vocacional, à interpretação dos resultados obtidos com várias escalas vocacio-

nais[118] e o NEO-PI.

A informação sobre a personalidade pode ser, particularmente importante, no **aconselhamento vocacional** de indivíduos, em vias de fazer mudança de carreira. A teoria de Holland sustenta que a insatisfação com a própria carreira é o resultado da incongruência entre o trabalho e as necessidades, interesses e aptidões pessoais. No entanto, segundo McCrae e Costa (1991), as dimensões da personalidade também influenciam as mudanças na carreira. Assim, os sujeitos mais Abertos à Experiência prezam a variedade e, mais facilmente, mudam de emprego. Os sujeitos neuróticos podem estar descontentes com o trabalho, porque, geralmente, estão mais insatisfeitos com a vida. E a mudança no emprego dificilmente cura a insatisfação enraizada na ansiedade e depressão caracterológica.

Embora seja necessário salvaguardar que o NEO-PI-R foi validado para populações de voluntários e que são necessárias mais investigações sobre a validade do instrumento, em contexto de selecção, podemos concluir que ele é útil na predição do rendimento e adaptação ao trabalho, em função do tipo e exigência deste, e como complemento de escalas de interesses profissionais e vocacionais.

3. 6. 5. Psicologia da Educação

O NEO-PI-R pode ser útil na compreensão de alunos de todas as idades, ao longo do seu percurso académico, já que possibilita a descrição abreviada das principais características da personalidade. Contudo, são, sobretudo, dois os principais domínios do NEO-PI-R, que parecem promissores na área da psicologia da educação: a O e a C.

Efectivamente, os alunos conscienciosos são pessoas bem organizadas, persistentes e com objectivos bem definidos. Ora, existe evidência que indica que estes traços levam a um rendimento académico superior (Digman & Takemoto-Chock, 1981).

Por sua vez, a Abertura apresenta relações modestas com medidas de inteligência e um pouco mais elevadas com o pensamento divergente (McCrae, 1987) e a inovação (Cardoso, 1996[119]). Está também relacionada com a aquisição independente de conhecimentos (*Achievement via Independence*, Gough, 1987) que, por sua vez, é um preditor do nível de sucesso

---

[118] As escalas do Inventário de Crenças de Carreira (*Career Beliefs Inventory*; CBI, Krumboltz, 1991), o Pesquisa Auto-Dirigida (*Self Directed Search*), a Escala de Identidade Vocacional (*Vocational Identity*; Holland *et al.*) e a Escala de Actividade Preconsciente (*Preconscious Activity*; Holland & Baird, 1968).

[119] Esta investigação encontra-se ainda em curso. Porém, os resultados preliminares indicam que a dimensão O apresenta relações positivas (.45, p= .001) com as atitudes dos professores face à inovação pedagógica (Cardoso, 1996; comunicação pessoal).

académico na universidade (McCrae, Costa, & Piedmont, 1992).

Costa e McCrae (1992) consideram que se podem colocar à investigação educacional algumas questões relacionadas com esta dimensão. Por exemplo, será que os estudantes abertos à experiência mais facilmente aderem, e tiram proveito, das oportunidades de enriquecimento educacional? Ou, pelo contrário, será que se sentem frustrados, nas classes tradicionais, por estas serem demasiado convencionais? Finalmente, será que a Abertura, em si, é algo que se pode conseguir com a educação, como a educação liberal tem defendido?

3.6.6. Investigação

Embora o NEO-PI-R seja útil em muitas áreas, tem sido, no entanto, o domínio da investigação sobre a personalidade aquele em que mais se revelou como tal. O facto de proporcionar uma avaliação das principais dimensões e traços da personalidade torna-o uma importante ferramenta em boa parte das investigações sobre os correlatos da mesma.

Em particular, o NEO-PI-R tem sido um auxiliar precioso na **formulação e verificação de hipóteses** sobre as relações entre os traços da personalidade, operacionalizados através das suas escalas, e outras variáveis e conceitos, incluindo, por exemplo, o desenvolvimento moral (Lonky, Kaus, & Roodin, 1984), a identidade do ego (Tesch & Cameron, 1987), os projectos pessoais (Little, Lecci & Watkinson), as respostas à psicoterapia (Miller, 1991), o *coping* com o treino militar (Vickers, Kolar & Hervig, 1989), a memória na terceira idade (Gratzinger, Sheikh, Friedman & Yesavage, 1990) e os valores (Luk & Bond, 1993). Em relação a estes últimos, formulou-se, por exemplo, a hipótese de que o facto dos sujeitos terem personalidades diferentes implica necessidades diferentes que, por sua vez, definem o que é desejável e deve ser valorizado. Para testar esta hipótese, foi medida a personalidade dos sujeitos (114 estudantes universitários chineses), através do NEO-PI, e o mesmo se fez para os valores, através do inventário de Schwartz (1992), que contém 10 domínios universais de objectivos desejáveis. Conclui-se (Luk & Bond, 1993) que todos os traços da personalidade estavam relacionados com domínios de valores, isoladamente ou em interacção, sendo a Amabilidade a que maior número de relações apresentava.

Além disso, a aplicação do NEO-PI-R tem também a vantagem, na medida em que proporciona uma panorâmica geral dos traços da personalidade, de ajudar o investigador inseguro sobre se existem **eventuais relações do seu constructo com a personalidade** (Costa & McCrae, 1992). Se, por exemplo, nenhuma relação significativa aparecer entre a hipotética variável em causa e os cinco domínios e as 30 facetas, ele poderá concluir que o seu constructo não está relacionado com os traços da personalidade,

levando-o, portanto a debruçar-se sobre outro tipo de variáveis, tais como as demográficas, situacionais, ou até, talvez, as cognitivas.

Vamos, de seguida, dar alguns exemplos de domínios de investigação, onde o inventário em estudo (NEO-PI e o NEO-PI-R) tem dado os seus contributos.

Uma destas áreas é, sem dúvida, o estudo da **estabilidade** da personalidade, durante a vida adulta (no cap. 2, ver a secção dedicada às mudanças da personalidade).

Outra área de investigação, em que o NEO-PI-R se tem revelado útil é a da **hetero-avaliação** da personalidade. Já a ela nos referimos, precedentemente.

A tentativa de avaliar as influências **genéticas** e **ambientais** sobre as diferenças individuais nos componentes da personalidade representou o objectivo de diversos estudos, utilizando o instrumento em apreço[120].

Finalmente, o NEO-PI-R tem também sido utilizado em investigações para avaliar das qualidades **psicométricas** de escalas de avaliação da personalidade[121].

Em suma, são muito variadas as aplicações práticas do NEO-PI-R[122]. Estas vão desde o domínio da psicologia clínica e da psicopatologia à orientação vocacional. Porém é, possivelmente, na área da investigação que o inventário em questão tem tido mais impacto, tendo sido utilizado com eficácia em inúmeros estudos.

3. 7. Avaliação crítica

Neste capítulo, descrevemos e analisámos o inventário da personalidade NEO-PI-R. Torna-se, agora, pertinente fazer uma avaliação crítica do

---

[120] Por exemplo, Bergeman e colaboradores (1993), com o intuito de avaliar as influências genéticas e ambientais nas dimensões Abertura, Amabilidade e Conscienciosidade, administraram a versão abreviada do NEO-PI a 82 colegas de gémeos monozigóticos e a 171 colegas de gémeos dizigóticos, criados separadamente, e a 132 colegas de gémeos monozigóticos e a 167 colegas de gémeos dizigóticos, criados em conjunto (todos com idades compreendidas entre os 26 e os 87 anos). Os dados indicam, no geral, que a influência ambiental foi pequena, enquanto que os aspectos genéticos tiveram uma influência substancial, sobretudo, nas dimensões O e C. Contrariamente para A, a influência genética era responsável por apenas 12% da variância e o ambiente partilhado por 21%.

[121] Por exemplo, com base na técnica da média das correlações inter-item, Piedmont e Hyland (1993) utilizaram os dados obtidos com o NEO-PI-R, para distinguir entre escalas uni e multidimensionais.

[122] Nesta secção não fazemos uma descrição detalhada das inúmeras investigações existentes na literatura visto muitas delas se encontrarem, por diversos motivos, espalhadas por praticamente toda a dissertação.

mesmo. São muitas as questões, que se levantam, quando queremos ajuizar do valor de um novo instrumento para medir a personalidade. Nomeadamente, como é que ele surge e para preencher que lacuna? É fiel e válido? É inovador? Os sujeitos preenchem-no facilmente?

A primeira questão a abordar é, então, a de perceber, até que ponto ele representa uma contribuição original e pertinente, no domínio, que pretende operacionalizar. A este propósito, há que dizer que o NEO-PI-R é um dos primeiros questionários a operacionalizar o modelo dos cinco factores e a fazê-lo, de uma forma não direccionada, ou seja, ele é um instrumento susceptível de utilizações variadas, aplicando-se a todos os contextos, onde uma visão global e abrangente sobre a personalidade pode ser o objectivo pretendido.

É também, paradoxalmente, um inventário inovador e tradicional. Inovador, porque dá corpo a um modelo novo, no quadro das concepções actuais sobre a personalidade; porque pressupõe uma visão de tipo eclético em relação à diversidade de constructos existentes; porque corta com alguns pressupostos psicométricos tradicionais (*e. g.*, escalas de mentira e de desiderabilidade); porque é fruto de uma reflexão cuidada, em torno da construção, do significado e possíveis aplicações, tanto teóricas como práticas, dos questionários de personalidade.

Mas o NEO-PI-R é também tradicional, porque a sua história se inscreve numa determinada orientação, adentro da psicologia da personalidade, e porque os traços escolhidos não são descobertas originais mas redescobertas, baseadas em revisões da literatura e contacto com a realidade psicológica.

O NEO-PI-R apresenta, por conseguinte, inúmeras vantagens derivadas da sua actualidade (1992), extensa investigação, em que se baseia, acesa discussão científica, que tem desencadeado, e por adiantar uma proposta de análise compreensiva da personalidade, que representa uma tentativa de dar sentido à multiplicidade de constructos existentes, no domínio da psicologia da personalidade. Efectivamente, uma grande diversidade de constructos são abarcados na sua interpretação; uma vasta literatura permitiu compará-lo com dezenas de outros modelos, constructos e instrumentos de personalidade e tópicos afins; e as suas qualidades psicométricas foram comprovadas em muitas populações, de diversos países (McCrae, 1987; McCrae & Costa, 1987, 1989, 1994; Piedmont, 1991). Nomeadamente, estes cinco factores abrangem as principais dimensões encontradas em instrumentos de personalidade, já consagrados pela tradição e pela extensa e variada aplicação, como o EPQ, PFR, 16PF, MBTI, CPI e MMPI.

Por outro lado, segundo Petot (1994), a utilização de instrumentos como o NEO-PI-R, que operacionalizam o modelo dos cinco grandes factores, tem a vantagem de favorecer a unificação de referências teóricas e instrumentais para psicólogos clínicos e representantes de outros domínios psicológicos.

As escalas do NEO-PI-R foram baseadas em análises factoriais de agrupamentos de itens teoricamente construídos, e os traços específicos avaliados como facetas dos domínios gerais foram seleccionados, com o objectivo de representar constructos importantes, identificados na literatura. As investigações sobre a sua fidelidade e validade têm chegado a resultados convincentes, e os últimos estudos sobre a validade de constructo das escalas têm colocado uma ênfase particular no acordo inter-observador.

Outra vantagem é que se trata de um dos raros testes de personalidade, especificamente, construídos para adultos: pode aplicar-se, durante toda a idade adulta (a partir dos 17 anos), a sujeitos de todos os níveis de escolaridade e proveniência social e em contextos díspares, como as áreas do aconselhamento, psicologia clínica, psicologia da saúde, psiquiatria, psicologia educacional, orientação escolar e profissional, psicologia organizacional e investigação (Costa & McCrae, 1990, 1992; Costa & Widiger, 1992; Costa, 1992; McCrae, 1991; McCrae & Costa, 1991; Múten, 1991). Em resumo, o modelo dos cinco factores oferece um guia conceptual, que pode ser utilizado, sempre que é avaliada a personalidade (McCrae, 1991).

Além disso, é um instrumento que se administra, se cota e interpreta, de forma acessível a qualquer profissional com formação em Psicologia, proporciona auto e hetero-avaliações (formas S e R do inventário), tornando possível as folhas de *feedback* a avaliação centrada no cliente.

Finalmente, o modelo, sobre o qual assenta, é de extrema pertinência para a discussão actual, em torno da personalidade, porque, ao operacionalizar uma perspectiva diferencial da personalidade, pode contribuir para desenvolvimentos teóricos, em muitos ramos da psicologia.

Mas, apesar das suas inúmeras vantagens, não é uma panaceia universal, sendo ainda necessários muitos estudos suplementares para aclarar várias questões em aberto. Os próprios autores do inventário reconhecem e encorajam a investigação centrada sobre alguns aspectos que, segundo os mesmos, representariam informações adicionais valiosas. A título ilustrativo, seriam precisos estudos: sobre a fidelidade teste/reteste, com curto prazo de intervalo; sobre a fidelidade inter observadores da forma R (feita por peritos); sobre a utilização do NEO-PI-R em contexto de avaliação e selecção (averiguar se a desiderabilidade social seria um problema); sobre a validade convergente com novos questionários; sobre a validade cumulativa (*incremental*)[123]; sobre a psicopatologia e a psicoterapia; e sobre os escores dos cônjuges, das mulheres com idade universitária (forma R) e dos estudantes do ensino secundário.

---

[123] Termo utilizado, segundo Lanyon e Goodstein, 1981, p.152), para se referir ao efeito cumulativo que um teste pode ter na eficácia preditiva de outras informações (*e.g.*, entrevista).

Outras limitações têm vindo a ser apontadas por alguns estudos empíricos, mas em número, supreendentemente, menor do que os que lhes atribuem múltiplas virtudes. A título de exemplo, Parker e colaboradores (1993), encontraram uma fraca adequação entre a estrutura factorial do NEO-PI-R e as dimensões hipotéticas do modelo dos cinco factores. E Petot (1994), apesar de ser um grande defensor do NEO-PI-R, considera que a decomposição perfeitamente regular em seis facetas aparenta uma simetria tão rigorosa que parece um pouco arbitrária. Argumenta ainda que um inventário, como o Questionário de Personalidade Multidimensional de Tellegen (*Multidimensional Personality Questionnaire;* Tellegen, 1982), apresenta uma divisão mais natural das componentes personológicas, já que três dimensões principais se repartem por um número variável de facetas.

São ainda aspectos controversos do inventário a inexistência de uma escala para medir respostas socialmente desejáveis e a ausência de informação sobre adultos de escolaridade e nível socio-económico baixo.

Para justificar estas limitações, Costa e McCrae (1995, p. 217), os autores do questionário, comentam: "Imaginamos que o FFM – e o NEO-PI-R – é a última palavra na avaliação da personalidade? Claro que não. É, esperamos e acreditamos, um modelo útil, uma taxinomia adequada às necessidades de uma jovem ciência" (*"Do we imagine that the FFM – or the NEO-PI-R – is the last word in personality assessment? Of course we do not. It is is, we hope and believe, a serviceable model, a taxonomy adequate for the needs of a young science"*).

Capítulo 4. O estudo-piloto

A tradução

Instrumentos utilizados

Predições

Amostra-piloto

Procedimento

Análise dos dados do estudo-piloto

Discussão dos resultados e conclusões

Capítulo 4. O estudo-piloto

"As pessoas entrevistadas têm uma oportunidade de reflectirem sobre a sua vida, avaliarem-se, pensarem alto sobre alternativas"[1] (Sanford, 1992, p.36).

Começamos, neste capítulo, por aludir a alguns aspectos metodológicos gerais, tais como o processo de tradução do inventário e a descrição psicométrica dos instrumentos utilizados na validação do NEO-PI-R, para apresentarmos, por fim, predições das relações entre ele e um certo número de variáveis, fundamentadas na extensa bibliografia descrita na primeira parte deste trabalho (cap. 2 e 3). Num segundo momento, são referidos os resultados obtidos no estudo com a amostra-piloto. Finalmente, no capítulo 5, apresentamos os dados do estudo definitivo.

Os estudos (piloto e definitivo) tiveram como objectivo a validação do instrumento para a população portuguesa, ou seja, verificar as suas qualidades psicométricas e estabelecer as normas nacionais. Paralelamente, e como fio organizador, seguiu-se a análise pormenorizada das predições formuladas neste capítulo. Estas representam algumas hipóteses muito interessantes, que lançam pistas para a compreensão da personalidade do adulto português, de acordo com o modelo dos cinco factores. As predições e os instrumentos são comuns aos dois estudos realizados (com a amostra-piloto e a amostra definitiva), pelo que os apresentamos desde já. As amostras utilizadas no estudo-piloto e no estudo definitivo serão, para facilitar a leitura, descritas aquando da apresentação de cada um deles.

Por estudo-piloto, entendemos a aplicação do NEO-PI-R, depois de devidamente traduzido, a um grupo restrito de sujeitos, para avaliar a sua adequação antes de ser passado a uma amostra alargada de sujeitos (a amostra definitiva). O estudo-piloto pretende, por conseguinte, ser uma primeira abordagem ao refinamento do inventário, em termos de validade e fidelidade, com vista a estabelecer as normas da referida população. O estudo empírico definitivo consistiu na passagem do NEO-PI-R a uma amostra de 2000 adultos, tanto quanto possível representativa da população portuguesa.

---

[1] *"People who are interviewed have a chance to reflect upon their lives, take stock, think out loud about alternatives"*.

Tomámos conhecimento do NEO-PI, através de um exemplar existente no Núcleo de Assistência Psicológica e de Formação de Adultos[2]. Depois da decisão de o aferir para a população portuguesa, efectuámos o primeiro contacto, dos muitos que se haviam de seguir, com os autores do inventário, Paul Costa e Robert McCrae. Estes aconselharam-nos a aferir não o NEO-PI, mas a sua versão revista e actualizada, o NEO-PI-R.

Foi, então, abordada a editora americana do NEO-PI-R, a *Psychological Assessment Resources, Inc.* (PAR), no sentido de obter os novos itens e estabelecer um contrato (Anexo 3) para a tradução e aferição do referido instrumento.

O acordo, onde constam as restrições e cláusulas a cumprir, foi estabelecido e assinado por ambas as partes, no final de 1991. Neste, foi-nos dada permissão para traduzir o NEO-PI, assim como o NEO-PI-R.

4.1. A tradução

A tradução do original americano do NEO-PI-R foi efectuada, independentemente, por quatro docentes[3]. Estes foram escolhidos pelo seu conhecimento da língua, quer de inglês técnico, quer coloquial, e/ou pela sua formação no domínio da Psicologia. A tradução do questionário foi feita com a preocupação de o apresentar em linguagem acessível a todos os estratos sociais.

A partir das traduções, tentámos ver quais os aspectos divergentes, tendo estes sido discutidos com o nosso orientador, até que, depois de sucessivos refinamentos, chegámos à primeira versão da tradução do NEO-PI-R. Passámos, seguidamente, o instrumento resultante a uma amostra de 20 adultos das nossas relações. Os resultados obtidos serviram-nos para uma análise qualitativa, a partir da qual reformulámos alguns itens mais confusos e modificámos a apresentação do inventário. Este foi, então, retrotraduzido por Mark Hayman[4].

A retrotradução obtida aproximava-se, consideravelmente, do original americano. Assim, e com vista a obter algumas sugestões, foi enviada uma cópia da tradução e outra da retrotradução aos autores do questionário, assim como à PAR (*Psychological Assessment Resources, Inc*). Aqueles responderam, prontamente, assinalando alguns itens a rever.

---

[2] Da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, da Universidade de Coimbra.

[3] Clara Keating (Assistente da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra), Joaquim Armando Gomes Alves Ferreira (Prof. da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, da Universidade de Coimbra), Luís Arnaut Moreira (Prof. da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra) e Margarida Pedroso de Lima (Assistente da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, da Universidade de Coimbra).

[4] Prof. convidado da Faculdade de Letras, da Universidade de Coimbra.

Depois de efectuadas as emendas necessárias (Anexo 4), na retrotradução (em conjunto com o retrotradutor) e na tradução, foi esta aprovada por Paul Costa e Robert McCrae, numa entrevista, que teve lugar, nos Estados Unidos. Em Setembro de 1992, estava, assim, elaborada a segunda versão do NEO-PI-R.

Por fim, o inventário foi revisto por uma linguista[5], ficando concluída a terceira versão, em Novembro de 1992. Esta foi utilizada, no estudo-piloto (referido, mais adiante), que teve início nos finais de 1992. Conjuntamente com o NEO-PI-R, e com a finalidade de validação do questionário, outros instrumentos se aplicaram, nesse estudo, como veremos de seguida.

4.2. Instrumentos utilizados

Os testes, a que acabámos de aludir, e que foram passados, simultaneamente com o NEO-PI-R (ver, no Anexo 1, as dimensões e facetas), foram o EPQ, o IIV, o AQ, a SWLS e a PANAS, que descrevemos, em pormenor, nas páginas seguintes (fazendo referência aos seus objectivos, utilidade, qualidades psicométricas e razões de escolha).

4.2.1. O Questionário de Personalidade de Eysenck

O Questionário d e Personalidade de Eysenck (EPQ, Eysenck & Eysenck, 1975) tem como objectivo avaliar os três factores da personalidade, propostos por este autor: a Extroversão, o Neuroticismo e o Psicoticismo. Na sua forma actual, bem assim como nas versões que o precederam[6], tem sido um dos instrumentos mais utilizados em estudos sobre a personalidade, durante as últimas décadas, tanto na Inglaterra como em vários outros países. A sua utilidade tem sido particularmente notória, em estudos sobre a relação entre as dimensões de personalidade, tais como pretende defini-las Eysenck, e uma grande diversidade de variáveis (Fonseca, *et al.*, 1991).

Em Portugal, foram realizados vários trabalhos de validação de versões do instrumento. Nomeadamente, Serra e Gomes, em 1973, tornaram públicos os resultados de um estudo com o MPI. Em 1980, Serra, Ponciano e Freitas apresentaram os resultados da aplicação do EPI a uma amostra da população portuguesa. Finalmente, o EPQ foi traduzido e aplicado a uma amostra de mais de um milhar de homens e mulheres portugueses por Fonseca, Eysenck e Simões, em 1991.

---

[5] Dra. Clara Moura, Assistente da Faculdade de Letras, da Universidade de Coimbra.

[6] Questionário Médico de Mausdsley (MMQ, 1952), Inventário Maudsley da Personalidade (MPI, 1959) e Inventário de Personalidade de Eysenck (EPI, 1964).

Na sua versão original, o EPQ consta de 90 itens, distribuídos por quatro escalas: Psicoticismo (P), Extroversão (E), Neuroticismo (N) e Mentira (M), enquanto a versão portuguesa definitiva a que aludimos, acabou por incluir, na sequência de várias modificações, 73 itens.

Os resultados da comparação intercultural do questionário revelaram a emergência dos mesmos factores, em Portugal e Inglaterra (E, N, P), assim como características psicométricas bastante semelhantes. Os dados obtidos com a população portuguesa foram sujeitos a análise factorial e comparados com a amostra inglesa, tendo-se chegado a correlações entre as escalas acima de .97. Os índices de fidelidade (alfa de Cronbach) eram elevados, com excepção da escala P, para mulheres. Encontraram-se apenas diferenças entre os dois países na escala de mentira. Em suma, os autores (Fonseca *et al.*, 1991, p.198) recomendam "o seu uso, para fins de investigação, tanto no domínio da psicologia clínica como no domínio da personalidade e das diferenças individuais, desde que se tomem as devidas precauções, em relação à escala de psicoticismo."

Escolhemos o EPQ, como elemento da bateria de testes utilizados para validar o NEO-PI-R, por várias razões: por aquele se encontrar traduzido e validado para a população portuguesa; por medir dimensões equivalentes a alguns dos factores do NEO-PI-R; por ter sido, frequentemente, utilizado em investigações sobre a abrangência do modelo dos cinco factores noutros países; e, finalmente, por ser a operacionalização de um modelo (PEN) de extrema relevância na discussão sobre a importância dos traços na psicologia da personalidade.

Na nossa investigação, não utilizámos dados referentes à escala M (mentira), visto estes não serem pertinentes para o nosso objectivo.

4.2.2. O Inventário de Interesses Vocacionais

O Inventário de Interesses Vocacionais (IIV; Ferreira, 1991) tem por base o modelo hexagonal, preconizado por Holland, em 1985 (Hood & Ferreira, 1993), sendo o seu objectivo averiguar a relação entre seis tipos diferentes de personalidade (realista, investigativo, artístico, social, empreendedor e convencional) e as escolhas vocacionais. Fornece resultados em seis escalas, de acordo com os seis tipos de personalidade, propostos por Holland.

Este inventário tem pertinência na avaliação da personalidade, em geral, assim como na área da psicologia vocacional. Aliás, "Holland postula que os inventários de interesses vocacionais são, na realidade, inventários de personalidade, e que as escolhas vocacionais representam os estereótipos vocacionais interiorizados pelos indivíduos" (Hood & Ferreira, 1993, p.464).

O IIV foi construído por Ferreira (1991) e aplicado a uma amostra da população portuguesa, tendo-se obtido bons índices de validade (no-

meadamente entre o curso universitário escolhido e o tipo de personalidade) e de fidelidade. No cálculo da consistência interna das seis escalas, avaliada através do coeficiente alfa, registaram-se valores acima de .88, atingindo a escala dos Interesses Artísticos um alfa de Cronbach de .92.

Escolhemos o IIV, por estar validado para a população universitária portuguesa e pela correspondência verificada entre os seus contructos e as dimensões da personalidade avaliadas, através do NEO-PI-R. Na nossa investigação, utilizámos apenas a escala relativa ao tipo artístico, porque esta, segundo Costa, McCrae e Holland (1984)[7], apresenta correlações significativas com o NEO-PI, muito especialmente, com a dimensão O.

Há que salvaguardar, no entanto, que o IIV foi elaborado, tendo em vista especificamente, subpopulações de estudantes liceais e universitários, não tendo sido estudado com subpopulações de sujeitos com mais idade.

4.2.3. A Escala da Satisfação com a Vida

A Escala da Satisfação com a Vida (*Satisfaction with Life Scale* ou SWLS) foi elaborada por Diener e colaboradores, em 1985, para avaliar um dos componentes do bem-estar subjectivo, a nível adulto - a satisfação com a vida.

O conceito de satisfação com a vida faz referência, segundo Simões (1992), ao grau de contentamento com a maneira como tem decorrido a própria vida, por outras palavras, ao juízo subjectivo sobre a qualidade da própria vida, quando comparada com critérios estabelecidos pelo próprio sujeito.

A SWLS, apesar de ser composta por apenas 5 itens (com 5 alternativas de resposta), apresenta, no original, índices de fidelidade e de validade muito aceitáveis (Pavot *et al.*, 1991; Diener *et al.*, 1985). Estes valores foram também confirmados, nos estudos portugueses.

A escala foi validada para Português, pela primeira vez, por Neto e colaboradores (1990). Simões (1992) retomou este trabalho, com o objectivo de estender a validação do instrumento a outras populações, muito particularmente, de outras idades e níveis culturais. De acordo com Simões (1992), a SWLS apresenta bons índices de validade preditiva e factorial. Efectivamente, quando submetidos os resultados dos cinco itens da escala à análise factorial, emergiu apenas um único factor (a satisfação com a vida), explicando 53.1% da variância total. A fidelidade, avaliada através do alfa de Cronbach revelou-se também satisfatória (.77). A coin-

[7] Estes investigadores avaliaram as relações entre o modelo dos cinco factores e os tipos de personalidade de Holland, através da aplicação conjunta do NEO-PI e do SDS (*Self-Directed Search*) a uma amostra de adultos entre os 21 e os 89 anos. Os resultados revelaram relações fortes entre os interesses de Investigação e os interesses Artísticos e a dimensão Abertura à Experiência e entre os interesses Sociais e Empreendedores (*Enterprising*) e a dimensão Extroversão.

cidência de resultados (*e.g.*, na composição factorial, nos índices de consistência interna) entre o estudo de Simões (1992) e o de Neto *et al.* (1990), apesar de terem sido utilizadas populações diferentes, realça a validade da escala.

Optámos por este instrumento, pela sua brevidade e qualidades psicométricas, por ter sido validado para a população portuguesa adulta e por avaliar um constructo, que tem frequentemente, revelado estar correlacionado, de forma significativa com a personalidade.

4.2.4. O Questionário de Agressividade

O Questionário de Agressividade (*The Agression Questionnaire*, ou AQ) foi elaborado por Buss e Perry (1992), para avaliar diferentes tipos de agressividade. Estudos de análise factorial, com o referido questionário, identificaram quatro factores, interpretados como sendo a agressividade física, a agressividade verbal, a irritabilidade e a hostilidade.

Dada a sua reduzida extensão (29 itens, com avaliação numa escala de 5 pontos) e o facto de apresentar medidas distintas do constructo da agressividade, é, particularmente útil, nos domínios da Psicologia Diferencial, Psicologia Clínica e Psicologia do Desenvolvimento (Simões, 1993).

A versão portuguesa do AQ foi realizada por Simões (1993). Este autor encontrou, com uma amostra de 226 estudantes universitários, coeficientes de fidelidade satisfatórios e aproximados aos do original inglês (alfas de Cronbach entre .73 e .87), com excepção da subescala de agressividade verbal (.60). Os índices de validade discriminante são também bastante aceitáveis e os resultados da análise factorial corroboram a multidimensionalidade do constructo agressividade.

Na nossa investigação, utilizámos apenas a pontuação total do teste, que dá um valor global de agressividade. A opção por este instrumento deve-se às suas qualidades psicométricas, aliadas à sua brevidade e acessibilidade, por parte dos sujeitos de expressão portuguesa. A agressividade é, também, um traço da personalidade com muitas relações com as dimensões do modelo dos cinco factores, podendo, por conseguinte, ser um auxiliar na avaliação da validade convergente e discriminante do NEO-PI-R.

4.2.5. A Escala de Afectividade Positiva e Negativa

A Escala de Afectividade Positiva e Negativa (*Positive and Negative Affect Schedule*, ou PANAS) foi elaborada por Watson, Clark e Tellegen (1988), para avaliar a afectividade positiva (*e.g.*, entusiasmo, actividade) e a afectividade negativa (*e.g.*, irritação, medo). Na versão original, é constituída por 20 itens, metade dos quais se destinam a medir a componente

positiva e a outra metade a negativa (Simões, 1993).

Em cada um dos 20 itens, os sujeitos avaliam-se, numa escala de 1 a 5, de *nada* a *muitíssimo*. Tais avaliações podem ter variadas referências temporais: reportar-se "ao dia de hoje", à "semana passada", à "semana que vem"...

A versão portuguesa (Simões, 1993) é composta por 11 itens, para cada uma das dimensões, tendo-se acrescentado um item em cada subescala, por ter parecido a este investigador que alguns itens originais não ficavam, adequadamente, traduzidos, em termos de conteúdo.

A análise dos itens da versão portuguesa revelou alfas de Cronbach de .82 e .85, respectivamente, para PA e NA, e uma validade discriminante e de constructo adequadas (Simões, 1993).

Escolhemos esta escala, devido às suas qualidades psicométricas, aliadas à sua brevidade e disponibilidade de tradução para português. Por outro lado, dadas as relações existentes entre a afectividade e as dimensões do modelo dos cinco factores, presume-se que possa servir como instrumento complementar na avaliação da validade convergente e discriminante do NEO-PI-R.

4.3. Predições

Com base na revisão da literatura, apresentada na primeira parte deste trabalho (ver I parte, cap. 3), sobre os estudos empíricos da validade e fidelidade do NEO-PI-R, foi possível elaborar algumas predições gerais, em relação aos nossos dados. Esta síntese pode ser encarada como um fio condutor, pois permite-nos compreender, com maior clareza, a escolha de certas análises efectuadas, nos capítulos posteriores, nomeadamente, as que se referem à validade do instrumento.

A grande maioria destas predições foram verificadas, apenas com os resultados obtidos na nossa amostra definitiva e não com a amostra-piloto, devido ao reduzido tamanho desta e dos objectivos deste estudo.

Por outro lado, algumas das que são, aqui, formuladas, não foram por nós trabalhadas e testadas, por razões de ordem prática, esperando nós que venham a ser objecto das nossas investigações futuras. A título de exemplo, os resultados da fidelidade teste-reteste do NEO-PI-R[8] só serão obtidos, no ano lectivo de 1996-97, quando terminar o estudo longitudinal em curso sobre o desenvolvimento da personalidade do estudante universitário[9].

---

[8] A fidelidade teste-reteste, a curto prazo, deste questionário, não foi ainda muito bem estudada, enquanto a fidelidade a longo prazo, tem sido amplamente explorada através de investigações longitudinais.

[9] Os estudantes incluídos nesta amostra tiveram a sua primeira avaliação no primeiro ano da licenciatura em Psicologia, sendo a segunda no último ano da

A melhor avaliação de qualquer constructo é, de acordo com Nunnally (1978), a combinação de resultados de uma multiplicidade de medidas. Esta combinatória de informações aumenta a sua validade e generalização científica.

Efectivamente, as escalas do NEO-PI-R, como medidas que são dos traços gerais e básicos da personalidade, têm sido sujeitas a uma multiplicidade de investigações sobre a sua validade (ver I parte, secção 3.5.7). Têm-se realizado, estes estudos, recorrendo a uma grande diversidade de amostras e instrumentos, de forma a poder fundamentar e generalizar o modelo dos cinco factores (ver I parte, cap. 2).

Neste sentido, e com base na literatura, elaborámos as seguintes predições:

– Serão identificados cinco grandes factores, através da análise factorial dos 240 itens do NEO-PI-R.

– Serão identificados cinco grandes factores, através da análise factorial exploratória das 30 facetas do NEO-PI-R.

– Todas as facetas, pertencentes ao mesmo domínio, estarão correlacionadas entre si e com instrumentos, que avaliem o factor correspondente a esse domínio. Assim, por exemplo, todas as 6 facetas do Neuroticismo estarão fortemente correlacionadas com a escala de Neuroticismo do Questionário de Personalidade (EPQ) de Eysenck, e todas as da Extroversão, com a escala de Extroversão do EPQ.

– Cada escala de faceta terá a sua saturação máxima no factor correspondente, e quando outros valores elevados surgirem, serão, teoricamente, pertinentes. Por exemplo, N2 (Hostilidade) terá uma saturação negativa em A, porque as pessoas hostis são geralmente antagonistas. De forma semelhante, o A3 (Altruísmo) terá uma saturação secundária em E, porque é difícil ajudar os outros, se evitarmos o contacto com eles.

– As facetas mostrarão relações diferenciais, ou seja, um padrão de correlações apropriadas e distintas, com medidas alternativas de constructos similares, o que nos dará evidência, não só de uma validade convergente ou concorrente, mas também divergente e discriminante (ver quadro 4.1). Por exemplo, os interesses artísticos (do Inventário de Interesses Vocacionais) estarão altamente correlacionados com O2 (Abertura à Estética).

– Encontrar-se-ão correlações teoricamente previsíveis entre o NEO-PI-R e diversos critérios externos, como os que foram referidos, no ponto 4.2.

– As mulheres tenderão a ter pontuações mais altas do que os homens, em N, especialmente, N1 (Ansiedade) e em A, especialmente, A2 (Sinceridade) e A3 (Altruísmo).

– Os indivíduos mais velhos tenderão a ter resultados ligeiramente

---

mesma.

inferiores aos dos mais novos, em N, E (especialmente, em E5: 'Procura de Excitação') e O, e ligeiramente superiores em A e C.

— O nível de escolaridade mostrará uma associação persistente à Abertura à Experiência (O).

— O modelo dos cinco factores será reencontrado, numa grande diversidade de populações, que diferem entre si numa grande multiplicidade de variáveis demográficas (como, por exemplo, a nacionalidade, escolaridade, sexo, idade, nível socio-económico, zona geográfica e outras).

— A comparação entre os resultados do NEO-PI-R e os dados obtidos, através de metodologias mais qualitativas, conduzirá às mesmas conclusões, revelando-se ambos complementares.

— Encontrar-se-á convergência entre as auto-avaliações e hetero-avaliações, mais especificamente, entre as avaliações realizadas pelo esposo(a) e as auto-avaliações.

predições	validade	
NEO-PI-R	outros testes	relações esperadas
N	N EPQ	positiva
N	NA	positiva
N	SWLS	negativa
N	AQ	positiva
N2 Hostilidade	AQ	positiva
E	E EPQ	positiva
E	SWLS	positiva
O	IIV	positiva
O2 Estética	IIV	positiva
A	P EPQ	negativa
C	P EPQ	negativa

Quadro 4.1 Predições sobre a validade do NEO-PI-R, quando relacionado com as cinco escalas por nós seleccionadas.

As nossas predições estendem-se também à **fidelidade** do teste. Esta traduz-se, principalmente, em termos de fidelidade teste-reteste[10] e de consistência interna[11]. Assim, em relação à fidelidade do NEO-PI-R, podemos prever que[12]:

---

[10] A fidelidade teste-reteste indica até que ponto duas medições com o mesmo instrumento se aproximam da mesma pontuação.

[11] A consistência interna, calculada através do coeficiente alfa, pode ser, simplesmente, entendida como um índice, que revela até que ponto os itens da mesma escala medem a mesma coisa. Se todos os itens medissem o mesmo traço, deveriam estar todos correlacionados entre si. A intercorrelação média dos itens — em conjunto com o número de itens — determina, por conseguinte, o coeficiente alfa (Nunnally, 1978).

[12] Outras possíveis predições, que pensamos estudar em próximas investigações, e que não serão verificadas neste trabalho, são as seguintes:

— O factores e facetas podem ser reencontrados, em parte ou na totalidade,

— A consistência interna das escalas, traduzida no coeficiente alfa, exprimir-se-á em valores aceitáveis (entre .5 e .8), no caso das escalas das facetas (compostas por 8 itens). As escalas dos domínios correspondentes, com 48 itens, terão coeficientes alfa mais elevados, com uma amplitude que varia entre .8 e .95 (Costa & McCrae, 1992).

4.4. Amostra-piloto

Segundo Costa e McCrae (1992), o NEO-PI-R pode ser aplicado a sujeitos com 17 ou mais anos de idade, desde que não sofram de desordens, que os impeçam de preencher questionários de auto-avaliação, de forma válida e fiel. Neste sentido, a amostra do nosso estudo-piloto, recolhida em Dezembro de 1992, é composta por sujeitos, que preenchem os dois requisitos, atrás mencionados.

A amostra é constituída por 120[13] sujeitos de sexo feminino e 42 do sexo masculino, o que perfaz 74% de mulheres e 26 % de homens, num total de 162 sujeitos (quadro 4.2).

Sexo	Nº sujeitos	%
Masculino	42	25.926
Feminino	120	74.074

Quadro 4.2 Distribuição dos sujeitos por sexo

Os sujeitos da nossa amostra-piloto, distribuem-se, da seguinte forma, pelas três regiões incluídas no nosso estudo: 12 % pertencem à região norte[14] do país (Portugal continental), 73% à região centro e 15% à região sul (quadro 4.3).

No que respeita aos grupos profissionais, a distribuição é a seguinte: 10% situam-se no nível 1 (nível socio-económico baixo), 19% no 2 (nível socio-económico médio), 22% no 3 (nível socio-económico alto) e 50% no

---

noutros modelos de personalidade.

— As correlações do NEO-PI-R com outros instrumentos, que pretendem operacionalizar o modelo dos cinco factores (*e.g.*, o *California Q-Set* de Block e o Inventário de Personalidade de Hogan) serão positivas.

— Populações específicas terão perfis de pontuações determinados. Por exemplo, pacientes em psicoterapia terão pontuações mais elevadas em N, e os toxicodependentes mais baixas, em A e C.

— A fidelidade teste-reteste será elevada, com coeficientes de correlação com uma amplitude de .6 a .95 (Costa & McCrae, 1992).

[13] Muitos dos estudos de aferição do NEO-PI-R são baseados em amostras pequenas (cerca de 200 sujeitos).

[14] Região norte = acima do rio Douro; região centro = do Rio Douro a Lisboa; região sul = Lisboa e vale do Tejo, Alentejo e Algarve (Instituto Nacional de Estatística, 1991).

4 (estudantes). Na distribuição dos sujeitos, pelos diferentes grupos profissionais, baseamo-nos na classificação proposta por Almeida (1988, ver Anexo 5), à qual juntámos um quarto grupo, o de estudantes, dado não possuirmos indicações referentes aos pais (quadro 4.4).

Região	Nº de sujeitos	%
Norte	20	12.346
Centro	118	72.84
Sul	24	14.815

Quadro 4.3 Distribuição dos sujeitos por zonas

Os indivíduos têm idades compreendidas entre os 18 e os 92 anos, com uma média de 30.63 (quadro 4.5).

Nível	sócio-económico	Nº sujeitos	%
1	Baixo	16	9.877
2	Médio	30	18.519
3	Alto	35	21.605
4	Estudantes	81	50

Quadro 4.4 Distribuição dos sujeitos por nível socio-económico

As habilitações académicas foram categorizadas em 7 níveis: sem escolaridade, instrução primária (do 1º ao 4º ano do 1º ciclo inclusive), do 5º ao 9º, do 10º ao 12º, licenciatura incompleta, licenciatura completa e grau superior a licenciatura. Na nossa amostra, 4% dos sujeitos são analfabetos; 6% têm escolaridade básica; 4%, o secundário incompleto; 44%, o 12º ano (ou secundário completo); 22%, a licenciatura incompleta; 19% são licenciados; 2% possuem um nível correspondente à pós-licenciatura (quadro 4.6).

Média	Desvio-Padrão	Mínimo	Máximo
30.63	16.321	18	92

Quadro 4.5 Distribuição dos sujeitos por idade

Em síntese, a amostra recolhida no estudo-piloto é um grupo bastante heterogéneo, de 162 elementos, com predomínio de sujeitos do sexo feminino, trintanários, estudantes, com o 12º ano de escolaridade e da zona centro do país.

Escolaridade	nº sujeitos	%
Analfabetos	6	3.704
Escolaridade básica	10	6.173
Secundário incompleto	6	3.704
12º ano	71	43.827
Licenciatura incompleta	35	21.605
Licenciatura	31	19.136
Pós-licenciatura	3	1.852
Totais	162	100

Quadro 4.6 Distribuição dos sujeitos por nível de escolaridade

4.5. Procedimento

> "Para muitos, a psicologia é o método científico aplicado ao comportamento em vez, dos dados aproximados que os psicólogos produziram até agora. É a metodologia e não a teoria que dá forma ao domínio da psicologia." (Kulik, 1983, citado em Kiess e Bloomquist, 1985, p.3).

Aos sujeitos da amostra-piloto foi administrada uma bateria de testes composta, como já foi referido, pelos seguintes instrumentos: Inventário de Personalidade NEO Revisto (NEO-PI-R), Questionário de Personalidade de Eysenck (EPQ), faceta artística do Inventário de Interesses Vocacionais (IIV), Escala da Satisfação com a Vida (SWLS), Questionário de Agressividade (AQ) escala de Afectividade Positiva e de Afectividade Negativa (PANAS).

A aplicação dos testes foi feita, de várias formas, a saber, colectivamente, a grupos de sujeitos que se encontravam em salas de aulas; individualmente, a idosos residentes em lares de terceira idade, ou a sujeitos com dificuldades de visão e compreensão; e por auto-administração, aos restantes sujeitos. A amostra foi recolhida, através do método de amostragem não-probabilístico, designado por *'bola de neve'* (Borg & Gall,1983).

O tempo médio de passagem do questionário, por pessoa, foi de uma hora, sendo contrabalanceada a ordem de passagem dos instrumentos, incluídos na bateria administrada aos sujeitos (a ordem de preenchimento dos seis instrumentos não foi sempre a mesma).

4.6. Análise dos dados do estudo-piloto

Nesta secção, analisam-se os índices de validade e de fidelidade dos resultados, obtidos com a amostra-piloto.

No que concerne à validade, as correlações entre as cinco dimensões do NEO-PI-R e o EPQ (escalas N, E e P), PANAS, SWLS, AQ e escala de Interesses Artísticos do IIV foram de encontro às expectativas, ou seja, estavam de acordo com a predição de que **"todas as facetas do mesmo domínio estarão correlacionadas com instrumentos que avaliem o factor correspondente a esse domínio"** e que as **"facetas mostrarão relações diferenciais que nos darão evidência de uma validade convergente e discriminante"** (*cf.* subcap. 4.3).

predições		validade	
NEO-PI-R	outros testes	relações esperadas	correlações encontradas
N	N EPQ	positiva	.792****
N	PANAS	positiva	-.412****
N	SWLS	negativa	-.254***
N	AQ	positiva	.465****
N2 Hostilidade	AQ	positiva	.642****
E	E EPQ	positiva	.672****
E	SWLS	positiva	.168**
O	IIV	positiva	.5****
O2 Estética	IIV	positiva	.744****
A	P EPQ	negativa	-.246**
C	P EPQ	negativa	-.263***

Nota: ****p<.001; *** p < .01; ** p< .05; * p < .10.

Quadro 4.7 Correlações correspondentes às predições sobre a validade do NEO-PI-R e outras escalas do estudo-piloto.

Para além de estarem de acordo com as nossas expectativas, os resultados corroboram os valores apresentados por Costa e McCrae em investigações precedentes, sobre a validade convergente e discriminante do NEO-PI-R (ver capítulo dedicado a este instrumento).

O quadro 4.7 apresenta, de forma mais clara, as correlações entre os cinco domínios e algumas facetas e os cinco instrumentos supracitados.

Foi encontrada uma correlação[15] significativa de .792 (p< .0001) entre a escala N do EPQ e a escala N do NEO-PI-R e entre a escala da Extroversão do NEO-PI-R e o E do EPQ, no valor de .672. Costa e McCrae (1986) referiram valores semelhantes entre a escala da Extroversão e do Neuroticismo do NEO-PI-R e o E e o N do EPI (versão mais antiga do EPQ). A correlação entre N e as PANAS (-.412) e entre E e as PANAS (.363) vão também na direcção esperada.

A relação entre o Questionário de Agressividade (AQ) e a escala de N (.465) vai de encontro aos dados da literatura, especialmente, no que se refere à faceta Hostilidade (N2), com um valor de .642.

A relação entre a SWLS e N (-.254; p < .0013) confirma que os su-

[15] Para estes cálculos, utilizou-se o coeficiente do momento dos produtos de Pearson (Coolican, 1990).

jeitos com índices mais elevados em N estão menos satisfeitos com a vida (Costa & McCrae, 1980; Simões, 1992); a relação inversa esperada, ou seja, uma correlação entre a escala da satisfação com a vida e a escala E não foi tão elevada como o previsto (.168; p <.0342), embora atinja, mesmo assim, significância estatística.

O quadro 4.7 também evidencia que existe uma relação positiva significativa entre a dimensão Abertura à Experiência (O) do NEO-PI-R e a escala Artística do Inventário de Interesses Vocacionais (.5) e, mais especificamente, entre este instrumento e a faceta estética (O2) (.744), o que confirma os dados da literatura, a este respeito (McCrae, 1992; Holland, 1985).

Ainda, como era esperado, foram encontradas correlações negativas entre A e C e a escala de Psicoticismo (P) do EPQ, respectivamente, de -.246 e -.263. De modo semelhante, Costa (1991) referiu valores de -.33 e -.27 entre estas escalas e P.

Nos quadros seguintes, analisam-se as correlações entre diferentes características da amostra (sexo, idade, escolaridade, nível socio-económico, região e estado civil) e as cinco dimensões do NEO-PI-R. Como poderá observar-se, os valores encontrados vão no sentido das predições precedentemente referidas (pág. 8) e, consequentemente, da literatura neste domínio.

	Grupos	Média	Desvio-Padrão	t	Significância
O	Feminino	118.661	19.872	.846	.3986
	Masculino	121.7	18.859		
E	Feminino	109.588	17.535	.181	.8567
	Masculino	110.15	15.246		
N	Feminino	100.706	20.424	-2.401	.0175
	Masculino	91.175	25.251		
A	Feminino	122.258	14.996	-2.1	.0373
	Masculino	116.463	15.991		
C	Feminino	116.7	18.932	.002	.9984
	Masculino	116.707	18.932		

Quadro 4.8 Médias, desvios-padrões e valores de t dos cinco factores por sexo

Em particular, o quadro 4.8 apresenta os valores da influência da variável sexo nos cinco factores. Nele estão indicados as médias e desvios-padrões respeitantes aos dois níveis desta variável. Observamos que os resultados não são, na generalidade, significativos. As únicas excepções dizem respeito às dimensões N (t= -2.401, p=.0175) e A (t=-2.1, p=.0373), em que os sujeitos femininos apresentam resultados significativamente superiores aos homens.

Por outro lado, encontrou-se uma relação negativa entre a variável idade e as dimensões E, O e N (quadro 4.9). Destas, a correlação mais sig-

nificativa verifica-se entre a idade e o factor O (-.59). Segue-se a correlação entre a idade e o factor E (-.27), mais especificamente, entre esta variável e a faceta E5 (Procura de Excitação: -.244), o que vai de encontro aos resultados de Costa e McCrae (1992) e à predição de que **"os indivíduos mais velhos tenderão a ter resultados ligeiramente inferiores aos mais novos, em E (especialmente E5) e O"** (*cf.* subcap. 4.3). No que concerne às outras relações esperadas (escores ligeiramente superiores em A e C, nos sujeitos mais velhos, e em N, nos mais novos) não se encontraram valores significativos, apenas ligeiras tendências. Por conseguinte, com o aumento da **idade**, os sujeitos tendem a tornar-se ligeiramente menos extrovertidos e menos abertos à experiência. No estudo-piloto, esta última relação é, possivelmente, mais evidente, porque os sujeitos mais novos são também mais instruídos, o que aumenta a correlação entre O e a variável idade. Também, e de acordo com a literatura, encontramos valores positivos, embora não significativos, entre a idade e as dimensões C (Costa e McCrae, 1992).

Ainda como previsto, existe uma correlação significativa entre a variável **escolaridade**[16] (calculada através do coeficiente de correlação de Pearson), a variável nível **profissional** (calculada através do coeficiente de correlação de Spearman) e a dimensão O, com valores significativos de, respectivamente, .454 e .468. Estes dados corroboram os estudos que indicam que a dimensão Abertura à Experiência se encontra, regra geral, moderadamente correlacionada com medidas de inteligência e nível cultural (McCrae, 1992)[17].

Ainda no que concerne às características da amostra, as correlações entre a variável **profissão** e os factores N, E A, e C, não se revelaram significativas. Por sua vez, a correlação da variável **escolaridade** com N (-.285; p= .0003) apresentou valores negativos e estatisticamente significativos, sendo, porém, nulos com E, A e C (ver quadro 4.9).

A **proveniência** (zona de residência) dos sujeitos (região norte, centro e sul do país) não parece afectar os resultados[18], indo de encontro à literatura, o que indica que estas dimensões são independentes de factores culturais e geográficos (Costa & McCrae, 1992).

Para testar a predição de que se encontrará **"convergência entre as auto-avaliações e as avaliações realizadas pelos esposos"** e de que **"os resultados do NEO-PI-R e dados obtidos através de metodologias mais qualitativas, tenderão na mesma direcção e serão complemen-**

---

16 A variável escolaridade foi, para estes cálculos, operacionalizada como variável contínua.

17 Como vimos atrás, alguns autores chegam mesmo a designá-la pelo nome de *Intellect* (Golberg, 1981, 1982), embora McCrae (1992) refira, de forma explícita, que a inteligência seria uma sexta dimensão das diferenças individuais.

18 Os valores da ANOVA para as três categorias e os cinco factores são todos não significativos.

tares," realizaram-se cinco estudos de caso[19] (Lima, 1994).

	Idade	Escolaridade	Profissão
N	-.04	-.28***	.2
E	-.227**	.102	.176
O	-.59 ***	.454***	.468***
A	.06	-.115	-.093
C	.119	-.008	-.117

Nota: *** p < .01; ** p< .05.

Quadro 4.9 Correlações dos cinco factores com a variável idade, escolaridade e nível socio-económico (estudo-piloto).

Os **estudos de caso**[20] consistiram na avaliação aprofundada da maneira de ser e estilo de vida de cinco sujeitos adultos. A técnica principal de recolha de dados foi a entrevista etnográfica semi-estruturada, em que se tentou obter informações sobre aspectos da personalidade dos sujeitos. A estes indivíduos, no final das entrevistas, foi passado o NEO-PI-R. Os resultados obtidos neste, vão de encontro[21] (*cf.* com estudo caso referido mais adiante) às conclusões gerais recolhidas através das entrevistas e, consequentemente, no sentido da referida predição. Corroboram, por conseguinte, a validade consensual (entre uma avaliação qualitativa e uma quantitativa) do inventário (McCrae, 1982; McCrae & Costa, 1987). No entanto, consideramos que os resultados destes estudos são preliminares e, por conseguinte, inconclusivos, havendo necessidade de trabalhos mais profundos para solidificar as conclusões nesta área.

Por outro lado, os esposos(as)[22] dos sujeitos, analisados nos estudos de caso, fizeram a hetero-avaliação dos seus cônjuges, através do NEO-PI-R (forma R) (Lima, 1994). As correlações encontradas entre as auto e hetero-avaliações foram bastante elevadas (.89, .94, .96, .95, .95), embora possamos admitir a possibilidade de ter havido alguma troca de informações entre o casal. Estes resultados confirmam a predição de que se encontrará "convergência entre as auto-avaliações e as avaliações realizadas pelos esposos" e os dados de Costa e McCrae (1992) sobre as correlações elevadas entre auto e hetero-avaliações, quando os sujeitos se conhecem bem.

---

19 Agradece-se a colaboração dos alunos do Mestrado em Ciências da Educação do ano lectivo 1992-93.

20 Estes estudos enquadram-se num projecto desenvolvido na disciplina de Psicologia do Adulto da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

21 Por exemplo, um sujeito que refere nas entrevistas gostar de estar com pessoas, conviver e sair com amigos, quando obtém uma pontuação elevada na dimensão E.

22 Aos esposos dos sujeitos foi solicitado o preenchimento do NEO-PI-R sobre os seus cônjuges. Os resultados obtidos foram correlacionados com as auto-avaliações dos sujeitos.

A título de exemplo, faz-se, seguidamente, referência a um dos estudos de caso supracitados:

> Trata-se de uma senhora com 62 anos, casada e professora do 1º ciclo do Ensino Básico (Bento & Carvalho, 1993). Com este sujeito, foram efectuadas três entrevistas em dias diferentes, e foi-lhe administrado o NEO-PI-R. As entrevistas abrangeram essencialmente, três áreas: caracterização do sujeito, momentos (marcos) mais importantes na sua vida e ciclo vital da família nuclear. Ao marido da Sr.ª X foi passado o NEO-PI-R (forma R). Em termos globais, os seus resultados neste questionário indicam uma pontuação média em Neuroticismo (70) e Extroversão (110), muito alta em Amabilidade (140) e Conscienciosidade (135) e baixa em Abertura à Experiência (97).
>
> Como características do sujeito, com pontuações baixas em O, salientam-se a convencionalidade e o conformismo (no caso da Sr.ª X, em relação ao casamento e relações familiares) e os interesses limitados. Ora, estes aspectos parecem definir o sujeito, ao longo das entrevistas. De acordo com os resultados obtidos nas facetas de O, estamos perante alguém que prefere o pensamento realista, prático, que evita sonhar acordado, opta pelo que é familiar e não aprecia grandes desafios intelectuais.
>
> Com as facetas de E, verifica-se uma grande dispersão nos resultados. O sujeito revela-se médio em E3, E5 e E6, respectivamente, Auto-confiança, Procura de Excitação e Emoções Positivas ("Também sou feliz. Continuo a ser feliz."; Sr.ª X, p.35; 3ª entrevista). Quer dizer, define-se com um sujeito medianamente dominante, confiante, com poder de decisão e com força de vontade.
>
> Nas facetas Acolhimento (E1), Gregariedade (E2) e Actividade (E4), apresenta pontuações altas, o que sugere ser um indivíduo amigável, conversador, afectuoso, enérgico e vigoroso. Ora, tais características estão bem presentes, no desenrolar da entrevista. A Extroversão está bem patente nalgumas frases da Sr.ª X: "Eu era uma pessoa muito alegre e muito divertida. Ia a bailes, não tinha problemas nenhuns, dançava com os rapazes, tinha muitas amigas. A partir do casamento, moderei um bocadinho. Tive que me moderar." (Sr.ª X, p.13; 2ª entrevista).
>
> O sujeito tem também pontuações elevadas nas dimensões Conscienciosidade e Amabilidade, o que indica que estamos perante um alguém prestável, recto, com quem se pode contar, organizado, perseverante e trabalhador. Estes traços estão expressos em numerosas frases como estas: "Tenho uma grande responsabilidade sobre mim. Quando eu tenho um trabalho a meu cargo, quero desempenhá-lo da melhor maneira. Esse trabalho tem de ser desempenhado, custe o que custar. Da melhor forma."(Sr.ª X, p.32; 3ª entrevista). "Dou. Posso ficar sem as coisas para mim, e fico. Portanto, eu para mim compro pouco, mas para os outros compro, para os outros da família"(Sr.ª X, p.30; 3ª entrevista).

Relativamente às facetas da Amabilidade, o sujeito apresenta pontuações médias em A1 (Confiança) e A2 (Rectidão) e altas nas restantes facetas (Altruísmo, Cumplicidade, Humildade e Sentimentalismo). Parece-nos, assim, tratar-se de uma pessoa bastante preocupada com os outros e não tanto consigo própria ("Tenho receio de vir a dar trabalho aos filhos. Isso incomoda-me, na medida em que não gostaria de dar trabalho."; Sr.ª X, p.32; 3ª entrevista), com tendência a guiar-se pelos sentimentos, nomeadamente, os de simpatia, ao ajuizar e tomar atitudes.

Finalmente, nas facetas da Conscienciosidade os resultados obtidos são bastante dispersos, com pontuações médias em C1 (Competência), C2 (Ordem), e C5 (Auto-Disciplina), altas em C3 (Obediência ao Dever) e C4 (Realização), muito altas em C6 (Deliberação). Estas pontuações revelam um sujeito muito ligado a determinados padrões de conduta, orientado para o sucesso, motivação para conseguir os seus objectivos, mas cauteloso, precavido e ponderado.

De um modo geral, as pontuações obtidas na auto e hetero-avaliação são coincidentes, como é confirmado, pelo coeficiente de correlação obtido: .97. Esta correlação mostra que o casal se conhece e entende bem, como é expresso na seguinte frase: "Eu tenho a certeza que não deve haver muitos maridos como o meu. Entendemo-nos mesmo (como o testo para a panela)" (Sr.ª X, p.34; 3ª entrevista).

Isto, pelo que respeita a alguns aspectos da validade do NEO-PI-R. Vejamos, agora, a fidelidade. A **consistência interna** foi examinada, através do cálculo do coeficiente alfa de Cronbach. O quadro 4.10 apresenta os valores desse índice, obtidos com a nossa amostra e com a *Employment Sample* (Costa, McCrae, & Dye, 1991). Tais valores são muito semelhantes entre si e aos que são apresentados por outros estudos, que utilizaram outras populações (McCrae & Costa, 1983a; Fagan *et al.*, 1991; Piedmont, McCrae, & Costa, 1992). Optámos por não calcular os alfa para as facetas, visto os valores obtidos com as dimensões serem muitos adequados.

domínios	amostra-piloto	amostra EUA
N	0,90	0,92
E	0,84	0,89
O	0,88	0,87
A	0,83	0,86
C	0,89	0,90

Quadro 4.10 Comparação entre valores de alfa obtidos com a população portuguesa e americana

A análise das correlações de cada item com a sua faceta correspondente (correlações **item/total faceta**) confirma que cada item se correlaciona, positivamente, com a mesma, atingindo valores, acima de .25.

Contudo, a grande maioria tem correlações, acima de .6, com a sua faceta. Excepção a esta regra é a faceta Emoções Positivas (E6), que apresenta uma correlação com todos os itens entre .11 a .23; O6, uma correlação de .24 com o item 58; A6, uma correlação de .20 com o item 239; C5, uma correlação de .23 com o item 205. Todavia, sublinhe-se que apenas os 5 primeiros itens de E6 – 27, 57, 87, 117, 147 – é que apresentaram correlações não significativas, sendo estatisticamente significativas, ao nível de $p < .001$ as dos restantes três itens de E6 e as dos itens das outras facetas (embora com correlações abaixo de .3).

Encontraram-se também algumas correlações positivas entre itens e facetas que não as suas.

As correlações de cada **faceta** com o **domínio**, a que pertencem, encontram-se, no quadro 4.11. Cada faceta tem, efectivamente, a sua correlação máxima no domínio correspondente, sendo as outras correlações significativas encontradas susceptíveis de uma explicação apropriada e com sentido. A análise das correlações faceta/domínio (no quadro 4.11, podem ver-se, a negro, estes valores) indica que têm todas valores acima de .3, excepção feita para a correlação entre E6 e E, que é de .207. Se compararmos os resultados obtidos com a amostra portuguesa e com a americana (*cf.* Manual do NEO-PI-R, Costa e McCrae, 1992; quadro 4.12), vemos que os valores são aproximados, com excepção da correlação de .207 obtida pela faceta E6 (Emoções Positivas) e E que, no nosso caso, apresenta uma pontuação bastante inferior. Segundo McCrae (1992), as correlações das facetas de O com O são menores do que entre os outros factores e suas facetas. Contudo, tal não se verificou na nossa amostra-piloto.

Estes resultados (quadro 4.11) estão de acordo com os dados obtidos, em várias amostras, com a versão original americana do NEO-PI-R (*cf. Appendix* F do Manual NEO-PI-R, 1992, p.100). Os nossos valores são, no entanto, um pouco mais ambíguos, porque as correlações entre as facetas e os factores, que não os seus, afastam-se mais da correlação nula (tendem, por conseguinte, a aproximar-se de valores significativos) do que nas amostras americanas, podendo este facto dever-se ao tamanho da amostra que, no nosso caso, é mais reduzida e, consequentemente, não é tão discriminativa. No entanto, se considerarmos significativos os valores, como fazem os autores, apenas acima de .4, verificamos que as correlações significativas entre as facetas e os factores, que não os seus, são as mesmas encontradas por Costa e McCrae, nomeadamente, no caso de A3 (Altruísmo) com E, excepção feita para N2 (Hostilidade) com A, em que a correlação é de .28, quando a esperada seria significativa mas negativa, e a de C1 (Competência) com N que é de .395, quando a esperada seria também negativa. Por sua vez as correlações entre as facetas de O e a dimensão O e as facetas de E e a dimensão E são mais elevadas do que nas amostras americanas.

Os resultados das intercorrelações entre os diferentes domínios[23]

[23] No nosso caso, os factores correspondem aos domínios e, por conse-

escalas	factores N	E	O	A	C
Neuroticismo					
N1	**.812**	.113	.065	.078	.038
N2	**.715**	.169	.326	.282	.168
N3	**.842**	.252	.207	.061	.172
N4	**.797**	.190	.112	.069	.340
N5	**.387**	.211	.280	.099	.356
N6	**.827**	.249	.176	.054	.349
Extroversão					
E1	.228	**.673**	.331	.401	.179
E2	.036	**.676**	.271	.185	.064
E3	.340	**.63**	.396	.186	.295
E4	.063	**.606**	.348	.190	.249
E5	.040	**.637**	.464	.196	.005
E6	.016	**.207**	.143	.009	.102
Abertura					
O1	.098	.448	**.743**	.138	.088
O2	.026	.393	**.747**	.031	.160
O3	.094	.492	**.646**	.025	.127
O4	.249	.313	**.508**	.032	.152
O5	.144	.428	**.797**	.049	.169
O6	.223	.289	**.662**	.144	.061
Amabilidade					
A1	.303	.217	.152	**.642**	.072
A2	.095	.086	.006	**.676**	.017
A3	.177	.323	.138	**.644**	.391
A4	.068	.102	.102	**.666**	.099
A5	.227	.282	.247	**.493**	.255
A6	.036	.162	.26	**.524**	.061
Conscienciosidade					
C1	.395	.271	.205	.003	**.727**
C2	.053	.036	.061	.076	**.672**
C3	.203	.034	.100	.343	**.696**
C4	.140	.215	.161	.086	**.755**
C5	.370	.161	.110	.128	**.784**
C6	.235	.021	.081	.193	**.670**

Nota: Os valores a negro têm todos uma p<.001.

Quadro 4.11 Correlações entre os 5 factores e as 30 facetas (estudo-piloto)

(ver quadro 4.13) confirmam os dados obtidos por Costa e McCrae (1989) e Costa e colaboradores (1991). Em ambos as amostras (americana e portuguesa), podemos observar uma correlação moderada entre E e O (Costa e McCrae, 1984), no nosso caso, mais elevada (.4 contra .56), e uma correlação negativa substancial entre N e C (-.53 contra -.312 na amostra americana). Nenhuma outra correlação entre os diferentes domínios excede .25. Estas correlações são compreensíveis, visto, como veremos mais

guinte, utilizamos os dois termos de forma equivalente.

adiante, os cinco factores serem apenas teoricamente ortogonais. Assim, os sujeitos conscienciosos tendem a ser menos neuróticos e os extrovertidos mais abertos à experiência.

Escalas	Domínios					
	N piloto	N EUA				
Neuroticismo						
N1	**.812**	.81				
N2	.715	.71				
N3	**.842**	.85				
N4	**.797**	.74				
N5	**.387**	.61				
N6	**.827**	.78				
Extroversão		E piloto	E EUA			
E1		**.673**	.65			
E2		**.676**	.70			
E3		**.630**	.66			
E4		**.606**	.68			
E5		**.637**	.63			
E6		**.207**	.73			
Abertura			O piloto	O EUA		
O1			**.743**	.65		
O2			**.747**	.71		
O3			**.646**	.62		
O4			**.508**	.60		
O5			**.797**	.70		
O6			**.662**	.52		
Amabilidade				A piloto	A EUA	
A1				**.642**	.65	
A2				**.676**	.72	
A3				**.644**	.64	
A4				**.666**	.73	
A5				**.493**	.59	
A6				**.524**	.64	
Conscienciosidade					C piloto	C EUA
C1					**.727**	.76
C2					**.672**	.71
C3					**.696**	.74
C4					**.755**	.71
C5					**.784**	.84
C6					**.666**	.66

Nota: Os valores a negro são todos significativos, a $p<.001$.

Quadro 4.12 Comparação das correlações entre facetas/domínios do NEO-PI-R, na amostra-piloto e na amostra normativa americana.

	N	E	O	A	C
N	1				
E	-.186	1			
O	-.145	.566***	1		
A	-.11	.053	.023	1	
C	-.317***	.154	.056	.11	1

Nota: *** p < .01.

Quadro 4.13 Matriz de Correlações entre Dimensões do NEO-PI-R (estudo-piloto)

4.7. Discussão dos resultados e conclusões

O estudo-piloto consistiu no primeiro momento do processo de validação do NEO-PI-R e teve como objectivo uma abordagem preliminar ao comportamento psicométrico do inventário, no terreno. Este estudo baseou-se em 162 sujeitos adultos. A conclusão, em termos globais, é que o instrumento se revela adequado.

Os domínios e as facetas do NEO-PI-R apresentaram relações diferenciais com o EPQ, PANAS, SWLS, AQ e IIV, evidenciando o instrumento uma validade convergente e discriminante satisfatórias[24].

Em relação à análise das correlações entre as características da amostra e as dimensões do NEO-PI-R, podemos verificar que os resultados vão no sentido dos dados da literatura deste domínio. Mais concretamente, as mulheres tendem a ser mais neuróticas do que os homens; os sujeitos mais velhos revelam-se menos Abertos à Experiência, menos Extrovertidos, menos Neuróticos e a procurar menos a Excitação; os sujeitos com menos escolaridade obtêm valores inferiores na dimensão Abertura à Experiência; a proveniência dos sujeitos não mostra relação com os resultados.

O facto de existirem ligeiras diferenças etárias, nalgumas dimensões, reforça a sugestão de Costa e McCrae (1992), no sentido de se utilizarem normas diferentes para jovens adultos (abaixo dos 21 anos) e adultos (acima desta idade). As diferenças etárias encontradas (na nossa amostra[25] e nas americanas) não são, no entanto, significativas, o que levou os autores a defenderem a utilização do NEO-PI-R com amostras de idades diferentes (amostras adultas, entenda-se).

Os resultados obtidos, através da passagem do NEO-PI-R, e os da-

---

[24]A não utilização de instrumentos, que cobrissem todas as facetas do NEO-PI-R, prendeu-se, sobretudo, com o facto de não existirem instrumentos aferidos (ou adaptados e traduzidos) para a população portuguesa, que servissem para o efeito

[25] Excepção feita para a dimensão O que é significativa. Este facto também se justifica, porque os sujeitos mais novos, na nossa amostra, são, também, mais escolarizados.

dos recolhidos, através de entrevistas (estudos de caso), foram semelhantes e complementares. No entanto, investigações mais extensas seriam úteis, no sentido da confirmação destas conclusões.

Os resultados das auto e hetero-avaliações vão, também, no sentido indicado pela literatura, ou seja, os valores destes dois índices aproximam-se.

Na generalidade, os resultados sobre a fidelidade são a favor da consistência interna do NEO-PI-R, especialmente, se tivermos em consideração que existem 30 facetas (com apenas 8 itens) e 240 itens, no total. Contudo, seria importante rever a faceta E6 (Emoções Positivas).

Finalmente, embora reconheçamos a importância da fidelidade teste-reteste, esta não foi possível de averiguar, no estudo-piloto.

◇

Os resultados, que obtivemos estão, por conseguinte, de acordo com as nossas expectativas e corroboram os valores apresentados por Costa e McCrae, em investigações precedentes. As diferenças mínimas encontradas justificam-se, possivelmente, pelo erro causado por uma miríade de variáveis, das quais se salienta, a diversidade de tamanho das amostras e as subpopulações utilizadas. Podemos, assim, dizer que, de uma forma global, o inventário apresenta bons índices de validade e fidelidade, o que nos dá segurança para avançarmos para o estudo definitivo. Esperamos ainda que, através da utilização de uma amostra maior, alguns resultados menos claros se elucidarão[26].

[26] Pelo facto de muitos sujeitos se cansarem e desinteressarem do preenchimento do questionário, devido a este ser muito longo, recomendamos que para alguns inquiridos a passagem seja feita por duas vezes.

Capítulo 5. Estudo definitivo

Passos na selecção da amostra

Descrição da amostra

Comparação entre a amostra e a população nacional

Procedimento

Análise dos dados

Discussão dos resultados e conclusões

Capítulo 5. Estudo definitivo

> "Há hoje uma revolução epistemológica radical, uma outra visão da ciência, com um tipo de construção ou linguagem, sem dúvida válido e útil, mas que não está sozinho nem pode negar ou hierarquizar os outros saberes. Admitimos que não há uma Esfinge que detenha o segredo de todo o conhecimento — como não há um Centauro que detenha o segredo de todo o sentimento" (Monteiro, 1989, p.80).

Neste capítulo, começamos por apresentar a amostra definitiva, nomeadamente, informações sobre a sua selecção, descrição e comparação com a população nacional. Prosseguimos com o relato do procedimento levado a cabo na recolha dos questionários para, depois, passarmos à análise dos dados propriamente ditos. Esta análise centra-se, sobretudo, no estudo da validade e fidelidade do NEO-PI-R. No entanto, tenta abrir algumas pistas sobre as aplicações e implicações deste inventário para a teoria e a prática psicológica. Terminamos, reflectindo sobre a pertinência do referido instrumento para o contexto português.

5.1. Passos na selecção da amostra

Nesta secção, descrevemos as etapas percorridas para seleccionar a amostra definitiva. A fim de tornar mais fácil a análise e a leitura destes diferentes passos, numerámo-los, sequencialmente.

1. Com base na consulta dos *Censos de 91*: XII Recenseamento Geral da População, resultados pré-definitivos (Janeiro de 1993), calculámos as percentagens nacionais de sujeitos, situados nos diferentes níveis da variável sexo, idade, estado civil, escolaridade e região do país. Estas variáveis foram escolhidas, em função da sua pertinência para a investigação e por estarem disponíveis, no referido Censo. Uma excepção foi a variável profissão que, embora pertinente, não constava nesta edição do Censo.

No quadro 5.1., podem ver-se ver as percentagens nacionais aproximadas para as diferentes variáveis referidas. Os cálculos efectuados são baseados na população residente[27] em 1991 (9 862670 = 9.9 milhões de sujeitos).

---

[27] "Pessoas que, independentemente de no momento censitário — zero horas do dia 15 de Abril de 1991 — estarem presentes ou ausentes numa determi-

Sexo	48% Homens	52% Mulheres			
Idade	16% 15-24 anos	49% 25-64	13% 65 ou>		
Estado civil	40% solteiro	49% casado	6% viúvo	2% separado/div.	
Região	34% Norte	17% Centro	33% Lisboa/ Vale Tejo	8% Sul	4% Regiões Aut.
Escolaridade	11% Analfabetos	19% a frequentar	63% Nível Básico	21% Secundário	7% Médio/Supe.

Nota: As categorias presentes na tabela são as dos Censos de 91. Os níveis da variável escolaridade são: analfabetos com dez ou mais anos de idade, ensino básico (que inclui o primário e o preparatório), secundário (que inclui o unificado e o complementar) e o médio/superior (que inclui o ensino médio, bacharelato, licenciatura, mestrado e doutoramento).

Quadro 5.1 Percentagens nacionais a partir dos *Censos de 91* (Resultados pré-definitivos, Jan.1993)

2. Em segundo lugar, em função das diferentes variáveis demográficas atrás referidas, escolhemos um distrito cujas percentagens se aproximassem das nacionais. Foi escolhido o Distrito de Leiria, por este ser um dos mais representativos da população nacional nas variáveis em causa, ou seja, aquele, cujas percentagens das variáveis (sexo, idade, estado civil, escolaridade) se aproximavam mais dos valores encontrados no universo da população portuguesa. O quadro 5.2 apresenta a comparação entre as percentagens nacionais, as de um concelho do Distrito de Leiria – o concelho de Leiria – e outros concelhos de outros distritos portugueses. A título de exemplo, a percentagem de mulheres, a nível nacional, é de 51%, enquanto em Leiria, é de 52% e em Coimbra de 53%. Da comparação entre os distritos do continente e das regiões autónomas, resultou a nossa opção por Leiria.

A escolha de apenas um distrito justifica-se por várias razões. Em primeiro lugar, pelo facto dos resultados obtidos com amostras de culturas diferentes, de estados diversos dos EUA e de zonas rurais e urbanas, não apresentarem discrepâncias significativas entre si (Costa & McCrae, 1992). De modo semelhante, os resultados das três regiões (norte, centro e sul), utilizadas na nossa amostra-piloto, foram idênticos. Noutra amostra recolhida a partir de uma população de militares[28], de uma multiplicidade de zonas do país (Lima & Gonzalez, 1994), esta variável também não se mostrou pertinente na explicação da variabilidade dos resultados. Em segundo lugar, salienta-se a falta de recursos financeiros para recolher uma amostra de adultos espalhados por todo país. Finalmente, adoptámos a referida solução, tendo em conta a possibilidade de utilizarmos um método de amostragem, que nos oferecesse razoáveis garantias de representatividade da população adulta nacional.

---

nada unidade de alojamento, aí habitam a maior parte do ano com a família ou detêm a maior parte dos seus haveres" (Instituto Nacional de Estatística, 1993, p.4).

[28] A amostra de militares foi recolhida no Centro de Selecção de Coimbra (n=400) e é composta na sua maioria por jovens adultos do sexo masculino, provenientes de todas as zonas do país, que foram chamados ou voluntários para as inspecções em 1994. O NEO-PI-R fazia parte da bateria de testes que todos os sujeitos tinham de preencher.

		Portugal	Fig. da Foz	Coimbra	Cantanhede	Seia	Aveiro	Leiria
Total	Habitantes	9.9 milhões	60 mil	139 mil	13 mil	30 mil	67 mil	101 mil
Sexo	Masculino	48	47	46	44	46.6	47.7	48.3
%	Feminino	51	52	53	56	51	52	51.6
Idade	15/24	16	15	16.5	13	16.6	16.4	16.8
%	25/64	49	53	52	50	50	50	51
	65 ou mais	13	16.6	12.2	19	17	11	11.3
Estado	Solteiro	40	36.6	39.5	37.5	40	38.8	41.5
Civil	Casado	49	55	51	50	50	50.7	52.2
%	Viúvo	6	7	5.7	6	6.6	4.4	4.9
	Separado/div.	2	2	2.8	2.5	1.6	2.6	1.9
Escol.	Analfabetos	11	11.6	7.1	12.5	13	5.9	10
%	A frequentar	19	20	23.7	18	20	21.7	21.7
	Básico	63	63	51	81	73	59.1	66
	Secundário	21	25	25	12.5	16.6	24.3	23.5
	Médio/Supe.	7	8.3	88.7	1.8	3.3	11.9	5.6

Quadro 5.2 Comparação entre concelhos de diferentes distritos e o total nacional a partir dos *Censos de 91*.

3. O Distrito de Leiria compõe-se 16 concelhos (ver quadro 5.3). Destes, escolhemos aleatoriamente seis, utilizando o método de amostragem probabilístico aleatório simples (Drew & Hardman, 1987). Seis deles – Alvaiázere, Ansião e Pedrógão Grande – pertencem à região Centro, Pinhal Litoral Norte; Leiria, à região Centro, Pinhal Litoral; Caldas da Rainha e Óbidos, à região de Lisboa e Vale do Tejo, Oeste (ver o mapa, no Anexo 6).

4. Dos concelhos escolhidos, retirámos, aleatoriamente, dez freguesias com base nos *Censos de 91* (Resultados Provisórios por Lugares, 1993). A quantidade de freguesias, por concelho, foi escolhida tendo em consideração o número de freguesias de cada concelho, de forma a que nenhum ficasse subrepresentado. O quadro 5.4 mostra os seis concelhos seleccionados, o número de freguesias existente em cada um, a percentagem de freguesias existentes em cada concelho em relação à totalidade de freguesias dos seis concelhos e o nome das freguesias escolhidas. Assim, por exemplo, do concelho de Ansião retirámos uma freguesia (Lagarteira), de entre 8 que o compõem, as quais representam 11% (*i.e.*, 8/72) do universo das mesmas.

Como se pode ver, no mesmo quadro, foram seleccionadas a freguesia de Pelmá do concelho de Alvaiázere, a freguesia da Lagarteira do concelho de Ansião, a freguesia da Graça do concelho de Pedrógão Grande, as freguesias da Barosa, Colmeias, Pousos e Bajouca do concelho de Leiria, as freguesias de St. Onofre e N. Sra. do Pópulo do Concelho de Caldas da Rainha e a freguesia de Stª. Maria do concelho de Óbidos.

5. O número de sujeitos, a retirar de cada freguesia, foi estabelecido, proporcionalmente, ou seja, em função da relação entre a população do conjunto das dez freguesias e o número total de sujeitos existente em cada

freguesia, ou seja, 2000 sujeitos. O número de habitantes por freguesia, a percentagem de sujeitos a recolher por freguesia e o número de sujeitos a seleccionar em cada uma das dez freguesias, estão indicados no quadro 5.5.[29].

Concelho	Região	Selecção
Ansião	Centro	sim
Batalha	Centro	não
Castanheira de Pera	Centro	não
Figueiró dos Vinhos	Centro	não
Leiria	Centro	sim
Marinha Grande	Centro	não
Pombal	Centro	não
Porto de Mós	Centro	não
Alcobaça	Lisboa V. T. Oeste	não
Bombarral	Lisboa V. T. Oeste	não
Caldas da Rainha	Lisboa V. T. Oeste	sim
Nazaré	Lisboa V. T. Oeste	não
Óbidos	Lisboa V. T. Oeste	sim
Peniche	Lisboa V. T. Oeste	não
Alvaiázere	Centro	sim
Pedrógão Grande	Centro	sim

Quadro 5.3 Concelhos do Distrito de Leiria, zona geográfica de localização e sua integração ou não na amostra.

Concelhos	nº Freguesias	Percentagens	Freguesias escolhidas
Alvaiázere	7	9.7%	Pelmá
Ansião	8	11%	Lagarteira
Pedrogão Grande	3	4.1%	Graça
Leiria	29	40%	Barosa; Colmeias; Pousos; Bajouca
Caldas da Rainha	16	22%	Pópula; Stº Onofre
Óbidos	9	12.5%	Santa Maria
Total	72	99.3%	10

Nota: A coluna das percentagens corresponde à % do nº de freguesias de um concelho pelo total das 72 freguesias dos 6 concelhos.

Quadro 5.4 Concelhos seleccionados e freguesias escolhidas, em cada um

6. Os lugares das diferentes freguesias foram escolhidos aleatoriamente. Após a selecção do lugar, foram passados questionários até perfazer

[29] Assim, por exemplo, a freguesia de Colmeias tem 3.465 habitantes, fazendo o cálculo através de uma regra de três simples, em que a população total das 10 freguesias por nós seleccionadas (26.947) está para 2000 como 3.465 está para x, obtemos o número de sujeitos a extrair da referida freguesia, neste caso 257.

um valor aproximado da percentagem de sujeitos requeridos para aquela freguesia. Por vezes, foi necessário recorrer a lugares vizinhos, de maneira a recrutar o número pretendido de indivíduos. Assim, por exemplo, a freguesia da Barosa é composta por seis lugares (Barosa, Carreira de Água, Picheleiro, Leiria, Vale da Arieira e Isolados). Destes, foi seleccionado, aleatoriamente, um lugar, neste caso, Carreira de Água, depois do que se procedeu à passagem dos questionários, até esgotar os sujeitos disponíveis para participar na investigação neste local. Como o total destes não perfazia ainda o número requerido, retirou-se, aleatoriamente outro lugar, neste caso Leiria, até atingir os 129 sujeitos.

	Freguesia	nº habitantes	nº sujeitos	%, em 2000
1	Pousos	5.545	411	20.5
2	Barosa	1.741	129	6.4
3	Colmeias	3.465	257	12.8
4	Bajouca	1.845	136	6.8
5	S. Pópula	2.294	170	8.5
6	S. Onofre	7.630	566	28.3
7	Santa Maria	1.783	132	6.6
8	Pelmá	1.172	87	4.3
9	Lagarteira	521	38	1.9
10	Graça	951	71	3.5
	Total	26.947	2000	99.6

Quadro 5.5 Número de sujeitos seleccionados, por freguesia

A nossa intenção inicial era a de recolher, de uma determinada freguesia, o número de habitantes por sexo, idade, e escolaridade, proporcional, ao número total de sujeitos abrangidos por estas variáveis. Este objectivo, porém, rapidamente se revelou irrealista, em face dos constrangimentos contextuais, financeiros e temporais do projecto. No decorrer da passagem dos testes, foi-se, contudo, tendo em atenção os sujeitos abordados, em função das percentagens requeridas, sem adoptarmos uma atitude demasiado rígida, que teria sido insustentável, em face dos condicionalismos encontrados.

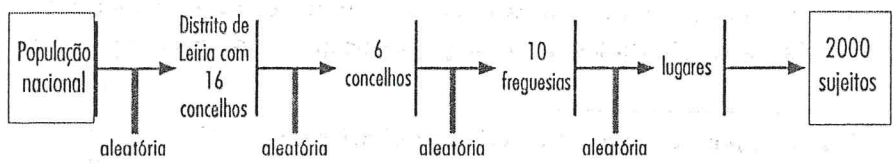


Figura 5.1 Esquema geral do processo de selecção da amostra

Desta forma, foram seleccionados (figura 5.1) os 2000 sujeitos, que compõem a amostra definitiva que será caracterizada num dos subcapítulos subsequentes.

5.2. Descrição da amostra

A amostra definitiva foi recolhida, no Distrito de Leiria, entre Setembro de 1993 e Outubro de 1994[30]. Sendo impraticável aplicar todos os testes (NEO-PI-R, EPQ, AQ, PANAS, SWLS e IIV) a todos os sujeitos, passou-se apenas o NEO-PI-R à maioria deles (N=1781[31], ou seja, a 89,05%) e a totalidade aos restantes 10,95% (N=219). Aos primeiros cerca de 300 sujeitos da amostra definitiva passou-se a bateria total de testes. De entre estes, retiveram-se 219 casos, que preencheram correctamente os questionários. As correlações (*point biserial*) entre as variáveis demográficas contínuas (escolaridade, idade) e a variável 'preencheu a bateria de testes ou apenas o NEO-PI-R' indicam que existe uma relação significativa entre a escolaridade e a quantidade de testes preenchidos, o que significa que houve uma tendência para os sujeitos mais escolarizados preencherem mais testes, o que é natural, porque têm mais facilidade em o fazer. Foi, por conseguinte, com base nestes últimos 219 casos que se estabeleceram os diversos índices de validade[32].

No que concerne à distribuição por sexo, são 1133 os sujeitos de sexo feminino e 861 do sexo masculino, o que equivale a 56,82 % de mulheres e 43,18 % de homens (figura 5.2).

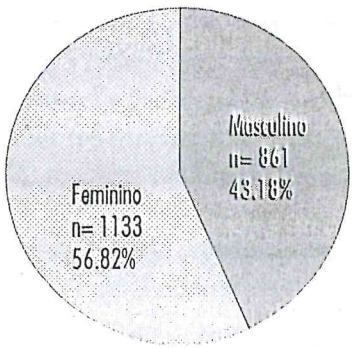


Figura 5.2 Distribuição dos sujeitos por sexos

[30] O mês, em que foram recolhidos mais dados, foi o de Janeiro de 1994.

[31] Para elaborar normas, o número mínimo, segundo Costa e McCrae (comunicação pessoal, 1995), são 200 homens e 200 mulheres.

[32] Apesar da nossa amostra ser composta por 2000 sujeitos, nem todos os cálculos referentes à sua descrição comportam 2000 casos, visto existirem, por vezes, dados omissos. Estes são consequência de alguns sujeitos não terem, por variadas razões, preenchido um ou vários dos itens da sua ficha biográfica.

Os sujeitos, distribuem-se, da seguinte forma, pelas 10 **freguesias** do Distrito de Leiria, incluídas no nosso estudo: 19,9% pertencem à freguesia de Pousos, 6,2% à freguesia da Barosa, 12,85% à freguesia da Colmeia, 6,5% à freguesia da Bajouca, 26,1% à freguesia da Sr.ª do Pópulo, 12,35% à freguesia de St. Onofre, 6% à freguesia de Stª. Maria, 4, 35%, à freguesia da Pelmá, 1,9 à freguesia da Lagarteira e 3,8% à freguesia da Graça (quadro 5.6).

	Freguesia	nº sujeitos	%
1	Pousos	398	19.9
2	Barosa	124	6.2
3	Colmeia	257	12.9
4	Bajouca	130	6.5
5	Srª. Pópulo	522	26.1
6	St. Onofre	247	12.4
7	Santa Maria	120	6
8	Pelmá	87	4.4
9	Lagarteira	38	1.9
10	Graça	76	3.8
	Total	1999	

Quadro 5.6 Distribuição dos sujeitos por freguesias

Quanto à classificação em grupos **profissionais**, 23,1% situam-se no nível 1 (nível profissional baixo), 34% situam-se no 2 (nível profissional médio), 3,3% situam-se no 3 (nível profissional alto), 28,8% situam-se no 4 (estudantes) e 10,3% situam-se no 5 (domésticas). Na distribuição dos sujeitos, pelos diferentes grupos profissionais (quadro 5.7), baseámo-nos na classificação de Almeida (1988, ver Anexo 5), por esta ser mais simples e flexível do que outras. À classificação de Almeida juntámos um quarto grupo, o de estudantes, dado não possuirmos indicações referentes à profissão dos pais destes sujeitos, e um quinto grupo que, apesar dos indivíduos neles incluídos poderem pertencer a qualquer uma das outras categorias sociais, fazem, a nosso ver, um grupo à parte com características muito próprias. Os sujeitos desempregados foram colocados na classe social baixa e no caso dos sujeitos serem reformados teve-se em atenção a sua profissão anterior.

No que toca à idade, oscilam entre os 17 e os 84 anos, com uma média de 32.2 e um desvio-padrão de 14.887. Na figura 5.3 apresentamos os sujeitos distribuídos por categorias de idades (de dez em dez anos). Estas categorias vão ser, posteriormente, utilizadas para analisar a relação entre a idade e as dimensões e facetas do NEO-PI-R (*cf.* subcapítulo 5.5). Na figura 5.4 apresentamos o histograma da distribuição dos sujeitos para a variável idade.

	Categoria	nº sujeitos	%
1	Classe baixa	457	23,1
2	Classe média	678	34,3
3	Classe elevada	65	3,3
4	Estudantes	569	28,8
5	Domésticas	204	10,3
	Total	1973	

Quadro 5.7 Distribuição dos sujeitos por profissões

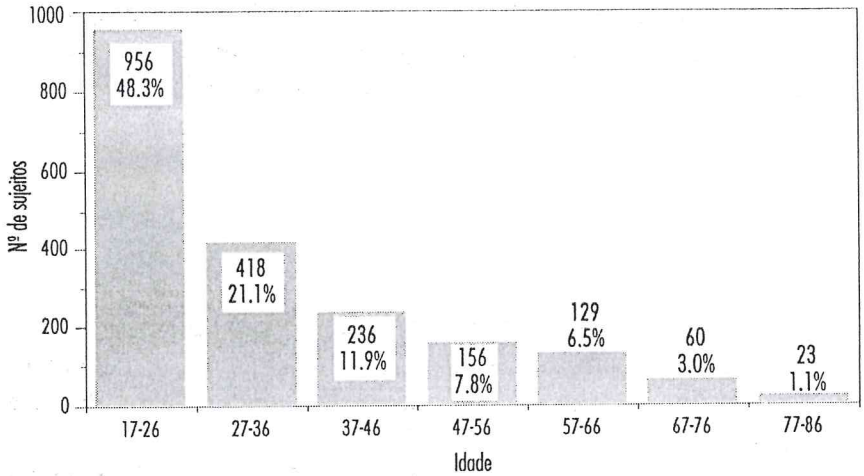


Figura 5.3 Distribuição dos sujeitos por categorias de idades (de dez em dez anos)

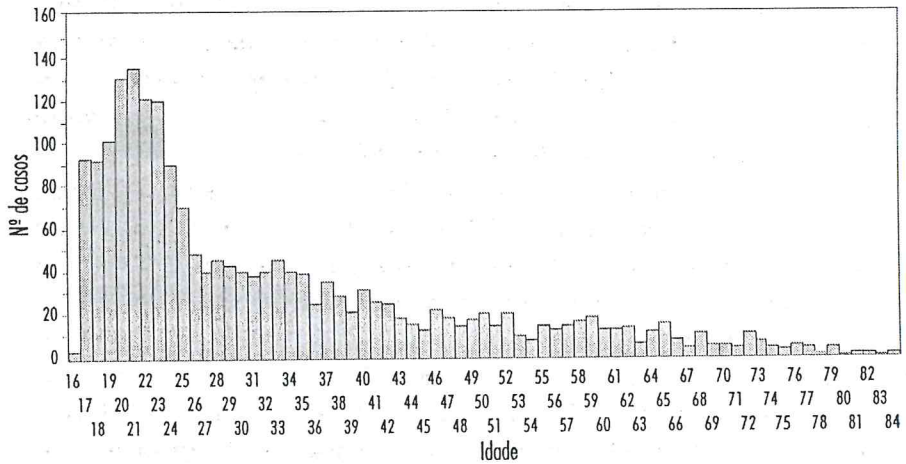


Figura 5.4 Distribuição dos sujeitos por idades

Os sujeitos da amostra definitiva têm uma escolaridade média de 9,5

anos. A amplitude dos resultados, nesta variável, vai de 0 a 20 anos, tendo sido incluídos alguns indivíduos analfabetos (quadro 5.8).

Média	Desv. P.	Mínimo	Máximo
9,547	4,406	0	20

Quadro 5.8 Distribuição dos sujeitos, por nível de escolaridade

A amostra definitiva recolhida é, por conseguinte, um grupo bastante heterogéneo, com predomínio de sujeitos do sexo feminino, trintanários, da classe média, com 9,5 anos de escolaridade e da freguesia de N. Sr.ª do Pópulo.

5.3. Comparação entre a amostra e a população nacional

Nesta secção, comparamos a amostra recolhida com a amostra teórica para verificar a sua aproximação e representatividade, em relação à população nacional.

No geral, as percentagens de sujeitos pretendidos para cada freguesia e os sujeitos efectivamente recolhidos, nas dez freguesias, aproximam-se. Contudo, encontramos diferenças substanciais entre os valores obtidos nas freguesias de S. Pópulo e de S. Onofre (quadro 5.9). Estes valores explicam-se pela maior facilidade em obter sujeitos, na freguesia de S. Pópulo, comparativamente à freguesia de S. Onofre, porque aquela era uma zona com comércio, cafés e instituições públicas. As duas freguesias são, no entanto, contíguas e centrais, na cidade de Caldas da Rainha e, por conseguinte, não são habitadas por sujeitos muito diferentes.

O quadro 5.10 apresenta a comparação entre as percentagens de sujeitos da população portuguesa, do Distrito de Leiria e da amostra definitiva. Os valores relativos à distribuição dos sujeitos por sexo são aproximados, embora a amostra definitiva tenha mais mulheres que o total nacional e a população do Distrito de Leiria. Em relação à idade, a amostra definitiva tem mais sujeitos na faixa etária da jovem adultez e menos idosos do que a população geral. No que diz respeito à variável escolaridade, a amostra definitiva tem sujeitos mais escolarizados e mais estudantes do que a população nacional e a população do Distrito de Leiria.

Em conclusão, a amostra definitiva aproxima-se, em vários aspectos, da população do Distrito de Leiria e da população nacional. No entanto, é composta por sujeitos mais novos e mais escolarizados do que a população nacional.

Nº	Freguesia	nº de sujeitos	% de sujeitos	nº obtido	% obtida	diferença
1	Pousos	411	20.5	398	19.9	.6
2	Barosa	129	6.4	124	6.2	.2
3	Colmeia	257	12.8	258	12.9	.1
4	Bajouca	136	6.8	130	6.5	.3
5	S. Pópulo	170	8.5	522	26.1	17.6
6	S. Onofre	566	28.3	247	12.35	15.95
7	Santa Maria	132	6.6	120	6	.6
8	Pelmá	86.9	4.3	87	4.35	.05
9	Lagarteira	38.6	1.9	38	1.9	0
10	Graça	70.5	3.5	76	3.8	.3
	Total	1997	99.6	2000	100	

Quadro 5.9 Comparação entre o número de sujeitos seleccionados por freguesia e o número de sujeitos efectivamente obtidos

Total	Habitantes	Portugal 9.9 milhões	Leiria 101 mil	Amostra definitiva 2 mil
Sexo %	Masculino	48	48.3	43.18
	Feminino	52	51.6	56.8
Idade %	15/24	16	16.8	40.24
	25/64	49	51	49.69
	65 ou mais	13	11.3	4.95
		11	10	3
Escol. %	Analfabetos Básico	63	66	27.4
	Secundário	21	23.5	44.6
	Médio/Supe.	7	5.6	24

Nota. No cálculo das %s da variável idade, para a população nacional e de Leiria, estão também incluídos os sujeitos com idade inferior a 15 anos.

Quadro 5.10 Comparação entre a % de sujeitos da população portuguesa, do Distrito de Leiria e da amostra definitiva na variável sexo, idade, e escolaridade.

5.4. Procedimento

Foi enviada, em Agosto de 1993, a todos os presidentes das dez juntas de freguesias seleccionadas, uma carta explicativa da investigação, com o pedido de divulgação, junto das subpopulações (ver Anexo 7).

Em Setembro de 1993, começou-se pela primeira freguesia, ou seja, Pousos e, mais concretamente, o lugar de Pousos, a 2 Km de Leiria. No quadro 5.11., podem ver-se, a título ilustrativo, dois itens do mapa da investigação de campo, com o dia, o mês, horas dispendidas, local, número de investigadores envolvidos e o tipo de missão implicada (contacto com a

população, distribuição e passagem de questionários, levantamento dos mesmos).

Data	total horas	local	nº invest.	missão
9/9/93	4	Pousos	2	distribuição de questionários
8/1/94	10	Pousos	5	recolha e passagem de questionários

Quadro 5.11 Mapa de investigação de campo

Os investigadores, devidamente identificados com credenciais da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação (ver Anexo 8), contactaram, pessoalmente, agentes locais influentes, nomeadamente a Junta de Freguesia e o pároco e estabelecimentos comerciais, situados, estrategicamente, para a população poder aí entregar os questionários, depois de preenchidos. Feitos estes primeiros contactos, distribuiu-se à população não analfabeta um envelope A4 numerado, com:

– Folha de informações e instruções (ver Anexo 9), aludindo às razões de escolha das freguesias, aos testes incluídos, à importância da investigação e aos benefícios da participação (certificado de participação, enriquecimento pessoal e possibilidade de ser enviado 'o seu sumário NEO-PI-R').

– Numa primeira fase, os seguintes testes: Inventário de Personalidade NEO Revisto (NEO-PI-R), Questionário de Personalidade de Eysenck (EPQ de Eysenck), faceta artística do Inventário de Interesses Vocacionais (IIV), Escala da Satisfação com a Vida (SWLS), Questionário de Agressividade (AQ), PANAS. Na segunda fase (depois de termos recolhido o número de testes necessários para a validação do NEO-PI-R), apenas o NEO-PI-R.

Os testes no interior do envelope estavam, de sobrescrito para sobrescrito, balanceados na sua ordenação.

Os questionários foram todos entregues, pessoalmente, aos sujeitos, em situações colectivas (missa), ou individuais (na rua, em casa, no trabalho, em situação de lazer, em instituições públicas ou em estabelecimentos comerciais). Foram distribuídos a todos os sujeitos não analfabetos, residentes na freguesia em causa, maiores de 17 anos e que aceitaram participar na investigação.

Aos indivíduos, que se mostraram interessados, deu-se um diploma de participação na investigação (ver Anexo 10) e aos que o solicitaram enviou-se, posteriormente, o 'Seu Sumário NEO-PI-R' (Anexo 2). A recusa de preencher o questionário neste contacto foi mínima, mas cerca de 50% das casas abordadas não tinham ninguém àquela hora. A generalidade das pessoas não estavam disponíveis para preencher logo o questionário, pelo

que ficou combinado que, nalguns casos, voltaríamos a passar; noutros, os sujeitos entregariam, num prazo combinado, os questionários nos agentes comerciais, atrás referidos, na Junta de Freguesia ou na igreja ou residência paroquial. Para alguns dos sujeitos, que apresentaram maior dificuldades no preenchimento dos questionários, organizou-se uma sessão de dúvidas na igreja; para outros, fomos a casa e ajudámos a preencher os questionários. A percentagem de entregas, durante o prazo marcado, foi de cerca de 10%.

Perante este resultado, resolvemos rever a nossa abordagem, concluindo que a simpatia e boa vontade inicial da generalidade da população não eram suficientes para ultrapassar os problemas (baixa escolaridade, falta de tempo e de disponibilidade), que a tarefa implicava, para a maioria dos sujeitos com menos do 9º ano de escolaridade. Optámos, por conseguinte, pela passagem individual, concretizada na leitura e preenchimento do questionário pelo psicólogo a todos os sujeitos com menos do 10º ano, que assim o requeressem, por qualquer razão (comodidade, falta de tempo, assistência pessoal). Aos sujeitos, que conseguissem preencher o questionário, sem ajuda, eram-lhes dadas cerca de uma a duas horas, passadas as quais, o questionário era recolhido pelo investigador. Este limite só em casos excepcionais era alargado a 24 horas, por verificarmos que tal decrescia a percentagem de testes que seriam efectivamente preenchidos e devolvidos. Aos sujeitos que preenchiam, pessoalmente, os instrumentos, eram-lhes dadas instruções precisas para o efeito e eram ajudados a responder aos primeiros itens do questionário. Apesar destes cuidados, alguns testes apresentaram alguns dados biográficos omissos (*e.g.*, 27 sujeitos não referiram a escolaridade e 22 a idade) e itens não assinalados. No primeiro caso, tentou obter-se esses resultados nas visitas subsequentes a essa freguesia e, em relação aos itens omissos, optou-se por colocar o valor 2 (neutro) no seu lugar, como é recomendado por Costa e McCrae (1992). Deste modo, a percentagem de sujeitos que concordaram em participar e, efectivamente, o fizeram, subiu para perto dos 100%. Com esta nova abordagem, embora a percentagem de questionários obtidos fosse superior, o tempo de passagem dos testes aumentou substancialmente, já que os psicólogo demoravam com os sujeitos, de trinta minutos a duas horas. Isso dependia da velocidade de resposta e compreensão do sujeito, assim como de variáveis situacionais diversas (*e.g.*, vontade de conversar, clientes que apareciam, se o sujeito era empregado de balcão, alunos que interrompiam, se o sujeito era professor).

As dificuldades[33] encontradas na recolha dos dados podem sintetizar-se nas seguintes:

---

[33] Estas conclusões foram baseadas na reflexão sobre a 'ficha de preenchimento do entrevistador', que cada entrevistador tinha que preencher no final do dia.

• Morosidade no preenchimento da bateria de testes e, muito em particular, do NEO-PI-R. Sujeitos, inicialmente dispostos a colaborar, passada uma hora, ficavam fatigados, ou não podiam continuar a adiar os seus afazeres. Em alguns casos, os testes tiveram que ser completados, ao longo de diversas sessões com o mesmo sujeito. Mesmo as pessoas escolarizadas consideraram o inventário muito extenso, preferindo "conversar" com o psicólogo a preencherem-no isoladamente.

• Algumas palavras ou temáticas, incluídas no questionário, eram de difícil compreensão, para determinada faixa da população, tornando necessário que o psicólogo recorresse a explicações. Por exemplo, questões como as abordadas pelo item nº 28 ("Acredito que deixar os alunos ouvir pessoas com ideias discutíveis só os pode confundir e desorientar") e o item nº80 ("Quando inicio um programa de modificação pessoal.."), eram difíceis de responder/compreender pela generalidade das pessoas, especialmente as não escolarizadas.

• Nalguns lugares, foi muito difícil abordar os sujeitos, por não se encontrarem em casa, ou pela dispersão das habitações (por vezes, a kms). Algumas das zonas seleccionadas eram dormitórios (Pousos), com muita emigração para o estrangeiro (Colmeias), ou para a cidade (Pelmá), o que levava à ilusão de se tratar de lugares com aparentemente muita gente, mas em que, na realidade, a população era escassa.

• As condições de recolha dos dados nem sempre foram as mais favoráveis, devido a vários condicionalismos, que dificultaram a concentração dos sujeitos e aumentaram o tempo de preenchimento dos mesmos, como o ruído, as interrupções múltiplas, a presença de outras pessoas e as posições corporais desconfortáveis (*e.g.*, com um cesto à cabeça, à janela).

Por outro lado, a multiplicidade de situações de passagem dos instrumentos tornou naturalmente difícil a nossa tarefa. A título de exemplo, podemos referir alguns dos contextos (felizmente excepção), em que os referidos instrumentos foram passados: às mesas de café, na rua, a andar na estrada, à janela com o psicólogo à chuva, em cima de oliveiras, a cavalo no burro, ao balcão, em automóveis, no jardim, a cavar, a moldar barro, no cabeleireiro, a cortar carne no talho, a colocar cimento, a dar aulas, no tractor, a comer, à lareira, no consultório médico, a lavar no tanque ...

Ainda, no que concerne às dificuldades advindas da impossibilidade de homogenizar as situações de passagem do inventário, acrescente-se, como já foi referido, que alguns sujeitos preencheram os testes em situação de auto-avaliação, enquanto, noutros casos, foram os investigadores a fazê-lo. Algumas vezes, os testes foram passados individualmente (*e.g.*, o psicólogo com uma pessoa na sua casa), outras vezes, em situação de aplicação colectiva (*e.g.*, no quartel dos bombeiros de Óbidos, foi dada autorização para que todos os bombeiros preenchessem ao mesmo tempo os questionários).

• Por vezes, abordar pessoas na rua é bastante desagradável. Contudo, foi com muito agrado que pudemos constatar que a generalidade

dos sujeitos, contactados nestas condições, foi muito receptiva e simpática, mesmo quando não podiam dispender tempo para preencher os questionários. As razões para não participar na investigação deveram-se, essencialmente, à pressa, a "não gostarem dessas coisas", ou nem sequer estarem interessados em saber do que se tratava. Foi, também, interessante observar que raramente fomos confundidos com vendedores, credores ou grupos religiosos, e nas poucas ocasiões que tal sucedeu, o equívoco desaparecia rapidamente. Os habitantes das zonas rurais foram, possivelmente, os mais simpáticos e receptivos, tendo sido várias as vezes que os psicólogos foram convidados a compartilhar uma refeição com os sujeitos entrevistados. Mas situações houve, em que os sujeitos não foram tão simpáticos[34].

• Muitos dos sujeitos aproveitavam a situação da passagem do teste para desabafarem, ou contaram os seus problemas, ou história de vida. Nestes casos, nem sempre foi fácil centrar os sujeitos na tarefa. Como exemplo, um psicólogo esteve cerca de 3 horas com o Pároco de uma das freguesias, que quis compartilhar com ele a sua experiência de vida nas missões.

• Foi muito difícil encontrar determinado tipo de pessoas, particularmente, os sujeitos de classe elevada. Uma das razões pode ser o seu tipo de profissão, que as afaste do lar e dos lugares públicos.

• A aparente redundância de alguns dos itens do NEO-PI-R parece incomodar alguns sujeitos. De qualquer forma, esse problema inerente a certos itens (a aconselhar a revisão dos mesmos) parece ser mais notório na versão portuguesa do que na Americana e é, particularmente, relevante em relação aos itens nº 83[35] ("Gosto de resolver problemas e quebra-cabeças – *puzzles* "), 143[36] ("Gosto de resolver problemas – *puzzles* – do tipo quebra-cabeças"), 3[37], ("Tenho uma imaginação muito activa") e 63[38] ("Tenho uma grande capacidade de fantasiar"). Os primeiros dois são itens de O5 (Ideias) e os segundos, de O1 (Fantasia).

• Os sujeitos, que mais facilmente aceitaram participar na investigação, foram as mulheres, domésticas, idosos, agricultores, reformados, empregados de balcão e os estudantes (uns, por maior disponibilidade, e outros, por simpatia). Este facto levou a um ligeiro enviesamento da amostra, no que diz respeito ao número de estudantes e domésticas.

• Como aconteceu, aliás, frequentemente, muitos dos sujeitos foram auxiliados no preenchimento do inventário. Este facto coloca a questão de

---

[34] A título de exemplo, um senhor ameaçou uma psicóloga por esta ter batido duas vezes na porta da sua casa e, "ainda por cima", deixar o portão aberto à saída. Noutras duas ou três ocasiões, alguns sujeitos masculinos foram grosseiros na interpretação de alguns dos itens do questionário, quando na presença de psicólogas.

[35] "*I enjoy solving problems or puzzles*".

[36] "*I enjoy working on 'mind-twister' — type puzzles*".

[37] "*I have a very active imagination*".

[38] "*I have an active fantasy life*".

saber se, nalguns casos, passámos realmente um questionário lido ou realizámos uma entrevista. No entanto, muitos autores salientam que as diferenças entre o questionário e a entrevista estruturada são apenas de grau e que esta possui algumas vantagens[39], em relação ao questionário. Foram, no entanto, feitos esforços no sentido de que as questões fossem colocadas de forma padronizada.

A abordagem supracitada, que implicou uma grande proximidade com as subpopulações, revelou, para além das dificuldades, algumas vantagens, que passamos a referir:

- A maior facilidade na detecção de eventuais problemas ou dificuldades na compreensão/interpretação dos itens por parte dos sujeitos examinados. Assim é que conseguimos compreender melhor porque é que, nalguns casos, é baixa a correlação item/faceta do NEO-PI-R (*cf.* secção 5.5). Dificilmente, nos aperceberíamos deste facto, se não tivesse havido contacto directo com os sujeitos, que responderam ao questionário.
- A possibilidade de confrontação das respostas dos sujeitos com a realidade do seu comportamento. Por outras palavras, foi possível apercebermo-nos de algumas das relações entre as respostas dos sujeitos, os seus comportamentos e os comentários de outros significativos. O que se revelou um auxiliar precioso para a reflexão teórica desenvolvida no primeiro capítulo desta dissertação sobre se os traços da personalidade são realidade ou uma construção.
- A aprendizagem sobre a multiplicidade de recursos susceptíveis de se utilizar na mobilização e motivação dos sujeitos para o preenchimento do inventário. Saliente-se a importância da utilização da pressão do grupo e dos líderes de opinião na promoção da cooperação dos habitantes das freguesias seleccionadas[40].
- Finalmente, a possibilidade de reflexão[41] e consequente formula-

---

[39] Nomeadamente, possibilita obter uma maior percentagem de respostas, na medida em que é mais fácil não responder a um questionário do que recusar uma entrevista, ou seja, as pessoas, geralmente, estão mais dispostas a falar com outrem do que a escrever. Com efeito, o problema das não-respostas não é tão evidente na entrevista como é no questionário escrito. A entrevista permite, também, obter informações mais precisas, já que neste tipo de situação o investigador pode, mais facilmente, controlar a validade e a consistência das respostas. Finalmente, outra das muitas vantagens da entrevista é poder ser utilizada com todas as pessoas, mesmo as iletradas.

[40] A título de exemplo, refira-se um café, na Bajouca, que aderiu ao preenchimento dos questionários. Assim, quando alguém aí entrava era "instigado" a preencher um NEO-PI-R pelos clientes que já aí se encontravam e que ainda estavam a fazer ou já tinham feito os testes. O mais interessante é que ninguém se recusava a fazê-lo.

[41] Cada entrevistador dispunha de uma folha, designada 'diário de acontecimentos', que servia para registar o número de pessoas abordadas, o número de recusas em preencher os testes e as razões dessas recusas. O entrevistador podia, também, anotar dúvidas em relação a alguns itens (itens que, devido à sua ambiguidade, deveriam ser retirados ou alterados), alguma história ou acontecimento re-

ção de hipóteses, sobre as diferenças da personalidade dos grupos populacionais com quem estivemos a trabalhar. Com base nas observações empíricas efectuadas, podemos, efectivamente, sintetizar alguns aspectos, susceptíveis de serem, posteriormente, analisados e testados, como, por exemplo, o facto da dimensão Abertura à Experiência não parecer ser afectada, significativamente, pela idade, mas pelas variáveis escolaridade e profissão (outros exemplos serão descritos, aquando das sugestões para investigações futuras, apresentadas na conclusão desta dissertação).

Algumas destas hipóteses de trabalho são analisadas, no capítulo seguinte – sobre a análise dos dados – enquanto outras serão objecto de trabalhos posteriores.

5.5. Análise dos dados

> "As visões populares da matemática, incluindo a que molda a educação matemática das nossas escolas, exageram a sua face lógica e desvalorizam todas as relações com tudo o resto que constitui a nossa experiência humana" (Monteiro, 1989, 76).

Neste subcapítulo, propomo-nos analisar os dados da amostra definitiva. Optámos por fazê-lo, de acordo e na sequência das predições formuladas em 4.3[42]. Estas predições dizem respeito à validade e à fidelidade do NEO-PI-R.

Para efeito de análise dos dados, foram eliminados todos aqueles provenientes de instrumentos, com excesso de itens omissos (*cf.*, secção 3.5.4: indicadores da validade das respostas), ou, em relação aos quais havia qualquer indicação de que o sujeito tivesse respondido, de uma forma não séria (*e.g.*, responder sempre da mesma maneira). Os itens omissos dos questionários aceites foram convertidos em pontuação neutra ou nula (=2). Os nossos cálculos basearam-se nos 2000 questionários seleccionados, por terem sido considerados adequados. A cerca de um quarto dos sujeitos (aqueles que o solicitaram) foi enviado 'O SEU SUMÁRIO NEO-PI-R' (todavia, esta informação não é utilizada na análise dos nossos dados).

---

levante e o seus sentimentos em relação à experiência.

[42] Só fazemos, no entanto, referência às predições -a negro- que pudemos verificar e analisar, no estudo definitivo.

5.5.1. Estudos da Validade

> "Apesar de tudo, a revolução copernicana, no domínio da Astronomia, foi 'apenas uma mudança de ponto de referência da terra para o sol'[43] (McCrae & John, 1992).

Neste subcapítulo, dedicado à análise da validade, começamos por analisar a validade factorial. Como já foi referido, o NEO-PI-R foi construído, para representar o modelo da personalidade dos cinco factores. Por isso, uma prova concludente da sua adequação consiste em averiguar, até que ponto a sua estrutura interna corresponde às predições do modelo. Podemos fazer esta verificação, pelo menos a dois níveis (figura 5.5). O primeiro consiste em sujeitar a análise factorial os 240 itens do NEO-PI-R. Costa e McCrae e Dye (1991) encontraram, através deste processo, cinco factores perfeitamente distintos. As correlações entre os *factor scores* e as escalas dos domínios N, E, O, A e C foram de .91, .89, .95, .95 e .89, respectivamente. A um segundo nível, realiza uma análise factorial, a partir das pontuações das facetas. Costa e McCrae, no manual do NEO-PI-R (1992, p. 44), apresentam uma tabela com a estrutura factorial das 30 escalas. As saturações encontradas são baseadas na amostra normativa, composta por 500 homens e 500 mulheres. Cada faceta tem a sua saturação mais elevada no factor previsto, enquanto fazem sentido saturações elevadas noutros factores.

Resultados muito semelhantes foram encontrados, numa amostra maior, mas menos representativa: a *Employment Sample*. A sua composição diversificada permitiu um exame da estrutura factorial do NEO-PI-R em diversas subamostras: homens e mulheres, brancos e não-brancos, jovens adultos (dos 21 aos 29) e adultos (30 a 64 anos). Os mesmos factores foram encontrados nos dois grupos, com um coeficiente de congruência, variando entre .91 e .99, nos grupos contrastantes. Consequentemente, o NEO-PI-R apresenta validade factorial em diferentes grupos de género, raça e idade (Costa, McCrae, & Dye, 1991).

Os cinco factores foram também reencontrados nos dados utilizados para elaborar as normas, referentes aos sujeitos em idade universitária (*College-Age norms*).

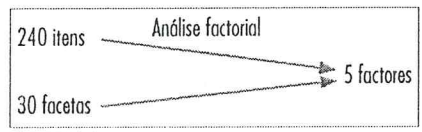


Figura 5.5 As duas principais formas de analisar a estrutura factorial do NEO-PI-R

[43] *"After all, the Copernican revolution in astronomy was 'merely' a shift in the basic point of reference from the earth to the sun".*

Daqui, a nossa primeira predição: **serão identificados cinco grandes factores, através da análise em componentes principais dos 240 itens do NEO-PI-R.** Esta predição foi confirmada, tendo-se encontrado uma solução satisfatória de cinco factores[44].

A partir das cotações dos sujeitos, em cada item, efectuou-se uma análise factorial para verificar se as variáveis (240 itens) poderiam ser explicadas por um número menor de factores. O método utilizado foi uma análise em componentes principais seguida de rotação varimax[45] (quadro 5.12). Obtiveram-se, por este processo, cinco factores que explicam 20.99821 da variância, e com *eigenvalues* superiores a um. No anexo 11, podem ler-se as saturações das 240 variáveis (itens) nos cinco factores extraídos.

Factor	Eigenvalue	% variância
1	16.25731	6.773878
2	12.15657	5.065237
3	9.62624	4.010935
4	7.61052	3.171048
5	4.74508	1.977115
Total		20.99821

Quadro 5.12 Resultados da Análise em Componentes Principais dos 240 itens, seguida de rotação varimax

Os valores encontrados, embora baixos, são semelhantes aos descritos por Costa, McCrae e Dye (1991), cujos primeiros cinco factores obtidos, a partir da matriz de correlações parciais (ver explicação mais adiante), dão conta, apenas, de 22,9% da variância.

Estes resultados não são de estranhar, porque a análise ao nível dos itens é muito problemática. Segundo Costa e McCrae (1995, comunicação pessoal), os itens individuais têm bastante variância de erro, estão contaminados pela aquiescência[46] e são difíceis de interpretar. Pelo contrário, as escalas das facetas são fiéis, estão balanceadas, de forma a controlar o efeito da aquiescência e podem ser interpretadas em função de todos os seus correlatos. Finalmente, se o nosso objectivo é mostrar a estrutura dos traços da personalidade, devemos procurar a estrutura factorial das facetas e não dos itens, porque são as escalas das facetas que correspondem aos traços.

Para obviar à contaminação pela aquiescência e, consequentemente, à complexidade da análise factorial, ao nível dos itens, os autores criaram

---

[44] Todos os resultados das análises factoriais com a amostra portuguesa foram confirmados por McCrae (1995, comunicação pessoal).

[45] Realizada, através do programa Statistica para Windows, processado num computador da linha IBM, confirmada, mediante o programa SPSS, processado através do Vax.

[46] *Acquiescence* significa consentir, condescender, ou seja, neste caso, a tendência a responder aos itens na afirmativa.

uma medida de aquiescência, constituída pelo somatório de todos os itens do NEO-PI-R, sem olhar à direcção da chave (ou seja, se o item está na negativa ou na afirmativa). Este procedimento dá uma medida da tendência para concordar com um item, independentemente do seu conteúdo. As matrizes de correlações parciais (assim designadas, porque só têm em consideração as respostas afirmativas) são sujeitas a análises factoriais, através do programa SAS PROC FACTOR.

Existem outras formas de analisar a estrutura factorial dos itens. Contudo, Costa e McCrae (1994) defendem que esta (análise factorial dos itens) é menos importante que a análise das correlações item-total e a validade convergente e discriminante das escalas. Consequentemente, para obter dados em relação à primeira predição, realizámos apenas a análise dos 240 itens para encontrar as cinco dimensões e não para encontrar as trinta facetas. As análises factoriais, ao nível dos itens e ao nível das facetas são, aliás, exigentes em termos de *hardware* e de *software* (requerem uma memória Ram considerável e programas específicos). Uma alternativa possível, mais acessível, é realizar uma análise factorial de cada um dos 48 itens de cada domínio, separadamente (McCrae, 1994), extrair de cada uma destas análises 6 factores e verificar se reproduzem a estrutura das facetas. Nesta análise, é, também, conveniente controlar a aquiescência. Segundo os autores (Costa & McCrae, 1994) pode-se, de igual modo, analisar a estrutura, ao nível dos itens, levando a cabo uma análise factorial, a partir dos **itens que constituem as facetas**. Este é um teste ainda mais rigoroso ao modelo, porque, ao fazê-lo, coloca-se a hipótese da existência de cinco grupos (os cinco factores), compostos por seis factores (as facetas de cada dimensão), cada um com apenas oito itens[47]. Os autores do questionário têm levado a cabo estas diferentes análises, para testar a estrutura factorial dos itens e das facetas, em diferentes momentos da construção do inventário *(e.g.,* McCrae & Costa, 1983a[48]; Costa, McCrae e Dye, 1991[49]; Costa e co-

---

[47] Embora a concordância, no que concerne aos cinco factores, não seja total, ultrapassa de longe a existente, em relação às facetas que compõem cada domínio. Este facto levou Briggs (1992) a considerar que tal será o passo seguinte a tomar na mensuração da personalidade.

[48] Na selecção dos itens para o NEO PI original, McCrae e Costa (1983a), depois de efectuarem a análise em componentes principais com rotação varimax, confirmaram que os factores N, E e O podiam ser facilmente identificados; os itens que não conseguiram a saturação no factor pretendido, ou tinham saturações superiores noutros factores, foram eliminados. O passo seguinte foi a análise dos itens, dentro de cada domínio, de forma a produzir escalas de facetas maximamente discriminantes. Estas distinções mais finas não foram conseguidas através de rotação varimax devido, especialmente, a pequenos efeitos de aquiescência. Utilizaram, então, uma solução ortogonal designada por Procusta (Schonemann, 1966), rodando os factores, de forma a adequarem-se maximamente ao modelo teórico e seleccionando os itens que claramente definem estes factores. A validade convergente e divergente das escalas das facetas resultantes foram testadas por muitos estudos subsequentes.

[49] Estes autores, nos estudos-piloto para o desenvolvimento das escalas das facetas A e C, levaram a cabo uma série de análises factoriais, seguidas de análises

laboradores, 1991[50]). No entanto, estas análises, segundo Costa e McCrae (1992) e Costa e McCrae (1994), não são absolutamente necessárias, porque as correlações item/faceta, por si sós, dizem se temos algum problema com os itens. E, em última instância, a validade discriminante e convergente das escalas das facetas é mais importante do que a estrutura factorial dos itens.

A segunda predição – **serão identificados cinco grandes factores, através de análise factorial das 30 facetas do NEO-PI-R** – foi confirmada, tendo-se encontrado uma solução satisfatória de cinco factores.

Efectivamente, os resultados[51] da análise em componentes principais, seguida de rotação varimax, das 30 facetas do NEO-PI-R, com restrição a cinco factores, indicam que este número de dimensões dá conta de 54% da variância (quadro 5.13), sendo os *eigenvalues* encontrados todos superiores a 1[52]. Na figura 5.6, podemos observar o *scree test*[53] a partir destes resultados e no anexo 12 encontram-se as saturações das 30 facetas nos

---

dos itens, com intenção de seleccionar os melhores oito itens a incluir em cada faceta. Os itens com relações muito elevadas com outros factores foram eliminados. Seguiram-se análises factoriais separadas para os itens de A e de C. Estas análises corroboraram as distinções conceptuais entre as facetas e levaram ao desenvolvimento das escalas finais desta fase, compostas pelos 36 itens originais de A e C e 60 dos novos itens. Por fim, extraíram e rodaram seis factores em cada caso, ou seja, em cada domínio.

[50] Costa e colaboradores (1991) extraíram 30 factores da matriz de correlações parciais (que dão conta de 43,8% da variância). Quando os 30 factores (após rotação varimax) foram analisados, a partir da matriz factorial dos 240 itens, de entre os que foram encontrados, três eram factores gerais, representando N, C e uma combinação de itens de E e A. No entanto, mesmo nesta análise, foi possível redescobrir 15 das escalas de facetas com correlações com as pontuações dos factores de .66 a .90. Através de rotação ortogonal Procusta (Schonemann, 1966), tendo em atenção a chave dos itens, obtiveram-se os resultados esperados, ou seja, um total de 206 dos 240 itens tinham a sua saturação mais elevada no factor adequado. Deste modo, para cada uma das escalas de domínios com 48 itens, 39 dos itens de N, 40 dos itens de E, 45 dos itens de O, 41 dos itens de A e 41 dos itens de C tinham a sua saturação máxima no factor pretendido. As correlações convergentes entre os factores e as respectivas escalas de facetas oscilavam entre .54 e .89, com uma mediana de .72; em contraste, a maior das 870 correlações discriminantes era de .34. Consequentemente, os autores puderam afirmar que as distinções conceptuais incorporadas nas facetas do NEO-PI-R são condizentes com a estrutura factorial dos itens.

[51] Os cálculos foram efectuados no programa Statview para Macintosh.

[52] Existem, segundo Stevens (1986, p.341), quatro métodos para decidir quantos componentes reter, após a análise factorial. Provavelmente, o mais difundido é o critério de Kaiser em que se retém apenas os componentes, cujos *eigenvalues* são superiores a um.

[53] Segundo Stevens (1986, p.341) é um método gráfico de decisão de quantos componentes reter, proposto por Cattell (1966), em que a magnitude dos *eigenvalues* (eixo vertical) é colocada em relação ao seu número de ordem (1º, 2º). O que acontece geralmente é que a magnitude dos *eigenvalue* tende a cair repentinamente e depois a estabilizar. Tanto o método do *scree test* como o de Kaiser podem ser aplicados aos nossos dados.

cinco factores. Os valores obtidos com a solução oblíqua aproximam-se dos da rotação varimax. Contudo, esta apresenta uma melhor solução para os dados.

Factor	Eigenvalue	% da Variância explicada
1	5.53	18
2	4.29	14
3	2.96	1
4	2.04	07
5	1.35	05
Total		54

Quadro 5.13 Resultados da Análise em Componentes Principais das 30 facetas, seguida de rotação varimax e restrição a cinco factores

Estes resultados aproximam-se dos obtidos com as amostras americanas. Efectivamente, Costa, McCrae e Dye (1991), ao realizarem esta mesma análise, encontraram cinco componentes principais com *eigenvalues* superiores a um e que, em conjunto, davam conta de 58% da variância. Após rotação varimax, todas as escalas das facetas, encontradas no estudo de Costa, McCrae e Dye (1991), tiveram a sua saturação máxima no factor previsto; por conseguinte, todas as seis facetas dos domínios covariam, de forma a compor os cinco factores. Como já foi referido, o facto de se encontrarem seis saturações secundárias elevadas é, segundo os autores, teoricamente compreensível. Por exemplo, E4 (Actividade) tem saturações positivas em C, porque dificilmente somos conscienciosos, se não formos activos; da mesma forma, A3 (Altruísmo) tem saturações positivas em E, porque é difícil ajudar os outros, se evitarmos o contacto com eles; N2 (Hostilidade) tem saturações positivas em A, porque as pessoas hostis são geralmente antagonistas.

Em face da proposta de McCrae e colaboradores (1994) de se utilizarem rotações orientadas por hipóteses ou rotações dirigidas (*targeted rotations*), realizámos uma análise factorial da amostra completa (2000 sujeitos; Anexos 13 e 14) e de duas subamostras da amostra definitiva (de 288 alunos entre os 16 e os 20 — ver Anexos 15 e 16 — e de adultos não estudantes com idades compreendidas entre os 21 e os 84 anos — ver Anexo 17 e 18), encontrando-se, em todas, uma solução de cinco factores. Esta solução foi considerada por Costa e McCrae como razoável, querendo significar que a estrutura factorial reproduzida, depois da rotação, se adequa à estrutura teórica esperada. E, efectivamente, tanto a rotação varimax (Anexo 13, 15 e 17), como a Procusta[54] (Anexo 14, 16 e 18) conduziram a

[54] McCrae (1995) refere que, embora a rotação varimax seja a mais divul-

soluções, que se adequavam à matriz factorial-alvo da amostra normativa americana, apesar de um sexto *eigenvalue* exceder, por muito pouco, o valor 1.0 nas duas sub-amostras. McCrae (1995, comunicação pessoal) defende, no entanto, que a Análise Paralela de Horn (*Horn Parallel Analysis)* deve ser preferida ao cálculo dos *eigenvalues*. Nesta técnica, cada *eigenvalue* é comparado aos *eigenvalues* obtidos, através de uma análise de simulação de variáveis aleatórias com o mesmo número de casos. O cálculo de uma Análise Paralela confirmou, com os nossos dados (2000 sujeitos e 30 facetas), a existência de apenas cinco factores. A percentagem de variância encontrada, através da rotação Procusta, foi de 55.4%, na nossa amostra, e de 56.9%, na amostra normativa americana. No entanto, o valor da variância, segundo McCrae (1995, comunicação pessoal), é útil para recordar que nem toda a variância é explicada pelos factores comuns[55], devendo ser relativizada a sua importância.

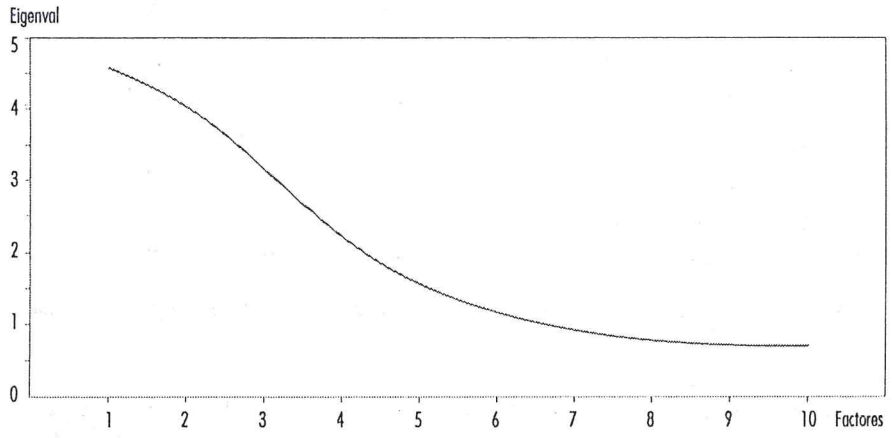


Figura 5.6 Gráfico dos Eigenvalues

Após a rotação Procusta, os valores dos coeficientes de congruência[56] dos factores foram todos superiores a 99% de rotações, a partir de

---

gada nos Estados Unidos, a rotação Procusta é preferível, porque 'afina' os resultados.

[55] A comunalidade (h2) é a % da variância de uma variável explicada pelos factores. A especificidade (u2) é a variância única relativa a uma variável e que não é explicada pelos factores extraídos.

[56] A congruência factorial (*factor congruence*) é, segundo McCrae (1996), "uma medida da semelhança entre dois factores de análises diferentes" ("*is a measure of the similarity of two factors from different analyses*"), por exemplo, da semelhança entre o factor Extroversão da amostra portuguesa e da amostra americana. É uma correlação semelhante, mas não idêntica, à de Pearson entre duas colunas de saturações factoriais. A fórmula mais usada é:

$$\frac{\sum x.y}{\sqrt{\sum x^2 . \sum y^2}} \quad \text{ou} \quad \frac{\text{Sum}(x * y)}{\text{SQRT}[\text{Sum}(x * y) * \text{Sum}(x * y)]}$$

onde x é a primeira variável e y a segunda (Everett, 1983).

dados aleatórios (*"congruence higher than 99% of rotations from random data"*; McCrae, 1995; comunicação pessoal) e os coeficientes de congruência dos itens foram todos superiores a 95% de rotações, a partir de dados aleatórios.

A rotação Procusta com a amostra completa revelou que todos os factores e todas as variáveis (facetas) tinham padrões significativos de saturações. No entanto, N5 (Impulsividade), E3 (Assertividade) e E4 (Actividade) revelaram-se fracos indicadores dos factores preditos (de facto, E3 tinha a sua saturação máxima em A e não em E, e E4 em C). No entanto, o padrão geral encontrado é semelhante ao americano (Costa & McCrae, 1992), como é possível verificar, através do quadro comparativo das saturações factoriais para estas três variáveis (ver quadro 5.14).

		N	E	O	A	C
N5	Portug.	.39	.33	.26	-.21	-.34
	America.	.49	.35	.02	-.21	-.32
E3	Portug.	-.32	.34	.17	-.47	.17
	America.	-.32	.44	.23	-.32	.32
E4	Portug.	.06	.33	.20	-.24	.34
	America.	.04	.54	.16	-.27	.42

Quadro 5.14 Comparação das correlações entre as três facetas e os cinco factores na amostra portuguesa e americana

Os resultados do quadro 5.14 indicam que as escalas (portuguesa e americana) revelam, nas duas versões, o mesmo tipo de complexidade factorial, embora com uma ênfase diferente, em função da especificidade cultural de cada país.

É interessante notar que os estudos com a amostra chinesa (McCrae, Costa & Yik, 1995) encontraram alguns problemas parecidos com os da amostra portuguesa. Nomeadamente, emergiram, de início, seis *eigenvalues* superiores a 1, embora o *scree test* revelasse apenas 5, e duas facetas com saturações secundárias significativas (ou seja, com saturações, com outros factores que não o seu, superiores à correlação .3).

Como complemento das análises precedentes, realizou-se uma análise em componentes principais[57], seguida de rotação varimax das 30 facetas do NEO-PI-R, em que não foi pedida qualquer restrição de factores.

Ainda de acordo com McCrae (1996), "geralmente os coeficientes de congruência não têm um teste de significância, mas a regra comummente seguida é que um factor é replicado, se o valor é superior a .90. Alguns especialistas aceitam o valor de .85." (*"Usually congruence coefficients don't have a significance test, but the usual rule of thumb is that a factor is replicated if the value is above .90. Some experts consider a value as low as .85 to indicate a match"*).

[57] Os cálculos foram efectuados no programa Statview para Macintosh.

Obtiveram-se 15 factores. No entanto, só os primeiros cinco apresentavam *eigenvalues* superiores a 1 e davam conta, só por si, de 49% da variância (quadro 5.15). As saturações entre os factores e as facetas encontram-se no anexo 19.

Factor	Eigenvalues	% variância
1	5.53	18
2	4.29	14
3	2,96	10
4	2.04	07
5	1.35	05
6	0.96	03
7	0.9	03
8	0.79	03
9	0.78	02
10	0.71	02
11	0.68	02
12	0.65	02
13	0.64	02
14	0.62	02
15	0.56	02
Total variância		77

Quadro 5.15 Resultados da análise em componentes principais, seguida de rotação varimax e sem restrição de factores, das 30 facetas do NEO-PI-R

A predição – **todas as facetas do mesmo domínio, estarão correlacionadas entre si e com instrumentos que avaliem esse mesmo factor** – foi confirmada. Efectivamente, todas as facetas pertencentes ao mesmo factor estão correlacionadas entre si, com instrumentos que avaliam esse factor e com a dimensão a que pertencem.

O quadro 5.16 apresenta as correlações entre o Neuroticismo do NEO-PI-R e as suas seis facetas (a negro, a correlação das seis facetas com o factor). Como previsto, são todas positivas e, na generalidade, superiores a .3, com excepção de N5 (Impulsividade) com as restantes facetas.

No que concerne à Extroversão do NEO-PI-R, o quadro 5.17 apresenta as correlações entre este domínio e as suas seis facetas. De acordo com a predição, a generalidade das correlações são positivas e superiores a .3. Exceptuam-se as correlações de E1 (Calor) com E3 (Assertividade); E4 (Actividade) e E5 (Procura de Excitação); E2 (Gregariedade) com E3 (Assertividade) e E4 (Actividade); e finalmente, E4 (Actividade) com E5 (Procura de Excitação).

As correlações entre o domínio O do NEO-PI-R e as respectivas seis facetas encontram-se no quadro 5.18. Como era de esperar, a generalidade

das correlações são positivas e superiores a .3, com excepção de O4 (Acções) com as restantes facetas, que se situam entre .2 e .3. Segundo McCrae (1992), as correlações das facetas de O com a respectiva dimensão são menores do que entre os outros domínios e suas facetas. Porém, este facto não se verifica com os resultados da nossa amostra definitiva, nem com a nossa amostra-piloto.

	N	N1	N2	N3	N4	N5	N6
N	1						
N1	.695***	1					
N2	.671***	.355***	1				
N3	.749***	.456***	.431***	1			
N4	.692***	.380***	.340***	.559***	1		
N5	.488***	.181**	.195**	.196**	.247**	1	
N6	.760***	.407***	.416***	.521***	.448***	.292**	1

Nota: *** p<.001; **p<.01.

Quadro 5.16 Correlações entre o domínio N do NEO-PI-R e respectivas facetas

	E	E1	E2	E3	E4	E5	E6
E	1						
E1	.609***	1					
E2	.678***	.371***	1				
E3	.553***	.114**	.207**	1			
E4	.490***	.179**	.101**	.297**	1		
E5	.698***	.245**	.387***	.256**	.211**	1	
E6	.727***	.418***	.337***	.277**	.266**	.425***	1

Nota: *** p<.001; **p<.01; * p<.05.

Quadro 5.17 Correlações entre o domínio E do NEO-PI-R e respectivas facetas

	O	O1	O2	O3	O4	O5	O6
O	1						
O1	.72***	1					
O2	.726***	.369***	1				
O3	.697***	.458***	.430***	1			
O4	.534***	.274**	.265**	.209**	1		
O5	.773***	.439***	.486***	.445***	.277**	1	
O6	.612***	.337***	.310***	.332***	.310***	.372***	1

Nota: *** p<.001; **p<.01.

Quadro 5.18 Correlações entre o domínio O do NEO-PI-R e respectivas facetas

O quadro 5.19 apresenta as correlações entre o domínio A do NEO-PI-R e as suas seis facetas. Como previsto, as correlações entre as facetas de A são positivas e situam-se entre .24 e .46, com excepção de A5 com A1 que foi de .18. Como seria, também, de esperar, as correlações entre a dimensão A e as suas seis facetas são superiores às correlações das facetas entre si.

	A	A1	A2	A3	A4	A5	A6
A	1						
A1	.616***	1					
A2	.701***	.272**	1				
A3	.656***	.348***	.288**	1			
A4	.722***	.344***	.434***	.379***	1		
A5	.651***	.182**	.462***	.257**	.335***	1	
A6	.595***	.240**	.262**	.381***	.276**	.328***	1

Nota: *** p<.001; **p<.01.

Quadro 5.19 Correlações entre o domínio A do NEO-PI-R e respectivas facetas

Por fim, no quadro 5.20, são referidas as correlações entre o domínio C do NEO-PI-R e as suas seis facetas. Todas elas são positivas e significativas. No que concerne às facetas, entre elas, os valores das correlações, situam-se entre .30 e .53.

	C	C1	C2	C3	C4	C5	C6
C	1						
C1	.692***	1					
C2	.698***	.343***	1				
C3	.761***	.438***	.422***	1			
C4	.726***	.471***	.416***	.482***	1		
C5	.794***	.498***	.489***	.528***	.528***	1	
C6	.667***	.350***	.322***	.437***	.298*	.401***	1

Nota: *** p<.001; * p<.05.

Quadro 5.20 Correlações entre o domínio C do NEO-PI-R e respectivas facetas

Acabámos de ver que todas as facetas do mesmo domínio estão correlacionadas entre si. Por outro lado, encontram-se também correlações apropriadas entre as diferentes facetas e instrumentos que avaliam esse mesmo factor. Assim, a generalidade das 6 facetas do **Neuroticismo** estão correlacionadas com a escala de Neuroticismo do Questionário de Persona-

lidade de Eysenck (EPQ). Na verdade, N1 (Ansiedade), N2 (Hostilidade), N3 (Depressão), N4 (Auto-Consciência) e N6 (Vulnerabilidade) apresentaram, respectivamente, as seguintes correlações com o N do EPQ: .67, .61, .41, .37, e .62. No entanto, N5 (Impulsividade) só atingiu .16 (quadro 5.21). Por sua vez, a correlação do N total do NEO-PI-R com o N do EPQ foi de .75. De modo semelhante, todas as 6 facetas da **Extroversão** estão correlacionadas com a escala de Extroversão do EPQ (quadro 5.21). Assim E1 (Calor), E2 (Gregariedade), E3 (Assertividade), E5 (Procura de Excitação) e E6 (Emoções Positivas) apresentaram, respectivamente, as seguintes correlações com o E do EPQ: .57, .57, .54, .47, e .55. Excepção feita para E4 (Actividade) que apenas obteve uma correlação de .24. Por sua vez, a correlação do E total do NEO-PI-R com o E do EPQ foi de .7.

	N EPQ		E EPQ
N	.75***	E	.7***
N1	.67***	E1	.57***
N2	.61***	E2	.57***
N3	.41***	E3	.54***
N4	.37***	E4	.24**
N5	.16*	E5	.47***
N6	.62***	E6	.55***

Nota: *** p<.001; **p<.01; * p<.015

Quadro 5.21 Correlações entre as diferentes facetas de N e E do NEO-PI-R e o N e E do EPQ

A predição – **cada escala da faceta terá a sua saturação máxima no factor correspondente, e quando outros valores elevados surgirem, farão sentido** – foi confirmada para a generalidade dos casos.

A partir da análise factorial em componentes principais, com rotação Procusta e restrição a cinco factores das 30 facetas, vemos que a generalidade das facetas (*cf.* Anexo 14; no quadro 5.22 encontram-se as saturações factoriais das facetas no respectivo factor) têm a sua pontuação mais elevada no factor correspondente, excepção feita para N5 (Impulsividade), E3 (Assertividade) e E4 (Actividade). Estas facetas têm a sua saturação principal num factor, que não o seu, apresentando todas elas correlações, acima de .3, com o seu factor correspondente.

As saturações das facetas E3 e E4 no domínio E, respectivamente, da ordem de .34 e .33 (anexo 14), afastam-se dos valores americanos (quadro 5.14) e parecem ir de encontro à proposta, referida em Digman (1990, p. 422), da existência de seis factores – resultado da bipartição do factor Extroversão em sociabilidade e actividade. Efectivamente, os itens que obtiveram valores baixos, no domínio E, são as facetas E3 (Assertividade) e E4 (Actividade), facetas que sublinham mais a actividade do que a sociabi-

lidade. Hogan (1986) também propõe a divisão do factor Extroversão em dois: a Ambição (*Surgency*) e a Sociabilidade. Para que a referida proposta fosse aceite seria, no entanto, necessário mostrar que certas facetas de E se correlacionam mais entre si do que as restantes entre si. Todavia, podemos dizer que as facetas covariam claramente em grupo, de forma a constituir os cinco factores (*cf.* Anexos 12 a 19; no quadro 5.22 encontram-se apenas as saturações das facetas no seu factor).

N		O		E		A		C	
N1	0.77	O1	0.61	E1	0.65	A1	0.54	C1	0.63
N2	0.65	O2	0.64	E2	0.66	A2	0.70	C2	0.69
N3	0.78	O3	0.53	E3	0.34	A3	0.60	C3	0.71
N4	0.71	O4	0.55	E4	0.33	A4	0.71	C4	0.74
N5	0.39	O5	0.69	E5	0.60	A5	0.66	C5	0.73
N6	0.65	O6	0.71	E6	0.65	A6	0.55	C6	0.56

Nota: Valores obtidos com a análise em componentes principais, rotação Procusta.

Quadro 5.22 Saturações factoriais das facetas do NEO-PI-R nos respectivos factores

As saturações significativas (acima da correlação .3, de acordo com McCrae e Costa, 1994) das facetas em factores, que não os seus, foram (ver Anexo 13): E3 (Assertividade) (-.32) e C5 (Auto-Disciplina) (-.32), em N; O3 (Sentimentos) (.31), A1 (Confiança) (.50) e A3 (Altruísmo) (.53), em E; N5 (Impulsividade) (.35), E5 (Procura de Excitação) (.36) e E6 (Emoções Positivas) (.44), em O; E3 (Assertividade) (-.55), E4 (Actividade) (-.3), E5 (Procura de Excitação) (-.38) e C3 (Dever) (.37), em A; N5 (Impulsividade) (-.31), N6 (Vulnerabilidade) (-.43) e E4 (Actividade) (.36), em C.

Estas saturações secundárias são explicáveis teoricamente, como já foi acima referido. Estes resultados são compreensíveis, se tivermos em consideração que o "FFM é visto como um sistema de coordenadas ortogonais, mas não é um modelo de estrutura simples. Isto é, não postula que todos os traços da personalidade definem um e um único factor" (*"The FFM is typically regarded as an orthogonal coordinate system but is not a simple structure model. That is, it does not assume that all personality traits define one and only one factor."* (McCrae *et al.*, 1994, p.3).

Ainda no que concerne à validade, para além da análise da estrutura factorial do NEO-PI-R, levaram-se a cabo diversos outros estudos. Assim, foi possível confirmar a predição – **as facetas mostrarão relações diferenciais, ou seja, um padrão de correlações apropriadas e distintas com medidas alternativas de constructos similares, indicando, não só, a validade convergente ou concorrente, mas também a divergente ou discriminante.** Efectivamente, as correlações entre as cinco di-

mensões do NEO-PI-R e o EPQ (escalas N, E e P), PANAS, SWLS, AQ e escala de Interesses Artísticos do Inventário de Interesses Vocacionais foram de encontro às expectativas. Os resultados corroboram ainda os valores apresentados por Costa e McCrae, em investigações precedentes, sobre a validade convergente e discriminante do NEO-PI-R. Para tornar mais clara a interpretação destas correlações, podemos analisar o quadro 5.23.

Predições		Validade	
NEO-PI-R	outros testes	relações esperadas	correlações encontradas
N	N EPQ	positiva	.75 ***
N	PANAS	negativa	-.524 ***
N	SWLS	negativa	-.39 ***
N	AQ	positiva	.35 ***
N2 Hostilidade	AQ	positiva	.44 ***
E	E EPQ	positiva	.7 ***
E	SWLS	positiva	.36 ***
O	IIV	positiva	.38 ***
O2 Estética	IIV	positiva	.42***
A	P EPQ	negativa	-.3***
C	P EPQ	negativa	-.22***

Nota: ***p<.001.

Quadro 5.23 Comparação entre predições e resultados obtidos com a amostra definitiva

Foi, efectivamente, encontrada uma correlação significativa de .75 (p= .0001) entre a escala N do EPQ e a escala N do NEO-PI-R. Outro tanto aconteceu com as facetas, como já foi referido (quadro 5.24). A correlação entre o N do EPQ e o E do NEO-PI-R foi de -.33 (p= .0001), sendo ainda superior à existente entre N do EPQ e E3 (Assertividade) (-.36).

Quanto à correlação entre a escala E do NEO-PI-R e o E do EPQ, foi encontrada um valor significativo de .7 (p= .0001), tendo Costa e McCrae (1986) encontrado valores semelhantes com o E do EPI (versão mais antiga do EPQ). Foram, sobretudo, significativas as correlações do E do EPQ com as facetas de E, como se encontra descrito no quadro 5.21.

A correlação entre N e as PANAS (-.524, p<.0001) é menor que a referida com o EPQ, mas na direcção esperada. Do mesmo modo, foi também encontrada uma correlação entre as PANAS e E (.229, p=.0026) e E6 (Emoções Positivas) (.212) e C (.313, p=.0015) (ver quadro 5.24 para os valores correspondentes às cinco dimensões).

A relação entre o Questionário de Agressividade (AQ) e a escala de N (.35, p< .001) vai de encontro aos dados da literatura, especialmente, no que respeita à faceta Hostilidade (N2), com um valor de .44. Este questionário também revelou uma correlação positiva com N5 (Impulsividade) (.31), e uma correlação negativa e significativa, com A (-.33, p< .001), sobretudo, ao nível das suas facetas A2 (Frontalidade) (-.32), e A4 (Compla-

cência) (-.32).

	N	E	O	A	C
PANAS	.524***	.229*	.154	.016	.313*

Nota: *** p< 0.0001; * p< 0.01. Estes cálculos foram efectuados com 100 sujeitos.

Quadro 5.24 Correlações entre os PANAS e os cinco dimensões

A relação entre SWLS e N (-.39; p=.0001) confirma que os sujeitos com índices mais elevados de N se mostram menos satisfeitos com a vida (Costa & McCrae, 1980; Simões, 1992). Tal relação verifica-se, especialmente, entre a SWLS e N2 (Hostilidade) (-.31) e N6 (Vulnerabilidade) (-.39). Por sua vez, a correlação entre a escala da satisfação com a vida e a escala E foi positiva e significativa (.36; p= .0001). Verificou-se isto, especialmente, entre a SWLS e as facetas E3 (Assertividade) (.32), E4 (Actividade) (.3) e E6 (Emoções Positivas) (.33). Foi encontrada também uma relação significativa entre a SWLS e C (.32, p= .0001). Isto acontecia, particularmente, com as facetas C1 (Competência) (.41), e C4 (Luta pela Realização) (.32).

Paralelamente, existe uma relação positiva significativa entre a faceta dos Interesses Artísticos do IIV e a faceta O2 (Estética) (.42) e a dimensão Abertura à Experiência (O) (.38, p= .0001), não sendo a relação com mais nenhuma faceta ou factor do NEO-PI-R, acima de .3, o que confirma os dados sugeridos pela literatura, a este respeito (McCrae, 1992; Holland, 1985).

Como era esperado, foram encontradas correlações negativas entre os domínios A e C e a escala de Psicoticismo (P) do EPQ de Eysenck, respectivamente, com os valores de -.3 (p= .0001) e -.22 (p< .001). Dados semelhantes foram obtidos por Costa (1991), com valores da ordem de -.33 e -.27 entre estas escalas e P.

Os dados, acabados de descrever, apesar de serem semelhantes aos da **amostra-piloto** apresentam ligeiras alterações, no sentido de que a relação entre E e a SWLS aumentou de .16 para .36 e a de N e SWLS de -.25 para -.39, o que vem reforçar as predições baseadas na literatura. Por outro lado, a relação entre o Inventário de Holland e O e O2 diminuiu (de .5 e .74 para .38 e .42), assim como a relação entre N e N2 e AQ (de .46 e .64 para .35 e .44).

A análise das **correlações entre os cinco domínios** do NEO-PI-R (quadro 5.25) revela os seguintes valores significativos: entre C e N (-.39), C e A (.32) e entre E e O (.54), que são teoricamente compreensíveis. Os resultados são comparáveis aos do estudo-piloto, com excepção da correla-

ção entre C e A, que não era significativa nessa amostra.

	N	E	O	A	C
N	1				
E	-.228*	1			
O	-.03	.537***	1		
A	-.12	-.021	-.001	1	
C	-.388***	.208*	.062	.316**	1

Nota: *** p<.001; ** p<.01; * p<.05.

Quadro 5.25 Matriz de correlações entre as dimensões do NEO-PI-R (amostra definitiva).

Os resultados por nós obtidos, relativos às intercorrelações entre os diferentes domínios (ver quadro 5.25), confirmam as intercorrelações encontradas por Costa e McCrae (1989) e Costa e colaboradores (1991). Em ambos os casos, observa-se uma correlação substancial entre E e O (a nossa, mais elevada: .537), uma correlação negativa moderada entre N e C (-.388) e N e E (-.228) e uma correlação entre A e C (.316), também mais elevada na nossa amostra.

Foi ainda corroborada a nossa hipótese de que o **modelo dos cinco factores seria reencontrado numa grande diversidade de subpopulações que difeririam entre si numa grande multiplicidade de variáveis demográficas.** Com efeito, os nossos resultados apontam para a existência de cinco grandes factores, numa grande diversidade de subpopulações, que diferem, entre si, numa multiplicidade de variáveis demográficas como, por exemplo, a proveniência dos sujeitos, a escolaridade, o sexo, a idade, o nível socio-económico.

No que concerne à proveniência, como já foi referido, não encontrámos diferenças significativas nos domínios e nas facetas do NEO-PI-R, por regiões (estudo-piloto; amostra de militares) e por freguesias (amostra definitiva). Estes resultados assemelham-se, aliás, aos descritos na literatura e apontam para a independência das cinco grandes dimensões, em termos culturais e geográficos.

Em particular, a análise factorial dos resultados, obtidos com a amostra de militares, evidenciou os cinco factores. Por outro lado, a comparação das médias das diferentes amostras não revelou diferenças de relevo. Efectivamente, as médias da amostra total de militares e da amostra definitiva, em relação aos cinco domínios, foram, respectivamente, 94.7/96.2 para N, 107.8/106.8 para E, 109.4/108.6 para O, 117.9/118.3 para A, e 118.1/ 118 para C. Trata-se, pois, de diferenças, perfeitamente desprezíveis, reflexo,talvez, da amostra de militares ser composta por sujeitos mais novos e, predominantemente, do sexo masculino.

Por último, a comparação intercultural dos resultados da amostra normativa portuguesa e da amostra normativa americana (Costa & McCrae, 1992), embora com muitas semelhanças – como já foi analisado – revela também algumas diferenças. Nomeadamente, os portugueses são mais Neuróticos (com um desvio-padrão de .80) e menos amáveis e conscienciosos (com desvio-padrão, respectivamente, de .28 e .35) do que os americanos. Os valores obtidos para as médias nos cinco domínios (figura 5.7) foram, respectivamente, para a americana e para a portuguesa: 79.1/96.2 para N, 109.4/106.8 para E, 110/108.6 para O, 124.3/118.3 para A, e 123/ 118 para C (as diferenças entre as duas amostras, calculadas com o teste t, são significativas $p < .0001$). Os americanos apresentam, por conseguinte, médias mais elevadas em E, O e C e mais baixas em N, em relação à população portuguesa. Estes resultados podem ser consequência das diferenças no grau de "dificuldade" de alguns dos itens ou da existência de estilos de auto-representação culturalmente diferentes. Para averiguar esta questão, os autores do questionário recomendam a realização de um estudo bilingue, à semelhança do levado a cabo com a versão espanhola do NEO-PI-R.

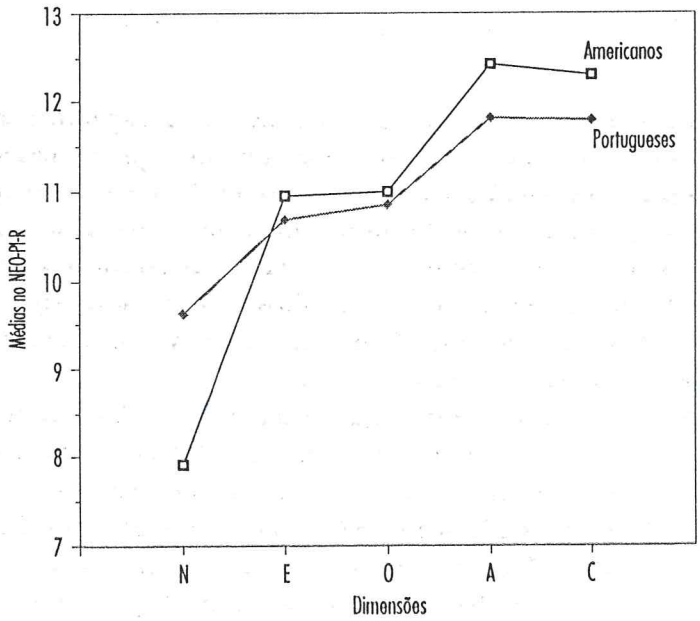


Figura 5.7 Comparação das cinco dimensões na amostra portuguesa e americana

À semelhança das anteriores, a predição – **as mulheres tendem a ter pontuações mais elevadas em N do que os homens** – foi confirmada. Com efeito, os resultados obtidos nos diferentes domínios e facetas do NEO-PI-R, por sexo (quadro 5.26), vão de encontro aos valores referidos na literatura e confirmam, por conseguinte, a nossa predição. Os

dados obtidos corroboram, também, os resultados do estudo-piloto, ou seja, encontrámos diferenças significativas entre os dois níveis da variável sexo nos factores E, N e A. Não parecem, no entanto, existir grandes diferenças entre homens e mulheres em relação às dimensões O e C.

Domínios	Grupos	Média	Desvio-Padrão	t	Significância
O	Feminino	108.879	18.423	-.793	.4281
	Masculino	108.225	18.003		
E	Feminino	105.355	15.818	4.787	.0001
	Masculino	108.765	15.68		
N	Feminino	99.643	18.251	-9.608	.0001
	Masculino	91.7	18.324		
A	Feminino	120.635	15.738	-7.580 A	.0001
	Masculino	115.16	16.286		
C	Feminino	118.726	17.228	-1.979	.048
	Masculino	117.099	19.375		

Quadro 5.26 Médias, desvios-padrões, e resultados no t dos cinco factores, por sexo.

No quadro 5.26., são indicados as médias e desvios-padrões, respeitantes aos dois grupos sexuais. Observamos que os sujeitos masculinos apresentam resultados significativamente superiores às mulheres na dimensão E e os sujeitos femininos obtêm resultados significativamente superiores aos homens nas dimensões N, A e C. Para mais pormenores, ver os anexos 20 e 21 (respectivamente, para adultos e jovens adultos) onde se registam as médias e os desvios-padrões das mulheres, dos homens, e em conjunto, nos 5 factores e 30 facetas do NEO-PI-R.

Em relação às **facetas**, a diferença em causa evidencia-se, sobretudo, em **N1 (Ansiedade)** (a média das mulheres foi de 20.31 e a dos homens de 17.82), **A2 (Rectidão)** (a média das mulheres foi de 19.18 e a dos homens de 17.85), **A3 (Altruísmo)** (a média das mulheres foi de 22.8 e a dos homens de 21.2), **E3 (Assertividade)** (a média das mulheres foi de 13.45 e a dos homens de 14.97) **E5 (Procura de Excitação)** (a média das mulheres foi de 17.51 e a dos homens de 19.52) e **O5 (Ideias)** (a média das mulheres foi de 16.86 e a dos homens de 18) (estes valores são baseados na amostra total).

Quanto à idade, os resultados confirmam as relações esperadas entre esta variável e as dimensões da personalidade, ou seja, que **os indivíduos mais velhos tendem a ter resultados ligeiramente inferiores aos mais novos, em N, E (especialmente, em E5) e O, e ligeiramente superiores, em A e C.** Efectivamente, existe uma relação negativa entre a

variável idade e E, O e N e positiva entre a mesma variável e A e C. Estes resultados confirmam as conclusões de Costa, McCrae e Dye (1991), Costa e McCrae (1992) e McCrae *et al.* (no prelo). No entanto, as correlações por nós encontradas são superiores às referidas por aqueles autores. Uma explicação possível é a de que os nossos idosos têm características diferentes dos incluídos nas amostras americanas, no sentido de que os idosos portugueses têm um nível escolar, social e económico mais baixo. Efectivamente, os idosos cujas respostas foram recolhidas, são, sobretudo, das zonas rurais. A título ilustrativo, a freguesia, por nós seleccionada, com maior percentagem de sujeitos, acima dos 65 anos, foi Pelmá (26,5% de idosos), situada, efectivamente, na zona rural. A relação entre a idade e os cinco factores é visível, sobretudo, na sua relação com O porque os sujeitos mais novos da nossa amostra e da americana são também os mais instruídos, por conseguinte, uma terceira variável — a escolaridade — pode estar também a influenciar a correlação entre a dimensão O e a variável idade.

As correlações entre as cinco **dimensões** e a variável idade (quadro 5.27) são todas significativas, com p=.0001 (excepção feita para N cujo p=.018). No que concerne às facetas, destacam-se como mais significativas (acima da correlação de .3), as correlações da variável idade com **N5 (Impulsividade)** (-.29), **E5 (Procura de Excitação)** (-.38), **O1 (Fantasia)** (-.32) e **O5 (Abertura a Ideias)** (-.33).

Em termos de média, encontram-se também algumas alterações nos valores das **facetas** em função da idade. Constata-se, na verdade, um decréscimo do valor da média de 17.24, entre os 17–21 anos, para 13.42, a partir dos 65, na faceta **N5 (Impulsividade)**; uma diminuição de 20.5, entre os 17–21 anos, para 15.67 a partir dos 65, na faceta **E5 (Procura de Excitação)**; um abaixamento de 18.69, entre os 17–21 anos, para 13.3 a partir dos 65 na faceta **O5 (Abertura a Ideias)**. Se restringirmos a nossa amostra a sujeitos com mais de 65 anos, do sexo feminino e domésticas, verificamos que estes valores ainda decrescem mais (12.67, 14.41, e 11.78, respectivamente para N5, E5 e O5).

	N	E	O	A	C
Idade	-.05	-.285***	-.388***	.256***	.172***

Nota: ***p<.0001.

Quadro 5.27 Correlação entre os 5 factores e a variável idade, no estudo definitivo

Costa e McCrae (1992) encontraram apenas uma faceta com correlação com a idade, acima de .3 (E5), ao passo que nós, na amostra definitiva, como foi referido, detectámos três (E5, O1, e O5). Neste sentido é que os autores do NEO-PI-R, elaboraram, como já foi referido, apenas nor-

mas para sujeitos com idade universitária (17–21) e para adultos acima dos 21 anos de idade.

A comparação das médias dos cinco domínios, segundo os diferentes grupos de idade (17–21; 22–30; 31–64; 65–84 anos[58]), ilustra o que foi atrás referido (quadro 5.28). Com efeito, é interessante observar que, nos domínios E, O e A, existe uma diferença muito nítida entre os dois primeiros grupos de idade e os dois seguintes (diferença essa que chega a ultrapassar os dez valores); em C, o padrão, é mais de um crescendo, a passos constantes; em N, um decrescendo descontínuo, devido ao valor obtido pelos sujeitos do grupo 22–30 anos.

	17—21 anos	22—30 anos	31—64 anos	65—84 anos
N	99.7	94	95.38	93.18
E	112.5	108.98	101.09	101.57
O	114.5	112.3	102.49	93.77
A	114.5	115.85	122.33	127.34
C	113.99	117.12	121.13	125.41

Quadro 5.28 Comparação das médias dos cinco factores, segundo os diferentes grupos de idade.

Ainda no que concerne à comparação entre grupos etários diferentes, verificámos que as médias dos sujeitos com idades compreendidas entre os 17–21 anos e entre os 22–84 anos revelaram uma amplitude maior do que entre o grupo com idades compreendidas entre os 17–30 e os 31–84. Este facto, justifica, por conseguinte, a existência de normas para os sujeitos com 17–21 anos e os 22 em diante (quadro 5.29) e reforça a validade das mesmas. Os resultados, baseados na amostra definitiva de 2000 sujeitos, apresentados no artigo "*Age differences in personality across the adult lifespan: parallels in five cultures*" (no prelo), escrito em co-autoria com McCrae e Costa, indicam também que as pontuações T, para os grupos etários de 18–21, 22–29, 30–49 e mais de 50 anos, são significativas para as cinco dimensões.

No que diz respeito à predição – **a escolaridade mostrará uma associação consistente com a Abertura à Experiência** (O), os resultados

---

58 Escolhemos estas categorias etárias porque: 1) Costa e McCrae preconizam normas específicas para os sujeitos entre os 17 e os 21 anos. 2) Os mesmos autores defendem que a entrada na idade adulta, com a consequente estabilização dos traços, acontece algures entre os 20 e os 30 anos. 3) Consequentemente e de acordo com os referidos investigadores, o terceiro grupo diz respeito à adultez propriamente dita. 4) os 65 anos é a idade indicada pela maioria dos autores, como sendo o início da terceira idade.

confirmam-na. Como é referido, geralmente, pela literatura (Costa & McCrae, 1992), apenas um dos cinco domínios – Abertura à Experiência – apresenta uma correlação acima de .3 com a variável escolaridade. Não é, aliás, surpreendente que as pessoas imaginativas, curiosas e liberais sejam um pouco mais cultas, embora isto levante algumas questões, aliás pertinentes, sobre se é a educação que promove a Abertura à Experiência, ou vice-versa, e se a dimensão O pode ser concebida como um aspecto da inteligência. Para os autores, no entanto, as correlações encontradas não são assim tão elevadas que justifiquem, só por si, que as relações entre a Abertura e a escolaridade sejam, sobretudo, consequência da influência da inteligência, como uma variável interveniente (McCrae & Costa, 1985).

	17—21 anos	22—84 anos	17—30 anos	31—84 anos
N	99.7	94.66	96.73	95.11
E	112.5	104.55	110.67	101.48
O	114.5	106.16	113.4	101.67
A	114.5	119.87	115.23	122.51
C	113.99	119.68	115.64	121.44

Quadro 5.29 Comparação das médias dos cinco factores em diferentes grupos de idade.

Como era, então, de prever existe uma correlação significativa (calculada, através do coeficiente de correlação de Pearson) entre a variável escolaridade e O (.4; p=.0001). A correlação da variável escolaridade com N não se revelou significativa, ao contrário do que aconteceu com os restantes domínios, sendo significativos os valores correspondentes a estes, embora inferiores a .3 (mais especificamente, E era de .21, A de -.15, e C de -.08; p<.001). Pode ser que estes últimos resultados se devam à interferência de outras variáveis, nomeadamente, a idade, porque, se os sujeitos mais novos têm níveis superiores de E e inferiores de A e C, e se são também mais escolarizados, é natural que exista uma relação entre E, A e C e O (sendo a escolaridade a variável interveniente).

A variável **profissão** (classificação: classe elevada, média, baixa[59]) revelou correlações (calculadas, através do coeficiente de correlação de Spearman) significativas (p<.0001), embora pouco elevadas, com O (.307), E (.172), A (.136) e com C (.142) (quadro 5.30). Por conseguinte, quanto mais elevado for o nível socio-económico dos sujeitos, mais elevadas tendem a ser as suas pontuações em E, O, A e C. Estes resultados con-

[59] Excluímos nestes cálculos o grupo dos estudantes (categoria 4) e das domésticas (categoria 5) (*cf.* subcapítulo 5.2. da descrição da amostra)

firmam, por um lado, a predição de que **o modelo dos cinco factores será reencontrado, numa grande diversidade de populações** e, por outro, permitem-nos analisar os diferentes perfis da personalidade, em função da categoria profissional.

	N	E	O	A	C
Profissão	.07	.172***	.307***	.136***	.142***

Nota: *** p<.0001

Quadro 5.30 Correlações entre os 5 factores e 3 níveis da variável profissão

No que concerne às médias, convém sublinhar que as diferenças calculadas através de uma ANOVA *one way* relativa aos resultados dos cinco factores, tendo como variável independente a profissão (operacionalizada em cinco categorias) são significativas (p< .0001) (*cf.* Anexo 25 os valores obtidos com o teste de Scheffée). Destes resultados pode-se depreender que os diferentes grupos profissionais apresentam valores diferentes nos traços da personalidade considerados. É o que mostra o quadro 5.31.

Efectivamente, a dimensão N decresce da classe social baixa para a alta, tendo os estudantes e as domésticas obtido os valores da média mais elevados. Pelo contrário, a dimensão E aumenta da classe social baixa para a alta. No entanto, os estudantes obtiveram o valor mais elevado (112.26) e as domésticas o mais baixo (97.23). Da mesma forma, a dimensão O aumenta da classe social baixa para a alta (com médias no valor de 102.7, 109.07, 114.83, respectivamente), tendo os estudantes registado o valor mais elevado (117.17) e a categoria das domésticas o mais baixo (94.24). Quanto à dimensão A, o valor mais elevado é o das domésticas (126.18), seguido do da classe média (119.4), baixa (118.53) e alta (116.35), tendo os estudantes obtido a média mais baixa (114.18). Finalmente, a dimensão C registou o seu valor mais elevado na classe alta (121.35), seguida da categoria das domésticas (120.57), da classe média e baixa (ambas com 119), pertencendo o valor mais baixo à categoria dos estudantes (113.37)[60].

Em relação às facetas, todas obtiveram valores de F significativos (excepto E1, A3 e C2). Podemos, efectivamente, observar que os sujeitos da classe baixa obtiveram valores inferiores em todas as facetas de O, em N2 (Hostilidade) e N3 (Depressão). Os sujeitos da classe média registaram valores superiores, em relação aos da classe baixa, em N5 (Impulsividade), E5 (Procura de Excitação) mas, sobretudo, em E3 (Assertividade), E4 (Actividade), A6 (Sentimentalismo) e C6 (Deliberação). Os sujeitos da classe elevada apresentaram pontuações, superiores aos da classe média, sobretudo, em E3 (Assertividade), O5 (Abertura a Ideias) e C1 (Compe-

[60] Os valores dos testes post hoc de Schefée são significativos (p<.05; *cf.* Anexo 25)

tência). Os da classe média, em relação aos da classe alta, apresentaram valores superiores em A5 (Modéstia). O grupo domésticas apresentou valores elevados em todas as facetas de A, nas facetas N1 (Ansiedade), N2 (Hostilidade), N3 (Depressão) e N4 (Auto-Consciência), nas facetas C3 (Dever), C5 (Auto-Disciplina) e C6 (Deliberação). O grupo dos estudantes obteve pontuações elevadas, em relação aos outros grupos, sobretudo, em N5 (Impulsividade), nas cinco últimas facetas de E (Gregariedade, Assertividade, Actividade, Procura de Excitação e Emoções Positivas) e nas seis facetas de O.

	Classe baixa	Classe média	Classe alta	Estudantes	Domésticas	F	P
N	95.38	94.33	91.25	97.9	100.55	7	.0001
E	104.9	106.24.	108.34	112.26	97.23	40	.0001
O	102.7	109.07	114.83	117.17	94.24	91	.0001
A	118.53	119.4)	116.35	114.18	126.18	23	.0001
C	119	119	121.35	113.37	120.57	14	.0001

Quadro 5.31 Médias e valores de F dos 5 níveis da variável profissão nos 5 factores

Os resultados referidos nesta secção atestam a validade do NEO-PI-R. Na realidade todas as predições foram confirmadas, indicando que o inventário avalia, efectivamente, os cinco factores. Resta-nos, então, responder às questões sobre a fidelidade do mesmo.

5.5.2. Estudos da fidelidade

Em relação à fidelidade do NEO-PI-R, confirmou-se que a consistência interna das escalas, traduzida no coeficiente alfa, apresenta valores aceitáveis[61] .

Os coeficientes alfa de Cronbach, obtidos para os cinco domínios da amostra definitiva, foram os seguintes: .864 (para C), .853 (para N), .849 (para O), .823 (para A), .796 (para C). No que se refere às facetas, tais valores encontram-se no quadro 5.32. Os resultados, embora sejam, em ambos os casos (dos domínios e das facetas), ligeiramente inferiores aos obtidos no estudo-piloto (que têm uma amplitude entre os .83 e os .90) e nas amostras americanas (cujos valores se situam entre os .86 e os .95 para os factores e .56 e .81 para as escalas das facetas) (McCrae & Costa, 1983a; Costa, McCrae, & Dye, 1991; Fagan *et al.*, 1991; Piedmont, McCrae, & Costa, 1992), corroboram as nossas predições. A análise da consistência

61 Não nos foi possível calcular o coeficiente de fidelidade teste-reteste.

interna, efectuada através dos coeficientes alfa, para todos os domínios e facetas, revelou, no entanto, na generalidade, valores menores do que os americanos, que, já por si, são modestos. Os valores alfa das escalas de facetas (quadro 5.32) são moderados, porque, por um lado, as escalas são pequenas (8 itens) e os itens são elaborados, de forma a serem o menos redundantes possível. Todavia, de acordo com os autores do inventário (1995), a fidelidade baixa não é um problema, desde que as facetas mostrem evidência de uma validade adequada (*cf.* subcapítulo precedente).

N		O		E		A		C	
N1	.57	O1	.67	E1	.57	A1	.66	C1	.49
N2	.57	O2	.70	E2	.63	A2	.52	C2	.57
N3	.67	O3	.53	E3	.50	A3	.6	C3	.61
N4	.54	O4	.37	E4	.26	A4	.58	C4	.53
N5	.45	O5	.72	E5	.55	A5	.59	C5	.61
N6	.64	O6	.37	E6	.57	A6	.39	C6	.68

Quadro 5.32 Alfa de Cronbach para as escalas das facetas

Ainda no âmbito do estudo da consistência interna do inventário, levaram-se a cabo várias análises. Nomeadamente, **estudaram-se os itens, ao nível das facetas e ao nível dos itens**. Cada uma das cinco dimensões é, como já foi referido, composta por 48 itens. Estes estão combinados em grupos de 8, de forma a constituir as 6 facetas de cada dimensão.

As correlações, a itálico e negro, de cada uma das **dimensões** com as suas **facetas** encontram-se nos quadros 5.16 a 5.20 e são sempre positivas, significativas (correlações acima de .3, de acordo com Costa e McCrae, 1992, 1994) e idênticas aos resultados obtidos com as amostras americanas (Costa & McCrae, 1992) e a amostra-piloto (nesta, apenas a correlação entre E6 e E tinha um valor inferior a .3; *cf.* quadro 4.11, subcapítulo da análise dos dados da amostra-piloto).

Como vimos (*cf.* quadro das intercorrelações 35 variáveis X 35 variáveis, no Anexo 22, que apresenta as intercorrelações entre todas as dimensões e facetas), a generalidade das facetas tem a sua correlação máxima no domínio correspondente. Existem, contudo, outras correlações significativas (acima de .3, de acordo com Costa & McCrae, como já foi referido) entre facetas e domínios, que não os seus. Assim, das 150 correlações presentes no quadro (5 domínios x 30 facetas =150), 30 delas, positivas e significativas, verificaram-se entre a faceta e seu factor correspondente, enquanto 21 correlações secundárias se verificaram entre uma faceta e um domínio que não o seu. Estas correlações discriminantes (segundo a expressão de Costa e McCrae, 1992, 1994) são as de N com E3 (-.3), C1 (-.38), C5 (-.45), C6 (-.3); de E com todas as cinco primeiras escalas de O

(correlações de .38, .33, .5, .3, .41, respectivamente), e com C4 (.35); de O com N5 (.3), E1 (.3), E5 (.42); de A com N2 (-.13), E1 (.4), E3 (-.3), C3 (.4); de C com N5 (-.34), N6 (-.48), E1 (.32), A3 (.38).

Comparando as correlações por nós obtidas (Anexo 22) com a matriz de intercorrelações, apresentada no manual do NEO-PI-R (Costa & McCrae, 1992), verificamos que:

— As correlações de N com as facetas de outras dimensões foram as mesmas, e com a mesma amplitude encontrada pelos autores americanos.

— As correlações de E com outras facetas de outras dimensões foram as mesmas no caso de O3, O4 e C4. No entanto, a matriz americana apresenta mais cinco correlações acima de .3, enquanto a portuguesa revela apenas 3.

— As correlações de O, com valores acima de .3, e as facetas de outras dimensões são apenas uma (E6), na amostra americana, e 3 na nossa amostra.

— As correlações de A, acima de .3, com as facetas de outras dimensões, são iguais e de valor superior àquelas por nós encontradas, com excepção de E3.

— As correlações de C, acima de .3, com as facetas de outras dimensões, são 9 na amostra americana e 4 na nossa.

Em conclusão, a nossa matriz apresenta 21 correlações, acima de .3, entre facetas e domínios que não os seus e a americana 25 — valores estes, que revelam a proximidade dos resultados obtidos com a amostra nacional e a amostra normativa americana.

Depois de analisar a relação entre as facetas e os domínios, apresentamos, de seguida, os coeficientes de **correlação item/ total da faceta**[62], para cada uma das 6 facetas de cada um dos cinco factores (quadro 5.33). Por outras palavras, neste quadro, encontram-se as correlações entre as 30 facetas (N1, N2.) e os oito itens respectivos de cada faceta (*e.g.*, v1, v31.)

Os dados obtidos, através das correlações item/total corrigidas, refinam os resultados obtidos com as correlações item/total.

Considera-se que, quando as correlações item/total se aproximam de 0, o item deve ser examinado, visto ser ambíguo, pouco relacionadoa ver com o tópico, não permitindo avaliar, de forma correcta, as diferenças individuais entre os sujeitos. Neste sentido é que, no quadro 5.34, apresen-

---

62 Os cálculos apresentados são correlações item-total corrigidas (correlação com 7 itens, visto que se exclui o item com o qual o total está a ser correlacionado).

tamos os itens a necessitar de revisão, tendo em conta as correlações corrigidas item/total da faceta (item 21, 17, 77, 18, 239, 160, 219, 147). O item 147 é, de entre estes, o único a apresentar correlações positivas com o total corrigido. No entanto, estas são tão baixas (.01 e .2) que resolvemos também propô-lo para alteração.

itens	correlação	itens	correlação	itens	correlação	itens	correlação	itens	correlação
N		E		O		A		C	
V1	.2115701	V7	.4371286	V13	.2487777	V19	.1513079	V25	.3884508
V31	.3350675	V37	.4207760	V43	.3688674	V49	.3358493	V55	.3473357
V61	.3673382	V67	.2699364	V73	.2097861	V79	.2192159	V85	.4029696
V91	.3578301	V97	.2693222	V103	.2652720	V109	.2798570	V115	.3408304
V121	.1298766	V127	.3099083	V133	.2966104	V139	.3427598	V145	.3707298
V151	.2751022	V157	.1761010	V163	.1944832	V169	.3853011	V175	.2099287
V181	.2393034	V187	.2973588	V193	.1409515	V199	.2670236	V205	.2070278
V211	.3466714	V217	.4945630	V223	.2616281	V229	.2891602	V235	.2912689
E		O		A		C		N	
V2	.2259646	V8	.3837073	V14	.2267113	V20	.2594663	V26	.3621834
V32	.2180264	V38	.3622055	V44	.3356934	V50	.3996099	V56	.3918875
V62	.3676241	V68	.3739797	V74	.2742345	V80	.1863638	V86	.2369287
V92	.2742446	V98	.3293248	V104	.3626102	V110	.4221031	V116	.3545827
V122	.4195057	V128	.5559722	V134	.3214999	V140	.0782076	V146	.3601745
V152	.2741731	V158	.4338785	V164	.3364480	V170	.3926829	V176	.4362946
V182	.2992811	V188	.5041999	V194	.2958580	V200	.3374712	V206	.3304572
V212	.2042423	V218	.2200727	V224	.3339977	V230	.0830800	V236	.2717313
O		A		C		N		E	
V3	.2617835	V9	.2054010	V15	.4073068	V21	-.078694	V27	.3092918
V33	.3998348	V39	.4156901	V45	.1864187	V51	.287235	V57	.3599947
V63	.4490431	V69	.2328391	V75	.3675128	V81	.210070	V87	.2899042
V93	.4560225	V99	.2048716	V105	.2274754	V111	.289185	V117	.3677343
V123	.4652093	V129	.1213977	V135	.4168601	V141	.228531	V147	.0146717
V153	.2964987	V159	.3139716	V165	.2890405	V171	.216614	V177	.3572472
V183	.2070460	V189	.4234310	V195	.3608662	V201	.235415	V207	.2470607
V213	.3675171	V219	.0756941	V225	.3451156	V231	.263760	V237	.3443025
A		C		N		E		O	
V4	.3669798	V10	.137283	V16	.3694426	V22	.3626333	V28	.2264425
V34	.4188498	V40	.469942	V46	.2162601	V52	.0884117	V58	.1186343
V64	.1897330	V70	.456723	V76	.2468467	V82	.2180815	V88	.2594270
V94	.4369613	V100	.429078	V106	.2424577	V112	.3057157	V118	.1183636
V124	.2860567	V130	.473436	V136	.3744853	V142	.3670671	V148	.2580770
V154	.4308736	V160	-.091710	V166	.2885585	V172	.3454474	V178	.1401427
V184	.4421527	V190	.222082	V196	.2189741	V202	.2333554	V208	.0541407
V214	.3071941	V220	.288748	V226	.1266140	V232	.2647296	V238	.0460237
C		N		E		O		A	
V5	.1957072	V11	.3553617	V17	-.228046	V23	.3849866	V29	.306787
V35	.1586529	V41	.4374418	V47	.086492	V53	.4292580	V59	.101557
V65	.3074712	V71	.3879775	V77	.014837	V83	.4607792	V89	.286983
V95	.0959860	V101	.2338284	V107	.200934	V113	.4266981	V119	.173495
V125	.3090761	V131	.3625775	V137	.15923	V143	.4683153	V149	.239839
V155	.1929417	V161	.3202605	V167	.143705	V173	.3284854	V179	.297071
V185	.3232704	V191	.4259356	V197	.270179	V203	.4322217	V209	.123672
V215	.3364860	V221	.4175075	V227	.269426	V233	.4544089	V239	-.096103
N		E		O		A		C	
V6	.2136176	V12	.2499551	V18	.0496478	V24	.3585936	V30	.2359507
V36	.3558450	V42	.2242630	V48	.0996207	V54	.2388458	V60	.4235528
V66	.3311197	V72	.3501369	V78	.1691511	V84	.4088936	V90	.4536745
V96	.2481860	V102	.2571285	V108	.1599950	V114	.2080875	V120	.4832888
V126	.2777504	V132	.1528196	V138	.1466656	V144	.1259954	V150	.3470486
V156	.3462139	V162	.2137031	V168	.1141527	V174	.3534484	V180	.4791843
V186	.1778698	V192	.2465855	V198	.2328876	V204	.2571032	V210	.2701991
V216	.2811637	V222	.1520835	V228	.2597049	V234	.4133477	V240	.3408576

Nota: As correlações apresentadas são cálculos a partir da relação entre o item e o total da faceta corrigida. N1, N2... correspondem às 30 facetas. V significa a variável ou item. V1, V2... os diferentes itens de cada faceta.

Quadro 5.33 Correlações item/ total da faceta para os 240 itens

item	r com faceta	r com domínio
21	-.08	00
17	-.23	-.35
77	-.01	-.02
18	.05	-.04
239	-.10	-.16
160	-.09	-.13
219	-.08	-.01
147	.01	.2

Nota: Na segunda e terceira coluna, apresentamos as correlações item/total corrigidas.

Quadro 5.34 Itens a rever

As correlações item/total mostraram, claramente, que alguns itens constituem problemas, o que é revelado, nomeadamente, através de valores negativos. A análise dos dados, separando os sujeitos com mais de 10 anos de escolaridade dos que têm menos, não encontrou, a este nível, diferenças significativas entre os dois grupos. Por conseguinte, o problema não parece ser o fraco entendimento dos itens por parte dos sujeitos. Porém, a informação resultante da passagem de quase 3000 questionários torna as correlações não significativas obtidas mais compreensíveis. Efectivamente, através da análise do léxico e da semântica dos referidos itens, à luz das entrevistas efectuadas com os sujeitos, podemos encontrar alguma justificação para os dados encontrados, da forma que passamos a explanar:

Faceta N5, item nº21:

O[63]: *It is very rarely that I overindulge about something.* (I)[64]

T[65]: É raro eu ceder muito em qualquer coisa.

RT[66]: *I rarely overindulge in anything.*

O item nº 21 pretende ser um item invertido de N5 (Impulsividade), querendo significar que eu raramente me excedo, que raramente ultrapasso determinados limites, que raramente me deixo levar pelos meus próprios impulsos. Ora, esse item foi interpretado pela maioria dos sujeitos da nossa amostra, no sentido de que eu raramente cedo ao pedido dos outros, após ter dito não, isto é, como se denotasse inflexibilidade nas decisões. Em suma, um sujeito pode ceder pouco aos pedidos dos outros mas, frequentemente, exceder determinados limites.

Faceta E4, item 17:

O: *I have a leisurely style in work and play.* (I)

T: Tenho uma maneira de ser descontraída no trabalho e nos

---

63 Original.

64 I= item invertido, na negativa.

65 Tradução.

66 Retrotradução.

tempos livres.

RT: *I have a relaxed style at work and in other activities.*

Este item é um dos oito de E4 (Actividade). No entanto, na versão portuguesa, a tradução de *relaxed* por descontraído parece ter trazido algumas alterações no seu significado original do item. Efectivamente, no contexto português, ter um estilo de 'à vontade', relaxado e pouco tenso não significa, necessariamente, ser dotado de pouca actividade. Daí que, a nosso ver, a correlação encontrada seja mais baixa. Por outras palavras, pode não existir relação entre o estilo relaxado de uma pessoa e a faceta actividade.

Faceta E4, item 77:

O: *My work is likely to be slow but steady.* (I)

T: Posso trabalhar devagar, mas tenho bom rendimento.

RT: *I might work slowly but steadily.*

O item nº 77 pretende ser um item invertido de E4 (Actividade). No entanto, a confusão pode advir do item conter duas ideias: a perfeição e a velocidade. O item significa que tenho tendência a ser uma pessoa lenta mas perfeita, ou seja, realça sobretudo, a velocidade. Ora, muitos sujeitos, respondiam essencialmente, à última ideia, dizendo que tinham bom rendimento, independentemente de trabalharem depressa ou devagar. Perante a formulação do item, um sujeito activo e rápido pode também responder afirmativamente.

Faceta O4, item 18:

O: *I'm pretty set in my ways.* (I)

T: Sou bastante agarrado ao meu modo de ser.

RT: *I'm pretty set in my ways.*

No que diz respeito ao item nº 18, este foi concebido como um item invertido de O4 (Abertura às Acções). Quer dizer que quem está muito agarrado às suas ideias e maneiras de ser é pouco aberto e receptivo a novos empreendimentos e acções. No entanto, parece-nos que os sujeitos confundiram, por vezes, a rigidez, o conservadorismo e a teimosia, significados por este item, com o saber ou não o que se quer. Por outras palavras, as pessoas podem ter uma maneira de ser mais aberta sem, necessariamente, saberem tomar decisões.

Faceta A6, item 239:

O: *I would rather be known as "merciful" than as "just".*

T: Prefiro ser considerado benevolente a ser considerado justo.

RT: *I would rather be regarded as "merciful" than fair.*

O item nº 239 pretende ser um item de A6 (Sentimentalismo). No entanto, os resultados obtidos devem-se, possivelmente, ao facto de muitos sujeitos, mesmo sendo sentimentais e com bom coração, defenderem a justiça, não apenas por esta implicar um comportamento mais racional, mas pelas conotações negativas do termo benevolente (aquele que não sabe colocar limites). Por outro lado, a justiça, no sentido de rectidão, é

um valor muito prezado na nossa cultura. Consequentemente, a substituição do termo benevolente por outro, como, por exemplo, 'piedoso' ou 'generoso' poderia ser suficiente para alterar os resultados.

Faceta C2, item 160:

O: *I tend to be somewhat fastidious or exacting.* (I)

T: Tendo a ser uma pessoa exigente ou difícil de contentar.

RT: *I tend to be somewhat fastidious or exacting.*

Este item está incluído na faceta ordem (C2). Mas a questão, como está formulada, é interpretada pelos sujeitos, como implicando insatisfação, em relação a outrem e/ou às suas condições de vida, e não como um comportamento quase obsessivo e de insatisfação (por perfeccionismo), em relação ao seu próprio trabalho. Muitos dos sujeitos comentavam: "eu contento-me com o que tenho e com o que me dão".

Faceta E6, item 147:

O: *I don't consider myself especially light-hearted.*

T: Não me considero, especialmente, uma pessoa de ânimo leve (leviana).

RT: *I do not consider myself a particularly lively person.*

A faceta E6 (Emoções Positivas) inclui, nos seus itens, o nº 147, que pretende ser um item invertido. Tornou-se, no entanto, ambíguo, devido ao vocábulo *leviana,* que realça mais a conotação de "cabeça no ar" do que a de pessoa que não leva muito as coisas a peito.

Os resultados negativos obtidos com estes itens podem também justificar-se, porque eles estão, na generalidade, na negativa. A sua compreensão por parte dos sujeitos tornou-se, assim, ainda mais difícil. Finalmente, alguns deles contêm algumas palavras muito conotadas socialmente, o que levou a que muitos dos entrevistados elaborassem a sua resposta, logo que as escutavam. Por exemplo, no que concerne a este último item, quando alguns dos sujeitos ouviam a palavra 'leviana', apressavam-se a responder que não eram tal.

A análise das correlações de cada item com a sua faceta confirma que, na generalidade, cada item se correlaciona positiva e significativamente com a mesma. Excepção, como vimos, são os 8 itens dos 240 que necessitam de revisão. Pretendemos, numa futura investigação, escrever novas versões destes itens e passá-los a uma amostra representativa de sujeitos, de molde a modificar os itens problemáticos. No entrementes, para ver até que ponto eles influenciavam os resultados totais, comparámos os dados da análise factorial com todos os itens com os da análise factorial, atribuindo um valor neutro (com cotação =2) a estes itens problemáticos (como se as escalas – N5, E4, E6, O4, A6 e C2 – tivessem 6 ou 7 itens, em vez de 8). Os resultados encontrados figuram nos Anexos 23 e 24, em que podemos observar que a recodificação dos itens como neutros não alterou, significativamente, o resultado da análise factorial, mas melhorou,

consideravelmente, a saturação de E4 em E (de .33 para .45 na rotação de Procusta[67]) e o seu coeficiente alfa. Outra maneira, possível de ver a influência dos itens problemáticos seria correlacionar as duas formas com critérios externos, para ver se se encontravam, ou não, diferenças significativas.

Comparando os dados recolhidos com a amostra-piloto e com a amostra definitiva, vê-se que as correlações item/total da faceta (total da escala não corrigida), obtidas com a faceta E6 (Emoções Positivas), apresentavam, na primeira amostra, correlações na ordem dos .11 a .23, e com a amostra definitiva correlações significativas acima de .4 e .5, excepção feita para o item 147, com valores baixos, nas duas amostras. Como já foi referido, recomendamos que este item, apesar de ter um valor positivo, seja revisto, porque registou uma correlação baixa nas duas amostras. Houve, por conseguinte, um melhoria considerável dos resultados obtidos com a escala E6, da primeira amostra para a segunda. As correlações baixas de O6, com o item 58, e de C5, com o item 205, também aumentaram, tornando-se significativas, da primeira para a segunda amostra. Os itens 21 de N5, 17 de E4, e 147 de E6 apresentaram resultados, baixos nas duas amostras. Finalmente, a correlação do item 160 com a faceta C2, que era positiva e significativa (.3), no estudo-piloto, tornou-se não significativa, com a amostra definitiva (.17).

As diferenças encontradas indicam-nos que houve uma ligeira melhoria dos resultados do estudo-piloto para o definitivo. No entanto, algumas das correlações baixas encontradas no estudo-piloto, que atribuímos ao tamanho da amostra, persistiram na amostra definitiva, reforçando, assim, a necessidade de modificação daqueles itens.

[67] É de salientar que esta análise foi sugerida pelos autores do inventário.

5.6. Discussão dos resultados e conclusões

> "Cá para mim, gosto de um universo que inclua muito do que se desconhece e, ao mesmo tempo, muito do que pode vir a conhecer-se. Um universo que não é susceptível de ser compreendido não é o lugar adequado para um ser pensante. Para nós, o universo ideal é muito parecido com aquele em que habitamos e tenho a impressão de que isto não é coincidência"(Sagan, 1987, p.34).

O NEO-PI-R é o resultado de um trabalho longo de tradução e validação, através do estudo-piloto e do estudo definitivo.

Este último foi baseado em 2000 sujeitos, entre os 17 e os 84 anos, seleccionados de freguesias escolhidas aleatoriamente de um distrito representativo, em diversas variáveis, da população portuguesa. No entanto, por contingências ligadas à administração do inventário, a nossa amostra acabou por ser composta por sujeitos mais novos e mais escolarizados do que a população nacional.

Os locais e formas de passagem dos testes foram bastante diversificados, o que acarretou, por vezes, algumas dificuldades. Para além destas, salientam-se o tamanho do questionário, a complexidade do mesmo para alguns sujeitos (que não conseguiam perceber o conteúdo de alguns itens), a dificuldade em encontrar alguns tipos de pessoas e a necessidade de muitos participantes terem que ser auxiliados no seu preenchimento. Contudo, o procedimento adoptado, embora complexo e pouco homogéneo, trouxe algumas vantagens, das quais destacamos, a detecção e compreensão das dificuldades de interpretação de alguns dos itens e a possibilidade de reflectir e formular hipóteses sobre a personalidade dos grupos populacionais contactados. Algumas destas hipóteses puderam ser verificadas neste estudo, ao passo que outras serão objecto de investigações futuras.

A categorização dos sujeitos por profissões também não foi muito feliz. Assumindo, plenamente, esta limitação, diremos, no entanto, que a inclusão das categorias 'domésticas' e 'estudantes' se prende com o facto de não termos dados sobre estes sujeitos que nos permitissem, com seriedade, incluí-los nos outros níveis da variável profissão.

As predições em relação à estrutura factorial, validade e fidelidade do NEO-PI-R foram, na generalidade, confirmadas, como se pode observar, através da leitura do quadro 5.35.

As primeiras predições tiveram como objectivo estudar e verificar a estrutura factorial do NEO-PI-R e, em última instância, a existência de

cinco factores na população portuguesa. Neste âmbito, e na sequência dos autores do inventário, procedeu-se, no nosso estudo, à extracção dos factores, ou componentes, em primeiro lugar, através do método de análise em componentes principais com rotação varimax (*cf.* Bacher, 1984, 1985; Cooper, 1983; Reuchlin, 1992) e em segundo lugar, com rotação Procusta.

Predição	tipo de análise	confirmado
5 factores, através da AF dos 240 itens	análise em componentes principais com rotação varimax	sim
5 factores, através da AF das 30 facetas	análise em componentes principais com rotação varimax e Procusta (com e sem restrição)	sim
todas as facetas de um domínio estão correl. entre si e com testes que o avaliem	correlações de Pearson	sim
saturações factoriais das facetas com factores são adequadas	análise da matriz de saturações factoriais	sim
validade convergente e discriminante adequada	correlações de Pearson	sim
5 factores são encontrados em subpopulações diferentes	correlações de Spearman e comparação de médias	sim
diferenças sexuais	teste t e comparação de médias	sim
diferenças etárias	correlações de Pearson e comparação de médias	sim
relação entre escolaridade e Abertura	correlações de Spearman	sim
consistência interna com valores aceitáveis	alfa de Cronbach	sim
análise dos itens	correlações item/total corrigidas	sim com excepção de 7 itens

Quadro 5.35 Predições analisadas com a amostra definitiva

Ora, os resultados obtidos, através das análises factoriais efectuadas foram na direcção esperada e são da mesma ordem de grandeza que os encontrados nas investigações de Costa e McCrae. Podemos, pois, dizer que existe a mesma composição factorial nas amostras portuguesa e americana, embora, nesta última, os valores encontrados sejam um pouco mais elevados (McCrae & Costa, 1997).

A análise factorial é uma técnica central na avaliação da personalidade, porque permite descobrir agrupamentos de itens independentes e internamente consistentes. No entanto, os analistas diferem na forma como vêem e empregam a técnica. A perspectiva de Costa e McCrae (1994) tem sido a de realçar os aspectos teóricos e conceptuais da solução, em vez de dar a proeminência a critérios estatísticos ou matemáticos. Deixaram que o modelo, em vez dos *eigenvalues* ou *scree tests*, determinasse o número de factores e preferiram a solução dos componentes principais com rotação ortogonal, a outras, mais complicadas e por vezes mais difíceis de interpretar. Neste sentido, é que se justifica a aceitação, por parte dos autores, de valores baixos de variância explicada. Contudo, o único aspecto em que se distanciaram tecnicamente da análise factorial clássica foi na rotação factorial.

O facto de se encontrarem saturações entre algumas facetas e factores, que não os seus, justifica-se porque, segundo Costa e McCrae (1989, p.587), se desejamos preservar a estrutura simples num instrumento de cinco dimensões, temos de abandonar algumas das facetas; inversamente, se desejamos reter as facetas temos de abandonar a estrutura simples. Embora a estrutura simples proporcione uma orientação na análise exploratória, ao facilitar a interpretação dos factores, existem excelentes razões para adoptar o modelo e também boas razões para conservar os traços que estão relacionados com mais de um factor. Segundo McCrae *et al.* (1994, p.3), "o NEO-PI-R aparenta adoptar um modelo de estrutura simples, porque cada uma das 30 escalas de facetas se destina a avaliar um único domínio, e as escalas dos domínios – a soma das seis facetas respectivas – são utilizadas para estimar os cinco factores. Mas, na realidade, diversas facetas têm saturações secundárias, replicáveis e significativas. Por exemplo, a Hostilidade é considerada uma faceta de N, na qual tem a sua saturação máxima. Mas as pessoas com Amabilidade baixa também experienciam Hostilidade e, por conseguinte, esta faceta tem uma saturação negativa elevada no factor A". Em reconhecimento deste facto, os autores do inventário advogam que os escores de um factor sejam calculados, a partir da totalidade das escalas (*cf.* capítulo FFM). Esta posição, defendida por Costa e McCrae, pode parecer pouco ortodoxa, mas tem precedentes na investigação da personalidade. As cinco dimensões e as 30 facetas estão correlacionadas com uma enorme quantidade de variáveis psicológicas e demográficas. Encontrámos, assim, na nossa investigação definitiva, diferenças nos cinco factores, em função da idade, profissão, escolaridade e sexo. Estes resultados justificam a utilização de normas para jovens adultos (17 aos 21 anos) e para adultos a partir desta idade, assim como folhas de perfil diferentes para homens e mulheres (ver Anexos 20 e 21).

As mulheres são, no que concerne aos domínios, mais neuróticas e amáveis e menos extrovertidas do que os homens. Em relação às facetas, são mais ansiosas, sinceras e altruístas do que os homens, enquanto que estes são mais assertivos, procuram mais a excitação e são mais abertos a novas ideias. Estes dados são confirmados por alguns estudos sociológicos portugueses. Nomeadamente, Cabral (1993, p. 27) refere que "os valores que apontam para o perfil moderno[68] são mais altos para os homens do que para as mulheres, assim como para os activos em relação aos inactivos" (os que não têm uma profissão).

Os nossos resultados também indicam que, com o aumento da idade, os sujeitos se tornam ligeiramente menos neuróticos, menos extrovertidos e menos abertos à experiência, mas, mais amáveis e conscienciosos (McCrae *et al.*, no prelo). No entanto, à idade com que frequentam a universidade, de acordo com Costa & McCrae (1994, p. 40), a semelhança

---

[68] Que é caracterizado, segundo o autor, pela actividade, materialismo e necessidade de realização.

entre a estrutura da personalidade dos jovens e dos adultos é já evidente. Por outro lado, os sujeitos mais novos tendem a ser mais impulsivos, a procurarem mais a excitação, a fantasiarem mais e a serem mais abertos a ideias novas. Cabral (1993, p. 27), a este respeito, afirma: "quanto mais jovem, mais instruído e mais elevado o estatuto social, maior é a motivação para o êxito e, de uma forma geral, a orientação para os valores associados ao desenvolvimento moderno".

Contudo, algumas destas tendências são ampliadas pelo facto dos sujeitos mais jovens serem mais escolarizados. Nomeadamente, a escolaridade está positivamente relacionada com a Abertura à Experiência.

Em relação às diferenças profissionais, podemos, em síntese, referir que os sujeitos incluídos no grupo das 'domésticas' apresentam níveis mais elevados de Amabilidade, Neuroticismo e Conscienciosidade, e mais baixos de Extroversão e Abertura, do que os outros grupos considerados. Os estudantes têm tendência a ser mais extrovertidos, abertos à experiência e neuróticos, e, por outro lado, menos amáveis e conscienciosos. Finalmente, a Extroversão, a Abertura à Experiência e a Conscienciosidade aumentam, a partir da classe social baixa para a elevada, enquanto o Neuroticismo e a Amabilidade diminuem. Ao nível das facetas, é notório o aumento da Assertividade e de todas as facetas de O, da classe social baixa para a alta.

Os estudos de validade, realizados, a partir da correlação do NEO-PI-R com outras cinco escalas de avaliação da personalidade, apontam no sentido da validade convergente e discriminante deste inventário. Por outro lado, as correlações entre as facetas e os factores vão no sentido esperado, enquanto as facetas de um mesmo factor covariam em grupo.

Os índices de fidelidade calculados (alfa de Cronbach e correlações item/total) apresentaram, na generalidade, resultados satisfatórios. Todavia, embora a grande maioria dos itens tenha obtido correlações significativas, com a faceta a que pertencem, oito deles revelaram a necessidade de ser revistos. Este facto indica que um item, à primeira vista pertinente, pode mostrar-se inadequado, para avaliar o constructo pretendido. Costa e McCrae (1992) opinam que tal se deve a várias razões, tais como as palavras serem interpretadas, de forma diferente, por diferentes pessoas, ou, simplesmente, a nossa compreensão inicial do constructo estar errada.

◇

Em conclusão o presente estudo indica que a versão portuguesa do NEO-PI-R mede as mesmas dimensões da personalidade que a versão americana e que, do mesmo modo que as escalas da versão americana, as da versão portuguesa apresentam, de modo geral, boas características psicométricas. Assim, feitas algumas pequenas, mas necessárias, alterações, poderá ser um instrumento de bastante utilidade para as diferentes áreas da psicologia.

Conclusão

Conclusão

"Eu sou aquele que se espanta da própria personalidade, e creio-me portanto português (..)"
(Negreiros, 1917).

Chegámos, por fim, a um dos momentos mais importantes da realização de um trabalho, que é o de sintetizar a informação relevante, reflectir sobre ela e projectar novas investigações. Todavia, não querendo ser redundante, apresentando apenas um sumário dos resumos efectuados no fim de cada capítulo desta dissertação, pretendemos, sobretudo, aprofundar análises e reflexões e fundamentar algumas conclusões. Assim, começaremos por questionar a relevância do modelo dos cinco factores para a psicologia da personalidade contemporânea, justificando, consequentemente, a nossa opção. Depois, encetaremos um juízo crítico sobre a utilidade, validade, fidelidade, vantagens e limites do NEO-PI-R, à luz do modelo que operacionaliza. Esta *démarche* segue uma trajectória, baseada nas principais questões, que se nos levantaram, em cada etapa. Finalizamos, apresentando algumas sugestões para investigações futuras.

O percurso levado a cabo nesta dissertação está esquematizado na figura 6.1. Partimos das concepções mais gerais sobre a personalidade e a psicologia do adulto, para chegar aos estudos sobre o NEO-PI-R. Como referimos, na *Introdução*, o nosso objectivo foi o de encontrar sucessivos contextos e enquadramentos, para situar e perspectivar o NEO-PI-R, e também, fazendo o movimento inverso, servir-nos do NEO-PI-R como pretexto, para penetrar nos meandros e reflectir sobre a personalidade nos anos 90.



Figura 6.1. Esquema da trajectória seguida neste trabalho.

Parece consensual, para a generalidade dos autores (*e.g.*, Buss & Cantor, 1989; Pervin, 1990; Krahé, 1992), que, depois da crise dos anos 60 e 70, o domínio da personalidade, no decorrer dos anos 80, retomou a sua **vitalidade** primitiva. Os sinais desta transformação são assinalados por expressões como 'época de novos rumos' e 'futuro estimulante'. Retirar o melhor do **passado** — aproveitando das contribuições de há 50 anos — e avançar, de forma optimista, para o **futuro**, parecem ser duas das atitudes mais salientes deste período. Somos, por conseguinte, levada a pensar que, por um lado, as sucessivas controvérsias, ao longo da história da psicologia da personalidade, despoletaram um processo de **integração**, impulsionado pela necessidade de desenvolver uma teoria compreensiva da personalidade (*e.g.*, Endler, 1983; Kenrick & Dantchik, 1983; Mischel & Peake, 1983b; Magnusson, 1990; Pervin, 1990; Sarason, 1991). Por outro lado, generalizou-se a aceitação, no interior do domínio (Pervin, 1990), de uma grande **diversidade** de fenómenos — encetou-se a marcha no sentido da pluralidade. A dicotomização e o conflito deram, assim, lugar ao diálogo entre as teorias dos traços/disposicionais e as cognitivo/sociais e à ênfase no que têm de comum as teoria comportamentais, da aprendizagem social, cognitivas e dos traços. Estas integrações reflectem, de forma mais geral na psicologia da personalidade adulta, o esforço para compreender as interacções entre a estrutura e o processo, ou entre a **estabilidade** e a **mudança**, na personalidade.

Tem sentido afirmar que a psicologia da personalidade dos anos 90 está a viver um momento de grande mudança? Serão pertinentes tantas expectativas, em torno deste domínio? O advento do ano 2000 acarretará modificações profundas nesta área de estudo, ou confrontar-nos-emos, recorrentemente, com os mesmos lugares comuns expressos de outras formas?

Reflectindo a vitalidade do domínio, encontramos as novas unidades de análise de nível médio (novas formas de coerência), as novas relações de interdisciplinaridade (nomeadamente, com a psicologia social e com a tecnologia), o interesse pelos aspectos intra-pessoais e interpessoais, privados e públicos da personalidade, os avanços na avaliação e na identificação da estrutura da personalidade, a recontextualização dos traços, a exploração da volição e a expansão das ferramentas explicativas. Todos estes aspectos representam uma agenda bem preenchida para os anos vindouros. Resta saber, contudo, se, para além do optimismo, a psicologia da personalidade tem, a curto prazo, forças e meios que lhe correspondam.. Abona a seu favor, o facto das características apontadas por Novaes (1992) aos cientistas sociais criativos, inspirados nos paradigmas epistemológicos emergentes, poderem já ser reconhecidas, ao nível da psicologia da personalidade, nomeadamente, quando aqueles desistiram de reduzir a personalidade ao parcial (*e.g.*, aos traços), assumindo "suportar o incomensurável, conviver com a desordem e a contradição, dominar códigos e linguagens mais complexas, refinar a sua sensibilidade pela percepção das *nuances* das diferenças, assumir os riscos da complexidade e do apro-

fundamento dos conhecimentos, transcender as dualidades dos saberes, compreender as mutações processuais e sair do desencantamento racionalista para o reencantamento do imaginário"(Novaes, 1992, p. 112-113).

Vimos, no capítulo dedicado às definições da personalidade, que estas se distribuem, ao longo dum contínuo: desde o englobar de todos os aspectos da vida e experiência humana, até à atitude mais básica, mais extremista, de propor a abolição do termo. Afirmámos, então, que as dificuldades de definição deste constructo advêm da sua complexidade — consequência do seu percurso histórico, das preferências teóricas, da diversidade de perspectivas, funções, níveis de explicação e do realce dado ao desenvolvimento ou à estrutura da personalidade. A proposta adiantada foi uma concepção mais englobante e eclética, que toma em consideração a referida complexidade, a diversidade de teorias e de modelos e também os seus aspectos dialécticos e estruturais — as características construtivas da personalidade, assim como das próprias teorias. Efectivamente, as diferentes definições de personalidade estão, também, relacionadas e implicadas em perspectivas e teorias variadas, que têm sido submetidas a análises metateóricas. Estas são, também, leituras — 'olhares' sobre a personalidade. Mas, por serem representações mais englobantes, permitem uma reflexão mais profunda sobre a mesma.

Em suma, defendemos que a personalidade do adulto tem de ser compreendida numa perspectiva mais vasta e abrangente, por referência a todo o curso de vida, e a partir de uma visão contextual e pluralista, em que sejam tidas em consideração as suas diferentes dimensões e níveis.

Assim, as tendências da psicologia da personalidade, nos anos 90 (ver figura 6.2), enquadram-se, como já foi referido, no paradigma epistemológico emergente, como está bem patente na ênfase dada a certos constructos pelos defensores destas tendências, nomeadamente, os de complexidade, recontextualização, as tendências inter e transdisciplinares e o ecletismo e pluralismo metodológico. A psicologia da personalidade é, aliás, no nosso entender, uma disciplina de eleição para o advento dos novos pressupostos epistemológicos, visto o seu centro ser a pessoa, passível apenas de ser compreendida, tendo em conta as dimensões de multiplicidade, dinamismo e totalidade.

Traços: o eterno retorno do filho mal amado, uma temática para estar presente numa 'galeria de obsessões', ou um constructo fundamental na psicologia da personalidade?

Embora a teoria dos traços possa ser interpretada, a partir de uma perspectiva elementarista e, por conseguinte, de uma epistemologia '*dated*' (por realçar a objectividade dos traços, a fragmentação e os aspectos estáticos da personalidade), o modelo dos cinco factores, já se enquadra, no nosso entender, nas novas correntes epistemológicas, visto ambicionar uma perspectiva holística, relacionada com os processos. A proposta de McAdams (1992), ao definir a personalidade, a três níveis paralelos de

funcionamento, a saber, o nível disposicional (*e.g.*, os cinco grandes factores), o nível das preocupações pessoais (*e.g.*, objectivos e tarefas) e o nível da pessoa na sua totalidade – alertou para a necessidade de não escamotear os diferentes níveis de análise, integrando-os. O desafio consiste em pensar como relacionar estes diferentes níveis e jogar com conceitos antagónicos, como os de mudança e estabilidade. Por conseguinte, a definição defendida por Costa e McCrae, enquadra-se, num nível de análise e funcionamento da personalidade, que salienta as regularidades recorrentes (traços), que marcam o estilo próprio de uma pessoa e a distinguem de todas as outras. O modelo proposto – o FFM – embora na versão de Costa e McCrae tenha realçado, no seu início, a constância da personalidade dos adultos e dos idosos saudáveis, permite a estabilidade e a mudança. Os autores supracitados referiam, então, que as alterações qualitativas na personalidade seriam possíveis através de psicoterapias longas e profundas. Actualmente, vão um pouco mais longe, ao propor a existência de processos dinâmicos entre as diferentes categorias de variáveis (1996) e as mudanças da personalidade, ao longo da idade adulta (Costa *et al.*, no prelo).

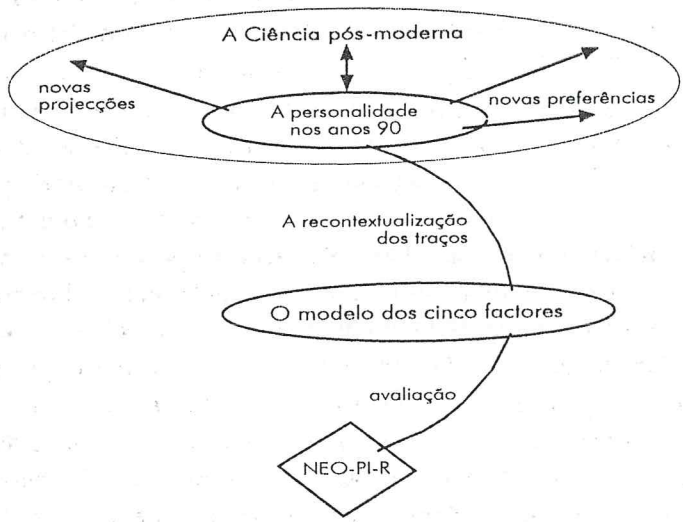


Figura 6.2. A personalidade nos anos 90

Pela posição favorável ou crítica, que assumem, as diversas análises da personalidade, aqui referidas, atribuem um papel de relevo às teorias que assentam nos traços. Estes, enquanto consistências observadas ou padrões recorrentes de comportamento, têm uma longa e polémica história, justificando-se, por conseguinte, que o seu reaparecimento, em força, no proscénio da psicologia da personalidade suscite algumas dúvidas.

Mas a abordagem contemporânea aos traços, fortalecida por uma vida de disputas, concebe estes 'sobreviventes', adequadamente reenquadrados, como constructos analíticos importantes no estudo actual da per-

sonalidade, ao lado das novas teorias e conceitos emergentes. Os traços podem ser, então, definidos como tendências gerais, dimensões das diferenças individuais, padrões consistentes, disposições cognitivo-dinâmicas, estilos emocionais, interpessoais, experienciais, atitudinais e motivacionais, inferidos e hierarquizáveis. Eles têm, presumivelmente, uma base biológica, mas relacionam-se com o ambiente, de forma a produzir interacções características, culturalmente promovidas e significativas. Sem querer compartimentar os domínio, poderá dizer-se que os defensores contemporâneos dos traços se têm distribuído por três linhas de investigação, a saber, a edificação de uma taxinomia dos traços da personalidade (para muitos os cinco grandes factores), explicativos da miríade de traços isolados; a exploração das bases genéticas das diferenças individuais, ao nível da personalidade, corroborada por um corpo impressionante de investigações, que apontam para as origens genéticas e ambientais dessas diferenças; e a perspectiva do construtivismo social, que tenta compreender os traços, enquanto categorias socialmente definidas.

O FFM: uma boa campanha publicitária? Ou um modelo 'cientificamente correcto' — bem fundamentado empiricamente e cheio de potencialidades teóricas?

Os traços foram firmemente reestabelecidos como os constructos centrais na análise da personalidade, corroborados pela evidência convergente nos cinco grandes factores, perspectivados num enquadramento dinâmico e interactivo. O modelo dos cinco factores da personalidade, apogeu das teorias dos traços do final deste milénio, é uma das mais debatidas propostas no domínio da psicologia da personalidade na idade adulta e aquela que melhor representa, na nossa perspectiva, uma concepção de traços possível de reenquadrar nas tendências da ciência pós-moderna. Porém, enquanto perspectiva teórica sobre a personalidade, segundo dois dos seus promotores — McCrae e Costa (1996, p. 7) — contrariamente a muitas teorias da personalidade sem grande fundamentação empírica, o modelo, "baseia-se num compromisso rigoroso com a ciência quantitativa e o pressuposto da racionalidade".

O FFM é, por conseguinte, uma versão teórica dos traços, "uma concepção sobre a natureza humana baseada em conceitos populares (*folk concepts*), na filosofia ocidental e na psicologia científica pioneira de Sir Francis Galton" (McCrae & Costa, 1996, p. 5). A característica mais impressionante deste modelo é, sem dúvida, a sua demonstrada capacidade de auto-correcção e constante actualização, desde o seu aparecimento. Efectivamente, quem tiver acompanhado o desenvolvimento do modelo pode reconhecer que as suas principais críticas e limitações (*e.g.*, que os cinco factores não são compreensivos e não são reencontrados noutras culturas) têm vindo a ser ultrapassadas, devido aos resultados de muitas investigações empíricas. Assim, estes estudos indicam que os cinco factores permitem uma análise global da personalidade, têm uma utilidade predi-

tiva e descritiva importante e são, efectivamente redescobertos, através de investigações interculturais. No entanto, algumas das limitações apontadas ao modelo, continuam sem resposta definitiva, apontando para a necessidade de mais investigações e teorizações. Nomeadamente, em aberto, encontramos questões, como a subdivisão e a refinação teórica do modelo, o significado e a terminologia a empregar na interpretação e designação dos factores e a sua relação com variáveis processuais, contextuais e construtivistas.

Apesar da fundamentação empírica e estatística do modelo ser suficiente para o adoptar, nem que seja, como uma ferramenta com valor heurístico, um contexto, ainda que inicial, para a descrição compreensiva da personalidade, a proliferação recente de perspectivas teóricas sobre o FFM veio enriquecer a proposta, lançando-o para o centro das discussões sobre a personalidade dando-lhe novos significados.

Estas novas tendências, a precisarem de ser aprofundadas, vieram realçar que as teorias futuras sobre a personalidade, mesmo que não tenham como fulcro os cinco factores, terão que, necessariamente, os incluir.

Personalidade, cada um tem a sua para o bem ou para o mal?

A robustez do modelo reside, sobretudo, na sua fundamentação empírica. Efectivamente, as cinco dimensões, ao atravessarem as fronteiras dos métodos e dos observadores, ao persistirem ao longo do tempo, ao aparecerem na totalidade ou em grande parte dos instrumentos derivados de fontes teoricamente diferentes, e ao discriminarem medidas de personalidade de outras aptidões, como a cognitiva, proporcionam, uma linguagem comum, através da qual, diferentes resultados podem ser integrados. Oferecem, ainda, a base para uma análise mais sistemática de novas escalas e para a avaliação compreensiva dos sujeitos. A investigação baseada em listas representativas de adjectivos e nos questionários de personalidade, teoricamente fundamentados, dá suporte empírico à abrangência do mesmo e à sua aplicabilidade, através de diferentes culturas e observadores, reforçando as suas ligações estimulantes com outras áreas da Psicologia (Digman, 1990). Este facto favorece o diálogo desejável e a unificação de referências teóricas e instrumentais entre psicólogos de diferentes áreas — o estabelecimento de novas alianças, como o designa Prigogine (referido em Novaes, 1992, p. 112). O modelo pode ainda servir de ponte entre o psicólogo social e o da personalidade, assim como entre o cientista e o leigo, quando confrontados com a descrição da personalidade, ou seja, é susceptível de constituir um elo de comunicação, uma linguagem, que congrega os diferentes investigadores. Baseando-se naquilo que foi sedimentado na linguagem de todos os dias e naquilo que foi sistematizado por diversas taxinomias da personalidade, o modelo pode reduzir a distância entre disciplinas e diminuir a variabilidade entre diferentes avaliadores.

No presente, o FFM é um conjunto útil de dimensões gerais, que ca-

racterizam as diferenças individuais e que podem ser medidas com grande precisão e validade, proporcionando uma boa resposta à questão da estrutura da personalidade (Digman, 1990; Hogan, 1985; John, 1989; McCrae & Costa, 1989), à desorganização conceptual do domínio e às solicitações de várias áreas da Psicologia. São, aliás, inúmeras, como analisámos, as suas implicações e aplicações para a psicologia da personalidade e para a psicologia da idade adulta. Saliente-se a sua contribuição para a polémica questão da ocorrência de mudanças na personalidade do adulto. Como é sabido, a nossa sociedade valoriza a mudança de toda a ordem, sendo múltiplos os modelos de desenvolvimento que veiculam, de forma mais ou menos explícita, uma ideologia de progresso. Ora, é verdade que o modelo apresenta dados empíricos que sublinham a constância. Porém, esta deve ser compreendida a um determinado nível de análise da personalidade. Este nível permitiu, aliás, tirar implicações do modelo para a prática psicológica (*e.g.*, psicologia clínica, psicopatologia, psicologia da saúde, psicologia do trabalho e das organizações e psicologia educacional). Efectivamente, através da compreensão das diferenças individuais, avaliadas por meio dos cinco factores, pode-se, de acordo com Costa e McCrae (1990) prever carreiras, consequências de determinados percursos existenciais, e a capacidade de lidar com ameaças, perdas e desafios da vida adulta.

O modelo relaciona-se com o estudo da personalidade, em sentido mais geral, suscitando uma série de questões que urgem ser estudadas. Dever-se-iam fazer investigações, nomeadamente, sobre se a inteligência é, efectivamente, um sexto factor independente da personalidade, sobre a relação entre os cinco factores (características individuais) e a cultura (desafios ambientais), sobre a relação entre as metodologias idiográficas e nomotéticas, sobre a conciliação paradoxal, mas significativa, entre a personalidade e a teoria do ciclo de vida, sobre a possibilidade de modificar e optimizar a personalidade.

Mas, apesar das suas inúmeras virtualidades, o modelo não é a última palavra, neste domínio: beneficiaria da utilização de formas de análise mais complexas de estudar as pessoas que a análise factorial, da utilização de uma linguagem conceptual mais elaborada e consensual[1] (Block, 1995) e da consideração do outro lado da questão, ou seja, a percentagem de variância não explicada pelos cinco factores. Muitos progressos têm sido realizados nesta, e noutras direcções, salientando o carácter heurísti-

[1] Embora seja ainda pertinente a afirmação de John (1989), segundo a qual a psicologia da personalidade ainda não estabeleceu uma moldura sistemática e aceite pela generalidade dos investigadores para distinguir, ordenar e designar as diferenças individuais no comportamento, parece-nos que, depois da luta de mais de 50 anos pela especificação, catalogação e ordenação do domínio das diferenças individuais, os psicólogos da personalidade estão a conseguir progressos notáveis nesta área. As dificuldades encontradas, até aqui, residem, em parte, no facto de que se tentam classificar conceitos abstractos — os atributos da personalidade.

co, propulsor e fecundo do modelo. Por outro lado, a aceitação deste não implica que nos **restrinjamos** a ele. Benéfico, muito pelo contrário, é que abundem formas alternativas e criativas de estudar a personalidade.

Avaliação

Um dos domínios, em que se fez sentir o impacto do modelo, foi o da **avaliação** da personalidade. Na idade adulta, embora pautada pelas diferentes concepções da mesma, tal avaliação tem sido, sobretudo, marcada pela utilização das escalas e dos questionários. Se bem que diferentes níveis de análise da personalidade impliquem diferentes formas de avaliação, a verdade é que, no terreno, o predomínio tem sido dado aos instrumentos que, por definição, medem os traços. No entanto, recentemente, o crescente pluralismo de métodos e perspectivas levou os investigadores a investirem mais nas estratégias idiográficas, fugindo às ferramentas estatísticas, analisando as influências situacionais e as suas representações cognitivas. Porém, a avaliação actual da personalidade, diversa e polémica, como reflexo do pluralismo conceptual vigente, continua a apostar nos questionários, como instrumentos seguros no estudo das diferenças individuais. O Inventário da Personalidade *NEO-PI-R*, objecto de análise desta dissertação, exemplifica o carácter hermenêutico, criativo e de auxiliar de investigação dos questionários, visto possibilitar, entre outras virtualidades, a comparação de grupos culturais e etários, de inventários, de conceitos e de teorias diferentes.

NEO-PI-R: Verdadeiramente novo, ou na "crise" da meia-idade?

De seguida, como tópicos a reter, passamos a fazer referência às virtualidades e às desvantagens, que concorrem para a nossa avaliação do NEO-PI-R, enquanto instrumento de medição da personalidade, na idade adulta. Terminamos, fazendo algumas sugestões para futuras investigações neste domínio.

São muitas as questões, que se levantam, quando queremos ajuizar do valor de um novo instrumento para medir a personalidade. Nomeadamente, como é que ele surge e para preencher que lacuna? É fiel e válido? É inovador? Os sujeitos preenchem-no facilmente?

A primeira questão a abordar é, então, a de averiguar, até que ponto ele representa uma contribuição original e pertinente, para a área de conhecimentos que supostamente abarca. A este propósito, há que dizer que o NEO-PI-R é um dos primeiros questionários a operacionalizar o modelo dos cinco factores e a fazê-lo, de uma forma não direccionada, polivalente, ou seja, ele é um instrumento susceptível de utilizações variadas, aplicando-se a todos os contextos, onde uma visão global e abrangente sobre a personalidade for o objectivo pretendido.

É também, paradoxalmente, um inventário inovador e tradicional. Inovador, porque dá corpo a um modelo novo, no quadro das concepções actuais sobre a personalidade; porque pressupõe uma visão de tipo eclético,

em relação à diversidade de constructos existentes; porque corta com alguns pressupostos psicométricos tradicionais (*e. g.*, escalas de mentira e de desiderabilidade social); porque é fruto de uma reflexão cuidada, em torno da construção, do significado e possíveis aplicações, tanto teóricas como práticas, dos questionários de personalidade.

Mas o NEO-PI-R é também tradicional, porque a sua história se inscreve numa determinada orientação, adentro da psicologia da personalidade, e porque os traços escolhidos não constituem descobertas originais, mas redescobertas teóricas e empíricas, baseadas em revisões da literatura e no contacto com a realidade psicológica.

O NEO-PI-R apresenta, por conseguinte, inúmeras vantagens, derivadas das suas raízes sólidas, da sua actualidade (1992), da extensa investigação, em que se baseia, da acesa discussão científica, que tem desencadeado, e por adiantar uma proposta de análise compreensiva da personalidade, que representa uma tentativa de dar sentido à multiplicidade de constructos existentes, no domínio. Efectivamente, uma grande diversidade de constructos são abarcados na sua interpretação; uma vasta literatura permitiu compará-lo com dezenas de outros modelos, constructos, instrumentos de personalidade e tópicos afins; e as suas qualidades psicométricas estão testadas, em muitas populações, de diversos países (McCrae, 1987; McCrae & Costa, 1987, 1989, 1994; Piedmont, 1991). Nomeadamente, as cinco dimensões abrangem os traços encontradas em instrumentos de personalidade, já consagrados pela tradição e pela extensa e variada aplicação, como o EPQ, PFR, 16PF, MBTI, CPI e MMPI. É, sem dúvida, um inventário de personalidade abrangente.

Por outro lado, segundo Petot (1994) e como já foi observado, a utilização de instrumentos, como o NEO-PI-R, que operacionalizam o modelo dos cinco grandes factores, tem a vantagem de favorecer a unificação de referências teóricas e instrumentais de psicólogos clínicos e psicólogos de outras áreas.

No que concerne aos índices de fidelidade e de validade do NEO-PI-R, as investigações têm chegado a resultados convincentes e convergentes, consequência, em parte, da sua construção se basear numa complementaridade teórico/empírica.

Outra vantagem do NEO-PI-R é que se trata de um dos raros testes de personalidade construídos especificamente para adultos: pode aplicar-se, durante toda a idade adulta (a partir dos 17 anos), a sujeitos de todos os níveis de escolaridade, de proveniência social e profissional diferente e em contextos díspares, como as áreas do aconselhamento, psicologia clínica, psicologia da saúde, psiquiatria, psicologia educacional, orientação escolar e profissional, psicologia organizacional e investigação (Costa & McCrae, 1990; McCrae, 1991; McCrae & Costa, 1991; Múten, 1991; Costa & McCrae, 1992; Costa & Widiger, 1992; Costa, 1992).

Os dados com ele obtidos revelaram-se também replicáveis interculturalmente (*e.g.*, população portuguesa *versus* americana), e em zonas urba-

nas e rurais, dentro do mesmo país, o que facilita o estudo intercultural da personalidade.

Além disso, é um instrumento que se administra, se cota e se interpreta, de forma acessível, por qualquer profissional com formação em Psicologia e com um mínimo de treino, proporciona auto e hetero-avaliações (formas S e R do inventário), enquanto as folhas de *feed-back* tornam possível a avaliação centrada no cliente. Finalmente, a interpretação derivada da análise dos protocolos pode ser integrada em contextos teóricos diversificados.

A riqueza do inventário suscita e possibilita a investigação, visto ser um instrumento com potencialidades heurísticas e assente num modelo de extrema pertinência para a discussão actual, em torno da personalidade, podendo, assim, contribuir para o desenvolvimento teórico de muitos ramos da Psicologia.

Mas, apesar das suas inúmeras vantagens, não é uma panaceia universal, sendo ainda necessários muitos estudos suplementares para aclarar várias questões em aberto. Os próprios autores do inventário reconhecem e encorajam a investigação debruçada sobre alguns aspectos que, segundo os mesmos, representariam informações adicionais valiosas. A título ilustrativo, seriam precisos estudos: sobre a fidelidade teste/reteste, com curto prazo de intervalo; sobre a fidelidade inter-observadores da forma R (feita por peritos); sobre a sua utilização em contexto de avaliação e selecção (averiguar se a desiderabilidade social seria um problema); sobre a validade convergente com novos questionários; sobre a validade incremental[2]; sobre a psicopatologia e a psicoterapia; sobre os escores dos cônjuges, das mulheres com idade universitária (forma R) e dos estudantes do ensino secundário.

Virtualidades

Limitações

Outras limitações (*e.g.*, incongruência dos resultados de algumas análises factoriais; as 30 escalas do NEO-PI-R; e a simetria demasiado rigorosa das facetas) têm vindo a ser apontadas por alguns estudos empíricos, mas em número, supreendentemente, menor dos que lhe atribuem múltiplas virtudes. São, no entanto, ainda aspectos controversos do inventário a inexistência de uma escala para medir respostas socialmente desejáveis, e a ausência de informação sobre adultos de escolaridade e nível socio-económico baixo. Polémica é também a utilização de diferentes técnicas de análise factorial utilizadas para encontrar os cinco factores (e.g., rotação varimax *versus* rotação Procusta) e o significado teórico das facetas de cada domínio. Ou seja, embora as escalas-facetas meçam traços significativos e

[2] Termo utilizado, segundo Lanyon e Goodstein (1981, p.152), para se referir ao efeito aditivo (incremental) que um teste pode ter na eficácia preditiva de outras informações (*e.g.*, entrevista).

relativamente específicos, úteis na predição de critérios relevantes, os investigadores não têm uma opinião consensual sobre se aqueles são, efectivamente, os subfactores dos '*Big Five*'.

Com o objectivo de validar o modelo dos cinco factores, ou apenas com a finalidade de avaliar a personalidade, na idade adulta, o NEO-PI-R tem sido traduzido e adaptado para muitas línguas e culturas diferentes. No entanto, contrariamente à maioria dos outros estudos, que utilizam voluntários e amostras relativamente pequenas, a versão portuguesa do NEO-PI-R baseia-se numa amostra composta por 2000 sujeitos, seleccionados aleatoriamente da população do Distrito de Leiria. A amostra integra sujeitos entre os 17 e os 90 anos, de todas as classes sociais e níveis de escolaridade. No que diz respeito aos resultados, em sintonia com a amostra americana, o inventário revelou, de modo geral, ser um instrumento, psicometricamente adequado, para avaliar a personalidade na idade adulta.

Versão portuguesa do NEO-PI-R

No entanto, a versão portuguesa do NEO-PI-R apresenta ainda limitações, algumas delas, estruturais. Outras, estão relacionadas, sobretudo, com a metodologia empregue na recolha e processamento dos dados.

No que concerne a estas últimas, consequência, em grande parte, das nossas restrições financeiras, embora a maioria dos sujeitos que preencheram o questionário o tenham feito em condições adequadas, não houve possibilidade de homogeneização das condições da passagem dos testes. Para obviar, este inconveniente, esforçámo-nos por ser uniforme nas instruções dadas aos sujeitos e na administração dos questionários da bateria de testes a qual foi feita de forma contrabalanceada. Embora, em muitos casos, as condições de preenchimento dos testes não tenham sido as melhores e muitos considerassem o instrumento longo e cansativo, a generalidade dos indivíduos ficou satisfeita por terem participado na investigação. Para alguns entrevistados de nível socio-cultural mais baixo o questionário mostrou ser difícil, por fazer referência a realidades não experienciadas (*e.g.*, férias, programas de auto-valorização).

Os cálculos estatísticos obtidos foram baseados apenas nos questionários considerados adequados. De acordo com as recomendações do manual (Costa & McCrae, 1992), devem ser despistados os sujeitos com desordens mentais que os impeçam de preencher o questionário, de forma válida e fiel. Apesar de não podermos afirmar que todos os sujeitos da nossa amostra preencheram adequadamente o inventário, o facto de ter havido contacto directo entre o psicólogo e o sujeito minimiza este problema. Acrescente-se, ainda, que foram utilizados alguns recursos de verifi-

cação da validade dos itens como, por exemplo, a existência excessiva de itens omissos.

A distribuição dos sujeitos, pelos diferentes grupos profissionais (Quadro 5.9), representa uma limitação de que só tardiamente nos apercebemos. Baseámo-nos, como foi referido, na classificação de Almeida (1988, ver Anexo 2), por esta ser mais simples e flexível do que outras classificações, como a divisão por classes de Nunes. À classificação de Almeida juntámos um quarto grupo, o de estudantes, dado não possuirmos indicações referentes à profissão dos pais destes sujeitos, e um quinto grupo – domésticas – das quais, também, não tínhamos outra informação, de molde a ser possível incluí-las numa das outras categorias sociais. Os sujeitos desempregados foram colocados na classe social baixa e no caso dos sujeitos serem reformados teve-se em atenção a sua profissão anterior. Estamos, por conseguinte, ciente de que outra classificação mais pertinente poderia ter sido utilizada, no que concerne, em particular, às duas últimas categorias.

Sugestões e propostas

As conclusões sobre a estrutura do inventário basearam-se na análise factorial, técnica que tem sido sujeita a algumas críticas. No entanto, os resultados da análise factorial, embora importantes, não são o único teste, para a confirmação da estrutura do modelo dos cinco factores. Efectivamente, as técnicas complementares utilizadas (*e.g.*, validade convergente com escalas que avaliam constructos semelhantes) reforçaram os dados obtidos. Uns e outros apontam para a existência de cinco grandes factores, que avaliam, adequadamente, os constructos pretendidos.

Os índices de fidelidade também foram satisfatórios. Porém, 8 dos 240 itens, revelaram ser fracos representantes das facetas que se destinavam a avaliar, devendo ser, por conseguinte, modificados. Alguns destes itens, já no estudo-piloto apresentavam resultados menos adequados, atribuídos ao tamanho da amostra, não tendo sido, por conseguinte, alterados.

Finalmente, embora os resultados obtidos sejam muito interessantes e importantes para o estudo da personalidade dos adultos portugueses, não devemos cair na ilusão de pensar que o NEO-PI-R nos revela todos os aspectos estruturais e dinâmicos da mesma. Porém, as centenas de horas dispendidas no trabalho de campo permitiram-nos compreender, através da convivência com pessoas, lugares e situações muito heterogéneas, porque é que o domínio da personalidade tem fascinado os teóricos, ao longo do tempo.

A experiência, assim adquirida, aliada à leitura da bibliografia especializada, permitiu-nos formular algumas sugestões e propostas para futuras investigações neste domínio. Sem pretendermos ser exaustiva, apresentamos, de seguida, algumas delas.

Como já foi referido, o modelo dos cinco factores é, no contexto actual, foco de interesse e de investigação em muitos países e, consequentemente, objecto de alguns estudos em numerosas culturas. Assim, a análise comparativa dos resultados obtidos com a amostra portuguesa e a amostra americana revelou diferenças entre estes dois grupos, no sentido, nomeadamente, de que os portugueses são mais neuróticos que os segundos mas, também, menos conscienciosos, abertos à experiência, extrovertidos e amáveis. Deste modo, para além de analisar as comunalidades nos traços dos portugueses, chineses, americanos, etc. (a universalidade dos traços da personalidade, McCrae & Costa, 1997), seria interessante um estudo intercultural sobre estas diferenças. Embora "as formas pelas quais as pessoas diferem sejam em toda a parte, as mesmas", McCrae e colaboradores (1994, p.13) referem que "é bom recordar que a cultura é criada pelas pessoas e, portanto, da mesma forma que cada cultura tem de lidar com as necessidades humanas de comida, informação e companhia, tem também de encontrar formas de expressar as diferenças individuais na personalidade ".

Nesta linha, teria todo o cabimento estudar, com maior profundidade, a relação entre o designado 'carácter nacional português', patente na literatura e nalguns escritos sociológicos e as características da personalidade da população portuguesa avaliadas, através do NEO-PI-R.

Vamos, a título de exemplo, fazer referência a algumas destas relações. A depressão seria, segundo a opinião de escritores e historiadores compilados por Monteiro (no prelo) característica dos portugueses. Soares (1995), com base no Anuário Estatístico da comunidade europeia, sublinha que o português tem pouco interesse pela vida e que o aborrecimento parece ser uma das formas de mal-estar psicológico mais sentida. Eça de Queirós (Monteiro, no prelo), escreveu, a este respeito: "o tédio invadiu as almas. A mocidade arrasta-se, envelhecida, das mesas das secretarias para as mesas dos cafés. –Ando aborrecido! é o coro geral". Efectivamente, a amostra portuguesa obteve uma média de 16.1 na faceta N3 (Depressão), enquanto americana conseguiu apenas uma média de 12.3. Na faceta N1 (Ansiedade), os portugueses registaram uma média de 19.1 e os americanos de 14.3 (as diferenças entre as duas amostras, calculadas com o teste t, são significativas: $p < .0001$).

Em relação à dimensão Abertura à Experiência, Antero de Quental referia que a causa da decadência do povo português está na não abertura à modernidade e que "há em todos nós, por mais modernos que queiramos ser, há lá oculto, dissimulado, mas não inteiramente morto, um beato, um fanático ou um jesuíta." (referido em Monteiro, no prelo). Ora, enquanto os portugueses obtiveram na faceta O6 (Abertura a Valores) uma média de 17.5, a pontuação dos americanos foi de 20.7.

Segundo ainda Antero de Quental (referido em Monteiro, no prelo), mas agora em relação à dimensão Conscienciosidade, "do espírito guerreiro da nação conquistadora, herdámos um invencível horror ao trabalho e um

íntimo desprezo pela indústria." Efectivamente, os portugueses obtiveram na faceta C5 (Auto-Disciplina) uma média de 19.2, enquanto a amostra normativa americana atingiu 21.8.

Esta falta de persistência é sublinhada por outros historiadores, como Fialho Gouveia (referido em Monteiro, no prelo): "Qualquer vontade medianamente enérgica nos faz medo... Aguardamos toda a vida por um fundo sebastiânico de raça, esse protector misterioso que numa manhã de névoa há-de vir pôr-nos a mesa, arranjar-nos um emprego, mobilar-nos a casa, casar-nos rico, e que não vindo nunca, constantemente nos impede de ganhar a vida por um trabalho fundo e higiénico."

Mas, para além destas e de outras características consideradas típicas do 'carácter nacional', referidas na literatura[3] (*e.g.*, pessimismo, preocupação com o a aparência, passividade, génio mais imitativo do que criativo) e indicadas nas pontuações mais elevadas que os portugueses obtiveram em todas as facetas do Neuroticismo, a amostra normativa obteve valores superiores, à amostra americana, na faceta A5 (Modéstia) (média 19.2 *versus* Americanos 18.1), C6 (Deliberação), A6 (Sentimentalismo), O1 (Fantasia), O2 (Abertura à Estética) e E5 (Procura de Excitação).

No entanto, apesar de uma investigação deste cariz ser interessante, não devemos esquecer, por um lado, aquilo que Oliveira Martins (referido em Monteiro, no prelo) sublinhou, ao referir "que o temperamento português vai variando com as épocas, as escolas, os indivíduos e as situações" e, por outro, que estes dados são apenas inferências pertinentes, mas que necessitariam de ser confirmados, mediantes investigações apropriadas.

Para além de estudar as características dos portugueses, considerados no seu todo, seria interessante aprofundar, muito embora não tenham sido encontradas diferenças de vulto entre as diversas regiões consideradas neste trabalho, a questão da diversidade regional, nomeadamente, se se encontram diferenças na dimensão Abertura à Experiência, em função da proveniência urbano/rural.

Pertinente seria também estudar a relação entre populações específicas e perfis determinados. Por exemplo, se os pacientes em psicoterapia terão pontuações mais elevadas em N, e os toxicodependentes mais baixas em A e C, se os agricultores respondem, afirmativamente, numa percentagem superior à da restante população, a itens, como o nº 136 ("Sinto-me, muitas vezes, inferior às outras pessoas") consequência, possivelmente, da pouca consideração social, em que é tida a agricultura, na sociedade portuguesa. Tratar-se-ia, em suma, e de um modo mais geral, de averiguar se grupos profissionais variados (*e.g.*, agricultores, artistas, vendedores, professores) apresentam características de personalidade específicas. Apesar daqui apresentarmos os sujeitos distribuídos por estas categorias gerais de nível socio-económico é possível construir, a partir dos dados fornecidos pelos sujeitos, outras categorizações em função dos nossos interesses de

[3] Seria, no entanto, também interessante consultar escritores mais recentes.

investigação. Assim, é possível formar grupos profissionais diferentes (e.g., empregados de balcão, artistas, médicos, agricultores, comerciantes) e compará-los nas diferentes dimensões da personalidade.

A análise dos diferentes grupos etários sugere-nos que existem, de acordo com McCrae *et al.* (no prelo), "padrões de desenvolvimento na personalidade adulta", nomeadamente, que três dos cinco factores declinam com a idade (N, E e O) e os outros dois aumentam (A e C). Estas tendências poderiam ser esmiuçadas (*e.g.*, que tipo de modificações existem na personalidade, após a primeira adultez) e estudada a sua relação com os diferentes períodos de desenvolvimento propostos por autores como, por exemplo, Levinson (teoria da estrutura de vida, 1978). Mais especificamente, tratar-se-ia de averiguar se o modelo corrobora a hipótese de que a primeira adultez é o período de maior energia e abundância (a todos os níveis), mas também o de maior contradição e *stress*.

Outras sugestões, mais directamente relacionadas com o questionário, seriam passíveis de adiantar. Nomeadamente, estudar a relação entre as facetas do NEO-PI-R não contempladas na nossa investigação — só as facetas N2 (Hostilidade) e O2 (Estética) foram especificamente estudadas nas predições — e outros questionários e instrumentos, nomeadamente, entre N1 (Ansiedade) e a Ansiedade medida pelo Inventário de Ansiedade Estado-Traço (Spielberger *et al.*, 1979); avaliar se um sujeito que está na média numa das dimensões e/ou facetas também tem tendência para nas restantes aí se situar, ou seja, trata-se do problema da homogeneidade /heterogeneidade dos traços e se há ou não perfis específicos dos mesmos.

Não nos pareceria adequado terminar este trabalho, sem alertar para o baixo nível educacional da nossa população (apesar da amostra estar ligeiramente enviesada, por termos utilizado sujeitos mais escolarizados do que a média da população nacional), evidenciado pela dificuldade das pessoas em lerem, se concentrarem numa tarefa intelectual ou reflectirem/problematizarem alguns tópicos abstractos, como a educação, os tempos livres e sobretudo a sua própria personalidade. Parece-nos que o contacto com os sujeitos da nossa amostra foi um momento de descoberta mútua: para o investigador, por conhecer mais uma pessoa na sua especificidade e para os sujeitos porque, eram levados a reflectir sobre a sua própria vida e a sua própria personalidade. Neste sentido, foi para muitos sujeitos um momento, quiçá, formativo, integrado nesta perspectiva global e dinâmica, que é a educação permanente, tão badalada, mas a precisar, efectivamente, de ser mais praticada "por toda aquela terra adentro"[4]. Terminemos, pois, para continuar a reflectir, fazendo jus às palavras de João dos Santos (1991, p. 41): "Não ter respeito pela tristeza, equivale, creio eu, a não ter respeito por uma parte fundamental de nós próprios. E exactamente o mesmo se poderia dizer acerca do silêncio...".

[4] Do álbum "Crónicas da terra ardente" (Fausto, 1994).

Bibliografia

Bibliografia

ACKERMAN, P. L. & GOFF, M., Typical Intellectual Engagement and Personality, *Journal of Educational Psychology*, 1994, 86 (1), 150-153.

AHADI, S. & ROTHBART, M., Temperament, Development, and the Big Five, *in* HALVERSON Jr. *et al.* (eds.), *The Developing Structure of Temperament and Personality from Infancy to Adulthood*, USA, Lawrence Erlbaum Ass., 1994, 189-208.

ALEXANDER, C. & LANGER, E. J. (Ed.), *Higher Stages of Human Development - Perspectives on Adult Growth*, Oxford, Oxford University Press, 1990.

ALMEIDA, L.S., *O Raciocínio Diferencial dos Jovens: Avaliação, Desenvolvimento e Diferenciação*, Porto, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1988.

ALMEIDA, L. S. & RIBEIRO, I. S., *Avaliação Psicológica, Formas e Contextos*, Braga, APPORT, II, 1994.

ALMOGAR *et al.*, The Big Seven Model: A Cross-Cultural Replication and the Further Exploration of the Basic Dimensions of Natural Language Trait Descriptors, *Journal of Personality and Social Psychology*, 1995, 69 (2) 2, 300-307.

ANASTASI, A., On the Formation of Psychological Traits, *American Psychologist*, 1966, 899-910.

ANASTASI, A., *Psychological Testing*, NY, The MacMillan Comp., 1961.

ANGLEITNER, A. & OSTENDORF, F., Temperament and the Big Five Factors of Personality, *in* HALVERSON Jr. *et al.* (eds.),*The Developing Structure of Temperament and Personality from Infancy to Adulthood,* USA, Lawrence Erlbaum Ass., 1994, 69-90.

APPIGNANESI, R. & ZARATE, O., *Freud para Principiantes*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1982.

ARGYLE, M. & LU, L., The Happiness of Extroverts, *Personality and Social Individual Differences,* 1990, 11 (10), 1011-1017.

ARGYLE, M. & LU, L., Happiness and Social Skills, *Personality and Social Individual Differences,* 1990, 11 (12), 1255-1261.

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE PSICOLOGIA (Eds.), Envelhecimento, Perspectivas Pluridisciplinares, *Revista de Psicologia*, APP, 6 (2), 1988.

AUSTIN, E. J., *et al.*, Extreme Responses Sets: Nuissance or Traits?, *European Journal of Psychological Assessment*, Supplement 1, 1995.

AVIA, M. D. *et al.*, Auto-Observacion, Apertura a La Experiencia y Eleccion de Situaciones Sociales: Un Estudio Preliminar. / Self-Monitoring, Openness to Experience and Choice of Social Situations: A Pilot Study, *Analisis y Modificacion de Conducta*, 1991, 17 (55), 801-811.

AVIA, M. D., El Enigma de Los "Big Five": Realidad o Representacion? (The enigma of the "big five": Reality or representation?), *Estudios de Psicologia*, 1992, 47, 67-71.

BAARS, B., *The Cognitive Revolution in Psychology*, New York, The Guilford Press, 1986.

BAGBY, R. M. *et al.*, The Twenty-Item Toronto Alexithymia Scale: II. Convergent, Discriminant, and Concurrent Validity, *Journal of Psychosomatic Research*, 1994 Jan, 38 (1), 33-40.

BALTES, P. B. & SHAIE, K. W., *Life-Span - Developmental Psychology Personality and Socialization*, Florida, Academica Press, inc., 1973.

BANDURA, *Social Foundations of Thought and Action: a Social Cognitive Theory*, Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1986.

BARBARANELLI, C., Il Modello dei Cinque Fattori: Analisi Congiunta delle Comrey Personality Scales, del Questionario dei Cinque Fattori e del NEO Personality Inventory. / The Five Factor Model: Compared Analysis of Comrey Personality Scales, Five Factor Questionnaire, and NEO Personality Inventory, *Ricerche di Psicologia*; 1993, 17 (1), 33-51.

BARBOSA, M., *Apontamentos de um curso de Estatística Multivariada*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1989.

BARRICK, M. R. & MOUNT, M. K., The Big Five Personality Dimensions and Job Performance: A Meta-Analysis, *Personnel-Psychology*, 1991 Spr, 44 (1), 1-26.

BARRICK, M. R. & MOUNT, M. K., The Big Five Personality Dimensions and Job Performance: A Meta-Analysis, *Personnel-Psychology*, 1991 Spr, 44 (1), 1-26.

BARRICK, M. R. & MOUNT, M. K., Autonomy as a Moderator of the Relationships Between the Big Five Personality Dimensions and Job Performance, *Journal of Applied Psychology*; 1993 Feb, 78 (1), 111-118.

BENJAMIN, L. S., Dimensional, Categorical, or Hybrid Analyses of Personality: A Response to Widiger's Proposal, *Psychological Inquiry*, 1993, 4 (2), 91-95.

BEN-PORATH, Y. S. & WALLER, N. G., Five Big Issues in Clinical Personality Assessment: A Rejoinder to Costa and McCrae. Special Section: Assessing Personality Characteristics in Clinical Settings. Kent State U, OH, US, *Psychological Assessment*, 1992 Mar, 4 (1), 23-25.

BENTO, F. C. & CARVALHO, M. V., *Ciclo Vital da família - Estudo de um Caso*, Coimbra, Trabalho de Mestrado, 1993.

BERGEMAN, C. S. *et al.*, Genetic and Environmental Effects on Openness to Experience, Agreeableness, and Conscientiousness: An Adoption/Twin Study, *Journal of Personality*, 1993 Jun, 61 (2), 159-179.

BERNARDOS, M. L. S., Los Transtornos de la Personalidade y el Modelo de los Cinco Factores: Relaciones Empíricas, *Clínica y Salud*, 1995, 6 (2), 175-188.

BERTENTHAL, B. I., A Systems of Behavioral Canalisation: Theory and Commentary, *Developmental Psychology*, 1991, 27 (1), 3.

BEST, J. W. & KHAN, J. V., *Research in Education*, New Jersey, Prentice-Hall, Inc., 1989, 6º ed.

BHOLA, H.S., *Tendances et Perspectives Mondiales de L'Éducation des Adultes*, Bureau International d'Education, Paris, L'Organisation des Nations Unies, 1989.

BIRENBAUM, M. & MONTAG, I., Style and Substance in Social Desirability Scales, *European Journal of Personality*, 1989, 3, 47-59.

BIRREN, J. E. *et al.*, *Developmental Psychology: a Life-Span Approach*, USA Houghton Mifflin Company, 1981.

BLOCK, J., Critique of the Act Frequency Approach to Personality, *Journal of Personality and Social Psychology*, 1989, 56 (2), 234-245.

BLOCK, J., A Contrarian View of the Five-Factor Approach to Personality Description, *Psychological Bulletin*, 1995, 117 (2), 187-215.

BLOCK, J., Going Beyond the Five-Factor Given: Rejoinder to Costa and McCrae (1995) and Goldberg and Saucier (1995), *Psychological Bulletin*, 1995, 117 (2), 226-229.

BORG, W. R., *Applying Educational Research- a Pratical Guide for Teachers*, New York, Longman, 1987, 2º ed.

BORG, W. R. & GALL, M. D., *Educational Research*, EUA, Longman, 1983, 4º ed.

BORKENAU, P., The Multiple Classification of Acts and the Big Five Factors of Personality, *Journal of Research in Personality*; 1988 Sep, 22 (3), 337-352.

BORKENAU, P., Implicit Personality Theory and the Five-Factor Model. Special Issue: The Five-Factor Model: Issues and Applications, *Journal of Personality*; 1992 Jun, 60 (2), 295-327.

BORKENAU, P. & LIEBLER, A., Trait Inferences: Sources of Validity at Zero Acquaintance, *Journal of Personality and Social Psychology*, 1991, 62 (4), 645-657.

BORKENAU, P. & LIEBLER, A., The Factor Structure of Trait Ratings Depends on the Extent of Information Available to the Judges, Special Issue "Le Modéle de Personnalité des big Five en Europe"*European Review of Applied Psychology*, 1994, 44 (1), 3-7.

BORKENAU, P. & OSTENDORF, F., Untersuchungen zum Funf-Faktoren-Modell der Personlichkeit und Seiner Diagnostischen Erfassung. (Investigations of the Five-Factor Model of Personality and its Assessment.), *Zeitschrift fur Differentielle und Diagnostische Psychologie*; 1989 Dec, 10 (4), 239-251.

BORKENAU, P. & OSTENDORF, F., Comparing Exploratory and Confirmatory Factor Analysis: A Study on the 5-Factor Model of Personality, *Personality and Individual Differences*; 1990, 11 (5), 515-524.

BORKENAU, P. & OSTENDORF, F., A Questionnaire for Assessing Five Robust Personality Factors, *Diagnostica*; 1991, 37 (1), 29-41.

BOTWIN, M. D. & BUSS, D. M., Structure of Act-Report Data: Is the five-Factor Model of Personality Recaptured?, *Journal of Personality and Social Psychology*; 1989 Jun, 56 (6), 988-1001.

BOUCHARD, T. J. & McGUE, M., Genetic and Rearing Environmental Influences on Adult Personality: An Analysis of Adopted Twins Reared Apart. Special Issue: Biological Foundations of Personality: Evolution, Behavioral Genetics, and Psychophysiology, *Journal of Personality*; 1990 Mar, 58 (1), 263-292.

BRADLEE, P. M. & EMMONS, R. A., Locating Narcissism Within the Interpersonal Circumplex and the Five-Factor Model, *Personality and Individual Differences*, 1992 Jul, 13 (7), 821-830.

BRAND, C. R. & EGAN, V., The "Big Five" Dimensions of Personality? Evidence from Ipsative, Adjectival Self-Attributions, *Personality and Individual Differences*; 1989, 10 (11), 1165-1171.

BRIGGS, S. R., Assessing the Five-Factor Model of Personality Description, Special Issue The Five-Factor Model: Issues and Applications, *Journal of Personality*, 1992 June, 60 (2), 253-293.

BROONER, R. K., *et al*, Antisocial Personality Disorder Among Drug Abusers: Relations to Other Personality Diagnoses and the Five-Factor Model of Personality, *Journal of Nervous and Mental Disease*, 1993 May, 181 (5), 313-319.

BURLATCHUK, L. F. & SAVCHENKO, O. P., Personality Assessment: Methodological Problems, *European Journal of Psychological Assessment*, Supplement 1, 1995.

BURNS, M. O. & SELIGMAN, M. E., Explanatory Style Across the Life Span: Evidence for Stability Over 52 Years, *Journal of Personality and Social Psychology*; 1989 Mar, 56 (3), 471-477.

BURNS, R. B., *The Self Concept in Theory, Measurement, Development and Behaviour*, New York, Longman Group Limited, 1979.

BURNS, R. B., *Self-Concept Development and Education*, Winston, GB, Holt Renehart, 1982.

BUSS, D. M., Evolutionary Personality Psychology, *Annual Review of. Psychology*, 1991, 42, 459-91.

BUSS, D. M., Manipulation in Close Relationships: Five Personality Factors in Interactional Context. Special Issue: The Five-Factor Model: Issues and Applications, *Journal of Personality*, 1992 Jun, 60 (2), 477-499.

BUSS, D. & CANTOR, N., (Eds.), *Personality Psychology, Recent Trends and Emerging Directions*, New York, Springer-Verlag, 1989.

CABRAL, M. V., *et al.*, Atitudes da População Portuguesa Perante o Desenvolvimento, *in* GOUVEIA, T. P. (org.), *Sociedade, Valores Culturais e Desenvolvimento*, Lisboa, D. Quixote, 1993.

CALADO, I., A Aplicação do Modelo Cibernético às Ciências Humanas, *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XXIII, Coimbra, 1989, 87-118.

CALADO, I., *Em Torno de uma Personalidade*, Trabalho de Mestrado, Coimbra, Fev. 1989.

CALADO, I., *A Utilização Educativa das Imagens*, Coimbra, Porto Editora, 1994.

CAMPBELL, D. T. & STANLEY, J. C., *Experimental and Quasi-Experimental Designs for Research*, USA, Houghton Mifflin Company, 1963.

CAPPELIEZ, P., The Relationship Between Beck's Concepts of Sociotropy and Autonomy and the NEO-Personality Inventory, *British Journal of Clinical Psychology*; 1993 Feb, 32 (1), 78-80.

CAPRA, F., *O Tao da Física - Uma Exploração dos Paralelos entre a Física Moderna e o Misticismo Oriental*, Lisboa, Ed. Presença, 1975.

CAPRARA, G. V., Factor Analysis of the NEO-PI and the Comrey Personality Scales in an Italian Sample, *Personality and Individual Differences*; 1995, 18, (2), 193-200.

CAPRARA, G. V. & PERUGINI, M., L'Approccio Psicolessicale e l'Emergenza dei Big Five Nello Studio della Personalita. The Psycholexical Approach and the Emergence of the "Big Five" in the Study of Personality, *Giornale Italiano di Psicologia*; 1991 Dec, 18 (5), 721-747.

CAPRARA, G. V., *et al.*, Mapping Personality Dimensions in the Big Five Model. Special Issue "Le Modéle de Personnalité des Big Five en Europe", *European Review of Applied Psychology*, 1994, 44 (1), 9-16.

CARP, F. M., Relevance of Personality Traits to Adjustment in Group Living Situations, *Journal of Gerontology*, 1985, 40 (5), 544-551.

CARSON, R. C., Can the Big Five Help Salvage the DSM ?, *Psychological Inquiry*, 1993, 4 (2), 98-100.

CARTWRIGHT, D., *Introduction to Personality*, Colorado, Rand McNally College Publishing Company, 1974.

CARTWRIGHT, D. & PECKAR, H., Purposefulness: A Fourth Superfactor? *Personality and Individual Differences*; 1993 Apr, 14 (4), 547-555.

CASPI, A. *et al.*, Continuities and Consequences of Interactional Styles Across the Life Course. Special Issue: Long-term Stability and Change in Personality, *Journal of Personality*, 1989 Jun, 57 (2), 375-406.

CASTELLÃO, T., *Princípios de Psicologia*, Lisboa, Plátano Ed., 1988.

CATTELL, H. E., "The Structure of Phenotypic Personality Traits": Comment,

American Psychologist; 1993 Dec, 48 (12), 1302-1303.

CATTELL, R. B. *et al.*, *Handbook for the 16 PF*, Illinois, Institute for Personality and Ability Testing Compaign, 1974.

CATTELL, R. B., The Fallacy of Five Factors in the Personality Sphere, *The Psychologist*, 1995 May, 207-208.

CERVONE, D., The Two Disciplines of Personality Psychology, 1991, *Psychological Science*, 2, 371-377.

CHRISTAL, R. E., Author's Note on "Recurrent Personality Factors Based on Traits Ratings". Special Issue The Five-Factor Model: Issues and Applications, *Journal of Personality*, 1992 June, 60 (2), 221-223.

CHURCH, A. T., *et al.*, Internal, External, and Self-Report Structure of Personality in a Non-Western Culture: An Investigation of Cross-Language and Cross-Cultural Generalizability., *Journal of Personality and Social Psychology*; 1989 Nov, 57 (5), 857-872.

CLANCY, S. M. & DOLLINGER, S. J., Identity, Self, and Personality: Identity Status and the Five-Factor Model of Personality. Special Issue: Late Adolescence and the Transition to Adulthood, *Journal of Research on Adolescence*; 1993, 3 (3), 227-245.

CLARK, L. A., Personality Disorder Diagnosis: Limitations of the Five-Factor Model, *Psychological Inquiry*; 1993, 4 (2), 100-104.

CLARKE, A. D. B., Predicting Human Development: Problems, Evidence, Implications, *Bulletin of British Psychological Society*, 1978, 31, 249-258.

CLARKE, A. M. & CLARKE, A. D. B., Constancy and Change in the Growth of Human Characteristics, *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 1984, 191-200.

CLARKE, A. M. & CLARKE, A. D. B., The Adult Outcome of Early Behavioural Abnormalities, *International Journal of Behavioral Development*, 1988, 11 (1), 3-19.

CLARKE, A. M. & CLARKE, A. D. B., How Modifiable is the Human Life Path?, Comunicação apresentada no United States National Institute of Child Health and Human Development, 1990.

CODISPOTI, M. *et al.*, What's Wrong in the Operational Definition of the "Alexithymia Construct"?, *European Journal of Psychological Assessment*, Supplement 1, 1995.

COMER, D. R., Sociopolitical Effects on Personality Research, *American Psychologist*, 1993 Dec, 48 (12), 12-99.

CONN, S. R. & RAMANAIAH, N. V., Factor Structure of the Comrey Personality Scales, the Personality Research Form E, and the Five-Factor Model, *Psychological Reports*; 1990 Oct, 67 (2), 627-632.

COOK, M., *Levels of Personality*, Holt, London, Rinehart and Winston Ltd., 1984.

CORREIA, C. P., Personalidade, Revista *Expresso*, 21 de Janeiro de 1989, 45-R.

CORTINA, J. M. *et al.*, The "Big Five" Personality Factors in the IPI and MMPI: Predictors of Police Performance, *Personnel Psychology*; 1992 Spr, 45 (1), 119-140.

COSTA, P. T., Clinical Use of the Five-Factor Model: An Introduction. Special Series: Clinical Use of the Five-Factor Model of Personality, *Journal of Personality Assessment*; 1991 Dec, 57 (3), 393-398.

COSTA, P. T. & McCRAE, R. R., Still Stable After all These Years: Personality as a Key to Some Issues in Adulthood and Old Age, *in* BALTES, P. B. & BRIM, O. G. Jr (Eds), *Life Span Development and Behavior*, 3, 65-102. New York: Academic Press, 1980.

COSTA, P. T. & McCRAE, R. R., *The NEO Personality Inventory Manual*. Odessa,

FL, Psychological Assessement Resources, 1985a.
COSTA, P. T., & McCRAE, R. R., *The NEO-PI-Manual, from S and from R*, Odessa, FL, Psychological Assessement Resources, 1985b.
COSTA, P. T. & McCRAE, R. R., Personality Stability and its Implications for Clinical Psychology. Special Issue: Personality Assessment in the 80's: Issues and Advances, *Clinical Psychology Review*; 1986, 6 (5), 407-423.
COSTA, P. T. & McCRAE, R. R., On the Need for Longitudinal Evidence and Multiple Measures in Behavioral-Genetic Studies of Adult Personality, *Behavioral and Brain Sciences*; 1987 Mar, 10 (1), 22-23.
COSTA, P. T. & McCRAE, R. R., Personality in Adulthood: A Six-Year Longitudinal Study of Self-Reports and Spouse Ratings on the NEO Personality Inventory, *Journal of Personality and Social Psychology*, 1988, 54, 853-863.
COSTA, P. T., McCRAE, R. R., From Catalog to Classification: Murray's Needs and the Five-Factor Model, *Journal of Personality and Social Psychology*; 1988 Aug, 55 (2), 258-265.
COSTA, P. T. & McCRAE, R. R., The Adult Years: Continuity and Change, *in* STORANDT, M. & VANDENBOS, G. R. (Eds.), *Personality Continuity and the Changes of Adult Life*, 1989a, 45-77, Washington, DC: American Psychological Association.
COSTA, P. T. & McCRAE, R. R., What Lies Beneath the Big Five? Facet Scale for Agreeableness and Conscientiousness, *in* JOHN, O. P. (Chair), *The Big Five, Historical Prespective and Current Research*, Symposium Conducted at the Annual Meeting of the Society of Multivariate Experimental Psychology, Honolulu, 1989b.
COSTA, P. T. & McCRAE, R. R., Personality Disorders and the Five-Factor Model of Personality, *Journal of Personality Disorders*; 1990 Win, 4 (4), 362-371.
COSTA, P. T. & McCRAE, R. R., The NEO Personality Inventory: Using the Five-Factor Model in Counseling, *Journal of Counseling & Development*; 1991, 69, 367-376.
COSTA, P. T. & McCRAE, R. R., Normal Personality Assessment in Clinical Practice: The NEO Personality Inventory. Special Section: Assessing Personality Characteristics in Clinical Settings, *Psychological Assessment*, 1992a Mar, 4 (1), 5-13.
COSTA, P. T. & McCRAE, R. R., Four Ways Five Factors Are Basic, *Personality and Individual Differences*; 1992 Jun, 13 (6), 653-665.
COSTA, P. T. & McCRAE, R. R., "Four ways five factors are not basic": Reply, *Personality and Individual Differences*, 1992b Aug, 13 (8), 861-865.
COSTA, P. T. & McCRAE, R. R., The Five-Factor Model of Personality and Its Relevance to Personality Disorders, *Journal of Personality Disorders*; 1992c Win, 6 (4), 343-359.
COSTA, P. T. & McCRAE, R. R., Multiple Uses for Longitudinal Personality Data, *European Journal of Personality*, 1992, 6, 85-102.
COSTA, P. T. & McCRAE, R. R., *The NEO PI-R / NEO-FFI Manual Supplement*, Odessa, FI: Psychological Assessment Resources, 1992d.
COSTA P. & McCRAE R. R., Stability and Change in Personality from Adolescence Througt Adulthood, *in* HALVERSON Jr. *et al.* (eds.), *The Developing Structure of Temperament and Personality from Infancy to Adulthood*, USA, Lawrence Erlbaum Ass., 1994, 139-150.
COSTA, P. T. & McCRAE, R. R., Primary Traits of Eysenck's P-E-N System: Three and Five-Factor Solutions, *Journal of Personality and Social Psychology*, 1995, 69 (2), 308-317.

COSTA, P. T. & McCRAE, R. R., Solid Grounds in the Wetlands of Personality: A Reply to Block, *Psychological Bulletin*, 1995, 117 (2), 216-220.

COSTA, P. T. & McCRAE, R. R., Trait Psychology Comes of Age, *in* T.B. Sonderegger (Ed), Nebraska Symposium on Motivation, *Psychology and Aging*. Lincoln, NE: University of Nebraska Press, *in* Press.

COSTA, P. T., & McCRAE, R. R., The revised NEO Personality Inventory (NEO-PI-R), *in* BRIGGS, S. R., CHEEK, J. & DONAHUE E. M. (Eds.), *Handbook of Adult Personality Inventories*, NY, Plenum, *in* press.

COSTA, P.T. & WIDIGER, T. A., Sexual Functioning in Outpatient Men and Women, *Psychiatric Medicine*, 1992, 10 (2), 199-215.

COSTA, P.T. & WIDIGER, T. A. (Eds.), *Personality Disorders and the Five-Factor Model of Personality*, APA, 1994.

COSTA, P. T. *et al.*, Smoking Motive Factors: A Review and Replication, *International Journal of the Addictions*; 1980, 15 (4), 537-549.

COSTA, P. T., *et al.*, Recent Longitudinal Research on Personality and Aging, *in* SCHAIE, K. W. (Ed.), *Longitudinal Studies of Adult Psychological Development*, NY: Guilford, 1983, 222-265.

COSTA, P. T. *et al.*, Correlations of MMPI Factor Scales with Measures of the Five Factor of Personality, *Journal of Personality Assessment*; 1986 Win, 50 (4), 640-650.

COSTA, P.T *et al.*, Agreeableness vs. Antagonism: Explication of a Potencial Risk Factor for CHD, *in* SIEGMAN, A. & DEMBROSKI, T. M. (Eds), *In Search of Coronary-Prone Behavior: Beyond Type A*, Hillsdale, NJ, Erlbaum, 1989, 41-63.

COSTA, P. T. *et al.*, Facet Scales for Agreeableness and Conscientiousness: A Revision of the NEO Personality Inventory, *Personality and Individual Differences*; 1991, 12 (9), 887-898.

COSTA, P. T., *et al.*, The Five-factor Model of Personality and Sexual Functioning in Outpatient Men and Women, *Psychiatric Medicine*, 1992, 10 (2), 199-215.

CRONBACH, L., *Essential of Psychological Testing*, New York, Harper & Row, 1984, 4º ed.

CROSS, K. P., *Adults as Learners*, USA, Jossey-Bass Publishers, 1981.

CROWNE, D. P. & MARLOWE, D., A New Scale of Social Desirability Independente of Psychopathology, *Journal of Consulting Psychology*, 1960, 24 (4), 349-354.

DAVIS, R. D. & MILLON, T., The Five-Factor Model for Personality Disorders: Apt or Misguided?, *Psychological Inquiry*; 1993, 4 (2), 104-109.

DENISTON, W. M. & RAMANAIAH, N. V., California Psychological Inventory and the Five-Factor Model of Personality, *Psychological Reports*, 1993 Oct, 73 (2), 491-496.

DE RAAD, B., The Replicability of the Big Five Personality Dimensions in Three Word-Classes of the Dutch Language, *European Journal of Personality*; 1992 Mar, 6 (1), 15-29.

DE RAAD, B. & HOFSTEE, W. K., A Circumplex Approach to the Five Factor Model: A Facet Structure of Trait Adjectives Supplemented by Trait Verbs, *Personality and Individual Differences*; 1993 Nov, 15 (5), 493-505.

DE RAAD, B. & SZIRMAK, Z., The Search for the Big Five in a Non-IndoEuropean Language: The Hungarian Trait Structure and Its Relationship to the EPQ and the PTS. Special Issue "Le Modéle de Personnalité des Big Five en Europe", *European Review of Applied Psychology*, 1994, 44 (1), 17-25.

DE RAAD, B., *et al.*, A Tip of the Iceberg of Individual Differences, *in* HALVERSON Jr. *et al.* (eds.), *The Developing Structure of Temperament and Personality from Infancy to Adulthood*, USA, Lawrence Erlbaum Ass., 1994, 91-110.

DIAMOND, M. C., *Enriching Heredity - The Impact of the Environment on the Anatomy of the Brain*, New York, The Free Press, s.d..

DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, Porto, Porto Editora, 1991, 6ª ed.

DIGMAN, J. M., Five Robust Trait Dimensions: Development, Stability, and Utility. Special Issue: Long-term Stability and Change in Personality, *Journal of Personality*; 1989 Jun, 57 (2), 195-214.

DIGMAN, J. M., Personality Structure: Emergence of the Five-Factor Model, *Annual Review of Psychology*, 1990, 41, 417-440.

DIGMAN, J. M., Child Personality and Temperament: Does the Five-Factor Model Embrace Both Domains?, *in* HALVERSON Jr. *et al.* (eds.), *The Developing Structure of Temperament and Personality from Infancy to Adulthood*, USA, Lawrence Erlbaum Ass., 1994, 323-338.

DIGMAN, J. M. & INOUYE, J., Further Specification of the Robust Factor of Personality, *Journal of Personality and Social Psychology*, 1986, 50, 116-123.

DOLLINGER, S. J., Personality and Music Preference: Extraversion and Excitement Seeking or Openness to Experience? *Psychology of Music*; 1993, 21 (1), 73-77.

DOLLINGER, S. J. & LEONG, F. T., Vounteer Bias and the Five-Factor Model, *Journal of Psychology*, 1993 Jan, 127 (1), 29-36.

DOLLINGER, S. J. & ORF, L. A., Personality and Performance in "Personality": Conscientiousness and Openness, *Journal of Research in Personality*; 1991 Sep, 25 (3), 276-284.

DOLLINGER, S. J. *et al.*, Personality and Campus Controversies: Preferred Bounderies as a Function of Openness to Experience,*Journal of Psychology*, 1993, 125, 399-406.

DOLLIVER, R. H., "I Am from Missouri. You Have Got to Show Me": A Response to McCrae and Costa, *Journal of Counseling and Development*, 1991, Mar/Apr, 69 (4), 373-374.

DONAHUE, E., Do Children Use the Big Five, Too? Content Form in Personality Description, *Journal of Personality*; 1994 Março, 61 (1).

DORN, L. & MATTHEWS, G., Two Further Studies of Personality Correlates of Driver Stress, *Personality and Individual Differences*; 1992 Aug, 13 (8), 949-951.

DRAGUTINOVICH, S. S., Stimulus Intensity Reducers: Are They Sensation Seekers, Extraverts, and Strong Nervous Types? *Personality and Individual Differences*; 1987, 8 (5), 693-704.

DREW, C. & HARDMAN, *Designing and Conducting Behavioral Research*, New York, Pergamon Press, 1985.

EATON, W., Temperament, Development, and the Five-Factor Model: Lessons from Activity Level, *in* HALVERSON Jr. *et al.* (eds.), *The Developing Structure of Temperament and Personality from Infancy to Adulthood*, USA, Lawrence Erlbaum Ass., 1994, 173-188.

ECCLES, J. *et al.*, Sex Differences in Achievement. A Test of Alternate Theories, *Journal of Personality and Social Psychology*, 1984, 6 (4), 26-43.

ECO, U., *Como se Faz uma Tese em Ciências Humanas*, Lisboa, Editorial Presença, 1988, 4º ed.

EINSTEIN, A. & INFELD L., *L'Évolution des Idées en Physique*, Paris, Collection Champs, Éd. Flammarion, 1992.

ELPHICK, E., *et al.*, *in* Search for the Antecedents of the Big Five Using Questionnaires Based on Parent's Free Descriptions of Child Characteristics, *European Journal of Psychological Assessment*, Supplement 1, 1995.

EMMONS, R. A., "Exploring the Relations Between Motives and Traits: The Case of Narcissism", *in* BUSS, D., CANTOR, N. (Eds.), *Personality Psychology, Recent Trends and Emerging Directions*, New York, Springer-Verlag, 1989.

ENGVIK, H., "Big Five" pa norsk. / "Big Five" in Norwegian, *Tidsskrift for Norsk Psykologforening*; 1993 Sep, 30 (9), 884-896.

EPSTEIN, S., The Stability of Confusion: A Reply to Mischel and Peake, *Psychological Review*, 1983, 90, 179-184.

EYSENCK, H. J., Personality, Stress, and disease: An Interactionist Perspective, *Psycological Inquiry*, 1991, 2 (3), 221-232.

EYSENCK, H. J., Dimensions of Personality: 16, 5 or 3? Criteria for Taxonomic Paradigm, *Personality and Individual Differences*; 1991, 12 (8), 773-790.

EYSENCK, H. J., A Reply to Costa and McCrae: P or A and C—The Role of Theory, *Personality and Individual Differences*; 1992 Aug, 13 (8), 867-868.

EYSENCK, H. J., The Structure of Phenoytypic Personality Traits: Comment, *American Psychologist*; 1993 Dec, 48 (12), 1299-1300.

EYSENCK, H. J., The Big Five or Giant Three: Criteria for a Paradigm, *in* HALVERSON Jr. *et al.* (eds.), *The Developing Structure of Temperament and Personality From Infancy to Adulthood*, USA, Lawrence Erlbaum Ass., 1994, 37-52.

EYSENCK, H. J., The Fallacy of Five Factors in the Personality Sphere, *The Psychologist*, 1995 May, 207-208.

EYSENCK, H. J. & EYSENCK, M. W., *Personality and Individual Differences*, London, Plenum Press, 1985.

EYSENCK, H. J. & EYSENCK, M. W. Mischel and the Concept of Personality (comunicação pessoal).

FADIMAN, J. & FRAGER R., *Teorias da Personalidade*, Brasil, Ed. Harper & Row do Brasil Ltda, 1975.

FAGAN, P. J. *et al.*, A Comparison of Five-Factor Personality Dimensions in Males with Sexual Dysfunction and Males with Paraphilia. Special Series: Clinical Use of the Five-Factor Model of Personality, *Journal of Personality Assessment*; 1991 Dec, 57 (3), 434-448.

FERGUSON, G. A., *Statistical Analysis in Psychology and Education*, USA, MacGraw-Hill Company, 1959.

FERREIRA, J. A. A., O Inventário de Personalidade de Jackson, *Psychologica*, Coimbra, 6, 1991, 77-89.

FERREIRA, J. A. A., *The Development and Validation of a Vocational Interest Inventory and its Relationship to Personality Characteristics*, Coimbra, Ed. do autor, 1991.

FERREIRA, J. A. A., & HOOD, A. B., The Development and Validation of a Holland-Type Portuguese Vocational Interest Inventory, *Journal of Vocational Behavior*, 46, 1995, 119-130.

FINN, S. E., Structural Stability of the MMPI in Adult Males, *Journal of Consulting and Clinical Psychology*; 1986 Oct, 54 (5), 703-707.

FONSECA, A. C., *Conduct Disorders in Children and Adolescents: An Analysis of Two Models*, London, 1990.

FONSECA, A. C., *et al.*, Um Estudo Intercultural da Personalidade: Comparação de Adultos Portugueses e Ingleses no EPQ, *REVISTA PORTUGUESA DE PEDAGOGIA*, XXV, 1991, 2º, 187-203.

FRANCIS, D. J. *et al.*, A Five-Factor Model for Motor, Psychomotor, and Visual-

Spatial Tests Used in the Neuropsychological Assessment of Children, *Journal of Clinical and Experimental Neuropsychology*; 1992 Jul, 14 (4), 625-637.

FREUD, S., *Inhibitions, Symptoms and anxiety,* London, The Hogarth Press, 1925.

FREUD, S., Psicopatologia da Vida Quotidiana, Lisboa, Estúdios Cor, 1970.

FROMM, E., *Escape from Freedom*, NY, Holt Rinehart and Winston, 1941.

FRUYT, F. & MERVIELDE, I., Holland's Riasec Hexagonal Model and the Five-Factor Model of Personality, *European Journal of Psychological Assessment*, Supplement 1, 1995.

FUNDER, D. C. & COLVIN, C. R., Explorations in Behavioral Consistency: Properties of Persons, Situations, and Behaviors, *Journal of Personality and Social Psychology*, 1991, 60 (5), 773-794.

FURNHAM, A. & BREWIN, C. R., Personality and Happiness, Personality & Individual Differences, 1990, vol 11 (10), 1093-1096.

GERBING, D. W. & TULEY, M. R., The 16 PF Related to the Five-Factor Model of Personality: Multiple-Indicator Measurement Versus the A Priori Scales, *Multivariate Behavioral Research*; 1991 Apr, 26 (2), 271-289.

GERGEN, K. J. & DAVIS, K. E., *The Social Construction of the Person*, New York, Springer-Verlag, 1985.

GLISKY, M. L., Absorption, Openness to Experience, and Hypnotizability. *Journal of Personality and Social Psychology,* 1991, 60 (2), 263-272.

GOEDHART, A. W. *et al.*, Het Vijf-Factoren-Model in de kinderpsychiatrie: Vrije Persoonsbeschrijvingen Door Ouders Van Hun Kinderen. / The Big Five Model in Child Psychiatry: Free Personality Descriptions by Parents of Their Children, *Pedagogische Studien*; 1992, 69 (1), 40-50.

GOEDHART, A. W., *et al.*, A Five-Factor Model in Child Psychiatry: Parent's Free Personality Descriptions of Their Children, *in* HALVERSON Jr. *et al.* (eds.), *The Developing Structure of Temperament and Personality From Infancy to Adulthood*, USA, Lawrence Erlbaum Ass., 1994, 399-412.

GOLDBERG, L. R., *Standard Markers of the Big-Five Factor Structure*, Paper presented at the Invited Workshop on Personality Language, The Netherlands, University of Groningen, 1989.

GOLDBERG, L. R., An Alternative "Description of Personality": The Big-Five Factor Structure, *Journal of Personality and Social Psychology*; 1990 Dec, 59 (6), 1216-1229.

GOLDBERG, L. R., The Development of Markers for the Big-Five Factor Structure, *Psychological Assessment*; 1992 Mar, 4 (1), 26-42.

GOLDBERG, L. R., The Structure of Phenotypic Personality Traits. Sixth European Conference on Personality (1992, Groningen, Netherlands), *American Psychologist*; 1993 Jan, 48 (1), 26-34.

GOLDBERG, L. R., The Structure of Phenotypic Personality Traits: Author's Reactions to the Six Comments, *American Psychologist*; 1993 Dec, 48 (12), 1303-1304.

GOLDBERG, L. R. & ROSOLACK, T., The Big Factor Structure as an Integrative Framework: An Empirical Comparison with Eysenck's P-E-N Model, *in* HALVERSON Jr. *et al.* (eds.), *The Developing Structure of Temperament and Personality From Infancy to Adulthood*, USA, Lawrence Erlbaum Ass., 1994, 7-36.

GOLDBERG, L. R., & SAUCIER, G., So What Do You Propose Instead? A Reply to Block, *Psychological Bulletin*, 1995, 117 (2), 221-225.

GOLDSMITH, H. *et al.*, Genetics of Personality: A Twin Study of the Five-Factor Model and Parent- Offspring Analyses, *in* HALVERSON Jr. *et al.* (eds.), *The*

Developing Structure of Temperament and Personality from Infancy to Adulthood, USA, Lawrence Erlbaum Ass., 1994, 241-266.

GOLDSTEIN, H., *The Design and Analysis of Longitudinal Studies*, London, Academic Press, 1979.

GOMES, A. *et al.* (ed.), *Sexualidade em Portugal*, Coimbra, Textos ed.,I vol., 1994.

GONÇALVES, M. M., Pós-Modernidade e Avaliação Psicológica - Da Racionalidade Positivista ao Construtivismo Social, *Psychologica*, 1996.

GONÇALVES, O., *Terapias Cognitivas: Teorias e Práticas*, Porto, Ed. Afrontamento, 1993.

GONÇALVES, O., *Cognicion, Constructivismo y Narrativa: En Busca de un Sentido para las Silabas*, Revista de psicoterapia, 1995, VI (24), 45-52.

GONÇALVES, O., *A Terapia Narrativa*, Porto, 1996.

GONÇALVES, R. A., Psicoterapia e Cura, *Jornal de Psicologia*, 1986 Mai-Jun, ano 5 (3).

GONÇALVES, R. A., *A Adaptação à Prisão: Um processo Vivido e Observado*, Lisboa, Direcção Geral dos Serviços Prisionais, 1993.

GORDON, J. E., *Personality and Behavior*, New York, The Macmillan Company, s/d.

GOTTFREDSON, G. D. *et al.*, Personality and Vocational Interests: The Relation of Holland's Six Interest Dimensions to Five Robust Dimensions of Personality, *Journal of Counseling Psychology*; 1993 Oct, 40 (4), 518-524.

GRATZINGER, P. *et al.*, Cognitive Interventions to Improve Face-Name Recall: The Role of Personality Trait Differences, *Developmental Psychology*, 1990 Nov, 26 (6), 889-893.

GRAZIANO, W., The Development of Agreeableness as a Dimension of Personality, *in* HALVERSON Jr. *et al.* (eds.), *The Developing Structure of Temperament and Personality From Infancy to Adulthood*, USA, Lawrence Erlbaum Ass., 1994, 339-354.

GRAZIANO, W. G. & WARD, D., Probing the Big Five in Adolescence: Personality and Adjustment During a Developmental Transition. Special Issue: The Five-Factor Model: Issues and Applications, *Journal of Personality*; 1992 Jun, 60 (2), 425-439.

GROOT, C. & LEEUW, R., Convergent and Discriminant Validity of Alexithymia-Scales, *European Journal of Psychological Assessment*, Supplement 1, 1995.

GUIDANO, V. F., Constructivist psychotherapy: A Theoretical Framework, *in* T*extos de Apoiosobre Vinculação, Desenvolvimento e Implicações Clínicas*, Portugal, UCAE e Apport, 1995, 93-154.

GUILFORD, J. P. *Personality*, New York, Mc Graw-Hill Book Company, inc, 1959.

GURIN, P. & BRIM, O. G., Changes in Self in Adulthood: the Example of Sense of Control in BALTES, P. B. & BRIM, O. G.(eds.), *Life-Span Development and Behavior*, Orlando, Fl., Academic Press, Inc., 1984 (6), 281-334.

HAGEKULL, B., Infant Temperament and Early Childood Functioning: Possible Relations to the Five-Factor Model, *in* HALVERSON Jr. *et al.* (eds.), *The Developing Structure of Temperament and Personality From Infancy to Adulthood*, USA, Lawrence Erlbaum Ass., 1994, 227-240.

HALL, C. S. & LINDSEY, G., *Teorias da Personalidade*, São Paulo, EPU, 1984.

HALVERSON Jr. *et al.* (eds.), *The Developing Structure of Temperament and Personality From Infancy to Adulthood*, USA, Lawrence Erlbaum Ass., 1994.

HALVERSON, C. F., *et al.*, *The Developing Structure of Temperament and Personality from Infancy to Adulthood*, UK, Lawrence Erlbaum Associates, publishers, 1994.

HAMACHEK, D., *Encounters with the Self*, EUA, Harcourt Brace Jovanovich

Publishers, 1992.
HAVIGHURST, R. J., *Developmental Tasks and Education*, New York, David Mckay Company, Inc., 1973, 3ª ed.
HAVILL, V. *et al.*, Parents' Use of Big Five Categories in Their Natural Language Descriptions of Children, *in* HALVERSON Jr. *et al.* (eds.), *The Developing Structure of Temperament and Personality From Infancy to Adulthood*, USA, Lawrence Erlbaum Ass., 1994, 371-386.
HAYDEN, B., The Self and Possibilites for Change, *Journal of Personality*, 1979 Set, 47 (3), 546-556.
HAYSLIP, B. J. R. & PANEK, P. E., *Adult Development and Aging*, New York, Harper & Row Publishers, 1989.
HEADEY, B. & WEARING A., Personality, Life Events, and Subjective Well-Being: Toward a Dynamic Equilibrium Model, *Journal of Personality and Social Psychology*, 1989, 57 (4), 731-739.
HEALY, J. M., Emotional Adaptation to Life Transitions: Early Impact on Integrative Cognitive Processes, *in* BUSS, D. & CANTOR, N. (Eds.), *Personality Psychology, Recent Trends and Emerging Directions*, New York, Springer-Verlag, 1989.
HEATHERTON, T. F. & WEINBERGER, J. L. (Eds.), Can Personality Change, *American Psychological Association*, Washington, 1994.
HELSON, R. & MOANE, G., Personality Change in Women from College to Midlife, *Journal of Personality and Social Psychology*; 1987 Jul, 53 (1), 176-186.
HERRINGER, L. G. & HAWS, S. C., Perception of Personality Traits in Oneself and Others, *The Journal of Psychology*, 1990, 125 (1), 33-43.
HETHERINGTON, E. M. *et al.*, *Child Development in Life-Span Perspective*, New Jersey, Lawrence Erlbaum Associates, 1988.
HEYMAN, W. B., The Self-Perception of a Learning Disability and its Relationship to Academic Self-Concept and Self-Esteem, *Dissertation Abstracts International*, 1987 Nov, 48 (5), 1151-A.
HOEKSTRA, H. A., The Big Five by Personality Questionnaire: The Dutch NEO, *European Journal of Psychological Assessment*, Supplement 1, 1995.
HOFSTEE, W. K. & DE-RAAD, B., Persoonlijkheidsstructuur: De AB-sub-5C-taxonomie Van Nederlandse Eigenschapstermen. Personality Structure: The Abridged Big Five-Dimensional Circumplex (AB5C) Structure of Dutch Trait Adjectives, *Nederlands Tijdschrift voor de Psychologie en haar Grensgebieden*; 1991 Sep, 46 (6), 262-274.
HOFSTEE, W. K. *et al.*, Integration of The Big Five and Circumplex Approaches to Trait Structure, *Journal of Personality and Social Psychology*; 1992 Jul, 63 (1), 146-163.
HOGAN, R., *Hogan Personality Inventory manual*. Minneapolis, MN: National Computer System, 1986.
HOGAN, R., Personality Psychology: Back to Basics, *in* ARONOFF, J., *et al.*, (Eds), *The Emergence of Personality*, New York: Springer, 1987, 79-104.
HOGAN, R., Review of the NEO Personality Inventory, *in* COLONEY, J. C. & KRAMER, J. J. (Eds), *The Tenth Mental Measurements Yearbook*, Lincoln, NE: Buros Institute of Mental Measurements, 1989, 546-547.
HOGAN, R. *et al.*, Traits, Tests, and Personality Research, *American Psychologist*, 1977 April, 255-264.
HOLDEN, R. R., Associations Between the Holden Psychological Screening Inventory and The NEO Five-Factor Inventory in a Nonclinical Sample, *Psychological Reports*; 1992 Dec, 71 (3, Pt 2), 1039-1042.
HOOD, A. B., & FERREIRA, J. A., A Teoria da Escolha Vocacional de John L.

Holland, *Revista Portuguesa de Pedagogia*, Ano XXVII, 3, 1993, 457-470.

HORST, P., *Personality Measurement of Dimensions*, San Francisco, Jossey-Bass Inc., Publishers, 1968.

HOSTEE W. K. B., The Abriged Big Five Circumplex (AB5C) Model of Trait Structure: Comparisons with Heymans' Cube, Kiesler's Interpersonal Circle and Peabody and Goldberg's Double Cone Model. Special Issue "Le Modéle de Personnalité des Big Five en Europe", *European Review of Applied Psychology*, 44 (1), 27-34.

HOTARD, S. *et al.*, Interactive Effects of Extraversion, Neuroticism, and Social Relationships on Subjective Well-Being, *Journal of Personality and Social Psychology*, 1989, 57 (3), 321-331.

HOUDE, R., *Les Temps de la Vie; Le Développment Psychosocial de l'adult selon la perspective du Cycle de vie*, Québec, Gaetan Morin, 1986.

HOUGH, L. M., The "Big Five" Personality Variables-Construct Confusion: Description versus Prediction, *Human Performance*; 1992, 5 (1-2), 139-155.

HOWELLS, G. N., Self-Monitoring and Personality: Would the Real High Self-Monitor Please Stand Up? *Journal of Social Behavior and Personality*; 1993, 8 (1), 59-72.

HREBICKOVA, M., & OSTENDORF, F., The NEO Five-Factor Inventory in a Czech and a German Context, *European Journal of Psychological Assessment*, Supplement 1, 1995.

HULTSCH, D. F. & DEUTSCH, F., *Adult Development and Aging - A Life-Span Perspective*, New York, McGraw-Hill Book Company, 1981.

HUYCK, M. & HOYER, W. J., Adult Development and Aging, Belmont, Wadsworth Publishing Company, 1982.

JACKSON, D. N., *Personality Research From Manual*, Port Huron, MI: Research Psycologists Press, 3ª ed.,1984.

JAMIESON, J., The Law of Initial Values: Five Factors or Two? *International Journal of Psychophysiology*; 1993 May, 14 (3), 233-239.

JANKOWICZ, A. D., Whatever Became of George Kelly, *American Psychologist*, 1987 Maio, 481-487.

JESUíNO, J. C., O Método Experimental nas Ciências Sociais, *in* SILVA, S. & PINTO, J. M., *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto, Edições Afrontamento, 1987, 150-179.

JOHN, O. P., The "Big-Five" Factor Taxonomy: Dimensions of Personality in the Natural Language and in Questionnaires, *in* PERVIN, L.(Ed.), *Handbook of Personality Theory and Research.*, New York: Guilford, 1990.

JOHN, O. P. *et al.*,The Basic Level in Personality-Trait Hierarchies: Studies of Trait Use and Acessibility in Different Contexts, *Journal of Personality and Social Psychology*, 1991, 60 (3), 348-361.

JOHNSON, J. A. & OSTENDORF, F., Clarification of the Five-Factor Model with the Abridged Big Five Dimensional Circumplex, *Journal of Personality and Social Psychology*; 1993 Sep, 65 (3), 563-576.

KASHIWAGI, S., *et al.*, The Big Five and the Oblique Primary Pattern for the Items of the ACL, Japanese Version, *Japanese Journal of Psychology*; 1993 Jun, 64 (2), 153-159.

KIESS, H. O. & BLOOMQUIST, D. W., *Psycological Research Methods - A Conceptual Approach*, Allyin and Bacon, inc., Boston, 1985.

KIMMEL, D. C., *Adulthood and Aging*, New York, John Wiley and Sons, inc., 1980, 2ºed.

KLINE, P., *Personality Theorie Dimensions*, The Open University Press, 1976.

KLINE, P. & BARRETT, P., Studies with the PPQ and the Five Factor Model of

Personality. Special Issue "Le Modéle de Personnalité des Big Five en Europe",*European Review of Applied Psychology*, 44 (1), 35-43.

KNIGHT, B., *Psychoterapy with Older Adults*, Sage Publications, 1986.

KOHNSTAMM, G. A., Factoren in Gedragsbeoordelingen Van Leerlingen. / Personality Factors in Teacher Ratings of Schoolchildren: Resemblance with the Big Five, *Pedagogische Studien*; 1992 69 (1) 12-22.

KOLLAR, N., Personality Theories, Religious Education and Older Adults, *Religious Education*; 1986 Fal, 81 (4), 609-624.

KRAHÉ, B., *Personality and Social Psychology - Towards a Synthesis*, London, Sage Publications, 1992.

KROGER, R. O. & WOOD, L. A., Reification, "Faking," and the Big Five, *American Psychologist*; 1993 Dec, 48 (12), 1297-1298.

KRUEGER, J. & HECKHAUSEN, J., Personality Development Across the Adult Life Span: Subjective Conceptions vs Cross-Sectional Contrasts, *Journals of Gerontology*; 1993 May, 48 (3), 100-108.

LANDSHEERE, V. de, *L'Éducation et la Formation*, Paris, Collection Premier Cycle, PUF, 7º Edition, 1992, 115.

LANYON, R. I. & GOODSTEIN, L. D., *Personality Assessment*, New York, University Press of America, 2º Edition, 1982.

LARSEN, R. J., A Process Approach to Personality Psychology: Utilizing Time as a Facet of Data, The Development of a Narrative Identity, *in* BUSS, D. & CANTOR, N. (Eds.), Personality Psychology, *Recent Trends and Emerging Directions*, New York, Springer-Verlag, 1989, 177-193.

LEMOS-GIRALDEZ, S. & FIDALGO-ALISTE, A. M., Conductas de Riesgo Cardiovascular en Poblacion Universitaria. / Coronary Disease Risk Behaviors Among University Students, *Psicothema*; 1993 Oct, 5 (2), 337-350.

LERNER, R. M. & HULTSCH, D. F., *Human Development - A Life-Span Perspective*, New York, McGraw-Hill, 1983.

LESNE, M., *Trabalho Pedagógico e Formação de Adultos*, Lisboa, Ed. da Fundação Calouste Gulbenkian, 1984.

LEVIN, J., *Estatística Aplicada às Ciências Humanas*, S. Paulo, Ed. Harper & Row Ltd., 1977 (Trad. brasileira).

LEVIN, J. & MONTAG, I., Relationship Between the Basic Personality Inventory and the NEO-Personality Inventory in a Nonpatient Sample, *Psychological Reports*, 1991 Dec, 69 (3, Pt 2), Special Issue 1176-1178.

LEVY-LEBOYER, C. L., Postface: Quelques Réflexions sur les Big Five, New York. Special Issue "Le Modéle de Personnalité des Big Five en Europe", *European Review of Applied Psychology*, 44 (1), 73-76.

LEYENS, J. P., *Teorias da Personalidade na Dinâmica Social*, Lisboa, Editorial Verbo, 1985.

LIAN, L. *et al.*, Norske Versjoner av NEO-Personality Inventory, Symptom Checklist 90 Revised og Giessen Subjective Complaints List. Del II., (Norwegian versions of the Neuroticism, Extraversion, and Openness (NEO) Personality Inventory, SCL-90--Revised, and Giessen Subjective Complaints List: II.), *Tidsskrift for Norsk Psykologforening*; 1993 Feb, 30 (2), 117-126.

LIANG, J., A Structural Integration of the Affect Balance Scale and the Life Satisfaction Index A, *Journal of Gerontology*, 1985, 40(5), 552-561.

LIMA, J. J. P., *Física das Funções Biológicas*, Coimbra, no prelo.

LIMA, M. P., Auto-Conceito Académico em Adultos, *Tese de Mestrado*, Coimbra, 1991.

LIMA, M. P, Ele e Ela: Contributos do NEO PI-R para o Estudo do Casal, *in* ALMEIDA, S.A. & RIBEIRO, I. S., *Família e Desenvolvimento*, Actas da Convenção Anual da APPORT, Portalegre, APPORT, 1994, 93-96.

LIMA, M. P. & SECO, G., Auto-Conceito Académico em Adultos, *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 1990, Ano XXIV, 1303-315.

LIMA, M. P. & SIMÕES A., *Inventário de Personalidade NEO PI-R, in* ALMEIDA, L. S. *et al*, Provas psicológicas em Portugal, Braga, APPORT,1995, 133-150.

LIMA, M. P. & SIMÕES A., *Desenvolvimento Adulto: Que Significado?*, Actas do II encontro sobre o Desenvolvimento e Educação da Infância à idade Adulta, Coimbra, 28 a 30 de Abril de 1992.

LIPPA, R., Some Psychometric Characteristics of Gender Diagnosticity Measures: Reliability, Validity, Consistency Across Domains and Relationship to the Big Five, *Journal of Personality and Social Psychology*; 1991 Dec, 61 (6), 1000-1011.

LIPPA, R., Gender-Related Individual Differences And Psychological Adjustment in Terms of the Big Five And Circumplex Models, *Journal of Personality and Social Psychology*, 1995, 69, (6), 1184-1202.

LITTLE, B. R., Personal Projects Analysis: Trivial Pursuits, Magnificent Obcessions, and the Search for Coherence, *in* BUSS, D. & CANTOR, N. (Eds.), *Personality Psychology, Recent Trends and Emerging Directions*, New York, Springer-Verlag, 1989.

LITTLE, B. R. *et al.*, Personality and Personal Projects: Linking Big Five and PAC Units of Analysis. Special Issue: The Five-Factor Model: Issues and Applications, *Journal of Personality*; 1992 Jun 60(2) 501-525.

LIVNEH, H. & LIVNEH, C., The Five-Factor Model of Personality: Is Evidence of its Cross-Measure Validity Premature?, *Personality and Individual Differences*; 1989, 10 (1), 75-80.

LOPES, J., *Psicologia ou Psicologias*, Lisboa, Didática ed., 1981.

LORR, M. & STRACK, S., Wiggins Interpersonal Adjective Scales: A Dimensional View, *Personality and Individual Differences*; 1990, 11 (4), 423-425.

LORR, M. & STRACK, S., Some NEO-PI Five-Factor Personality Profiles, *Journal of Personality Assessment*; 1993 Feb, 60 (1), 91-99.

LORR, M. *et al.*, The Interpersonal Style Inventory and the Five-Factor Model, *Journal of Clinical Psychology*, 1992 Mar, 48 (2), 202-206.

LUK, C. L. & BOND, M. H., Personality Variation and Values Endorsement in Chinese University Students, *Personality and Individual Differences*; 1993 Mar, 14 (3), 429-437.

MACDONALD, D. A. & HOLLAND, C. J., Psychometric Evaluation of the Singer-Loomis Inventory of Personality, *Journal of Analytical Psychology*; 1993 Jul, 38 (3), 303-320.

MACEDO, T., *Sapiens-Demens*, Porto, Porto Ed., 1987.

MACLURE, S. & DAVIES, P., *Learning to Think: Thinking to Learn*, Oxford, Pergamon Press, 1991.

MACMILLAN, J. H. & SCHUMACHER, S., *Research in Education: a Conceptual Introduction*, USA, Foresman and Company, 2ºed., 1989.

MAGALHÃES, A., *O Homem que Queria Outro Destino*, Fundação A. Lopes de Oliveira, 1994.

MAGNUS, K. *et al.*, Extraversion and Neuroticism as Predictors of Objective Life Events: A Longitudinal Analysis, *Journal of Personality and Social Psychology*, 1993, 65 (5), 1046-1053.

MAGNUSSON, D., Individual Development in a Longitudinal Perspective, *Reports from the Department of Psychology*, Stockholm University, 1991, 733, 1-15.

MAGNUSSON, D. & BERGMAN L. R., *Data Quality in Longitudinal Research*, Cambridge University Press, 1990.

MAISONNEUVE, J., *A Dinâmica dos Grupos*, Lisboa, Livros do Brasil, 1967.

MALINOWSKI, E. J., *Viento, de Rocas y Mel sin Cadenas*, 1991.

MARKUS, H. & KUNDA, Z., Stability and Malleability of Self-Concept, *Journal of Personality and Social Psychology*, 1986, 51 (4), 858-866.

MARSH, H. W., *et al.*, Self-Concept: Reliability, Stability, Dimensionality, Validity, and the Measurement of Change, *Journal of Educational Psychology*, 1983a, 75 (5), 772-790.

MARSZAL W. M. & JARMUZ, S., The Structure of Children's Personality Emerging From Parental Free Descriptions, *European Journal of Psychological Assessment*, Supplement 1, 1995.

MARTIN, E. D. & SHER, K. J., Family History of Alcoholism, Alcohol Use Disorders and the Five-Factor Model of Personality, *Journal of Studies on Alcohol*; 1994 Jan, 55 (1), 81-90.

MARTIN, *et al.*, Review of Factor Analytic Studies of Temperament; Measures Based on the Thomas - Chess Structural; Model: Implications for the Big Five, *in* HALVERSON Jr. *et al.* (eds.), *The Developing Structure of Temperament and Personality from Infancy to Adulthood*, USA, Lawrence Erlbaum Ass., 1994, 157-172.

MASLACH, C., *Burnout: the Cost of Caring*, Englewood cliffs, NJ: Prentice:Hall, 1982.

MATTHEWS, G. & ODDY, K., Recovery of Major Personality Dimensions from Trait Adjective Data, *Personality and Individual Differences*; 1993 Oct, 15 (4), 419-431.

McADAMS, D., The Development of a Narrative Identity, BUSS, D. & CANTOR, N. (Eds.), *Personality Psychology, Recent Trends and Emerging Directions*, Springer-Verlag, New York, 1989.

McADAMS, D. P., The Five-Factor Model in Personality: A Critical Appraisal. Special Issue: The Five-Factor Model: Issues and Applications, *Journal of Personality*; 1992 Jun, 60 (2), 329-361.

McCRAE, R. R., Self-Control: Theories, Techiques, and the Example of Increasing Study Time, *Dissertation Abstracts International*, Boston, 1976.

McCRAE, R. R., Well-Being Scales do not Measure Social Desirability., *Journal of Gerontology*, 1986 May, 41 (3), 390-392.

McCRAE, R. R., Creativity, Divergent Thinking, and Openness to Experience, *Journal of Personality and Social Psychology*, 1987, 52 (6), 1258-1265.

McCRAE, R. R., "Why I Advocate the Five-Factor Model: Joint Factor Analyses of the NEO-PI with other instruments, *in* BUSS, D., CANTOR, N. (Eds.), *Personality Psychology, Recent Trends and Emerging Directions*, New York, Springer-Verlag, 1989.

McCRAE, R. R., Traits and Traits Names: How Well is Openness Represented in Natural Languages? *European Journal of Personality*, 1990a Jun, 4 (2), 119-129.

McCRAE, R. R., Controlling Neuroticism in the Measurement of Stress, *Stress Medicine*, 1990b Jul-Sep, 6 (3), 237-241.

McCRAE, R. R., The Five-Factor Model and its Assessment in Clinical Settings. Special Series: Clinical Use of the Five-Factor Model of Personality, *Journal of Personality Assessment*; 1991 Dec, 57 (3), 399-414.

McCRAE, R. R., Editor's Introduction to Tupes and Christal. Special Issue the Five-Factor Model: Issues and Applications, *Journal of Personality*, 1992 June, 60 (2), 217-220.

McCRAE, R. R., Openness to Experience as a Basic Dimension of Personality, Symposium Intellectance and Openness in the Big Five Personality Structure, *American Psychological Association Convention*, 1992, Washington, DC.

McCRAE, R. R., Agreement of Personality Profiles Across Observers, *Multivariate Behavioral Research*; 1993a, 28 (1), 25-40.

McCRAE, R. R., Moderated Analyses of Longitudinal Personality Stability, *Journal of Personality and Social Psychology*; 1993b Sep, 65 (3), 577-585.

McCRAE, R. R., Openness to Experience as a Basic Dimension of Personality, Imagination, *Cognition and Personality*, 1993c-94, 13 (1), 39-55.

McCRAE, R. R. & COSTA, P. T., Jr., Social Desirability Scales: More Substance Than Style, *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 1983, 51 (6), 882-888.

McCRAE, R. R. & COSTA, P. T., Updating Norman's «Adequate Taxonomy»: Intelligence and Personality Dimensions in Natural Language and in Questionaries, *Journal of Personality and Social Psychology*, 1985, 49, 710-721.

McCRAE, R. R. & COSTA, P. T., Personality, Coping and Coping Effectiveness in Adult Sample, *Journal of Personality*, 1986, 54, 385-405.

McCRAE, R. R. & COSTA, P.T., Validation of the Five-Factor Model of Personality Across Instruments and Observers, *Journal of Personality and Social Psychology*; 1987 Jan, 52 (1), 81-90.

McCRAE, R. R. & COSTA, P. T., Age, Personality, and the Spontaneous Self-Concept. *Journal of Gerontology*; 1988, 43 (6), 117-185.

McCRAE, R. R. & COSTA, P. T., Recalled Parent-Child Relations and Adult Personality, *Journal of Personality*; 1988 Jun, 56 (2), 417-434.

McCRAE, R. R. & COSTA, P. T., Rotation to Maximize the Construct Validity of Factors in the NEO Personality Inventory, *Multivariate Behavioral Research*; 1989 Jan, 24 (1), 107-124.

McCRAE, R. R. & COSTA, P. T., More Reasons to Adopt the Five-Factor Model, *American Psychologist*; 1989 Feb, 44 (2), 451-452.

McCRAE, R. R. & COSTA, P. T., Reinterpreting the Myers-Briggs Type Indicator from the Perspective of the Five-Factor Model of Personality, *Journal of Personality*; 1989 Mar, 57 (1), 17-40.

McCRAE, R. R. & COSTA, P. T., The Structure of Interpersonal Traits: Wiggins's Circumplex and the Five-Factor Model, *Journal of Personality and Social Psychology*; 1989 Apr, 56 (4), 586-595.

McCRAE, R. R. & COSTA, P. T., *Personality in Adulthood*, New York, The Guilford Press, 1990.

McCRAE, R. R. & COSTA, P. T., The NEO Personality Inventory: Using the Five-Factor Model in Counseling, *Journal of Counseling and Development*; 1991 Mar-Apr, 69 (4), 367-372.

McCRAE, R. R. & COSTA, P. T., Response to Dolliver, *Journal of Counseling and Development*; 1991 Mar-Apr, 69 (4), 375-376.

McCRAE, R. R. & COSTA, P. T., Adding Liebe und Arbeit: The Full Five-Factor Model and Well-Being, *Personality and Social Psychology Bulletin*; 1991 Apr, 17 (2), 227-232.

McCRAE, R. R. & COSTA, P. T., Discriminant Validity of NEO-PIR Facet Scales, *Educational and Psychological Measurement*, 1992 Spr, 52 (1), 229-237.

McCRAE, R. R. & COSTA, P. T., Does Lorr's Interpersonal Style Inventory Measure the Five-Factor Model? *Personality and Individual Differences*; 1994 Jan, 16 (1), 195-197.

McCRAE, R. R., & COSTA, P. T., Universal Aspects of Chinese Personality

Structure, *in* BOND, M. H., *The Handbook of Chinese Psychology*, Hong Kong, The University Press, 1994.

McCRAE, R. R. & COSTA, P. T., Trait Explanations In Personality Psychology, *European Journal of Personality*, 1995, 9, 231-252.

McCRAE, R. R. & JOHN, O. P., An Introduction to the Five-Factor Model and its Applications. Special Issue: The Five-Factor Model: Issues and Applications, *Journal of Personality*, 1992 Jun, 60 (2), 175-215.

McCRAE, R. R. & COSTA, P. T., Toward a New Generation of Personality Theories: Theoretical Contexts for the Five Factor Model, *in* WIGGINS, J. S., *The Five-Factor Model of Personality:Theoretical Perspectives*, EUA, Guilford Press, 1996.

McCRAE, R. R. *et al.*, Constancy of Adult Personality Structure in Males: Longitudinal, Cross-Sectional and the Times-of-Measurement Analyses, *Journals of Gerontology*; 1980, 35 (6), 877-883.

McCRAE, R. R. *et al.*, Evaluating Comprehensiveness in Personality Systems: The Clafornia Q-Set and the Five-Factor Model, *Journal of Personality*; 1986 Jun, 54 (2), 430-446.

McCRAE, R. R. *et al.*, A Caution on the Use of the MMPI K-Correction in Research on Psychosomatic Medicine, *Psychosomatic Medicine*; 1989 Jan-Feb, 51 (1), 58-65.

McCRAE, R. R. *et al.*, Folk Concepts, Natural Language, and Psychological Constructs: The California Psychological Inventory and the Five-Factor Model, *Journal of Personality*, 1993 Mar, 61 (1), 1-26.

McCRAE, R. R. *et al.*, Evaluating Replicability of Factors in the Revised NEO Personality Inventory: Confirmatory Factor Analysis and Procrustes Rotation, *Journal of Personality and Social Psychology*, 1996, 70 (3), 552-566.

McCRAE, R. R. *et al.*, Personality Trait Structure as a Human Universal,American Psychologist, 1997, 5, 509-516.

McCRAE, R. R. *et al.*, Age Differences in Personality Across the Adult Lifespan: Parallels in Five Cultures, *in Press.*

McFARLAND, C. *et al*, Biased Recollections in Older Adults: The Role of Implicit Theories of Aging, *Journal of Personality and Social Psychology*, 1992, 62 (5), 8837-850.

MEDNICK, S. A. & BAERT, A. E. (Editores), *Prospective Longitudinal Research: An Empirical Basis for the Primary Prevention of Psychosocial Disorders*, Oxford, Oxford University Press, 1981.

MERENDA, P. F., The Big-Five Factors of Personality: Possible Structure, But No Consensus Within the Structure, *Psychological Reports*; 1993 Feb, 72 (1), 66.

MERSHON, B. & GORSUCH, R. L., Number of Factors in the Personality Sphere: Does Increase in Factors Increase Predictability of Real-Life Criteria?, *Journal of Personality and Social Psychology*, 1988, 55 (4), 675-680.

MERVIELDE, I., The B5BBS-25: A Flemish Set of Bipolar Markers for the "Big-Five" Personality Factors, Psychologica-Belgica, 1992, 32 (2), 195-210.

MERVIELDE, I., *et al.*, A Five-Factor Model Classificationa of Teachers'; Constructs on Individual Differences Among Children Ages 4 to 12, *in* HALVERSON Jr. *et al.* (eds.), *The Developing Structure of Temperament and Personality from Infancy to Adulthood*, USA, Lawrence Erlbaum Ass., 1994, 387-398.

MERVIELDE, I., *et al.*, From Free Parental Descriptions of Children to Questionnaire Items, *European Journal of Psychological Assessment*, Supplement 1, 1995.

MILLER, T. R., The Psychotherapeutic Utility of the Five-Factor Model of

Personality: A Clinician's Experience. Special Series: Clinical Use of the Five-Factor Model of Personality, *Journal of Personality Assessment*; 1991 Dec, 57 (3), 415-433.

MINTON, H. L. & SCHNEIDER, F. W., *Differential Psychology*, EUA, Waveland Press, 1985.

MONGRAIN, M., Dependency and Self-Criticism Located Within the Five-Factor Model of Personality, *Personality and Individual Differences*; 1993 Oct, 15 (4), 455-462.

MONTEIRO, P., A Dimensão Dramática, Literária e Visual do Trabalho Científico: Alguns Exemplos, *Sociologia*, 1989, 7, 75-94.

MONTEIRO, P., *Emigração, O Eterno Mito do Retorno*, Celta Editora, 1994.

MONTEIRO, P., *A Ideologia do Carácter Nacional Português*, no prelo.

MOODY, L. *et al.*, Psychophysiologic Correlates of Quality of Life in Chronic Bronchitis and Emphysema, *Western Journal of Nursing Research*, 1991 Jun, 13 (3), 336-347.

MOREA, P., *Personality - An Introduction to the Theories of Psychology*, London, Penguin Books, 1990.

MOREIRA, J. *et al.*, Agarro-me, Fujo, ou nem por isso? Competência Social, Personalidade e Estilos de Vinculação no Adulto, *Comunicação nas 2ªs Jornadas da Sociedade Portuguesa de Psicologia*, Lisboa, Junho 1995.

MORIN, E. & KERN, A. B., *Terra-Pátria*, Lisboa, Ed. du Seuil, colecção Epistemologia e sociedade, 1984.

MUCCHIELLI, R., *Les Méthodes Actives dans la Pédagogie des Adultes*, Paris, Ed. ESF, 1972.

MULLER, M. M., The Stability of Anger Across Age and Sex in German Cohorts Born Between 1930 and 1972, *Personality and Individual Differences*, 1991, 12 (5), 417-425.

MUTÉN, E., Self-Reports, Spouse Ratings, and Psychophysiological Assessment in a Behavioral Medicine Program: An Application of the Five-Factor Model. Special Series: Clinical Use of the Five-Factor Model of Personality, *Journal of Personality Assessment*, 1991 Dec, 57 (3), 449-464.

NATHAN, P. E., Can Alcohol Abuse and Dependence Be Dimensionalized-And Should They Be? *Psychological Inquiry*; 1993, 4 (2), 113-115.

NEALE, J. M. & LIEBERT, R. M., *Science and Behavior: An Introduction to Methods of Research*, New Jersey, Prentice- Hall, Inc., 1986, 3º ed.

NEGREIROS, J. A., *Ultimatum Futurista*, Lisboa, 1917.

NESSELROADE, J. R. & BALTES, P. B., *Longitudinal Research in the Sudy of Behavior and Development*, New York, Academic Press, Inc., 1979.

NESSELROADE, J. R. & EYE, A. V., *Individual Development and Social Change - Explanatory Analysis*, Florida, Academic Press, Inc., 1985.

NOLLER *et al.*, Cattell, Comrey and Eysenck Personality Factors Compared: More Evidence for the Five Robust Factors? *Journal of Personality and Social Psychology*; 1987 Oct, 53 (4), 775-782.

NOREM, J. K., Cognitive Strategies as Personality: Effectiveness, Specificity, Flexibility, and Change, *in* BUSS, D., CANTOR, N. (Eds.), *Personality Psychology, Recent Trends and Emerging Directions*, New York, Springer-Verlag, 1989.

NÓVOA, A. *et al.*, Ciências da Educação e Mudança, Porto, Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 1991.

NUNNALLY, J. C., *Psychometric Theory*, EUA, McGraw-Hill Book Company, 1978, 2ºed.

NUNNALLY, J. C., The Study of Human Change: Measurement, Research

Strategies, and Methods of Analysis, *in* WOLMAN, B. B., *Handbook of Developmental Psychology*, EUA, Prentice Hall, 1982.

NUTTIN, J., *La Structure de la Personality*, Paris, PUF, 1971.

OSTENDORF, A. & ANGLEITNER, A., A Comparison of Different Instruments Proposed to Measure the Big Five Special Issue "Le Modéle de Personnalité des Big Five en Europe", *European Review of Applied Psychology*, 44 (1), 45-54.

PALAZZOLI, M. S., *Dans Les Coulisses de l'Organisation*, Paris, ESF, 1981.

PALENZUELA, D. L. & BARROS, A. M. (Eds), *Modern Trends in Personality Theory and Research: an Introduction*, Porto, APPORT, 1993.

PANTER, A. *et al.*, Structural Models for Multimode Designs in Personality and Temperament Research, *in* HALVERSON Jr. *et al.* (eds.), *The Developing Structure of Temperament and Personality from Infancy to Adulthood*, USA, Lawrence Erlbaum Ass., 1994, 111-138.

PARKER, J. D. *et al.*, Confirmatory Factor Analysis of the Revised NEO Personality Inventory, *Personality and Individual Differences*; 1993 Oct, 15 (4), 463-466.

PAULHUS, D. L. & BRUCE, M. N., The Effect of Acquaintanceship on the Validity of Personality Impressions: A Longitudinal Study, *Journal of Personality and Social Psychology*; 1992 Nov, 63 (5), 816-824.

PAVOT, W. *et al.*, Extraversion and Happiness, *Personality and Individual Differences*, 1990, 11 (12), 1299-1306.

PEABODY, D., Selecting Representative Trait Adjectives, *Journal of Personality and Social Psychology*; 1987 Jan, 52 (1), 59-71.

PEABODY, D. & GOLDBERG, L. R., Some Determinants of Factor Structures from Personality -Trait Descriptors, *Journal of Personality and Social Psychology*; 1989 Sep, 57 (3), 552-567.

PEREIRA, G., *et al.*, *Desenvolvimento Psicológico da Criança*, 2º, 2º tomo, Lisboa, ED. Moraes, 1976.

PERUGI, M. *et al.*, The Five-Factor Model into Adolescence: an MTMM Approach, *European Journal of Psychological Assessment*, Supplement 1, 1995.

PERVIN, L. A., *Personality: Theory and Research*, New York, John Wiley & Sons, Inc., 4ºed, 1984.

PERVIN, L. A. (Ed.), *Handbook of Personality: Theory and Research*, New York, The Guilford Press, Inc., 1990.

PETOT, J. M., L'Intérêt Clinique du Modèle de Personnalité des Big Five. Special Issue "Le modéle de personnalité des big five en europe", *European Review of Applied Psychology*, 44 (1), 57-64.

PICHOT, P., *Os Testes Mentais*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 4ºed., 1977.

PICKLES, A., Annotation: The Analysis of Change in Longitudinal Studies of Development, *Journal of Child Psychiat.*, 1991, 32 (4), 571-579.

PIEDMONT, R. L., A Longitudinal Analysis of Burnout in the Health Care Setting: The Role of Personal Dispositions, *Journal of Personality Assessment*, 1993 Dec, 61 (3), 457-473.

PIEDMONT, R. L. & HYLAND, M. E. Inter-Item Correlation Frequency Distribution Analysis: A Method for Evaluating Scale Dimensionality, *Educational and Psychological Measurement*; 1993 Sum, 53 (2), 369-378.

PIEDMONT, R. L. & WEINSTEIN, H. P., A Psychometric Evaluation of the New NEO-PIR Facet Scales for Agreeableness and Conscientiousness, *Journal of Personality Assessment*, 1993 Apr, 60 (2), 302-318.

PIEDMONT, R. L. *et al.*, Adjective Check List Scales and the Five-Factor Model, *Journal of Personality and Social Psychology*, 1991, 60 (4), 630-637.

PIEDMONT, R. L. *et al.*, An Assessment of the Edwards Personal Preference

Schedule From the Perspective of the Five-Factor Model, *Journal of Personality Assessment*, 1992 Feb, 58 (1), 67-78.

PLOMIN, R. & NESSELROADE, J. R., Behavioral Genetics and Personality Change. Special Issue: Biological Foundations of Personality: Evolution, Behavioral Genetics, and Psychophysiology, *Journal of Personality*; 1990 Mar, 58 (1), 191-220.

PONTY, M., *La Phénoménologie de la Perception*, Paris, Éd.Gallimard, 1945.

PRYOR, R. G. L., Toward Exorcising the Self-Concept From Psychology: Some Comments on Gottfredson's Circumscription/Compromise Theory, *Journal of Counseling Psychology*, 1985, 32 (1), 154-158.

RAMANAIAH, N. V. & DENISTON, W. M., NEO Personality Inventory Profiles of Assertive and Nonassertive Persons, *Psychological Reports*; 1993 Aug, 73 (1), 336-338.

RAMANAIAH, N. V. & DETWILER, F. R., Psychological Androgyny and the NEO Personality Inventory, *Psychological Reports*; 1992 Dec, 71 (3, Pt 2), 1216-1218.

RIBEIRO, J. B. & SILVA, J., *Compêndio de Filosofia*, Livraria Popular de Francisco Franco, Lisboa, 1971.

ROBINS, W. *et al.*, Major Dimensions of Personality in Early Adolescence: The Big Five and Beyond, *in* HALVERSON Jr. *et al.* (eds.), *The Developing Structure of Temperament and Personality from Infancy to Adulthood*, USA, Lawrence Erlbaum Ass., 1994, 267-292.

ROGERS, D., *Life-Span Human Development*, California, Brooks/Cle Publishing Company, 1982.

ROLLAND, J. P., Introduction: le Modéle de Personnalité des Big Five en Europe. Special Issue "Le Modéle de Personnalité des Big Five en Europe", *European Review of Applied Psychology*, 44 (1), 1-2.

ROLLAND, J. P., Désirabilité Sociale de "Marqueurs" des Dimensions de Personnalité du Modéle en Cinq Facteurs: le Rôle de l'Enjeu. Special Issue "Le Modéle de Personnalité des Big Five en Europe", *European Review of Applied Psychology*, 44 (1), 65-72.

ROSSI, A. S., *Gender and the Life Course*, New York, Aldine Publishing Company, 1985.

SAGAN, C., *O Cérebro de Broca: A Aventura da Ciência*, Lisboa, Gradiva, 1987.

SANCHEZ BERNARDOS, M. L., La Estructura de Personalidad: El Enfoque Lexico y los "Cinco Grandes." (The Structure of Personality: The Lexical Focus and the "Big Five" Personality Factors), *Estudios de Psicologia*; 1992, 47, 73-87.

SANFORD, N., What Have We Learned about Personality?, *in* KOCH, S. & LEARY, D. E., *A Century of Psychology as Science*, Washington, DC., APA, 1992.

SANTOS, A. M., *Expressividade e Personalidade*, Coimbra, Atlântida Ed., 1972.

SANTOS, A. M., Futuro e Personalidade, *Revista Portuguesa de Pedagogia*, Ano XI, 1977, 199-217.

SANTOS, A. M., A Interacção e o seu Tópico, *Revista Portuguesa de Pedagogia*, Ano XII, 1978, 171-194.

SANTOS, A. M., A Inexistência da Adultez, *Revista Portuguesa de Pedagogia*, Ano XI, 1979, 139-150.

SANTOS, A. M., Em Torno do *"Árrheton"*, *Separata de Biblos*, LVI, 1981, Coimbra.

SANTOS, A. M., Em Torno Da /Duma Personalidade, *Revista Portuguesa de Pedagogia*, Ano XVI, 1982, 227-250.

SANTOS, A. M., Factor Estrutural e Desenvolvimento, *Revista Portuguesa de*

Pedagogia, Ano XIII, 1986.
SANTOS, B. S., *Um Discurso Sobre as Ciências*, Porto, Ed. Afrontamento, 1987-95.
SANTOS J., *Eu Agora Quero-me Ir Embora*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1990.
SARAIVA, A., *Psicologia*, Porto, Ed. Educação Nacional, 1970.
SAUCIER, G., Benchmarks: Integrating Affective and Interpersonal Circles with the Big-Five Personality Factors, *Journal of Personality and Social Psychology*; 1992 Jun, 62 (6), 1025-1035.
SCHACHT, T. E., How Do I Diagnose Thee? Let Me Count the Dimensions, *Psychological Inquiry*; 1993 4 (2), 115-118.
SCHAIE, K. W., *Longitudinal Studies of Adult Psychological Development*, New York, The Guilford Press, 1983.
SCHAIE, K. W. & WILLIS, S. L., *Adult Development* and Aging, New York, Harper Collins Publishers, 1991, 3ª ed..
SCHMIDT, J. A. *et al.*, Axis II: Dimensionality Ratings? "Yes"; Big Five? "`Perhaps Later.", *Psychological Inquiry*; 1993 4 (2), 119-121.
SCHMIT, M. J. & RYAN, A. M., The Big Five in Personnel Selection: Factor Structure in Applicant and Nonapplicant Populations, *Journal of Applied Psychology*, 1993 Dec, 78 (6), 966-974.
SCHMITZ SCHERZER, R. & THOMAE, H., Constancy and Change of Behavior in Old Age: Findings From the Bonn Longitudinal Studies on Aging, *in* SCHAIE, K. W., (eds.), *Longitudinal Sudies of Adult Psychological Development*, New York, The Guilford Press, 1983, 191-221.
SCHNURR, P. P. *et al.*, Predicting Exercise in Late Midlife from Young Adult Personality Characteristics, *International Journal of Aging and Human Development*; 1990, 30 (2), 153-160.
SCHROEDER, D. H. & COSTA, P. T., Influence of Life Event Stress on Physical Ilness: Substantive Effects or Methodological Flaws, *Journal of Personality and Social Psychology*; 1984, 46 (4), 853-863.
SCHROEDER, M. L. *et al.*, Dimensions of Personality Disorder and Their Relationships to the Big Five Dimensions of Personality, *Psychological Assessment*; 1992 Mar, 4 (1), 47-53.
SCHULZ, R. & EWEN, R. B., *Adult Development and Aging, Myths and Emerging Realities*, New York, McMillan Publishing Company, 1988.
SHADEL, W. G. & CERVONE, D., The Big Five Versus Nobody? *American Psychologist*; 1993 Dec, 48 (12), 1300-1302.
SHAVELSON, R. J., O Planeamento da Investigação nas Ciências Sociais, Tradução do capítulo Design of Research in the Behavioural Sciences, *in Statistical Reasoning for Behavioural Sciences*, Boston, Allyn and Bacon, Inc., 1981.
SHAVER, P. R. & BRENNAN, K. A., Attachment Styles and the "Big Five" Personality Traits: Their Connections with Each Other and with Romantic Relationship Outcomes, *Personality and Social Psychology Bulletin*; 1992 Oct, 18 (5), 536-545.
SHIMONAKA, YOSHIKO, Aging and Personality, *Japanese Psychological Review*; 1984 27 (3), 260-271.
SIEGLER, I. C. *et al.*, Predicting Personality in Adulthood From College MMPI Scores: Implications for Follow-up Studies in Psychosomatic Medicine, *Psychosomatic Medicine*; 1990 Nov-Dec, 52 (6), 644-652.
SIEGLER, I. C. *et al.*, Ratings of Personality Change in Patients Being Evaluated for Memory Disorders, *Alzheimer Disease and Associated Disorders*; 1991 Win, 5 (4), 240-250.
SILVA C.F., *Modelos da Aprendizagem*. Texto de apoio aos alunos, 1995.

SIMÕES, A., O Adulto em Perspectiva: Diferenças de Comportamento Associadas à Idade, *Revista Portuguesa de Pedagogia,* 1979b, Ano XIII, 3-66.

SIMÕES, A., Problemas Actuais de Psicologia das Diferenças Sexuais, *Revista Portuguesa de Pedagogia,* 1983, Ano XVII, 34-59.

SIMÕES, A., *O Desenvolvimento Coextensivo à Duração de Vida: Uma Perspectiva com Incidências para a Psicologia Diferencial e a Educação,* Coimbra, ed. do autor, 1984.

SIMÕES, A., Estereótipos Relacionados com os Idosos, *Revista Portuguesa de Pedagogia,* 1985, Ano XIX, 207-234.

SIMÕES, A., Que é Educar? Acerca do Constitutivo Formal do Conceito, *Revista Portuguesa de Pedagogia,* Ano XXIII, 1989, 3-20.

SIMÕES, A., Alfabetização de Adultos, *Revista Portuguesa de Pedagogia,* 1990a, Ano XXIV, 457-476.

SIMÕES, A., Alguns Mitos Respeitantes aos Idosos, *Revista Portuguesa de Pedagogia,* 1990b, Ano XXIV, 109-121.

SIMÕES, A., *Desenvolvimento Intelectual do Adulto,* Unidade de Educação de Adultos, Braga, 1992.

SIMÕES, A., São os Homens mais Agressivos que as Mulheres?, *Revista Portuguesa de Pedagogia,* Ano XXVII-III, 1993, 387-404.

SIMÕES, A., Ulterior Validação de uma Escala de Satisfação com a Vida (SWLS), *Revista Portuguesa de Pedagogia,* 1993, Ano XXIV, 109-121.

SIMÕES, M., *Investigações no Âmbito da Aferição Nacional do Teste das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven (M.P.C.R.),* Coimbra, Dissertação de Doutoramento,1994.

SIMONTON, D. K., Presidential Style: Personality, Biography and Performance, *Journal of Personality and Social Psychology,* 1988 Dec, 55 (6), 928-936.

SMITH, D. D., Longitudinal Stability of Personality, *Psychological Reports*; 1992 Apr, 70 (2), 483-498.

SMITH, S. S. & KIHLSTROM, J. F., When Is a Schema Not a Schema? The "Big Five" Traits as Cognitive Structures, *Social Cognition*; 1987, 5 (1), 26-57.

SMITH, T. W. & WILLIAMS, P. G., Personality and Health: Advantages and Limitations of the Five-Factor Model. Special Issue: The Five-Factor Model: Issues and Applications, *Journal of Personality*; 1992 Jun, 60 (2), 395-423.

SOARES, M. G., Tão Comuns que Nós Somos, *Semanário Expresso,* Suplemento Viva, 29 Setembro 1995.

SOLDZ, S. *et al.*, Representation of Personality Disorders in Circumplex and Five-Factor Space: Explorations with a Clinical Sample, *Psychological Assessment*; 1993 Mar, 5 (1), 41-52.

SPIEGEL, M. R., *Theory and Problems of Statistic,* USA, Schaum's outline series, McGraw-Hill Book Company, 1961.

SPINATH, F. M. & ANGLEITNER, A., Convergence of Verbal and Nonverbal Personality Assessment Techniques, *European Journal of Psychological Assessment,* Supplement 1, 1995.

SPRINTHALL, N. A. & COLLINS, W. A., *Psicologia do Adolescente, Uma Abordagem Desenvolvimentista,* Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.

STAGNER, R., On the Reality and Relevance of Traits, *The Journal of General Psychology,* 1977, 96, 185-207.

STEIN, J. A. *et al.*, Stability and Change in Personality: A Longitudinal Study From Early Adolescence to Young Adulthood, *Journal of Research in Personality*; 1986 Sep, 20 (3), 276-291.

STEIN, M. B. & HACKERMAN, F. R., The Use of the MMPI-2 in Conjunction with the NEO -Personality Inventory, *Psychological Reports*; 1991 Dec, 69 (3,

Pt 1), 955-958.

STEVENS, J. *Applied Multivariate Statistics for the Social Sciences*, Laurence, Erlbaum Ass. Pub., Hillsdale, 1986.

STRACK, S. & LORR, M., Three Approaches to Interpersonal Behavior and Their Common Factors, *Journal of Personality Assessment*; 1990 Sum, 54 (3-4), 782-790.

STRACK, S. & LORR, M., Item Factor Structure of the Personality Adjective Check List, *Journal of Personality Assessment*; 1990 Fal, 55 (1-2), 86-94.

STRAUSS, M. E. *et al.*, Concordance Between Observers in Descriptions of Personality Change in Alzheimer's Disease, *Psychology and Aging*; 1993 Dec, 8 (4), 475-480.

SUGARMAN, L., *Life-Span Development, Concepts, Theories and Interventions*, New Essential Psychology

SZIRMAK, Z., The Hungarian Trait Taxonomy and Health Habits, *European Journal of Psychological Assessment*, Supplement 1, 1995.

TALBERT, F. S. *et al.*, NEO-PI Profiles in PTSD as a Function of Trauma Level. Annual Meeting of the American Psychological Association (1992, Washington, DC), *Journal of Clinical Psychology*, 1993 Sep, 49 (5), 663-669.

TELLEGEN, AUKE, Folk Concepts and Psychological Concepts of Personality and Personality Disorder, *Psychological Inquiry*; 1993, 4 (2), 122-130.

TESCH, S. A. & CAMERON, K. A., Openness to Experience and Development of Adult Identity, *Journal of Personality*, 55 (4), 1987.

THORNDIKE, R. M., *Data Collection and Analasis*, New York, Gardner Press, Inc., 1982.

THORNE, A., Conditional Patterns, Transference, and the Coherence of Personality Across Time, *in* BUSS, D.& CANTOR, N. (Eds.), *Personality Psychology, Recent Trends and Emerging Directions*, Springer-Verlag, New York, 1989.

TICE, D., Metatraits: Interitem Variance as Personality Assessment, *in* BUSS, D., CANTOR, N. (Eds.), *Personality Psychology, Recent Trends and Emerging Directions*, Springer-Verlag, New York, 1989.

TOKAR, D. M. & SWANSON, J. L., Evaluation of the Correspondence Between Holland's Vocational Personlity Typology and the Five-Factor Model of Personality, *Journal of Vocational Behavior*, 1995, 46, 89-108.

TRAPNELL, P. D. & WIGGINS, J. S., Extension of the Interpersonal Adjective to Include the Big Five Dimensions of Personality, *Journal of Personality and Social Psychology*, 1990, 59 (4), 781-790.

TRULL, T. J., DSM-IIIr Personality Disorders and the Five-Factor Model of Personality: An Empirical Comparison, *Journal of Abnormal Psychology*; 1992 Aug, 101 (3), 553-560.

TRULL, T. J., *et al.*, Comparison of the MMPI-2 Personality Psychopathology Five (PSY-5), the NEO-PI, and the NEO-PI-R, *Psycological Assesment*, 1995, 7 (4), 508-516.

TUCKMAN, B. W., *Conducting Educational Research*, New York, Harcourt Brace Jovanovich, inc., 1978.

TUPES, E. C. & CHRISTAL, R. E., Recurrent Personality Factors Based on Trait Ratings. Special Issue: The Five-Factor Model: Issues and Applications, *Journal of Personality*; 1992 Jun, 60 (2), 225-251.

USULA, P. D. & HERTZOG, C., Evidence of Differential Stability of State and Trait Anxiety in Adults, *Journal of Personality and Social Psychology*, 1991, 60 (3), 471-479.

VANDENPLAS-HOLPER, C., *et al.*, Bipolar Rating Scales on the Five-Factor

Model Used by French-Speaking Mothers and Teachers: Factor Structure and Relations to 9-year-old Children's Scholastic Status, *European Journal of Psychological Assessment*, Supplement 1, 1995.

VAN LIESHOUT, C. F. & HASELAGER, G. J., Persoonlijkheidsfactoren in Q-sort Persoonsbeschrijvingen Van Kinderen: Relatie Tot Het Vijf-Factoren-Model. / Personality Dimensions in California Child Q-Set Descriptions: Relation with the Five Factor Model, *Pedagogische Studien*; 1992 69 (1), 23-39.

VAN LIESHOUT, C. F. *et al.*, The Big Five Factors in Q-Sort Descriptions of Children and Adolescents, *in* HALVERSON Jr. *et al.* (eds.), *The Developing Structure of Temperament and Personality from Infancy to Adulthood*, USA, Lawrence Erlbaum Ass., 1994, 293-318.

VASSEND, OLAV *et al.*, Norske Versjoner av NEO-Personality Inventory, Symptom Checklist 90 Revised og Giessen Subjective Complaints List. Del I. / Norwegian versions of the NEO-Personality Inventory, Symptom Checklist 90 Revised, and Giessen Subjective Complaints List: I., *Tidsskrift for Norsk Psykologforening*; 1992 Dec, 29 (12), 1150-1160.

VAZ SERRA, A. *et al.*, Auto-Conceito e Sintomas Depressivos na População em Geral, *Psiquiatria Clínica*, 1986, 7 (2), 97-101.

VICTOR, J., The Five-Factor Model Applied to Individual Differences in School Behavior, *in* HALVERSON Jr. *et al.* (eds.), *The Developing Structure of Temperament and Personality From Infancy to Adulthood*, USA, Lawrence Erlbaum Ass., 1994, 355-366.

VIEIRA, M. C., *Investigação Quantitativa versus Qualitativa: Uma Abordagem Comparativa*, Coimbra, FPCEUC, 1995.

VOGT, W. P., *Dictionary of Statistics and Methodoly*, Newbury Park, SAGE, 1993.

YAGUELLO, M., *Alice no País da Linguagem, para compreender a Linguística*, Imprensa Universitária, Lisboa, Ed. Estampa, 1991.

YEUNG, A. S. *et al.*, A Family Study of Self-Reported Personality Traits and DSM-IIIr Personality Disorders, *Psychiatry Research*; 1993 Sep, 48 (3), 243-255.

YEUNG, A. S. *et al.*, The Relationship Between DSM-III Personality Disorders and the Five-Factor Model of Personality, *Comprehensive Psychiatry*; 1993 Jul-Aug, 34 (4), 227-234.

YORK, K. L., & JOHN, O. P., The Four Fces of Eve: A Typlogical Analysis of Women's Personality at Midlife, *Journal of Personality and Social Psychology*, 1992, 63 (3), 494-508.

YUNG, C. G., *Ma Vie*, Paris, 1967.

WACHS, T., Fit, Context, and the Transition Between Temperament and Personality, *in* HALVERSON Jr. *et al.* (eds.), *The Developing Structure of Temperament and Personality from Infancy to Adulthood*, USA, Lawrence Erlbaum Ass., 1994, 209-220.

WADE, J. B. *et al.*, Patterns of Normal Personality Structure Among Chronic Pain Patients, *Pain*; 1992 Jan, 48 (1), 37-43.

WALLER, N. G. & BEN-PORATH, Y. S., Is it Time for Clinical Psychology Embrace the Five-Factor Model of Personality? *American Psychologist*; 1987 Sep, 42 (9) 887-889.

WALLER, N. G. & ZAVALA, J. D., Evaluating the Big Five, *Psychological Inquiry*; 1993, 4 (2), 131-135.

WALPOLA, R., *What the Buddha Taught*, Grove Press, inc., New York, 1974.

WATSON, D. & CLARK, L. A., On Traits and Temperament: General and Specific Factors of Emotional Experience and their Relation to the Five-Factor Model. Special Issue: The Five-Factor Model: Issues and

Applications, *Journal of Personality*; 1992 Jun, 60 (2), 441-476.

WATSON, D. *et al.*, Affect, Personality and Social Activity, *Journal of Personality and Social Psychology*, 1992, 63 (6), 1011-1025.

WATSON, D., *et al.*, Structures of Personality and Their Relevance to Psychopathology, *Journal of Abnormal Psychology*; 1994, 103 (1) 18-31.

WATZLAWICK, P., *Pragmática da Comunicação humana*, S. Paulo, Ed. Cultrix, 1981.

WATZLAWICK, P., *A Realidade é Real?*, Lisboa, Relógio d'Àgua Editores Lda., 1991.

WHITBOURNE, S. K., Openness to Experience, Identity Flexibility, and Life Change in Adults, *Journal of Personality and Social Psychology*, 1986, 50 (1), 163-168.

WHITBOURNE, S. K. *et al.*, Psychosocial Development in Adulthood: A 22-Year Sequential Study, *Journal of Personality and Social Psychology*; 1992 Aug, 63 (2), 260-271.

WIDIGER, T. A. & COSTA, P. T., Personality and Personality Disorders, *Journal of Abnormal Psychology*, 1994, 103 (1), 78-91.

WIDIGER, T. A. & TRULL, T. J., Personality and Psychopathology: An Application of the Five-Factor Model. Special Issue: The Five-Factor Model: Issues and Applications, *Journal of Personality*; 1992 Jun, 60 (2), 363-393.

WIDIGER, T. A. & TRULL, T. J., Assessment of the Five-Factor Model of Personality, *Journal of Personality Assessment*, 1997, 68 (2), 228-250.

WIDIGER, T. A., The DSM-IIIr Categorical Personality Disorder Diagnoses: A critique and an Alternative, *Psychological Inquiry*, 1993, 4 (2), 75-90.

WIDIGER, T. A., "The DSM-IIIr Categorical Personality Disorder Diagnoses: A Critique and an Alternative": Reply to Commentators: From B to Z, *Psychological Inquiry*; 1993, 4 (2), 135-141.

WIDIGER, T. A. & TRULL, T. J., Assessment of the Five-Factor Model of Personality, *Journal of Personality Assessment*; 1997, 68 (2), 228-250.

WIGGINS, J. S. (ed.), *The Five -Factor Model of Personality - Theoretical Perspectives*, New York, The Guilford Press, 1996.

WISE, T. N. *et al.*, Personality and Sexual Functioning of Transvestitic Fetishists and Other Paraphilics, *Journal of Nervous and Mental Disease*; 1991 Nov, 179 (11), 694-698.

WISE, T. N. *et al.*, Alexithymia and the Five-Factor Model of Personality, *Comprehensive Psychiatry*; 1992 May-Jun, 33 (3), 147-151.

WOLFE, R. N. & KASMER, J. A., Type Versus Trait: Extraversion, Impulsivity, Sociability, and Preferences for Cooperative and Competitive Activities, *Journal of Personality and Social Psychology*, 1988, 54, (5), 864-871.

WRIGHT, J. C., An Alternative Paradigm for Studying the Accuracy of Person Perception: Simulated Personalities, *in* BUSS, D., CANTOR, N. (Eds.), *Personality Psychology, Recent Trends and Emerging Directions*, New York Springer-Verlag, 1989.

WRIGHTSMAN, L. S., *Personality Development in Adulthood*, California, SAGE Publications, 1988.

ZALES, M.D. (ed.), *Stress in health and disease*, New York, Brunner/Mazel, publishers, 1985.

ZORICH, S. & REYNOLDS, W. M., Convergent and Discriminant Validation of a Measure of Social Self-Concept, *Journal of Personality Assessment*, 1988, 52 (3), 441-453.

ZUCKERMAN, M., *Psychobiology of Personality*, Cambridge, University Press, 1991.

ZUCKERMAN, M., What Lies Beyond E and N? Factor Analyses of Scales

Believed to Measure Basic Dimensions of Personality, *Journal of Personality and Social Psychology*; 1988 Jan 54(1) 96-107.

ZUCKERMAN, M., Impulsive Sensation Seeking and its Behavioral, Psychophysiological Biochemical Correlates. International Symposium: Psychobiology: Psychophysiological and Psychohumoral Processes Combined (1992, Giessen, Germany), *Neuropsychobiology*, 1993, 28 (1-2), 30-36.

ZUCKERMAN, M., An Alternative Five-Factor Model for Personality, *in* HALVERSON Jr. *et al.* (eds.), *The Developing Structure of Temperament and Personality from Infancy to Adulthood*, USA, Lawrence Erlbaum Ass., 1994, 53-68.

ZUCKERMAN, M., *et al.*, The Vocal Attractiveness Stereotype: Replication and Elaboration, *Journal of Nonverbal Behavior*; 1990 Sum, 14 (2), 97-112.

ZUCKERMAN, M. *et al.*, Five (or three) Robust Questionnaire Scale Factors of Personality Without Culture, *Personality and Individual Differences*; 1991, 12 (9), 929-941.

ZUCKERMAN, M. *et al.*, A Comparison of Three Structural Models for Personality: The Big Three, the Big Five, and the Alternative Five, *Journal of Personality and Social Psychology*; 1993, 65 (4), 757-768.

Anexos

Anexo 1
Breve descrição dos domínios e facetas do NEO-PI-R

Domínios globais

Neuroticismo (N)

Avalia a adaptação vs. instabilidade emocional.

Identifica indivíduos com propensão para a descompensação emocional, ideias irrealistas, desejos e necessidades excessivas, e respostas de coping desadequadas.

Características do sujeito com pontuação alta:

Preocupado, nervoso, emocionalmente inseguro, inadequado, hipocondríaco.

Características do sujeito com pontuação baixa:

Calmo, relaxado, resistente, seguro, não-emotivo, satisfeito consigo.

Extroversão (E)

Avalia a quantidade e intensidade das interacções interpessoais, o nível de actividade, a necessidade de estimulação, e a capacidade de exprimir alegria.

Características do sujeito com pontuação alta:

Sociável, activo, falador, orientado para a relação interpessoal, optimista, amante da diversão, afectuoso.

Características do sujeito com pontuação baixa:

Reservado, sóbrio, pouco exuberante, distante, orientado para a tarefa, tímido, silencioso.

Abertura (O)

Avalia a procura proactiva e apreciação da experiência por si própria; a tolerância e exploração do não-familiar.

Características do sujeito com pontuação alta:

Curioso, com interesses diversos, criativo, original, imaginativo, não tradicional.

Características do sujeito com pontuação alta:

Convencional, pragmático, limitado, não artístico e não analítico.

Amabilidade (A)

Avalia a qualidade da orientação interpessoal num contínuo, que vai, desde a compaixão, ao antagonismo nos pensamentos, sentimentos e acções.

Características do sujeito com pontuação alta:

Sentimental, bondoso, de confiança, prestável, disposto a perdoar, crédulo, recto.

Características do sujeito com pontuação alta:

Cínico, rude, desconfiado, pouco cooperativo, vingativo, impiedoso, irritável, manipulador.

Conscienciosidade (C)

Avalia o grau de organização, persistência e motivação no comportamento orientado para um objectivo. Contrasta pessoas que são de confiança e escrupulosas com aquelas que são preguiçosas e descuidadas.

Características do sujeito com pontuação alta:

Organizado, confiável, trabalhador, auto-disciplinado, pontual, escrupuloso, arranjado, ambicioso, perseverante.

Características do sujeito com pontuação baixa:

Irresponsável, preguiçoso, despreocupado, frouxo, negligente, hedonista e sem objectivos.

Facetas do Neuroticismo (N)

Características dos sujeitos com pontuação alta e baixa:

Ansiedade

Tenso, medroso, preocupado, apreensivo.

vs.

Calmo, relaxado, estável, corajoso.

Hostilidade

Irritável, facilmente frustado e zangado.

vs.

Amigável, moderado, pouco susceptível de se ofender.

Depressão

Sem esperança, com sentimentos de culpabilidade, em baixo, triste e melancólico.

vs.

Raramente triste, com esperança, optimista.

Auto-consciência

Envergonhado, inferiorizado, embaraçável.

vs.

Equilibrado, seguro, sente-se adequado, à vontade.

Impulsividade

Incapaz de resistir às tentações, cede aos desejos.

vs.
Resiste às tentações, auto-controlado.

Vulnerabilidade
Nervoso, entra em pânico, incapaz de lidar com o *stress*.
vs.
Flexível, calmo, competente, resistente.

Facetas de Extroversão (E)
Características dos sujeitos com pontuação alta e baixa:

Acolhimento
Amigável, conversador, afectuoso.
vs.
Frio, distante dos outros, formal.

Gregariedade
Gosta de conviver, simpático, gregário, alegre, social.
vs.
Evita multidões, solitário, prefere estar sozinho, auto-contido.

Assertividade
Dominante, com força de vontade, confiante, decidido.
vs.
Não assumido, reservado, evita afirmar-se.

Actividade
Enérgico, com ritmo rápido, vigoroso.
vs.
Sem pressa, vagaroso e deliberado.

Procura de excitação
Exibicionista, procura estimulações fortes, aceita riscos.
vs.
Evita a sobre-estimulação, cauteloso, sério, sem interesse na excitação.

Emoções positivas
Alegre, espirituoso, divertido.
vs.
Pouco entusiasta, plácido, sério.

Facetas de Abertura (O)

Características dos sujeitos com pontuação alta e baixa:

Fantasia

Imaginativo, aprecia sonhar acordado, elabora fantasias.

vs.

Prefere o pensamento realista, prático, evita sonhar acordado.

Estética

Valoriza a experiência estética, arrebatado pela arte e beleza.

vs.

Insensível à beleza, não aprecia arte.

Sentimentos

Responde emocionalmente, sensível, empático, valoriza os seus próprios sentimentos.

vs.

Leque limitado de emoções, insensível ao ambiente.

Acções

Procura a novidade e variedade, procura novas actividades.

vs.

Prefere o familiar, segue uma rotina rígida, adaptado à sua maneira de ser.

Ideias

Curioso intelectualmente, orientado teoricamente, analítico.

vs.

Pragmático, factualmente orientado, não aprecia desafios intelectuais.

Valores

Horizontes largos, tolerante, não conformista, espírito aberto.

vs.

Dogmático, conformista, limitado, conservador.

Facetas da Amabilidade (A)

Características dos sujeitos com pontuação alta e baixa:

Confiança

Atribui intenções benevolentes aos outros.

vs.

Cínico, suspeita de que os outros são desonestos e perigosos.

Rectidão

Franco e frontal ao lidar com os outros.

vs.
Maquiavélico, calculista.

Altruísmo
Altruísta, socialmente interessado e orientado.
vs.
Centrado em si próprio, relutante em envolver-se nos problemas alheios.

Complacência
Complacente, tolerante, brando.
vs.
Antagonista, contestador, agressivo.

Modéstia ou humildade
Humilde, modesto, simples.
vs.
Arrogante, visão inflamada de si próprio, narcisista.

Sensibilidade
Tendência a ser guiado por sentimentos, particularmente os de simpatia, ao ajuizar e tomar atitudes.
vs.
Realista, racional, comove-se dificilmente.

Facetas da Conscienciosidade (C)
Características dos sujeitos com pontuação alta e baixa:

Competência
Sente que é capaz, sensível, prudente e eficaz.
vs.
Sente-se incapaz, tem baixa auto-estima.

Ordem
Tendência a manter o ambiente limpo, bem organizado e ordenado.
vs.
Desorganizado, desleixado.

Obediência ao dever
Aderência estrita a padrões de conduta, princípios éticos e obrigações morais.
vs.
Irresponsável, com quem não se pode contar.

Esforço de realização

Atraído pelo êxito, diligente, com orientação na vida e com objectivos.

vs.

Pouco ambicioso, preguiçoso.

Auto-disciplina

Persistente, aptidão para continuar uma tarefa, apesar do enfado e das distracções.

vs.

Prostrado, desiste em face da frustração.

Deliberação

Cauteloso e ponderado, planificador.

vs.

Espontâneo.

Anexo 2
Informação sobre o NEO-PI-R remetida a alguns sujeitos

O seu sumário NEO-PI-R

O Inventário de Personalidade NEO-PI-R mede cinco grandes factores, ou domínios, da personalidade. As respostas que deu sobre os seus pensamentos, sentimentos, e objectivos podem ser comparadas com a de outros adultos de forma a dar uma descrição da sua personalidade. Para cada um dos cinco domínios é dado, em baixo, uma descrição sumária baseada em três grupos de pontuações. *As descrições assinaladas dão a sua descrição, baseadas nas suas respostas ao inventário.*

O NEO-PI-R mede diferenças entre adultos normais. Não é um teste de aptidão ou inteligência e não tem intenção de diagnosticar problemas de saúde mental. Dá-lhe, no entanto, uma ideia sobre o que o torna único na sua forma de pensar, sentir e interagir com os outros.

Este sumário tem a intenção de lhe dar uma *ideia geral* de como a personalidade pode ser descrita. *Não é um relatório detalhado.* Possivelmente se completasse o teste novamente poderia obter resultados ligeiramente diferentes. No entanto, para a maioria das pessoas, os traços da personalidade tendem a ser estáveis durante a adultez. A não ser que venha a experienciar acontecimentos de vida radicais, ou faça esforços para se modificar, este sumário deve aplicar-se a si ao longo da sua vida adulta.

Comparativamente com as respostas de outras pessoas, as suas respostas sugerem que pode ser descrito como:

☐ Sensível, emocional, e com tendência a experiênciar sentimentos que são desagradáveis.	☐ Geralmente calmo e capaz de lidar com o *stress*, mas, por vezes, experiência sentimentos de culpa, raiva ou tristeza.	☐ Seguro, calmo e geralmente relaxado mesmo quando em situações stressantes.
☐ Extrovertido, fácil de lidar, dinâmico e optimista. Prefere estar com as pessoas a maior parte do tempo.	☐ Moderado na actividade e entusiasmo. Aprecia a companhia dos outros mas também valoriza a privacidade.	☐ Introvertido, reservado e sério. Prefere estar sozinho ou com alguns amigos próximos.
☐ Aberto a novas experiências. Tem uma grande amplitude de interesses e é muito imaginativo.	☐ Prático mas com vontade de experienciar novas formas de fazer as coisas. Procura um balanço entre o novo e o velho.	☐ Terra-a-terra, prático, tradicional, e com ideias assentes.
☐ Boa natureza, prestável, com vontade de cooperar e evitar o conflito.	☐ Geralmente acolhedor, de confiança e agradável, mas pode, por vezes, ser teimoso e competitivo.	☐ Céptico, orgulhoso, competitivo. Tem tendência a expressar a sua raiva directamente.
☐ Conscienciоso e organizado. Tem padrões elevados de realização e luta para atingir os seus objectivos.	☐ Moderadamente bem organizado. Tem, geralmente, objectivos claros, mas também tem a capacidade de colocar o trabalho de lado.	☐ Despreocupado, pouco organizado, e por vezes negligente. Prefere não fazer planos.

Anexo 3
Contrato para a tradução do NEO-PI-R

PAR Psychological Assessment Resources, Inc.

Mailing Address: P.O. Box 998 / Odessa, Florida 33556
Street Address: 16204 N. Florida Ave./Lutz, Florida 33549

Telephone (813) 968-3003
Telefax (813) 968-2598

September 3, 1991

Margarida Pedroso de Lima
Faculdade de Psicologia e de Ciencias da Educacao
Universidade de Coimbra
3000 de Coimbra
PORTUGAL

Dear Dr. Pedroso de Lima:

In response to your recent request to translate the NEO-PIR, permission is hereby granted to you to translate the NEO-PIR into the Portuguese language and make 500 copies for use in your validation research with the portuguese adult population.

This permission agreement is subject to the following restrictions:

(1) Any and all materials used will contain the following credit line:

"Adapted and reproduced by special permission of the Publisher, Psychological Assessment Resources, Inc., 16204 North Florida Avenue, Lutz, Florida 33549, from the NEO-PIR by Paul Costa, Ph.D. and Robert McCrae, Ph.D. Copyright 1978, 1985, 1989 by Psychological Assessment Resources, Inc. Further reproduction is prohibited without permission from PAR, Inc."

(2) None of the material may be sold, given away, or used for purposes other than those described above without written permission of PAR, Inc.

(3) Three copies of the translation will be sent to the Publisher to indicate that the proper credit line has been used and all rights to the translation will be assigned by you to Psychological Assessment Resources, Inc.

(4) Once the translation is complete, a back translation will be conducted by an individual unfamiliar with the English version of the NEO PIR and the back translation will be forwarded to PAR for review.

(5) The normal royalty/license fee will be waived for the initial translation and research. However, if you wish to reproduce copies and/or make your translation generally available to others, further permission and a contract including royalty fees will be required.

(6) A copy of your research results will be sent to the Publisher.

BOTH COPIES of this Permission Agreement should be signed and returned to me to indicate that you intend to proceed with the translation and that you are in agreement with the above restrictions. I will then return a fully executed copy to you for your files. If you decide not to proceed with the translation, please return both copies of the Permission Agreement to me and so indicate.

Sincerely,

R. BOB SMITH, III, Ph.D.
President

RBS/bm

ACCEPTED AND AGREED:

BY: Margarida Pedroso de Lima
MARGARIDA PEDROSO DE LIMA

DATE: 25 set. 1991

ACCEPTED AND AGREED:

BY:
R. BOB SMITH III, PH.D.
President
PAR, Inc.

DATE: 10-7-91

Anexo 4
Revisão da retrotradução pelos autores do inventário

DEPARTMENT OF HEALTH & HUMAN SERVICES

Public Health Service

National Institutes of Health
National Institute on Aging
Gerontology Research Center
4940 Eastern Avenue
Baltimore, Maryland 21224

August 3, 1992

Dr. Margarida Pedroso de Lima
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação
Universidade de Coimbra
3000 de Coimbra
PORTUGAL

Dear Dr. Pedroso de Lima:

Dr. Smith of Psychological Assessment Resources sent your translation of the NEO-PI-R to me for comment. In general, it appears to be accurate. There are several items, however, that you might want to review; there seem to be some problems either in the original translation or in the back translation.

7. "Crowds frighten me and I avoid them." This sounds like a Neuroticism item rather than a (low) Extraversion item. The phrase "shy away" in the original is rather idiomatic; here it means keeping away from crowds. "I dislike crowds and avoid them" would be more accurate than "crowds frighten me".

9. "I am not convincing or sly." This doesn't make sense. Did the back-translator intend to say "convincing or sly"? That would be close to the correct meaning.

18. "I know very well what I want". The original was "I'm pretty set in my ways." It means that one sticks rigidly to one's habits and routines, and resists changes. This seems to be quite different from knowing what one wants.

21. "I often like to deal with theories and abstract ideas." The original says "play with theories," and the translation should keep the element of playful interest in ideas.

24. "I am not interested in going on about my abilities and achievements." This item has been reversed; the original was "I don't mind bragging," that is, I am interested in going on about my abilities. This is a reverse-keyed modesty item. Is the item a measure of immodesty in Portugese?

36. "I have a stable personality." This is very vague; the original was "I am an even-tempered person," implying that one rarely gets angry or upset.

63. "I have a very active imagination" This seems nearly identical to #3, "I have a very lively imagination". Both are Openness to Fantasy items, but differ a bit in that #63 refers to "fantasy life." Are the two different in Portugese?

77. "I might work slowly." The original wording is "My work is likely to be slow but steady." The phrase "slow but steady" refers to a style of activity that can achieve a good deal, but at a modest pace. The back translation of this item sounds like simple laziness, which is not intended.

82. "Some things I have done just for the pleasure and enjoyment of doing them". The original item used "kicks or thrills" instead of "pleasure and enjoyment." This is supposed to be an Excitement Seeking item, and should convey the idea that one would do silly or dangerous things merely in order to satisfy a need for stimulation.

85. "I am a creative person and always manage to find a way of carrying out what I propose." This back-translation makes the item seem to tap ingenuity. It is supposed to measure Self-Discipline. Instead of "creative," the original says "productive", which is the result of hard work rather than creativity. Instead of "find a way of carrying out what I propose", the original says "gets the job done"—again, an indicator of persistence rather than inventiveness.

102. "At meetings, I rarely pay attention to what I feel at the moment." There is a confusion of this item with #103, "I rarely pay attention to what I feel at that moment." Is this problem in the Portugese as well as the back-translation?

126. "I am often disillusioned with the people with whom I have to mix." The original is "disgusted" rather than "disillusioned". This is an Angry Hostility item, and means that one often feels annoyance and contempt for others.

153. "If I am starting to lose concentration on something . . ." The original is "If I find my mind starting to drift off into daydreams . . ." and suggests that one prefers purposeful activity to daydreaming. The back translation's "lose concentration on something" sounds as if it might apply equally well to moving from one purposeful activity to another, which is not the intent.

189. "Sometimes I flatter or "butter up" other people . . ." This appears to be incomplete. The original item said "bully or flatter", and was meant to indicate a manipulative use of various interpersonal techniques of persuasion. Does the Portugese include the "bully" aspect?

I have enclosed a copy of the hand-scoring answer sheet, which contains the scoring key on the undersheet. N1, Anxiety, is scored from items 1, 31, 61, etc.—the items in the first row—with items 1, 61, 121, and 181 reverse scored. I have also asked the publisher to send you a copy of the Manual.

Sincerely,

Robert R. McCrae

Robert R. McCrae, PhD
Research Psychologist
Personality, Stress and Coping Section

cc: Dr. Smith, PAR

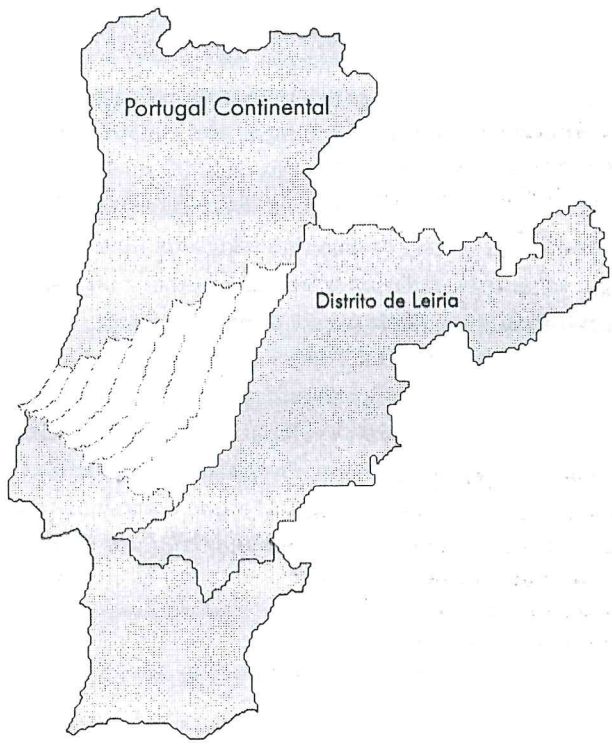
Anexo 5
Classificação da avaliação do nível socio-económico
(Almeida, 1988)

Nível Socio-Económico Baixo: trabalhadores assalariados, por conta de outrem, trabalhadores não especializados da indústria e da construção civil, empregados de balcão no pequeno comércio, contínuos, cozinheiros, empregados de mesa, empregados de limpeza, pescadores, rendeiros, trabalhadores agrícolas, vendedores ambulantes, até ao ciclo preparatório.

Nível Socio-Económico Médio: trabalhadores especializados da indústria (mecânicos, electricistas); motoristas; pequenos patrões do comércio, indústria e serviços; profissionais técnicos intermédios independentes; pescadores proprietários de embarcações; empregados de escritório, seguros e bancários; agentes de segurança; contabilistas; enfermeiros, assistentes sociais; professores do ensino básico e secundário; do 4º ano de escolaridade ao 12º ano de escolaridade; cursos médios e superiores.

Nível Socio-Económico Elevado: grandes proprietários ou empresários agrícolas, do comércio e da indústria; quadros superiores da administração pública, do comércio, da indústria e de serviços, profissões liberais (gestores, médicos, magistrados, arquitectos, engenheiros, economistas, professores do ensino secundário e superior); artistas, oficiais superiores das forças militares e militarizadas; pilotos da aviação; do 4º ano de escolaridade (de modo a incluir grandes proprietários e empresários) à licenciatura, mestrado e doutoramento.

Anexo 6
Mapa de Portugal e do Distrito de Leiria



Anexo 7
Exemplo de uma carta enviada

19 de Agosto 1993

Exmo Senhor Presidente da Junta de Freguesia da Lagarteira

O Núcleo de Assistência Psicológica e de Formação de Adultos, da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, está a levar a cabo um projecto de investigação que consiste na aferição, para a população portuguesa, do primeiro Inventário de Personalidade para Adultos que mede este constructo de acordo com o Modelo dos Cinco Factores. A amostra de cerca de 2000 sujeitos será recolhida, no distrito de Leiria, por este se aproximar, nas variáveis em estudo, das características da população nacional. A freguesia de cuja Presidência da Junta V. Exª tão bem desempenha o cargo, foi seleccionada, ao acaso, com outras nove, para se efectuar a passagem do questionário à população adulta de alguns lugares.

Vimos, por este meio, informar Vossa Excelência de que a investigação decorrerá, durante o mês de Setembro ficando nós muito gratos pela divulgação, pelo menos informal deste facto, junto da população, de forma a suscitar uma maior motivação e participação no preenchimento do questionário referido.

Obrigada desde já, por toda a colaboração que esperamos trazer benefícios para a evolução da investigação científica nacional.

Com os meus melhores cumprimentos,

Margarida Pedroso de Lima
Assistente da F.P.C.E

Anexo 8
Certificado de responsabilização

Certificado de responsabilização

Certifico que

_____está a participar como **entrevistador** na aferição, para a população portuguesa, do *Inventário de Personalidade para Adultos (NEO-PI-R)*, investigação levada a cabo pelo Núcleo de Assistência Psicológica e de Formação de Adultos, da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra.

Margarida Pedroso de Lima

(Mestre da Faculdade Psicologia e de Ciências da Educação U.C.)

Anexo 9
Informação sobre a investigação

Caro cidadão

Obrigada desde já, por toda a colaboração que esperamos trazer benefícios para a evolução da investigação científica nacional.

O Núcleo de Assistência Psicológica e de Formação de Adultos, da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra, está a levar a cabo um projecto de investigação que consiste na aferição, para a população portuguesa, *do Inventário de Personalidade para Adultos*. A amostra de cerca de 2000 sujeitos será recolhida, no *distrito de Leiria*, por este se aproximar, nas variáveis em estudo, das características da população nacional. *Esta freguesia* foi seleccionada, ao acaso, com outras nove, para se efectuar a passagem do questionário à população adulta de alguns lugares.

A investigação decorrerá na sua freguesia, durante o meses de *Setembro/ Outubro*. Para que ela tenha o sucesso pretendido, tome *Atenção às seguintes instruções:*

- Dentro deste envelope encontram-se 6 testes (PANAS; NEO-PI-R; AQ; I.I.V. e SWLS; E.P.Q.). Por favor preencha *todas as questões* de cada um deles e *devolva* todo o conteúdo deste envelope.

- Um dos testes (o NEO-PIR) tem a folha de respostas (azul), dentro do caderno de instruções. Escreva *apenas na folha de respostas.*

- Não necessita de colocar o seu nome em qualquer dos testes. As suas respostas são confidenciais. No entanto, na folha azul (NEO-PI-R) preencha os restantes dados pedidos (idade, escolaridade, sexo, profissão).

- O número existente nos vários testes destina-se apenas a evitar que estes se misturem com os de pessoas diferentes. Cada pessoa tem um só número, como tal deverá ser apenas ela a preencher os 6 testes de cada envelope.

- Se tiver quaisquer dúvidas ou tiver interesse em perceber mais profundamente a investigação contacte com Margarida P. Lima, telef. 039-36724 (Faculdade de Psicologia).

Anexo 10

Certificado de participação

Certifico que

_____participou na aferição, para a população portuguesa, do *Inventário de Personalidade para Adultos (NEO-PI-R)*, investigação levada a cabo pelo Núcleo de Assistência Psicológica e de Formação de Adultos, da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra.

Set/Outubro de 1993

_____

Margarida Pedroso de Lima

Anexo 11
Análise em componentes principais dos 240 itens, seguida de rotação varimax com 2000 sujeitos

STAT. FACTOR ANALYSIS	Communalities (guidas.sta) Extraction: Principal components Rotation: Varimax normalized					
Variable	From 1 Factor	From 2 Factors	From 3 Factors	From 4 Factors	From 5 Factors	Multiple R-Square
VAR1	.003260	.009009	.030990	.076597	.097726	229248
VAR2	.015631	.017539	.018034	.023645	.249773	355698
VAR3	.037015	.159219	.159341	.161341	.161341	328936
VAR4	.003824	.003908	.029841	.125262	.174868	301159
VAR5	.170685	.202346	.204360	.204396	.228228	357686
VAR6	.006853	.009335	.146019	.165556	.171103	283798
VAR7	.025330	.130764	.180723	.180817	.196327	402234
VAR8	.001079	.092962	.100211	.200337	.217145	355057
VAR9	.000787	.019420	.020540	.075536	.076333	237803
VAR10	.021876	.031237	.033201	.050370	.070048	284835
VAR11	.003960	.007289	.176560	.190620	.219112	366670
VAR12	.077304	.144317	.164508	.242056	.247153	371592
VAR13	.013909	.210881	.211201	.225667	.236118	371190
VAR14	.001403	.002057	.051232	.148528	.151723	303206
VAR15	.199108	.200082	.200083	.275466	.277849	376215
VAR16	.001167	.001309	.234171	.240390	.240413	362418
VAR17	.048053	.119420	.168284	.168997	.233498	357549
VAR18	.052794	.066644	.097044	.115285	.121058	267959
VAR19	.026270	.028165	.053886	.162408	.170508	284570
VAR20	.078959	.081398	.178127	.200677	.266336	362318
VAR21	.007531	.014113	.014230	.107707	.108755	230368
VAR22	.000715	.292681	.307725	.313229	.316425	454109
VAR23	.002310	.256956	.260929	.272373	.273284	395456
VAR24	.002131	.023209	.023566	.217090	.225217	328137
VAR25	.249828	.258973	.267746	.268904	.269302	400474
VAR26	.023715	.024194	.285404	.297537	.302917	403152
VAR27	.000395	.159791	.171033	.233653	.250054	354271
VAR28	.017926	.086287	.116104	.199970	.250797	343369
VAR29	.050600	.091384	.106043	.197667	.198548	340846
VAR30	.017778	.139157	.178768	.184084	.198005	369686
VAR31	.002407	.003789	.212414	.217842	.221489	381717
VAR32	.000938	.159385	.165922	.262461	.268333	382495
VAR33	.107573	.215639	.215760	.239352	.256821	372080
VAR34	.000017	.000419	.002806	.021493	.163380	335886
VAR35	.013583	.017582	.033618	.098695	.122536	283800
VAR36	.003640	.004970	.066634	.082096	.157796	353078
VAR37	.002491	.094686	.097061	.097063	.229569	412899
VAR38	.002808	.235639	.237829	.245237	.246653	437542
VAR39	.001556	.009118	.015278	.280761	.284499	408297
VAR40	.198571	.203302	.203563	.221749	.222096	463889
VAR41	.011650	.012001	.274657	.280036	.281358	424119
VAR42	.000448	.000832	.155398	.175902	.176269	325758
VAR43	.001601	.253164	.261638	.280508	.298144	398205
VAR44	.089145	.098111	.113934	.207156	.254017	364648
VAR45	.028460	.032856	.110257	.164589	.190965	303700
VAR46	.030162	.037150	.098916	.118033	.150811	275807
VAR47	.174665	.179575	.192763	.199362	.235473	358757
VAR48	.105540	.194959	.196547	.267494	.271510	391384
VAR49	.000581	.105632	.105922	.199769	.251678	360932
VAR50	.271543	.312912	.326838	.328740	.334164	431006
VAR51	.001442	.166445	.190014	.219139	.219540	364670
VAR52	.009546	.013209	.014237	.043352	.048537	243759
VAR53	.006345	.122238	.156252	.172580	.225844	441271

STAT. FACTOR ANALYSIS	Communalities Extraction: Principal components Rotation: Varimax normalized					
Variable	From 1 Factor	From 2 Factors	From 3 Factors	From 4 Factors	From 5 Factors	Multiple R-Square
VAR54	.010743	.067165	.075430	.077884	.078657	.305958
VAR55	.128765	.174441	.222449	.255035	.255807	.381447
VAR56	.167616	.189951	.245720	.245847	.256000	.371828
VAR57	.003095	.225235	.225324	.225694	.227990	.346826
VAR58	.059631	.134387	.142226	.200946	.203111	.342653
VAR59	.028826	.032727	.040018	.287767	.289751	.382797
VAR60	.247107	.250760	.250827	.265714	.267085	.410920
VAR61	.029452	.040379	.187447	.210522	.250623	.386175
VAR62	.104061	.136494	.136516	.168981	.273184	.427141
VAR63	.003370	.283150	.292164	.299835	.300125	.459838
VAR64	.084182	.090059	.176550	.189795	.194578	.339917
VAR65	.140849	.193931	.221932	.233012	.233444	.372488
VAR66	.025510	.035923	.074435	.238648	.251566	.436682
VAR67	.058072	.070689	.122247	.149812	.153825	.382174
VAR68	.003397	.040412	.045219	.134334	.135245	.311625
VAR69	.030241	.131628	.153963	.185207	.236265	.375373
VAR70	.109140	.109407	.137461	.154363	.186277	.393280
VAR71	.006395	.016371	.215943	.235978	.330788	.446770
VAR72	.001029	.096300	.151367	.204381	.204383	.339185
VAR73	.104924	.183212	.185854	.207356	.208720	.357460
VAR74	.003638	.007015	.019243	.180218	.217691	.406744
VAR75	.136228	.137395	.137565	.210484	.212789	.339778
VAR76	.025210	.123567	.214962	.215515	.241119	.368928
VAR77	.050633	.051196	.058978	.060859	.065808	.209305
VAR78	.035445	.043559	.063530	.087660	.106079	.257087
VAR79	.008382	.020702	.024711	.026281	.073340	.257623
VAR80	.050679	.050754	.129900	.139416	.139510	.271507
VAR81	.035208	.065333	.072958	.074712	.081469	.224247
VAR82	.000538	.201179	.201333	.208895	.227063	.358130
VAR83	.000154	.129383	.147886	.147912	.150753	.625340
VAR84	.000036	.015146	.020755	.246860	.247050	.412815
VAR85	.296548	.296678	.309232	.314408	.318096	.413243
VAR86	.001501	.027172	.253653	.255274	.261251	.367202
VAR87	.007226	.074371	.170447	.170960	.184333	.319406
VAR88	.044686	.113773	.154057	.154122	.257264	.367254
VAR89	.043050	.048452	.076668	.194027	.194244	.327467
VAR90	.050844	.149587	.214034	.219780	.219918	.395779
VAR91	.036687	.036688	.349919	.349985	.352355	.436694
VAR92	.001147	.006675	.051272	.230287	.286515	.437016
VAR93	.037426	.179969	.182218	.235923	.256998	.371549
VAR94	.007557	.008451	.014525	.047819	.169504	.347959
VAR95	.000099	.011325	.170167	.171056	.176490	.300094
VAR96	.005423	.018650	.048799	.064898	.068316	.250960
VAR97	.007846	.124967	.154851	.177563	.215075	.356409
VAR98	.047635	.103875	.119958	.160094	.164648	.334642
VAR99	.000129	.008306	.012006	.093680	.100017	.245722
VAR100	.265880	.265925	.273481	.332302	.333767	.467794
VAR101	.001913	.034424	.159609	.161156	.162492	.310847
VAR102	.014976	.047871	.122495	.136514	.166266	.318270
VAR103	.001455	.090627	.102196	.174809	.219198	.330332
VAR104	.138782	.160047	.167035	.270438	.299208	.401702
VAR105	.036376	.065754	.073760	.188177	.188432	.317729
VAR106	.003397	.003921	.066571	.095749	.116951	.240907
VAR107	.026036	.233408	.233801	.238240	.246349	.370563

STAT. FACTOR ANALYSIS	Communalities Extraction: Principal components Rotation: Varimax normalized					
Variable	From 1 Factor	From 2 Factors	From 3 Factors	From 4 Factors	From 5 Factors	Multiple R-Square
VAR108	.003865	.072378	.074725	.076593	.091532	.245080
VAR109	.011705	.079690	.082528	.176195	.188394	.317227
VAR110	.278430	.290127	.291139	.293228	.301087	.424425
VAR111	.000952	.135149	.148570	.161601	.168582	.381538
VAR112	.006682	.109438	.150128	.160939	.166372	.358435
VAR113	.025368	.120803	.189175	.191246	.215961	.418665
VAR114	.114389	.114400	.145563	.231774	.276599	.354032
VAR115	.063847	.066061	.279612	.288830	.304133	.403528
VAR116	.055331	.075398	.138351	.151126	.162848	.365848
VAR117	.000194	.213182	.217377	.220909	.261073	.390188
VAR118	.023982	.087266	.097389	.142562	.143514	.274967
VAR119	.002103	.002130	.002994	.052053	.054357	.227360
VAR120	.187648	.199571	.209533	.218372	.218473	.405154
VAR121	.060533	.079412	.079954	.120434	.163403	.319155
VAR122	.053019	.168468	.168541	.210933	.289756	.419456
VAR123	.001839	.319981	.326078	.329566	.330681	.457920
VAR124	.000138	.001848	.048774	.211501	.220332	.347072
VAR125	.188467	.212996	.216511	.216705	.222740	.373607
VAR126	.010518	.011606	.070554	.212462	.230454	.350058
VAR127	.068472	.081866	.149871	.197437	.198552	.416829
VAR128	.000703	.131911	.141560	.234287	.246408	.484891
VAR129	.030192	.056033	.057276	.172372	.172738	.316548
VAR130	.189364	.189423	.237933	.279907	.314016	.470511
VAR131	.004047	.005196	.220195	.220468	.228569	.339167
VAR132	.080353	.182249	.182338	.182356	.185911	.340688
VAR133	.002765	.188334	.210634	.210666	.210670	.300840
VAR134	.015721	.042341	.050027	.155794	.162855	.323887
VAR135	.217390	.224052	.224079	.280042	.280044	.403538
VAR136	.023917	.066287	.365915	.366569	.379053	.482409
VAR137	.014148	.107367	.231780	.231782	.248473	.362650
VAR138	.061541	.088266	.134335	.158157	.159966	.304779
VAR139	.003032	.060070	.062442	.071767	.279118	.373517
VAR140	.000152	.190213	.208340	.208408	.295903	.382422
VAR141	.020587	.136558	.136682	.149299	.187942	.332543
VAR142	.017010	.195608	.202652	.218245	.264824	.385560
VAR143	.000013	.132532	.146350	.147329	.149322	.630372
VAR144	.133588	.161840	.188820	.205740	.225396	.389329
VAR145	.200318	.206288	.225643	.231022	.231422	.348133
VAR146	.050104	.085444	.323122	.330196	.358309	.449270
VAR147	.008322	.008327	.008406	.029138	.047422	.211167
VAR148	.026750	.066093	.086223	.130694	.141259	.286454
VAR149	.058036	.067616	.082990	.129695	.131059	.280152
VAR150	.035648	.199220	.260872	.285741	.288717	.408236
VAR151	.076762	.076823	.300752	.319035	.319045	.401056
VAR152	.006926	.074325	.083585	.083589	.159772	.293184
VAR153	.152004	.199862	.210979	.214680	.244561	.370295
VAR154	.006697	.006756	.008514	.053883	.222061	.369491
VAR155	.013990	.138106	.221991	.287143	.335502	.431460
VAR156	.000071	.005200	.109279	.109379	.183726	.382658
VAR157	.001172	.004204	.004308	.005303	.071951	.284693
VAR158	.031336	.225621	.237339	.268357	.270828	.431454
VAR159	.006184	.132385	.132387	.191770	.195645	.342995
VAR160	.000380	.085489	.104926	.223971	.306710	.398744
VAR161	.046652	.116023	.255543	.274285	.289508	.438968

STAT. FACTOR ANALYSIS	Communalities Extraction: Principal components Rotation: Varimax normalized					
Variable	From 1 Factor	From 2 Factors	From 3 Factors	From 4 Factors	From 5 Factors	Multiple R-Square
VAR162	.008183	.019330	.050477	.086971	.095425	.249520
VAR163	.000219	.057764	.076914	.098282	.170461	.278352
VAR164	.118370	.148136	.153187	.184305	.270894	.398949
VAR165	.220973	.225523	.225817	.228982	.229517	.323707
VAR166	.095550	.121146	.197139	.198355	.220074	.352818
VAR167	.008044	.010725	.046636	.103009	.107402	.260689
VAR168	.017046	.070661	.080963	.082264	.084729	.243754
VAR169	.004472	.060253	.065820	.239836	.261312	.367668
VAR170	.227008	.281226	.281442	.285882	.286334	.403638
VAR171	.033578	.049237	.078216	.166571	.173128	.340015
VAR172	.005795	.121063	.132575	.168899	.181306	.308100
VAR173	.000129	.100988	.119271	.177193	.219818	.326186
VAR174	.018426	.025452	.054377	.110707	.131600	.317203
VAR175	.005666	.023805	.140372	.160041	.207199	.310110
VAR176	.094694	.100025	.179605	.181466	.216905	.411097
VAR177	.063725	.206802	.243550	.253795	.370434	.476552
VAR178	.065488	.165971	.169009	.224313	.235662	.390608
VAR179	.073962	.106366	.113482	.253151	.258028	.389102
VAR180	.151505	.202103	.233009	.239354	.240736	.400146
VAR181	.022975	.023187	.068196	.131218	.178218	.310146
VAR182	.019969	.121444	.123234	.154926	.175551	.312283
VAR183	.000027	.063871	.064611	.199332	.199698	.308534
VAR184	.032520	.032559	.039566	.091584	.314910	.439923
VAR185	.200998	.204551	.216006	.227011	.247825	.400686
VAR186	.011616	.038097	.162140	.165776	.187661	.338994
VAR187	.002674	.060458	.109303	.149765	.153164	.316014
VAR188	.002688	.126484	.127906	.152041	.153822	.433136
VAR189	.026330	.070831	.072254	.285595	.307457	.427193
VAR190	.061391	.068125	.071178	.072385	.073531	.258511
VAR191	.007754	.007778	.304849	.304954	.305709	.387417
VAR192	.016626	.069197	.071185	.150622	.152978	.350054
VAR193	.012091	.046729	.050974	.052464	.072324	.212796
VAR194	.079802	.083147	.101820	.116082	.207177	.375321
VAR195	.319712	.319713	.322207	.334528	.336956	.416377
VAR196	.004560	.007719	.113973	.114751	.114856	.267724
VAR197	.019026	.121700	.121847	.127559	.127633	.313824
VAR198	.006090	.023247	.055850	.085539	.104520	.270087
VAR199	.001337	.027972	.080003	.132905	.160829	.322327
VAR200	.248683	.259213	.260110	.266302	.278715	.385925
VAR201	.010918	.075646	.255279	.263904	.273096	.416167
VAR202	.028797	.078929	.080486	.091279	.167357	.283999
VAR203	.036238	.241017	.241660	.244126	.244358	.442343
VAR204	.016541	.030654	.036693	.063110	.113818	.292098
VAR205	.006005	.006022	.071852	.111756	.122061	.263980
VAR206	.129598	.158460	.186553	.186661	.202404	.364503
VAR207	.011442	.107594	.119969	.124826	.124893	.275923
VAR208	.060161	.063966	.065831	.065831	.066280	.218228
VAR209	.061747	.061868	.078091	.089171	.129749	.263847
VAR210	.138059	.144127	.147726	.148537	.152705	.334588
VAR211	.016313	.037542	.287999	.288022	.288205	.376550
VAR212	.074517	.075545	.079768	.112271	.139487	.263901
VAR213	.022819	.126937	.128106	.148791	.155113	.302892
VAR214	.088823	.089008	.090936	.125042	.279424	.384485
VAR215	.253051	.259744	.265969	.267539	.275964	.412689

STAT. FACTOR ANALYSIS	Communalities Extraction: Principal components Rotation: Varimax normalized					
Variable	From 1 Factor	From 2 Factors	From 3 Factors	From 4 Factors	From 5 Factors	Multiple R-Square
VAR216	.010996	.011010	.250718	.262796	.262943	.352344
VAR217	.000669	.117376	.123150	.130170	.244102	.469295
VAR218	.004153	.020223	.020269	.029657	.030699	.304060
VAR219	.125417	.178439	.178950	.197805	.237958	.350922
VAR220	.041547	.044093	.119943	.154793	.215571	.330018
VAR221	.032376	.037068	.352743	.356023	.357881	.457183
VAR222	.010973	.013872	.161932	.162028	.162327	.280268
VAR223	.000961	.127297	.143040	.145771	.149384	.283738
VAR224	.093840	.106845	.128404	.200348	.255153	.363125
VAR225	.183777	.230860	.232193	.245884	.279986	.416960
VAR226	.031884	.039902	.107238	.108179	.122997	.276428
VAR227	.168749	.257227	.273735	.276410	.295271	.436157
VAR228	.021372	.056675	.082235	.115912	.134244	.292061
VAR229	.082872	.093264	.116075	.282708	.292210	.398565
VAR230	.095195	.134478	.141438	.184171	.229102	.396757
VAR231	.153036	.202644	.228447	.247078	.313408	.429490
VAR232	.002662	.070370	.071906	.100469	.135329	.289130
VAR233	.016443	.198231	.205108	.210217	.215053	.434463
VAR234	.000029	.008761	.014110	.273055	.274159	.407658
VAR235	.209321	.210099	.223974	.234130	.234188	.370289
VAR236	.133771	.162764	.225359	.233967	.272128	.388945
VAR237	.012368	.172882	.172884	.199569	.252666	.391572
VAR238	.043325	.044185	.050010	.060541	.063788	.222355
VAR239	.017229	.017329	.024695	.088105	.101327	.294550
VAR240	.126546	.140561	.143274	.144105	.147650	.268685

Anexo 12
Análise em componentes principais das 30 facetas, seguida de rotação varimax e restrição a cinco factores, com 2000 sujeitos

factores ..... facetas	Neuroticismo	Extroversão	Abertura à Experiência	Amabilidade	Conscienciosidade
N1: Ansiedade	0.75	0.01	0.4	0.16	0.16
N2: Hostilidade	0.64	-0.29	-0.06	-0.26	-0.04
N3: Depressão	0.77	-0.06	-0.12	0.1	-0.18
N4: Auto-consc.	0.7	-0.05	-0.03	0.09	-0.18
N5: Impulsividade	0.39	0.2	0.36	-0.26	-0.31
N6: Vulnerabilidade	0.65	-0.11	-0.07	0.01	-0.44
E1: Caloroso	-0.07	0.70	0.18	0.2	0.26
E2: Gregariedade	-0.11	0.66	0.13	-0.13	-0.04
E3: Assertividade	-0.31	0.16	0.20	-0.55	0.19
E4: Actividade	0.06	0.17	0.25	-0.31	0.36
E5: Procura Excitação	-0.01	0.46	0.36	-0.39	0.02
E6: Emoções positivas	-0.1	0.56	0.44	-0.19	0.10
O1: Fantasia	0.12	0.20	0.67	-0.12	-0.11
O2: Estética	0.06	0.12	0.67	0.13	0.19
O3: Sentimentos	0.14	0.31	0.62	-0.19	0.21
O4: Acções	-0.21	0.05	0.55	0.04	-0.05
O5: Ideia	-0.11	0.05	0.71	-0.18	0.11
O6: Valores	-0.14	-0.02	0.70	0.11	-0.06
A1: Confiança	-0.18	0.51	-0.06	*0.41*	0.04
A2: Rectidão	-0.04	-0.04	-0.03	*0.74*	0.07
A3: Altruísmo	-0.01	0.54	0.10	*0.45*	0.33
A4: Complacência	-0.09	0.22	-0.24	*0.67*	0.1
A5: Modéstia	0.10	-0.11	0.06	*0.72*	0.05
A6: Sentimental	0.15	0.22	0.21	*0.51*	0.16
C1: Competência	-0.25	0.23	0.05	-0.02	*0.65*
C2: Ordem	0.06	-0.04	0.01	0.01	*0.69*
C3: Dever	-0.03	0.1	-0.01	0.37	*0.72*
C4: Realização	-0.06	0.14	0.13	-0.11	*0.76*
C5: Auto-Disciplina	-0.32	0.01	0.05	0.10	*0.74*
C6: Deliberação	-0.2	-0.04	-0.33	0.27	*0.55*
Congruência dos factores	0.98	0.89	0.89	0.93	0.97

Anexo 13

Solução varimax com 2000 sujeitos

factores .....facetas	Neuroticismo	Extroversão	Abertura à Experiência	Amabilidade	Conscienciosidade	Congruência dos itens
N1: Ansiedade	0.77	0.04	0.03	0.16	0.15	0.93*
N2: Hostilidade	0.65	-0.28	-0.06	-0.27	-0.03	0.91*
N3: Depressão	0.79	-0.09	-0.12	0.10	-0.18	0.97**
N4: Auto-consc.	0.71	-0.08	-0.03	0.09	-0.20	0.98**
N5: Impulsividade	0.38	0.22	0.36	-0.26	-0.31	0.85*
N6: Vulnerabilidade	0.66	-0.09	-0.08	0.01	-0.43	0.99**
E1: Caloroso	-0.07	0.70	0.17	0.21	0.26	0.96**
E2: Gregariedade	-0.12	0.66	0.13	-0.12	-0.04	0.95**
E3: Assertividade	-0.32	0.17	0.20	-0.55	0.19	0.87*
E4: Actividade	0.05	0.18	0.25	-0.30	0.36	0.87*
E5: Procura Excitação	-0.01	0.46	0.36	-0.38	0.03	0.92*
E6: Emoções positivas	-0.11	0.56	0.44	-0.18	0.10	0.85*
O1: Fantasia	0.13	0.20	0.67	-0.12	-0.11	0.95**
O2: Estética	0.06	0.12	0.67	0.13	0.19	0.98**
O3: Sentimentos	0.14	0.31	0.61	-0.19	0.22	0.90*
O4: Acções	-0.21	0.05	0.54	0.04	-0.05	0.96**
O5: Ideia	-0.11	0.05	0.71	-0.18	0.11	0.99**
O6: Valores	-0.14	-0.02	0.70	0.11	-0.06	0.92*
A1: Confiança	-0.19	0.50	-0.06	0.41	0.03	0.83*
A2: Rectidão	-0.04	-0.05	-0.03	0.74	0.07	0.96**
A3: Altruísmo	-0.02	0.53	0.10	0.46	0.33	0.97**
A4: Complacência	-0.09	0.21	-0.24	0.67	0.09	0.87*
A5: Modéstia	0.10	-0.11	0.06	0.72	0.05	0.91*
A6: Sentimental	0.14	0.22	0.21	0.51	0.15	0.94*
C1: Competência	-0.26	0.23	0.05	-0.02	0.65	0.97**
C2: Ordem	-0.06	-0.03	0.01	0.01	0.69	0.94*
C3: Dever	-0.04	0.09	-0.01	0.37	0.73	0.96**
C4: Realização	-0.06	0.15	0.13	-0.11	0.76	0.99**
C5: Auto-Disciplina	-0.32	0.01	0.05	0.10	0.73	0.97**
C6: Deliberação	-0.21	-0.05	-0.33	0.27	0.55	0.87*
Congruência dos factores	0.98**	0.89**	0.89**	0.93**	0.97**	0.93**

Nota: Cálculos confirmados por McCrae (1995). ** congruência superior a 99% de rotações, a partir de dados aleatórios. * congruência superior a 95% de rotações, a partir de dados aleatórios.

Anexo 14
Rotação Procusta com 2000 sujeitos

factores .....facetas	Neuroticismo	Extroversão	Abertura à Experiência	Amabilidade	Conscienciosidade	Congruência dos itens
N1: Ansiedade	0.77	0.05	-0.04	0.17	0.14	0.93*
N2: Hostilidade	0.65	-0.17	-0.10	-0.34	-0.01	0.95**
N3: Depressão	0.78	-0.11	-0.18	0.06	-0.17	0.96**
N4: Auto-consc.	0.71	-0.08	-0.08	0.06	-0.19	0.99**
N5: Impulsividade	0.39	0.33	0.26	-0.21	-0.34	0.93*
N6: Vulnerabilidade	0.65	-0.10	-0.14	-0.03	-0.42	0.99**
E1: Caloroso	-0.10	0.65	0.09	0.41	0.20	0.99**
E2: Gregariedade	-0.15	0.66	0.03	0.07	-0.10	0.99**
E3: Assertividade	-0.32	0.34	0.17	-0.47	0.17	0.95**
E4: Actividade	0.06	0.33	0.20	-0.24	0.34	0.98**
E5: Procura Excitação	-0.02	0.60	0.25	-0.24	-0.03	0.96**
E6: Emoções positivas	-0.11	0.65	0.35	-0.02	0.04	0.96**
O1: Fantasia	0.17	0.34	0.61	-0.07	-0.15	0.95*
O2: Estética	0.12	0.21	0.64	0.15	0.16	0.97**
O3: Sentimentos	0.17	0.47	0.53	-0.10	0.17	0.95**
O4: Acções	-0.16	0.11	0.55	0.04	-0.07	0.98**
O5: Ideia	-0.05	0.22	0.69	-0.17	0.08	0.94*
O6: Valores	-0.07	0.05	0.71	0.08	-0.08	0.94**
A1: Confiança	-0.21	0.34	-0.08	0.54	0.01	0.91*
A2: Rectidão	-0.02	-0.26	0.03	0.70	0.07	0.94**
A3: Altruísmo	-0.03	0.42	0.06	0.60	0.28	0.98**
A4: Complacência	-0.11	-0.03	-0.21	0.71	0.08	0.96**
A5: Modéstia	0.13	-0.28	0.11	0.66	0.05	0.86*
A6: Sentimental	0.16	0.12	0.20	0.55	0.13	0.94*
C1: Competência	-0.26	0.28	0.05	0.06	0.63	0.97**
C2: Ordem	0.07	0.03	0.02	0.02	0.69	0.94**
C3: Dever	-0.03	0.04	0.02	0.40	0.71	0.96**
C4: Realização	-0.06	0.25	0.11	-0.04	0.74	0.99**
C5: Auto-Disciplina	-0.31	0.03	0.10	0.12	0.73	0.96**
C6: Deliberação	-0.22	-0.14	-0.27	0.26	0.56	0.93*
Congruência dos factores	0.98**	0.95**	0.90**	0.97**	0.97**	0.95**

Nota: **Congruência superior a 99% de rotações, a partir de dados aleatórios. *Congruência superior a 95% de rotações, a partir de dados aleatórios. Cálculos confirmados por McCrae (1995).

Anexo 15
Rotação varimax com 288 Estudantes dos 16-20 anos

factores .....facetas	Neuroticismo	Extroversão	Abertura à Experiência	Amabilidade	Conscienciosidade	Congruência dos itens
N1: Ansiedade	0.76	0.12	0.02	0.14	0.19	0.91*
N2: Hostilidade	0.64	-0.36	0.04	-0.37	-0.06	0.91*
N3: Depressão	0.79	-0.22	-0.09	0.11	-0.14	0.96**
N4: Auto-consc.	0.69	-0.16	-0.09	0.25	-0.13	0.96**
N5: Impulsividade	0.44	0.32	0.34	-0.20	-0.31	0.90*
N6: Vulnerabilidade	0.72	-0.10	-0.08	0.06	-0.36	1.00**
E1: Caloroso	-0.19	0.69	0.25	0.18	0.17	0.96**
E2: Gregariedade	-0.13	0.67	0.00	0.09	-0.05	0.99**
E3: Assertividade	-0.38	0.16	0.09	-0.60	0.21	0.84*
E4: Actividade	-0.08	0.40	0.20	-0.34	0.22	0.94**
E5: Procura Excitação	0.01	0.59	0.15	-0.20	0.21	0.89*
E6: Emoções positivas	-0.08	0.58	0.47	-0.15	0.08	0.86*
O1: Fantasia	0.16	0.33	0.66	0.03	-0.11	0.91**
O2: Estética	0.04	-0.04	0.75	0.15	0.17	0.98**
O3: Sentimentos	0.01	0.28	0.65	-0.11	0.25	0.83*
O4: Acções	-0.27	0.18	0.43	0.08	-0.00	0.97**
O5: Ideia	-0.17	-0.06	0.71	-0.01	0.24	0.98**
O6: Valores	-0.02	0.14	0.65	0.04	-0.12	0.95**
A1: Confiança	-0.18	0.44	0.04	0.43	0.07	0.89*
A2: Rectidão	-0.00	-0.05	0.06	0.73	0.08	0.94**
A3: Altruísmo	-0.02	0.55	0.23	0.43	0.25	0.92*
A4: Complacência	-0.04	0.17	-0.17	0.74	0.18	0.89*
A5: Modéstia	0.16	-0.03	0.16	0.69	-0.00	0.86*
A6: Sentimental	0.25	0.19	0.25	0.40	0.13	0.86*
C1: Competência	-0.20	0.29	0.23	-0.10	0.65	0.93*
C2: Ordem	0.17	0.07	-0.03	-0.00	0.67	0.93*
C3: Dever	-0.09	0.08	0.10	0.26	0.74	0.97**
C4: Realização	-0.08	0.19	0.12	-0.10	0.77	1.00**
C5: Auto-Disciplina	-0.28	0.08	0.16	0.08	0.70	0.95**
C6: Deliberação	-0.13	-0.19	-0.32	0.27	0.60	0.91*
Congruência dos factores	0.95**	0.92**	0.88**	0.93**	0.95**	0.93**

Nota: **Congruência superior a 99% de rotações, a partir de dados aleatórios. *Congruência superior a 95% de rotações, a partir de dados aleatórios. Cálculos confirmados por McCrae (1995).

Anexo 16
Rotação Procusta com 288 estudantes dos 16-20 anos

factores .....facetas	Neuroticismo	Extroversão	Abertura à Experiência	Amabilidade	Conscienciosidade	Congruência dos itens
N1: Ansiedade	0.76	0.13	-0.10	0.17	0.16	0.91*
N2: Hostilidade	0.66	-0.24	0.01	-0.43	-0.03	0.96**
N3: Depressão	0.78	-0.21	-0.16	0.05	-0.16	0.96**
N4: Auto-consc.	0.68	-0.19	-0.16	0.21	-0.15	0.97**
N5: Impulsividade	0.44	0.41	0.23	-0.15	-0.32	0.95**
N6: Vulnerabilidade	0.70	-0.10	-0.15	0.02	-0.37	0.99**
E1: Caloroso	-0.20	0.67	0.17	0.33	0.12	0.99**
E2: Gregariedade	-0.17	0.62	-0.08	0.22	-0.08	0.96**
E3: Assertividade	-0.38	0.28	0.11	-0.54	0.24	0.92*
E4: Actividade	-0.08	0.49	0.15	-0.24	0.22	0.96**
E5: Procura Excitação	-0.00	0.64	0.06	-0.06	0.19	0.82
E6: Emoções positivas	-0.06	0.66	0.39	-0.02	0.06	0.95*
O1: Fantasia	0.21	0.42	0.58	0.10	-0.14	0.87*
O2: Estética	0.13	0.06	0.73	0.16	0.16	1.00**
O3: Sentimentos	0.07	0.40	0.60	-0.02	0.24	0.90*
O4: Acções	-0.23	0.21	0.43	0.12	-0.01	0.97**
O5: Ideia	-0.08	0.06	0.73	0.01	0.25	0.98**
O6: Valores	0.05	0.22	0.62	0.07	-0.14	0.90*
A1: Confiança	-0.20	0.34	-0.00	0.51	0.03	0.93*
A2: Rectidão	0.01	-0.19	0.07	0.71	0.04	0.93*
A3: Altruísmo	-0.02	0.48	0.15	0.55	0.20	0.96**
A4: Complacência	-0.06	-0.01	-0.19	0.76	0.13	0.95*
A5: Modéstia	0.18	-0.14	0.15	0.68	-0.04	0.88*
A6: Sentimental	0.27	0.15	0.18	0.44	0.10	0.88
C1: Competência	-0.18	0.35	0.21	0.00	0.64	0.92*
C2: Ordem	0.18	0.09	-0.07	0.05	0.66	0.93*
C3: Dever	-0.07	0.06	0.10	0.32	0.72	0.97**
C4: Realização	-0.07	0.25	0.10	-0.01	0.77	0.98**
C5: Auto-Disciplina	-0.25	0.10	0.18	0.14	0.69	0.94*
C6: Deliberação	-0.14	-0.27	-0.28	0.25	0.60	0.94**
Congruência dos factores	0.95**	0.96**	0.89**	0.94**	0.96**	0.94**

Nota: **Congruência superior a 99% de rotações, a partir de dados aleatórios. *Congruência superior a 95% de rotações, a partir de dados aleatórios. Cálculos confirmados por McCrae (1995).

Anexo 17
Rotação varimax com 1281 não-estudantes dos 21-84 anos

Factores .....facetas	Neuroticismo	Extroversão	Abertura à Experiência	Amabilidade	Conscienciosidade	Congruência dos itens
N1: Ansiedade	0.76	0.03	0.03	0.17	0.16	0.92*
N2: Hostilidade	0.67	-0.21	-0.10	-0.24	-0.02	0.91*
N3: Depressão	0.78	-0.06	-0.11	0.10	-0.18	0.97**
N4: Auto-consc.	0.69	-0.08	0.00	0.09	-0.20	0.98**
N5: Impulsividade	0.36	0.15	0.37	-0.27	-0.30	0.81*
N6: Vulnerabilidade	0.63	-0.12	-0.07	0.01	-0.44	0.99**
E1: Caloroso	-0.05	0.70	0.14	0.24	0.29	0.96**
E2: Gregariedade	-0.10	0.63	0.13	-0.14	-0.02	0.93*
E3: Assertividade	-0.31	0.14	0.25	-0.54	0.17	0.85*
E4: Actividade	0.11	0.10	0.29	-0.31	0.37	0.78*
E5: Procura Excitação	-0.02	0.43	0.33	-0.43	0.07	0.90**
E6: Emoções positivas	-0.12	0.55	0.40	-0.17	0.09	0.86*
O1: Fantasia	0.11	0.19	0.65	-0.13	-0.08	0.94*
O2: Estética	0.02	0.16	0.64	0.17	0.18	0.97**
O3: Sentimentos	0.17	0.29	0.57	-0.19	0.25	0.90*
O4: Acções	-0.17	0.06	0.52	0.02	-0.03	0.97**
O5: Ideia	-0.09	0.05	0.71	-0.21	0.07	0.98**
O6: Valores	-0.15	-0.08	0.70	0.15	-0.03	0.88*
A1: Confiança	-0.18	0.51	-0.04	0.40	-0.01	0.82*
A2: Rectidão	-0.03	-0.05	-0.03	0.73	0.07	0.96**
A3: Altruísmo	-0.03	0.54	0.06	0.45	0.33	0.98**
A4: Complacência	-0.10	0.25	-0.22	0.66	0.02	0.85*
A5: Modéstia	0.12	-0.09	0.05	0.72	0.12	0.89*
A6: Sentimental	0.11	0.20	0.25	0.52	0.17	0.94**
C1: Competência	-0.24	0.26	0.01	0.01	0.62	0.96**
C2: Ordem	0.02	-0.06	0.02	0.02	0.71	0.94*
C3: Dever	0.00	0.14	-0.00	0.38	0.72	0.93*
C4: Realização	-0.05	0.15	0.15	-0.11	0.75	0.99**
C5: Auto-Disciplina	-0.32	0.00	0.07	0.09	0.73	0.96**
C6: Deliberação	-0.21	0.03	-0.34	0.26	0.52	0.81*
Congruência dos factores	0.97**	0.85**	0.89**	0.93**	0.95**	0.92**

Nota: **Congruência superior a 99% de rotações, a partir de dados aleatórios. *Congruência superior a 95% de rotações, a partir de dados aleatórios. Cálculos confirmados por McCrae (1995).

Anexo 18
Rotação Procusta com 1281 não estudantes dos 21-84 anos

factores .....facetas	Neuroticismo	Extroversão	Abertura à Experiência	Amabilidade	Conscienciosidade	Congruência dos itens
N1: Ansiedade	0.76	0.04	-0.03	0.17	0.15	0.93*
N2: Hostilidade	0.66	-0.09	-0.15	-0.30	-0.01	0.94**
N3: Depressão	0.77	-0.07	-0.17	0.07	-0.18	0.96**
N4: Auto-consc.	0.69	-0.08	-0.05	0.06	-0.20	0.99**
N5: Impulsividade	0.37	0.28	0.28	-0.22	-0.33	0.91*
N6: Vulnerabilidade	0.63	-0.13	-0.12	-0.04	-0.43	0.99**
E1: Caloroso	-0.08	0.63	0.06	0.45	0.22	0.98**
E2: Gregariedade	-0.14	0.64	0.03	0.06	-0.08	1.00**
E3: Assertividade	-0.31	0.34	0.22	-0.46	0.14	0.94*
E4: Actividade	0.12	0.28	0.24	-0.27	0.34	0.94*
E5: Procura Excitação	-0.04	0.59	0.23	-0.28	0.01	0.97**
E6: Emoções positivas	-0.13	0.63	0.31	0.01	0.03	0.96**
O1: Fantasia	0.15	0.32	0.58	-0.08	-0.12	0.94*
O2: Estética	0.07	0.22	0.62	0.20	0.15	0.96**
O3: Sentimentos	0.19	0.46	0.49	-0.11	0.20	0.96**
O4: Acções	-0.12	0.13	0.52	0.03	-0.05	0.99**
O5: Ideia	-0.04	0.23	0.68	-0.20	0.04	0.92*
O6: Valores	-0.07	-0.02	0.72	0.09	-0.04	0.92*
A1: Confiança	-0.21	0.33	-0.07	0.55	-0.05	0.91*
A2: Rectidão	-0.00	-0.27	0.04	0.68	0.09	0.94**
A3: Altruísmo	-0.05	0.41	0.03	0.60	0.29	0.98**
A4: Complacência	-0.11	-0.01	-0.19	0.71	0.02	0.96**
A5: Modéstia	0.16	-0.27	0.11	0.65	0.13	0.85*
A6: Sentimental	0.14	0.09	0.24	0.55	0.15	0.91*
C1: Competência	-0.26	0.28	0.01	0.10	0.60	0.95**
C2: Ordem	0.03	0.01	0.04	0.00	0.72	0.94**
C3: Dever	0.01	0.09	0.02	0.41	0.71	0.94*
C4: Realização	-0.05	0.26	0.13	-0.05	0.73	0.99**
C5: Auto-Disciplina	-0.31	0.04	0.12	0.09	0.72	0.96**
C6: Deliberação	-0.23	-0.08	-0.29	0.28	0.54	0.89*
Congruência dos factores	0.98**	0.93**	0.88**	0.97**	0.96**	0.95**

Nota: **Congruência superior a 99% de rotações, a partir de dados aleatórios. *Congruência superior a 95% de rotações, a partir de dados aleatórios. Cálculos confirmados por McCrae (1995).

Anexo 19
Análise em componentes principais das 30 facetas, seguida de rotação varimax sem restrição de factores, com 2000 sujeitos

	N	O	A	C	E			
	Factor 1	Factor 2	Factor 3	Factor 4	Factor 5	Factor 6	Factor 7	Factor 8
N1	.739	.015	.083	.147	.151	.035	-.038	.01
N2	.557	-.059	-.043	-.085	-.112	.091	.016	.01
N3	.797	-.013	.087	-.176	-.067	-.052	-.06	.002
N4	.754	.031	.033	-.121	-.156	.025	-.036	.145
N5	.276	.097	-.169	-.137	.013	.077	-.01	.7
N6	.631	-.046	.017	-.305	-.171	-.162	-.03	.256
E1	-.078	.159	.072	.152	.679	.066	.065	-.015
E2	-.08	.122	-.075	.002	.171	.028	.088	.049
E3	-.361	.227	-.575	.143	-.107	.244	.101	.05
E4	-.025	.133	-.113	.168	.084	.914	.044	.112
E5	-.039	.262	-.176	.046	.17	.048	.063	.217
E6	-.159	.305	-.208	.096	.491	.099	.207	.353
O1	.021	.623	-.039	-.083	.193	.05	.102	.423
O2	.047	.796	.055	.087	.136	.031	.124	-.062
O3	.035	.586	-.133	.165	.332	.072	.016	.269
O4	-.103	.215	.015	.01	.059	.048	.923	.05
O5	-.108	.796	-.14	.045	-.1	.081	.04	-.008
O6	-.12	.326	.068	-.015	.02	.026	.157	.164
A1	-.082	.006	.149	.06	.235	.006	-.008	-.03
A2	-.029	.009	.745	.097	.002	.029	-.042	-.065
A3	-.028	.108	.222	.198	.717	.019	-.008	-.048
A4	.07	-.131	.301	.067	.189	-.042	.032	-.265
A5	.085	-.079	.79	.054	.062	-.081	.097	-.078
A6	.08	.111	.201	.075	.215	-.006	-.012	.017
C1	-.246	.107	-.19	.515	.418	.103	-.13	-.225
C2	.053	.038	-.018	.88	-.063	-.127	.054	.098
C3	-.038	.074	.327	.618	.3	.129	-.088	-.258
C4	-.08	.077	-.055	.669	.168	.29	.034	-.151
C5	-.322	.049	.104	.734	.08	.103	.052	-.151
C6	-.02	-.137	-.01	.435	.086	-.064	-.063	-.661

	Factor 9	Factor 10	Factor 11	Factor 12	Factor 13	Factor 14
N1	-.147	-.073	.007	-.365	.213	.276
N2	.063	-.583	-.01	-.097	-.016	-.065
N3	.182	-.047	.005	.255	-.078	-.107
N4	.107	.389	-.009	.374	-.175	-.048
N5	.064	.132	.074	.031	-.029	.217
N6	-.014	.04	-.029	-.326	.184	-.037
E1	.181	-.215	-.051	-.019	.102	-.037
E2	-.025	-.009	.006	-.046	.865	.002
E3	.154	-.038	.392	-.187	.111	-.196
E4	-.016	.121	-.074	-.092	.006	-.003
E5	-.149	.015	-.054	.646	.283	-.006
E6	-.027	.118	-.082	.135	-.174	-.133
O1	-.12	.075	-.204	-.301	-.037	-.111
O2	-.023	.037	.027	-.104	-.039	-.179
O3	.055	-.155	-.056	.093	-.171	-.059
O4	-.016	.017	-.024	-.047	-.079	-.028
O5	.09	.022	.002	.112	.05	.04
O6	.042	.001	-.003	-.019	-.009	.947
A1	1	-.13	-.099	-.017	-.04	.048
A2	-.019	.101	-.128	-.204	.171	-.131
A3	-.202	.103	.038	-.091	-.083	-.081
A4	-.067	.632	.022	-.029	-.004	-.031
A5	.052	-.313	.113	.266	-.006	.029
A6	-.091	.009	.983	-.015	-.001	-.013
C1	-.024	-.02	-.092	-.132	-.119	.222
C2	.067	.098	-.029	-.15	.062	-.137
C3	-.134	-.035	-.047	.025	-.013	-.084
C4	-.026	-.081	.063	.278	.02	.073
C5	.067	-.065	-.015	.029	-.037	-.057
C6	.03	.144	-.084	.029	.03	.232

Nota: A análise em componentes principais das 30 facetas resultou em 14 factores. Os cinco primeiros correspondem aos cinco grandes factores.

Anexo 20

Médias e desvios padrões forma S para adultos

facetas NEO-PI-R	Homens M	Homens Dp	Mulheres M	Mulheres DP	Em conjunto M	Em Conjunto Dp
N: Neuroticismo	90.1	18.4	98.7	17.9	77.8	10.2
N1: Ansiedade	17.6	4.4	20.3	4.5	19.1	4.7
N2: Hostilidade	14.0	4.3	14.9	4.1	14.5	4.2
N3: Depressão	15.1	4.7	16.9	4.8	16.1	4.9
N4: Auto-consc.	15.5	4.3	16.7	4.4	16.2	4.4
N5: Impulsividade	16.1	3.8	15.8	4.2	15.9	4.0
N6: Vulnerabilidade	11.8	4.3	13.7	4.2	12.9	4.3
E: Extroversão	107.7	15.8	103.3	15.0	109.2	16.7
E1: Caloroso	21.5	3.9	21.8	3.7	21.7	3.8
E2: Gregariedade	16.6	5.0	16.5	4.6	16.5	4.8
E3: Assertividade	14.9	4.1	13.2	3.6	13.9	3.9
E4: Actividade	17.1	3.3	16.9	3.1	17.0	3.2
E5: Procura Excitação	19.0	4.4	16.6	4.4	17.6	4.6
E6: Emoções positivas	18.4	4.2	18.1	4.1	18.2	4.2
O: Abertura à Experiência	107.7	18.5	106.7	17.9	108.1	19.6
O1: Fantasia	17.1	4.7	17.0	4.7	17.0	4.7
O2: Estética	19.3	5.0	20.3	4.9	19.8	5.0
O3: Sentimentos	19.6	3.9	19.3	3.9	19.4	3.9
O4: Acções	16.0	3.7	16.2	3.6	16.1	3.7
O5: Ideia	17.9	5.4	16.3	5.4	17.0	5.4
O6: Valores	17.6	3.5	17.5	3.5	17.5	3.5
A:Amabilidade	116.6	16.2	121.8	15.6	123.3	16.5
A1: Confiança	18.4	4.4	18.5	4.2	18.5	4.3
A2: Rectidão	18.3	4.2	19.5	4.0	19.0	4.1
A3: Altruísmo	21.3	3.7	22.3	3.6	21.9	3.7
A4: Complacência	18.2	4.1	19.3	4.6	18.8	4.5
A5: Modéstia	19.2	4.3	20.5	3.8	20.0	4.1
A6: Sentimental	20.9	3.4	21.5	3.2	21.2	3.3
C: Conscienciosidade	118.6	19.1	120.0	16.9	129.3	15.7
C1: Competência	20.3	3.6	19.7	3.4	20.0	3.5
C2: Ordem	18.4	4.6	19.4	4.1	18.9	4.4
C3: Dever	22.3	4.2	23.2	3.8	22.8	4.0
C4: Realização	20.1	4.1	19.7	3.8	19.9	3.9
C5: Auto-Disciplina	19.2	4.4	19.2	4.0	19.2	4.2
C6: Deliberação	18.2	4.7	18.4	4.6	18.3	4.6

Nota: N = 1557; 667 homens e 890 mulheres dos 21 aos 84 anos. Cálculos confirmados por McCrae (1995).

Anexo 21
Médias e desvios padrões forma S para jovens adultos

facetas NEO-PI-R	Homens M	Homens Dp	Mulheres M	Mulheres DP	Em conjunto M	Em Conjunto Dp
N: Neuroticismo	96.2	16.6	102.4	19.1	99.7	18.3
N1: Ansiedade	18.3	3.8	20.3	4.5	19.4	4.3
N2: Hostilidade	14.7	4.1	14.8	4.3	14.8	4.2
N3: Depressão	15.9	4.8	16.7	5.1	16.3	5.0
N4: Auto-consc.	16.5	4.2	17.7	4.3	17.1	4.3
N5: Impulsividade	17.5	3.4	18.1	3.8	17.9	3.6
N6: Vulnerabilidade	13.2	4.3	14.4	4.3	13.9	4.3
E: Extroversão	111.9	14.6	113.1	16.0	112.6	15.4
E1: Caloroso	21.5	3.8	22.1	3.9	21.9	3.8
E2: Gregariedade	17.4	4.8	18.7	4.9	18.2	4.9
E3: Assertividade	15.1	3.4	14.1	3.9	14.6	3.6
E4: Actividade	16.7	3.2	17.1	3.5	17.0	3.4
E5: Procura Excitação	21.0	3.8	20.5	4.0	20.7	3.9
E6: Emoções positivas	19.9	3.9	20.2	4.5	20.1	4.2
O: Abertura à Experiência	109.1	15.9	116.8	17.9	113.5	18.2
O1: Fantasia	17.6	4.9	19.6	4.8	18.7	4.9
O2: Estética	19.5	4.6	21.4	5.3	20.6	5.1
O3: Sentimentos	20.0	3.7	21.1	4.0	20.6	3.9
O4: Acções	16.2	3.3	17.2	3.4	16.8	3.4
O5: Ideia	17.9	4.8	18.9	4.7	18.5	4.8
O6: Valores	17.6	3.3	18.4	3.4	18.0	3.4
A:Amabilidade	109.9	15.6	116.5	14.9	113.6	15.5
A1: Confiança	17.8	4.1	18.0	4.2	17.9	4.1
A2: Rectidão	16.2	4.1	18.0	4.0	17.2	4.1
A3: Altruísmo	20.5	3.7	22.1	3.9	21.5	3.9
A4: Complacência	17.0	4.6	17.3	4.6	17.1	4.6
A5: Modéstia	18.2	4.3	19.7	3.6	19.0	4.0
A6: Sentimental	20.0	3.7	21.2	3.1	20.7	3.4
C: Conscienciosidade	111.2	19.1	114.3	17.3	113.0	18.2
C1: Competência	19.2	3.5	19.2	3.6	19.2	3.5
C2: Ordem	18.0	4.4	19.1	4.6	18.7	4.6
C3: Dever	20.1	4.3	21.6	3.9	21.0	4.1
C4: Realização	19.6	4.2	19.8	4.0	19.7	4.1
C5: Auto-Disciplina	17.4	4.3	14.8	4.1	17.8	4.2
C6: Deliberação	16.7	4.8	16.3	4.5	16.5	4.6

Nota: N = 417; 181 homens e 235 mulheres, dos 17 aos 20 anos. Cálculos confirmados por McCrae (1995).

Anexo 22

Intercorrelações entre os domínios e facetas (N=2000)

Nota: As correlações a sublinhado são superiores a .3, sendo p<.001. As filas estão intercaladamente formatadas a negro, de molde a facilitarem a leitura do quadro.

	N	E	O	A	C	N1	N2	N3	N4	N5	N6	E1	E2	E3	E4	E5	E6
N	1																
E	-,228	1															
O	-,03	,537	1														
A	-,12	-,021	-,001	1													
C	-,388	,208	,062	,316	1												
N1	,695	-,099	,033	,119	,019	1											
N2	,671	-,21	-,107	-,309	-,239	,355	1										
N3	,749	-,268	-,13	,008	-,283	,456	,431	1									
N4	,692	-,198	-,053	-4,8	-,266	,38	,34	,559	1								
N5	,488	,211	,302	-,207	-,347	,181	,195	,196	,247	1							
N6	,76	-,284	-,114	-,128	-,487	,407	,416	,521	,448	,292	1						
E1	-,191	,609	,301	,407	,32	,033	-,254	-,149	-,139	1,81	-,249	1					
E2	-,126	,678	,269	,064	,056	-,033	-,183	-,15	-,123	,116	-,086	,371	1				
E3	-,303	,553	,272	-,31	,132	-,244	-,11	-,325	-,264	,045	-,274	,114	,207	1			
E4	-,052	,49	,264	-,082	,209	,024	,039	-,106	-,068	,125	-,187	,179	,101	,297	1		
E5	-,049	,698	,418	-,18	,014	-,06	-,081	-,086	-,057	,259	-,115	,245	,387	,256	,211	1	
E6	-,155	,727	,496	,029	,122	-,086	-,178	-,209	-,112	,225	-,206	,418	,337	,227	,266	,425	1
O1	,123	,376	,72	-,076	-,126	,09	-,012	-,005	,048	,341	,069	,186	,202	,15	,182	,312	,374
O2	-,007	,332	,726	,155	,158	,086	-,081	-,045	-,011	,121	-,082	,263	,171	,124	,169	,215	,315
O3	,039	,503	,697	-,033	,13	,082	-,005	-,041	-,007	,288	-,108	,32	,208	,258	,279	,387	,459
O4	-,129	,311	,534	,033	,02	-,071	-,12	-,164	-,12	,104	-,12	,157	,218	,155	,121	,233	,269
O5	-,099	,415	,773	-,114	,072	-,055	-,096	-,14	-,083	,175	-,15	,161	,186	,314	,206	,355	,34
O6	-,074	,256	,612	,055	-,009	-,013	-,143	-,171	-,066	,212	-,095	,153	,122	,091	,114	,201	,279
A1	-,202	,173	,047	,616	,185	-,063	-,306	-,095	-,107	-,074	-,161	,385	,176	-,038	,018	-,032	,148
A2	-,056	-,22	-,098	,701	,177	,085	-,168	,015	,032	-,211	-,01	,115	-,055	-,325	-,138	-,275	-,147
A3	-,161	,291	,186	,656	,386	,099	-,28	-,087	-,095	-,077	-,207	,535	,185	-,059	,082	,089	,28
A4	-,129	-,135	-,174	,722	,235	,048	-,3	-,41	,025	-,273	-,087	,201	,022	-,296	-,144	-,221	-,08
A5	,057	-,223	-,064	,651	,107	,154	-,051	,131	,088	-,139	,004	,123	-,11	-,376	-,132	-,201	-,14
A6	,042	,085	,164	,595	,17	,176	-,093	,075	,059	-,001	-,05	,283	,047	-,096	,028	-,026	,1
C1	-,382	,309	,16	,168	,692	-,071	-,254	-,317	-,292	-,176	-,448	,329	,107	,223	,211	,119	,23
C2	-,104	,114	,063	,119	,698	,135	-,056	-,112	-,088	-,145	-,172	,145	,023	,09	,119	,02	,068
C3	-,225	,096	,041	,451	,761	,107	-,168	-,132	-,115	-,288	-,341	,318	,012	-,051	,139	-,054	,055
C4	-,240	,353	,188	,104	,726	,033	-,115	-,211	-,195	-,112	-,388	,274	,112	,232	,333	,208	,234
C5	-,447	,201	,093	,23	,794	-,122	-,253	-,337	-,323	-,298	-,49	,253	,054	,164	,201	,008	,143
C6	-,302	-,106	-,221	,288	,667	-,01	-,2	-,143	-,16	-,448	-,302	,108	-,043	-,047	-,052	-,191	-,146

	O1	O2	O3	O4	O5	O6	A1	A2	A3	A4	A5	A6	C1	C2	C3	C4	C5	C6
O1	1																	
O2	,369	1																
O3	,458	,43	1															
O4	,274	,265	,209	1														
O5	,439	,486	,445	,277	1													
O6	,337	,31	,322	,31	,372	1												
A1	,004	,089	,038	,041	-,014	,044	1											
A2	-,117	,034	-,158	,002	-,142	,004	,272	1										
A3	,083	,252	,215	,074	,046	,096	,348	,288	1									
A4	-,198	,011	-,188	-,046	-,196	-,082	,344	,434	,379	1								
A5	-,099	,049	-,103	,032	-,157	,062	,182	,462	,257	,335	1							
A6	,077	,226	,135	,043	,06	,131	,24	,262	,381	,276	,328	1						
C1	,023	,175	,193	,029	,148	,068	,181	,029	,343	,085	-,07	,118	1					
C2	-,035	,119	,122	,017	,039	-,011	,053	,065	,171	,092	,042	,052	,343	1				
C3	-,09	,168	,104	-,013	,004	-,017	,2	,326	,448	,294	,257	,271	,438	,422	1			
C4	-,008	,185	,238	,1	,188	,06	,074	-,021	,268	,013	-,005	,118	,471	,416	,482	1		
C5	-,078	,119	,111	,085	,104	,045	,157	,147	,263	,147	,085	,117	,498	,489	,528	,528	1	
C6	-,312	-,05	-,153	-,113	-,13	-,154	,146	,197	,208	,353	,13	,073	,35	,322	,437	,298	,401	1

Anexo 23

Rotação varimax com 2000 sujeitos. Itens problemáticos codificados como "neutros"

factores .....facetas	Neuroticismo	Extroversão	Abertura à Experiência	Amabilidade	Conscienciosidade	Congruência dos itens
N1: Ansiedade	0.78	0.04	0.04	0.16	0.13	0.94*
N2: Hostilidade	0.66	-0.28	-0.06	-0.27	-0.05	0.91*
N3: Depressão	0.79	-0.09	-0.12	0.10	-0.20	0.97**
N4: Auto-consc.	0.71	-0.07	-0.03	0.10	-0.22	0.98**
N5: Impulsividade	0.37	0.20	0.35	-0.34	-0.32	0.84*
N6: Vulnerabilidade	0.64	-0.09	-0.09	0.02	-0.45	0.99**
E1: Caloroso	-0.06	0.70	0.19	0.20	0.27	0.96**
E2: Gregariedade	-0.12	0.66	0.12	-0.12	-0.04	0.95**
E3: Assertividade	-0.32	0.15	0.21	-0.55	0.18	0.86*
E4: Actividade	-0.01	0.29	0.28	-0.30	0.44	0.93*
E5: Procura Excitação	-0.01	0.46	0.36	-0.39	0.02	0.91*
E6: Emoções positivas	-0.11	0.55	0.48	-0.16	0.13	0.84*
O1: Fantasia	0.12	0.20	0.67	-0.11	-0.13	0.96**
O2: Estética	0.06	0.11	0.67	0.13	0.18	0.99**
O3: Sentimentos	0.14	0.30	0.63	-0.19	0.19	0.90*
O4: Acções	-0.16	0.04	0.57	0.01	0.00	0.96**
O5: Ideia	-0.11	0.03	0.72	-0.17	0.08	0.99**
O6: Valores	-0.15	-0.02	0.69	0.12	-0.08	0.92*
A1: Confiança	-0.19	0.51	-0.06	0.41	0.04	0.82*
A2: Rectidão	-0.04	-0.04	-0.04	0.74	0.08	0.96**
A3: Altruísmo	-0.00	0.53	0.11	0.44	0.35	0.96**
A4: Complacência	-0.09	0.22	-0.25	0.67	0.11	0.86*
A5: Modéstia	0.11	-0.09	0.05	0.71	0.06	0.91*
A6: Sentimental	0.13	0.21	0.25	0.55	0.23	0.92*
C1: Competência	-0.24	0.22	0.08	-0.03	0.65	0.97**
C2: Ordem	0.02	0.00	-0.03	0.12	0.68	0.96**
C3: Dever	-0.01	0.09	0.01	0.35	0.74	0.96**
C4: Realização	-0.04	0.13	0.14	-0.13	0.76	0.99**
C5: Auto-Disciplina	-0.31	-0.00	0.06	0.09	0.74	0.96**
C6: Deliberação	-0.19	-0.06	-0.32	0.25	0.57	0.87*
Congruência dos factores	0.97**	0.90**	0.90**	0.93**	0.96**	0.93**

Nota: **Congruência superior a 99% de rotações, a partir de dados aleatórios. *Congruência superior a 95% de rotações, a partir de dados aleatórios. Cálculos confirmados por McCrae (1995).

Anexo 24
Rotação Procusta com 2000 sujeitos. Itens problemáticos codificados como "neutros"

factores .....facetas	Neuroticismo	Extroversão	Abertura à Experiência	Amabilidade	Conscienciosidade	Congruência dos itens
N1: Ansiedade	0.78	0.05	-0.04	0.17	0.13	0.93*
N2: Hostilidade	0.66	-0.17	-0.09	-0.34	-0.01	0.95**
N3: Depressão	0.78	-0.12	-0.17	0.07	-0.18	0.96**
N4: Auto-consc.	0.71	-0.09	-0.08	0.07	-0.20	0.99**
N5: Impulsividade	0.39	0.34	0.25	-0.28	-0.34	0.93*
N6: Vulnerabilidade	0.64	-0.11	-0.14	-0.02	-0.44	0.99**
E1: Caloroso	-0.09	0.66	0.09	0.40	0.20	0.99**
E2: Gregariedade	-0.15	0.66	0.01	0.07	-0.11	0.99**
E3: Assertividade	-0.32	0.34	0.17	-0.48	0.17	0.94*
E4: Actividade	-0.01	0.45	0.21	-0.20	0.41	0.99**
E5: Procura Excitação	-0.01	0.61	0.25	-0.25	-0.03	0.96**
E6: Emoções positivas	-0.10	0.66	0.38	-0.00	0.07	0.95*
O1: Fantasia	0.16	0.34	0.61	-0.06	-0.17	0.95*
O2: Estética	0.11	0.21	0.64	0.16	0.15	0.97**
O3: Sentimentos	0.17	0.47	0.54	-0.10	0.15	0.95**
O4: Acções	-0.11	0.14	0.57	0.01	-0.02	0.98**
O5: Ideia	-0.05	0.21	0.70	-0.17	0.06	0.94*
O6: Valores	-0.08	0.06	0.70	0.10	-0.09	0.94**
A1: Confiança	-0.22	0.35	-0.10	0.55	-0.01	0.90*
A2: Rectidão	-0.02	-0.24	0.02	0.70	0.08	0.95**
A3: Altruísmo	-0.02	0.43	0.06	0.59	0.29	0.98**
A4: Complacência	-0.11	-0.02	-0.22	0.71	0.09	0.95*
A5: Modéstia	0.13	-0.27	0.11	0.65	0.06	0.87*
A6: Sentimental	0.15	0.12	0.24	0.59	0.19	0.92*
C1: Competência	-0.25	0.28	0.07	0.05	0.63	0.97**
C2: Ordem	0.01	0.03	-0.02	0.14	0.68	0.95**
C3: Dever	-0.02	0.05	0.03	0.39	0.72	0.96**
C4: Realização	-0.05	0.25	0.12	-0.06	0.74	0.99**
C5: Auto-Disciplina	-0.31	0.04	0.11	0.11	0.74	0.96**
C6: Deliberação	-0.22	-0.14	-0.27	0.25	0.57	0.93*
Congruência dos factores	0.98**	0.95**	0.90**	0.97**	0.97**	0.95**

Nota: **Congruência superior a 99% de rotações, a partir de dados aleatórios. *Congruência superior a 95% de rotações, a partir de dados aleatórios. Cálculos confirmados por McCrae (1995).

Anexo 25
Comparação entre os cinco grupos profissionais

Significância dos valores de Scheffée para os diferentes grupos profissionais nos cinco factores

N	Baixa	Média	Alta	Doméstica	Estudantes
Baixa					
Média	Não Sig				
Alta	Não Sig	Não Sig			
Domésticas	Significativo	Significativo	Significativo		
Estudantes	Não Sig	Significativo	Não Sig	Não Sig	
E	**Baixa**	**Média**	**Alta**	**Doméstica**	**Estudantes**
Baixa					
Média	Não Sig				
Alta	Não Sig	Não Sig			
Domésticas	Significativo	Significativo	Significativo		
Estudantes	Significativo	Significativo	Não Sig	Significativo	
O	**Baixa**	**Média**	**Alta**	**Doméstica**	**Estudantes**
Baixa					
Média	Significativo				
Alta	Significativo	Não Sig			
Domésticas	Significativo	Significativo	Significativo		
Estudantes	Significativo	Significativo	Não Sig	Significativo	
A	**Baixa**	**Média**	**Alta**	**Doméstica**	**Estudantes**
Baixa					
Média	Não Sig				
Alta	Não Sig	Não Sig			
Domésticas	Significativo	Significativo	Significativo		
Estudantes	Significativo	Significativo	Não Sig	Significativo	
C	**Baixa**	**Média**	**Alta**	**Doméstica**	**Estudantes**
Baixa					
Média	Não Sig				
Alta	Não Sig	Não Sig			
Domésticas	Não Sig	Não Sig	Não Sig		
Estudantes	Significativo	Significativo	Significativo	Significativo	

Nota: p<.05. Resultados obtidos na sequência duma ANOVA (one way) para as cinco categorias profissionais

Instituto Superior de Psicologia Aplicada
BIBLIOTECA